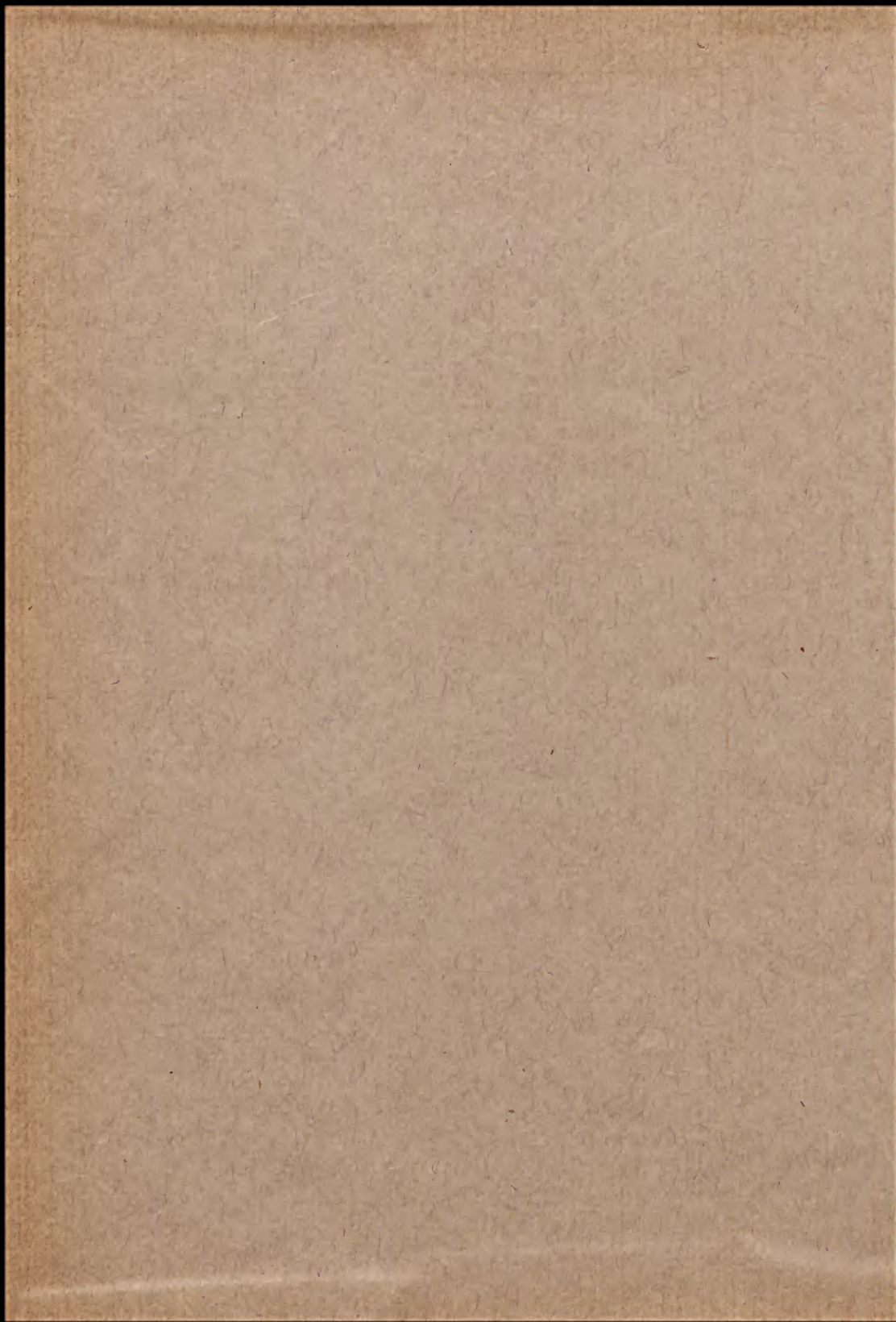
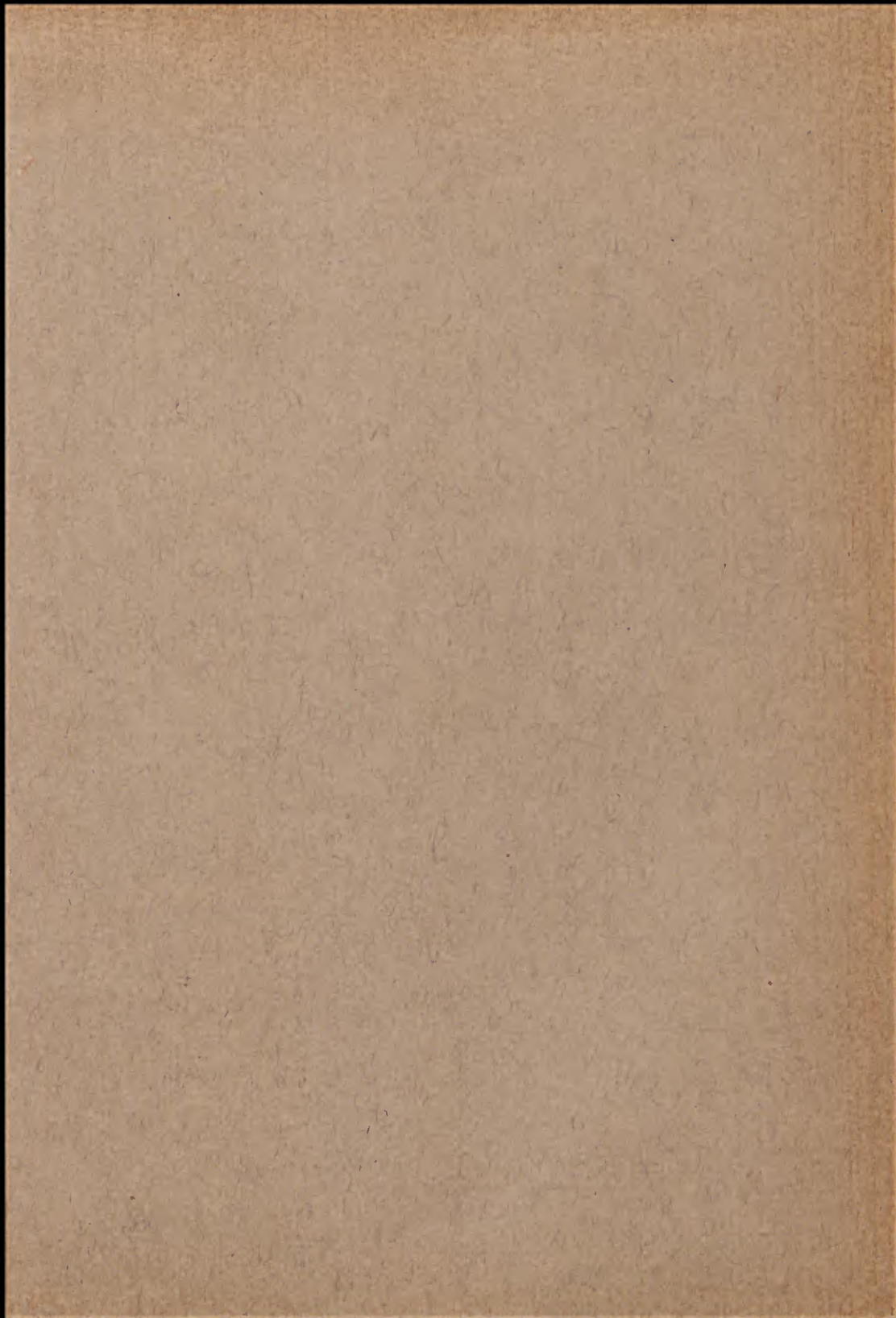
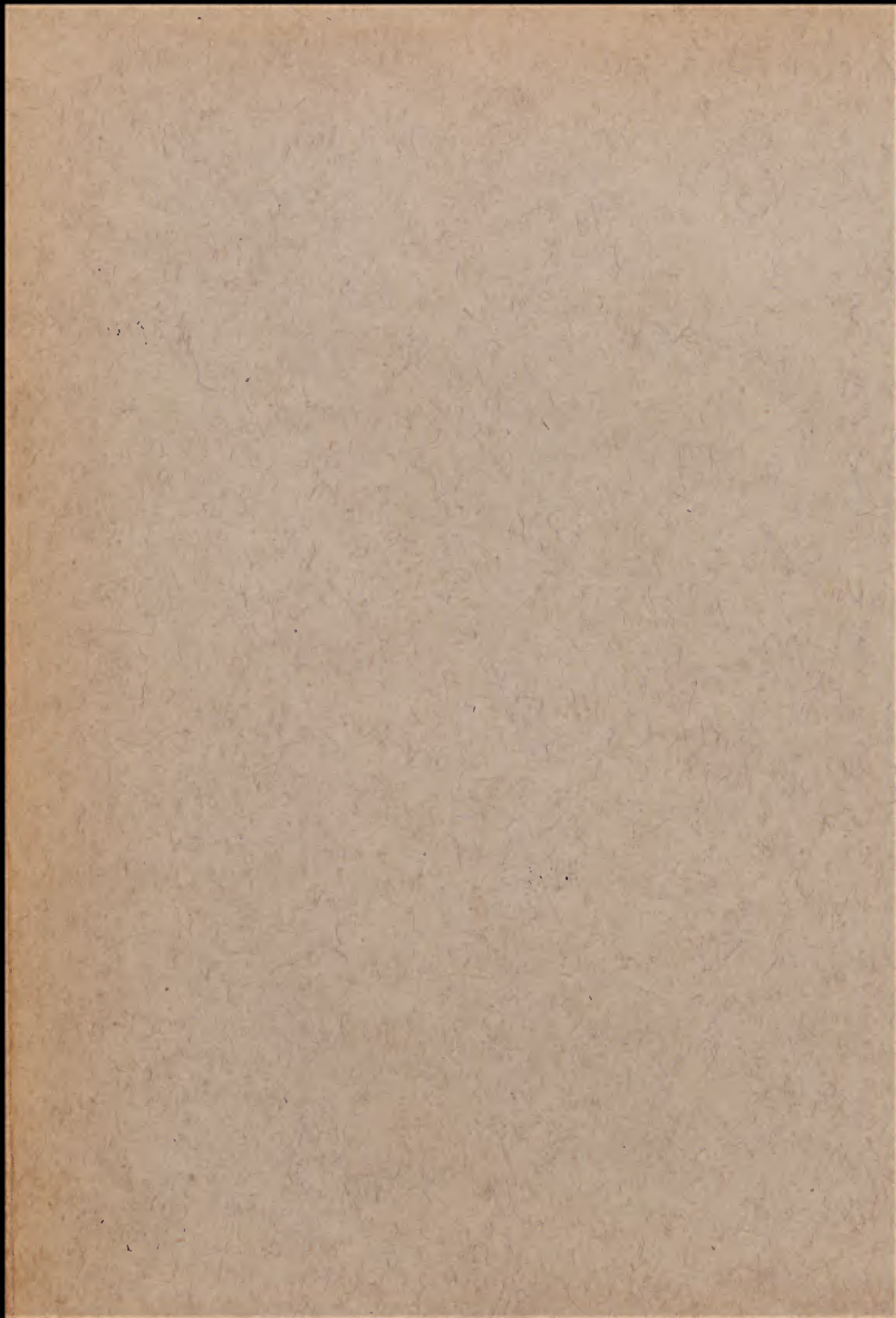


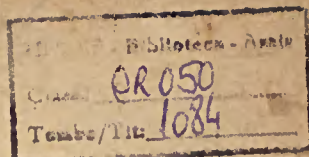
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 10 11 12 13 14 15 16







REVISTA DO BRASIL



SUMMARIO

REDACÇÃO	O momento.	1
PANDIA' CALOGERAS	A Independencia	3
MARTIM FRANCISCO	Viajando (XIV).	12
MONTEIRO LOBATO.	O espião allemão	22
GUSTAVO TEIXEIRA.	Versos	33
V. DE P. VICENTE DE AZEVEDO	O roubo da Cruz Preta	38
RODRIGO OCTAVIO FILHO	O salão de 1919	44
ALBERTO RANGEL	Carrilhão de symbolos	52
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	56
ARTHUR MOTTA	Academia Brasileira de Letras	64
REDACÇÃO	} Bibliographia	72

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 45 - ANNO IV — VOL. XII — SETEMBRO 1919



Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil

20301



RESENHA DO MEZ: VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Academia Brasileira de Letras - Minas e o parecer do sr. Cincinato Braga - JORNAES E REVISTAS: Eduardo Prado (*Miguel Mello*) - O saneamento da Imprensa (*A Chateaubriand*) - Revisão e revisores (*P.*) - Por Guanabara (*Filinto de Almeida*) - Sobre o tratado de paz (*José Maria Bello*) - Bilac (*João Pinto da Silva*) - Pedro I, musico (*Gastão Penalva*) - HOMENS E COISAS DO ESTRANGEIRO: Impressões de Paris (*Affonso Lopes de Almeida*) VARIEDADES: A coragem dos animaes - A causa da derrota alleman - A idade da terra - Shakespeare e a immortalidade,

ILLUSTRAÇÕES: Quadros do salão de 1919.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manãos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Sels mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 . SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

SEMPRE TEMOS EM STOCK GRANDE QUANTIDADE DE MATERIAL ELECTRICO COMO:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

ESTAMOS HABILITADOS PARA A CONSTRUÇÃO DE INSTALAÇÕES HYDRO-ELECTRICAS COMPLETAS, BONDES, ELECTRICOS, LINHAS DE TRANSMISSÃO, MONTAGEM DE TURBINAS E TUDO QUE SE REFERE A ESTE RAMO.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

PARA PREÇOS E INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

Etablissements

Bloch

:: Société
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

CASA BRITANNIA



S. PAULO



Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos
"FISK,,

*Mechanica-Pintura-Sellaria
Carrosserie - Vulcanisação -
Electricidade.*

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL
ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411
Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Ticté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA, PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Água Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Água de mesa — Acção Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é escrupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahia,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevideo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egipto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:
TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.



SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO



ARTIGOS DE FANTASIAS

*Casa especialista em
artigos para Presentes
de Casamentos e de
Aniversarios :: ::*



*Exposição permanente
nos vastos salões do
1.º andar da casa :: ::*



: CASA FRANCEZA : DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA SÃO BENTO 89 e 91 :: SÃO PAULO

RECEBE SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES
:: VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

Casa Matriz em
PARIS

Casa de Compras em
NEW-YORK



REVISTA DO BRASIL

Setembro, 1919.

O Momento ...

Viajante recém-chegado dos sertões do norte, e já conhecedor daquellas paragens conta, entristecido, a decrepidez profunda das cidades sertanejas. A miseria cada vez maior. Povoados outr'ora prosperos, em completa ruina. Criações creadas nu'as até aos dez annos, e semi-nu's vivendo os adultos. Meninas nubes cujas unicas vestes são um frangalho de saióte curto. A vida social transformada num violento regimen de banditismo. Os grandes criminosos ligados aos governos centraes, transformados pela politica em coroneis, e dominando na sociedade como sôbas africanos. O seu prestigio sempre proporcional ao numero de cangaceiros em regimento. Não vigoram ali as leis, mas unicamente o capricho boçal e cruel. Peiores do que a peste, elles eternizam a lucta a mão armada entre familias, a pilhagem, a destruição systematica do vencido.

Os governos estaduaes, fracos, mal organizados, fallidos, sem meios de mettel-os na cadeia fazem-n'os seus aliados, e, em divorcio absoluto com a lei e a moral, acabam, muitas vezes, esteiando-se exclusivamente nos clavinoses facinorosos.

Ao lado desse horrivel aspecto social o aspecto economico não menos contristador. Tudo em descabro, as fazendas em declinio, as culturas em atrophia, a criação destrozada. E destrozada tambem a terra pela vaga annual do fogo pae do deserto.

A causa de tantos males? A politica. A politica parasitaria do percevejo, as administrações flagelantes, a ausencia completa de justiça, o máu governo, em summa.

Isso explica a nossa fraqueza como paiz, paiz immenso que não produz e não enriquece. Descontadas as areas fe-

lizes do sul, onde um conjuncto de circumstancias favoraveis attrahiu a immigração estrangeira e creou um relativo progresso, o resto do Brasil é uma pura calamidade.

Não ha mal que sempre dure, diz o dictado; mas ha males que duram demais, diz a paciencia do povo. Está durando demais, entre nós, esse mal horroroso da politica pilharenga, e para elle não ha remedio dentro da nossa absurda constituição. Só poderá combatel-o um homem de genio, o homem-heroe de Carlyle, o homem providencial que surge cá e lá, de seculo em seculo. Mas estes super-homens não viçam nos tempos de calmaria podre. Só os revela a revolução. O genio organizador de Bonaparte não teria plasmado a Europa se o 89 francez lhe não fecundasse, na Corsega, a genialidade latente. Sem isso Napoleão acabaria um general burocrata como os outros. As revoluções valem menos pelos resultados directos que pelos indirectos. Valem sobretudo pelos homens que sem o querer revelam. E' por intermedio desses homens de excepção que o progresso humano se faz. Só elles tem força para nortear os destinos da humanidade, imprimindo-lhes directrizes novas.

Sem que a revolução arraze as situações encru'adas e varra o terreno dos escombros não ha construcção nova possível. Tudo será, em predio velho, remendo transitorio, paliativo.

O caso brasileiro dá bem medida disso. Dentro das fórmas estabelecidas, por maior que seja sua boa vontade e sua energia, nenhum governo fará nunca coisa nenhuma.

E' mister que um terremoto social arraze o mau pardi-eiro construido em 89 e convulsione tudo para que o instincto de conservação da nacionalidade faça subir á scena o homem por quem sonhamos. Só elle, emanação suprema da raça, poderá fazer o que é preciso, fazer, á força, com manoplas de genio, ao modo napoleonico.

Fóra disso tudo é empalliar.





A INDEPENDENCIA

Estas paginas figuram como o Capitulo I. numa obra de grande folego que, sobre a Independencia do Brasil e o respectivo reconhecimento pelos governos de Europa e do Novo-Mundo, o Snr. Pandiá Calogeras, antigo Ministro da Fazenda e actual Ministro da Guerra vae em breve publicar.

I - O movimento libertario na America do Sul



GERALMENTE acceto é o parecer de que a independencia americana, considerada em conjuncto, nada mais é de que a separação natural, por scissiparidade, de organismos perfectos, ou, pelo menos, aptos a viverem sobre si, das matrizes onde se haviam formado. Fructos maduros a separarem-se das arvores.

De facto, certos indicios e tendencias parece confirmarem o asserto. Corresponde ás exigencias da vida proporcionar remedio ao reclamo da molestia. Esse, tanto quanto o isolamento dos primeiros aggremiados humanos, o motivo que explica o particularismo de certos povos, o espirito local, as relações limitadas ao cyclo dos individuos indispensaveis a determinadas necessidades. Mas tarde, com o ponto de vista já elevado acima da conveniencia do grupo immediato, alarga-se o horizonte e abrange a estirpe inteira, a raça. Mas, já então, a unidade inicial soffre, e o conceito mais amplo opprime e estiola o surto da circumscripção inferior.

As luctas entre esses dous estados de espirito, correlatos a factos politicos — o interesse geral, quando não o universal, e o interesse particular, explicam muitas revóltas e tentativas emancipadoras. Serenaram pelo triumpho, mais ou menos permanente, de um delles, ou pelo advento de um phenomeno mental novo: o poder conciliador, por subordinações graduadas, as exigencias divergentes.

A perspectiva politica ensinou a integrar essas differencias em uma formula unica — a federação —, de latitude variavel conforme o gráo e a natureza dos factores em presença, desde a simples devolução de limitados encargos ás communas, como em França, até ao quasi imperceptivel laço unional das grandes *commonwealths* que a Inglaterra instituiu opportunamente, afim de evitar o esphacelo do seu dominio colonial.

Desde fins do seculo XVIII, na America inteira exerceu real influxo a força centrifuga, tendendo a desannexar metropoles e colonias. Offerecia, entretanto, duas modalidades em suas manifestações. Ou era uma aggremação, já maior, que sentia a capacidade de se reger por si, e foi o caso dos Estados Unidos; ou era uma vasta extensão territorial, explorada pelo possuidor ultramarino, sem meios de se desenvolver, peiada, e na qual soffrimento e desprezo de suas mais justas aspirações de vida e de progresso faziam romper liames de dependencia; e esse foi o caso da Sul-America, em matizes quantitativos varios. Nesse sentido, realmente, houve um aspecto generico na independencia do novo continente colonizado por povos da Península Iberica, accrescido do impulso que deram a philosophia franceza dos Encyclopedistas e o exemplo Norte-americano. Ahi, porém, cessam as similhanças. Despparece o coeficiente commum e começam as divergencias. E não exaggera quem diz, mais do que as pareenças, avultarem os contrastes.

Quasi que de todos os pontos do horizonte surgem factores de disparidade: raças, modos de conquistar, faina propria dos colonos, mentalidade oriunda dessas feições socias, relações entre metropoles e seus dominios de além-mar. Cumpre investigal-os para comprehender, intrinsecamente, cada um dos grandes movimentos separatistas que, de 1809 a 1824, crearam as unidades politicas em que, com pequenas alterações, se subdivide a America Latina de hoje.

A estratificação ethnica que se elaborou ao Sul dos Pyreneos, sob o influxo do elemento autochtone e das alluções raciaes trazidas pelas successivas invasões, latinas, germanicas, semiticas e outras, não permittiu se formasse



um typo ibérico unico. Antes favoreceu a particularização regional, que ainda hoje predomina na Hespanha.

Fôra bastante forte, a Oeste, para permittir a separação definitiva de Portugal, desde o seculo XI, nunca mais absorvido na lenta, mas incessante, obra politica de amalgamação que culminou, quatro seculos depois, na reunião de Castella e de Aragão sob uma corôa unica, e na expulsão do Mouro para a costa africana. Politicamente una, embora ethnicamente retalhada, a Hespanha em breve o seria tambem em sua mentalidade publica, duramente esculpida a ferro e fogo pelas luctas em que porfiou firmar-se, e se firmou vencedora a unidade religiosa do paiz.

Quando, pelo desdobrar dos acontecimentos, Flandres, Borgonha, Imperio Germanico e parte da Italia tiveram de obedecer ao rei de Hespanha, e, ao desencadear-se a tempestade da Reforma, se collocou esse soberano como campeão da orthodoxia, nem só o facto de possuir dominios onde o sol nunca se deitava, como a propria universalidade immanente do Catholicismo, obrigaram o Defensor da Fé a pautar seus actos no mesmo sonho ecumenico. A Casa d'Austria, dentro em breve, traduziria seu anhelo no orgulloso A. E. I. O. U., *Austriae est imperare orbi universo*.

Perante magnitude tanta, apocada figura faria o reino de Portugal. Infinitamente menor; população restricta; recursos parcos; sem galeões a lhe trazerem rendimentos das minas do littoral Pacifico e das do Golfo do Mexico; obvio que sua acção, ante a castelhana, se tornaria menos energica, menos capaz de se fazer sentir em largo ambito. E, principalmente, o prestigio lusitano, tão minguado em confronto com o da corôa dos Philippes, nunca permittiria nas colonias respectivas autoridade tão completa, centralização igual á que Madrid poderia exercer sobre suas possessões mais alongadas.

Hespanha, forte e poderosa, imporja a regra. Portugal, pequeno e desfallecido, fatalmente haveria de contar com a collaboração das suas provincias de ultramar, e tanto mais, quanto maiores estas. Premio dado, portanto, a sua progressiva emancipação.

Egual differença se nota no modo por que se effectuou o senhoreio do solo.

Sellecção natural de aventureiros, audaciosos, sem escrupulos, sedentos de riquezas, irradiavam das Antilhas, e do Mexico se esprajavam té ao Cabo Horn, em sua marcha destemida propellidos pelo descobrir de thesouros cada vez mais ricos, em meio de populações inermes, que já conhe-



ciam e utilizavam os metaes preciosos. Tal foi a invasão hespanhola.

Feita a conquista, desde logo aproveitados os haveres mineraes do solo, arrancados a seus pacificos habitantes, o pugillo de bandidos heroicos, que haviam grangeado um mundo novo para os Soberanos Catholicos, viram sanccionada e legalizada sua obra. Firmaram-se as linhas, nunca mais alteradas, da occupação do Mexico, do littoral do Pacifico e do Mar Caribeo, assim como as de seu aproveitamento.

A' unidade de methodo do Governo metropolitano, centralizador e compressor, vinham juntar-se a unidade de exploração regional e o exclusivismo do esforço local, favoreado como o unico digno de auxilio pelos resultados produzidos. A propria exploração de jazidas, emquanto na phase das pesquisas e da devassa do territorio, era dispersiva e levava os interessados a percorrerem, de Norte a Sul, o planalto central e as vertentes Andinas do Pacifico. Mas, descobertas as minas perennemente productivas, a mesma lavrança agia como factor de estabilidade e provava um condensador da população em torno dos centros de trabalho.

Condições desfavoraveis para o progresso, admittido como passagem do homogeneo para o heterogeneo, essas que immobilizavam quadros directores, actividade dos dirigidos, aproveitamento do meio. Invariabilidade imposta aos homens e ás cousas.

Muito a contrario, na vertente Atlantica nenhuns haveres preciosos se ostentavam, por mais procurados que fossem. Ao invés de indigenas cultos, habeis no conhecimento e no trabalho dos metaes, vagueavam pelas costas e breznhas tribus atrasadas, em plena idade da pedra, que nem sequer comprehendiam as perguntas dos forasteiros sobre ouro e prata, e a estes tomavam por pedras coloridas.

Não pagava, pois, a nova terra os gastos de seu aproveitamento. Menos encheria para Portugal frotas de metal precioso, quaes as que enriqueciam a Corôa Hespanhola, a par dos audazes quadrilheiros castelhanos.

A necessidade de organizar a conquista, em que, apesar de tudo, se não desesperava de achar thesouros, pois «o Oriente sempre é mais nobre do que o Occidente», affirmava a convicção da epocha, e, portanto, os melhores e mais abundantes riquezas se encontrariam nas terras descobertas por Pedr'Alvares; tal necessidade, repetimos levava a Metropole lusitana a dar feição administrativa aos instrumen-

tos de colonização do solo, de utilização das poucas fontes de réditos, achadas no páu-brasil.

Mas as donatarias primitivas em que se dividiu o litoral, na terceira década do século XVI, assim como as capitânicas régias que lhes succederam, maugrado o plano inicial, exigiam para medrar esforços desconhecidos nas possessões hespanholas.

A costa occidental, aspera e batida por mares bravios, poucos portos seguros offercia aos veleiros de então. A actividade mineradora exercia-se longe da orla littoranea. Duas garantias, pois, contra as tentativas de aggressão estrangeira e as emprezas de corsarios e entrelopos, além da que lhe concedia a maior distancia a percorrer, dobrado o Cabo Horn ou transpostos os meandros complicados e perigosissimos do Estreito de Magalhães. Melhor empreendimento e menos aleatorjo era esperar e apresiar os galeões da frota das Indias, já proximos dos portos de destino europeus.

A beirada do Atlantico meridional, em aguas incomparavelmente mais mansas, offercia quasi interminas praias hospitaleiras, providas de agua doce, de madeiras, de pescado e de caça, onde podiam ao seguro desembarcar, para refrescarem, os tripolantes de quaesquer náus. Eram facilidades multiplicadas a todas as tentativas dessa ordem. E com o premio de, na propria faixa senhoreada, achar-se o páu-brasil cobiçado, objecto de largo consumo na Europa, pago, portanto, da mesma expedição conquistadora.

Para conservar sua colonia, manter o monopoljo régio da madeira tinctorial, foi condição vital uma actividade guerreira continua, nos mares e ao longo das costas.

Em pleno oceano e em suas dependencias, campeavam o corso e sua repressão, com todo o cortejo de brutesas, de tomadias e de sanguinosas barbaridades, proprias do tempo. As luctas oriundas do conflicto de tão insaciaveis ganancias chegavam a ameaçar seriamente a paz da Europa (1). Um século durou essa, que podemos chamar, guerra do páu-brasil, até a total expulsão dos francezes, principais concurrentes na exploração dos recursos das possessões lusitanas. E no drama desenrolado em terra firme, essa campanha, até 1615, foi, a bem dizer, a primeira pela unidade territorial do paiz, embora se lhe não possa, sinão na phase ultima, attribuir feição de pugna pela unidade nacional.

(1) O Brasil e a França no século XVI, por Araujo Jorge, Revista Americana, Dezembro de 1917.



O meio impunha o aproveitamento agrícola do solo. Em pouco tempo, assucar, fumos, couros eram as mercadorias de escambo, as fontes de riqueza dos colonos. Mas as feitorias, os engenhos, as roças, as exigências da organização familiar fundada na economia itaturista, forçavam a obter grandes supprimentos de mão d'obra.

Era evidente, dadas as idéias coevas, que a escravidão forneceria tal elemento. E sendo, a principio, mais cara e mais rara a vinda de negros africanos, o indigena seria a vítima indicada. D'ahi os descimentos de índios, de zonas cada vez mais remotas do primeiro tracto aposeado, terras a dentro, dominado o sertão.

Era, pois, dispersivo o influxo anthropogeographico, ainda accentuado pela matta inviolavel, pela attracção das directrizes de entrada que eram os grandes rios, logo após vencida a serrania costeira, rumo das bacias interiores do Prata e do S. Francisco. Naturalmente, portanto, iam-se introduzindo no ambiente mental dos povoadores fermentos de differenciação, pela diversidade dos meios, dos problemas a solver, das métras a atingir.

Faltavam-lhes, porém, a consciencia do proprio valor e a finalidade do seu esforço, no sentido de se constituir uma individualidade nacional.

Breve sobrevieram acontecimentos que permittiram rompesse a chrysalida: a guerra contra a Nobre Companhia das Indias Occidentals, a pesquisa das minas.

Nos ultimos annos da união ephemera de Portugal e Hespanha, os Paizes-Baixos haviam lançado as bases de seu dominio na extrema oriental do continente. Manteve-se esta soberania, durante trinta annos, nos trechos que vao do Maranhão a Sergipe, a principio, para se reduzirem depois ao méro territorio de Olinda e do Recife, e finalmente serem annullados pela expulção dos batavos.

Raros auxilios haviam vindo de Madrid. O peso da lucta recahira quasi todo sobre o elemento local, já brasileiro. Restaurada a corôa lusitana sob a dynastia de Bragança, em 1640, os Estados Graes da Hollanda, em guerra com Philippe IV, celebraram a paz com Portugal, alliado natural, sem que a medida se estendesse ao Brasil, por extranha excepção.

Redobram os já ingentes esforços locais, e sosinhos, affoutamente se pôde affirmar, collaborando os portuguezes d'aquem e d'além-mar, residentes na colonia, os índios domesticados (eterna honra e justificação da cruzada dos jesuitas) e os pretos, irmanados todos no sentimentos de independencia regional, lograram restituir integra a posse



lusitana na provincia, onde intentára fundar-se uma feitoria hollandeza.

Já entã começaram os colonos a comprehendêr sua força, seu valor. Adquiriram a consciencia, que lhes faltava, de sua cooperação na obra metropolitana.

Aviventou-lhes a acuidade de percepção a pesquisa das minas, não mais como pratica corrente dos sertanistas a fazerem entradas, sim como resultado do convite formal d'El Rey D. Pedro II. E desse vasto movimento, em fins do seculo XVII, surgiu de facto a divulgação das jazidas auríferas e dos depositos diamantíferos de Minas Geraes, de Matto Grosso, de Goyaz, da Bahia e de outras capitánias.

De então por deante, já era o Brasil fornecedor de largas receitas á Metropole. De dia para dia crescia na Colonia a noção da alta importancia dessa collaboração. E nos concelhos de Lisbôa já se encontravam portuguezes nascidos no Brasil. Neste paiz mesmo, os documentos, ineditos ainda muitos, conservados nos archivos, mostram a intensa iniciativa brasileira nas luctas entre as duas corôas peninsulares, que tinham por theatro o Novo Continente.

Concorriam todos os factores, tanto os do meio como os do homem, em sua natureza e em sua actividade, para collocar de mais a mais o habitante da provincia portugueza, na America em situações que obrigariam a resolver por si, a desenvolver suas qualidades de commando, a emancipar-se, em summa, da tutela européa.

Era, progressivamente, alargar a fissura entre os dois ramos separados pelo Oceano, accentuar cada vez mais a clivagem no bloco aparentemente uno.

A norma vinda de além-mar ou consolidaria a solução já espontaneamente achada pelo sertanista, ou, caso a contrariasse, serviria de ponto de partida e de nucleo formador de recriminações e de antagonismos entre interesses difficilmente conciliaveis: de dono a explorado.

Latente em muitos conflictos, expresso em outros, é esse antagonismo que se revela no alicerce de muito movimento social ou politico, da Colonia, em todas as latitudes: tentativa frustanea aqui, ensaio mangrado ali; arremedo de monarchia americana em S. Paulo; luctas entre reinões e filhos do paiz em Minas e em Pernambuco; conflictos sobre a escravização dos indios no Maranhão; revoltas provocadas por excessos de tributação em Minas. Mas, em todos elles, talvez, o phenomeno essencial, reconhecido ou não, explodindo á luz ou mal sentido na penumbra inconsciente da nacionalidade em formação, era o choque entre esses dous interesses, o da metropole a

explorar e o da colonia a romper moldes já estreitos para ella.

Traduzia a imminencia da maioridade politica de uma região, que Portugal já não tinha forças nem prestigio para dominar.

Que importa que muitos levantes falhassem, ridiculamente prematuros alguns ou mal enquadados; por insufficiente capacidade de previsão e de sequencia de intuitos, outros? Como symptomas devem ser estudados. Na arvore em florescencia, quanto botão deciduo antes de formar fructo? Quanto fructo chócha, antes de se completar e sazonar? Não pára, entretanto, o movimento da seiva.

Formava-se mentalidade nova, diversificada da do portuguez continental, e dia houvera de chegar em que as duas se defrentassem.

As proprias lévas continuas de gente européa, produzindo no littoral Atlantico o alvejamento da pelle que salienta Emile Bourgeois (1), em confronto com o phenomeno analogo, mas inverso, na costa occidental, não alteravam tal espirito regional: os recém-vindos adquiriam o virus separatista, ao invéz, de o combaterem.

Entre os fautores da Independencia, muitos dos melhores e mais entusiastas foram de puro sangue e nascimento reinões. Em primeira plana, o fundador da nova nacionalidade, D. Pedro I.º

De longe datava a tendencia, inconsciente ou confessada. Em tal meio, facil é comprehender quanto germinaria a semente da philosophia encyclopedista, dado que para ella houvesse vehiculo. Ora, de muito, era costume estudarem na Europa, geralmente em Coimbra, mas tambem em outros centros universitarios, os filhos dos mais ricos colonos. De dous delles, Alves Maciel e J. J. da Maia, se sabe que foram inspiradores theoreticos da nati-morta tentativa libertadora de 1792, sob o influxo de ideias francezas, bebidas em Montpellier, e do exemplo americano de que Jefferson, ministro em Paris, era o expoeme, consultado aliás pelo joven brasileiro mencionado em segundo lugar. Em vespéras da Independencia, citavam-se nominalmente 66 filhos do Brasil formados em leis, em canones, em medicina, em mathematicas, nos annos de 1818 a 1822. Outros haveria, já residentes no paiz e em Portugal, de formatura antiga.

(1) Manuel historique de politique étrangère (3 vols.)

Soffrimento da massa, que apenas podia sentir; orientação dos possíveis dirigentes; influxo dispersivo do meio, intensificado pela vastidão territorial, pelo genero de vida, pela compartimentação das mattas e dos vâlles: tudo levava a mentalidade brasileira a erigir-se autonoma, despêda do critério metropolitano. Uma escola de energia e de iniciativa havia nascido em sólo brasileiro.

Phenomeno inverso notava-se nas possessões hespanholas. Populações fixadas pelas lavras em continuo meneio. Compressão dos elementos inferiores pelos dominadores, incomparavelmente mais duros do que os portu-guezes, a ponto de provocarem na mesma turba escravizada, mansa embora, a explosão de desespero que um descendentes dos Incas, Tupac-Amaru' encabeçou e levou á destruição em Tinta, em 1780.

O formalismo castelhano, reforçado pelo rígor centralista do governo madrileno, matáva no broto quaesquer tendencias liberaes. Quasi unico symptoma de differenciação, nota Garcia-Calderón (1), a divisão da colonia em Vice-Reinos e Audiencias marcára o maximo de concessão a quaesquer velleidades particularistas. Um escól, fraco e rareado, pôderia a custo e ás occultas, pefo fanatismo religioso e pela severidade das censuras ecclesiasticas, adquirir escassas noções sobre correntes novas de pensamento politico. Nunca se manifestariam com efficacia. Seu afastamento das massas populares seria mais notavel, ainda, do que na propria Hespanha.

PANDIA' CALOGERAS



(1) Les démocraties latines de l'Amérique (1 vol.)



VIAJANDO ⁽¹⁾

(Coizas do meu Diário)

1913

Maio, 17



mar está com más intenções. Pula. Saracoteia. Nota exquízita: quando todos enjoam, começam todos a receitar contra o enjoo. Quando digo todos, excluo-me. Nem receito, nem enjoo.

Quanto mais o oceano se enfurece mais eu me acalmo.

A razão costuma estar na minoria quasi sempre, e eu sempre na minoria. Agora, entre os passageiros, estou em unidade: nem mesmo o enjoo dos outros me enjoa.

Algum tanto enjoada, está nota.

Maio, 18

— Mais cedo do que era de prever, o oceano se abrandou. Bem procedeu. Lepidos, communicativos ficaram subitamente os passageiros. Todos de roupa limpa; nem um,

(1) Conclusão: Vide numeros 32 a 44.

pelo que contam, teve medo da tempestade que já vai longe: gente intrepida!

Todos alegres. Paz e amor. Promessas e compromissos de continuação, em terra, das simpatias e das amizades iniciadas a bordo. Trocas de bilhetes e anotações de moradias. O meio furacão de hontem saneou todos os estomagos. Reina um contentamento geral, risonho, tranquillo. Mas

a sorte neste mundo é mal segura,

metrificou o cantor da Marilia em plagio perfeitamente fornecido por uma das primeiras senas do Amfitrião de Plauto.

Não! Não ha bem duradoiro. A jovialidade permanente é impraticavel. O sonho de paz universal beira a utopia. Não! Não ha concordia possível entre as mulheres.

Enfureceu-se, a proposito de não sei que despropozito da maninha magra, a mana mais velha. Tapas. Soluços. Corada, gesticulante, a brava gorda atravessa o povoado tombadilho. Moça forte! Tem saude; falta-lhe fraternidade

— Scribano Giuzefo, immediato, primeiro oficial na giria da caza, é um aproveitavel irritadinho intellectual. É' maior por dentro do que por fóra. Sabe muita geografia, maneja cifras proficientemente, e o mesmo faz com a etimologia. Entra no latim sem constrangimento. Da historia conhece a italiana, consentindo, porém, que as outras existam. É' a segunda insolencia de bordo. Fizemos camaradagem.

Vendo-me pedir a um turco, da terceira classe, que interrompesse exercicio fanhozamente horrivel de «zoumara», um cornetim infernal que a todo momento parecia parar mas continuava, disse-me esse lateral Scribano: «Desgraçadamente conheço a «zoumara». Na recente guerra tive de guardar, á noite, em aproximada observação, navio tomado ao inimigo e atopetado de prizioneiros; principiou um delles a tocar essa gaita, e, sempre que parecia cessar, continuava! Tanto tocou que, desesperado, afastei de mais duma milha meus ouvidos e meu navio. Fugissem os prizioneiros, e eu seria irremissivelmente fuzilado. Mas a fuga e o fuzilamento eram coizas possíveis, e a «zoumara» era certa!

Interroguei-o si, empregada como arma de guerra, a muzica otomana seria eficaz. — «Invencivel», respondeu-me.

Dakar

— Uma hora da tarde. Domingo. Ancoramos com o retardamento habitual da «Companhia Veloce». Desembarco. Tenho tempo deante de mim, e commigo meios de incluir este porto, que vejo pela segunda vez, no numero das utilidades a notar e a anotar.

— Estou entre dois mil brancos francezes e dez mil pretos tripolitanos, marroquinos, abissinios, sudanezes e doutras raças africanas, predominando os volofes; gente, quazi toda, alta, espigada, vestindo roupa sem feitio, roupas entunadas pelo vento que lhes balança o azulclaro abrilhantado pela luz dum sol causticante.

Vejo pretas com o penteado retorcido em escadinhas regulares, trazendo-me á memoria dezenhos de Serpa Pinto no «Como atravessei Africa»; jovens ainda, mas já com os filhinhos entre o chale e as costas como nas antigas fazendas brazileiras, e vendendo, ora por um franco, ora por dez centezimos, a «garenha», o abundante peixe que invadiu, aqui, todos os paladares, e cuja quantidade de fosforo talvez explique a média elevadissima de batizados na interessante colonia. Essas pretas vendem ainda, trapalhadamente, verduras deterioradas e uns palitos de pau, do tamanho das nossas canetas, com que o dakarense, como todo africano, mantem a belleza da branquissima dentadura.

Estou em povoação regida pelos direitos do homem, e administrada pelos gloriosos principios de 1789. Em Dakar os pretos não podem, sob pena de xadrez sem discussão, ocupar, em botiquins e á meza dos hoteis, cadeira ao lado dos brancos. Colonia franceza, Dakar, a exemplo da metropole, ignora o «habeas-corpus».

Apressado na ida, fatigado na volta, o sulamericano não repara em Dakar; raras vezes aqui desembarca. Erra. Vista da amurada do navio, muito difere Dakar da cidade e da impressão que do seu interior o viajante recebe. Tem meio tipo proprio; é lentejoula suportavel. Seu rezumo está no mais reproduzido exemplar dos seus habitantes: no negrinho azougado que fala francez, explora o desembarcadiço, e recebe o influxo do progresso, mas limita o progresso annullando-lhe nove decimos do influxo.

Dakar uza installação telegrafica, mas com telegrafia menos que regular; tem ruas boas, mas pouco frequentadas; correio efetivo, porém pouco ativo; indolentes carros de praça; bilhares novos, porque raras vezes ocupados;

gelo barato, porém escuro; jornal hebdomadario sem leitores; coreto, na «Praça Protet», com muzica domingueira tocada por banda militar cujas roupas brancas destoam do auditorio preto que a escuta indifferente.

Como convivem em pacatez o franco e o etiope? Sem conflitos, sem abusosdelinquentes, sem reclamações! Mas aqui a anormalidade se normalizou, é o acidente se distendeu té ás raias do habito. Exemplo: não ha em Dakar quem exerça, de fato, palpavelmente, a autoridade em nome da França; governador é ente abstrato, invizível; o que ha, e todos apontam, e todos conhecem, reconhecem e obedecem é o «Palacio do Governador».

Bonito edificio! Projetando-se num arborizado quarteirão, sustentado por elegantes arcarias, fechado como todas as autoridades que se prezam, é elle demonstrativa sugestão do mando caucezo no continente africano. Outro exemplo: no commercio francez, predominante, quazi o unico que existe, regularizado aliás pelo protecionismo, o abuso do alcool tem trazido visivel restrição na delicadeza do trato. Já pelo clima abrazador, já pela preferencia no consumo de produção da mãe-patria, mulheres e homens bebem exageradamente. Com arregalo de olhos, num bazar de Dakar, commerciante, a quem eu comprára voluminho dos «Contos do Natal» de Dickens, rizonhamente insistia em entregar-me uma pluma de valor decuplo ou mais!

Comico, o constrangimento das francezas quando vistas por um estrangeiro. Pintadas de rosto, baixam ou entortam o olhar, simulando distração. Padece-lhes a vaidade: «que o seu logar não é alli no «Parque Nacional»; mas em Paris, mas no «Boulevard des Italiens»; estão alli por pouco tempo, por engano...»

Molecotes, agrupados nas esquinas, com exclamações e galhofas vaiam quem passa. Pedem o guardasol, o lenço, uma manga verde, dinheiro. Commigo: acabando de receber pagamento, um guiazinho me pediu pagamento. Aproveitar a ocazião, obter, receber seja lá o que for, seja lá de quem for, mas receber, obter, é a fisiologia de Dakar.

Porque? Estertor. Ancia de viver. Pressentimento dum fim de organismo. Substituido o carvão pela electricidade, perdido o emprego de fornecedora de combustivel aos transatlanticos, de sua atual vitalidade que conscrvará Dakar? Garenpas e o Palacio do Governador».

Na Mesquita

-- Fechada. Não se póde entrar. Posso. Entrarei. Dois torreões amarellados; uma grande verde os rodeia. Paredes

robustas. Subdividido o andar terreo. Adeantado de cinquenta minutos, um grande relogio, talvez o mais occidental em edificio dessa atrazadissima religião muzulmana que, felizmente, se não enraizou na America, presta informações mentirozas a quem o interroga. Foi o que vi por fóra.

Dentro: o que eu já conhecia de leituras: paredes escrituradas de versículos do Alcorão; auzencia mais que relativa de arte; pulpito, esteirinhas, estantes. Pouca luz. Algum asseio.

O maometanismo traz a idéa um rio muito largo, irrigando muitas zonas, razo, estagnado após extraordinaria enchente. Em Tokio e Dakar suas extremidades fedem. Em Medina sua nascente secou.

Singular! Cristo, o tribuno do Sermão da Montanha, o letrado das Parabolas, nada escreveu; Maomé, illetrado, commerciante barato, ditou um livro de cento e quatroze capitulos!

Mas, afinal, que foi a expansão arabe? Mera dissidência nestoriana? Derradeiro espraiar dos hicsos? Reação monoteista contra as deturpações grecoétruscas? Não ha resposta que satisfaça. No quadro da historia o arabe é ainda um sanguinolento segredo. Hoje, ao pôr do sol, vi grupinhos, tres crentes por grupo, bamboleando-se, joelhos em terra, batendo no chão com o rosto sujo de areia. Antisanitario prolongamento do mais fanatico, do mais invazor, do mais territorialmente distendido impulso religioso que a tolíce humana inventou e propulsou!

Civilização arabe!? Pois é civilização esfregar terra na cara? Nos territorios que invadiu foi o arabe adaptado pela civilização que nelles encontrou e cujo desdobramento acompanhou: isso sim. Da areenta peninsula donde partiu, que civilização trouxe? «Deus é Deus e Maomé o seu profeta?» Mas essa afirmativa por mais sangue que tenha derramado, nada tem de espantosa, e, como tentativa filozofica, já entrou definitivamente nos dominios da opereta.

Os receiptuarios de Cordova, as cento e vinte e oito columnas do Alhambra, os jardins de Bagdad, as cópias comparadas do classicismo hellenico, o colligio medico de Djoudesabour, a genialidade de Djafar e as lições de Jozué-ben-nur foram expansões civis: teologicas porque? Considerem-nas frutos da religiozidade, e logicamente, ao norte do Alcorão, compriria atribuir identica origem ás navegações normandas, á repressão do feudalismo, á descoberta da imprensa, ao aproveitamento da bussola!

O sentimento religioso, fôrma acovardada e explorada das preocupações do além, não inicia; paraliza; não gera: esteriliza. O vedismo, ignorante da liberdade, inutilizou a Índia. O messianismo criou a inquisição, que o cristianismo perversamente prolongou. O muzulmano destruiu bibliotecas. O protestante bombardeou Paris.

Houvesse a humanidade empregado na terapeutica e na quimica, na fizica e na mecanica, as cogitações esbanjadas em invencionices filhas do medo e netas da espen-teza sacerdotal, e, não como uma promessa continuamente adiada mas como uma realidade perenne, o homem seria, ha já muitos seculos, não o lobo do homem, porém o irmão do homem.

.....

Adeus

— E adeus, hemisferio norte! Adeus, velha Europa e nova Atlantida. Deixo-te, grato, como discipulo independente.

Volto para o sul Volto ás regiões mais solidas da bola na qual, atomo inconsultado, estou a atravessar vertiginosamente o espaço vizivel e o tempo invizivel.

Vou rever a terra das grandes quedas dagua, a acionistamór da interminavel empreza do porvir. Livre pensador, «cidadão do cõsmos», nem por isso esqueço que a mais diaria das minhas afeições pertance á minha Patria, e sei que, para mim, a terra brasileira é, como a amante do poeta:

quanto mais infeliz, mais adorada!

.....

Maio, 19

— Tubarões acompanham o navio mais de quarenta milhas. Circumstancia não ignorada, porém inexplicada: o tubarão não devora negros. Em Dakar negros e tubarões convivem. Que esse voraz só vê objetos claros, nada distinguindo dos escuros, esclarece-me um marinheiro.

Hum! O cazo me está claroescuro.

Maio, 20

— Em todos os grandes hotéis que conheci na Europa encontrei revistas e jornaes argentinos. A «La Argentina» de Barcelona, um primor de impressão e um modelo de



expressão, é revista abundantemente divulgada, e sustentará cotejo com o que de mais caprichado haja na imprensa do velho mundo. Do Brazil poucas vezes o jornalismo europeu se ocupa, e, quando o faz, limita-se a algumas linhas de noticiário após longas informações doutros paizes. Brasileiro, em Paris, só sabe de sua terra quando, no «boulevard», encontra patricio recemvindo a dirigir-lhe a inevitavel fraze: «Vamos tomar alguma coiza».

Não vi, nem tive noticia de jornal brasileiro em França ou na Italia. Um bisemanal, porém, em Paris, escrito em francez e pensado em portuguez, seria empreza viavelmente rendoza. Haverá, ao ocidente dos cofres publicos, capitalista que a tente?

Maio, 21

— Ajuste de contas. Que me rezultou da viagem á Europa? Lições comparativas. Nem um desgosto. Mais amor ao meu paiz.

Trago, infelizmente, nos escaninhos do espirito e nas minhas desconfianças de paulista, duvidas, duvidas ... Dado um choque internacional generalizado, o Barzil conservará intacta a herança luzitana que reclamou e recebeu ha um seculo? Suspeitas. Receios. Temores. Quanta bagagem malvinda!

— Não consegui apreender e coordenar um conjunto da mezologia européa. Para quem deixa o Brazil, limitado em seu desenvolvimento commercial, relativamente parco de commodidades, incongruente em seu pessoalismo politico, impulsivo em seus acazos partidarios, a copiozidade de acontecimentos na Europa penetrada por mares, e por isso parcelladissima de governações e interesses, torna insuperavel a dificuldade duma sintheze e mais que embaraçoza a dispozição de idéas em série.

Não perdi, porém, meu tempo. Indaguei. Reparei. Examinei. Observei. Comparei. Armazenei. Cogitei de minha especie, de minha subraça, da historia, dos direitos e dos deveres do meu paiz. Ganhei um pouco de capital intellectual, moeda que, quanto mais se gasta, mais aumenta.

Maio, 22

— Sem grande insistencia sou admitido, durante duas horas, como estudante de telegrafia sem fios. Serve-me de professor um ajudante da installação. Moço e mestre.



— Mas porque e para que me matricularam em academia de direito? Pois todas as Ordenações do Reino valem meio aparelho de eletricidade ou dez minutos de alfabeto Morse? Quanta inveja levo e tenho desse menino, telegrafista, que nunca fez defezas no juri, nem louvação de peritos em audiencia! Não é, não foi, nunca será bacharel. Feliz! Felicissimo.

Maio, 23

— Noite. Mar benigno. Rumo noroeste. Vespêra de chegada a Pernambuco. Busca-me a saudade. Procura-me a fantasia. Fala-me o coração.

— Vou encontrar o Brazil sensivelmente incompleto. Quanto mais se distancia a morte do Barão do Rio-Branco, mais sente o paiz a falta do glorioso estadista. Deixou discipulos certamente intelligentes e possivelmente eruditos. Mas erudição não é criação. Mas a intelligencia instrue o talento; não o substitue.

Verdade, verdade: falta uma peça essencial na nossa maquina administradora.

Reminiscencias

— Jornalista desde 1872, um pouco parlamentar e mais um pouco advogado, sempre acompanhei com interesse as revelações da intellectualidade no Brazil. Conheço o meio nacional. Não vejo quem possa, hoje, ocupar competentemente a posição que Rio-Branco deixou. É o que penso pensa a consciencia do paiz.

Tratasse-se, porém, não de talento excepcional, não de merito acima do commum, mas de estupidez, e a substituição seria facil? Talvez não. Ha imbecilidades geniaes. Ha, tambem, cavalgadas insubstituiveis.

Contou-me o Barão que, surpreendido em 1889, em Berlim, pela proclamação da Republica no Rio de Janeiro, e anciadissimo por cartas que lhe atenuassem a curiosidade, fôra apressadamente ao correio mal chegára a mala do Brazil. Uma só carta recebera. Abriu-a sofrego. Era dum antigo famulo da familia, portuguez, Jozé Côrte-Real: communicava-lhe que, em vista da mudança das instituições, passaria a assinar somente Jozé Côrte.

Relatei-lhe, em immediato pagamento, a perspicacia



do meu copeiro Vitorino: repreendendo-o, disse-lhe que nunca puzesse o jantar na meza sem ter primeiramente ido ao meu quarto verificar si eu estava ou não em caza; foi ao meu quarto, procurou-me, e minutos depois voltou para pausadamente me dizer: «O senhor não está lá.»

— Ainda do Barão: «O homem é um animal incompleto.» Isso mesmo. Incompleto e infeliz. Infeliz e mau. Vive em luta com os seus semelhantes; suplicia-os; e transmite esse costume aos animaes que domestica. Mata, caçando por divertimento. Não progride sem a emulação, que é uma modalidade da inveja. O bem de um só se bazeia no mal de outro.

«Animal incompleto». Sim. Tem sempre uma parte do organismo em flagrante de podridão. De morticínios, principalmente, se compõe a cronica de sua especie. Cada descoberta que faz leva o sofrimento aos individuos que vivem á custa do anterior regimen. «Apontam-me como o homem mais feliz do seculo, sou-o talvez, confabulava Bismarck, e no emtanto olho para o passado e nelle não vejo vinte e quatro horas completamente felizes.»

Animal incompleto: definição mais concreta, e tambem mais explicativa, que a de Socrates: o homem é um doente cuja molestia se agrava todos os dias. Melhor que outras definições citadissimas? Sim, sim. Basta relembralas. Platão: o homem é um bipede implume. Moisés: um sopro da divindade. Pascal: um caniço que pensa. Buffon: o rei da criação. Darwin: o homem é um macaco aperfeiçoado. Herzen: uma coincidência da organização com a dinamica.

— Animal infeliz. Deve, por isso, dezesperar do destino, dezengastar ideaes, csmorecer, dezanimar? Não. Nunca. Nem da inferioridade organica, nem mesmo do determinismo despotico, vem para o homem a supressão da mais util das suas faculdades, daquella que constitue a sua mais forte e proveitosa razão da existência: a vontade.

Tenho o livre arbitrio. Delibero. Escolho. Faço porque quero. Escolho o que faço: é o bastante para alento da vida na luta da vida. Quero e não quero: ação e abstenção: que superioridade! Que primazia no perenne vaivem dos acontecimentos! Quem souber medir o alcance da abstenção annullará, com o justo orgulho da responsabilidade, as sugestões do dezanimo, quaesquer e quantas sejam ellas. Só o direito, por exemplo, só o invejavel direito de não ler os discursos do Congresso Paulista não será um incentivo ao prolongamento da vida?

.....

Maio, 24

— Terra da patria. Salvé! Champagne. Brindes. Regozijo. Descreve o paquete um semicirculo; passam-lhe á direita Olinda e as ruínas, cruelmente desrespeitadas, do forte do Picão. Desvenda-me o binoculo, lá ao longe, o sul do Recife e os montes Guararapes. Conheço. Conheços. Foi alli, ha dois seculos e meio, a puberdade nacional.

.....

Tão joven e tão doente! E' pena. Prometia tanto! Nasceu na aurora do seculo XVI; amadrinhado pela Revolução Franceza, cazou com a Liberdade em pleno seculo XIX. Honestamente viveu quatorze lustros. Infiel, depois, á espoza, amaziou-se ha trinta annos com a Sacristia e a Tarimba. Adoeceu de desfalques na dignidade.

Pobre Brazil!

Doente, doente. Sifilis no norte, morfêa no sul, anemia na carteira, viltança na opinião, abatimento generalizado. Alguns enfermeiros lhe estão a furtaar as drogas.

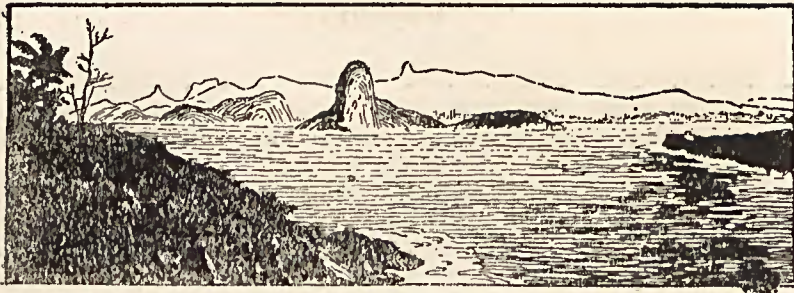
Era assim, lá nos antipodas, quando a Corêa estrebuchava. Não a poude salvar a terapeutica internacional.

.....

Pobre Brazil!

MARTIM FRANCISCO





O ESPIÃO ALLEMÃO

(CONTO)



ABRE a historia. Escuta. Só ouvirás rumores de guerra. Aquelle tropel desapoderado? E' a avalanche tartara. Tamerlão, o tigre coxo, derrama sobre a Persia legiões de feras. E a chacina attinge proporções inauditas. Seu capricho exige em Ispahan setenta mil cabeças humanas. Cada secção do exercito lhe ha de fornecer uma quota. Fartos, cançados de cortar-as, os soldados entram a adquirir-as. Pagam a moeda de ouro cada uma. Era bom o negocio: a offerta cresceu. Como a offerta cresceu, o preço baixou para meia moeda. Reunidas as setenta mil, Timur construiu torres de craneos em redor da cidade ...

Ruge a sanguieira alem. E' em Dehli. Timur, tigre precavido, antes de bater-se com Mahomet IV, delibera alliviar o exercito de cem mil prisioneiros embaraçantes. Solução magistral: degola-os ...

A vaga prosegue, chega a Ancyra, esmaga Bajazeto, o grande sultão, e passa ...

E acolá? Assyria. De Ninive, antro de leões famintos, descem para a carniçaria os reis flexeiros. Assurnizirhupal canta os proprios feitos em inscripções chegadas até nós: «Construi um muro diante das portas da cidade e forrei-o com a pelle dos chefes. A outros emparedei vivos, a outros empalei ao longo das muralhas. Fiz arrancar o couro, em minha presença, a innumerados e revesti paredes com esse couro semi-vivo. Reuni cabeças em forma de coroas e os corpos entrelacei como guirlandas.»

A vida da Assyria é inteira essa primorosa carnificina.

Tuklatabazar, Assurbanipal, Nabuco, Sargão, todos os margarefes reaes viram a sua pericia em arrancar o couro a creaturas vivas cantada pelos poetas, commemorada pela architectura, admirada pelos posteros.

Timur passou, passou a Assyria. Tudo passa mas a guerra fica. E' a guerra uma permanente. O homem tem a vocação do morticinio. A arte apotheosa a carniça. Os poetas só ascendem ao epico se o bafio do sangue lhes fumega a inspiração. A belleza suprema é Achilles fendendo craneos, do frontal á nuca. A historia da humanidade é um systema potamographico de enxurros vermelhos musicado pelos gemidos de dôr dos vencidos. A guerra sempre. Só guerras. A guerra dos Sete Chefes, a guerra de Troia, as guerras punicas, as guerras de Roma — escravos, Numançia, mercenarios, Jugurtha, Mithridates, civil... Depois, as guerras da invasão. As cruzadas, depois. E as guerras de religião. E as guerras dynasticas. A dos Cem Annos, a dos Trinta Annos, a guerra das Duas Rosas, a da successão da Hespanha. A guerra americana da Sesseccão. As napoleonicas, a franco-prussiana, a hispano-americana, a sino-japoneza, a franco-prussiana, a anglo-boer... Depois, depois a Guerra Geral, a guerra do mundo contra a Alemanha. O rosario pára aqui. Mas como não pára o Odio, e como a estupidez humana é irreductivel, o futuro verá tantas guerras quantas viu o passado. Os grandes conductores de povos, Bismarck, Tisza, Clemenceau, Loyd George, simples vontades de aço despidas de intelligencia, incapazes d'outra philosophia que não a das maxillas da hyena. Porque elles perpetuam a guerra, a humanidade os erige em semi-deuses. E com elles, poetas, pensadores, generaes, a industria, o commercio, a imprensa, a humanidade inteira — fóra as mãos — zelam, como vestaes, para que se não extinga o fogo sagrado do Odio. Já para os deuses, de Jupiter a Jeovah, era a vingança o prazer supremo. Se sabe ella assim a paladares divinos, que admira saber tanto a paladares humanos, tão proximos ainda da pithecanthropia erecta donde sahiu o macaco glabro que se classificou a si proprio *homo sapiens*, ignorando como o classifica-
rão os cavallos?

* * *

Tambem nós, da Gecatatuasia, temos tido nossas guerras. A grande, do Paraguay, onde fizemos pretos d'Angola chacinar os selvajens do Chaco e as pequenas, internas. Temos a Guerra dos Mascates, onde torceu o pé um reinol e, consta, arranhou-se um nativo. Temos a do Alecrim e da Mangerona, que não arranhou ninguem. Mas a guerra

grande, a guerra guerra, a guerra de encher olho a Marte e berrar por poetas que a botem em Illiadas parnasianas com o retrato de Bellona no frontespicio, ah! temos a nossa guerra contra a Allemanha. Essa nação formidavel, Assyria encouraçada de aço, machina monstruosa que apavorou o mundo, Golias de tremenda catadura temperado nas forjas de Krupp, viu saltar-lhe á frente David de iverapema em punho. E o caso foi que mais uma vez venceu David ao gigante. Quem duvidar do milagre, leia o «Lyrio» de Itaóca, semanario «literario, recreativo e commercial», numero extra, de oito paginas, commemorativo da assignatura do armisticio.

«*Vencemos!* O gigante jaz por terra, exangue. A esquadra dispersa, os exercitos rotos, a arrogancia abatida, — a invencivel Allemanha dobra os joelhos e entrega-nos a espada sangrenta! Honra aos gloriosos estadistas que nos impulsaram á lucta! Honra ao Exmo. Sr. Dr. W. B. Pereira Gomes, dignissimo presidente da republica, e honra, sobretudo, ao inclito coronel José Pedro Teixeira Marcondes, honradissimo presidente do directorio politico de Itaóca e chefe honorario da heroica linha de tiro «Frei Gaspar da Madre de Deus!» Ave! Ave! Evohé!»

* * *

E' força que os novellistas fixem estes aspectos heroicos do paiz já que descuram dellcs Pombos e Capistranos sisudos.

A acção de Itaóca durante a guerra foi devéras notavel; mas como Itaóca não passa de humilde lugarço perdido nas perambeiras da serra, sem bons correspondentes junto aos jornaes do Rio, toda a sua agitação mavortica permancecrá sem noticia se não lhe acode chronista fiel.

Itaóca tem, officialmente, cinco mil habitantes, estatistica feita a olho. O chefe da terra mandou carregar vinte por cento de «crescima» sobre o calculo do vigario, em virtude da velha rivalidade com Itapuca, cidade visinha onde o olhometro municipal accusára quatro mil e quinhentas almas, afóra as penadas. Itaóca não se abaixa! Já sua philarmonica era a melhor, o jornal tinha mais estylo e o mercado mais verdura. Ficou mais populosa, tambem, depois do patriotico rescenceamento.

Itaóca é regida, politicamente, pelo coronel José Pedro, e intellectualmente pelo vigario, mosenhor Accacio da Silva, um homem que sábe tudo, desde latim até astronomia! Alem deste luzeiro, ha outras possantes candeias em Itaóca, o juiz, velho bacharel pelo Pedro II, o Leão

Lobo, mulatinho disfarçado, emerito em versos, charadas, enigmas e logogrifhos. Ha ainda o Pimenta, secretario da Camara, o major Ventania, veterano de Itararé, e outros, que leram o Rocambole a fio e assignam as folhas governistas.

Quando rebentou a guerra foi grande a emoção de Itaóca. Sensação de estupor. Mas o Coronel, expedito que era, não vacillou um minuto: convocou o directorio. Reunidos que foram os seus oito membros, o presidente expoz com palavras solemnisimas, a gravidade do momento, e pediu alvitres. Pimenta tomou a palavra e propoz ficar o directorio em sessão permanente até o fim da guerra. Leão Lobo aventou a idéa d'um *comité* de Salvação Publica bem como a de um vereador sem pasta. Outros alvitres de primeirissima foram lembrados, mas só logrou approvação a idéa sensata do presidente: não fazerem coisa nenhuma antes das outras municipalidades se manifestarem. Aguardariam os acontecimentos de olho ferrado nos jornaes e no patriotico presidente da Republica, a quem officiariam em termos do mais alevantado estylo. Quanto á sessão permanente, achava isso uma grande machada.

Assim se fez e Itaóca, não podendo revelar genio creador, comportou-se durante a guerra como a mais direitinha das Maria-vae-com-as-outras.

A primeira resultante da guerra foi o incremento das linhas de tiro. Itaóca não ficou atrás, deitou, tambem, o seu tirosinho. Que revolução não foi elle! Veiu instructor de fóra, e a coisa se fez por musica, com duzentos homens de effectivo, no papel. Effectivos, na realidade, eram apenas vinte. Os mais, homens de 80 kilos, negociantes, fazendeiros «gente grada» constituíam o «enchimento». Cooperavam com dinheiro e boa vontade, mas isso de exercicio, e gymnastica, e tiro ao alvo — «coisa de meninada». Apesar de apenas vinte, os rapagotes de perneira e chapéu á americana transformaram Itaóca em praça de guerra. Varreram do coração das meninas todos os rivaes civis. Era de vel-os passar, garbosos, em marcha cadenciada, sob o corisco dos olhares languidos das Sinhasinhas e Mariquitas janelleiras. Da pobre ralé de paletó sacco e palheta salvou-se um ou outro, de rubi no dedo. Venus sempre foi doidinha por Marte...

O armamento requisitado ao Ministerio da Guerra para o «Frei Gaspar», apezar de promettido, nunca chegou a Itaóca. Não obstante, exercitavam-se os voluntarios com uma Flaubert passarineira do Pimenta. Aos sabbados,



na séde da linha, compareciam os vinte heroicos atiradores e cada um dava seu tirosinho na lata de marmellada posta como alvo a vinte passos de distancia. A munição, porém, encareceu. As balas chegaram ao preço absurdo de cem réis por cabeça. Era um desperdicio gastar vinte cada semana, para transformar lata velha em crivo. D'ahi veiu a grande idéa do major Ventania, commandante superior do «Frei Gaspar». Ponderou elle: alvo por alvo tanto é alvo a lata como um passarinho; ora, mirando passarinhos, o atirador exercita-se da mesma maneira e sempre apanha um ou outro com proveito duplo, do treino e do jantar. Sendo assim, não era mais logico aproveitarem-se as vinte balas semanaes no pomar, em caçada ás rolinhas, sabiás e sanhaços? Sensata que era a idéa foi logo posta em pratica, e o exercicio de tiro ficou reorganizado assim: cada domingo a Flaubert e vinte balas eram entregues a dois voluntarios para caçarem onde lhes aprouvesse, sob a condição de repartir a caça abatida com Ventania, pae da idéa e muito guloso de arroz com passarinho. O major deu-lhes ainda um conselho de alta estratégia culinaria:

— Deem preferencia ás rolinhas; são mais carnudas que os sanhaços. Quanto aos sabiás, não me parece patriótico atirar nos rouxinões de Gonçalves Dias, além de que a carne não vale nada.

Este mirifico systema deu resultado triplice: desbaste nas laranjas e passarinhos pomareiros, muita precisão nos tiros dos rapazes e engorda do major. Dois não caberão, mas tres proveitos cabem n'um sacco, pelo menos em Itaóca. O major Ventania, que o diga.

Apurado o seu aparelho de defeza, Itaóca dormiu socegada, á espera do inimigo. Que viessem os barbaros germanicos, e cáiriam ceifados como rolinhas! Não foram tolos. Não vieram. Não veiu um hulano sequer. Mas que a Allemanha poz o seu olho de aguia em Itaóca, isso não resta a menor duvida. Aqui muito á puridade o confessamos hoje: andaram espíões por lá!

— ?

— Sim, espíões, e dos peiores. Andaram rondando a cidade, tomando plantas, tirando desenhos... Agora que se acabou a guerra, é permittido confessar o facto. Antes, não; porisso foi o segredo guardado religiosamente pelas autoridades locais, pelo Leão Lobo e até pelas mulheres, tão palreiras. Nobilissimo povo de Itaóca! Quantos males não poupou ao paiz a tua severa discreção!...

Foi ássim o caso. Leão Lobo saía da chimbica do



costume em casa do Pimenta, ás onze da noite, quando, no largo da matriz, cruzou com um vulto desconhecido, ruivo de cabellos, maltrapilho, ar suspeitissimo e trouxe mais suspeita ainda sobraçada. Um prophético relampago lucilou-lhe no cerebro: espião! Sobreesteve o coração aos pinotes, meditou tres segundos, e como uma flexa voou á casa do coronel José Pedro, já na paz dos lençoes áquell' hora. Leão Lobo bateu na vidraça freneticamente, tres, quatro, cinco vezes. O coronel appareceu de chambre, gorro de lã, vela na mão e assustadissimo:

— Que é lá?

— Coronel, espiões na terra!

O pobre homem, mal acordado, estremeceu da base ao apice n'um dos maiores abalos da sua vida. Engasgou. Tartamudeou. E ao termo de dois minutos de fonteira ponde apenas murmurar em voz debil: entre! A porta abriu-se e Leão Lobo entrou.

— Com que então, espiões? — disse o coronel de olho arregalado.

— E dos peiores, confirmou Leão Lobo, d'aquelles, coronel!

A entonação do «d'aquelles» foi tão impressionadora que José Pedro encostou-se á parede para conservar o aprumo coronelicio. A situação era de todo imprevisita. O chefe não sabia como agir. Salvou-o Leão Lobo, affeito a lidar com os problemas charadisticos e logogriphicos dos mais crespos.

— Coragem, coronel! O momento não é para vacillações. Proponho que se desperte Ventania, que se mobilise o «Frei Gaspar», mais a policia, e que se monte guarda rigorosa ás sahidas da cidade durante o resto da noite. Amanhã engaiola-se o melro!

— Bem ponderado! — exclamou o chefe já mais seguro de si. Vá você mesmo avisar os homens enquanto eu...

Leão Lobo sem esperar o fim saiu aos pinotes enquanto o coronel... enquanto o coronel voltava para a cama bastante apprehensivo.

— A gente tão socegada aqui e aquelle raio da Allemanha...

— Que foi? — indagou a mulher.

— Espiões na terra, Candoca! Raios de espiões!

D. Candoca era um poço de bom senso. Disse apenas:

— O que me admira é vocês andarem pela cabeça daquelle bódinho — e virando-se para o canto adormecetti.

* * *

Leão Lobo acordou Ventania e o delegado. Hora depois o destacamento policial, um cabo e duas praças, mais o tiro inteiro, estavam em pé de guerra, com grande pavor de varias mulheres despenteadas que á janella, em camisa, punham as mãos invocando as Nossas Senhoras adequadas ao lance, — que aquillo era por certo o fim do mundo.

Não havia lua e como os lampiões não se accendessem havia mezes por precaução contra os zeppelins mortiferos, a escuridão era de breu. Mesmo assim, ás apalpadelas, as forças mobilizadas agiram com tal estratégia que, tres horas após o rebate, todas as sanidas de Itaóca estavam hermeticamente sentinelladas. Numa dellas ficou metade do «Frei Gaspar» com a Flaubert á frente. A outra metade conseguiu munir-se d'uma velha garrucha de dois canos, carregada de chumbo Paula Souza. A senha era impiedosa: não deixar passar viv'alma... loira ou ruiva; em caso de resistencia, fogo de barragem!

Não passou ninguem, afóra o Vinagre, cachorro veadeiro do Pimenta, que como o seu dono, tinha habitos nocturnos.

Amanheceu afinal. Quando o astro rei, desdobrando as gazes da aurora, espargiu sobre o orbe os seus primeiros raios — como esplendidamente disse mais tarde o «Lyrio» historiando os factos — o major Ventania e o delegado iniciaram rigorosa pesquisa. Não foi preciso muito. O espião lá estava espichado no *trottoir* da igreja rufando com a cabeça apoiada na valise suspeita. (Adivinhava-se aqui o estylo do Pall-Mall-Lyrio, secção evidentemente influenciada pelo mirifico José Antonio José). O major Ventania não vacilla, mette dois dedos na bocca e tira um assobio agudissimo. Era o signal. Acodem logo o Tiro, mais o destacamento e a molccada. Solememente, então, n'um sherlokiano *nhoc*, agarram, em nome da lei, o perigosissimo agente do Kaiser. Não ha memoria em Itaóca de lance mais repassado de dramaticidade. O patriotismo engasgava os pró-homens da terra, emmudecendo-os de sagrada emoção. Naquelle momento augusto salvava-se a Patria ...

D'ali seguiu para a cadeia o infame dolichocephalo louro, e lá montou guarda o Tiro. Ao detentor da Flaubert foi marcado o posto de maior responsabilidade, á porta do xadrez, com ordem de conserva-la engatilhada.

— Se o bicho tentar fugir, nada de mollezas, ordenou o major, fogo nelle, fogo de barragem!

As dez estava tudo prompto para o iinterrogatorio. Mas

aqui surgiu imprevista dificuldade: o espião teimava em não falar lingua de gente, e na terra, fóra os membros da colonia allemã, ninguem pescava um yá da odiosa lingua de Goethe. (A colonia allemã de Itaóca compunha-se do velho boticario Muller, estabelecido com pharmacia havia 60 annos, e uma sua criada, nascida em Blumenau).

— E agora, indagou a autoridade atarantada? Só se convidarmos o Muller para interprete.

Leão Lobo, com a sua clara visão de patriota exaltado, obtemperou incontinente:

— Não é possível! Muller, como allemão, é suspeito. Pode alterar as respostas do agente. Proponho como «lingua» o monsenhor Accacio. Ha de saber allemão. Que é que elle não sabe? Até astronomia! ...

Era verdade. Monsenhor Acacio sabia tudo, dissertava de *omnia res sibile*, e em linguas vivas e mortas ganhava até de D. Pedro 2.^o que sabia quatorze.

Veio o padre. Solememente, durante meia hora, bateu lingua com o espião, sob o olhar aparvalhado dos assistentes. Por fim,

— O allemão deste homem, concluiu sentenciosamente, é o allemão Thuringio da baixa germanidade wallona da Silesia hannoveriana. Inintelligivel, portanto, a quem, como eu, só conhece o allemão grammatical da alta germanidade dos Goethes, dos Lessings, dos Bergsons, dos Schneider-Canets.

Os circumstantes pasmavam. Leão Lobo, enthusiasma-do, cochicou para Ventania:

— Não vos disse? E' um *bicho!*

Do pouco que o espião disséra uma phrase por muito repetida, gravou-se na memoria dos itaóquenses: *ai eme inglix*. Leão Lobo, affeito a lidar com os mais embaraçantes enigmas, tentou decifrar a phrase misteriosa pelos processos charadisticos. Matutava: *A, I, M, inglix*; *A*, uma; *I*, uma; *inglix*, dúas; conceito? Engasgava no conceito. Estava nisso, quando o padre cortou o nó gordio:

— *Ai eme inglix*, disse elle enrugando a testa, quer dizer, se me não falham as analogias glottologicas, «estou com fome». E' natural. Já batéu meio dia. Deem-lhe, pois, almoço, e a mim licença para me retirar. que estou de hora passada. E, pondo na cabeça o chapéu felpudo, saiu, solemne e sabio como a propria Minerva de batina e corôa. Leão Lobo namorou-o com o olhar até certa distancia.

— E' um *baíta*, o nosso monsenhor!... Pena viver neste fim de mundo. Se «actuasse» no Rio, que figurão! ...

* * *

Na impossibilidade de arrancar ao espião palavras intelligíveis, resolveram enviar-o á capital de presente ao chefe de Policia. Iria escoltado por quatro heroicos voluntarios, tirados á sorte. Assim se fez. e no dia seguinte houve cõradeira de mulheres e um discurso ão bota-fora. «Ide-vos, disse o orador official, a Patria exige de vós esse sacrificio. Não occultamos os perigos que correis. Este facinora poderá ser membro d'uma quadrilha de sicarios emboscada a beira da estrada. Podeis ser chacinados em massa, atacados a gazes lacrimogeneos, picotados pelas metralhadoras. Não importa! Ide-vos! A Patria exige o vosso sangue. Se cahirdes, tereis como recompensa a sua gratidão eterna!»

— E o nome numa rua, aparteou o presidente da Camara.

Partiram os jovens heroes. Nunca se viu maior resignação ao sacrificio. Malbaratavam a vida como heroes de raça que eram, com antepassados na Guerra dos Mascates e dos Emboabas.

Itaóca distava duas leguas da via ferrea e quarenta da capital. Os rapazes da escolta, apesar do quadro horrendo que o orador desenhára, arreceavam-se menos das emboscadas do inimigo, perigo um tanto problematico, que do trajecto na via ferrea, vezeira em descarrilamentos, choques, telescopagens, etc. Razão pela qual só empallideceram quando, na estação, ouviram o apito do trem mortifero. Antes do embarque, radiographaram para Itaóca um despacho conciso mas eloquente: «Chegamos. O espião sempre na unha. Viva a Republica!»

Quando o Zé Bruno, preto recadeiro que fazia carretos a pé a mil reis por legua, entregou o radiogramma ao Major Ventania, o prefeito municipal commemorou a auspiciosa noticia mandando atuchar uma duzia de foguetes pela verba «soccorros publicos».

Nesse mesmo dia um grupo de exaltados promoveu uma grande manifestação patriótica. Falou na praça 7 de Setembro, com pathetica eloquencia, o inclito Leão Lobo, produzindo a mais vehemente oração de sua vida. «Ali, senhores, disse elle apontando o *trottoir* d'ora avante historico, esteve deitado, fingindo que dormia mas de facto espiando, um dos mais perigosos agentes da espionagem allemã. O scelerado não confessou, mas havia de confessar? havia de denunciar os tenebrosos planos do Ante-Christo moderno, esse Kaiser assassino que assassina o mundo? A situação é gravissima, meus senhores! Itaóca está sobre um vulcão. Minadas por todos os lados, a vida

das nossas familias, as honras das nossas esposas, as mãosinhas das nossas creanças (sensação) correm o maior dos riscos! Lembrai-vos da Belgica, essa heroica crucificada na cruz de ferro do monstro kruppeano! (sensação). Senhores! Um desaggravo se impõe. Precisamos manifestar a nossa repulsa perante a colonia allemã que, como víbora, alimentamos em nosso seio. Viva a França! Viva o Exmo. Dr. W. B. Pareira Gomes, nosso imperterrito presidente!

Foi um delirio. Estrepitaram palmas d'envolta a imprecações de vingança. «Abaixo o Muller!» A onda popular, arrastada pelos impulsos do mais nobre patriotismo, despejou-se como torrente, para os fados da velha botica. Leão Lobo á frente, com o patriotismo a cem grãos centigrados, desfechava vivas e morras truculentos. Viveu Clemenceau, Joffre, Foch; morreu Hindenburgo, Maekensen e Enver-Pachá. Os gavroches (está no «Lyrio») iam pelo caminho juntando pedras para o bombardeio da colonia. Defrontados que foram com a odiosa pharmacia, choveram projecteis, apupos, assobios. Não ficou vidraça intacta. Um óbuz, penetrando na prateleira das drogas, quebrou alli o vidro de sal-amargo. Tambem a ipeca e a tintura de iodo foram seriamente maltratadas. Mas a colonia allemã não deu mostras de si. Nem Muller nem a criada tiveram a coragem de mostrar a ponta do nariz. Covardes!

Os patriotas, cansados de apedrejar e desafiar, arrancaram a placa da botica e levaram-na á guiza de trophéu para a redacção do «Lyrio», onde se beberam varias garrafas de champanha (soda), sempre pela verba dos soccorros publicos.

Na noite desse dia a esposa do coronel José Pedro teve uma violentissima colica intestinal. Receitaram-lhe sal-amargo. Correu á botica uma negrinha, mas voltou de mãos abanando:

— Seu Muller manda dizer que não tem; que os patriotas quebraram o vidro; se serve sal de azedas que tem.

A pobre D. Candoca, estorcendo-se,

— E' isto, exclamou, aquelle bodinho faz das suas e quem paga o pato é a pobre de mim! ... Ai!

— Mulher! — interveiu o marido, — a Patria acima de tudo!

— Vocês são uns ...

O chronista não ouviu o qualificativo da D. Candoca, mas a avaliar pela cara do marido, foi dos mais duros. O homem passou embezerrado o resto do dia.

A' noite chegou telegramma do chefe de policia: «Ve-

rificamos prisioneiro subdito inglez. Receios complicação diplomatica. Guardem reserva ridiculo incidente.»

O coronel José Pedro, desapontadissimo, esteve meia hora com o papelucho na mão, meditando. Depois, reuniu os paredros, e lhes disse:

— Recebi telegramma confidencial do chefe. O caso é mais grave do que supuz. Sou obrigado a guardar reserva. Altos segredos de estado, vocês comprehendem ...

Apatetamento geral. Cada um commentou a seu modo o caso, e Leão Lobo, incontinente, recorreu ao methodo charadistico: *Telegramma, reserva, segredo de estado* ... Conceito? Era a segunda vez na semana que lhe escapava uma charada por falta de conceito.

Assim permaneceram até á noticia da volta dos heroicos expedicionarios. Que bella festa, a recepção! Foi a banda esperal-os á bocca da cidade, e com ella os patriotas, o Tiro, as moças. Mal avistaram-nos romperam vivas. A banda cascou o hymno. Depois a *accolade* («Lyrio»). A Mariquinhas Fagundes offereceu a cada um uma corôa de louros, feita com folhas de camelia. Ella mesma enfiou-as na Flaubert de um, na garrucha de outro, e nos guatambu's chumbados dos restantes. Scena de commover! Itaóca sabia ser grata para com os filhos heróes ...

E não ficou nisso, note-se. Na primeira sessão de Camara foi proposta a cunhagem d'uma medalha commemorativa, tendo no verso um cambito de perneira esmagando uma vibora e no anverso um distico em latim. E' verdade que cahiu este projecto. Mas vingou outro, mais economico: dar quatro ruas aos quatro heroes. Eis como as antigas ruas General Osorio, Duque de Caxias, Regente Feijó e Rio Branco, passaram a denominar-se, respectivamente, rua do Tenente Teixeira, rua Aristeu da Silva, rua José Joaquim de Souza e rua Aristogiton Pereira.

MONTEIRO LOBATO



SALAO DE 1919



SAUDADE

Quadro de Silvia Meyer

SALAO DE 1919



CINZAS

Quadro de André Vento



*O lyrismo apaixonado, que tão bem vae
ao nosso meigo "idioma" e tanto é da indole
da nossa gente, continúa a ter como aqui se
vê um dos seus melhores cultores em Gus-
tavo Teixeira, o suave poeta do Ementario
e da Lyra Azul.*

VERSOS BRANCOS

*Que dia triste! Um vento de procella
Desde as primeiras rutilancias d'Alva.
Açoita as hirtas arvores transidas
Que, embuçadas nas chlamydes de folhas,
Plangem em cõro como extranhas harpas...
Chove. Sosinho nesta munda alcova,
Onde as minhas saudades turturjani,
Sinto um tremor de lagrimas nos olhos
Sonhando ouvir a musica celeste
Da tua voz que sôa na minh'alma
Como uma etherea nota de violino...
Todo o meu peito abraza! Em vão, ás vezes,
Busco nos livros lenitivo ás dores
Que no meu peito brotam como espinhos!
Debalde! Em cada pagina que leio
Teu nome está gravado em letras d'oiro!
Tão longe estás, tão longe! No entretanto
A tua imagem me apparece e brilha
Em toda parte! A' luz da lua, vejo-a
Apanhando jasmims na Via Lactea
E na radiante Ophir das nebulosas
Envolta numa poeira crystallina!
Vejo-a nas fojas nuvens de cambráia,*

*Toda de branco, á imitação de um lyrio,
Do qual possues a candidez e a alvura,
Com o laço azul de fita no cabelo,
Como no extremo dia em que nos vimos!
Vejo-a nas flores, cujo aroma ardente
Me recorda o balsamico perfume
Dessa bocca em botão, que desabrocha
Para o sequioso enxame dos meus beijos!
Vejo-a no altar, na imagem de Maria
Que julge distribuindo allivio e bençans
Aos desgraçados que não têm guarida,
Aos quaes promette abrir as portas d'oiro
Do palacio lucifero dos astros!*

*Estás tão longe e estás tão perto sempre!
Si os olhos abro, vejo-te de frente,
Si os olhos fecho, vejo-te em minh'alma!
Estrella, tu julguras noite e dia!
Que amor! Que louco amor! A' noite, quando
Busco no somno ephemero repouso,
Sonho contigo: — e, nos meus sonhos, linda,
Vens te sentar ás bordas do meu leito,
Murmurando-me phrases carinhosas!
Beijas-me a fronte com noival ternura,
Passas as mãos de arminho em meu cabelo
Com um sorriso que é o florir de um sonho!
E que doce meiguice se reflecte
No brilho avelludado dos teus olhos
Que tanta vez por mim já têm vertido
Fios astraes de liquidas turquezas!*

*A' tarde, quando as sombras das montanhas
Abrem as frias azas nebulosas
E as fontes balam como ovelhas mansas
Tresmalhadas em gandaras longinquas,
Eu, ferido por intimas tristezas,
Vou procurar um balsamo nos campos,
Sob o docel das frondes viridentes
Onde as aves penduram os seus ninhos
Tecendo ás flores madrigaes maviosos.
Meu amor! meu amor! si tu soubesses
Como hoje as minhas horas são escuras!
Só Deus, que vê nos intimos sacrarios
Dos corações as chagas cancerosas
Que o implacavel destino ás vezes abre*



Com o ferro em braza de um amor. eterno,
Só Deus conhece as minhas amarguras
E a dôr dilacerante que ha de em breve
Envolver-me na tunica gélada
Que a gente veste para todo o sempre ...

Punge-me sempre tragica saudade
Do tempo em que a teu lado, como em sonho,
Eu tinha em caaa instante um paraizo!
— Do tempo d'ouro em que eu cingia ao. peito
Esse corpo de linhas harmoniosas,
De ondulantes contornos impeccaveis,
Como uma grega estatua peregrina
Que a mão de Phydias cinzelasse em jaspe!
Que roseas tardes, que manhãs edeneas
Passamos juntos! Que divinas cousas,
Cheia de amor, ciciavas, sussurrando
Aos meus ouvidos candidos segredos!
Ah! que saudades do teu beijo! Ainda
Guardo o sabor daquelles que me deste
Em hora de ventura inenarravel,
Feitos de mel do Hymeto e de ambrosia!
E' uma fonte de rosas essa bocca,
E os teus beijos são hostias de perfume
Que a alma communga em extase, de joelhos!
O' meu anjo da guarda, com que magua,
Com que delirio evoco a imagem tua
E murmuro o teu nome idolatrado
Que é uma enfiada de perolas sonoras!
Lyrio celeste, como eu te amo! Nunca
Houve um amor mais alto e mais dorido!
Do que este que em meu peito arde e flammeja:
— Estrella azul que a aurora não apaga...

Em torno de minh'alma, que pranteia,
Borboleteiam chusmas de lembranças
Como legiões de colibris radiosos
Nas tardes de ambar em redor de um lyrio...
Como um espelho magico, a memoria
Reproduz-me perfeita a imagem tua,
Traço por traço, encanto por encanto:
— Esse todo de Ophelia, as mãos pequenas
Que nas minhas viviam aninhadas,
O alvor da tez de immaculada neve,
Onde os meus beijos punham tons de rosa,

*O torrencial cabelo que eu soltava
 Para ver-te vestida d'ouro e seda,
 Tudo tenho presente, archanjo amado!
 Vejo-te ora ridente, ora chorosa,
 Mergulhando os teus olhos compassivos
 De uma expressão de magua inolvidavel
 Nò fundo dos meus olhos, onde explendes
 Como no Oriente a pulchra estrella d'Alva!
 Quanta vez, minha fronte unindo á tua,
 Prendendo-te de leve nos meus braços
 E aspirando o dulcissimo perfume
 Do teu longo cabelo desatado,
 Quantas vezes (perdoa-me, querida!),
 Te fiz chorar, cruel, vendo orvalhar-se
 O teu rosto de lagrimas preciosas,
 Para depois, cobrindo-te de mimos,
 Enxugal-as de joelhos com meus beijos!*

Que amor! que louco amor! alma adorada!

(Dos «Poemas lyricos»)

O SALGUEIRO

(Lenda)

*Não logrando acalmar o odio dos insensatos
 Que uivavam em redor do Immaculo Cordeiro
 Ordenou ao Lictor, então, Poncio Pilatos
 Que o mandasse açoitar, despido o corpo inteiro,*

*E, atado a uma columna o Mestre, entre os maus tratos
 E as vociferações do bando carniceiro,
 Sêm que batesse um só dos corações ingratos,
 Fez-se a flagellação com ramos de salgueiro...*

*Desde então ficou sendo essa arvore a mais triste
 E a mais digna de dó que neste mundo existe,
 Debruçada, a planger, ás bordas de um paul!*

*Sempre e sempre a chorar o seu viver mesquinho,
Nunca mais o infeliz pode embalar um ninho,
Nunca mais pode alçar os braços para o Azul!*

BALLADA

*Desde que vieste, foragida
Estatua da Hellade pagan,
Quebrei a lyra enternecida
Em que gemia como Ossian.
Minha esperança não foi van!
A illuminar meu paraizo,
Explende a estrella da manhan,
A doce luz do teu sorriso!*

*Si a tua fronte enlanguescida
Beijo num gesto de galan,
O olhar me volves, commovida,
Do rosto em purpura a maçan.
Em em tua bocca de roman,
Onde alvas perolas diviso,
Fulge uma gemma em brilho irman:
A doce luz do teu sorriso.*

*Tu és o sol da minha vida!
O teu amor de castellan
De um antro faz jardins de Armida
E dá-me a força de um titan...
Eis-me, afinal, na Chanaan
Dos sonhos d'oiro, onde improviso
Loas a Deus e odes á Pan,
A' doce luz do teu sorriso!*

OFFERTA

*Será de espinhos amanha
O chão de flores que hoje piso,
Si me faltar, Aldebaran,
A doce luz do teu sorriso!*

GUSTAVO TEIXEIRA.





O ROUBO DA CRUZ PRETA

Ao leitor de hoje, contemporaneo de Sherlock Holmes e do cinema, o titulo suggere a idéa de complicado romance policial. O facto se deu, porém, ha noventa annos, antes da photographia e dos heroes de Conan Doyle: é pura e simplesmente a mais remota troça de estudantes de que ha noticia em São Paulo.



rua Quintino Bocayuva, assim denominada por força da resolução de 16 de novembro de 1889, pela qual os srs. edís quizeram galardoar um dos fundadores do regimen recém-nato, teve em 1780 o nome da rua do conego Thomé Pinto, em 1809, rua do Principe, homenagem ao futuro D. João VI, de algum capitão-general desejoso de agradar sua alteza. Mas o povo não acceitou o novo baptismo: só conhecia a rua da *Cruz Preta*. Entre 1800 e 1828 deve-se fixar a data da erecção. Ignora-se que assassinato devia commemorar. O costume, ainda commum no interior, e corrente aqui, como era no tempo, fez surgir em S. Paulo outras cruzes: a Santa Cruz dos Enforcados, em memoria do Chaguinhas; a do Pocinho; a da rua das Palmeiras; a Santa Cruz do Piques, que era a mesma Cruz Preta. Na rua de S. José, no lugar onde Libero Badaró foi atirado, logo tambem a piedade popular collocou uma cruz. A Santa Cruz do Piques (pasmem os amigos do passado!) já não existe.

Tivemos curiosidade de vel-a: o objecto de supplicio estava fadado para tristes fins. Depois do banho no Anhangabahu', desapareceu, e foi, quem sabe, levada ao

fogo para cozer o macarrão de algum carcamano amigo de nossas tradições. Hoje só existe a capellinha. Segundo informação por mim colhida, foi habitada por gente de má nota e é alugada agora como parte de um cortiço.

Os rapazes do Curso Jurídico, ao tempo em que me reporto, não raro desmentiam o proveito das lições. Partidários de Proudhon, frequentemente contrariavam o direito de propriedade, exercendo rapinagem sobre cabritos, peru's e gallinhas. Até o lindo veado de ouro, emblema de uma pharmacia allemã, na rua de S. Bento, desapareceu mysteriosamente. Graças a este suggestivo annúncio, estampado no *Correio Paulistano* o sr. Schumann pode reaver o emblema: «Pharmacia Veado de Ouro, rua de São Bento. O ILLMO. SR. LADRÃO, que, na noite de tantos, levou do frontispicio deste estabelecimento o veado dourado que lhe servia de emblema, terá a bondade de vir ou mandar restituir, nesta casa, á rua de S. Bento n.º tantos. Garante-se absoluto segredo e uma gratificação de 50\$000.»

Não se reproche muito aos moços darem-se á pratica de taes actos. S. Paulo era triste, pequenina, queda como uma cidade belga. Os estudantes para não morrer de tédio, e soffrer menos o contraſte da cidade centenaria e sua estuante mocidade, faziam de vez em quando a sua pandega. Quem applaudirá o rigor com que o cons. Pires da Motta, specimen paulista «daquelle antigo typo fradesco e bruto», de Coimbra, perseguiu os rapinantes? chegou a mandar amarrar um que resistiu á prisão. A tradição perdura, menos honrosamente conservada do que outras. Neste S. Paulo actual, de fabricas, chaminés e «industrias reunidas» ainda houve estudante que surranteou a mumia, vestal caricata do templo do direito. Como havia de tremer de indignado o Pe. Vicente Pires da Motta, ao ter, no outro mundo, noticia do rapto!

Em 1829 os estudantes roubaram o grande madeiro da rua do Principe, e o deitaram ao Anhangabahu'. E' a mais remota troça de estudantes de que ha noticia. O facto era vagamente conservado pela tradição. No precioso livro «Reminiscências e fantasias», encontra-se a compfeta descripção feita por uma testemunha de vista. O visconde de Araxá, estudante em 1829, refere pormenores inéditos e extremamente interessantes. Transportar essa descripção para a nossa prosa incolor, seria destruir o encanto que possui o menos conhecido e mais engraçado chronista da velha Paulicéa. Veremos ao depois como é possivel glqsar o valioso depoimento.

* * *

«A rua de S. Paulo, a que me refiro, tirava a sua denominação de uma grande cruz pintada de preto, que existia em uma esquina, e cujos braços excediam á altura das sacadas do sobrado, ao qual estava encostada. O povo tinha grande fé com essa cruz, e ahí resavam á noite e faziam grande festa no dia 3 de Maio.

No meu tempo morava nesse sobrado uma familia numerosa, de que fazia parte certa moreninha de olhos vivos e buliçosos e que muito attrahia as vistas dos que por ahí passavam. Nunca aquella cruz teve tantos adoradores.

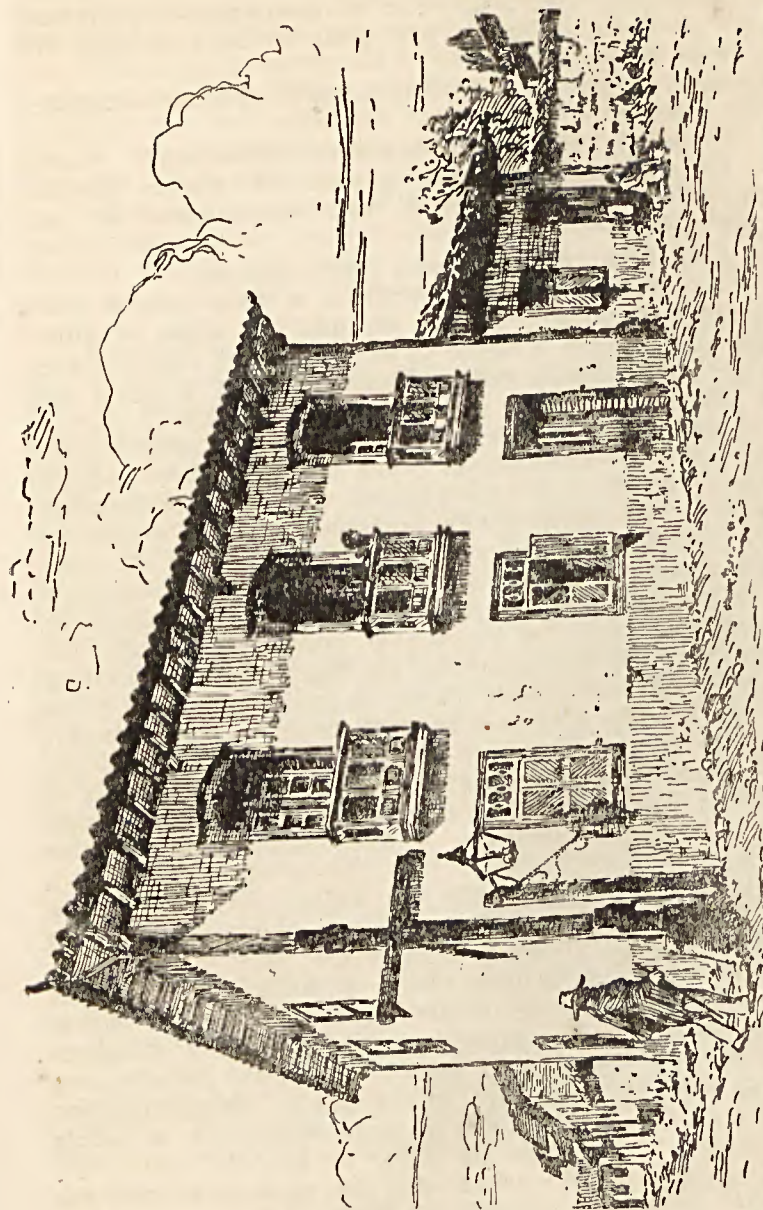
Bem ou mal fundado, correu um boato de que um feliz maganão trepava todas as noites pela cruz, saltava, sobre a janella da direita, e só se retirava ao romper do dia. Isto revoltou a estudantada.

O estudante em geral bem pouco se importa com as theses de moral, e com as cruzes brancas, amarellas ou pretas; mas naquelle caso, onde entrava talvez alguma dósezinha de inveja, manifestou-se geral indignação contra o maldicto que assim profanava o sagrado lenho. Se fosse por alguma velha, ou por alguma escrava da casa, paciencia: mas pela moreninha, a quem mais de um tinha dirigido embalde sonetos e madrigaes, era uma immoralidade imperdoavel, que excedia as raías do desaforo. Cuidado com o estudante quando dá para proteger a moral. Ninguem pôde com elle!

Reuniram-se alguns estudantes e combinaram sobre o melhor modo de pôr cobro áquelle escandalo.

O conciliabulo foi presidido por um estudante de vinte e tantos annos, que veio de Coimbra, concluir seus estudos em a nova Academia, e que era um oraculo para os outros, já pela idade, já pelo brilhante talento, e já por ser um laço de união entre a nova e a velha Coimbra. Este veterano tomou a si formular o plano, e fê-lo com mão de mestre, distribuindo os papeis, prevendo e providenciando todas as minudencias de modo a não haver hesitações no campo de batalha. Era uma noite, a horas mortas, luar claro como o dia, cerca de trinta a quarenta estudantes escolhidos dirigiram-se ao lugar ajustado. Uns subiram como gatos, e da janella ataram fortes cordas aos braços da cruz enquanto outros serravam o pedestal rente com o chão. Concluida o operação os de cima foram descendo o pesado lenho com todo o vagar e silencio. Posta a cruz no chão, começou a parte mais laboriosa, a condução daquelle immenso madeiro, pesado como ferro. Quan-





A famosa Cruz Preta, da Rua do Príncipe, em S. Paulo, (hoje Rua Quintino Bocayuva) cujo furto se considera a mais remota troça dos estudantes paulistanos.

(Reconstituição de Wash Rodrigues)

do os vedetas avistavam alguma patrulha, davam signal, e nós punhamos, quero dizer, e os carregadores punham a carga ao chão, deitando por cima os seus capôtes, e sentando-se sobre elles.

Quando chegava a patrulha, perguntava invariavelmente o commandante:

— O que fazem aqui os senhores estudantes?

— Estamos, respondia um, gosando do bonito luar, e recordando a nossa sabatina de hoje. Que lindo luar, camarada!

— Está bom; mas não vão fazer alguma.

— Nós somos cidadãos pacíficos, e mais pacatos que um «guarda nacional». Alguns de nós até estão se preparando para frades, e desde já se comportam com a mansidão de quem espera obter algum dia, com a ajuda do santo refeitório, o mais reverendo dos cachaços!...

Os da patrulha riam-se recebiam muito contentes alguns cigarros, e continuavam o seu passeio policial. Quasi ao romper do dia, os carregadores chegaram extenuados de forças á beira do rio, e nelle lançaram o grande madeiro.»

Célere correu a noticia do desaparecimento da cruz. A rua encheu-se de beatas que commentavam e explicavam o facto. A mais assanhada era uma velha, lavadeira do chefe da expedição. Logo foi procural-o, contou-lhe o caso extraordinario, e o malandro do estudante disse então que em sonhos vira um grande clarão na rua e quatro ou cinco anjos carregando a cruz com canticos e louvores ao Altissimo. O milagre foi logo conhecido de toda a cidade, e o numero de anjos elevado a centenas. Dias depois o Manoel da Ponte encontrou e recolheu a cruz. Tanto maior foi o desrespeito, quanto o Anhangabahu' tem o diabo no nome.

Tivemos certo escrupulo em copiar textualmente a confissão do cumplice, pelo modo por que se refere aos dois personagens. Fica ao criterio do leitor descontar o accrescimo de *fantasia* com que o autor salpicou as suas *reminiscencias* sem suppor que, passados noventa annos, um curioso de cousas velhas, havia de identificar os namorados. Porque, de tudo, o mais interessante seria descobrir esse typo tão brasileiro de moreninha, de cujos labios pendiam os corações de uma geração academica, a Julieta de S. Paulo, e o Romeu da «Cruz Preta».

Se soubessemos qual a «familia numerosa» que em em 1829 habitava o sobrado da esquina; se soubessemos que uma moça da familia casou-se nesse anno com um estudante, sendo o enlace precedido do romantico episo-



dio de ser o noivo surprehendido «tentando» escalar as janellas da casa, segundo a tradição; havendo coincidência das datas, — parece que nenhuma duvida pode restar.

Imaginemos, custa tão pouco! — que o plano de frei Lourenço surtisse effeito, e Romeu e Julieta, com todo o prosaismo da realidade, tivessem recebido no altar a benção nupcial. Qual seria o fructo desse hymeneu? Um trovador poeta, romantico sonhador...

No sobrado, que existe de facto, sem jardim, como a casa imaginaria de Verona, morava o conselheiro Joaquim Ignacio Silveira da Mota.

* * *

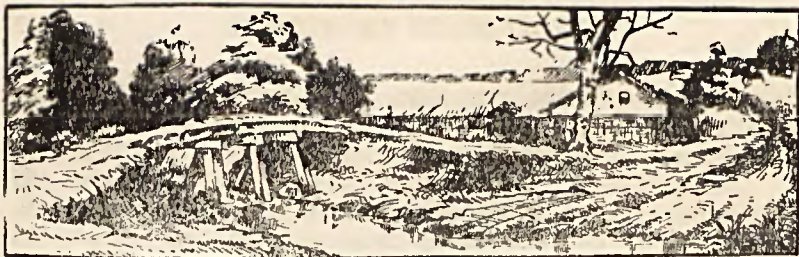
Na noite de 14 de Novembro de 1829 ardiam em chamma de festa os cirios da igreja de Santo Antonio. Pelas oito horas repicaram os sinos: era o cortejo. A noiva, um Murillo descido da tela, os cabellos negros cacheados, afaçando o alabastro do collo, manejava com donaire as saias de grande rôda, do vestido vindo da Côrte. Vinha pelo braço do pae, solenne desembargador, muito escanhado, afogado em collarinho de gomma, orgulhoso da commenda de Christo. A' cauda do par, o noivo de casaca e botões doirados, grande cartóla de abas arqueadas; testemunhas e convidados. Havia flores nas mantilhas, sobre o cabelo das mulheres á moda espanhóla. Um silencio. Ouvio-se até o crepitar das vellas. O padre lançou a benção. De novo se forma o cortejo, e deixa a igreja subindo a rua Direita. E enquanto o menino do côro empunha a mão de judas para apagar as veílas, o padre na sacristia, abrindo o livro 4.º dos casamentos, escreveu á pagina 221, em cursiva caprichada:

«... com licença do Excellentissimo Senhor Bispo, e dispençadas, pelo mesmo todas as diligencias, convindo o Illustrissimo Pay da contraente, em presença do Reverendo Padre Francisco José de Almeida, se recéberão em matrimonio, por marido e mulher, com palavras de presente, Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e Dona Maria Luiza Carlota Silveira da Mota.»

Em uma sala do sobrado, com janellas deitando para a rua, dois annos mais tarde nascia um menino que na pia baptismal teve o nome de Manoel, e em vida se chamou Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

V. DE P. VICENTE DE AZEVEDO





O SALÃO DE 1919



SENTADO deante do quadro *Os inconfidentes após a condenção*, do pintor Almeida Junior, estava um senhor roliço de fraque, com uns botões d'ouro no colete de flanela branca, amoldado com justeza ao ventre bojudo ... Tinha por baixo dos bigodes bastos e retorcidos a ferro de frizar, um sorriso sincero e basbaque. As mãos pelludas e abrilhantadas se espalmavam sobre as coxas gordas. O olhar parecia fixar o infinito e da bocca aberta sahia um oh! de immensa admiração...

Fixei o homem e observei o quadro.

Admiravel é este Brasil! Apesar da grita constante, eterna e impertinente a comissão organizadora de nossas Exposições de Bellas Artes não toma o cuidado indispensavel e justo, de organizar certamens dignos de nosso brilhante passado artistico.

A impressão que deixa a orientação da comissão, é a da necessidade de se encher com quadros e mais quadros, estatuas e mais estatuas as salas da Escola de Bellas Artes destinadas a exposições annuaes. A quantidade domina sempre a qualidade. Parece necessario expôr muito, expor tudo, seja bom ou seja máo.

Dizem que a comissão recusou este anno 60 % dos trabalhos que se apresentaram. Se tivesse recusado 90 % ainda seria necessario fazer uma selecção para que o salão fosse o *succo*, como certamente qualificaria alguma melindrosa de nossos tempos ...

O lamentavel, porem, é que o Sr. Almeida Junior não podia expor um trabalho como o referido onde a desorientação é total, as figuras forçadas, desequilibradas e mal des-

tribuidas, o colorido sem vida, a expressão das phisionomias falsa. Dizia o dono de um espirito maldoso que me acompanhava na visita que a impressão que lhe davam as figuras angustiadas do quadro, não era a do infortunio e angustia de uma morte proxima, occasionada por um laço de corda apertada ao pescoço, mas sim a da imminente queda fatal de todas ellas, pelo plano inclinado da prisão, que certamente os atiraria ao inferno. E como não tivessem onde se agarrar levantavam as mãos na esperança de se poderem salvar, agarrados ás suas proprias almas ...

A minha impressão, porem, não é esta. O Sr. Almeida Junior certamente fez o seu trabalho com pressa, sem estudar, nem meditar na responsabilidade do seu já não pequeno renome de artista. E' por isso que lamento muito sinceramente que se tenha apresentado tão mal ao salão deste anno.

Aliás, todo o salão é fraco, principalmente na secção de pintura. Falta originalidade, cultura e estudo á massa forte dos nossos pintores; com valiosas excepções a maior parte emprega uma technica outorgada e não tem personalidade. Os assumptos são geralmente banaes e sem interesse.

Destaco dos que não fazem parte desta cohorte, os irmãos Timotheo, ambos trabalhadores anciosos de engrandecerem com talento e esforço constante, o justo renome grangeado. Arthur apresenta, entre outros, um retrato bastante curioso e original. Nota-se que o artista é dono de um pincel vigoroso e pessoal.

O mesmo acontece ao seu irmão João. Dos tres trabalhos que expoz — *Aprendiz, Paysagem e Lendo* o que mais agradou ao meu espirito foi a — *Paysagem* — onde uma orgia de tinta amarella dá uma impressão curiosa e inedita. Só pode aliás, carregar assim nas tintas, desassombradamente, quem é senhor de seu officio e sabe o que está fazendo.

O Snr. André Vento apresentou um trabalho de grande vulto — *Anjos* — conseguindo dar-lhe um suave tom de nevoadas compacto. Apesar de não agradar a disposição um tanto forçada de algumas figuras, o quadro do Snr. Vento é original e está arrojadamente executado.

Coelho Magalhães, que no salão do anno passado apresentou um excellent retrato, este anno expõe *Ao entardecer*, quadro pintado com emoção e arte, o que lhe valeu o premio Galeria Jorge. Com o brilho de sempre Car-

los Oswaldo, talvez o mais *artista* dos pintores novos, expõe dez trabalhos.

O que, porem, me pareceu mais delicado e que talvez tenha passado despercebido por estar mal collocado, é seu *Estudo de cabeça*, aquarella muito esbatida e suave. Pena é que o artista não tenha exposto uma das aguas-fortes, em cuja arte é mestre.

Outre pintor de muita personalidade é o Sr. Leopoldo Gotuzzo. O colorido de suas *paysagens* é sempre vivo e ha sempre nellas um raio de sol de verão... A influencia dos *paysagistas* hespanhóes, foi benefica para a arte de nosso patricio. Elle eompreendeu bem a eôr do eeu do sul da Hespanha e da França e a transmite com fidelidade e emoção... Os *Nús* do Sr. Gotuzzo tambem são suggestivos e bem feitos. *Nu' de mulher* e *Estudo de nu'*, são dos melhores trabalhos do salão. As posições que escolhe para seus modelos, não são das mais faceis mas consegue impressionar o observador, pois a carne de seus *Nús* é sempre viva, quente, real...

O Sr. Antonio G. Bento é uma marinhista que se impõe pela maneira tambem pessoal de pintar e é dos melhores expositores deste anno. O mesmo não acontec com o Sr. Carlos Baliester, cujas marinhas parecem erômos impressos em papel *couché*...

Antonino Mattos premio de viagem de 1914, lucrou seriamente com o que aprendeu nas plagas europeás. Expõe nada menos de quinze trabalhos de esculptura e sete quadros. Em qualquer uma das duas artes o Sr. Antonino Mattos é admiravel. Prefiro-o, porem, como esculptor.

E' diffieil citar o melhor trabalho. De memoria lembro-me de *Tendresse* — terra eota delicadissima, *Estudo de expressão* — gesso muito bem trabalhado e muito suggestivo, e *C sentimental*, outro gesso optimo.

E' um artista de talento e de imaginação, os motivos de seus trabalhos são sempre elevados. Deve possuir, um espirito que fôra nas alturas familiar aos sonhadores e eleitos da arte...

Como pintor é emocionante e ealmo: *dia de inverno*, *Manhã fria* e *Effeito de sol* bem o demonstram.

Confirmando o seu bello nome de artista o Sr. Carlos Chambelland, se apresenta com dois retratos, muito bons e elegantes.

Podemos ainda eitar o Sr. Eugenio Losso, cuja interessante *Paqueta* é um curioso typo de hespanhola morena de olhar intelligente e esperto; o Sr. Lucilio de Albuquerque cujo quadro os *Primeiros frutos* é de uma feitura fôra

de commum, tem vida e alma e confirmam a mão de mestre de quem o pintou; Antonio Rocco, que é um pintor firme e também tem personalidade, e, finalmente, o bisarro Sr. Helio Seelinger inconfundível na riqueza de suas extravagancias. Apresenta este anno, entre outros, duas paysagens *Jacarépaguá* e *Leblon* que são das curiosidades aproveitaveis deste fraquissimo salão.

* * *

A grande medalha de ouro foi conferida ao Sr. Carlos Reis, illustre pintor portuguez, que bons ventos trouxeram á nossa terra.

Apresentou-se o Sr. Carlos Reis com dois trabalhos. *As commungantes* e o *Retrato de Melle. I. C.*

O primeiro dos trabalhos citados já havia sido exposto e admirado, no Gabinete Portuguez de Leitura, onde o artista fez uma maravilhosa exposição, incontestavelmente das melhores que nestes ultimos tempos temos tido occasião de examinar. E o *Retrato de Melle. I. C.* é incontestavelmente o melhor trabalho e muito se distancia dos poucos que podem ser classificados de bons.

Por ser muito superior a tudo o mais que foi exposto o trabalho do Sr. Carlos Reis impressiona o visitante e quem o observa com cuidado, reconhece facilmente a alma sensibilissima de quem o pintou. O artista não é mais um moço e ali está para confirmal-o, alem de seus cabellos e barbas brancas, o seu filho, o pintor João Reis, que apresentou ao «Salão» um vigoroso retrato a carvão, onde o traço firme e elegante, é uma clara demonstração de afinidade que existe entre a sua alma e a de seu pae e mestre.

Apesar de não ser um moço Carlos Reis está no apogeu de sua gloria de artista e cada trabalho que executa é a confirmação de um talento poderoso, amadurecido no labôr diario de uma vida perenemente dedicada a uma arte nobre, elevada e eterna.

O retrato que expõe o Sr. Carlos Reis é dos muitos feitos pelo artista, depois de sua chegada ao Rio. E' portanto um de seus ultimos trabalhos. A mocidade e a vida que o pincel sabio do artista imprimiu a tella, é palpitante e encantadora.

* * *

Pedro Bruno obteve o premio de viagem, distincção também muito merecida.

E' elle um artista cujo periodo trabalhoso de dedicação á sua arte, o recommenda á admiração de todos. A gran-

de tela que expoz, *Patria*, só Deus sabe o que lhe deve ter custado de sacrificios para pintal-a.

Cheia de bellas qualidades, como sejam o colorido, a luz, o motivo e o acabamento do trabalho tem para mim dois defeitos, um dos quaes não cabe ao pintor, mas sim ao meio em que trabalha, onde tudo falta para a execução de um grande quadro. São estas observações simples reparos que em nada diminuem o valor global do trabalho, nem diminuem a minha admiração pelo artista. Em primeiro logar nota-se a má disposição de algumas figuras que compõem o quadro e em seguida o facto de ter sido necessario servir-se do mesmo modelo para quatro figuras differentes.

Ha porem um ponto de ordem moral que muito eleva na admiração de todos o Sr. Pedro Bruno.

Desse quadro disse Coelho Netto:

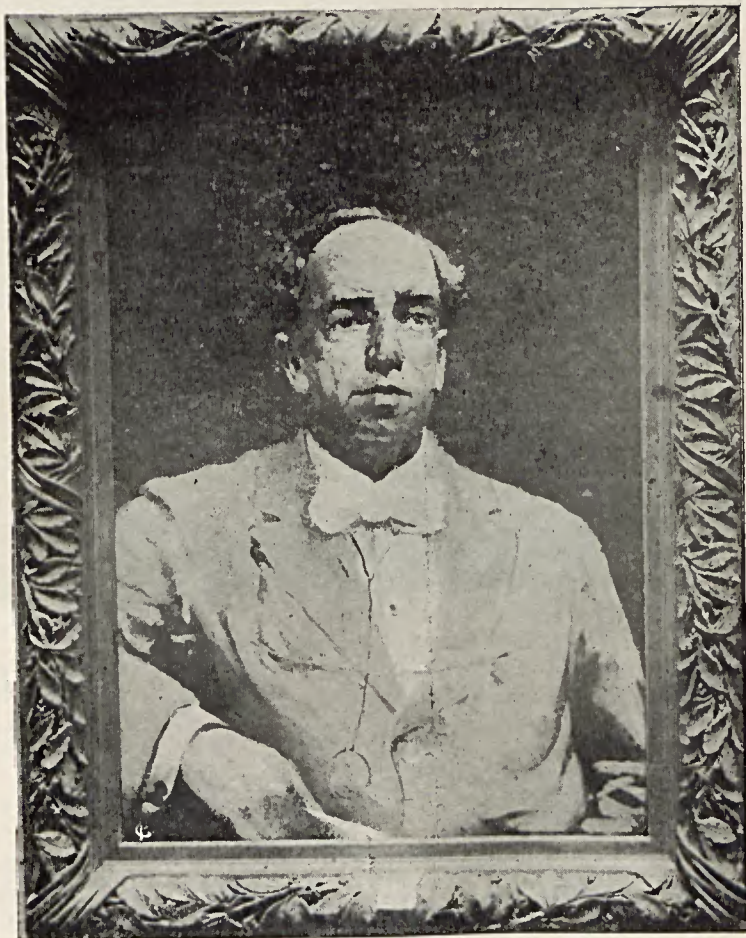
«E' na Belleza, que a alma paira, e para ella que se eleva em surtos anciosos fugindo ás repugnancias que, a cada passo, se lhe deparam na vida. No seu quadro o que logo, á primeira vista me impressionou foi, como direi? o invisível, a espiritualidade que se evola do assumpto, como essa translucida vibração que sóbe dos campos aquecidos nos dias de grande sol.

Ha ali um formoso poema, cuja idéa em vez de estar disposta em versos eloquentes, reluz em cores; que, em vez de imagens, apresenta figuras; que, em vez de soar em rimas raras, esplende em luz.

E' o interior de uma casa pobre, aberta sobre um horizonte largo e luminoso. Um grupo de mulheres marcando idades várias, ajusta e cose os pannos de uma bandeira immensa.

Ha em tal trabalho alguma coisa de mysterioso que faz pensar em rito. Eil-as ali, as mulheres, compondo um ideal e cada uma d'aquellas lavrantes é um typo: esta, de madeixas brancas, rosto engelhado, olhar amortecido e baixo, fixo na pedra lareira, é a tradição; a que se assenta nas raizes, e distribue serenamente a ordem, aquella que trabalha a sorrir, com os olhos illuminados, em pleno viço, loura de sol, com as faces como rosaes, é a primavera da casa; outra, além, é a maternidade feliz, com o pomo do collo farto na flôr de uma pequenina boca. Aqui, a velhice somnolenta, adiante a infancia brincalhona — dois polos de indifferença, o do esquecimento e o da ignorancia, e, entre extremidades taes, as costureiras do symbolo, as mulheres compondo o pavilhão ainda em terra, mas já ondulando em alores de vôo.»

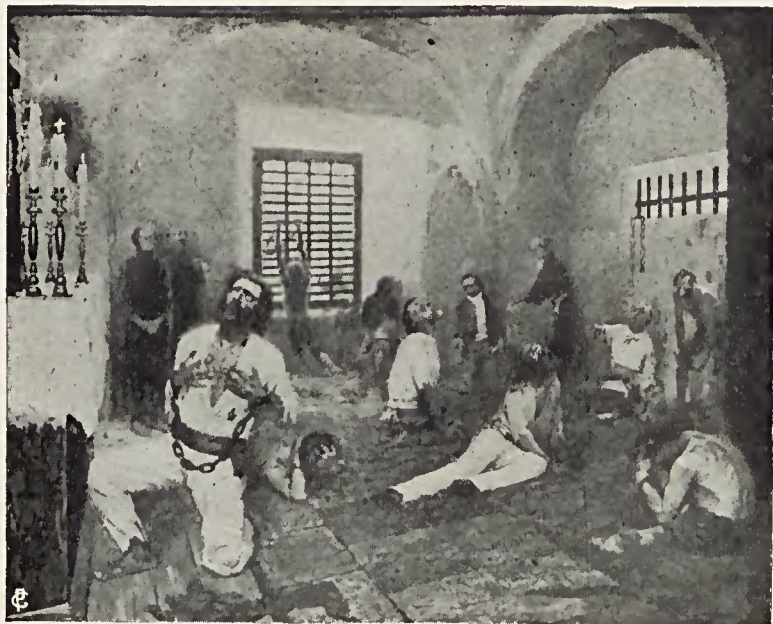
SALÃO DE 1919



Retrato do actor Barboza

Oleo de A. Timotheo

SALÃO DE 1919



Os inconfindentes após à condenção

Oleo de Almeida Junior

Como paysagista, quem mais elogios merece é o Sr. Levindo Fanzeres. As suas paysagens são bellas e entristecem.

Ha em todas ellas o ar calmo da tarde e fazem pensar no trabalho constante e exaustivo sob o sol que acaba de morrer ... *Final do Dia* suggere todas as bellezas dos crepusculos brasileiros, na sua variação abundante de côres roseas... Lembram as paysagens do Sr. Fanzeres, versos de suave saudade, meiga e consoladora.

Como nos annos anteriores Mestre Baptista da Costa se revela o grande interprete de nossa natureza.

Eu não vejo na obra do Sr. Baptista da Costa aquella *impassibilidade da perfeição* notada pelo espirito encantador que é João Luzo. As paysagens de Baptista da Costa tem o dom de me emocionarem profundamente e não me arrependo nunca de perder horas admirando-as.

Já não faço o mesmo diante das paysagens de seu discipulo Paula Fonseca, a quem o mestre não conseguiu transmittir um pouco de sua alma emocional. A *colheita de capim* parece um brinquedo de criança: tudo muito bem arrumadinho e muito durinho ...

Delicadas e suggestivas são as minuciosas paysagens do Sr. Alvim Menge, que em quadros de um palmo de tamanho consegue maravilhas de arte.

Mas, são poucos, muito poucos os nosso paysagistas que merecem attenção e estudo. E isto é incompreensivel. Nenhum paiz, mais do que o nosso, possui melhores qualidades para os olhos de um pintor. A belleza natural de nossa terra, a exuberancia exaustiva de nossa natureza formidavel, o azul incomparavel de um ceu eternamente bello, raramente encontram interpretes ficis e emotivos.

Nestes ultimos annos, quem melhor sentiu a nossa terra e as nossas montanhas, foi um estrangeiro: Granner.

O proprio Parreiras, ultimamente preocupado em se tornar figurista, o que é um erro imperdoavel, raramente nos mostra aquellas paysagens bellissimas, que foram das minhas melhores e maiores impressões de arte.

Este anno o quadro que expoz, *Agonia*, bem o demonstra. A féra ferida é secundaria e a paysagem que a envolve já não tem aquelle poder de impressionar como os anteriores. O verde não é o verde escuro de nossas mattas, caracteristico e inconfundivel.

Das expositoras a que melhor se apresentou foi a Sra. Georgina de Albuquerque. *Duvida* é um quadro que deve falar á alma de todos os que amaram.

Notamos ainda a Sra. Sylvia Meyer, com tres *pasteis*

bem cuidados, a Sra. Regina Veiga com um bom retrato e a Sra. Amélia S. de Oliveira com um *Moinho* bem pintado e com bons efeitos de sombra e luz. O melhor trabalho, porém, desta expositora é na sessão de escultura, uma cabeça de creança, *Prestando atenção*. E finalmente a esculptora Maria Meyer, que expoz *Do fim da vida*, cabeça bem trabalhada.

Ha mais coragem e mais arte no temperamento de nossos esculptores. A imaginação artistica é mais ampla e produz concepções dignas de um pensamento aprofundado. A alma do artista é o principal factor de vida para uma obra de arte — o desenvolvimento do pensamento, que procura materialisar em formas harmonicas, um sonho bello ou uma emoção intima é sem duvida a origem constante das grandes obras.

Já dizia Rodin que as mulheres gregas eram bellas, mas que a belleza dellas estava principalmente no pensamento dos esculptores que as reproduziam. E é isto uma verdade. O que poderá representar numa tela ou num poema, um paspalhão sem alma, que procurasse representar as bellezas suggestivas de um crepusculo de verão ou os mysterios insondaveis de um corpo de mulher? ...

E notamos, nos nossos esculptores, principalmente nos mais novos, um grande desejo de sonhar mais alto e de sahir da curriquirice academica de fazer coisas muito bonitinhas e muito sem alma. A belleza em arte não é o bonito, mas sim o que suggere uma emoção, que faz vibrar os nossos nervos, que extasia os nossos sentidos.

Não citando Corrêa Lima que é um mestre que todos os annos demonstra de um modo positivo um progresso constante, e o Sr. Antonino Mattos, de quem fallamos acima e que tambem já é senhor perfeito de sua arte devemos mencionar Celso Antonio, Francisco de Andrade, cujo *Prometheu* é uma obra cheia de bellas qualidades, Modestino Kanto, Samuel Martins Ribeiro, Magalhães Corrêa, que expõe uma *Iguassú* encantadora nas suas linhas suaves.

O que porem mais me encantou, entre os trabalhos expostos pelo Sr. Magalhães Corrêa foi a — *Faceira* — pequeno trabalho de bronze e marmore. O sedoso do pello da panthera é visivel e ha no conjunto do trabalho alem de uma linha elegantissima, uma grande impressão voluptuosa.

O casal Pinto do Couto tambem confirma uma reputação imposta por um merito real. A senhora Nicolina Pinto



do Couto expõe uma cabeça de bronze, extraordinariamente expressiva. É um trabalho cheio de graça e elegancia.

Para finalizar esta reportagem, já mais longa do que era de desejar, devemos fazer duas referencias ultimas. A primeira a Raul Pederneiras e Luiz Peixoto, que muito bem apparecem com toda a intelligencia maldosa de seus lapis ...

E a segunda é uma menção muito especial a dois dos mais jovens artistas deste anno: o desenhista Alberto Martins Ribeiro e o esculptor Hildegardo Leão Velloso. O primeiro expõe um retrato do poeta Ronald de Carvalho, outro do pintor André Vento, e um estudo, *Duvida*.

Nota-se nos trabalhos do Sr. Martins Ribeiro, qualquer coisa de novo na feitura e na alma do desenho. O seu traço é firme a sua maneira é original e por vezes a parencença phisionomica de seus retratos é extraordinaria. A *Duvida* é uma obra prima de estudo phisionomico.

Tem-se a impressão de que os olhos do modelo estão fixos deante de alguma coisa infinitamente seria ... Uma scena do Tristão e Isolda, por exemplo ... Ha no alto a expressão de espanto e de duvida de quem receia ter comprehendido os mysterios do amor e da morte.

O Sr. Leão Velloso, como esculptor, tem as mesmas qualidades artisticas de Martins Ribeiro: principalmente muita alma.

A *Victoria da Democracia* é um difficil grupo de nu's (o primeiro feito pelo joven artista) e que demonstra bem o que poderá fazer, dentro de muito pouco tempo. Ha ar-rojo, idéa, bom agrupamento, anatomia regular, linhas energicas e expressões de angustia e de victoria no olhar dos vencidos e vencedores.

Expõe, alem disso, um *auto retrato*, que não tem de feitos e que parece incrivel ter sido executado por um moço de vinte annos.

Este busto de Leão Velloso e o retrato de Carlos Reís, são os unicos trabalhos que neste salão podem ser qualificados de perfeitos.

RODRIGO OCTAVIO FILHO



CARRILHÃO DE SYMBOLOS

A POESIA E O DINHEIRO

Magra e de um livor romântico, evidentemente a Poesia mal sustentava as forças no desprezo com que a circundava a gente material da cidade. Cantava, rimava por todas as praças e jardins, nos porticos, entre as columnatas e no baixo das muralhas. Da gente de negocio só mercadores de estofos mais finos, de perolas, de perfumes, ainda prestavam atenção á bruxa dos versos, a qual lhes embalava a alma, distrahindo-os do maço e peso da mercancia. Os outros, porém, negociantes de azeite ou políticos do forum nem supportavam mais a cegarréga do Rythmo e da Commoção. Fechavam-se até as portas dos pretorios e das tavernas quando a Poesia assomava nos atrios, com a sua lyra erguida.

Soffrendo da pirraça d'esse pouco caso, a Poesia deixara a agglomeração urbana e refugiara-se pelos ermos; e, como as estrophes que compunha não lhe fizessem nascer o trigo para os filhozes, nem cardar-se a lan de sua clamyde, vagava a abandonada excitando piedade apenas aos jaguares do monte, o manto rasgado a trapejar-lhe nas coixas e as melenas apolineas sem a bandeta de ouro que vendera a um usurario.

Ah! se errando por esses alcantis desertos, lhe fosse dado achar Dinheiro num cofre de malachita ou numa pannela de barro... Haveriam então de procurar ouvil-a...! E a Poesia, enlevada nessa visão terrena da Riqueza possivel, começou a entoar um poema de esperança.

Essa vida de Idealisação e de Canto não poderia alongar-se sem o sustento material da Pecunia. Mas, a Poesia que acabara de encontrar milhares de rubis e drachmas de prata sentou-se nas fraldas do Hymeto e começou a mo-

dular uma ode que Pindaro ditara a Baccho desavergonhadamente espichado entre os seios calidos de Eros. Devia ser o seu canto de cysne. Ia desfallecer num som murmuro de fonte o derradeiro hexametro, quando um pastorsinho, que vira a Poesia não abaixar-se para o Dinheiro, a interpellou prestemente:

— E não apanhaste as pratas e as pedras preciosas!

— Fiz uma imagem com os carbunculos e as moddas. Deixei-os. Estava lindo por sobre o verde da alfombra...

E na sua tunica esfarrapada e longa, a Poesia depusera no rochedo a grande harpa que lhe emprestara Orpheu. Voltando a recolher os drachmas e os rubis, não houve meio de encontral-os mais.

A CALUMNIA E A OPINIÃO PUBLICA

Descendo do immenso tablado em que diverte a turba com seus pinchos e arrastos de velho saltimbanco, a Calumnia dirigiu-se immediatamente ao throno de Sua Magestade a Opinião Publica.

Esta, que tem tantas cautelas para receber meros reclamantes, embaraçando-os na ante sala com filas de alabardeiros, com officiosos criados de casaca ou de galão, os quaes examinam os titulos de precedencia e até a certidão de baptismo e o titulo de bacharel de cada supplicante, mandou abrir de par em par a porta principal do faustoso salão. Mal gyrara esta nos quicios, desceu a Imperial Pessoa Sagrada e Inviolavel de sob o docel, toda fremente de curiosidade e paixão inextinguiveis. A Calumnia muito senhora de si perdeu logo a cerimonia, arregaçou as saias de peixeira e desmandou-se nos peores gestos de zabaneira honrada pelo exito rendoso de seus assaltos e theatradas.

A Opinião Publica passou com mimo sobre a Calumnia o seu manto largo e pesado de um brocado raro. E logo começou entre as duas nojosas creaturas este dialogo bastante significativo:

— Tenho por ti attracções infernacs, disse a Calumnia, abrindo a bocca de esgoto.

— E's minha filha e amo-te com a lascivia derretida dos faunos da Atica, respondeu-lhe a Opinião Publica. Tuas fórmas que mudam ás vezes em vinte e quatro horas, teu rosto em que ha o horror de Gorgona e a impassibilidade de certas mascaras de bronze, teu riso de varias gammas, teu ar desabrido de affronta e geitoso de reservas, tua insinceridade revoltante, teu espirito de pesquisa e amor ao esterco, teus modos de saltarello e rigidez de marco de

pedra, tudo me acirra o desejo malsão que me sacode as entranhas. Pago-te bem os caprichos de sinuosa e mordente, dando-te abrigo noite e dia nos meus seios de loba. E enquanto te alimento, minha filha, estrebuchos nas coegas que fazes...

O ODIO E A MORTE

Um horrendissimo bruto, que tinha o chifre frontal dos rinocerontes e o trazeiro ralado de um mono mandril, avançava bufando. Fazia tremer os mares e as montanhas. O céu tinha medo d'aquelle vil animalão que rangia os caninos á semelhança dos damnados do Orco. Os passaros fugiam e as corollas tremulas fechavam-se. A baba corria da dentuça em fios grossos de um liquido corrosivo e nauseabundo. Quem teria coragem de barrar o caminho ao monstro e procurar amaciar-lhe as cóleras transbordantes? Por vezes elle se embolava na fórma encarpaçada de um tatu' gigante, de outra feita espichava-se no corpo viscoso e longo de uma sucuriju' escamosa e elastica, de outra achatava-se em arraia fulminatoria, ou encrespava-se nas patas de um vespão venenoso e zoinante.

Andava esse pachyderma urrando, dominando os pantanaes de em volta, quando a Morte que andava com a sua foice a caça de bisões, macacos e beija-flores, deparou o extranho habitante d'aquellas paragens. E logo explicou de si para si a livida segadora. Esse é o 'Odio. Conheço-o pelo rugido e transformações da casca invulneravel. Por onde passa é vomitando e atacando. O que é delicado e tolerante corre espavorido do temeroso e assanhado Protheu. E nisso o Odio aproximou-se da Morte com a fauce aberta para a devorar. Mas, a Morte extendendo no chão de uma só foiçada o inimigo, lançou-lhe ainda por cima esta objurgatoria de triumpho:

— Porque abominas tudo?! Vou arrancar-te os dentes, meu rival! Aproveital-os-ei a embutil-os na queixada onde já me faltam os molares.

E a Morte debruçou-se a esgaravatar a bocca do Odio humano. Achou os dentes todos imprestaveis por se terem habituado até a morder as pedras sobre que ia tropeçando o Odio.

A GUERRA E A PAZ

Com a couraça amolgada pelo choque dos pelouros, a espada mais longa que a de Rhodomonte molhada em sangue fresco de todas as raças, a Guerra decidiu limpar o aço homicida pendido das mãos negras e crispadas. Aspirou o tredo paladino com fervor uma voluta de fumo que

escapava do tecto de uma granja bombardeada recentemente, e com o pé calçado de um cothurno de ferro abafou elle o fogo que ainda consumia uma pãhinha inutil.

Acabava a guerra com effeito ue fazer uma obra de tremenda atrocidade. Pisara a Humanidade como o lagareiro esmaga uma carrada de uvas. Trouxera o Universo albardado de panico e soffrimento. Na agua, no ar e sob a terra as explosões e o gaz mortifero marchavam sob o commando incomplice de um idolo anthropophago. A planta, a rocha, o homem despedaçaram-se a mais de cento e cincoenta kilometros das machinas de assassinio. O Mal tomou azas para a hecatombe, armou-se das garras da toupeira e revestiu-se das barbatanas dos peixes e da pelle dos camaleões...

A Guerra, estúpida e farta, cruzou os braços sobre o ventre abominavel onde morava a sua alma. Um riso alvar a desmandibulara até o fundo das guelas pestiferas. Burnido o montante e nada mais tendo a fazer, ella começou a esperar a Paz, concertando a corôa de louros que lhe pendia da calva e a qual estava toda coberta da poeira e pólvora das batalhas.

Quando a Paz chegou, a Guerra, enfadada por exaustão, fechou-se nesse terrivel silencio que succede aos estouros dos canhões sitiando uma praça. Então a Paz, com a mansidão dos seus rebanhos e a tranquillidade das suas searas, interrogou a carranca formidolosa do flagello, que continuava a arranjar as folhas marcescentes do seu laurel de glorias.

— Recolhes a tua ferocidade. Para que?

— Para te dar lugar, sympathica creatura.

— Amavel estás...

— E assim descanso e ganho folego. O homem ama a guerra porque descarrega os nervos abafados de irremediavel possessão. Passada a crise de escuma e de rancor, o epileptico assigna papeis e vae trabalhar, dansar e tocar flauta. Nesse tempo, és a mestra da existencia, fulgor do mundo sorridente que só pensa em crear filhos e desfiar romances... Mas quando o accesso volta, sou eu que decido a sangria reparadora e excito os borbotões da hemorragia. Demos as mãos, Comadre, sendo a minha antithese, és o meu complemento.

E a Guerra arregaçou os beiços sangrentos de hipopotamo e coçou as esfoladuras do rabo, parecendo contente de ter achado a razão do seu triumpho. A Paz enxugou os olhos furtivamente. Uma lagrima lhe alindara o azul celeste das pupillas.

ALBERTO RANGEI.



PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XIV



ESTAVA Angelo imerso em tão amoráveis cogitações quando sentiu parar um carro junto ao portão do parque. Aproximou-se então da sebe, a ver quem era, quasi certo de que se tratava de algum cliente do doutor. Chegou até a passar-lhe pela mente, como um relampago, a idéa de que fosse um emissario da casa do coronel Vieira. Estugou o passo, levando as mãos aos olhos, em concha, para os defender da luz e poder enxergar a distancia. Qual não foi a sua admiração ao ver descer de um tilbury o mesmo individuo em quem pouco antes havia pensado — o redactor da «Vida Nova», o homem-furacão que na vespera o procurara em companhia de Pataracchi e ficara de tornar ao dia seguinte pela resposta definitiva ao convite que lhe fizera.

Estranhou com razão que a visita annunciada se realisasse em hora tão matinal. Estava, porém, com tão benevolva disposição de animo, que, ao conhecê-lo, não se agastou. Antes muito se alegrou de afinal ter com quem fallar um pouco em cousas que intimamente se relacionavam com o seu amor. Adeantou-se sorrindo, quasi pressuroso, a receber o estranho visitante.

Luciano, parado junto á grade, parecia hesitar sobre se iria ou não commetter um despropósito, apresentando-se tão cêdo. Tinha as palpebras descidas, o olhar nos pés, como quem entrava em consulta consigo mesmo. Angelo ponde-o assim observar a pouco trecho, sem ser visto. Trabalhava comprida sobrecasaca, a mesma com que o visitára na vespera. Chapéo côco, gravata preta, physionmia so-

lemne e algo compungida — o todo emfim de um homem forte, sadio e apoplectico que, de volta de um enterro, ainda não houvesse tido tempo de desmanchar o aspecto adrede composto para a triste cerimonia.

Apenas deu pela presença de Angelo, desconcertou-se todo, pois não esperava tão de prompto encontrar-se com o joven. Mas foi obra de um instante. Recobrou-se subito; procurando a linha ideal onde a extrema gravidade se póde casar com a extrema polidez. Porém vingou sómente ex-plodir, como de costume:

— Batei, batei, e abrir-se-vos-á, diz o Evangelho. Eis porque aqui está de novo ás portas da fidalga generosidade do illustre amigo o humillimo redactor da «Vida Nova», Luciano Aymoré da Penha, seu admirador e servo... Tão intenso foi o meu desejo de poder contar com a sua preciosa collaboração na pequena festa patriótica organizada pela «Sociedade Nacionalizadora», de que sou o obscuro presidente, que aqui me tem novamente em sua presença, esperançoso e quasi seguro de que a minha petição já teve despacho favoravel no alto tribunal do elevado espirito de um dos mais bellos ornamentos da nossa sociedade, filho desse bellissimo céu da Italia tão justamente cantado pelos poetas...

E Luciano prorompeu em panegyrico tonitruante, que não tardou em encher todo o parque, até então relativamente silencioso, de enorme agitação, como se, ao envez de uma bocca, alli gritassem milhares de larynges poderosissimas. Não sabia fallar naturalmente. Discursava sempre, até para razer um cumprimento. E sentia-se que era sincero, sincero até a medulla dos ossos. Sua alma era um incendio de logares communs, de phrases feitas e imagens associadas, que se chamavam umas ás outras, arrastando-o ás vezes para muito longe do primeiro pensamento. Mas via-se bem que nada daquillo era nelle postico ou hypocrita. Sua vida, seu sangue, todo o seu ser vibrava e fervia num amontoado de períodos retumbantes. As metaphoras mais cansadas e tornadas sem relevo e sem brilho á força de repetidas, achava-lhes elle o mesmo fulgor que teriam se fossem inventadas naquelle momento.

Ao cabo, como Angelo o atalhasse, convidando-o a entrar:

— Immensamente grato por sua extrema bondade, replicou com enfase. Mas hoje mesmo tenho que dar ainda innumeradas providencias para que a nossa reunião seja digna da alta sociedade que a ella vae concorrer... Oh! meu bonissimo senhor, este paiz precisa ser conhecido e

amado — o que é uma e a mesma cousa... Não fallo só da terra magestosa, da estupenda natureza, das florestas colossaes, dos ipês gigantescos, de todas as maravilhas que, do Amazonas ao Prata, brotam como das mãos de Deus, nova e assombrosa criação que enche de assombro aos que nos vêm visitar... Fallo da nossa historia, da historia gloriosa deste gigante que a Providencia nos deu por berço...

Ao fallar na Providencia, Luciano descobriu-se, e, como o effervescente entusiasmo crescesse cada vez mais, ficou com o chapéo na mão, agitando-o no ar. Tinha os cabellos revoltos, os punhos da camisa saltavam-lhe das mangas, o carão de um vermelho terroso tressuava, apesar de não fazer calor áquella hora.

Quando Angelo, depois de inumeras tentativas baldadas de fallar, conseguiu fazer-lhe perceber que aceitava o convite e se compromettia a proferir o discurso, Luciano esteve quasi não quasi estourando de tanto encarecer, por todos os modos possiveis e imaginaveis, a belleza, a grande significação, a incomparavel grandeza daquelle acto. Mas quando o italiano (tanto póde a força do amor!) achou meio de revelar-lhe que se sentia mais brasileiro do que elle julgava — pois pretendia desposar uma brasileira, o patriota, positivamente assoberbado pela magnitude do que ouvia — visto como já havia exgottado todos os adjectivos laudatorios, encomiasticos e ardentes, bem como as imagens mais inflammadas e violentas que se possam imaginar — o patriota valeu-se do recurso supremo para mostrar o vulcão de entusiasmo que tal noticia lhe abria na alma — calou-se... calou-se e estendeu para Angelo a mão suada e tremula... Olhou para o céu, cabeça sempre descoberta. Queria talvez alludir á Providencia do Brasil, ao anjo tutelar deste paiz, á divindade preparadora do futuro da patria... Seria difficil adivinhar toda a significação daquelle gesto. O certo é que foi a primeira e unica vez da vida que Luciano sentiu a inutilidade da palavra e preferiu servir-se do silencio para exprimir um estado de alma.

Sacudiu longos instantes a mão de Angelo, olhando-o fito, sem fallar. Toda a sua pessoa transformara-se num cumprimento, num parabem, num louvor mudo e infinito. Depois, acenando ao tilbury, que se aproximou, deu ao joven prolongado abraço de despedida, conseguindo então recobrar um como tenue filamento de sua voz de estentor para dizer:

— Até logo, meu amigo, meu patricio, meu irmão...



E desprendendo-se, a modo que dominado por emoção suffocante e aniquilladora, entrou apressadamente no carro, que se afastou ruidosamente, ao som de assobios e estalidos com que a um tempo a bocca e o relho do cocheiro espertavam os brios do animal.

Angelo sorria, mas ficara commovido. Afinal ia cumprir a dulcissima ordem da Maria Luiza. Faria o discurso para ella. Nunca sonhara a ventura e a gloria de vir a ter, por auditorio, tão linda e fascinadora mulher.

Ao voltar-se para a casa, deu logo com os olhos na figura molle e redonda do doutor Strauss, que assomára á porta todo mettido num amplo roupão de levantar. Já estava em pé. Despertara-o, antes da hora fixada pela solicitude de *frau* Mathilde, a voz estentorea de Luciano Aymoré da Penha.

XV

Alguns dias depois, á esquina da rua S. Bento com a praça Antonio Prado, encontrou-se Angelo com o rotundo vendeiro Lorenzo Pataracchi, que o deteve um instante:

— O snr. já recebeu o ultimo numero da nossa revista?

— Que revista, snr. alferes? — perguntou o moço, meio atordoado pelo movimento de toda uma multidão apressada que lhe redomoinhava em torno.

— *Vita Nuova*, respondeu o obtuso sujeito, com um sorriso beatifico.

— *Vita Nuova* é uma obra de Dante, snr. alferes;olveu Angelo com impaciencia. De certo quer fallar da revista dirigida por aquelle senhor com quem esteve, ha dias, em nossa casa ...

— Justo, justo... acudiu o homunculo. E, piscando os olhos, com mysterio, accrescentou, satisfeito: — E' intelligente, não acha?

— O redactor da «Vida Nova»? Certamente. Mas que é o que o snr. tem com a revista?

Aqui Pataracchi passou os dedos largos e chatos pela testa suada, como quem pensava laboriosamente a resposta. Parecia que as mais simples phrases, para se formularem naquelle cerebro, requeressem tal dispendio de energia que a todo momento lhe extenuassem as facultades mentaes.

— Sou o proprietario da typographia ...

— Ah! comprehendo. Rende alguma cousa...

— Render! protestou com aspecto de profundo desgosto o retalhista: Nem um real... Tenho prejuizo, só pre-

juízo ... Palavra de honra, já gastei mais de cinco contos com a revista... Alcançado em mais de cinco contos, mais de cinco contos ... Tenho tudo anotado... E' uma despesa enorme... Vim hoje á cidade só para tirar do banco Francez-italiano minhas derradeiras economias ... Vae tudo na revista ...

Angelo observou-o curiosamente. O carão feliz e tres-suante de Pataracchi não dizia com taes lamentações. «Mas que diabo de motivo terá este homem — pensou — para assim desbaratar o que tanto lhe custa a ganhar, com uma publicação que lhe não póde ter outro prestimo do que o de servir para embrulhos, em sua venda do Belém?»

— Mas se a revista lhe dá prejuizos, porque é que continua a sustental-a? — perguntou.

Pataracchi esboçou o seu sorriso meio velhaco, meio idiota, e disse:

— Quando começo uma coisa, gosto de ir até o fim... Sou teimoso. Depois ... é como diz o snr. Luciano... A gente deve ter patriotismo... Sou estrangeiro, mas naturalizado ... Tenho o posto de alferes... Ha trinta annos que estou no Brasil...

— Está bem, snr. alferes... Até logo...

— Até logo, snr. Angelo... Não se esqueça de ler a nossa revista... insistiu Pataracchi despedindo-se, com a a alegria intima de quem se sentia superior ao resto da humanidade.

Pouco adiante, tendo Angelo comprado a um pequeno vendedor de jornaes um exemplar do ultimo numero da «Vida Nova», entrou em um café para o poder ver com relativo socego. Abria a publicação com um artigo intitulado: «Os que augmentam a patria». Era uma especie de proclamação entusiastica tendente a levar os poderes publicos a favorecerem o mais possivel o movimento immigratorio, proclamação em que se declarava, com extraordinaria retumbancia: «Assistimos no Brasil á fermentação de um caos, onde todos os elementos erram livremente, numa agitação que não cabe na palavra humana... Sente-se aqui o violento tempestuar das forças do futuro... Aqui virão expirar as antigas divindades moribundas, corromper-se e desagregar-se os ultimos preconceitos e velharias do passado sob o patrocínio das grandes leis da Natureza... Aqui a forja, a liquefacção, a mixtura caotica, de cujo seio hão de brotar em estrellas de oiro, os esplendores e magnificencias da «Vida Nova»...

Angelo sorriu diante de taes explosões de entusiasmo. «Parece — advertiu de si para consigo — que Luciano é

quem escreve tudo, da primeira á ultima pagina. São diversas as assignaturas, mas é sempre o mesmo homem, o mesmo estylo.»

XVI

— Pois você tem paciencia para ler neste pandemonio?

Angelo alçou a cabeça. Era o dr. Luz, sempre amarello, magro, minguado, com o seu aspecto constante de fastio e aborrecimento.

— Oh! Luz, sente-se. Vamos tomar alguma cousa?

O recém-chegado, immensamente pallido, de olheiras esverdeadas, puxou uma cadeira e sentou-se, dando um suspiro de cansaço.

— Obrigado, Angelo. Não tomo café. Ando com o fígado em pedaços ... Não sei aonde irei parar com esta maldita doença. Pretendo dar uma saltada a Caxambu'. Dizem os medicos que as aguas me hão de fazer bem ... Mas falta-me coragem para vigiar ... Falta-me coragem para tudo... Esta vida de cidade mata a energia, consome a gente...

E tornou a suspirar com um torcer de labios exangues que indicava enojo, contrariedade, fadiga de viver.

— Porque é que você não se trata? — inquiriu o italiano com amabilidade.

— Pretendo tratar-me ... Mas não fallemos em minha saude. Não é tanto a saude que me incommoda. E' esta vida horrivel, este barulho enervante, esta chateza geral que nos rodeia ...

Bocejou com desgosto e perguntou, sem interesse:

— Que é o que você estava lendo? Revistas?! Pois você supporta a leitura dessas cousas chôchas e estupidas?

— Olhe ... Passe os olhos nesses dois primeiros artigos ... Veja que enthusiasmo ... Leia, para combater esse seu estado de aborrecimento ... Francamente, você precisa conhecer ao Luciano ...

— Quem? O Luciano Aymoré da Penha?

— Pois você o conhece?

— Se conheço! E' um enthusiasmo com pés de barro, uma cousa enorme, exageradissima, ruidosa e ao mesmo tempo fragil ... E' um typo de brasileiro ... Até pôde servir de symbolo ... Palavras, fogos de vista, estardalhaço; sentimentalismo, sinceridade ... e nada mais. Se conheço ao Luciano !... O diabo é que as explosões desse sujeito valem o mesmo que os meus desalentos ... Tudo são signaes do desequilibrio herdado de antepassados provindos

de um miseravel cruzamento de portuguezes com indios e negros... Quando considero a a arvore de que sou fructo e reflecto que em nada posso modificar a somma e a qualidade das forças de que sou resultante, vêjo claramente que todo esse enthusiasmo, esta incapacidade de acção, este amargor que me devora e, como a mim, a milhares de pessoas neste paiz... comprehendendo então que tudo isso são como os ultimos arrancos de uma raça que agoniza, prestes a desaparecer... Sinto dizer a verdade amarga, mas não me illudo... Somos um povo condemnado, vencido, anniquillado... vocês, os forasteiros, os novos, italianos ou allemães, é que hão de triumphar...

Emquanto doutor Luz assim dava largas ao seu incuravel pessimismo, Angelo, referindo instinctivamente ao seu amor as considerações que lhe ouvia fazer, discorria consigo mesmo que Maria Luiza, sem embargo de provir de tão confuso passado ethnico, representava um como desabrochar de linda flôr naquelle amalgama de raças dissimiles e infinitamente extremadas umas das outras. Era o esplendor, o mais raro, o mais subtil, o mais ethereo dessas rudes energias desencontradas, desses milhões de seres heteroclitos, onde ferveu e se purificou de geração em geração o sangue ardente que lhe devia de palpitar atravez do corpo longo e claro, delgado e flexuoso.

— Olhe, Luz... disse interrompendo, em som de graçejo, as jeremiadas do amigo — Quer você saber como me represento essa mixtura, *conflictos e harmonias de raças* no Brasil?

O Luz fitou-o com uma pontinha de estranheza no olhar amarellado de doente.

— Imagino um alambique monstro, onde se deitam massas enormes de substancias diversissimas... um alambique desconforme, mas que acabe em um tubo finissimo como uma arestazinha de vidro...

— Bem, disse o Luz, entre curioso e espantado — E dahi?

— Ao cabo de seculos esse alambique colosso veio a distillar uma especie de gotta radiante, a quintessencia, o que havia de bom e de bello em todas as gerações passadas...

— Ainda não percebi...

— Eu explico... continuou Angelo, rindo da figura intrigada do doutor Luz — Perdoe-me a brutalidade da imagem, de que me servi, mas você ha de permittir que eu salve da hecatombe geral de sua raça ão menos essa gotta brilhante pela qual muito me interesse e que não poderia

ver sem desespero attingida tambem da excommunhão maior que você inflinge inexoravelmente a todo o seu povo...

— O Luz quedou um momento boquiaberto como quem se perguntava com assombro se o amigo não teria enlouquecido. Depois comprehendeu:

— Ora você! Qual o estado civil da gotta? Solteira? Riram-se cordialmente.

— Quando hoje eu chegar a casa, gracejou Angelo, vou escrever uma historia altisonante estylo classico assim intitulada: «De como no anno da graça de 19 ..., na cidade de S. Paulo, Brasil, aos tantos dias de mez de tal se conseguiu fazer rir um instante ao grave e illustre doutor Luz ...»

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Adelino Fontoura

*Patrono da Cadeira N. 1
Nasceu no Maranhão, em
1859. Falleceu em Portugal
(Lisboa) em 3-5-1884, es-
tando sepultado no cemite-
rio dos Prazeres.*



Bibliographia

Não deixou livro. Encontra-se a sua produção poética nas seguintes col-
lectaneas e revistas:

1 LYRA POPULAR por *Custodio Quaresma*, 2.a edição, 1906: a) Fructo
proibido, b) Celeste, c) De rastros, d) O ninho (sonetos).

2 THESSOURO POETICO BRASILEIRO por *Osorio Duque Estrada*,
1913: a) Fructo proibido, b) Beatriz, c) Celeste, d) Attractão e repulsão
(sonetos).

3 PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA, por *Álberto de
Oliveira*, 1911: a) Celeste, b) Beatriz, c) Despedida, d) Fructo proibido, e)
Attractão e repulsão (sonetos).

4 ANTHOLOGIA BRASILEIRA por *Eugenio Werneck*, 4.a edição, 1911:
Celeste (soneto).

5 Revista do CENTRO DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES de Cam-
pinas:

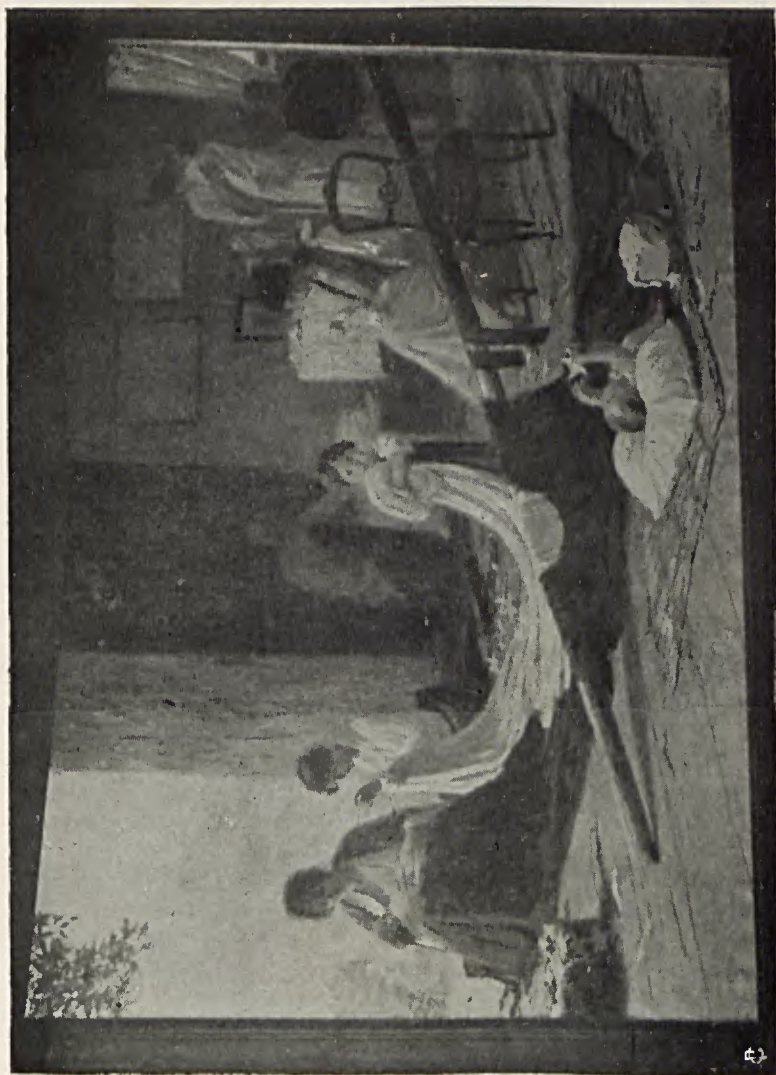
n.º 4 de 31-7-1903: Fructo proibido, Celeste, Rastro de amor, Borghi
Mamo, Beatriz (sonetos); Pomba mansa, Estrella (quintilhas).

n.º 7 de 1-7-1904: Vácuo, Supplica, Myrrha (sonetos); Estancias (qua-
dras), Triolets.

n.º 25 de 31-8-1910: Bilhete a Fontoura Xavier (triolet).

n.º 38 de 31-3-1915: Attractão e repulsão (soneto).

SALAO DE 1919



PATRIA

Óleo de Pedro Bruno

SALÃO DE 1919



PRIMEIROS FRUCTOS

Oleo de Lucilio de Albuquerque

n.º 39 de 30-6-1915: *Idyllios*, Raymundo Corrêa (triolet).

n.º 40 de 30-9-1915: *Confronto* (quintilha).

Tambem foram publicados nessa revista: *Consolação*, O ninho, Antes de partir, *Despedida*, *Memento* (sonetos); A uma menina (quintilha), o Lyceu (quadra). Teus beijos, Mulher bonita e Tu tens uns olhos, morena (triolet).

Arthur Azevedo reuniu alguns trabalhos no «Album».

Collaborou na «Gazetinha» de Arthur Azevedo, na «Gazeta da Tarde» (phase de José do Patrocínio), no «Combate» de Lopes Trovão, na «Folha Nova» de Manoel Carneiro e em outros jornaes, de 1878 a 1881.

Encontra-se o seu retrato em o n.º 38 (31-3-1915) da Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas e na Lyra popular (pag. 321).

Fontes para o estudo critico

- 1 *Coelho Netto* — «Um appello», na Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, (n.º 3, de 30-4-1903).
- 2 *Adolpho Caminha* — «Cartas litterarias», pag. 215.
- 3 *Alvaro Guerra* — «Palestras com a mocidade», pag. 119.
- 4 «Lyrica de um morto» na Revista de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, n.º 39, de 30-6-1915.
- 5 *Victor Orban* — «Littérature brésilienne», pag. 381.
- 6 *Eugenio Werneck* — «Anthologia brasileira», pag. 436.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Adelino Fontoura nasceu no Maranhão em 1859.

Como quasi todos os provincianos de então, dirigiu-se para a Côrte em busca de novos horizontes. Destinava-se á carreira commercial e pretendia fazer-se actor, mas dedicou-se de corpo e alma á vida litteraria, terçando as primeiras armas na arena do jornalismo.

Logo chegar ao Rio, estreiou na «Folha Nova» de Manoel Carneiro.

Collaborou com Arthur Azevedo na «Gazetinha», com Lopes Trovão no «Combate», escreveu em outros jornaes e trabalhou com José do Patrocínio na «Gazeta da Tarde». Como correspondente desse vespertino, foi á Pariz, commissionado pelo respectivo redactor-chefe. Ao regressar á Patria, falleceu em um hospital de Lisbôa, sendo sepultado no cemiterio dos Prazeres.

A sua producção poetica ficou dispersa nos jornaes e revistas em que collaborou.

Quatro tentativas foram emprehendidas no sentido de se fazer a collecta dos versos e prestar-se ao autor a devida homenagem. A primeira foi de Arthur Azevedo que reuniu as suas producções no «Album», publicação periodica que encerra obras de fino lavor. Mais tarde, depois de fundada a «Acade-

mia Brasileira de Letras», o estimado comediographo, sempre propenso ás iniciativas generosas, propoz a edição de um livro commemorativo, reunindo os trabalhos de Adelino Fontoura. Essa ideia não foi realisada.

A segunda diligencia coube a Coelho Netto e Alberto Faria que, na «Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas» publicaram as poesias olvidadas nos periodicos de 1882-83. Assim foi cumprida essa missão piedosa até o n.º 31-8-1910 da mencionada revista e reencetado o trabalho em o n.º de 31-3-1915, continuando-se nos subsequentes.

A terceira incumbencia foi reservada a Escragnolle Doria que estudou a individualidade litteraria do poeta e reuniu, com methodo, a sua producção, com o fim de publicar em volume, prompto a entrar no prelo.

«A ultima tentativa de publicação de suas obras foi iniciada por Alberto de Oliveira, que a communicou á Academia em 30 de Agosto de 1917. O autor do *Livro de Emma* recebeu de Alberto Faria todos os versos do poeta maranhense, em numero de 21 producções, e entregou-os a Luiz Murat, que se encarregou de fazer um estudo sobre Adelino, havendo o mesmo Alberto de Oliveira ajustado a publicação da obra com os livreiros Leite, Ribeiro & Murillo.»

Adelino Fontoura pertenceu á geração de Arthur Azevedo, Aluizio Azevedo, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Coelho Netto, Olavo Bilac, Luiz Murat e outros.

Pondo de parte os *trioletes* humoristicos, só tangeu uma corda da lyra — a do amor não correspondido. Repetiu o thema predilecto dos romanticos, subordinado á forma que caracteriza á reacção dos parnasianos.

Apaixonado por uma sobrinha de Antonio Henriques Leal, dedicou-lhe todos os sonetos, em monocordio, assimilando a tristeza que define os lyricos brasileiros.

Os seus sonetos têm o sabor camoneano, inspirado pela Natércia maranhense, em perfeita communhão de estados d'alma.

Summario para um estudo completo

Origem obscura — Difficultades de vida — Attractão pela carreira litteraria — Transição do romantismo para o parnasianismo — Os poetas que amam sem ventura — Lyra ou monocordio — Tristeza real e não affectada — Acção no jornalismo — Sonetos — Outras producções — Os poetas ineditos e obscuros — Longe da patria — Homenagens posthumas.



Luiz Murat

Fundador e actual occupante da cadeira N. 1 -- nasceu em Itaguahy, Estado do Rio de Janeiro, a 4-5-1861.

Bibliographia

- 1 QUATRO POEMAS, com prologo do autor — Rio, Typ. Hamburgo do Lobão, 34 paginas — 1885.
- 2 A ULTIMA NOITE DE TIRADENTES, poema dramatico — Rio, Typ. Lombaerts & Cia. — 16 paginas — 1886.
- 3 ONDAS, poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Jeronymo Silva e Adolpho — VII — 285 paginas — 1890.
- 4 POESIAS — VII — 172 paginas, in 8.º — Santiago, 1892.
- 5 ONDAS, II vol., poesias com prefacio do autor — Rio, Typ. Leuzinger, VIII — 284 paginas, 1895.
- 6 SARAH, poema com preambulo do autor — Rio, Imprensa Nacional, -- XX. 198 paginas — 1902.
- 7 CENTENARIO DE BOCAGE, discurso proferido na Sessão Solemne do Retiro Literario Portuguez, a 21-12-1905, — 27 paginas. Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» — 1905.
- 8 A ADMINISTRAÇÃO DO DR. NILO PEÇANHA, pseudonymo Franklin, com um preambulo — Rio, Typ. do Jornal do Commercio», Rodrigues & C., 138 paginas, 1908.
- 9 O ESTADO DO RIO NA CAMARA, discursos — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & Cia. — 72 paginas, 1909.
- 10 ONDAS, III volume com advertencia do autor — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão — 338 paginas — 1910.
- 11 FELIX PACHECO, estudo critico — Rio, Typ. do «Jornal do Commercio» de Rodrigues & Cia. — 75 paginas — 1915.
- 12 POESIAS ESCOLHIDAS — prefacio do autor — Rio, ed. Jacintho Ribeiro dos Santos, typ. do «Jornal do Commercio» — XVII-351 pags.-1917.

Tem collaborado no Ensaio Litterario (1879), A Vida Moderna, O Combate, Gazeta da Tarde, A Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio, etc., Revista da Academia Brasileira de Letras (Fluidez dos corpos espirituaes e seus phenomenos luminosos, n.º 11 pag. 65) — Almanack Garnier 1906 (Hymno á Paz) — Revista Americana (Solitudes, n.º de 11-12-1918.)

Contractou com a Livraria Francisco Alves a publicação de toda a sua obra, em prosa e verso, constando de 20 volumes, estando no prelo «Rythmos e idéas», poesias.

Encontram-se os seu retratos no 3.º volume das «Ondas», na Littérature Brésilienne de Victor Orban e no livro de Pereira de Carvalho «Os membros da Academia em 1915».

Fontes para o estudo critico

- 1 *Sylvio Romero* — Luiz Murat.
- 2 *Sylvio Romero* — Novos estudos de litteratura portugueza.
- 3 *Sylvio Romero* — Livro do centenario 1 vol. pag. 104.
- 4 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira, 1.º vol. pg. 292.
- 5 *Ezequiel Freire* — Livro Poscthumo, pag. 89.
- 6 *Medeiros e Albuquerque* — Revista do Brasil, vol. IV, n. 14 pg. 158.
- 7 *Victor Orban* — Littérature Brésilienne, pag. 344.
- 8 *Almachio Diniz* — Anthologia da lingua vernacula pag. 499.
- 9 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 485.
- 10 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia em 1915.
- 11 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 12 Prefacios e notas nas obras do autor.
- 13 *Coelho Netto* — A conquista, romance. „

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Luiz Barreto Murat, filho do dr. Thomaz Norton Murat, nasceu em Itaguahy (Estado do Rio de Janeiro), a 4 de Maio de 1861.

Sacramento Blake attribúe erroneamente o seu berço á cidade de São Paulo.

Estudou na Faculdade de Direito da Capital paulista, bacharelando-se em Sciencias juridicas e sociaes.

O poeta fez estreia em S. Paulo, em 1879 no «Ensaio Literario», orgão do Club litterario «Curso Annexo», redigido por Murat e outros preparatorianos.

Passou uma phase da vida em S. Paulo onde escrevia. Não pude descobrir além do «Ensaio Literario», os jornaes onde collaborou.

Removendo-se para o Rio de Janeiro, fundou «A Vida Moderna» e rompeu com os companheiros de geração que se aggremiavam em torno de Valentim Magalhães na «Semana». A lucta foi encarniçada, mas os adversarios resolveram emmudecer, deixando o poeta desenvolver a campanha demolidora, em artigos de critica e conferencias, sendo a attitude do reaccionario muito apreciada por Sylvio Romero.

Escreveu em muitos jornaes e revistas do Rio de Janeiro, destacando-se os que foram mencionados.

Era um intransigente em tudo e manifestava espirito bellicoso e combativo nas campanhas onde pelejava com denodo. Alem de assumptos de arte, preocuparam-n'o incessantemente a abolição da escravatura, o advento do regimen republicano e os temas religiosos.

Por accasião da revolta de 6-9-1893, redigia o jornal onde foi publicado o manifesto do Almirante Custodio José de Mello; recebeu ordem de prisão e viu-se obrigado a suspender a folha.

Esteve na esquadra revoltosa, entregando-se á prisão quando foi desvirtuado o intuito da revolução. Julgado em Paraná, foi unanimemente absolvido.

Sacramento Blake indica as seguintes poesias, publicadas pelo Almanack da «Gazeta de Noticias»: — «O Fakir» — 1888, pags. 263 a 265; «Liberdade, igualdade e fraternidade» — 1885, pags. 284 a 293; «Quadros simples», pags. 307 a 310.

Em folhetins da «Gazeta de Noticias» publicou o poema dramatico «A ultima noite de Tiradentes», offerecido ao dr. Ubaldino do Amaral, em Janeiro de 1890.

Caracterisa-se o poeta como fantasioso, rebuscado na fórma e por vezes obscuro. Dedilha a lyra do amor, quando manifesta a simplicidade dos romanticos e deixa transparecer um lyrismo delicado e meigo, ou a harpa dos temas philosophicos e assumptos históricos. E' influenciado por Victor Hugo, Théophile Gautier e outros proceres do romantismo. Na sua ultima feição, porém, soffre o influxo de Baudelaire e dos poetas symbolistas.

Em «Quatro poemas» observa-se a fonte de inspiração do poeta e nota-se a predominancia do estylo descriptivo, do culto pantheista, prevalecendo sempre a immensidade dos mares e a amplidão da abobada celeste. O poeta deixa-se inebriar pela polychromia das auroras, pelo brilho intenso do sol e a scintillação offuscante das estrellas. E quando não centempla o espaço infinito, volve a attenção para outros scenarios vastos: a superficie dos mares, a extensa faixa das praias alvacentas onde espoucam as vagas encapelladas; ou então busca a sensação do horrivel ou do tetríco: são as feras, são os gigantes, são as mumias...

A forma, ao contrario do que prega o poeta de 24 annos, é rebuscada, abusando da ordem inversa, das clausulas incidentes e dos termos campanudos. Não exerce attracção a leitura dos «Quatro poemas» nem revelam interesse os sonhos do poeta.

No poemeto «A ultima noite de Tiradentes» continúa o autor no mesmo diapasão, revelando-se, porem, algum progresso na fórma e na concepção. Sente mais directa a acção de Victor Hugo e lembra o estro de Guerra Junqueiro, principalmente nas apostrophes com que define a liberdade.

Nesse poema dramatico o heróe da inconfidencia mineira é completamente deturpado pela fantasia do poeta que nos apresenta um Tiradentes atheu, blasphemador, inteiramente falso.

Onde se accentúa a originalidade de Murat, onde a sua feição litteraria se revela, em um consorcio da fórma complicada e de exuberante imaginação, é no volume das «Ondas», publicado cinco annos mais tarde. Surge nesse livro a indole romantica do poeta, subordinando os themas de amor a um lyrismo suave e encantador, embora continuem nos outros generos, os mesmos surtos de imaginação, as fantasias irrequietas e a originalidade de estylo.

A extravagancia do seu talento poetico e a manifestação do seu espirito revolucionario recebem incremento nos dois ultimos volumes das «Ondas» e em «Sarah» onde a imaginação conquista plena liberdade, incompativel com os moldes do soneto e com os versos de poucas syllabas.

Torna-se um apocalyptic, segundo a expressão de Medeiros e Albuquerque, pois deixa-se dominar pelo mysticismo de Swedenborg, o philosopho sueco que sustenta existir a continuidade da nossa vida em outros planetas.

Foi revolucionario na arte como attestam a sua profissão de fé na «Vida Moderna» e as suas ideias expostas nos prefacios e notas e no livro sobre Felix Pacheco, definindo a sua esthetica, o seu programma de artista e, o seu credo philosophico.

Foi revolucionario na vida pratica, como demonstra em sua acção de jornalista, nas campanhas em prol do abolicionismo e na sua carreira politica.

Representou o seu Estado natal em varias legislaturas da Camara dos Deputados, inclusive no Congresso Constituinte, foi Secretario geral do governo do Estado do Rio e actualmente exerce o cargo de escrivão vitalicio da provedoria, na Capital Fedrcal.

Espirito diffuso e prolixo, sempre preferiu os poemetos e os versos alexandrinos, não se conformando com o ambito acanhado do soneto nem com os estreitos limites dos heptasyllabos.

De Luiz Murat só é conhecido um soneto «O poder das lagrîmas», tal como se observou em Victor Hugo que só escreveu um soneto dedicado a Judith Gautier.

No mundo objectivo tem o culto pantheista e no subcctivo enleia-se em um labyrintho de ideias e de pensamentos ignorados pela maioria dos homens



Summario para um estudo completo

A evolução da poesia no Brasil — Occaso do romantismo e o movimento reaccionario — As primeiras manifestações do poeta — Os autores que mais influiram na sua inspiração — Os «Quatro poemas» e «A ultima noite de Tiradentes» como ensaios do seu estro — A sua esthetica definida em um livro de critica e nos prefácios e notas — Os tres volumes das «Ondas» e «Sarah» — O criterio preferencial nas «Poesias escolhidas» — O divergente na scisão litteraria — O espiritualista e as doutrinas de Swedemborg — O jornalista revolucionario e o paladino da abolição e da republica — O politico — Astro em eclipse — Nova projecção de luz — Juizo da critica contemporanea.

ARTHUR MOTTA.





FLOR DE SAMAMBAIA — *Raymundo Kleger* — Off. d'«O Estado de S. Paulo» — 1919.

Interessado na vulgarização da literatura da Polónia entre os brasileiros, o A. que é um joven literato sulista, entendeu traduzir uma das mais interessantes novellas de Casemiro Rakowski, escolhendo para inicio *Flôr de Samambaia*, que é uma phantasia urdida sobre uma lenda muito curiosa e em voga entre as populações do centro da Europa, cheia de interesse e de poesia.

Pondo-o em portuguez, o sr. Raymundo Kegel soube conservar todo o sabor original da obra de Rakowski, revelando notaveis conhecimentos do vernaculo, ao lado de muita facilidade na exposição e muita clareza nas narrações, entremeadas de dialogos bem lançados e vivamente animados.

NATIONUM DE POTESTATE SUPREMA PRAECIPUEQUE BRASILLIAE — *M. F. Pinto Pereira* — Off. «O Estado de S. Paulo»—1919.

Dissertação apresentada no concurso ultimamente aberto na Faculdade de Direito de S. Paulo para preenchimento duma cadeira de direito internacional. O autor discorre com muita segurança sobre varios aspectos da soberania dos Estados, revelando estudos serios e per feita assimilação da materia.

Divide seu trabalho em sete partes: Noção da soberania, Da soberania internacional, Igualdade juridica e desigualdade real dos Estados, Da auto limitação da soberania, Da sociedade mundial organizada politicamente, Da soberania nacional no mundo contemporaneo e *Futura inter gentes brasilia*. Emprega uma linguagem castiça e

tersa, estylisada da maneira pessoal, tendo como características a elegancia e a extrema concisão. Já conhecido por anteriores trabalhos sociologicos, o autor revela-se com este um fervoroso cultor do direito, no seu ramo cosmico por excellencia que é o direito das gentes, e, como tal, surge á arena da alta docencia nacional como um candidato por todos os motivos dignos de attenção.

O BRASIL (Historico, Physico, Politico, Social e Economico) — *Moreira Machado* — Casa Duprat — S. Paulo — 1919.

Para uso dos alumnos das academias de commercio e estabelecimentos de ensino secundario, o sr. Moreira Machado deu publicidade a um magnifico volume de cerca de 600 paginas, as quaes encerram uma douta collecção de monographias sobre a historia, a geographia, a politica, o commercio, e todas as demais manifestações de actividade social e economica do Brasil, desde o seu descobrimento até os dias presentes.

Em estylo claro, conciso e cuidado, essas lições são decalcadas na mais severa documentação, sendo numerosos os quadros estatisticos, mappas, enchemas e confrontos interessantissimos que tornam flagrantés e facilmente assimilaveis para os jovens espiritos aos quaes se destinam as verdades e conceitos que o autor procurou transmitir.

Já adoptado como compendio official em varios institutos desta capital, o livro do sr. Moreira Machado é de molde a conquistar em breve prazo muitos outros. Asseguram-lhe esse successo a sua feição eminentemente didactica, além das muitas qualidades restantes que fazem da obra um reposi-

torio de informações preciosamente catalogadas e indispensáveis a todos os estudiosos das cousas nacionaes.

O CADETE BONIFACIO — *Zeferino Galvão* — Typ. «Gazeta de Pesqueira» — Pernambuco — 1911.

Um caso curioso este. Zeferino Galvão é um velho autor de livros. Tem publicados cerca de uma duzia e anuncia outros tantos. Redactor da «Gazeta de Pesqueira», lá imprime as suas obras, não podendo, portanto, dar-lhes a factura material que o publico pagante requer. Materialmente, não são convidativas as edições de Pesqueira; mas quem abra um destes livros e inicie a leitura, irá até o fim, fundamente interessado pelo romancista, pelo pensador, pelo sociologo exilado naquelle recanto do paiz. Sente-se o insulamento do homem, percebe-se como o hão de guerrear os «casacas pretas» da terra, aos quaes, aliás não poupa diatribes. Espirito liberrimo, acostumado a pensar por si, é de uma independencia feroz. O seu periodico traz como divisa estas palavras, que bem poucos grandes jornaes da nossa alta imprensa poderão adoptar: «Orgão livre, como é livre o mar». Dahi a seducção emanada da sua obra. Não tem escola, não tem estylo, não é propriamente um artista — e por esta falta não se erguerá á primeira plana dos nossos romancistas — mas em compensação, quantas qualidades preciosas não possui, de inventiva, de sentimento, de pittoresco, de narrador expontaneo e de paysagista sertanejol! Sua penna corre veloz sobre o papel, sem voltar atraz para compôr a phrase, preocupada apenas em vasar as idéias borbotantes. Irregular, é de um impressionante realismo em certas scenas, na maioria da sua obra mesmo, mas descamba ás vezes no mais puro romantismo.

Transparente, deixa entrever o homem atravez das novellas. Como Camillo, a sua escola é a sua veneta; intervem na scena, digressiona, philosopha por conta propria. Originalissimo, portanto, e possuidor da coisa rara, que é uma bem accentuada personalidade. Neste romance conta as a-

venturas do Cadete Bonifacio, um fogaço de S. Salvador, onde assassinará o governador das armas, general Caldeira. Bonifacio, criminoso vulgar, cobarde e despido de sentimentos moraes, afunda no sertão e por elle afóra preregrina, de aventura em aventura, todas logicas e algumas descriptas com maravilhoso rigor, apesar ou justamente por causa da rudeza das tintas. Que quadro é a pintura do Major Canuto, no seu ambiente de despota de aldeial! E que horripilante desenho de Goya é o supplicio do preto Aleixo! Este preto fôra companheiro de viagem e cumplice do cadete, que, sem escrupulos como era, aproveita um lance favoravel e o vende ao major Canuto por 300\$000 réis. O sóba queria matal-o no açoite, para vingar-se da impertinencia do preto. Narra o autor: «Rompeu o dia. Dois chicotes de couro cru', brandidos por dois pulsos vigorosos, retalhavam o corpo do Aleixo. O negro, despido de ruas roupas, deitado de bruços e amarrado sobre a mesa de um carro, gritava como um louco a cada açoite do calabrote. Havia uma hora que recebia o castigo. A principio conservou-se mudo e feroz; em seguida passou ás imprecações; quando o sangue correu em bicas, accusou desabridamente o cumplice, gritando que Bonifacio era um ladrão. Fez toda a confissão do seu crime, pedindo para ser entregue á justiça, e como visse que nem isto o salvava, prorompeu em gritos lastimosos. Quando o major Canuto se ergueu, já o negro não gritava... Tinha erouquecido, e as carnes se insensibilisaram á força do castigo. Por fim desmaiou. Um dos algozes foi procurar o major. Encontrou-o sentado num banco, debruçado sobre uma janella, ouvindo a monstruosa orchestra dos açoites. Tinha o rosto suave, radiante de alegria, e um sorriso nos labios.

— *Bença, sinhô*... disse o negro algoz, sustendo na mão direita o chicote ensanguentado.

— Deus abençõe... que queres?

— O negro já não aguenta o castigo.

— Não te perguntei por isto. Toca pr'a deantel Couro até *morrel*.

O algoz retirou-se, e a musica dos açoites continuou. Quinze minutos depois voltava o mesmo escravo.

— Morreu?... gritou o major Canuto, sem lhe dar tempo de dizer palavra.

— Morreu, *sinhor, sim.*

— Bom... deixe-me ver isso.

O fazendeiro levantou-se do banco, desceu a calçada e foi até ao lugar do supplicio. Aleixo estava morto. Olhou-o por um instante, riu-se com satisfação e disse:

— Vão *evad* uma cova no formigueiro grande, de traz do *currá*, e enterrem este bicho... Sirva de exemplo... De vocês o que *fazê* como elle, morre da mesma moda. Só tenho pena dos meus 300\$000 réis...

Os escravos obedeceram cabisbaixos.»

Vae longa esta noticia, mas ainda voltaremos ao assumpto, a proposito de outras obras de Z. Galvão, que merecem estudo e que se foram escoimadas de defeitos de fórma viriam a ser talvez a mais interessante de quantas se construíram lá pelo Norte do paiz.

CONSULTAS PRATICAS DE HYGIENE INFANTIL — *Fernandes Figueira* — Leite Ribeiro & Maurillo — Rio — 1919.

Está aqui um bom livro. Bom porque bem escripto e bom porque muito util. Pediatra emerito, com larga dose de experiencia pessoal em nosso meio, aborda o A. os variadissimos aspectos do desequilibrio da nutrição infantil e os esclarece com muito brilho. A forma de exposição adoptada foi das mais felizes. Abre os capitulos com uma consulta, como as fazem os paes. Exemplo: «*Minha filhinha, que completou um anno, somente mamou leite de vacca. Não quer mingãos nem sopas. Está bem nutrida, poren pallida. Que devo fazer?*» E em poucas palavras dá a razão plausivel do caso, usando o minimo de palavras technicas do calão scientifico. As principaes questões relativas á nutrição, á lactação e á hygiene geral da creança, são abordadas e esclarecidas neste valioso livro que, como annuncia o prefacio, é parte de uma obra de maior vulto, em elaboração, sobre a hygiene

infantil. Numa terra onde a mortandade das creanças, em virtude da ignorancia dos paes, e tambem da incompetencia dos medicos, é phantastica, livros como este devem ser recebidos debaixo de salva de palmas. As nossas aqui ficam.

NO TEMPLO DE MINERVA — *João Pedro Martins* — Off. «*Ézilda*» — Rio — 1918.

Livro desconsolador, este. Optimamente escripto, denuncia no A. uma grande competencia, um homem de bem, um sincero amigo do paiz fundamentalmente consternado com a coisa deploravel a que se dá o nome de Instrucção Publica no Brasil. Fala-se do analfabetismo dos serões, da deficiencia escolar por esses cafundós do Judas. Tem-se a imoressão de que é assim lá, nos recessos do Géca-Tatu', onde não chegam as vias ferreas. Subito, apparece um livro destes e denuncia a — tenhamos a coragem da palavra exacta — a bandalheira que é a instrucção publica... onde? Em Goyaz? Em Matto Grosso? Não! Na capital da Republica, nessa capharnaum do Rio de Janeiro!... Diz o autor:

«... na cidade fundada por Estacio de Sá, a locução *Escola Primaria* o mais das vezes dá a idéa de um antro, onde, sem material escolar sufficiente, sem regimen disciplinar e sem methodo scientifico, sob a alude desordenada de programmas e compendios didacticos, ou na inteira ignorancia dos principios physiologicos de educação a que se deve cingir a moderna pedagogia, se entibiam e deformam esses frageis embryões da intelligencia humana.» «*Numa escola em que leccionamos, até os mappas do Brasil eram fructa rara; se os pediamos para prelecção em classe, era-nos informado só haver um e esse mesmo se achava, como certos réos que a justiça chama por editos, — «em lugar incerto e não sabido.» E por ahí além vae o autor... Os governos passam, o dinheiro some-se, os programmas sumptuosos se succedem; não obstante, a instrucção popular é, na capital da Republica, uma coisa que equivale, guardadas as proporções, á coisa cha-*

mada instrução em Pilão Arcado, Chique-Chique, Duro, Joazeiro... Que tara é esta que nos vicia a ponto de não conseguirmos resolver o problema mais simples de todos e já solucionado de maneira completa em todos os paizes cultos? Será então que é verdadeira a dura sentença de incapacidade que nos tem lançado Le Bon e outros sociologos europeus? Não seremos capazes, nem ao menos, de arrancar o corpo ao atascal do analfabetismo?

BALADA DO ENFORCADO — *Oscar Wilde* — Trad. de *Elysis de Carvalho* — Typ. Rodrigues & Cia. — Rio — 1919.

No poema doloroso de Wilde ha uma palavra profunda: «Ignoro se a lei tem razão.» A lei não é boa nem má. A lei é uma engrenagem de ferro que esmaga os incautos apanhados pelos seus dentes. Wilde pertence a este numero. Esmagou-o a engrenagem do *cant* britannico. «Todas as leis, diz elle, que os homens têm feito, desde o dia em que o primeiro dentre elles tirou a vida a seu irmão, e que o mundo da diffamação começou, todas ellas desperdiçam o que é bom e só conservam o que não presta.» Wilde, apuado pela dôr do esmagamento, sentiu, presentiu esta verdade que um dia, se é que é possível o advento da Comprehensão no espirito humano, sahirá do poço e virá illuminar o valle de lagrimas biblico. A «Balada do Enforcado» é o poema mais dolorosamente sentido jamais brotado da dôr humana. Todo elle drama, mas drama psychologico, sem acção, sem personagens outros além da Dôr e do Silencio na obra morosa do apodrecimento em vida... Pobre Oscar Wilde!... A traducção do sr. E. de Carvalho é bastante fiel, embora bora peque em certos lances, meros descuidos, aliás. Ex.: «O pateo da antiga prisão dor dividas...» Prisão de criminosos por dividas, deveria ser. «Tinha á cabeça um gorro de jogar *cricket*.» Não ha gorro de jogar *cricket*, a não ser por contingencia de versificação. Na prosa tal gorro passa a ser simplesmente gorro. Mas

isto são coisinhas. Illustra o livro uma serie de desenhos symbolicos de Di Cavalcanti, uma revelação de artista que dia a dia mais se affirma como o mais original e imaginativo da nova geração.

AGUACEIRO — *Frederico C. de Andrade* — Livr. Americana — Rio Grande — 1919.

Autor já de varias peças theatraes, o sr. F. de Andrade expõe nesta ultima, de um acto apenas, uma crise de amor. A protagonista, casada por conveniencias sociaes com um homem rico que a adora, abre-lhe os olhos e confessa que não a elle ama, mas a outro; entretanto, como tem uma forte noção dos seus deveres para consigo propria, para com a familia e a sociedade, saberá conservar a linha de honestidade que se impoz. Declaração inutil: um tiro se faz ouvir nas visinhanças: é o galan amado mas repellido que se suicida, pondo assim um termo imprevisto á crise conjugal em perspectiva. A scena transcorre em dia de temporal. Ao cahir do panno o aguaceiro cessa. Cessa tambem naquella familia o temporal psychologico que num instante ameaçou derruir a «felicidade conjugal» dos protagonistas...

APONTAMENTOS SOBRE A VIDA DO CONS. J. C. DE SOUZA FERREIRA — *Mario de Souza Ferreira* Rio — 1918.

Opusculo primoroso tanto na parte material como na estylistica, onde, em linguagem nobre e concisa, se traça a biographia do jornalista Souza Ferreira, typo do homem operoso e probo. Vida sem dramas nem altibaixos, transcorreu serena, numa ascenção constante, de humilde emprego commercial em Santos á redacção do «Jornal do Commercio». Feliz na vida, é feliz na morte o Cons. Ferreira, pois que recebe homenagens como esta dos seus descendentes e os possui preclaros como o A. deste opusculo.

QUESTOES PROCESSUAES — *Lucio de Freitas* — Typ. Cardoso & Cia. — Belém — 1919.

Esmerilha o A. a questão da unificação do processo, indagando se isso não vae de encontro á essencia do nosso regimen federativo. Combate a unificação. Propugna, sim, pela necessidade urgente de transformar o processo num jogo rapido e barato de provas, que deem justiça prompta. Parece-nos que tem muita razão o A. O nosso problema primordial de povo que precisa viver vida de civilisado, é crear a peça mestra da civilisação — Justiça. Nós não a temos, que é ridiculo chamar Justiça ao simulacro indecoroso que entre nós se goza desse nome. Os nossos Codigos processuaes são um complexo de maranhas, onde o desgraçado que recorre á justiça morre de estrangulamento. Pouco, ou nada adeantará tornar comum a todos os Estados um mesmo systema de garrotear, furtar, desesperar, enloquecer as infelizes creaturas forçadas a pedirem auxilio á nossa asquerosa Themis, barregan impudica, digna filha que é da Themis colonial de horripilante memoria. Em vez de unificar o conjuncto de formas por meio das quaes Themis descoroça o paiz, cumpre dar cabo della e crear de vez a Justiça justiceira, honesta e serena, capaz de restaurar no Brasil o gosto pela vida. Porque até isto nos tirou a justiça de barrete phrygio, o gosto de viver...

HISTORIA DE S. PAULO — *Rocha Pombo* — Weiszflog Irmãos — S. Paulo — 1919.

Primorosa na factura, característica destes intelligentes editores paulistanos, o sr. Rocha Pombo nos dá um epitome da Historia de S. Paulo, rico de gravuras e mapps illustrativos. E' um resumo didactico de 120 paginas, feito com a competência que todos reconhecem no sr. Rocha Pombo em materia de Historia. Apesar da sua competenciá, entretanto, nota-se na linguagem do A. um certo desleixo, que dá lugar a confusões ou interpretações erroneas. Ex.: «O vasto problema para

a Casa de Aviz era o mundo phantastico do Oriente.» Não está vestida a rigor esta phrase. O Oriente não era um «vasto problema»; e não era um problema para a Casa de Aviz; e tambem não era phantastico, uma vez que, descoberto, visto, cheirado, apalpado e explorado. As palavras possuem um tal rigor de expressão, que o emprego falso de um adjectivo que seja, em cada phrase, prejudica seriamente a idéia. E a idéia que se pretende inocular na creança é mistér que vá para o livro medida e pesada com o rigor do chimico, sementes que vão germinar, para o resto de vida, em terreno virgem.

SOCIALISMO PROGRESSIVO — *José Saturnino Brito* — Livr. Schettino — Rio — 1919.

Brochura de 120 paginas onde o A. aborda uma série de themas relacionados ao movimento socialista contemporaneo. A guerra visou uma coisa e conseguiu outra: o surto das idéas longamente meditadas pelos idealistas que sonhavam um pouco mais de felicidade para o escravo moderno, o productor. O capitalismo está em cheque. Elle fez a guerra, para tirar partido da catastrophe. Mas perdeu a partida. Seus dias estão contados. A corrente vencedora está substituindo esse regimen victorioso até aqui pela novidade que é a socialisação das forças productoras. A idéa é generosa, tem por si todos os espoliados, e tambem os espiritos claros, abertos á comprehensão das iniquidades sociaes, em cujo numero figura com muito brilho o A. deste interessante trabalho.

PECTORILOQUIA APHONICA — *João Baptista Brasileiro* — Typ. Piratinga — S. Paulo — 1919.

These apresentada á Faculdade de Medicina de S. Paulo, esse trabalho re recommenda pela cleraza da exposição e rigor linguistico com que é escripto. Esgota o assumpto, estudando o signal da pectoriloquia aphonica sob todas as luzes, inclusivé sob o aspecto historico, desde o estabelecimento do methodo por Laennec, até ao pre-



sente, com a ennumeração das vicissitudes por que tem passado. Quem abre sua carreira com um trabalho destes tem assegurado um nome para o futuro. E' o caso do dr. Brasiliano, um caso merecedor de sinceros parabens.

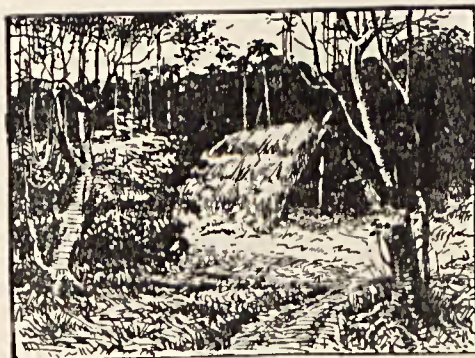
—
LIGEIRAS APRECIACOES SOBRE A CHIMICA PHILOSOPHICA DO DR. OLIVEIRA MENEZES — *Miguel Tenorio de Albuquerque* — 1918.

Se todo livro didactico, máu pela fôrma ou pelo fundo, tivesse á colla uma glosa destas, os charlatães, os incompetentes, os pedantes não surgiriam a publico com a frequencia e o topete que os caracterisam. O sr. Tenorio commenta a Chimica do cathedratico Menezes desde a primeira palavra até á ultima. E mostra, á evidencia, os defeitos de fôrma, os erros de doutrina, a confusão, o inintelligivel e o plagiato que notabilisam esse livro destinado ás escolas. Pobres escolas! Pobres estudantes! Pobre paiz este em que ao lado de exames por de-

creto ha lentes que borborigmam obras didacticas deste jaez! O sr. Tenorio analysa o compendio com um rigor de chimico; mette-o nas retortas, decompõe-lhe as partes constitutivas, pésa na balança de precisão as idéas, jóga com todos os reactivos da logica e conclue que o livro só tem uma qualidade: ser pequeno. E' o caso de se pedir ao cathedratico que cultive essa preciosa qualidade em obras posteriores, fazendo-as cada vez menores, até attingir á perfeição suprema de não fazel-as de tamanho algum.

—
LEITURA (Série Braga) — *Erasmus Braga* — Weiszflog Irmãos — S. Paulo — 1919.

Livro didactico dos mais bem feitos apparecidos ultimamente, quer quanto á materia, onde abundam idéas filhas da cultura moderna, quer quanto á factura, verdadeiramente primorosa. Não admira esta ultima feição, sabendo-se que o livro vem da Casa Weiszflog, a mais caprichosa, sem duvida, de todas as nossas casas editoras actuaes.





VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Agosto, 20 — Incendeia-se no porto do Rio de Janeiro o vapor americano «Mohegan».

21 — O Aero-Club do Rio, distribue, depois de realizadas as provas do concurso, os primeiros diplomas de aviadores internacionaes.

26 — O Conselho Superior de Ensino estabelece com o Uruguay o intercambio de professores de escolas superiores.

30 — No antigo convento da Ajuda, Rio, inaugura-se a sexta Exposição Nacional de Aves.

Setembro, 7 — Inaugura-se uma escola de radiographia no morro de Santo Antonio.

8 — Encerra-se a Exposição de Bellas Artes e Industrias Nictheroyenses, commemorativa do centenario de Nictheroy.

9 — E' lançado ao mar solenemente, nos estaleiros da Ilha das Cobras, o navio «Brasil», construido de madeira.

14 — A Camara Portugueza de Commercio vota a construcção de um tumulo onde se guardem a ossada de Pedro Alvares Cabral.

Academia Brasileira de Letras

Sob o titulo de «Notas bio-bibliographicas e subsidios para um estudo critico completo das quarenta cadeiras», o Sr. Arthur Motta inicia neste numero um valiosissimo traba-

lho de biographia, bibliographia e critica acerca dos patronos e membros da Academia Brasileira, o que vale dizer, das figuras culminantes das letras nacionaes. Vale nelle, e muitissimo, a paciencia longa e aturada que seu estorço representa, vale a erudição de bons quilates demonstrada, e vale ainda, muito, a nota de critica séria com que o enriqueceu. Ao lado do classico Innocencio — mais methodico e mais intelligente que elle, entretanto e ao lado do deficientissimo Sacramento Blake, Arthur Motta virá figurar em singular destaque, porque sua obra é dessas que fazem a reputação dum autor. Sairá mais tarde em volume e para que sáia a mais completa e perfeita possivel o autor espera que os leitores e os estudiosos em geral que acaso allí encontrem lacunas ou erros façam-nos chegar ao seu conhecimento, a tempo de serem conferidos e evitados na edição definitiva. Taes informações poderão ser endereçadas á «Revista do Brasil».

Minas e o parecer do snr. Cincinnati Braga

«Quem falar hoje em Minas Geraes porventura se lembra do mundo maravilhosos que taes vocabulos abriam aos olhos dos nossos antepassados? perguntava ha tempos um escriptor patricio em um estudo critico acerca da obra historica de Diogo de Vasconcellos. Que infinidade de fantasias radiantes não se cruzavam em suas imaginações ao terem noticia deste

milagre. Ha nos sertões do Brasil uma região cheia de vastos lenções de ouro, ouro e diamantes, ouro e esmeraldas, ouro em nunca vista abundancia a lentejoular de milhões e milhões de pintas refulgentes as margens dos rios e ribeirões, ou a sonegar-se nas entranhas da terra, donde a poder de excavações profundas, de *catas altas*, irrompe em torrentes de encher e transbordar as mais espaçosas areas!

Eis a alvorada, o immenso rebate que correu entre a gente do littoral, sobretudo na que demorava em terras de Piratininga, attrahindo para o interior das brenhas levas e mais levas de ousados batedores. Precipitaram-se á porfia para as Minas, para os tesouros das Mil e Uma Noites, — magnificas geraes estivadas de pedrarias raras e de faiscas scintillantes, tudo posto ao alcance das mãos, num sonho palpavel, tão real, que os jurispeitos da Metropole se apressaram de firmar por inconcusso o direito de Suas Majestades ás riquezas encontradas nos sub-solos dos seus dominios.»

Esse foi o primeiro descobrimento das Minas, velha historia algo triste e amarga pelo confronto inevitavelmente suggerido dessas aventuras de Jasões em bandeiras com a dureza e a escassez das dolorosas realidades de hoje. Lá se foram as barras de ouro mal quintado, as socavas diamantinas visitadas por legiões de authenticos Sindbads, as lindas, as translucidas montanhas de esmeraldas... De todo esse deslumbramento cahiramos, que não tinhamos entre mãos mais do que carvões apagados e o ameaço sempre presente das derramas vestidas á moderna pela artimanha inexoravel do Fisco.

Eis senão quando surge um mago, um transfigurador, um Merlinho perdido na Camara Federal e realisa um segundo descobrimento das Minas, mais surpreendente talvez do que o primeiro porque veiu espiritualizado por um grande ideal desinteressado e colectivo. Por obra thaumaturgica do Sr. Cincinato Braga os que haviamos deitado na vespera pobrissimos e desanimados acordámos subito millionarios, senhores e possuidores das maio-

res jazidas do rei dos metaes, não do velho ouro desthronado e entregue, ao que parece, a umas poucas companhias inglezas, mas do ouro moderno, do movimentador de toda vida civilisada — do ferro e do aço. E Minas tornou á despertar ainda estremunhada e entontecida de tão fulgurante esperanza, que fere agudamente nos olhos affeitos a deslindar fios de treva, — mas outra, mas resoluta, mas cheia de fé e prestes para a acção...

Já no congresso appareceram tres ou quatro projectos de lei sem a civa do immediatismo habitual em nossas ephemeras administrações. Já não se plantam só couves e cenouras, senão tambem carvalhos. Prepara-se o futuro, e futuro remoto. Ao amor do poder, das posições e de seus proveitos começa a succeder um tal ou qual amor á gloria. E' um bom signal, que ha de certamente encher de alleluias a alma poderosa do bandeirante paulista que pela segunda vez, desbravando as serranias mineiras, alargou até aos astros o ambito da patria.

Jornaes e Revistas

Eduardo Prado

Proporcionou-me um amigo hontem uma hora agradável, recordando-me anecdotas da vida de Eduardo Prado, um dos nossos mais finos escriptores, cuja morte deveria ter sido hontem lembrada, se aqui se não esquecessem tão depressa os nossos melhores homens de letras.

Os primeiros annos do novo regimen, e o seu famoso Governo Provisorio, tiveram em Eduardo Prado um commentador ironico a quem ainda se não fez inteira justiça.

Além do que delle conhecemos pelas suas obras e pelos raros dados biographicos que por ahí existem, ha um aspecto inedito de Eduardo Prado na sua intimidade, como jornalista, que é interessantissimo.

Durante annos elle chefiou na capital paulista o «Commercio de São Paulo», órgão monarchista, que en-

tão passou por uma phase de grande brilho.

Um dia morreu-lhe o gerente, e para a sua vaga Eduardo Prado promoveu um empregado de nacionalidade portugueza, de muito merito, porém notavel falador.

Conhecendo-lhe o temperamento, e para provocar-o a escrever no seu estylo pittoresco. Eduardo Prado mandou inserir na secção paga de outro jornal uma nota contra semelhante promoção, na qual estranhava que uma folha tão accentuadamente nacionalista, como então se dizia o «Commercio» de São Paulo», admittisse como gerente um homem que não era brasileiro.

A victima correu a queixar-se a Eduardo Prado, que lhe aconselhou a que respondesse com energia pela secção livre do «Commercio».

E assim, sem melindrar o seu empregado, e sem lhe revelar o seu *truc*, Eduardo Prado manteve com elle uma polemica que deu motivo a interminaveis risadas, tão interessantes e tão comicas eram as defesas que o seu gerente publicava!

De outra feita, um individuo, assignando o proprio nome por extenso, fez pelo «Commercio» uma declaração simples de que se ausentava de uma sociedade beneficente (dizia o nome da sociedade), da qual tinha sido um dos fundadores.

No dia seguinte, no mesmo local, Eduardo Prado fazia apparecer umas breves linhas, dizendo que semelhante declaração «trazia agua no bico», e, embora não soubesse do que se tratava, affirmava que tudo viria a publico dentro de breves dias, porque «aquillo não podia ficar assim»... E assignava: «Um que sabe»...

Immediatamente reapareceu o autor da primeira declaração, accusando os directores da sociedade de que se havia retirado, e já insinuando que um delles era, sem a menor duvida, o provocador que na vespera se occultava sob o disfarce de «um que sabe»...

E nasceu uma tremenda discussão em que os contendores se accusavam das maiores trampolinices em materia de dinheiro, enquanto os leitores do jornal se divertiam, acompanhando-os

com interesse, e entre elles, de certo, Eduardo Prado...

Quando Manoel Victorino inaugurou o Palacio do Cattete, transferindo para ali a residencia presidencial, que dantes era no Itamaraty, o «Commercio de S. Paulo» esperou em vão, á noite, que o seu serviço telegraphico lhe fornecesse pormenores dessa festa, em que pela primeira vez appareceu no Rio um carro «á Daumont».

Eduardo Prado ainda se achava na redacção pela madrugada, ao se fechar o seu jornal, e resolveu inventar os pormenores que lhe faltavam.

Descrevendo a chegada de Manoel Victorino ao Palacio accrescentou que muitas pessoas do povo, que o victoriavam, lhe haviam atirado punhados de «confetti»...

Os «confetti» eram então de invenção recente, e só usados no Carnaval.

Não faltou, por isso, quem na redacção objectasse contra o exaggero desse gesto piccaresco, no qual ninguém acreditaria.

Ao outro dia chegavam os telegrammas, para serem publicados no outro numero do jornal, narrando o que de facto se havia passado, e lá vinha a noticia de que, realmente, o presidente da Republica havia sido coberto de «confetti»...

Eduardo Prado exultou. E rindo, exclamava:

— Ah! está! Não se póde imaginar um ridiculo que nesta Republica se não commetta, logo em seguida, de verdade!

Nos seus ultimos tempos Eduardo Prado ideou uma obra de critica e de biographia sobre o padre Antonio Vieira, de quem era entusiasta.

Chegou a trabalhar com afinco, mas esbarrou na encyclopedia catholica do grande jesuita Cornelius e Lapidé...

O conhecimento desse cyclopico trabalho, de que tanto se aproveitaram os prégadores catholicos, lhe resfriou o ardor.

Para uma justa apreciação dos meritos do nosso magnifico orador sagrado lhe cumpria dar-se a um estudo profundo, que permittisse averiguar até onde o padre Vieira se havia soccorrido do outro jesuita.

Os predicados de estylista e mesmo



SALÃO DE 1919



IGUASSÚ

— Escultura de Magalhães Corrêa

SALÃO DE 1919



PROMETHEU

↳ Escultura de F. de Andrade

de pensador são evidentes em Vieira, mas tornava-se preciso esmerilhar a originalidade das maravilhas da sua dialectica.

E Eduardo Prado, em duvida, encarando a ardua difficuldade da jornada, parou o esforço encetado.

Forte de corpo, agil de espirito, com um decidido pendor para a ironia, sabendo rir alegremente com despreocupação chã e sempre affavel, foi um «dilettante» maravilhoso.

E' pena que hoje os herdeiros lhe não publiquem a correspondencia com Eça de Queiroz, que, segundo se affirma, é longa e interessante. — MIGUEL MELLO (*Gazeta de Noticias*, Rio).

O saneamento da imprensa

Creio que bem poucos paizes ha no mundo, onde a administração corrompa tanto a imprensa como no Brasil. Não quero dizer que o periodismo estrangeiro seja constituído, na sua maior parte, de vestaes,, de indoles puras e incorruptiveis. Elle tambem se deixa subornar muito; acha-se enleiado na teia dos grandes negocios, como seu collaborador interesseiro; toma attitudes, que nem sempre se conciliam com um programma de moralidade como deve ser o de um jornal politico e doutrinario. Mas os elementos que corrompem esse periodismo, são mais partidarios e particulares, do que administrativos. Por outras palavras: na America do Norte, na Inglaterra, na França mesmo, os grandes órgãos de publicidade não se acham o mais das vezes em poder de profissionaes do jornalismo, de simples doutrinarios, como aqui. Pertencem a homens praticos, a companhias, com interesses nos jogos da bolsa, nos mercados financeiros e de negocios; no triumpho eleitoral de um partido que lançará este ou aquelle imposto ou augmentará esta ou aquella tarifa proteccionista. Os partidos, e as empresas, cujos interesses pleiteiam esses jornaes, cotizam e fazem bolças, para sustental-os nas campanhas, que elles emprehem, ajudando-os nas horas de crise e de diminuição de clientela.

Mas é só isso. Ai daquelle de quem

se soubesse que recebeu, de um departamento da administração publica, qualquer somma, para elevar ao septimo céo determinados cavalheiros que por terem o thesouro na mão, se permittem dessas liberalidades com o dinheiro do Estado. O jornal ou o jornalista, que tivesse tal fraqueza ver-se-ia repellido no dia seguinte pela opinião. Não teria mais o seu bafejo e a sua sympathia. Conselhos que elle dêsse, campanhas a que se atirasse, ninguem attribuiria o menor crédito á sinceridade das suas palavras. O povo ficava convencido de estar sendo guiado por uma consciencia venal. As massas intelligentes admittem que as conduzam ou enganem as paixões de um homem, mesmo que por detrás dessas paixões haja um interesse politico ou pessoal. Mas ellas não querem saber de um individuo, que está recebendo dinheiro dos cofres publicos, para as illudir; que está pago com o ouro da nação para defender certo ministro ou elogiar certo presidente.

Aqui, de tal sorte nos habituamos com a venalidade de uma enorme porcentagem do periodismo, que já ninguem se escandaliza com estas coisas. Nas vespersas da posse de um novo presidente, discute-se como o facto mais natural do mundo, se elle dará ou não dinheiro aos jornaes. Este é mesmo um dos topicos do seu programma de governo, que menos controversias levantam. Os que acham que haverá Ceará, no jornalismo, argumentam sem nenhuma vehemencia passional, mas simplesmente por amor da contradicção. A continuidade do processo administrativo não admittiu hiatos, até hoje, em 30 annos de regimen republicano. Revogar triumphalmente um passado destes, para assentar outra ordem de coisas desconhecidas, só mesmo uma audacia de louco, que ainda não surgiu no scenario do Brasil.

Consideremos um momento, o prospero e poderoso Estado de São Paulo. E' indubitavel que se o Brasil tem um nucleo de população, de que elle se póde legitimamente orgulhar, é ali, na terra dos bandeirantes, dos desbravadores do sul e do oeste da nacionalidade. São Paulo póde precisar de

propaganda no estrangeiro, para tornar mais conhecidas as suas possibilidades infinitas de trabalho, de riqueza, e atrair o colono europeu ás suas terras. Dentro do Brasil, escusa apontar os jogos de luz desse diamante, que é o encantamento de todos nós. Comtudo, por um curioso paradoxo, o Estado mais rico, mais organizado da Federação, aquelle que mais pesa nos seus destinos politicos, e mais se impõe, em virtude mesma desse concurso de circumstancias excepcionaes, é o que se constituiu no agente mais formidavel de corrupção jornalística do Rio de Janeiro. Ha poucos dias, eu conversava com um homem publico de São Paulo, de grandes responsabilidades, e elle me notava quanto a sua terra poderia dispensar esses elogios mercenarios, que sómente enxovalham aquelles que os recebem.

Explica-se que os satrapas do norte, os regulos do septentrião, que surram os seus adversarios, empastellam as typographias das gazetas opposicionistas, e fundam oligarchias tenebrosas, assalariem jornaes, no Rio, afim de obterem apoio do governo central para a continuação do seu prestigio. Mas que São Paulo, que é uma terra culta e liberal, com administradores incontestavelmente capazes, preocupados do bem publico, faça o mesmo, e com mão mais dadivosa ainda, é verdadeiramente desanimador.

Quando vejo algum politico paulista, desses que mal desembarcam na Central e já recebem, em pleno peito, os adjectivos classicos, de «eminente», «prestigioso», «notavel», etc., penso no papelorio do «coronel», que estes pobres fazendeiros representam, deante da meia duzia de valdevinos que os exploram. Como elles caem no conto do vigariol Os politicos dominantes de São Paulo são, em sua maior parte, typos acabados, authenticos de «coroneis», esfolados nas unhas dos vigaristas da nossa imprensa de aluguer. Urge o apparecimento de meia duzia de creaturas de espirito, que abram os olhos a esses pobres homens, que deixam depennar os cofres publicos da sua terra, suppondo que ganham importancia na Capital Federal, com os elogios de meia duzia de cadaveres. A

imprensa virtuosa e honesta de São Paulo deve abrir uma campanha, já não digo só em favor do thesouro publico do seu Estado, mas dos fóros de espirito do povo paulista. Ella não deve consentir que São Paulo dê, no Rio, a impressão de ser governado por meia duzia de caipiras, aos olhos dos quaes, a letra de fórmula, escripta aqui, adquire um prestigio sensacional. — A. CHATEAUBRIAND (Do *Correio da Manhã*, do Rio).

Revisão e Revisores

A revisão, que já tem tido varios cochilos nesta columna, deixou hontem passar aqui um «gato» importante. Foi uma letra apenas, a mais. Isso mesmo, porém, já bastava e demoralisava tudo quanto se transcrevera e escrevera antes. Imaginem que, censurando os letrados e tabletas escriptos lamentavelmente, sem nenhum respeito pela nossa lingua, eu citei, como exemplo eloquente do descaso por estas coisas, certa repartição federal da cidade, onde existe uma vistosa tableta com estes dizeres: «Colis-postaux». E vai o revisor e corrige para: «Colis-posteaux»...

O chronista podia passar por saber patrioticamente mal o francez, o que de alguma fórmula o excusaria. Mas, «posteaux» é demais, e eu não quero deixar de o corrigir, como agora faço, com toda a solennidade, ao menos para que se não diga que precisamente ao censurar erros alheios, eu os commetto escandalosos...

Não quero, porém, que com isto se abespinhe o revisor, o meu prezado revisor destas linhas apressadas. Lembre-se que Erasmo foi seu collega, e que commetteu nesse mistér erros graves e innumerados. Certa vez, num commentario do Evangelho, elle deixou passar «amore» por «more» — e só por isso esteve a pique de ir para a fogueira...

Conta-se que o «Times» poz a premio, durante algum tempo, o mais pequeno erro de revisão que se notasse nas suas columnas. Ninguem ganhou o premio — mas, no fim do prazo, a propria redacção revelou isto,



que passara despercebido a todós: o S do titulo sahira virado...

Não creio muito nesta historia, mas o certo é que os revisores inglezes passam por ser, de facto, os melhores do mundo. Os inglezes e os allemães. A respeito destes, conta-se tambem que a casa Brockhaus, de Leipzig, é impecavel na revisão: até hoje ninguém se gabou de descobrir nos seus livros o menor «gato».

Nem sempre, porém, os revisores inglezes eram tão bons como a anecdota do «Times» nol-os faz suppôr. Basta dizer que a primeira edição de Shakespeare, feita na Inglaterra, apresenta nada menos de vinte mil erros...

No Brasil, a revisão é geralmente uma lastima, sobretudo depois que se introduziram nas officinas as grandes machinas de linotypos — apparatus complicadissimos que são verdadeiras maravilhas pela tarefa complexa que realisam, mas que tornam quasi impossivel um longo trabalho sem erros.

Numa campanha eleitoral da monarchia, já nos ultimos annos do regimen, certo chefe dirigiu ao seu eleitorado uma proclamação vehemente eha mando-o «ás urnas!». Pois, a revisão deixou sahir «ás armas!»...

De outra feita publicou-se na «Gazeta de Noticias» uma chronica de Ramalho Ortigão sob a epigraphie «O passeante e o presidio», quando devia ser «O passado e o presente». Indignado com isso, Ferreira de Araujo exigiu que fosse reetificada aquella epigraphie. E é de se imaginar a sua colera ao lêr isto, no dia seguinte: «Retificação. A carta do nosso illustre collaborador Ramalho Ortigão, estampada na edição de hontem, sahio, por um erro de revisão, com a epigraphie «O passeante e o presidio». O titulo da interessante correspondencia é: «O passaro e o presunto!» — P. (D'O Estado de São Paulo).

Por Guanabara

Se ainda tivéssemos duvidas sobre a nossa falta de gosto e de imaginação, bastaria atentarmos para os nomes das nossas cidades, villas e lugarejos do interior para dissipa-las todas. Nem tanto seria preciso; um exame perfun-

tório e rápido do dicionário das ruas desta capital seria sufficiente para nos convencer da ausencia quasi completa d'essas duas qualidades. A regra é terem as nossas ruas nomes de pessoas, homens e senhoras, alguns antigos e históricos, quasi todos contemporaneos e sem historia, — mas, em compensação, duplicados e eom os indispensaveis titulos: Doutor, Senador, Coronel, Dona...

A nossa febre de homenagens não desce nunca de 40.º centigrados, de modo que não só as ruas têm nomes de gente, mas até as povoações, vilas e cidades dos Estados: Campos Sales, Prudente de Moraes, Marechal Hermes, Cerqueira Cesar, Dr. Frontin, Miguel Burnier, Matias Barbosa, José da Costa, Manoel de Souza, Antonio Praxedes, Joaquim Bernardo e muitissimos outros apelativos. são hoje nomes de povoações, ou se-lo-hão amanha, o que me parece de um imenso e irremediavel mau gosto, sem precedentes, e uma prova pouco agradável da nossa natureza lisongeira, o que acusa um certo relaxamento moral, que se me afigura deploravel. Além disso, quando mudamos o nome de uma localidade, mudamo-lo, em geral, para peor e eontinuamos a mostrar a nossa falta de imaginação. Exemplo recente desta afirmação foi a mudança do nome de «Maxambomba» para Nova Iguassu'. Percebe-se bem que ao mudador falava a facultade inventiva. Tendo de prescrever o nome catapultuoso de Maxambomba, não se deu ao trabalho de proeuar um nome novo e bonito, ao menos bem soante. Para que? «Iguassu'» estava ali ao pé do tinteiro, servindo já a várias localidades e a um rio de S. Paulo. Bastava dar-lhe uma espanadela, passar-lhe uma mão de tinta e ali estava o nome, novinho em folha. Era só accrescentar-lhe o adjectivo. Pronto — Iguassu' nova, ou mais á inglesa — Nova Iguassu'. Mais tarde talvez até se venha a eonfundir eom Nova York.

Ora convenhamos que Maxambomba era feio mas expressivo, mas inconfundivel, mas u'nico e, por isso mesmo, sempre novo, e além disso era uma só palavra, o que tambem tem a sua importancia. Para as cidades

querem-se nomes simples. Um só nome basta. E' mais prático, mais rápido para dizer e grafar. Os nomes compridos ou arresados são difíceis de escrever e andam por isso quasi sempre errados, tanto os das povoações como os dos individuos. Eu proprio sou vitima do meu, que aliás não é arresado, mas pouco comum. Raro consigo que mo escrevam direito. Nove vezes em dez escrevem «Felinto» com «e» na primeira silaba; muitas vezes «Felintho», com dois erros; algumas outras «Phelinto» ou ainda «Phe-lintho» e tem havido até quem grafe «Flinto». Contra «Filinto» a implicancia é geral. Porque? Não sei; nunca consegui sabe-lo. Resignei-me.

Entretanto nada isso tem importancia deante do facto verdadeiramente escandaloso do erro e da extensão do nome da nossa capital — Rio de Janeiro: tres palavras que ha quatro séculos celebram um erro geográfico. E' sabido que ao transporem pela primeira vez a nossa barra os descobridores julgaram ter entrado em um rio, e, como era 1.º de Janeiro, sem muita atenção, começaram, enquanto lhe não davam um nome, a designa-lo Rio de Janeiro. Formou-se depois um nucleo de população, que se foi engrossando e dilatando sem que lhe puzessem um nome, continuando a ser o local designado pelo nome do seu rio. A sua importancia cresceu sempre, foi para aqui transferida a capital da provincia ultramarina, e o nome continuou e fixou-se, apesar de se ter verificado que as águas eram de uma imensa bafa maritima e não do estuário de um rio.

A' formosissima e magestosa bafa já os Tamoios tinham posto o lindo nome de Ganabara ou Guanabara, mas o nome absurdo da cidade continuou sempre e continua. Perpetuou-se o erro, com as tres parálavras que parecem alonga-lo ainda mais.

E não seria possível corrigi-lo? Por que não? Se o nome absurdo e feio da cidade lhe veio da sua esplendida bafa, venha-lhe da mesma baia o nome certo e lindo.

Quem haverá aí de bom gosto e de bom senso que não prefira chamar

Guanabara, em vez de Rio de Janeiro, á cidade maravilhosa?

Se os jornalistas quizerem adoptar a idéa da mudança e ousarem propaga-la, ela se fará em pouco tempo. A celebração do centenario da independencia, d'aqui a tres anos, seria uma ótima oportunidade para isso. Essa data deve marcar o início de uma era nova para o Brasil e seria obra patriótica o libertar a capital do pais do erro sécular do seu nome, que já Fernandes Pinheiro qualificava de «impróprio» em 1862, qualificação repetida por Varnhagem, que o atribue a «um notavel engano cosmográfico». Não seria o caso de se extinguir uma tradição, mas apenas de a substituir por outra, melhor e mais bela, visto que Guanabara não é nome novo, nem pouco usado, mas um nome local, applicado até agora a uma parte da cidade. O trabalho consistiria apenas em dilatalo um pouco e trazer parte dele do mar para a terra, como foi trazido o outro.

Que beleza, podermos d'aqui a tres anos datar os nossos documentos e as nossas cartas — «Guanabara, 7 de Setembro de 1922»! — FILINTO DE ALMEIDA (d'A Noite, Rio).

Sobre o tratado da paz

Para o Brasil, para o Congresso brasileiro, a ratificação do tratado de paz só póde ser uma simples formalidade official, que lhes não fala á alma e lhes não toca o coração. Aliado desde a primeira hora, sem os exaggeros romanticos dos que esqueciam o Brasil pela America, pela Inglaterra, e principalmente pela França — sete mezes de Europa largamente me convenceram que commigo estava a verdade — applaudi e applaudo ainda hoje a orientação politica dos que collocaram o Brasil contra a insania allemã. A nossa neutralidade era um erro e poderia ser um perigo nacional. A luta tomara tamanha extensão e tamanha intensidade que se nos tornava impossivel uma attitude de espectadores tranquillios. Mas, pelas proprias condições do Brasil, a guerra não poderia ser para nós uma luta de exterminio. Nada mais justo do



que as palavras do illustre relator da Comissão de Diplomacia da Camara, o Sr. Azevedo Sodré — o Brasil tendo entrado na guerra pela força das circunstancias, sem odios nem rancores, inspirado nos melhores sentimentos de justiça e solidariedades humanas, obedecendo ás tradições da sua politica internacional, não pôde alimentar intuitos vingativos nem applaudir actos evidentemente contrarios ao direito, á boa razão e á moral. De facto, que temos nós com as lutas politicas do Velho Mundo, com a retaliação das suas fronteiras, os erros dos seus diplomatas, os crimes dos seus dirigentes? Ao Congresso brasileiro compete apenas o dever constitucional de ratificar o mais depressa e o mais friamente possível a obra ingloria, que todo um passado de despeitos e rivalidades dictou aos senhores momentaneos do Mundo. As pequenas nações, que serviram de côro na galeria dos espelhos de Versalhes, podem lavar serenamente as mãos. Não foram ouvidas, nem attendidas; não lhes cabem glorias nem censuras. Seria mesmo ridiculo que a Camara brasileira perdesse um tempo que lhe deve ser de ouro, em discussões vãs, sem alcance pratico, quasi sem significação historica. Nada poderia fazer contra a fatalidade das cousas; a sua voz de protesto ou de applauso morreria sem êcho, murmurio quasi indistincto aos nossos proprios ouvidos. Nesses dias tristes de transição, os mais graves problemas sociaes, as mais serias questões economicas devem abosrver a attenção de todos que se julguem com responsabilidades de dirigentes ou mesmo de simples cidadãos anonymos.

Chegou o momento de olharmos para nós mesmos, para as nossas necessidades intimas. Construamos a nossa casa, cultivemos a nossa fazenda. Um dia, quando a ordem e o trabalho forem entre nós uma realidade, o ouro encher os nossos bancos e os canhões os nossos arsenaes e os nossos navios, falaremos alto e seremos ouvidos. Do Sr. Epitacio Pessoa ao mais obscuro dos jornalistas brasileiros, que acompanharam «in loco» os trabalhos da Conferencia da Paz, e que é este

que assigna estas linhas, todos nós sentimos bem que o Brasil é para os homens da Europa — expressão geographica, tão vaga quasi como a Bolivia ou Costa Rica. Retribuamos-lhes com a mesma moeda. O tratado de paz, que o Brasil como as outras potencias de «interesse secundario» assignaram quasi de cruz, só pôde ser aqui pouco mais do que uma curiosidade teratologica para os juristas. Fere todos os nossos ideaes, contraria todas as aspirações da nossa cultura, desmente todas as nossas esperanças. — JOSE' MARIA BELLO (*D'O Imparcial*, Rio).

Bilac

Foi de piedade a impressão que me ficou da ultima vez que vi Olavo Bilac.

Encontrei-o, inesperadamente, em meio da escada que leva á séde da Liga da Defesa Nacional, no Rio. Os seus olhos de myope e de estrabico, a sua bocca larga e forte, toda a sua extranha physionomia tinha uma expressão indefinivel, mas tremenda, de cansaço, de supplica ou de recondita revolta. Passou por mim, sem me reconhecer, á meia luz da tarde agonizante, como um espectro. Era bem uma daquellas ruinas eschyleanas habitadas, apenas, pelo Tedio. Segui-o um instante. Vi-o subir, pallido e lento, os degrãos de madeira. Sumiu-se, por fim no casarão vasio. Nunca as palavras de Cobelet, empapadas de lagrimsas e fel, me pareceram mais terríveis, na sua symbolica eloquencia.

«Vae soffi!» Não sei porque, ao descer, senti em mim, como um presagio, por uma longinqua afinidade, qualquer coisa daquella tristeza immensa e silenciosa. Lá em baixo, a rua do Ouidor, augusta e ruidosa, era como uma phantasia de caricaturista, um mostuario vivo e comico, continuamente renovado, de caras, de gestos e de roupas...

Si Bilac tivesse vasado nelles toda a sua amargura, que palpitantemente dolorosos não seriam os seus ultimos sonetos!

Adivinha-se, porém, presente-se, niti-

damente, tudo quanto elle occultou, attenuou, disfarçou.

A dentro dos versos limpidos da «Tarde» lateja, pausado e torturado o coração do homem que envelheceu sem ter sabido sem ter querido sem ter podido — quem sabe? — constituir um lar...

A aproximação do crepusculo, do fim, enchia de intraduzivel afflicção aquella pobre alma solitaria.

Uma personagem de Barbey d'Aurevilly, ao morrer, na immensa aridez moral do seu quarto de solteiro, affirmava com insensato orgulho, que em seu coração não ia para o imperio das sombras a recordação, a saudade de uma unica mulher.

No coração de Bilac...

Mas respeitemos o silencio em que elle sempre envolveu o episodio maximo da sua vida sentimental:

Falei tanto de amor... de galanteio, vaidade e brinco, passatempo e graça, ou desejo fugaz, que brilha e passa ao relampago breve com que veio...

O verdadeiro amor, honra ou desgraça, goso ou supplicio, no intimo fechei-o: nunca o entreguei ao publico recreio, nunca o expuz indiscreto ao sol da praça.

Não proclamei os nomes que, baixinho, rezava... E ainda hoje, timido, mergulho em funda sombra o meu melhor carinho.

Quando amo, amo e deliro sem barulho; e, quando soffro, calo-me, e definho na ventura infeliz do meu orgulho.

Depois desse soneto, quem poderá, si o soubesse, pronunciar, sem sacrilegio, o nome da mulher, que não figura nos seus versos e foi, no entanto, a alma de todos elles? — JOÃO PINTO DA SILVA (Do «Hoje», Rio).

D. Pedro I, musico

Quem recorda o vulto árdego, intrepido e cavalheiresco do nosso primeiro imperador, e o seu amor á lucta, e

o apêgo ás questões intrincadas da politica, e sobretudo aquella seu predomínio sobre os homens, mais por temperamento que por hierarchia, e aquella largueza de gestos e franqueza quasi rude de caracter, que o erguiam acima de quaesquer mesquinhas, não imagina que naquelle corpo destemido de luctador, sob a couraça elegante de requintado gentilhomen, se pudessem abrigar uma alma sentimental de puro artista. Filho do generoso monarcha que foi d. João VI, herdára de seu pae o gosto pelas artes, especialmente a musica, que desde tenra idade se acostumára a ouvir, escolhida e bem executada, em famosos concertos no paço, em festivaes religiosos na capella imperial. O ouvido educado completava á perfeição o dom divino que as boas fadas lhe confiaram no berço. Apercebendo-se D. João VI da vocação de seu filho, lisonjeado de possuir na familia alguem com qualidades para continuar a sua obra de verdadeiro Mecenas coroado, chamou, para ensinar ao joven principe os rudimentos da arte sublime a que elle dava preferencia, a José Mauricio e a Marcos Portugal. Dentro em pouco aquella a quem estava reservado o grito libertador de *Independencia!*, attento como poucos ás lições de seus mestres, cantava e tocava fagote, trombone, flauta e violino. Mais tarde, pela mão adestrada de Neuckowen, aprendeu composição, harmonia e contraponto. Não tardou que lhe viesse o desejo de compor, escrevendo varios trechos de musica sacra e uma symphonia a grande orchestra, levando mesmo o seu arrojado musical a produzir uma opera em portuguez, cuja *ouverture* foi tocada em Paris, por fins de 1832. São ainda de sua lavra os hymnos da Independencia do Brasil e da Carta de Portugal, além daquelle que intitulo *D. Amélia*, conhecido em Portugal como musica obri-gatoria em todas as solennidades patrioticas.

Aprazia-se o principe em fazer musicas para serem depois cantadas em côro, em que nunca deixava de tomar parte, rodeado sempre das melhores vozes femininas da epoca. Por occasião da sua proclamação, quando se tor-

nou Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil, realizou em S. Paulo um espectáculo de gala, para festejar o brado do Ypiranga, sendo cantada então musica oriunda do talento artistico do principe-maestro.

Um episodio musical vem attestar que a celebre exclamação de 7 de setembro fôra um acto premeditado, de bases préviamente architectadas. Basta para isso narrar que a letra do Hymno da Independencia foi encomendada a Evaristo da Veiga com vinte e um dias de antecedencia, a 16 de agosto de 1822. E essa letra já previa acontecimentos futuros, julgando o appello, que se contém no estribilho, á coragem e ao patriotismo dos nossos patrios:

*Brava gente brasileira,
Longe vá temor servil.
Nossos peitos, nossos braços
São muralhas do Brazil.*

Esses peitos, que mais tarde justificaram a classificação de muralhas, oppondo-se como diques á permanencia das tropas portuguezas na ex-colonia, foram os mesmos bravos peitos que cantaram, abriram aos ares as vozes de um sentimentalismo admirativo, entoando unisonos a musica do próprio libertador, tão propenso ao ardor bellicoso das armas como ao enlevo suggestivo das melodias.

Artista que era, amava e protegia os artistas em cuja roda se entretinha, e que no paço encontravam sempre amistososa acolhida. D. Leopoldina, a suave imperatriz, que tambem dedicava os seus lazeres governamentais ao doce consolo do seu piano, secundava com fidalguia essa predilecção de seu augusto esoposo. Assim, tornaram-se famosos os saraus da cõrte, onde reinava de costume a boa musica, interpretada não só pelos mestres da terra como pelas celebridades que aportavam ás nossas plagas, attrahidas pelo fino gosto do *Magnanimo* em questões d'arte.

- A's vezes, Pedro I, fatigado dos rigores classicos do ceremonial, enervado pelas exigencias de um convivio irritantemente faustoso e hypocrita, de

que sempre reçumavam as exhalações miasmaticas dos bajuladores, afastava-se, encolhia-se em um pequeno meio de intimos que elle sabia destacar, e dava expansão sincera á sua veia artistica, descambando de rei para trovador, trocando o manto opulento dos festins imperiaes pela capa traçada do heróe das serenatas. Era então cultivada essa flôr sertaneja e purissima, delicada e selvagem, amorosa e perversa, filha dilecta das selvas tropicaes, qual a cabocla requeimada dos desafios, trazida ao crepitar tumultuoso das cidades pela mão caprichosa de um principe galante — a modinha brasileira. D. Pedro cantava á perfeição as nossas mais sentidas canções nacionaes, essas endeixas de sabor castamente regional, que tão bem sabem falar aos confessorarios da alma e com tanto primor traduzem o coração de uma raça privilegiadamente sentimental. E, a exemplo do monarcha, todo o mundo cantava. A modinha em pleno apogeu, descia da intimidade do paço aos salões engalanados da nobreza, em dias de grande festa.

E era de vel-a, acanhada e humilde, nas suas vestes singelas de caipira, despida de atavios e arrebiques, docemente pousada do lado das poltronas confortaveis, onde se repoltreavam as complicadas senhoras que se vestiam directamente de Mozart, Beethoven ou de outro qualquer *tailleur* afamado das harmonias aristocraticas. Tudo devido á inclinação morganatica do imperador por essa especie popular de musica, a mais cariciante e embaçadora de todas. Nem era para menos. Aquelle que fôra o mais audacioso *don Juan* do seu seculo, que se perdia em noitadas difficeis de escaladas e sustos, para obter a posse da mulher cobiçada, que desbancou em façanhas galantes os mais ardorosos conquistadores destas abrazadas terras, nunca poderia dispensar o chifarote do violão e a catapulta da modinha como as mais fortes e infalliveis armas de conquista. — GASTÃO PENALVA (Do *Correio da Manhã*, Rio).

Homens e coisas do Estrangeiro

Impressões de Paris

Nós temos, não só no Brasil como em toda a América, a illusão de que são os povos europeus — e delles especialmente a França—os mais adiantados da terra. Como é daqui que partem todas as noções novas da sciencia, as revelações novas da arte, nós, na nossa «nobre candura» (a expressão é de Clemenceau) ingenuamente julgamos que é igualmente aqui que systematicamente se applicam, na pratica, todas as theorias novas, que é aqui que todas as descobertas se «executam», que todos os principios primeiro se ensaiam. Illusão! Para que tal succedesse seria preciso que estas velhas nações europeas se libertassem repentina e milagrosamente da influencia extrema das tradições. Seria preciso que a nevoa da poesia do passado deixasse de obscurecer-lhes a visão exacta do presente.

Ora, isto é impossível. A verdade é que foram estas nações europeas as que de facto criaram a nossa civilização moderna; criaram-na dolorosamente, através de mil sacrificios e lutas mil, concebendo-a com dôr e dando-a á luz entre caudales de sangue. A nós, a civilização pouco nos custou; nós limitámo-nos a adoptar a obra alheia, já feita. Assim, tudo o que é novo nos agrada, nos seduz. A's nações da Europa o que é novo espanta, repelle. Para adoptar uma novidade têm ellas de abandonar uma velharia que entretanto lhes custou grande esforço, trabalho, soffrimento para criar, para produzir... Dahi a natural resistencia ás novidades, dahi a rotina, o «conservatorismo».

Nos Estados Unidos uma villa nova que surge em logar antes deshabitado, é logo servida por carros e luz electrica, cortada de esgotos, de canalisações de agua; telephonios e telegraphos, hospitaes e Bibliothecas lhe emprestam immediatamente conforto e civilização.

Aqui, ha grandes cidades sem esgo-

tos. A propria Pariz não so tem senão em parte, e pelos Campos Elysios e pelos «boulevards» maravilhosos passam á noite pesados caminhões munidos de bombas que vão sugar em fossas de arrabaldes as materias feaes accumuladas durante o dia. Aqui ha grandes predios de seis e oito andares onde não ha canalisações de gaz nem fios electricos; a illuminação ainda se faz em taes casas com candelabros de velas e candieiros de petroleo. No interior ainda é peor. Quanto á hygiene, á assistencia, á instrucção publica o atraso não é menor em França. Os aparelhos sanitarios ainda existentes em Pariz são condemnados no Rio ha dezenas de annos, e o seu emprego prohibido pela Prefeitura desde a administração Passos.

As escolas municipaes—regidas aqui por uma lei do sec. XVIII — funcionam em predios insalubres, estreitos, sem ar, sem luz. Nos hospitaes — com excepções relativamente raras — os methodos modernos de construcção e aparelhamento não são seguidos, nada de janellas amplas, de paredes lavaveis, de cantos em curva. A inspecção hygienica domiciliar não existe; o proprietario não pinta, não forra, não desinfecta, não concerta a sua casa senão quando quer — o que quasi nunca acontece.

Que será a vida das classes pobres em tal meio? E' facil de imaginar-se.

Certos productos francezes universalmente conhecidos, certas publicações de luxo, certos perfumes caros, certas confecções de gosto, são aqui fabricados em salas humidas e escuras, infectas e nauseabundas, sem divisões, sem cadeiras, sem moveis, illuminadas a petroleo, cheirando a bafio, por operarios e operarias sujos e doentes... Essas fabricas têm no centro de Pariz escriptorios sumptuosos, mostruarios ricos, que atráem, prendem o freguez. Mas as espeluncas onde são manipulados os seus productos, essas, causam horror!

Os nossos operarios, que ahi por espirito de imitação, como por um misonicismo de idéas, começam já a clamar lyricamente contra o capital e o burguez, se viessem até cá e



aqui se sujeitassem aos costumes do paiz, ao fim de quinze dias voltariam para o Brasil os olhos saudosos, como para a terra da Promissão! Trabalhando em predios insalubres, humidos, escuros, nunca varridos ou lavados; comendo em pé em latas de folha nos intervallos do serviço, os operarios francezes ao fim de alguns annos de tal vida estão doentes, inutilizados, perdidos. Fóra das fabricas a sua vida não é mais agradável ou alegre: moram em mansardas, no alto dos predios, onde altissimas escadas vão dar, em quartos exiguos, mal arejados por soteas estreitas, em predios construidos ha um, dois, tres seculos, sem hygienc, sem conforto. A familia, caso a tenha, trabalha toda, na mesma azafama, na mesma ancia de aproveitar os poucos annos de saude e actividade para juntar os cabedaes sufficientes á manutenção da velhice ou da invadéz provavel. Filhas e filhos cedo se dispersam. As raparigas, mal chegam á puberdade, logo encontram quem as queira, deixam de trabalhar por alguns mezes, por um anno, quando muito. Depois voltam á familia e á fabrica, a ajuntar o dote que lhes consinta arranjar casamento, ou a esperar um novo amante que lhes permita descansar de novo por algum tempo. A mãe, occupada nos trabalhos domesticos pela manhã, emquanto o marido ainda dorme, estafado, sáe ás mesmas horas que o esposo para o trabalho; á tarde, volta para fazer o jantar, emquanto elle fica a trabalhar e a beber pelas casas de alcool. A' noite é ella ainda que trabalha, á luz da candeia, cosendo e remendando; o marido, esse voltou ao botequim, á agua-ardente, ao vicio. Nem se pense que exaggeremos. E' essa provada, documentadamente a vida de mais de 90% dos operarios francezes! A noção de familia, como nós a temos, a união sagrada do lar, mantida pelo amor aos filhos e o respeito aos paes — não existe ou mal existe. Na familia, aqui, é o egoismo individual que prevalece. A familia é util a cada um não pelo apoio moral que fornece e sim pelo apoio material; a familia é uma sociedade limitada em que todos traba-

ham para um fim commum que é o maior aproveitamento das energias a-lheias no conforto proprio. E' o interesse que as reune, como é o interesse que as dissolve. Aqui é infelizmente raro viverem paes do trabalho dos filhos: mas é commum viverem da falta de trabalho das filhas.

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA
(D'O Estado de São Paulo).

Variedades

A coragem nos animaes

Só a coragem suppõe a idéa da morte, o sacrificio livremente aceito pelo individuo para satisfazer um ideal; os animaes não possuem certamente a verdadeira coragem, que é apenas apanagio do homem e até só do homem superior — escreve L. G. Sée, na *Revue de Paris*.

Se por coragem comprehendermos, porém, apenas o desprezo pela morte, os animaes são corajosos. Verdade é que desprezam a morte porque a ignoram, mas esta ignorancia os conduz ao sacrificio.

Entre os animaes superiores de que nos servimos e os que vivem em estado de liberdade, pôde fazer-se uma certa distincção acerca da sua capacidade de sacrificio.

Ao passo que os segundos, abandonados a si proprios, seguem as suas inclinações naturaes, os primeiros, sob a influencia da educação e do amestramento, podem adquirir qualidades que os approximam do homem. São susceptiveis de uma evolução, embora mais limitada que a do homem.

O que é o amestramento sinão o meio de desenvolver certos instinctos, de os dirigir para um fim de utilidade, ou de reagir contra outros, como por exemplo o instincto da conservação? Domar esse instincto, vencer o medo, adaptar-se, eis a primeira condição da coragem. Se isto tem uma base moral, tem tambem uma base physica, que vem a ser o dominio de si proprio.

Quando o systema nervoso predomina sobre os outros elementos, certos cães ou cavallos «perdem a cabeça», na guerra quando se acham na linha

de fogo, e não podem ser lá utilizados. Outros, senhores do seu systema nervoso, dominam os movimentos reflexos e cumprem actos de heroismo que lhes merecem as honras da citação.

Por exemplo, a mula de um regimento inglez foi condecorada com tres medalhas porque na campanha sul-africana assegurára debaixo de fogo, *sozinha e sem conductor*, o serviço das munições.

Lucifer, cavallo do 15.º Regimento de Dragões, foi citado na ordem do dia, por ter sido ferido no dia 17 de Setembro de 1917, quando, debaixo de um violentissimo bombardeio, assegurava a ligação entre duas unidades separadas por um desmoronamento.

Para incluir no mesmo reconhecimento os cavallos e os homens que dividiram os mesmos riscos, o major commandante de uma bateria de artilharia decidiu que os cavallos, que se achavam presentes quando o regimento recebeu as duas citações, usassem na cabeça duas borlas da côr da cruz de guerra.

Como podemos tambem deixar de dar nome de coragem á impetuosidade do cavallo que parece comunicar o seu ardor ao cavalleiro nas cargas heroicas; e a tranquilla impassibilidade dos burros que transportam para toda a parte a sua carga de mantimentos e de munições: a dedicação dos cães sanitarios ou portadores de ordens que morrem no seu posto, mas executam a sua missão?

A causa da derrota Allemã

.... O general von Kluck, cuja ala foi destroçada na primeira batalha do Marne, explica de maneira razoavel a causa da derrota allemã.

— «Fomos, talvez, sabios de mais.»

E' isso mesmo. Foram sabios de mais. Lá diz o povo portuguez num dos seus mais profundos conceitos: «Tanto leu, que tresleu.»

Os allemães tresleram. Foram sabios de mais, o que vale dizer, deram mais importancia aos livros do que aos homens. Procurar resolver com fórmulas fixas os problemas sociaes é um erro. Profundo erro. O factor homem é o mais incerto e variavel de todos. Fa-

cil é, sem duvida, ao astronomo marcar, com exactidão de segundos, os eclipses, as rotações dos astros e outros phenomenos sideraes. Não é difficil ao engenheiro mecanico determinar o funcionamento preciso, chronometrico, de qualquer aparelho por mais sensivel ou mais poderoso. Não lhes custou, portanto, precisar o tiro do canhão monstro com que metralharam Paris, nem o bombardeamento aereo de Londres, ou o torpedeamento do *Lusitania*. Tudo puderam calcular, medir, pesar, regular com exactidão mathematica quando se tratou de pôr ao serviço do formidavel e illusorio plano de dominio universal as forças materiaes, mas tudo fálhou quando Moraes, ou seja, a energia social que quizeram igualmente sujeitar as forças está fóra e acima de todos os aparelhos de peso, medida e calculo.

Sabios apenas que os allemães fossem, a guerra não teria estalado. A sabedoria é synónimo de sensatez. Mas, disse bem Von Kluck, toda a desgraça foi serem sabios de mais. Tresleram. A sabedoria demasiada raia pela insensatez.

Os estadistas e militares do trucu-lento imperio se tivessem sido apenas sabios, sem excessos perturbadores, procurariam determinar os acontecimentos menos pelos livros, e mais pelos homens. Prescrutariam, não indirectamente através de monographias e tratados scientificos, mas pelo estudo directo das almas, a resistencia moral dos adversarios e a propria resistencia moral da Allemanha.

Sabios de mais, foi pelos livros que toda a Allemanha se convenceu, segundo as proprias palavras do Kronprinz a um jornalista hollandez, da fraqueza da França:

— «Eu pensava de ter de tratar com um povo efeminado, enfraquecido, degenerado.»

No mesmo sentido, mas mais completos, foram os dizeres do general Von Kluck ao mesmo jornalista:

— «Acreditavamos na desordem completa do inimigo e não levavamos em conta que o factor decisivo da aptidão especial do soldado francez, pudesse despertar tão rapidamente. Em uma derrota, um tal factor sempre

foi difficilmente admissivel pelo calculista mais preciso, pelo chefe de estado-maior mais previdente.

Que homens, que recuam durante dez dias seguidos (e aqui a voz de von Kluck se altera), que homens, deitados por terra, semi-mortos de fadiga, pudessem retomar o fuzil e atacar ao som do clarim, é coisa que nunca aprendemos a ter em consideração, é uma possibilidade que nunca foi assumpto de debate nas nossas escolas de guerra.»

Foi pelos livros que elles adquiriram a illusão do fraccionamento do imperio britannico e do mercantilismo efeminado dos americanos; como pelos livros foi que julgaram que a Belgica não ousaria metter o pequenino grão de arca do seu exercito na sua formidavel engrenagem militar.

Foi o orgulho da sua sciencia, mais ainda do que da sua força, que os perdeu. Não ha maior necio do que o que se julga sabio. A sciencia dos livros não é nada sem a sciencia da vida.

Dois allemães apenas, um no principio da lucta, Maximiliano Harden, e outro no fim, o general von Kluck, definiram bem as causas da guerra e as causas da derrota.

— «Esta guerra, escreveu Maximiliano Harden, tenhamos a coragem de o dizer, é a nossa guerra. A Alemanha a quiz, porque a devia querer.»

— «Fomos derrotados, concluiu von Kluck, porque fomos, talvez, sabios de mais.»

Está certo. — ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE (D'O Paiz, Rio).

A idade da terra

Os 100.000.000 annos que se attribuem habitualmente á terra são um compromisso entre os 25 a 30 milhões que lhe daria a theoria de Helmholtz, baseado na duração do poder radiador do sol, e as deducções de Kelvin relativas ás leis do augmento do calor da perpheria para o centro da terra.

Mas a descoberta, de ha uma vintena de annos, de que a radioactividade das rochas terrestres é completa-

mente sufficiente para conservar a temperatura interior da terra, colloca sob uma nova luz o problema da idade do nosso planeta.

Agora que se conhece a rapidez com a qual o uranium se transforma em helium, pôde-se calcular approximadamente a idade da terra pela medida da quantidade relativa destes dois productos, taes como elles se encontram actualmente na crosta do globo. Obtem-se assim a certeza de que a terra tem pelo menos um bilhão de annos.

Desde que a vida nelle se manifestou não houve interrupção na sua existencia. Os astrónomos se encontram pois, presentemente, em frente do seguinte enigma: Como é que o sol, que é a uñica fonte da vida sobre a terra pôde conservar por tanto tempo sua radioactividade, uma vez que se sabe que todas as fontes de energia são incapazes de a conservar?

Depois de muitos estudos os astrónomos chegaram á conclusão de que o espectro de uma estrella pôde servir de indicação da sua idade e fizeram-se hypotheses muito verosimeis sobre a ordem pela qual as estrellas passam através destes diferentes tipos de espectros. A vida humana parece curta para analysar tão lentas evoluções, mas é de crer-se que espectros que apparentam estados fixos não são na realidade senão aspectos momentaneos de uma estrella.

Eddington mostrou que são precisos 100.000 annos para uma estrella passar por todas as phases espectraes, mas a evolução de uma estrella tão adiantada como o sol é sem duvida muito mais lenta. — (Dr. HARLOW SHAPLEY, *Publications of the Astronomical Society of the Pacific*, IV, 1918).

Shakespeare e a immortalidade

Os sonetos de Shakespeare foram sempre muito discutidos entre os eruditos.

Numa conferencia reproduzida pelo «Christian Dork» de Nova York, o Professor Palmer disse que se entrava nesses sonetos «a philosophia da vida do poeta, as suas idéas sobre



Deus, acerca do homem e da immortalidade», assim como «um desenvolvimento de fé através de tres concepções da vida immortal».

Esta obra pôde dividir-se em tres partes: as duas primeiras são dedicadas a um bellissimo joven; e o poeta quando pensa nelle não pôde supportar a idéa de que uma creatura tão perfeita, tão pura, tão nobre, possa ser colhida pela morte. Mais de uma vez este pensamento angustioso se affirma nos primeiros dezeseete sonetos. Ao passo que toda a alma do poeta se volve para o bello adolescente, elle não se esquece de que o tempo ha de destruir a sua extraordinaria fascinação. «... O Tempo virá e levará consigo o meu amor.» Falla assim do Tempo setenta e oito vezes.

Qual será, porém, victorioso, o Tempo ou a Morte? Não, diz o poeta, a belleza e o encanto deste joven hão de reviver nos seus filhos e nos filhos dos seus filhos, através dos seculos: o Tempo ha de ser vencido, e a Morte derrotada, allude constantemente a esta immortalidade natural, e este conceito exprime-se claramente no decimo segundo soneto, em que Shakespearê aconselha ao joven que se perpetue na familia; e no decimo setimo soneto, conclue dizendo: «Mas se um filho teu fosse vivo nesse tempo — Viverias duas vezes, nelle e nos meus versos».

Segue-se uma transformação imprevisita: a idéa desta «immortalidade natural» é demasiadamente vaga, e a eventualidade demasiadamente incerta para satisfazer o poeta. «A personalidade perde-se, mesmo se caracteres de belleza physica e moral se transmit-

tem... O homem não sobrevive... fica apenas a sua cópia.»

Com o decimo soneto começa portanto a desenvolver-se o que o Prof. Palmer chama a theoria da «immortalidade ideal». O poeta erigirá ao seu idolo um sanctuario de versos, em que o joven viverá para sempre. Enquanto os homens pensarem, lerem, amarem, procurarem cousas bellas, parece elle dizer, esta maravilhosa criança será o seu companheiro.

Sobrevem, porém, uma duvida, emquanto se evolue a theoria da immortalidade ideal: os versos podem não ser lidos e assim apagar-se tambem a recordação daquelle que o poeta quer immortalisar. De repente, na terceira parte, emerge então a fé numa immortalidade espiritual e verdadeira, em que a propria personalidade sobrevive depois da morte.

Esta fé, affirma Palmer, nasce não apenas do descontentamento do poeta, que as precedentes theorias não satisfizeram, mas tambem da experiencia directa do seu coração; pois que enquanto se dedicava aos louvores do nobre mancebo, cedeu a uma baixa tentação.

O ultimo grupo de sonetos, que conta a historia do seu peccado, reflecte em esplendidos versos a luta entre a affeição pelo amigo e a fascinação da mulher. Em meio desta luta, o poeta descobre em si mesmo uma natureza immortal, em contraste com as forças da materia; tem assim a revelação e no soneto n. 146 entôa o canto da verdadeira immortalidade: não na carne dos filhos, não na palavra do genio, mas na sua alma no seu *eu* é que o homem sobrevive, erguendo-se victorioso sobre a morte.

CARICATURAS DO MEZ

A MENSAGEM PRESIDENCIAL



— Qual, seu Epitacio, o phantasma já não nos mette medo!
Desde 15 de Novembro de 89, que elle nos faz a mesma careta.

(Kalixto - D. Quixote - Rio)

NO CINEMA



— Já te disse! Quando a scena fôr duvidosa, não olhes para a fita.

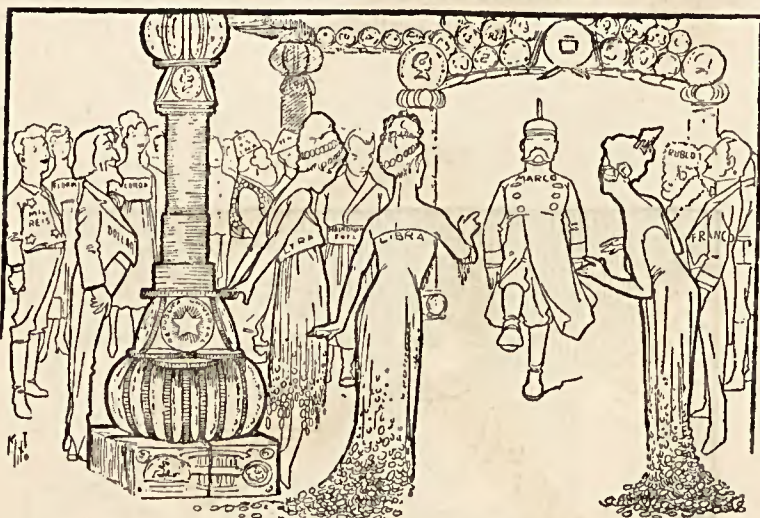
TRABALHOS DE... "PÁS"



Antes de plantar o jardim da Paz, os jardineiros limpam o terreno da herva má...ximalista.

(Kalisto - D. Quixote - Rio)

A "RENTRÉE" DO MARCO



Depois de quatro annos de ausencia, Von-Marco é recebido com as devidas honras no Palacio d'El-Rey Dinheiro que continua pacificamente governando a Terra e... *ayant des accommodements avec le Ciel.*

(Kalisto - D. Quixote - Rio)

Homenagem da Colonia
Italiana



Mimo que vac ser offerecido ao
snr. Paulo Barreto, o grande prop-
pagandista da causa italiana.

(Voltolino - D. Quixote - Rio)

A "salvação" da
Europa



Projecto de monumento com-
memorativo da acção "yankee"

(Voltolino - Pasquino - S. Paulo)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate

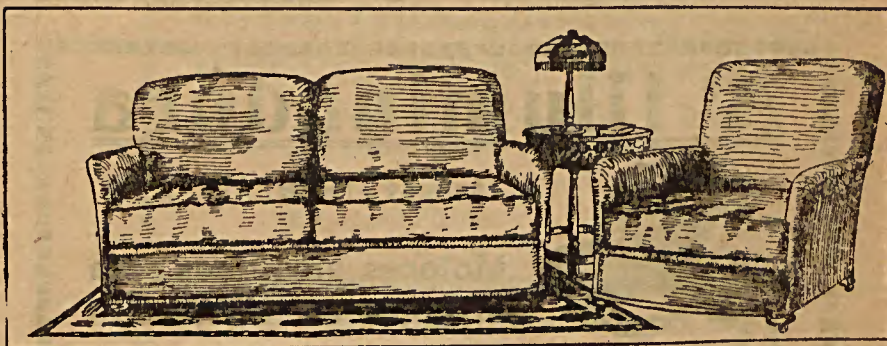


Até os bichos apreciam o chocolate LACTA

MAPPIN STORES
SOCIÉDADE ANÓNIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofàs e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::
São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres precieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Mètal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 · Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade. Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE -

Louças, LIVROS e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 · S, PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.
25, 29, 32 e 35, da **Revista do Brasil**
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,
Rua da Boa Vista N. 52

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUETS.

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas

Guanabara



CHACARA: Alam. Casa Branca

(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery

Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery

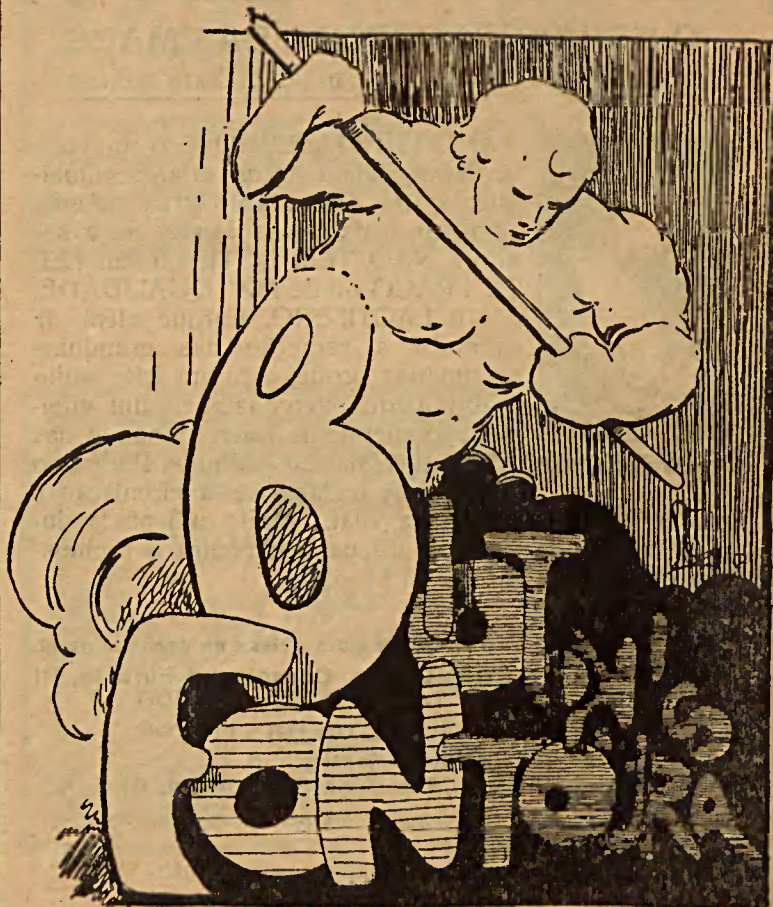
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro **ALTOS DAS PERDIZES** em um parque de 22.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornecendo aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo em informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora **NÃO TEM LEITE** ou tem **LEITE FRACO** ou de **MA' QUALIDADE**, use o **LACTIFERO**, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcmcias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositorio no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo


Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

*INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS*

**EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES**



**QUINIUM. CARNE.
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA.**

**VINHO
 RECONSTITUINTE
 GRANADO**

TONICO e NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




**EXIJAM A NOSSA
 MARCA**

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaarias.

Contra RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotro-
 pina, Lycetol, Neo-Sidonal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sórios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro galvani-
sado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-e - S. Paulo

REVISTA
DO
BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	O direito dos nacionaes	97
PANDIA' CALOGERAS	A Independencia (II)	99
HERMAN LIMA	Outra Héro	109
GODOFREDO RANGEL	O gordo Anthero	121
HEITOR DE MORAES	} Versos	126
C. MAGALHÃES DE AZEREDO (Da Academia Brasileira)		
JOSÉ LANNES		
FRANCO DA ROCHA	A doutrina de Freud	130
SERAFIM VIEIRA	A luta contra o trachoma	137
ARTHUR MOTTA	Academia Brasileira(II)	145
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	164
REDACÇÃO	} Bibliographia	171

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 46 - ANNO IV — VOL. XII — OUTUBRO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000

„ Realizado £ 1.000.000

Fundo de Reserva £ 1.000.000

Succursaes: Manchester, Bahia,
Río de Janeiro, Porto Alegre,
Montevideo,
Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

PHENO-DANICA

Superior Desinfectante



Vende-se em caixas de 50 latas de 1 litro e em latas de 10 litros e vidros 100 grammas

O mais perfeito desinfectante antiseptico para lavagem de casas. Não deixa manchas brancas gordurosas, e é o producto mais recommendavel para a saneação de logares humidos subteraneos.

O unico desinfectante capaz de neutralisar o cheiro pestifero dos monturos, sem reduzir-lhes a potencia fertilisadora.

Camamos a attenção srs. criadores de gado e veterinarios para o uso antiseptico deste desinfectante no tratamento de febre aphtosa e molestias congengeres, bieheiras, bernes e carrapatos.

Peçam amostras gratis

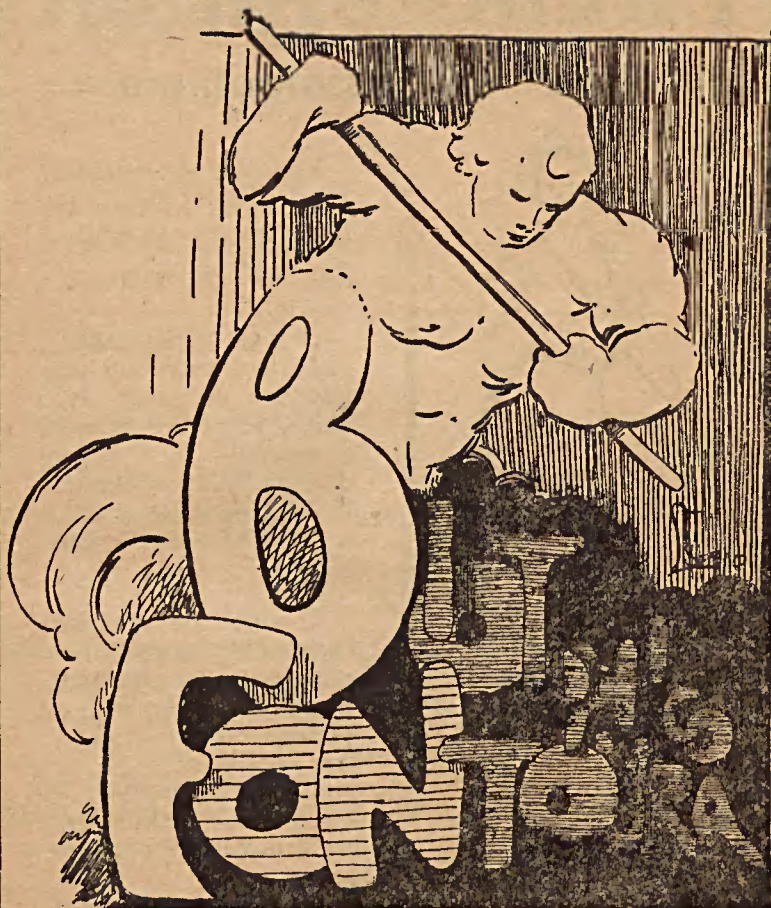
A. BOYE & C.

Rua Libero Badaró, 6 - Telephone, 2007-Central
Caixa Postal N. 1410

DEPOSITARIOS EM CAMPINAS: _____

José Milani & Comp. - Caixa Postal, 237

Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa, Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madieiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltc., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louca sanitaria, etc.

O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

SILVA ARAUJO



“de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes e convalescentes.”

Prof. ROCHA FARIA



“excellente preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados.”

Prof. MIGUEL COUTO



“é um preparado qu merece a minha inteira confiança.”

Prof. MIGUEL PEREIRA



“..excellente tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidadegeral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A AUSTREGESILO

Tuberculose

Inappetencia

Anemia

Rachitismo

Escrophulose

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgitamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chicara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



COMPOZIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydro	96,265
Sulfato de potassio anhydro	0,239
Sulfato de magnesia anhydro	3,268
Sulfato de cal	1,949
Chlorureto de Sodio anhydro	2,055
TOTAL das substancias fixas	103,776

Em um litro de agua gazoza purgativa

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO



**XAROPE DE
LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORMIO
DE QUEIROZ**
CURA:
TOSSE, ASTHMA, CATHARROS
COPUELUCHE etc.



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SAO PAULO





ARTIGOS DE FANTASIAS

*Casa especialista em
artigos para Presentes
de Casamentos e de
Aniversarios :: ::*



*Exposição permanente
nos vastos salões do
1.º andar da casa :: ::*



: CASA FRANCEZA :
DE L. GRUMBACH & COMP.

RUA SÃO BENTO 89 e 91 :: SÃO PAULO

RECEBE SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES
:: VENDAS A VAREJO E POR ATACADO

Casa Matriz em
PARIS

Casa de Compras em
NEW-YORK



REVISTA DO BRASIL

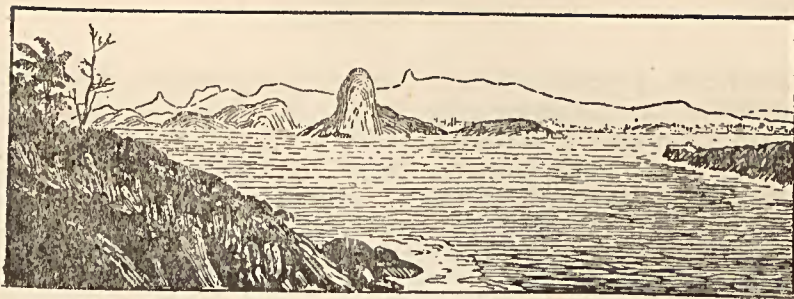
Outubro, 1919.

O direito dos nacionaes

No Brasil se ha cuidado de tudo, menos do homem. O que tem empolgado o genio dos nossos administradores, por desde que longo tempo!—é a armação exterior a systematisação de um desenvolvimento material mais aparente que verdadeiro, é a forma vasia, é o mecanismo ôco. Ficou esquecido o braço que move as alavancas dessa endromina, o cerebro que o dirige, o homem, que se faz alma do progresso, mas que é alguma coisa mais que ella propria — a civilisação. Estes assertos, expendidos num artigo do sr. Mario Pinto Serva, que, com uma tenacidade incrível no meio da frouxidão moral do nosso jornalismo, vem estudando um a um os mais sérios problemas nacionaes, devem merecer um pouco de attenção e exame dos leitores desta nota de cada mez. Na verdade, o homem é entre nós o pária eterno, sem direito, sem educação facil, sem saude, sem hygiene e sem moral: era a principio o degredado e o aventureiro, que não mereciam consideração alguma; depois, de envolta com estes, o indio submettido, que não era gente; depois, o escravo preto, largo tempo entregue á terra, sem outro cuidado do patrão ou dos governos que não fosse a fiscalisação do seu trabalho de maquina; depois, o colono... De modo que, de toda essa gente não tem pensado os magnatas—os magnatas não pensam em nada — que se ia formando uma sociedade, com maiores direitos á vida e ao respeito de sua qualidade humana, do que a dos degredados, escravos, negros, indios ou colonos. De tudo isso surgiu um homem, com qualidades ou defeitos, mas um homem — o brasileiro. Largado durante seculos sem o amparo devido, supprindo as suas mais prementes necessidades á força de argucia ou com o prejuizo de bôa porção de seu sangue, o indigena chega a um tempo em que ainda

reune forças para um brado, capaz de ouvir-se do sertão á formosa sêde da nossa não menos formosissima capital da Republica. «Sou homem, quero sau'de e escolas! ou demm-m'as, ou escavaco isto já, de alto a baixo!» Escavaco vae aqui apenas como uma hyperbole necessaria a todos os gritos patrioticos, e se o caboclo não a diz, nós, comtudo, temos de ouvir-a, havemos de ouvir-a. E' para não quebrar a serie de berros e guinchos, que, com um, deu a Cabral o Porto Seguro, com outro favoreceu-nos legando-nos a Independencia, e com outro, por fim, fez esta bella e auriverde Republica ... Que venha agora o grito do indigena, para a sua salvação. Será a maneira mais eloquente de commemorar-se o centenario: a reclamação do homem que se faz homem, do racional que se põe de pé e sabe pedir em linguagem articulada. Aliás, chegam as primeiras vibrações do berro aos nossos paes da Patria: já na Camara Federal foi apresentado um projecto visando a protecção do operario brasileiro, pela maneira pratica da sua defesa, de preferencia no trabalho. Grandes emprezas, que até agora chegavam a recusar o brasileiro, d'ora avante hão de tel-o, em maioria no seu trabalho, ou pagam dobrado os impostos. Já é um passo. Um passo? É, um éco longinquo que o bérro do nacional começa a despertar nos tympanos amoucados dos governantes. *Ad majorem Dei Gloriam ...*





A INDEPENDENCIA (II)

II - O movimento libertador na America do Sul

AS tentativas effectuadas de 1780 a 1810, duramente as reprimiu a Metropole. O proprio mallogro de Francisco Miranda, posto de lado o que na expedição de 1806 em Venezuela havia de auxilio inglez, como episodio que tambem foi, por este lado, da lucta européa entre Londres e Madrid, prova quão exacto é o asserto.

E mais se accentua o traço nas provincias mineiras do que naquellas, mais propriamente agricolas, como Chile e Buenos Ayres. Nestas, o esforço local atirava-se preferencialmente á lavoura, e soffria tutela menos estricta das autoridades ultramarinas.

Apesar de tudo, abaixo da superficie aparentemente immovel, meio e afastamento da Europa exerciam seu influxo. Em certas defezas tenazes contra as investidas de flibusteiros, no Pacifico, já se nota uma como que alma nacional. Acima de tudo, a repulsa final do ataque de Popham contra Buenos Ayres, em 1806, sob o mando quasi exclusivo do elemento colonial, e o rechassamento de Whitelocke, pouco depois, são a affirmação soberba do novo e forte liame que prendia ao solo do pampa os immigrados e seus descendentes.

A mais nitida e completa traducção historica e geographica dessas analogias e desses contrastes, ostenta a linha lindeira das duas raças.

Por mais lata a interpretação dada ao meridiano demarcador dos dominios das duas corôas pela bulla de Ale-

xandre VI e pelo tratado de Tordesilhas (1493), a fronteira na Sul-America seguiria de Norte a Sul a pouca distancia, para Este, da foz do Amazonas.

A apathia hespanhola, a fixação do elemento humano na zona do planalto andino na região alto-peruana, haviam permitido, em menos de dous seculos, que a iniciativa energetica, cheia de lances audazes, dos lusitanos no Brasil recuasse o limite de 25 grãos para Oeste, quadruplicando a area primitivamente fixada pelo direito convencional a favor do throno de Aviz .

E esta fôra a conquista genuina e exclusivamente brasileira, gloriosamente levada a cabo pelos paulistas bandeirantes e pelos devassadores de jazidas.

A mina, condensadora de homens na America hespanhola por só permittir lavra perenne na mesma jazida, fôra, ao contrario, causa da irradiação no dominio fronteiro; pois rapidamente exgotados depositos e corridos, se impunham novas descobertas em zonas de dia para dia mais afastadas. O avassallamento ao solo pelo sertão a dentro ia fixando no chão, abundantemente regado do sangue dos conquistadores, e mais ainda dos indios vencidos, o linde entre as duas nacionalidades do Novo Continente.

Facto curioso, mas logico, onde a expansão partida do Atlantico menos se fizera sentir, fôra na zona do sul, onde a secular controversia da Colonia do Sacramento reflectiu o conflicto entre dous movimentos semelhantes, anthropogeographicamente falando: a dilatação para Sul das bandeiras paulistas; a ampliação para Norte do centro que, em breve, se constituiu na foz do Prata.

Em conjuncto, a iniciativa brasileira modificára em favor dos lusos a antiga partilha continental. Fôra esta de cerca de 2 milhões de kilometros quadrados para Portugal, e de 16 milhões para Hespanha, em fins do seculo XV. Passára a 8 1/2 para o primeiro e a 9 milhões para o segundo, trezentos annos depois. Que mais bella affirmação de vitalidade dos povoadores do littoral do Atlantico?

E como se comprehende que um povo capaz de semelhante esforço se sentisse demasiado engrandecido para sujeitar-se á compressão de uma metropole, que, sem compensações, lhe sugava o fructo do trabalho, possuindo população menor do que a da colonia, área territorial minuscule e estado social de nivel inteiramente comparavel ao da provincia americana! ...

E' natural pensar, ainda, que o simples evoluir dos germens existentes de desintegração bastaria para, cedo ou tarde, por zonas talvez, levar as colonias a se separarem



das metropoles. Talvez fosse o Brasil o primeiro, a breve prazo acompanhado das provincias hespanholas de labor preponderantemente agricola, Buenos Ayres e Chile (onde a extracção do cobre não tinha a importancia que hoje tem), vindo em ultimo logar as regiões mineradoras. Obedece tal seriação ao desenvolvimento do espirito nacional em cada uma das circumscripções mencionadas.

O inverso aconteceu, sob o influxo de um choque vindo da Europa. E ahí, si mister houvesse de novas provas de como não ha factos isolados, nem historia particular, mas que tudo se prende e só existem manifestações ou repercussões locais da historia geral do mundo; ahí, repetimos, encontraríamos mais um exemplo a illustrar a theoria da interdependencia dos factos humanos.

Foi a questão do Oriente, posta ante os povos europeus desde a invasão dos Teutões e dos Cimbros, mais recentemente desde o apparecimento dos Turcos no Bosphoro; foi a partilha do Imperio Ottomano, qual planejada em 1807, em Tilsitt, entre Napoleão e Alexandre da Russia, o ponto de partida do abalo profundo, cujas ondas, atravessando o Oceano, vieram solapar e derruir na America o poderio peninsular.

Nas margens do Niemen jogou-se o primeiro lance da partida de que resultou a Independencia.

O nexu que prende toda a diplomacia napoleonica é o grande sonho da conquista do Oriente, a reconstituição de um Mediterraneo latino, quiçá nova cruzada, sem intui-tos religiosos, entretanto, pela Asia afóra. O sonho imperial que, desde os primordios dos annaes humanos, periodicamente povôa cerebros privilegiados, e sacóde o mundo em convulsões de dôr nas tentativas, impossiveis de vingar, de sua realização pratica. Da expedição do Egypto á campanha da Russia, invariável permaneceu esse movel altissimo, do que nos fornecem testemunho todos os documentos da epocha, a começar das proprias confissões do Imperador francez.

Em 1807, vencida a Austria e anniquilada a Prussia, dominando a Italia, com guarnições na Dalmacia e em Corfu, o unico obstaculo continental á conquista da Turquia, primeiro passo do plano gigantesco, era a Russia. Após Eylau e Friedland, o Czar, derrotado, decidiu-se a negociar. Em Tilsitt, a sós, delinearão os dous despotas o plano de acção commum.

Ficou decidida a partilha ottomana, sem fixação de detalhes, entretanto, pois o trecho essencial do territorio, os



Estreitos, era igualmente e com tenacidade inflexível cobçado por ambos.

Nunca estivera Napoleão tão proximo de realizar seu anhelto. Mas, para executal-o, com uma linha de communições estreita e extensissima pelos valles do Pó e do Adige, pela costa dalmatica e pelas ilhas Jonias, indispensavel era precaver-se contra a possivel ameaça de posições flanqueadoras dessa mesma precaria via que ligava á França seus exercitos. A Austria já não cra de temer. Mas a Etruria, entregue aos Bourbons, pôderia causar receios por sua situação marginal.

Por outro lado, senhora dos mares a Inglaterra, era ncessidade vital, para o exito do plano napoleonico, não possuir essa eterna adversaria ponto de apoio em terras do Mediterraneo, em que pudesse basear a acção de tropas de desembarque ou centralizar a actividade de suas esquadras, perturbando as operações contra a Porta.

Ora, em vespas de Iena, no anno anterior, a Hespanha, apesar do validismo repugnante de Carlos IV, dêra motivos de sério desassocego, e o Imperador não podia consentir em ver seus planos atravessados por uma península Iberica entregue a Wellesley, quer por acto do Governo de Madrid, quer pela porta aberta de Lisboa, alliada secular da Grã-Bretanha.

Para obviar a taes perigos, os autocratas, na entrevista de 1807, deliberáram secretamente eliminar os Bourbons da Italia e da Hespanha, doando esta a José Bonaparte. Como compensação ao Rei da Etruria, se lhe entregaria parte de Portugal, o Norte; o territorio restante seria dividido em duas porções, das quaes a central, o Tejo e Lisboa, ficaria em poder dos francezes, como fortaleza avançada contra a Inglaterra no Atlantico; a meridional se daria a Godoy, Principe da Paz, em paga de sua complacencia criminosa em servir Napoleão junto ao rei de Hespanha e á rainha Carolina. A Carlos IV caberia o titulo imperial, logo após a victoria sobre a Inglaterra, uma vez restituídas as colonias, por este paiz arrebatadas.

Para sortir effeito tal combinação, era imprescindivel se mantivesse absolutamente secreta e fosse excutada com a maior rapidez. Por taes motivos, não foi communicada sinão ao futuro rei de Hespanha, José. Nem siquer os ministros dos dous Imperadores a conheceram, e o tratado, como unico indicio do projecto, incluiu apenas a intimação a ser feita ao regente D. João de Portugal, para que houvesse de fechar os portos de seu paiz aos inglezes e de confiscar as propriedades destes em terras lusitanas.



Carlos IV, sabedor do intento de partilhar o reino vizinho, promptamente acquiesceu em auxiliar a empreza, permitindo a passagem de tropas por territorio hespanhol, mal prevendo que abria as portas á invasão que o apearia do proprio throno.

A situação era mais favoravel aos portuguezes do que a seus vizinhos. Parceiro inconsciente de planos mais altos, Carlos auxiliava á sua propria destruição; emquanto o Principe-Regente, perfeitamente conhecedor do perigo e sabendo que seria joguete em mãos do poder formidavel da França, agindo por si e ainda com mandato da Russia, nenhuma illusão alimentava sobre o exito do conflicto, caso este se travasse.

A nitida percepção dos factos permittiu a D. João ter liberdade de escolher solução garantidora de seus dominios americanos, emquanto Carlos IV e seu filho Fernando caminhavam para a ignominiosa cilada de Bayonne.

Ao passo que pae e filho mostravam que, nas alturas do throno, não reinavam as nobres e cavalheirescas virtudes do povo hespanhol, este em revoltas successivas, animadas em breve pela Junta de Cadiz, rehabilitava a tradição viril da nação, e continuava a pelejar, inda após a proclamação do rei José, mesmo após a queda de Cadiz e do refugio da Junta na ilha de León.

Em Portugal, outra se revelava a feição do caso politico. E' costume apresentar-se a côrte bragantina qual fugitiva desatinada ante as forças de Junot. Quer-se interpretar como prova de cobardia um acto, muito ao contrario longa e maduramente ponderado, após deliberações em que se fizeram ouvir os conselheiros mais autorizados do Reino, e perante solução suggerida pela Inglaterra, surta no Tejo uma esquadra sua, que escoltaria a frota portugueza até o Brasil.

Resolvido pelas mais altas e seguras reflexões politicas, sortiu o alvitre todos os efeitos collimados. Que melhor justificação da orientação seguida?

Em fins de 1807 e no decurso do anno seguinte, surgiram, pois, factores novos e gravissimos na evolução das colonias latino-americanas. No Brasil, a latente expansão separatista ia ter, para a dirigir, o proprio impulso impresso pela transferencia da séde da monarchia na capital colonial, no Rio de Janeiro; impulso progressista e coordenador, a um tempo, como nexu permanente entre as varias capitánias.

Nas terras hespanholas, desde logo divorciadas do governo intruso de José Bonaparte, ia funcionar automati-

camente, com regularidade administrativa, uma disposição imperativa da lei das *Partidas* em caso de vacancia do governo metropolitano, cessava a vassallagem e estabelecia-se a autonomia governamental das Colonias. Assim se deu. Era o início da separação, embora inconsciente. Tanto que, no movimento generalizado que de Venezuela e Buenos Ayres, em 1809, explodiu, como protesto contra a usurpação bonapartista, em todas as *Juntas* formadas era proclamado o dever de respeitar os direitos do legítimo soberano hespanhol, já então D. Fernando VII.

Inda assim era a separação da metropole, e era o rompimento dos laços que faziam de toda a America uma colonia unica. Cada Vice-reino, assim tornado autonomo, nunca se subordinaria á preeminencia de um qualquer de entre elles. Desde logo, formaram-se os grupos de Nova Granada, do Mexico, do Peru' e do Rio da Prata.

Certas questões essenciaes existem, nas quaes a victoria, quiçá a lucta, só é possível, abolida toda e qualquer tentativa conciliatoria, eliminada qualquer eiva de animo transaccional. Transigir é ceder, e a primeira concessão faz ruir o edificio, assim possa desenvolver suas consequências. Certos conceitos políticos formam um dogma, são uma como que revelação do absoluto. Não se negocia com o dogma. Não se mitiga o absoluto. A resistencia deve formar blóco, integra, una, sem fresta pela qual se infiltre elemento dissolvente. Bem o comprehendeu a Igreja, que armou contra a Reforma a couraça das Decisões Tridentinas, e contra o modernismo as recentes encyclicas de Leão XIII e, sobretudo, de Pio X.

Mal se póde combater o que já uma vez se consentiu. E já Hespanha, em 1738, contra a opinião clarividente do ministro Aranda, havia reconhecido aos Estados Unidos, sancionando assim, por politica anti-britannica, o principio da emancipação colonial, tão perigoso para povo senhor de dominios dessa natureza.

A situação da metropole, com tal precedente, e applicado o conceito á Junta de Cádiz que, desde logo, quiz reger as possessões americanas, não era facil, muito mais ante um movimento legal que, proclamando apenas a autonomia e a equiparação dos Vice-Reinos ás demais provincias do Reino, ainda não chegára á ruptura completa e, antes, a repellia.

Mas o proprio desses processos desintegradores é proliferar. Breve, subdividiam-se as unidades autonomas. A Capitania-geral do Chile não julgava possível ser defendida do Peru', ao qual estava subordinada, e erigiu-se indepen-



dente, sempre respeitados os direitos soberanos de D. Fernando. Em Montevideo, Artigas se insurgira contra o dominio buenairense. Outras provincias interiores do mesmo Vice-Reino estavam egualmente perturbadas.

Podcroso fermento libertador encontrava-se no commercio inglez, recentemente estabelecido em terras americanas. O systema hespanhol era o monopolio. Voltar a elle fôra arruinar os valiosos interesses britannicos, formados á sombra da autonomia das colonias, pois estas, immediatamente após 1809, tinham cassado o véto metropolitano quanto ao intercambio com paizes estrangeiros. Tal auxilio era fortissimo e acompanharia sempre as novas nações; tanto que foi o principal propugnador do reconhecimento da Independencia, em Londres, junto ao Parlamento e ao Governo, assaltados o Gabinete e as Camaras por mensagens e representações das cidades manufactureiras e dos mercados commerciaes inglezes, com o fito de promoverem a acquiescencia official á nova ordem estabelecida.

Nada mais delicado e instavel do que a situação das terras castelhanas. Não era a separação, mas equivalia á independencia de facto, embora inconsciente sob o nome de autonomia. Nessa mole, por tantos seculos immovel, agora posta a rolar, exerciam pressão extranhos e formidaveis impulsos acceleradores. Eram os inglezes. Era o descobrimento de novos pontos de vista, até então vedados pela compressão exercida pela mãe-patria. Eram comparações com os paizes onde nem castas, nem privilegios, nem extorsões tributarias existiam. Mais grave entre todos, era o despertar de rudes instinctos, até então sopitados á força, nas camadas mais brutas e menos cultas.

Iam soprar em furacão todos os ventos soltos dos ôdres de Eolo. E mais exacerbaria o vendaval a feição francamente reaccionaria e absolutista de Hespanha, após a restauração de D. Fernando, em 1818.

Dc facto, pouco durou a phase lealista, salvo no Mexico, onde, em 1821, Iturbide, ao proclamar o Imperio, resalvava sua submissão a Fernando VII. Já em 1810, o «Cabildo» de Buenos Ayres proclamava a Independencia, e essa prioridade comprehendese, por ser este porto o de maior commercio e o que, restaurado o regimen anterior, mais soffreria perseguições de Madrid, pela concorrência feita por suas exportações aos productores congeneres da metropole.

Iniciadas, pouco após, luctas cruêntas contra as tropas enviadas do Peru' nunca mais cessou a peleja. Tucuman (1812) e Salta (1813) foram victorias de Buenos Ayres, sob a direcção de Belgrano. O congresso de Tucuman,



em 9 de Julho de 1816, constituiu as Provincias Unidas do Rio da Prata. San Martin, em Chacabuco (1817) e Maypu' (1818), firma definitivamente a libertação chilena.

A Norte, o movimento de 1809 resultára em proclamar-se a Independencia de 1818, em Venezuela, após uma phase lealista, na qual Quito, Caracas e Bogotá haviam estabelecido Governos autonomos, em nome de Fernando VII. Longo periodo de incertezas e de combates indecisos desfechou no surto de Bolivar, a dirigir o esforço emancipador. Boyaca (1819) e Carabobo (1821) decidem a libertação de Venezuela, de Colombia, e de Ecuador.

Póde-se affirmar que Londres era o quartel general dos partidarios da America livre, pois ahi se obtinham elementos bellicos, facilitados pelo commercio inglez, ahi se recrutavam batalhões, a ponto de formarem brigadas inteiras, de antigos soldados das guerras napoleonicas, tropas de todas as nacionalidades, com quadros preponderantemente saxões.

Já então soava a hora do desaparecimento do poderio iberico no continente americano. De Norte caminhavam para Sul as legiões libertadoras de Bolivar, em busca da séde principal das forças e das riquezas da metropole em suas possessões ultramarinas, o Peru'. De Sul marchavam para Norte, com o mesmo objectivo, os regimentos de San Martin, após dous annos de organização militar no Chile.

Desde 1820, achava-se o caudillo, vindo da Argentina, no Vice-Reino peruano, cuja costa Lord Cochrane bloqueára desde o anno anterior. Não devia ser dado, cntretanto, ao general buenairense levar até o fim a campanha da Independencia. Fôra esta proclamada em 1821, mas ainda pelejavam as tropas hespanholas, e por vczes com successo. A aproximação do Libertador de Nova Granada permittiu a conferencia dos dous chefes em Guayaquil, e a renuncia voluntaria de San-Martin. Continuou o combate intermino sob a direcção unica do elemento nortista. As victorias de Junin e Ayacucho (6 de agosto e 9 de dezembro de 1824) eliminaram de vez o dominio de Hespanha.

Estava feita a Independencia.

Entrementes, problema inteiramente diverso, fôra adoptada a solução republicana para todas as novas nações surgidas da lucta.

A tradição era a monarchia. A não ser Bolivar, e esse mesmo com um plano constitucional, que, sob o nome de governo popular, se approximava da monarchia electiva,



talvez se não encontre um republicano entre os homens da emancipação da America.

Mesmo depois de passada a phase lealista, quando tiveram de organizar-se as novas unidades politicas, procuraram manter a formula a que estavam habituados, devolvendo a chefia a principes europeus ou a algum dos generaes libertadores, capaz de fundar dynastia.

Comprehendiam esses fundadores de nacionalidades que, subvertidas as antigas normas e postas em movimento novas e obscuras e formidaveis forças incultas e tão proximas á barbaria primitiva, um elemento se fazia preciso, indiscutido, capaz de conter demasias e de impedir a continuação e a permanencia do estado chaotico que se annunciava para as terras emancipadas, rios cheios transbordando as margens e avassallando os horizontes.

Voltar a Fernando VII era loucura. Sua restauração na Hespanha fôra golpe de morte na obra liberal das Côrtes de Cadiz. A America, abolido o jugo das castas e dos privilegios, não toleraria submeter-se outra vez aos mesmos males.

Constituir Reinos sob a direcção de Infantes de Bourbon, era renegar o monarcha hespanhol e constrangel-o a destruir o principio da legitimidade em cujo nome voltára a dominar a Peninsula, principio que, embora pouco duradouro, ainda nessa phase historica regia a acção internacional da Europa, sob a bandeira mystica do Tsar Alexandre e assegurada pela Santa Alliança.

Principes de outros paizes não dariam solução melhor. Além do desrespeito ao dogma legitimista, fôra introduzir na America os conflictos dynasticos e nacionaes da Europa. Nenhum dos Governos desta acceitaria tal ameaça de ampliação do poderio de seus rivaes.

Dos generaes da Independencia, dous apenas possuíam prestigio capaz de permittir lembrar-lhes o nome. Mas Bolivar era republicano, e San Martin vira seus actos fortemente censurados e combatidos no Peru', e, finalmente, desprendido e de animo altissimo, deixára o campo livre ás ambições que não partilhava.

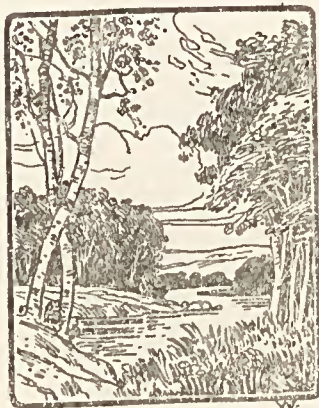
Por exclusão, e como solução negativa, na phrase exacta de Gareia-Calderón, restava a receita republicana.

Era o abandono do Governo ás luctas de grupos insufficientemente preparados, do ponto de vista politico. Valia pela enthronização do regimen de caudilhagem, como remedio ao natural anseio de tranquillidade das aggremações,

que pediam para viver e progredir, e sacrificavam a legalidade á paz material, que a energia ou a violencia do caudillo, elemento providencial, conseguia impôr.

Cincoenta annos de luctas assim se preparavam, até attingirem á maioridade politica as nações então fundadas, com seu corollario natural de respeito a todos os direitos e de garantia a todas as aspirações.

J. PANDIA' CALOGERAS.





OUTRA HÉRO

(Novella de costumes cearenses)



A' p'elos sessenta annos, viuvo de vinte mezes, ainda forte e sadio, o velho Rufino, lenhador e camaroeiro á margem do rio Cocó, entrou a considerar na aridez que nos ultimos tempos, desde o trespasse da mulher, lhe tomára o viver. Não tinha quem lhe zelasse carinhosamente a ordem da choupana e lhe apromptasse a refeição de todo o dia. Era obrigado elle mesmo a coar um gole de café pela manhã, e havia de preparar após o triste almoço para si. E ainda bem que uma das filhas, a Rita, a mais velha, uma vez por outra ia lavar-lhe a roupa do uso, dar-lhe uma limpeza rapida nos *terens*; pois os mais, uma sucia de homens e mulheres, o tempo de que dispunham mal lhes chegava a cuidar da familia de anno para anno multiplicada.

Ora, uma noite, marchando ao rio, para a pesca dos camarões fartos, emquanto matutava nas desgraças de sua vida, Rufino lembrou-se da Joanna, viuva do Romualdo, bôa moça, nutrida e séria, que de tempos lhe chamava as vistas. Via-a sempre, falavam-se, aos domingos não faltava á casa della. Teve de subito a idéa de que bem a podia desposar. Ainda estava em tempo, ora se estava! — elle não era p'r'ahi nenhum mollenga, o caso era a rapariga querer. Estorvos não achava, a não serem uns derriços que principiára a notar no João Vicente, um desgraçado que não tinha onde cair morto e vivia por alli, de servicinhos. Isso, porém, não devia passar de bobagem, pois, mal encontrasse um bom partido, veria o João como a viuva lhe cortaria as vasas.

Assim, reflectindo, emquanto ia e vinha pelo meio da agua negra, o velho passou a noite toda. E ao clarear do

dia, tornando á casa, levava o plano formado, de pedir a viuva.

Pela primeira viração da tarde, retirando o jumento que modorrava no quintalejo, á sombra de um cajueiro copado, montou-o e endireitou para o sitio da Joanna, onde abeberava sempre o animal. Ia agitado, nervoso, doido por chegar. Aquillo para elle era uma questão decisiva, acabaria a todo o custo com tal estado de coisas. Quando a finada se fôra, todos lhe diziam que fosse morar com algum dos filhos. Elle, porém, não era homem para agucntar, depois de velho, chôros de meninos ou arengas de marido e mulher. Ficou sosinho em sua choça, embora dissesse sempre que aquillo não era vida. Precisava casar-se outra vez, mesmo porque um homem é um homem,— com o que riam a valer na taberna do Juvencio Marcos. Era, por conseguinte, occasião de fazer como dizia.

O jumento, emtanto, seguia num trotar igual e sacudido. A paizagem, em torno, se abria num vago tom vespereal de gravura antiga. Para a frente, o caminho alteava-se — atalhosito branco sulcando o tapete vellutino da vegetação rasteira da salsa e matapastos. Casinholas pardas, de palha ou taipa, alinhavam-se continuas, á direita; ao outro lado rareavam, ligadas por cercados de varinhas trançadas. Alguem cantava a *Vassourinha*, quebrando ramos seccos na matta proxima. Pelo carreiro vinha descendo uma familia — o velho Maximo, a mulher, uma filha moça já gravida, após o genro; voltavam de erguer a choça para o casal novinho, prestes a deixar a casa paterna. Andorinhas forasteiras voltejavam com rapidez, riscando o azul esmaecido, estriado de nuvens. Ao sul, remota, eriçada de cimes, a serra de Baturité perdia-se na bruma, opalescente. Mais perto agora, rouxinolava sempre a cantiga:

Vem varrer, ó vassourinha,
Vem varrer, ó vassourinha,
Vem varrer meu coração!

E um amor de trigueirinha repolhuda e contente asomou na estrada, os cabellos ao vento, as saias em trançalhos, o seiozinho empinado, e um molho de lenha fina á cabeça, — como uma hamadryade rustica e morena, que houvesse fugido aos bosques da Hellade e viesse, levipcede e airosa, brunir a carne e caldear o sangue ao sol dos tropicos, catando ramos seccos na matta.

Chegado ao poço, Rufino encontrou a Joanna lavando

uns pannos que estendia sobre a fachina de um cercadinho junto, onde vicejava uma horta de coentros, cebollinhas e tomateiros. Saudou-a, apeando-se, tratou de saciar o burrico. E, de repente, quedando em frente á mulher:

— S'á Joanna, a senhora quer casar commigo?

A rapariga poz-se a rir screnamente, sem attentar-lhe nas palavras, que reputou um gracejo; e proseguiu no serviço, como se não cuidasse no que ouvia.

— Então, moça — tornou o velho sisudo. — O negocio é sério. Diga devéras se quer ou não.

A viuva então mirou-o, agora concentrada, ao passo que um rubor subitaneo lhe afflorava á cara. — Não era a primeira vez que olhava com sympathia aquelle ancião robusto e bondoso, que valia bem por tres moços de hoje, e cujo perfil correcto lhe lembrava, mal comparando, o S. José de um registro, presente da mãe em suas primeiras nupcias. Ficou um momento enleada, absorta, até que fez:

— Deveras? — emquanto se erguia, esquecendo o trabalho, a enxugar na saia as mãos brancas da friagem.

— E então? Ou cuida *vosmincê* que eu sou homem de prosas? — E com muito geito Rufino foi expondo seu modo de vida: Nunca roubára, não precisava dizer; e, apesar de não possuir coisissima nenhuma, quando casára á primeira vez, somente com a ajuda de Deus e a sua *sustancia*, fizera a mulher viver melhor que muita moça da cidade. Em quarenta annos de vida commum, se não a cobrira de sêdas e de ouros, sempre a mantivera de modo a não soffrer vexames. Hoje estava disposto a reencetar a existencia, porque, com licença, vida de viuvo não é vida. Lembrára-se da Joanna, pois em todo o tempo sempre a vira com muito bons olhos — como digamos — como um bemquerer occulto, que augmentára ao vêl-a no mundo sosinha, como elle.

A moça deixára-o falar, embevecida e feliz, tomada de uma ternura subita pelo bom velho trabalhador e leal, que dispendêra a existencia em proveito alheio. E, quando elle findou com os olhos rasos de agua, e lhe tomou as mãos, num suave gesto de caricia, ella, igualmente com os olhos rasos de agua, deu um passo adeante, contemplando-o entre as lagrimas, sussurrando:

— Pois peça licença a minha mãe.

— Vamos, então, a ella! — bradou Rufino já refeito da commoção. E, com a rapariga de um lado e o burrico ao outro, endireitava para a casa, quando lhe surgiu por deante a propria Vicencia, mãe da Joanna.

— S'á Vicencia, seja franca, diga o que lhe vier á boca.

E, a caminho de casa, gravemente, os tres seguiram a discutir.

Ficou assim ajustado o casamento; e na vespera de S. João, num sabbado, pela manhã, numa cavallhada algarrenta de convivas, foi o par á Fortaleza, receber na Sé a bençãam nupcial.

Por todo o povoado e adjaencias, no caminho, havia grupos á espera do cortejo festivo, cruzavam-se ditos, risadas, impudencias maliciosas. — Minha N. Senhora! — fez a Joaquina Seridó, uma rendeirinha afamada na zona pela rijesa de carnes, que todo o rapazio gabava. — Mulher só não casa com carrapato, como diz o outro, porque não sabe qual é o macho ou a femea.

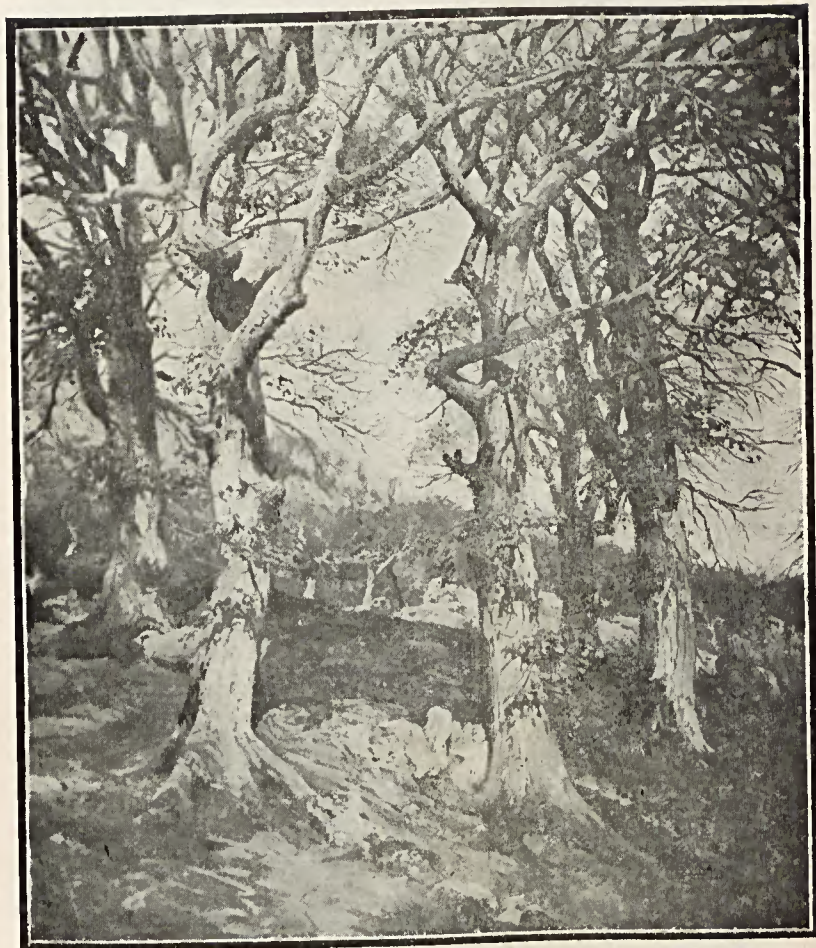
— Virge', olha quem fala — garguitou de banda uma velhota alcoviteira, especie de chronica viva de toda a população ribeirinha. — Um raio me parta, *muié*, se tu já não andou exp'imentando os carrapatos ...

Uma gargalhada estalou, estrugiu de ponta a ponta, no ajuntamento formado em frente á taberna do Chico Saruê. E a rapariga, fula, um bolo a lhe entupir a garganta, num olhar que parecia querer varar de lado a lado a velhota, mudou de canto, perseguida pelos motejos da sueia de comadres, foi para a calçada visinha, onde a acolheu com alegria a rapaziada ali posta.

Só um, emtanto, não ria e folgava entre os demais. Encorujado ao pé do balcão, na venda do Saruê, tragico e livido, como um Othello de fanearia, o João Vicente esperava com ancia dolorosa a passagem dos noivos. Fôra para allí, sem mesmo saber porque, impellido pelo desejo pungitivo de ver a felicidade alheia, como no gosó de revolver bem fundo a ehaga de seu amor ludibriado.

O cortejo chegou por fim, saudado pelo vozear galhofeiro da assistencia. A' frente, vinha o velho Rufino, muito serio, teso na sella, envergando um terno de casimira preta, que lhe emprestára o compadre Rosalino, aggregado á fazenda do coronel Moura. Trazia um chapéo de massa, tambem preto. Os punhos de celluloido, rebrilhantes, saiam-lhe pelas mangas do paletó curto, embaraçavam-lhe os gestos; e um grande lenço escarlate, com ramagens brancas, enrolado á volta do pescoço, resguardava do suor o collarinho largo. Na garupa, eingindo-o fortemente com os braços roliços e bem torneados, — num vestido geitoso de cambraia rosea, ornado de rendarias da terra, o cabello onduloso em bandós negros sobre as orelhas, os olhos baixos, toda confusa e venturosa — a noiva. Após, caval-

EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Velhos Carvalhos

Oleo de A. Fernandez

EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



OVELHAS

Oleo de A. Fernandez

gavam os dois filhos do velho, — o Firmino e o Manoel, de ternos de brim pardo, chapéus de palhinha e gravatas hilariantes, uma rubra, de sangue, a outra côr de canario. Seguiam-se dois ou três rapazes, collegas de pescarias, cada qual tendo á garupa uma rapariga irrequieta e palradora. E por fim, na cauda, o Fulgeneio, dono de uma vasante famosa na lagôa do Papiru'.

Pelas dez horas, sob um sol violento e um céu tropicalmente immáculo e turquesino, regressou a tropa.

Em meio da viagem, na estrada ampla e adusta, um dos rapazes lembrou que tirassem o chapéu ao noivo. Houve risos, protestos das raparigas, afinal o velho chegou as esporas aos flancos da montaria e partiu em desabalada corrida. Tres minutos depois, Fulgeneio, que se adiantára, num gesto de triumpho, acercando-se d'elle, arrancava-lhe o chapéu da cabeça. Os camaradas cercaram-nos, aos vivas, num tumulto de felicitações e puzeram-se novamente em marcha. Por onde passavam, de todas as choupanas do caminho, subiam brados, era uma berraçada possante de — *viva'os noivos!* — que reboava pelo sitio adiante. E até o fim foi sempre essa marcha festiva e bulhenta, sob o esplendor do céu azul, em meio á matta viçosa.

A' chegada, tres foguetes silvaram no espaço refulgente, espoucaram no alto, alviçareiros. E, na cabana cheia de conhecidos, a noiva era abraçada, festejada, gente entrava e saia, num vae-vem continuo, emquanto fóra atroavam gritos a todo o instante. Em todo o resto do dia não cessou o reboliço. Mais pela tarde serviram aluá em grandes canecas de folha, correram copitos de aguardente. E ao tombar lento e caliginoso da noite, quando nos céos remotos se accendia a fulgescencia diamantina das estrellas, e a lua argentea pompeava, como outro balão de festejo, — em face da casinha, no terreiro claro e limpo, irrompeu a chammarada estralejante da fogueira votiva.

Por toda redondesa, então, em louvor do Santo, havia um continuo troar de rouqueiras, de bombas, de foguetes.

Romperam as danças, ao som de uma harmonica tangida pelo Firmino; e com a vinda do Symphronio, violeiro afamado, que todos receberam alegremente, mais redobrou o folgado. Todo o mundo bailava. Ao gemer da viola, as caboelas formosas e os cabras fornidos, tocados de *can-na*, requebravam com languidez, no baião remexido e lubrico. Outros, de mãos trançadas, iam rodear tres vezes a fogueira, celebrando o compadrio. E uma trigueirinha animosa, a Luiza Marcos, afogueada e resplendente de fé, re-

gaçando as saias com pudico recato, dispoz-se a saltar a fogueira, ante o fervor attonito dos mais. Mas, de repente, uma grita alvoroçada estrugiu no oitão da casa, todos correram para lá; e, guindado a um tamborete, o Firmino sustinha no alto, amplo e tumido de ar, um grande balão de côres vivas, que a tocha do pavio mais realçava. Moleques em roda assobiavam, os dedos na boeca, «chamando o vento». Até que, emfim, saudado pelo vozeio alviçareiro de todos, o enorme globo de fogo arraneou, escalonou a altura gloriosamente, listrando a noite de ouro.

No terreiro, onde a fogueira resplendorava sempre, mulatinhas arfantes de susto, nos intervallos das danças, iam tirar sortes, faziam a adivinhação do ovo no eopo. E ora ficavam a sorrir, num extase, ante a torre aguda de igreja, que se tinha formado aos poueos na agua, a prenuunciar easamento, ora rompiam em pranto, quando a albumina se transformava nos quatro braços fataes da cruz. Algumas, sonhando enlevadas, descobriam no liquido um navio veleiro, que lhes havia de trazer o noivo suspirado; e mais outras, no espelho de um poço visinho, miravam-se ansiosas, no terror de não verem surgir o reflexo de suas faces, o que seria signal de morte proxima, antes do fim de outro anno. De tempos a tempos, ao pé de um cajueiro poueo distante, formava-se um grupo de meninos, todos attentos, olhando quando um delles chegava, com um tição aceso, para largar fogo á rouqueira. Espiralava uma ehammasinha delgada, como uma fita de ouro, todos fugiam, e um retumbo formidavel enchia a noite.

Remexendo um saquinho de panno, um rapaz que acompanhára o Symphronio, entrou a ler um papelinhos dobrados, em que estava a sorte de cada um ... Para a menina Rosa, o destino reservava, segundo resava a quadrinha impressa, um noivo guapo e lindo, que não tardava em apparecer na terra. A Raymunda Mareos, porém, soegasse, que o della só viria no outro anno, de uma viagem a que andava no Norte. A comadrinha Viceneia Bahia teria uma surpresa agradavel qualquer dia; e assim continuava, tendo uma eoisca bôa que dizer a todos ...

Cansados de dançar, outros convivas saiam, punham-se a gosar a fresca nocturna, sentados em tamboretas no terreiro. O Symphronio agora passára a cantar uma dote modinha apaixonada, que todos ouviam embeveeidamente. A meninada exhausta ha muito se fôra recolher. E, na camarinha sileneiosa, os olhos fechando poueo a poueo, na semi-ineonseieneia do somno que as aeomettia, as creanças reviam tudo:—os noivos a cavallo, a fogueira flambejante,

o bailar das moças ... E um caboclinho, quasi dormido, remexeu-se todo, irrequieto, fez ainda um tenue sussurro que era um grito falhado: — *viva'os noivos!*...

Passaram largos tempos. Joanna, jovial e deligente, era a alma da velha choça de ha muito estranha á presença de mulher nova. Rufino continuava a viver a sua vida de sempre, calmo, tranquillo, sem um assomo de violencia. Somente, por ultimo, andava apprehensivo, pois o João Vicente, que emigrára para o Amazonas desde o seu casamento, chegára havia um mez, engravatado e de chapéo do Chile, arrotando empafias e grandesas. A presença desse typo na visinhança, mormente assim, não lhe agradava de maneira alguma. Por isso, uma tarde, regressando da matta, onde fôra tirar lenha miuda, ao saber pela mulher que o *paroára* estivera a conversar com ella, ficou de cenho carregado, parecendo-lhe aquillo um máo presagio.

— Que desejava aquelle animal, alli em sua ausencia? — resmungava o velho de si para si.

A moça affligia-se com o alvoroço do marido, arrendia-se já de lhe ter falado.

— Não lhe disse o que queria? — indagou elle por fim, rispivamente.

— Disse que vinha *mode* umas terras do coronel Barros, que *seu* Rufino conhece. Vinha perguntar não sei o que lá sobre ellas.

— Pois venha quando eu estiver em casa. — E assentou não sahir no dia seguinte, a ver se o outro voltava.

O dia, no emtanto, correu sem novidade, anoiteceu, e nada. Parecia que o João lhe adivinhava os planos.

Mal humorado, Rufino viu-se obrigado a seguir para a pesca habitual.

Chovêra a tarde toda, e a noite fria, sem lua e sem estrellas, mais convidava ao aconchego da casa, na quentura macia da rêde, do que a um serão prolongado sobre o rio.

O velho seguia apressado, irresoluto, com a cabeça cheia de idéas singulares; e de repente, quando já andára um bom trecho, estacou interdito, com a lembrança de voltar e saber o que iria por sua choupana. Ainda esteve um momento apalermado, quieto, receiando mais que tudo ir toldar a paz honesta que lhe cercava o lar. A curiosidade, afinal, de tirar tudo a limpo venceu-lhe os derradciros escrupulos. Voltou.

Ao defrontar a casa, foi como se lhe dessem uma portada vigorosa pela nuca.

Vozes em dialogo chegavam-lhe aos ouvidos, emquanto elle forcejava, com furia, em divisar o que se estava passando a pouca distancia.—Mãos olhos os seus, mãos como os da alma, que lhe não tinham permittido ha mais tempo ver o que devia! Foi-se assim approximando, contornou a casa pelos fundos e acorrou-se ao oitão, com o sentido alerta e a mão ao cabo da quicé.

Era bem elle, o João, não havia duvidar. E o velho poz-se a maldizer a hora em que se lhe mettêra pela cabeça transtornar o juizo á rapariga presa pelo coração a outro homem, recriminando-se por não poder seguir, palavra por palavra, a conversa que os dois travavam tão perto. A muito custo percebia uma phrase ou outra sem nexo, um riso impudente, depois os nomes de ambos entrecortados num gemido de amor.

Transfigurado de odio, Rufino empunhou a faca e num pulo selvagem caiu entre os amantes.

Joanna, do interior da choça, debruçava-se á janellinha, e falava, a bocca muito junto á cara do caboclo que recostado mollemente contra a parede, fóra, ouvia-a num enleio delicioso.

Ante o marido, num grito horrivel, a moça precipitou-se para dentro, emquanto os dois homens rebojavam abraçados, no terreiro.

A luta foi rapida, João não tardou em subjugar o velho. Ficou um momento, mantendo-o sob si, acabou arrancando-lhe a arma inutil; e, jogando-a longe, entre as moitas de guabiroba que rodeavam a choupana, desvencillhou-se, ergueu-se rapido, fugiu.

Rufino ainda esteve um instante caido, exausto, pozze de pé, por fim, entrou em casa. Muito calmo, fechou a portinha de madeira, apagou a lamparina que aclarava a camarinha. Chamou para dentro, a voz ainda num carregamento de ira:

— Veja lá se não vem dormir. — E, armando a rêde, estirou-se elle proprio, sem dar mais signal de si.

A mulher chegou afinal, transida de angustia e pavor, despiu-se a chorar; deitou-se tambem; e, pela cabana silenciosa e em trevas, rolou por muito tempo seu pranto sufocado, unico echo desperto na grande paz universal da noite.

Fugindo, João Vicente arrendia-se já de ter deixado o velho com vida. — Idiota! A'quella hora, sem outra testemunha além da mulher, facil lhe seria ter dado cabo do

infame. Depois, deixaria o logarejo, na mesma noite, iria viver com a rapariga fosse lá onde fosse, longe dalli.

Numa furia, mordendo os beiços, andava de um lado para outro, rondando as cercanias da casa do inimigo. Depois, arrancando-se á sua hesitação, afastou-se a largos passos, já tendo um projecto formado. — A' primeira que o Rufino fosse á cidade, ia esperal-o na volta, ás margens do rio, e largava-lhe uma carga de chumbo nos lombos.

Concertada essa idéa, soube um dia, pela manhã, que velho passára cedo, em rumo da Fortaleza. Correu, então, á casa do Chico Fortunato, a quem pediu emprestada a garrucha, a pretexto de liquidar uma raposa que lhe devastava o poleiro. De regresso, passando pela choupana do velho, falou á Joanna, pondo-a a par do que havia.

A moça ouviu-o, sem uma palavra, numa atonia completa. Desde a noite da luta, o marido morrêra para ella, pois, quando julgava receber delle uma punhalada, o desgraçado rolára na rêde, adormecido! Pobre velho, pobre amor, que não ousára erguer a voz contra quem o conspurcára!

Emtanto, o cabra falava, falava, abria-lhe aos olhos perspectivas de um viver risonho, os dois apartados dalli, indo saciar bem longe a sua sêde amorosa. As mãos delle tomavam-lhe as mãos, corriam-lhe pelos braços acima, iam pouco a pouco empolgando-a. E, com os olhos em chamma, ferozmente, numa explosão de zelo egoista, entrou a beijal-a toda, impondo-lhe a sua vontade: — Pois não era? Pois não era? Pela hostia consagrada, como ella havia de ser delle!

A mulher emmudecida sempre, seu tormento enorme re-bentou em pranto. E, vencida já, desgrenhada, entregou-se toda, num derradeiro brado de revolta inutil: — Vá s'embo-ra! vá s'cmbora! — enquanto lhe beijava em furia a bocca ardente e sensual.

Já em sua choça, pela tarde, quando João Vicente limpava a arma enferrujada, desabou um «pé de agua», de repente, um temporal de chuva formidavel, que de muito promettia a turbação do céu. Nelumbos côr de terra alastravam-se por todo o horizonte, esmaeciam ao longe o perfil das serras. O sol amarellado e baço luzia tenuemente, ronflava o vento sinistro e aspero, e o arvoredo retorcia-se convulso, trançava e destrançava as frondes verdejantes, num murmulhar revoltado de oceano.

Largando o trabalho, mal humorado, o caboclo foi examinar o tempo — que bem podia a borrasca transtornar-

lhe os planos. Com a chuva, que já augmentára o volume das aguas em dias anteriores, o rio decerto cobriria a ponte, e o velho assim não se atreveria a regressar.

Aproveitando uma estiada, correu para a torrente, a ver-lhe a altura.

Num mugido continuo e cavernoso, o rio descia, empolado e turgido, invadindo as margens folharentas, cobertas de hervaças. Da ponte nem signal restava.

Furioso, o mulato adiantou-se, entrou pela agua, até que alcançou o madeirame submerso. Calcando com força no taboado rijo, aventurou uns passos, verificou jubiloso que só um palmo de agua o revestia.

Pelo meio do rio, bubuiando, desciam ramagens secas, deslisando lentamente, até estacarem ante a ponte, onde se abarreiravam, formando assim como um parapeito original, que indicava o passadiço aos transeuntes.

O cabra voltou. Em casa, no alvoroço da resolução tomada, foi buscar a garrucha, revistou-a, soprou-lhe no cano, para dentro, armou-a em seguida. Estava certo. Se o Rufino regressasse naquella noite, era um homem morto. Outra occasião o rapaz não garantiria, porque, para elle, tudo era obra de momento, sua covardia chegára a ser proverbial no bairro. O que lhe valia, bem o sabia, era o fogo do odio a consumil-o todo, e mais que isso a posse cubiçada e plena da rapariga tentadora, que só por esse meio lhe iria parar nos braços.

O tempo enfim aclarou, desfez-se a tormenta aos poucos, pela tardinha.

Quando escureceu de todo, João Vicente apanhou a arma, tomou o chapéo e endireitou para a tocaia, que escolhêra, entre umas touceiras altas de mofumbo, a dez passos da ponte.

Em roda, a matta se alongava indefinidamente, num desenho falho de recořtes, toda esfumada, numa borradura negra de painel scenographado. Longe em longe, uma arvore, ou outra, desgarrada, erguia sobranceira a copa solitaria, como uma vedetta no deserto. O rio, a pouca distancia, murmulhoso e tumido, mais abaixo, cachoava arquejando, como um lenço imenso pela noite. Das margens subia a intercadencias, o tintangalhar soturno dos sapos. A lua cheia, muito grande, côr de ouro e de fogo, com fiapagens de nuvens por cima — uma lua sinistra e morta, como as luas de Doré, surgia no relevo do horizonte, aclarando lividamente o cimo do mattagal e as aguas gorgolantes, pondo um fulgor de incendio no céu enfarruscado. Para o sul, para o norte, acima, abaixo, tenue, dispersa, a nevea



desfraldava-se em flocaduras branquíssimas, palpitava, rompia-se, estendia uma túnica de neve sobre a mattaria ennegrecida, algo doava o espaço niveal.

O mulato esperou, esperou, correram as horas, tremiam-lhe já os membros, da friagem, quando de repente, pausado e cauteloso, um capinhar de patas cresceu na outra margem; subiu. Alguem vinha a cavallo — o velho, sem duvida, o rapaz acabou por divisar-lhe o vulto ante o luar.

Quasi erguido, pela cominoção que lhe estancava o sangue nas veias, o cabra aperrou a garrucha, o dedo ao gatilho, mirando o cavalleiro que avançava.

Por um momento ou outro parou a montaria, de certo a pesquisar se a ponte offerecia a segurança precisa; e novamente, mais lento e medido, entrou o *plache-plache* das passadas a ferir as aguas.

João Vicente, então saiu do esconderijo, a garrucha empunhada, os olhos luzindo. Aos agachos na sombra, sem ser visto, chegou á beira da corrente, alçou a arma, — e um retumbo estourou na calmaria, fulgurou um lampejo incandescente.

Rufino, attingido por toda a carga, abriu os braços para o céu, tombou para traz de escantilhão; e a cavalgadura espavorida arrancou para o lado, sumiu-se na agua. Um remoinho de espuma vortilhou estrupidante, enquanto o animal surgia adiante, nadando para a margem.

O morto ainda ficou um instante, espapaçado, immovel, sobre a ponte; mas como a ponte era estreita, e a enxurrada corria sempre sobre elle, não tardou em ser empurrado para fóra, e afundou no sorvedouro, para reaparecer lá baixo, rôlando na onda, como uma coisa morta, atôa.

Só então o assassino se poz de pé, a muito custo. Um pavor sem nome lhe arripiava as carnes, eriçava-lhe a grenha aleonada, parecia que lhe tocavam todo o corpo pontas de facas regladas. Aos tombos recuou, o olhar pregado no cadaver que lá ia, arrastado sobre a agua. Da frente lhe escorria o suor em abundancia, os dentes craquejavam com furor. Andou assim para traz, a garrucha fumegante em punho, o chapéo para a nuca, até que recobrou animo, na estrada, rompendo numa carreira desvairada e impetuosa, em ramo á casa do pescador.

Achou-a cerrada e escura, o que o alarmou desde logo. Offegante, anciado, bateu na porta, angustiadamente, chamando pela mulher. Como não respondessem de dentro deu uma volta e penetrou pelos fundos da choça. Estacou, apalpou os bolsos, procurando os phosphoros, riscou um,

accendeu a lamparina que encontrou num caritó, na cosinha. Chamando sempre a mulher, numa vóz de chôro, e de supplica, penetrou na camarinha. A principio nada viu á frouxa luz tremulante, andavam-lhe nuvens ante os olhos. Mas, de repente. num berro, avistando a um canto o bahu' escancarado e remexido, peças de roupa esparsas, uma rêde caída, aberta no chão, deixou tombar o lume, recuou, as mãos na garganta, sentindo-se afogar, rolando por fim desamparado, quando comprehendeu toda a verdade.

A rapariga havia fugido.

HERMAN LIMA.





O GORDO ANTHERO

DIA de festa no arraial. Ouve-se espoucar de foguetes e bendelengar de sinos.

— Vocês não saem hoje? — perguntou Celeste a Arminda, sua prima fazendeira, que com o marido, o gordo Anthero, eram seus hospedes.

— Meu menino está quentinho — respondeu Arminda, — eu ficaria com cuidados.

— Pois saía, o sr. Anthero, vá dar uma volta com Henrique. ...

E chamou: «Henrique!»

Chamou e repetiu em vão, o que a levou a relançar o cabide, onde não viu o chapéu do marido.

— E' excusado incomodar o Henrique. D. Celeste, disse Anthero, porque a Arminda não sahindo, tambem não acho graça em sahir.

— Ah, minha Nossa Senhora! Ainda estão assim, depois de tantos annos de casados! Pois eu e Henrique nos casamos ha um anno apenas e — vejam! o chapéu d'elle não se acha no cabide. Já está batendo rua. Não se lembra de mim, nem de hospedes, nem de ninguem. Em tempo de festa a cabeça anda-lhe á roda. Essa creatura não perde baile, missa ou tocata: é o arroz doce de toda a festa. E pensam que elle me leva? Historia! Se quero ir, tenho que ir sózinha. Que inveja tenho de uma união assim!

Os seus hospedes sorriram. Celeste, depois da pausa exigida pela entoação pathetica da ultima frase, continuou de modo chocarreiro:

— Porque essa differença? Attribuo-a á gordura do sr. Anthero. Dizem que os homens gordos são sempre bons maridos. Vejam o major Silva: é quem troca fral-

das nas creanças e faz os pequetitos dormir. Dá um descanso para a Otilia! O Mario tambem; passa os dias ao pé da Marica, que é costureira, rematando as costuras e caseando os paletós. Ella até já o ensinou a fazer *trou-trou*. O Felisberto, então, a mulher faz d'elle o que quer. Para toda a festa elle dá-lhe um vestido caro, feito fóra e todo o fim de anno leva-a ao Rio ou a São Paulo. Os maridos gordos são sempre muito bonzinhos de genio e fieis, accommodados, ao passo que os maridos seccos, como Henrique, são umas pestes!

Emquanto Celeste assim fala, Arminda encara Anthero significativamente. Anthero baixa os olhos.

— Fieis, hein? murmura Arminda submettendo-o ainda á mesma prova.

— Pois Arminda você ...

A esposa atalha-o, arremedando:

— «Pois Arminda ...» Quando Anthero começa com esse «pois», já fico com a pulga atraz da orelha.

— Mas o que ha entre vocês? — perguntou Celeste, accesa em curiosidade.

— Conto? — perguntou Arminda a Anthero, zombeteiramente.

— Arminda!

— Conto!

— Que tolice ...

— Tem que contar! — instou Celeste. Agora mando-o eu. Para que foi mostrar-me o rabinho do segredo? Precisa puxal-o todo para fóra.

— Olhe, Celeste, para você não se illudir com a fidelidade dos gordos, vou narrar-te tudo.

E enquanto Anthero manifestamente desconcertado não despregava os olhos do assoalho, remexendo com nervosismo um mólho de chaves no bolso, Arminda começou a confidencia promettida:

— Anthero sempre gostou de moças. Querem vel-o alegre e falante, é estar perto de moças. Commigo não tem prosa; mas ponham-no em uma roda de senhoritas de carinhas gèntis, que elle logo se torna loquaz e esquece o serviço e tudo o mais, e, onde ellas vão, vac elle atraz, papagaçando quanta coisa lhe vem á bocca.

— E você não se incomoda?

— Não, porque tambem tenho o mesmo gosto. Os dias em que hospedo minhas amigas, para mim são dias de festa. Ainda fico mais enlevada e satisfeita do que Anthero. Por isso convido-as, arrasto-as para lá sempre

que posso, sem pena do suplicio a que as sujeito, levando-as para tão triste ermo.

Entre as convidadas figurou a Evelina, que não se fez rogar. Lembra-se de Evelina? A de Itajubá, que estudou no Rio, no collegio das irmans. Tinha seu requêbros de moça que aprendera as maneiras elegantes das cidades grandes, além de muitas prendas adoráveis: Bôa pianista, desenhava a primor, poetiza. Esteve commoseo breve temporada. Nesse tempo, ah! se você visse Anthero! Deixou de ir á roça, não olhava as criações, esqueceu-se de tudo! Passava os dias em casa, atraz de nós duas, a pedir a Evelina que tocasse, que cantasse e por fim até queria que ella lhe tirasse o retrato.

Eu dava-lhe razão, porque bonita ella era mesmo. Os cabellos, você se lembra, de um louro de sol, apanhados por uma fita aqui, pouco acima da testa. Uma pelle que se pôde dizer limpa; nem uma espinha, nem uma sarda. Uns labios que você diria que levavam *rouge*. Tinha um riso de covinhas que lhe mostrava os dentes perfeitos, sem nenhuma falha ou obturação. Corpo bem feito, elegancia natural... E sobre o mais *sympathica*, sem luxos. Enfim, se eu fosse homem, ficaria como Anthero ficou. Conforme te dizia, elle não descollava. Na mesa eram atenções infinitas. Anthero, que nunca ia á cozinha, passou a tornar-se uma embirração, a farejar nas panellas, indagando do que havia de bom, e, se nada houvesse, estava elle afflicto, a enviar proprios para toda a parte, mandando vir até cerveja e latas de doce. E prosa como isso! Contava casos que nunca ainda me contara, tanto que eu pensava que elle os inventava, para tornar sua palestra interessante. O coio! Eu achava-lhe uma graça immensa, sómente pedindo-lhe, de vez em quando, que não desdeixases a roça.

— Ora a roça! — dizia elle. Tenho o Lucas, que olha tudo. Você bem sabe quanto vale o Lucas.

E d'antes elle vivia a querer despedil-o, sob pretexto de que não movia uma palha. De um dia para o outro o administrador creseceu de importancia para Anthero!

Tirante esse recio dos negocios desandarem, eu gostava immenso da estada de Evelina na fazenda, pois além de bôa amiga era companhia divertida.

Uma noite, porém, não nego fiquei um pouco contrariada. Estavamos na sala e Evelina tocava. Eu, de um lado, passava as folhas da musica e Anthero, do outro, ouvia-a de bocca aberta, uma bocca tão aberta que parecia que ia comer a musica, o piano, a pianista e o mais que

havia na sala. Num intervallo Evelina voltou-se para mim e poz-se a contar-me não sei o quê. Depois de algum tempo que começava a falar, interrompeu-se de subito, e, gy-rando o mocho, disse para Anthero:

— O sr. queira desculpar! Estou tão distrahida que sem querer lhe dei as costas.

Ao que elle replicou:

— Nada tenho que desculpar, D. Evelina. Um anjo como a senhora não tem costas.

«Um anjo», ouviu? Pois foi assim que elle disse. Na hora, fiquei passada, mas calei; nessa noite, porém, quando nos fomos deitar, achei preciso ralhar com elle: «Como é, Anthero, que você foi falar uma coisa d'essas?» «Falar o quê?» «Você disse: Um anjo como a senhora não tem costas.» «Pois que é que tem dizer assim?» «Tem muito, porque não é cousa que se diga.» Dissesse: «Uma pessoa com a senhora, uma moça como a senhora, ou outra palavra assim; mas «um anjo», não tem proposito.»

Elle ainda quiz discutir, mas como eu retruquei, afinal embatucou. Depois desse ralho, concertou um pouco; mas se você visse quando Evelina voltou para Itajubá! Elle continuou aereo, só falando em vender a fazenda e em nos mudarmos para alguma cidade.

— Para que cidade, Anthero? — perguntei.

— Itajubá!

— Você está louco! Nem essa, nem outra qualquer. Nossa lida é na fazenda, e, fóra da lavoura, nem você nem eu não entendemos de nada.

Elle teimou, falou em fazer «negocios volantes», mas eu bati o pé! Então, Celeste, sabe o que aconteceu? Anthero cahiu de cama! Creio que não era bem doença o que elle tinha, mas uma especie de desanimo, de indiferença por tudo. Gemia sem explicar o que sentia e deu de emmagrecer, indo a ponto que tomei a resolução de falar-lhe serio: «Anthero, isso não tem geito. Assenta a cabeça, homem. Você esquece que tem mulher e cinco filhos pequenos por quem olhar. Cria coragem e vae tratar da vida.»

Animeei-o como pude, para que sahisse d'aquella banzeira. Vi que elle ficou impressionado, ruminando minhas palavras. Até que um dia elle chamou-me e disse-me em tom decidido.

— Olhe, Arminda, pensei naquellas suas palavras e vi que você tinha razão. Foi uma bobagem minha e já passou. Hoje mesmo vou levantar-me para botar para fóra o Lucas e cuidar da lavoura.

E assim fez... E ahí está outra vez, o homem, com essa cara tão sonsa que parece mesmo um santarrão... Anthero que suspiro é esse?!»

Anthero que durante a exposição apresentara todas as modalidades da descocha, da descocha de olho baixo, a que não sabe onde pôr as pernas, a de riso amarello, ao cabo da narrativa passou a mostrar-se visivelmente acobrunhado e porfim suspirou.

— Que suspiro é esse, diga!

E Arminda furiosamente agarrou-lhe as orelhas ambas, ao passo que elle abria um riso desconforme, bonacheirão, mostrando a alma affectiva á flôr do rosto.

Passára a nuvem que de novo por um momento lhe obnubilára a alma e elle volvia a ser o bom Anthero, modelo dos maridos e pae de familia exemplarissimo.

GODOFREDO RANGEL.





DOR DO IDEAL

O MAR:

*O' Lua, minha noiva! Ha já milhares de annos
Que eu em vão te persigo,
Com os meus sonhos de amor, tresvariados e insanos!*

*Surges no céu longinquo... E, em delirio eu te sigo,
A alma cheia de enganos,
E em vão soluço, e em vão te imploro:—Vem conunigo!*

*Ha tanto que eu te espero! Escuta do men seio
Marulhoso os queixumes!
Meu amor é maior do que o céu; consagrei-o*

*A ti sómente, pois tu só, só tu resumes
O ideal por que anceio!
Quando ascendes ao solio azul, ardendo em ciumes,*

*A tiro uma blasphemia infanda ao infinito;
E, em desfreiada sanha,
Não podendo alcançar-te, aneaço, rujo, grito,*

*Ululando e espumando, a remorder a entranha
Das rochas de granito —
Tamanho é o meu anor! a minha dôr tamanha!*

*Como uma celestial rainha de ballada —
Fascinadora e nua,
Segues, indifferente, a Via Lactea estrellada...*

*Segues... Só fica em mim, dentro em meu seio, a tua
Imagem retratada,
Minha intangível, minha idolatrada Lua!*

O POETA:

*O' Mar, meu pobre irmão! E' insano o teu desejo,
Sem cura esse feroz
E formidavel desespero, em que te vejo:*

*Nunca, jamais, a Lua ha de entender-te a voz,
Nem lhe terás o beijo.
Soffre, mudo, o rigor do teu fadario atroz.*

*Clamas em vão: vê tu! A Lua, indifferente
E surda ao teu clamor,
Desapparece, além, com a noite, no occidente...*

*Brilhou; mas, no teu seio azul de sonhador,
Se reflectiu sómente —
Breve sonho de luz, formoso e enganador...*

*Brilhou... Passou... Assim, tambem é o meu ideal:
Loira visão querida —
Brilha... fascina... e passa. E que resta, afinal?*

*-- Num clarão de saudade, um sonho, mais, sem vida,
E a ancia eterna, infernal,
Da alma a sangrar de dôr, e ainda, e sempre, illudida!*

HEITOR DE MORAES.

O CACHIMBO

*Eu tenho um singular cachimbo antigo,
cujo vaso é, maravilhosamente
esculpida, a subtil, irreverente
cabeça de Voltaire. E, em quanto instigo*

*e gózo o aroma do tabaco amigo,
dir-se-ia que o trabalho vivo, ardente
e complexo de um cerebro potente,
todo a meus olhos franqueado, eu sigo...*



*Gemeas, vejo surgir a idéa, a imagem;
a razão, a vontade e a fantasia
em vastas obras agem e reagem...*

*Chammas, luz, fumo... mas... vence a porfia
o fumo... e jaz na turbida voragem,
por fim, somente a cinza negra e fria...*

A CIGARRA

*Ano-te, ó toda poetica cigarra;
amo-te a alma infantil e a voz aguda,
bem que a formiga pratica, sisuda,
julgue o teu canto estólida algazarra.*

*Que ela, como o asno, servo da almanjarra,
labute e pene, pois não vóa e é muda;
tu com o teu hino ardente o sol sauda,
e o teu viver breve e ditoso narra!*

*Canta, que és alma e voz, cigarra amiga.
Dá, com desden do ganho subalterno,
lições de ideal á mercantil forniga.*

*Consome o coração louquinho e terno
no frenesi da efemera cantiga.
Bem sabes tu que não verás o inverno!*

(«Vida e sonho»)

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO
(Da Academia Brasileira)

A UM MISOGYNO

*Coração sem amor, que á Natureza, afflicto
imploras um consolo a teu tedio infinito
e uma réstea de sol ao teu gelo polar;*

*si ella é Mãe para os mais, tambem madrasta avara
sempre foi, e ha de ser, eternamente, para
todos os corações que não sabem amar.*

*Pois nunca poderá compreender a beleza,
a arte, o sonho, o mysterio, a alma da Natureza,
quem, uma hora somente, um momento siquer,
vibrante de paixão, ou de dôr lacerado,
não estreitou ao seu um corpo delicado,
nem chorou, no abandono, o amor de uma mulher...*

CANÇÃO DO JURAMENTO

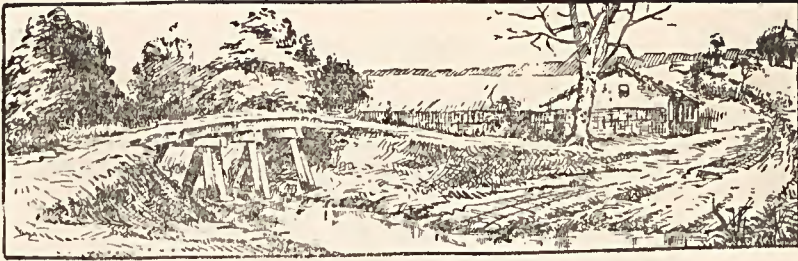
*Fiz um dia um juramento
de nunca mais te querer;
de nem siquer um momento
outra vez teu pensamento
no coração acolher...
Era firme o juramento
de nunca mais te querer.*

*Mas apenas o fizera
mal de meus olhos! — te vi;
e como si nada houvera
nem ainda te esquecera
o juramento esqueci...
E mesmo do que fizera
duvidei, quando te vi.*

*O resultado estou vendo,
estou vendo, mas em vão:
que sem remedio soffrendo,
em sangue e fel escorrendo
tenho agora o coração...
Mas quem, amor, em te vendo,
tambem não jurará em vão?*

JOSE' LANNES





A DOUTRINA DE FREUD

O eminente psiquiatra Dr. Franco da Rocha publicou em opusculo um interessantissimo estudo sobre a doutrina de Freud ou a psychoanalise. Freud vê em todas as manifestações da actividade psychica o influxo determinante do instincto sexual. Esse instincto é o creador da força de que tudo na vida é decorrente logica, força que Bergson denominou "evolução creadora", Schopenhauer e Nietzsche — vontade de poder, — e a metaphisica antiga classificava como impulso vital. Freud deu-lhe o nome mais preciso de libido, e alicerçou nella toda o edificio da sua fecunda hypothese. O Dr. F. da Rocha enriquece o seu estudo com observações pessoaes, muito interessantes.



OS psicoanalistas aproveitam tambem nas suas investigações os menores factos da vida diaria comum. A psicologia da vida diaria deu a Freud o motivo de um dos seus interessantes livros — «*Psychopathologie des Alltagslebens*». Ahi são estudados os gestos da vida comum, visto que estes obedecem a um determinismo a que ninguem fôge. A mimica, os reflexos, os cacoêtes, a inflexão da voz, uma palavra solta e habitual, os lapsus, as ratadas, os esquecimentos de nomes, trocas de palavras, etc., tudo isso serve para o descobrimento de tendencias e desejos inconscientes, porque são como os sonhos, isentos dos disfarces criados pelas fórmulas desenvolvidas da actividade psiquica voluntaria, adaptada ao meio social.

A DOCTRINA DE FREUD



Não ha um só facto da vida diaria com uma origem a psicoanalise não descubra, mesmo dos que na apparencia são inteiramente arbitrarios. Vou dar um exemplo meu, para evitar a copia dos exemplos de Freud. Poucos momentos antes de escrever estas linhas, estava eu trauteando distraidamente um trecho de musica que ha treze anos não ouvia, facto esse que me despertou a atenção e o desejo de aplicar as idéias de Freud, para lhe conhecer o porquê. Foi facilimo. Estava eu na Praia de S. Vicente; vinha voltando da casa do Snr. Nobiling, onde fora buscar um volume da Enciclopedia Brockhaus. Ao chegar á casa daquelle snr., havia encontrado suas filhas no jardim, a brincar num balanço pendurado no galho de uma arvore; ao mesmo tempo eu ouvia o bater cadenciado das ondas, na Ponta do Itararé. Estava explicado o facto. A musica que eu trauteava, na volta, era um trecho de uma opereta que ouvi em Berlin, em 1906; era uma canção que quatro ou cinco moças cantavam, ao mesmo tempo que se divertiam, cada uma num balanço, desses que as crianças tanto apreciam. Esse trecho de musica era frequentemente tocado pela banda do navio alemão — Raetia — em que voltei da Europa, ha treze anos. Está ahí claro o determinismo. A ligação se fez inconscientemente. Eu não me lembrava da opereta nem do navio alemão, nem de Berlin. Dei um exemplo futil, banal, facilimo, para bem salientar o determinismo dos factos da vida psiquica, como òles são comprecndidos por Freud. Ha casos muito mais complicados, mas a psicoanalise os elucida, a todos. Os esquecimentos de nomes proprios são sempre atribuidos a falhas de memoria, sem mais explicações. Isso é um erro. Muitas vezes é uma repulsa inconsciente que simula um defeito da memoria. A psicoanalise descobre quasi sempre essa repulsa. Outras vezes um desejo inconsciente nos faz dizer o contrario do que pretendemos dizer conscientemente. Freud apresenta nesse sentido exemplos interessantissimos.

Todos os medicos atilados conhecem isso, praticam esse metodo durante os seus exames psiquicos; todos o praticavam, antes de Freud, mas o faziam como habilidade pessoal, intuitivamente, sem tecnica preestabelecida.

Taes pequenos factos são para Freud indicios reveladores de *complexus* inconscientes, de desejos dissimulados, razão pela qual foi òle buscal-os para incorporar ao seu estudo ao dos sonhos e da associação de idéias, como mais uma fonte de ensinamento.

A habilidade de algumas autoridades policiaes investigadoras (excluidos, portanto, os que exercem esse officio como simples empregados publicos — a mór parte), funda-se exactamente no conhecimento intuitivo, empirico, de todos esses pequenos factos, aos quaes se refere a escola freudeana.

Citámos, linhas atraz, o caso do delegado do Maranhão, que Freud de bom grado acolheria no seu livro, si não tivesse farta mèsse de factos identicos no seu proprio meio social. Um simples gesto, o cumprimento, traíu todo o psiquismo do homem naquêl momento. Foi o fio conductor pelo qual a autoridade penetrou no intimo do eriminoso e por um processo simples, inconsciente: substituiu sua propria personalidade pela do delinquente, isto é, pensou como êle naquêl instante.

O Prof. Bleuler, pela leitura de um romance, previu matematicamente o divoreio do autor do livro, com um ano de anteedencia.

Não é nossa intenção reproduzir aqui o livro de Freud. Os curiosos não se contentarão com a leitura deste nosso apressado resumo; irão á fonte original. E' isso exactamente o objectivo que nos levou a expôr estas doutrinas. Abre-se aqui um vastissimo campo de applicações das doutrinas psicoanaliticas, não sómente em relação ao crime e ao criminoso, como para o conhecimento dos moveis e afinidades subconscientes dos funcionarios da justiça que, sem o saber, são tambem victimas, nas suas determinações, de sua affectividade reprimida ou recalcada. Não eriam, pois, os senhores funcionarios da justiça, que só os criminosos são victimas de suas tendencias; êles tambem fazem muitas vezes deserer da justiça, em nome da qual agem, sob a influencia de suas proprias tendencias inconscientes. E' duro, mas é verdade.

Neste capitulo, da psicologia da vida diaria, entra o estudo do *espírito cômico* (Witz) ao qual dedicou Freud um artigo especial.

O gracejo, a pilheria caustica, a caricatura dos jornaes, a mistificação por troca, em tudo isso o processo psicoanalitico descobre o simbolismo sob o qual se escondem os *complexus* inconscientes ou uma idéia mais ou menos consciente do autor, que assim realiza economicamente uma tendencia affectiva — desejo de injuriar, vingança e, frequentemente, uma tendencia erotica. A tendencia erotica, sobretudo, é de uma frequencia que não pôde deixar de impressionar os que estudam a psicoanalise. O gracejo sexual, por mais velado que seja, é uma aggressão

sexual. Freud aplica, nesses casos, os seus processos de análise. O mecanismo psíquico do cómico tendencioso é assim descrito por êle: diversos factos reúnem-se num só, despertado pelo gesto, palavra, ou incidente gaiato; é a *condensação*. A *elipse* exprime essa condensação numa só palavra, numa interjeição ou num acto. A *deslocação afectiva* faz com que se torne agradável ou risível um facto indiferente, mas que está em relações associativas com um outro oculto, cuja força emotiva passa para o primeiro e assim tem sua expansão livre. A *alusão simbólica* dá-se, no cómico, por alegoria, como nos outros factos psicologicos já apontados pela psicoanálise. Exemplo:

O director do jornal *O Seculo*, dirigindo-se uma vez a um poeta do Rio de Janeiro, pediu-lhe um exemplo de eumulo de lerdêza. Este respondeu: é o sujeito ir ao W. C. e levar um *seculo*... Ao que o outro replicou: fica *sem anos*...

Ahi se vê tudo: condensação, elipse, alusão simbólica e transferencia emotiva. E' um meio económico de expansão, sem luta com a censura, que representa a moral. O desejo agressivo se realiza sem ofensa á ética.

O Rio de Janeiro, como todas as grandes capitães, é fértil em produções dessa espécie. O povo, sequioso de oportunidade para expandir tendencias reprimidas, principalmente eroticas, desabafa-se quando um facto notorio lhe permite expandir essas tendencias, iludindo a censura por meio de alusões simbolicas. No nosso tempo de curso academico appareceram no Rio de Janeiro dois embaixadores chineses — o Ku e o Fu — a proposito dos quaes aquêlê povo deu largas a essa tendencia. Surgiram até livrinhos de versos, cujo motivo era o primeiro embaixador, pois o segundo só servia de consoante para a rima.

Ha outros motivos determinantes dos gracejos, entre os quaes, por exemplo, o prazer infantil de brincar com as palavras, deformando-as; o prazer de reunir numa só formula diversos factos individualmente conhecidos, etc.

Criada a psicologia de Freud, com caracter geral, era inevitavel sua expansão como sistema filosofico, a abranger na sua esfêra a arte, a religião, a moral, a literatura, tudo o que concerne á actividade psíquica no que éla tem de mais elevado (sublimado). Religião, arte, filosofia, são aspirações idealisticas do instinto; a histeria, a paranoia, a catatonia ou a demencia precoce, realizariam macaqueações estereis. Essas doenças isolam o sujeito do seu meio social, a cujo modo de pensar colectivo êle não se adapta,

mas nem porisso deixam de ser, no fundo, da mesma natureza das mais nobres aspirações humanas.

Vejamos as palavras de um ardente sectario das doutrinas de Freud: «A dogmatização da religião é um processo pelo qual se rouba á simbologia miticoreligiosa toda sua força sentimental. O labor dos teólogos, na sua faina de intelectualizar as crenças, nada mais faz do que degenerar o culto em árido verbalismo, até que surge um espirito dotado de forte tonalidade emocional — o profeta — que, pela regressão de sua *libido*, consegue a vigorosa palingenesia de um mito primitivo, quasi esquecido, que alivia seus contemporaneos do peso das dificuldades da vida real, objectiva, e os convence, porque reactualiza o que havia de mais precioso para êles em outras épocas mas recalcado desde a infancia no fundo de seu espirito. Fornece-lhes assim o meio de satisfazer dissimuladamente as exigencias da *libido*, porque a essencia da religião, como manifestação dos poderes sobrenaturaes, é meramente um sensualismo supernormal, um psicoerotismo espiritualizado, transcendentalizado, apoteozado. A sciencia, por outros caminhos, já tinha o conhecimento adquirido de que o extase místico se assimilha ao gozo venereo, e é desprovido, portanto, de todo e qualquer significado misterioso ou suprafísico.» (H. Delgado).

O grande e feroso escritor columbiano, Vargas Vila, parece ter se enfronhado nessa doutrina para escrever «A Tragedia do Christo», livro em que se reduz a morte do suave Nazareno a simples questão de ciumes de Judas. A celebre frase — *cherchez la femme* — não é, pois, um simples gracejo generalizado; encerra uma noção profunda da psicologia pratica.

Mesmo nas religiões adeantadas encontram-se simbolos libidinosos nos seus diversos misterios. No despontar das primitvas civilizações houve religião em que se adoravam os simbolos do acto sexual. O culto *falico* é a prova disso, e o órgão masculino, evidentemente o mais activo, tomou a supremacia, origem da *androcracia* das organizações sociaes modernas. (1)

(1) O simile do culto falico existe hoje bem vivo no meio social actual, pois outra coisa não é a superstição que atribue á *figa* o poder de conjurar certos males. Que vem a ser a mão fechada, com o polegar entre o indicador e o medio? Perdeuse a ligação mental originaria, isto é, a significação primitiva do objecto, mas ficou a feição fisica que trai a origem. Sendo um simples objecto conjurador de males, a ética, hoje, não impede que êle ande junto com as medalhas pendentes no pescoço das crianças, das moças e até nas cadeias de relógio dos homens.

Houve, entretanto, povos primitivos em que dominou a *ginocracia*, porque entre eles o elemento feminino foi considerado como mais importante. O feminismo actual é bem uma tentativa de modificação da antiga, enraizada *androcracia* que tem dominado até hoje. Foi de certo dahi que Mäder tirou sua descrição de dois tipos de mulher: o maternal, tipo literario da matrona classica, mais dedicada aos filhos do que ao conjuge; o outro é o *Kitzlertipus*, o da antiga cortezan que influia na politica. Uma cortezan brasileira do seculo passado, mostrou que este tipo pôde evolver-se para o primeiro.

Os psicoanalistas estabelecem um simile entre o que se observa nos povos primitivos, com relação aos mitos, e nas crianças actuaes com relação ás historias de fadas. Os mitos, ou fixam-se em corpo de doutrina, como religião, ou decáem como valor psicologico e são as lendas, contos, tradições, fabulas, de objectivos muito mais modestos. Para as crianças a lenda tem apparencia de realidade objectiva, porque ellas acreditam na realidade de impulsos consoantes os seus.

Os contos de fadas têm similhanças notaveis, como outras lendas; em todos os pontos do globo, facto que a psicoanalise explica sem difficuldade. O factor sexual apparece dissimulado nesses contos, nos quaes estão ocultas as mais perversas tendencias, principalmente a algolagnia (o prazer libidinoso ligado á dôr) no seu grau mais elevado — o sanguinario. São, na opinião de Riklin, criações da alma primitiva, utilizadas de acôrdo com a tendencia geral do homem: — a satisfação de seus desejos.

E' interessante seguir a Psicoanalise nas suas investigações extra-medicadas, até na origem sexual da *linguagem*, que se explica pela tendencia pansexualizadora do homem. A existencia dos generos gramaticaes é uma das provas do absoluto dominio do ponto de vista sexual na criação da linguagem.

Ha na psicoanalise um ponto de vista *pedagogico* de grande alcance. Ela considera com questão capital no determinismo psiquico do individuo o desenvolvimento regular e harmonico dos componentes do instinto sexual infantil. E' no nosso defeituoso e nocivo habito de ignorar as exigencias da *libído*, de oculta-las por completo, que se deve procurar a causa de molestias e da degeneração da especie. A psicoanalise tem porisso um valor iniludivel para a sciencia eugenica que hoje ocupa a atenção da classe medica. Ha, na imensa bibliografia da psicoanalise, trabalhos originaes sobre o modo de encarar o casamento

precoce, a educação sexual da infância, a revelação prudente e geitosa dos misterios sexuaes aos meninos, a conduta deante das impertinentes perguntas e curiosidades infantis nesse particular, sobre o modo de evitar o pudor exagerado e o desgosto pelas coisas da sexualidade, etc.

E' grandioso o problema que essa doutrina levanta. Nada menos do que transformar nossos habitos seculares por uma evolução completa da actual civilização. E' uma especie de reação contra as teorias fatalistas de medicina e da sociologia actuaes. E' como tal, ao que parece, uma nova religião no seu inicio.

FRANCO DA ROCHA





A LUCTA CONTRA O TRACHOMA NO ESTADO DE S. PAULO

Trabalho apresentado ao Congresso do Trachoma, anexo ao 8.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido no Rio de Janeiro em Outubro de 1918.



trachoma, também conhecido por ophtalmia do Egypto, acha-se hoje espalhado por todas as partes do mundo.

Na Africa, elle é muito frequente no Egypto e em toda a costa do Mediterraneo — Algeria, Tunis, Tripoli e Marrocos.

Na Asia, elle está muito espalhado na China, no Japão, no Hindostão, na Indo-China, na Siberia e na Arabia, onde, segundo Fuchs, a quinta parte da população soffre desta molestia.

Na Oceania, só escapa ás suas devastações, o continente australiano na parte habitada pelos inglezes. Na Europa, a não ser a Suissa, a Suecia, a Noruega, o Tyrol, a França e Portugal, onde a molestia é mais nova, todos os outros paizes estão contaminados, sendo os seus fôcos principaes a Belgica, a Hespanha, a Italia, a Turquia, a Grecia, a Albania e as provincias orientaes da Prussia (Prussia, Posen e Silesia) e da Austria-Hungria (Galicia Croacia e Dalmacia).

Na America Septentrional, elle existe no Oeste dos

Estados Unidos, em uma parte do Canadá e mais intensamente no Mexico.

Na America Central tambem se o encontra, mas é mais raro.

Na America do Sul encontra-se o trachoma em todos os paizes reinando com maior ou menor intensidade.

No Brasil, durante muitos annos apenas existia um toco no Ceará com ramificações aos estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Maranhão. Em Minas, Espirito Santo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, é observado nos centros agricolas onde predomina o elemento estrangeiro. Em S. Paulo, que é hoje o maior fóco nacional do trachoma, a molestia appareceu com a colonisação estrangeira após a abolição.

Durante muitos annos esta molestia foi desconhecida no Sul do Paiz. O Dr. Gad, que exerceu, por muitos annos, a opthalmologia em S. Paulo, no Congresso de Copenhague em 1884 disse que ainda não tinha observado alli um só caso dessa molestia.

O Dr. Correia Bittencourt, illustrado especialista que percorreu todos os estados do Brasil, escreveu em seu livro — *Dos Estados Pathologicos do Organismo e suas manifestações Oculares*, — publicado em 1889, «que o Sul do Brasil é, em geral, menos accommettido do que o Norte, e que a molestia é mais rara em certas cidades elevadas, de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro.»

Podemos corroborar as suas affirmações, quanto a S. Paulo, pois em 1890, quando chegamos a S. Carlos, um dos maiores centros agricolas do Oeste e onde n'aquella época se tornára mais densa, do que em qualquer outro municipio, a população estrangeira, especialmente italiana, eram muito raros os doentes de trachoma.

Em um trabalho publicado em 1904, na *Imprensa Medica*, refere o Dr. Francisco Pignatari, reputado oculista, o seguinte: «Foi em 1899 que o trachoma começou a se desenvolver de um modo espantoso no Oeste do Estado, accommettendo principalmente os colonos. Não póde ser considerada exaggero a supposição de que nessa zona 75 por cento dos colonos estão affectados. E' incontestavel que o desenvolvimento do trachoma no Estado acompanhou a immigração, espalhando-se mais rapida e intensamente onde foi mais intensa a agglomeração da nova população; de facto, S. Carlos, Ribeirão Preto, S. Simão, Jahu', etc., onde a molestia é mais diffusa, são lugares novos que devem quasi todo o seu desenvolvimento ao affluxo dos europeus, de 1890 em diante.»



O illustrado hygienista Dr. Emilio Ribas, ex-Director do Serviço Sanitario do Estado, em seu relatorio referente ao anno de 1906, diz o seguinte: «São de dez annos atraz as primeiras referencias da molestia, já bastante frequente nos paizes da Europa, donde dia a dia, nos vinham mais immigrants. Antes da grande immigração que começou em 1887 com a entrada de 33.310 immigrants europeus era desconhecido o trachoma em S. Paulo.»

E' pois, fóra de duvida, que o trachoma foi importado, e que o seu desenvolvimento acompanhou a immigração, espalhando-se rapidamente nos grandes centros agricolas do Oeste, onde se agglomerou a população estrangeira, que tanto tem concorrido para o desenvolvimento espantoso do Estado de S. Paulo.

Em 1904, no patriotico governo do Dr. Jorge Tibiriçá, sendo secretario da Agricultura o nosso eminente collega Dr. Carlos Botelho, foi dado o primeiro passo na lucta contra o trachoma.

O Decerto n.º 1255 de 17 de Dezembro de 1904 (Anexo n.º 1) (*) que fixava o numero de immigrants que deviam ser introduzidos no Estado, prohibia a entrada de trachomatosos, sendo os introductores obrigados a repatrial-os a sua custa.

Tendo sido o medico encarregado de examinal-os no porto de Santos, desde 1.º de Fevereiro de 1905 até 30 de Setembro do mesmo anno, quando deixamos o lugar a outro collega, tivemos occasião de verificar o alcance da sabia medida do previdente secretario, pois foi insignificante o numero de immigrants recusados devido ao trachoma.

Os introductores para não soffrerem os prejuizos decorrentes das recusas, mantinham medicos encarregados do exame ocular nos portos de embarque.

Com o fim de evitar o desembarque clandestino de immigrants trachomatosos recusados, o secretario da Agricultura pediu ao Ministro do Interior (Anexo n.º 2) providencias no sentido de serem impedidos pelas autoridades sanitarias federaes, estes desembarques, tanto no porto do Rio de Janeiro como no de Santos, sendo ordenadas as providencias solicitadas. (Anexo n.º 3).

(*) Constituem os annexos referidos ao presente trabalho, — leis, decretos e officios do governo de São Paulo, em relação ao trachoma, que acompanharam na integra o original apresentado ao Congresso do Trachoma, e que aqui se deixam de transcrever para não occupar mais espaço.

Já sendo muito sensível o desenvolvimento do traehoma no interior, a Directoria do Serviço Sanitario, que estava a braços com a solução de outros problemas, voltou as suas vistas para o traehoma. Eis o que disse o Dr. Emilio Ribas, zeloso ex-Direetor do Serviço Sanitario, no seu relatório de 1905, sob a epigrapha *Commissão de Ribeirão Preto*: «Tem merecido a attenção desta Direetoria, principalmente na zona servida por esta Commissão, a conjunctivite granulosa.

«Além da distribuição, em larga escala, de instrueções sanitarias, fizemos seguir, em inspecção especial, o Dr. Guilherme Alvaro, que, por duas vezes, visitou estabelecimentos agrícolas e de instrueção, tratando enfermos e dando consultas.

«Conhecidas as condições dos ataeados, geralmente eolonos e individuos pobres, julgamos indispensaveis medidas mais directas, afim de evitar a progação desta molestia. Conviria que o Estado montasse um serviço especial no sentido de ser executada uma prophylaxia mais rigorosa e a fundação de consultorios e hospitaes para o tratamento dos enfermos. Não devem ser reeebidos os affectados em estabelecimentos de ensino ou outras collectividades, sendo que, nestes easos, devemos proceder como nas molestias contagiosas de notifieação obrigatoria. Ha portanto, uma série de provideneias que exigem a organização de um serviço especialmente destinado a evitar o desenvolvimento do traehoma. Neste sentido, representa um louvavel esforço a prohibição de desembarque de immigrants ataeados do mal, que viriam assim constituir novos fôeos.»

Passando a direcção da Secretaria do Interior a outro distincto medico, o Dr. Gustavo de Godoy, este appello do illustrado director do Serviço Sanitario foi logo attendido.

O Dr. Gustavo de Godoy convidou para uma reunião na sua secretaria não só o Director do Serviço Sanitario como todos os medicos oculistas da Capital. Nesta reunião foram diseutidas as medidas que deviam ser postas em pratica e louvada a resolução do governo.

A 3 de Setembro de 1906 (Deereto n.º 1395) foi eriado o *Serviço de Prophylaxia e tratamento do Trachoma*, (Anexo n.º 4) subordinado á Directoria do Serviço Sanitario, sendo a direcção confiada ao distincto especialista Dr. Euzebio de Queiroz. Foram nomeados 56 medicos e 168 auxiliares e desinfectadores, sendo mais tarde elevado o numero de auxiliares e desinfectadores a 362.

Iniciado o serviço, muitos postos medicos foram crea-

dos em cidades e villas e sub-postos em algumas fazendas para o tratamento gratuito dos doentes de trachoma.

Os medicos da Commissão, logo que regularisaram o serviço nas cidades, iniciaram as visitas ás fazendas procedendo ao exame de todos os colonos e recommendando as medidas hygienicas necessarias.

Os resultados obtidos pelos innumerous postos estabelecidos na zona assolada, foram extraordinarios, como tivemos occasião de observar no municipio de S. Carlos e nos visinhos.

Quanto á prophylaxia escolar, o que foi estabelecido no Estado de São Paulo, de accôrdo com a circular n.º 22 do chefe do serviço (de Outubro de 1906), deu os melhores resultados. A circular recommendava o seguinte: «Poderão continuar nas escolas os alumnos que não tenham secreção, obrigando-os a comparecer ao Posto ou sub-postos, afim de serem medicados, salvo os que provarem estar em tratamento com facultativo. Os que estiverem no período de secreção serão privados de frequentar as aulas, até que se apresentem curados. Nos internatos, os alumnos granulosos só poderão permanecer no Collegio, compromettendo-se o director a fazel-os dormir em aposentos separados, tendo cada um seus utensilios proprios de toilette. Serão obrigados a tratar-se no posto ou sub-posto da Commissão aquelles que o director não provar que estejam em tratamento medico.»

Os resultados obtidos durante um anno em Ribeirão Preto, cuja população escolar apresentava 47 % de granulosos (1) e S. Carlos 39,4 %, ficando reduzidos respectivamente a 20 % e 25,7 %, foram muito lisongeiros. No Grupo Escolar «Coronel Paulino Carlos», de S. Carlos, (2) cuja porcentagem de 39,1 % foi reduzida no fim de um anno, devido ao tratamento assiduo, a 16,1 %, não se encontra hoje mais nenhum alumno affectado desta molestia.

Sendo uma affecção de marcha longa, atacando de preferencia as populações pobres, o tratamento gratuito é uma das medidas principaes de prophylaxia.

A proposito da sua importancia assim se exprime o Dr. L. Alaimo (de Grigente) no 1.º Congresso contra o Trachoma em 1906, em Palermo: «Il trachoma como nessun'altra malattia, mette alla prova la pazienza dell'am-

(1) Memoria do Dr. Euzebio de Queiroz ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, Setembro 1907.

(2) Dr. Serafim Vieira. O trachoma em S. Paulo. Memoria ao 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, S. Paulo, Setembro 1907

malado e quella del medico; bisogna dunque che la cura lunga e svariata non pesi per nulla sugli infermi, costretti a curarsi mesi ed anni talvolta per guariri totalmente, od almeno per risparmiare agli occhi danni terribile. Quanti tracomatosi non sospendono la cura per il fato di non potere sopportare i danni pecuniari che essa arreca col suo lungo corso, e quanti guai non arreca tal fatto!»

No mesmo congresso o Dr. S. Leone, Commissario do Governo Italiano para o serviço ophtalmico da provincia de Siracusa, termina a sua importante memoria sobre «Prophylaxia do trachoma» com estas palavras: «Le nostre finalitá saranno raggiunte, quando sará assicurata quella cura gratuita, che oltre ad una precauzione rappresenta un'obbligo d'umanitá, un diritto inoppugnabile di chi lavora e soffre, quando le leggi sanitarie avranno compiuto il maggior passo in quel campo di progresso sociale, a cui l'etá nova per tante vie ci sospinge!»

Como acabamos de ver, foi uma sabia medida a adoptada pelo governo do Estado de S. Paulo criando o *Serviço de Prophylaxia e tratamento do Trachoma*, que mereceu um voto de louvor do 6.º Congresso Brasileiro de *Medicina e Cirurgia* (Annexo n.º 5) (1); mas, infelizmente, o trabalho encetado com applausos geraes não foi continuo e perseverante como era de se esperar, para termos os brilhantes resultados obtidos na lucha contra a febre amarella.

A 23 de Junho de 1908 o Dr. Albuquerque Lins, Presidente do Estado, attendendo ás razões de ordem economica apresentadas pelo Dr. Carlos Guimarães, secretario do Interior, dissolveu com o decreto n.º 1629 a Comissão do trachoma (Annexo n.º 6), deixando as suas victimas entregues ás «casas de caridade».

Tivemos occasião de verificar a má impressão que causou na zona Oeste do Estado a noticia da extincção d'este serviço.

Á proposito d'isso assim se exprimiu na Secção de 8 de Outubro de 1913, da Camara dos Deputados de São Paulo, o deputado Sr. Leonidas Barreto: «Parece-me, Sr. Presidente, que foi um erro ter-se extinguido essa Comissão; poder-se-ia tel-a remodelado. O Governo, entretanto, resolveu supprmil-a para, passados dois annos, restabelecel-a, mas de um modo pouco pratico, pois deixou de attender a uma grande parte do Estado, infectada desse

(1) Annaes do 6.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia 1.º volume, pagina 95.

morbis, que continua a contaminar todo o Estado, mesmo a parte actualmente beneficiada pelas commissões medicas, annullando assim todo o esforço feito.»

Como se vê, o proprio governo do Dr. Albuquerque Lins reconheceu o erro praticado e a 14 de Novembro de 1911, (Decreto n.º 2141), restabeleceu o serviço contra o trachoma. Embora com menor numero de medicos e auxiliares, eomtudo esta Comissão prestou relevantes serviços á população do Oeste. (Annexo n.º 7).

A sua direcção foi novamente confiada ao Dr. Euzebio de Queiroz, auxiliado por dois sub-chefes, os drs. Eloy Lessa e Rocha Fragoso, encarregados das zonas da Paulista e da Mogyana, com sédes em S. Carlos e Ribeirão Preto.

Os trabalhos desta Comissão duraram tres annos, sendo dissolvida a 14 de Setembro de 1914, (decreto n.º 2533), no governo do Dr. Carlos Guimarães, sendo secretario do Interior o Dr. Altino Arantes, actual Presidente de S. Paulo. (Annexo n.º 8).

Tratando de reorganisar o Serviço Sanitario do Estado, o actual governo que tem como secretario do Interior um illustre medico, o Dr. Oscar Rodrigues Alves, não se esqueceu de tomar providencias contra o trachoma. E' assim que no actual *Codigo-Sanitario*, trabalho de grande valor, devido á reconhecida competencia do Dr. Arthur Neiva, que entrou em execução com o decreto n.º 2918 de 9 de Abril de 1918, o trachoma foi considerado molestia de notificação compulsoria (Art. 562), embora não seja de isolamento obrigatorio (Art. 658).

Nas disposições transitorias do referido Codigo, o Art. 789 cria o serviço contra o trachoma, e os seguintes (Annexo n.º 9) tratam da organização de quatro commissões de dois medicos, dois enfermeiros e um servente cada uma, nas zonas da Estrada de Ferro Central do Brasil, da Paulista, da Mogyana e da Sorocabana.

Da exposição que acabamos de fazer sobre a origem e marcha do trachoma em S. Paulo, e o resultado colhido com as diversas medidas de prophylaxia adoptadas pelos governos do Estado, achamos que serão sufficientes para a organização completa da campanha anti-trachomatosa naquella grande unidade da federação brasileira, as seguintes medidas:

a) Decretação de uma lei federal prohibindo a entrada nos portos da Republica de immigrants e passageiros de tereira elasse, atacados de molestia contagiosa ou de



qualquer vicio organico que os torne inaptos para o trabalho.

b) Exame ocular obrigatorio de todas as collectividades — escolas, fabricas, quartéis, internatos, prisões, fazendas, etc.

c) A fundação em cada uma das tres zonas, da Paulista, da Mogyana e da Sorocabana, de um hospital para trachomatosos e o aproveitamento, nas outras localidades, dos hospitaes de misericordia subvencionados pelo governo.

d) A criação de postos medicos ou dispensarios para o tratamento gratuito, como já houve na zona contaminada.

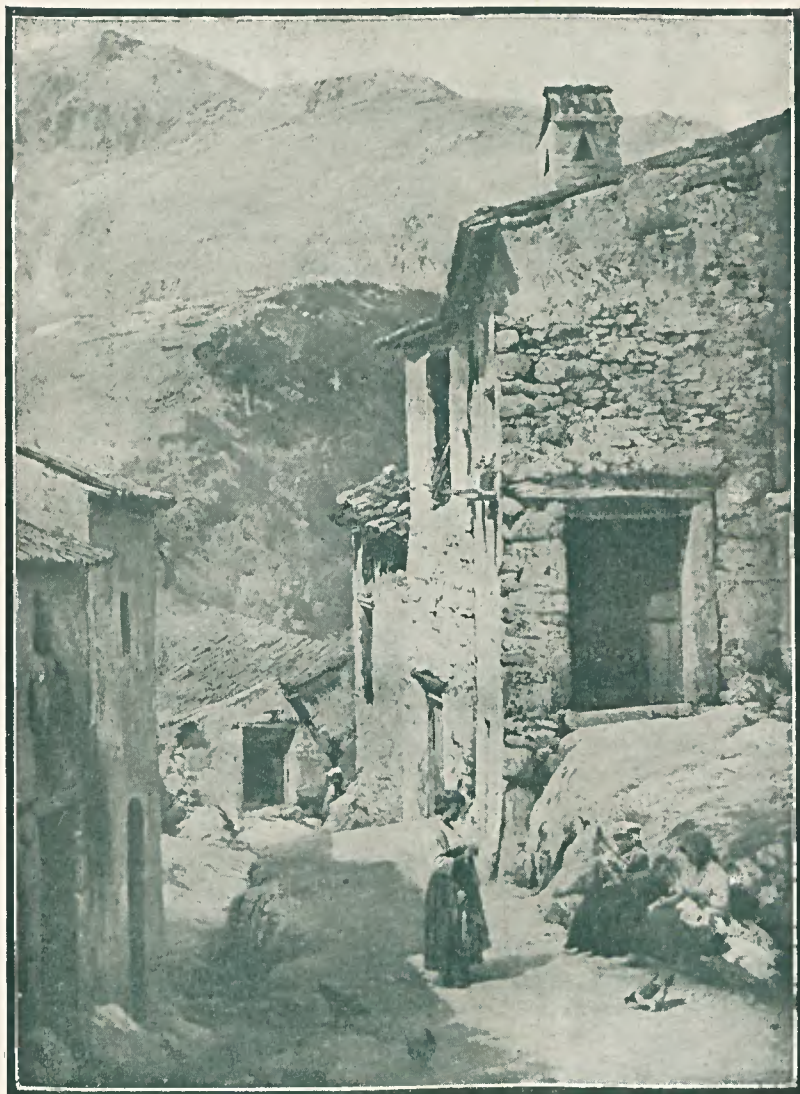
e) Obrigatoriedade do tratamento ao doente trachomatoso

f) Augmento do numero de medicos e auxiliares para as Comissões creadas com o decreto n.º 2918 de 9 de Abril de 1918. Reorganisação do serviço sob a chefia de um oculista, aproveitando o que foi de utilidade pratica ás outras Comissões que se encarregaram deste serviço no Estado.

DR. SERAFIM VIEIRA DE ALMEIDA



EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Tranquilidade Aldeã

Óleo de A. Fernandez

EXPOSIÇÃO FERNANDEZ



Rica Pastagem

Oleo de A. Fernandez

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Alvares de Azevedo

*Patrono da cadeira N. 2
— Nasceu em São Paulo
a 12 de Outubro de 1831 e
e falleceu no Rio, á . . . de
de . . .*



Bibliographia

- 1 — OBRAS, 3 volumes — H. Garnier — 7.ª edição.
1.º vol. 366 pags., contendo: Advertencia — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros — Noticia sobre o autor e suas obras — Notas — Peças elegiacas relativas ao autor — Poesias diversas — Poema do frade.
- 2.º vol. 356 pags., contendo: Prefacios — Lyra dos vinte annos, em tres partes.
- 3.º vol. 418 pags., contendo: Cartas — Discursos academicos — Orações funebres — Estudos litterarios — Litteratura e civilisação em Portugal — Estudos dramaticos.

(A primeira edição, feita pelo pae do poeta, consta de dous volumes: o primeiro publicado em 1853 e o segundo em 1855. A segunda edição, em tres volumes in-8.º, é de 1862; a terceira do mesmo anno, tambem em tres volumes in 18, pertence á collecção «Brasília», bibliotheca dos melhores autores nacionaes, antigos e modernos. A quarta edição, com retrato do poeta, é de 1873, em volumes e a quinta de 1884).

2 A NOITE NA TAVERNA, contos phantasticos precedidos de um esboço biographico pelo dr. Joaquim Manoel de Macedo — 48 paginas — Rio, B. L. Garnier (A primeira edição é de Lisboa, em 1878).

3 O CONDE LOPO, poema — 200 pgs. Rio, Typ. G. Lewiznger e Filhos, 1886.

4 DISCURSO proferido a 11 de Agosto de 1849, na sessão que commemorou a criação dos cursos jurídicos no Brasil. — Rio, 1849.

5 D. DINIZ ou A BENGALÉIDA, poema (inedito).

6 OS JESUITAS DE CASACE E ESTOLA, versos, (ineditos).

Fez uma imitação em verso do 5.º acto de *Othello* de Shakespeare e começou a traduzir a *Partisina*, de Byron.

Collaborou nos *Ensaio Litterarios*, jornal academico de São Paulo.

Encontra-se a reprodução de sua photographia na *Lyra Popular*, na pagina 70 da *Littérature brésilienne* de Victor Orban e na quarta edição de suas Obras.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Ferdinand Wolf* — *Littérature brésilienne*, pag. 211.
- 2 *Sylvio Romero* — *Historia da Litteratura Brasileira*, vol. 2.º, pg. 195.
Sylvio Romero — *Livro do Centenario*, vol. 1.º.
Sylvio Romero e *João Ribeiro* — *Compendio de historia da litteratura brasileira*, pagina 205.
- 3 *José Verissimo* — *Estudos de litteratura brasileira*, vol. 2.º, pagina 35 — *Historia da litteratura brasileira*, pagina 299.
- 4 *Julio Barbuda* — *Litteratura brasileira*, pag. 354.
- 5 *Gama Rosa* — *Sociologia e esthetica*, pag. 151.
- 6 *C. Castello Branco* — *Cancioneiro alegre*, vol. 1.º, pag. 111.
- 7 *J. Manoel de Macedo* — *Anno biographico*, vol. 3.º, pagina 61. — Prefacio da «Noite na taverna».
- 8 *Armando Prado* — *Conferencias na Sociedade de Cultura Artistica*, São Paulo, volume 1.º, pagina 43.
- 9 *Alvaro Guerra* *A mocidade brasileira*, pagina 19.
- 10 *Lopes de Mendonça* — *Memorias de litteratura contemporanea*, pg. 318.
- 11 *Afranjo Peixoto* — *Poeira da estrada*, pagina 182.
- 12 *Victor Orban* — *Littérature brésilienne*, pg. 69.
- 13 *Almachio Diniz* — *Anthologia da lingua vernacula*, pg. 308.
- 14 *Eugenjo Werneck* — *Anthologia brasileira*, pg. 521.
- 15 *Jacy Monteiro* — *Juizo critico* no 1.º vol. das *Obras completas*.
- 16 *Lopes Mendonça* — *idem*.
- 17 *Ferdinand Wolf* — *idem*.
- 18 *Innocencio da Silva* — *idem*.
- 19 *Fernandes Pinheiro* — *idem*.
- 20 *Emilio Zaluar* — *idem*.
- 21 *J. Norberto de Souza* — *Noticia sobre o autor e suas obras* no 1.º volume das *Obras completas*.
- 22 *Discursos e peças elegiacas* de varios autores na introdução ao 1.º volume das *Obras completas*.
- 23 *Cartas do poeta a varias pessoas*, no 3.º volume das *Obras*.

24 *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo* — Genealogia de Alvares de Azevedo, artigo no «Jornal do Commercio», de S. Paulo. — «A casa de um poeta» — «Cigarra», 14-6-1918 — «Alvares de Azevedo era um genio?», «Jornal do Commercio», de S. Paulo, 11-7-1918 — «Um retrato de Alvares de Azevedo», no mesmo jornal de 2-3-917 e 9-4-917 — «Alvares de Azevedo», «Jornal do Commercio», de S. Paulo, 12-9-1918 — «Como um poeta morre», «Diario Popular», 25-4-919 — «Humour», «Estadinho», 11-6-919. — «Amores de Alvares de Azevedo» «Cigarra», 1-6-919 — «Uma reliquia», «Cigarra'», 1-9-1919.

25 *Innocencio da Silva* — Diccionario bibliographico, vol. 5.º, pg. 357.

26 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.

27 *Almeida Nogueira* — Tradições e Reminiscencias.

28 *Escragnolle Dorja* — «Alvares de Azevedo no Collegio Pedro II», «Jornal do Commercio», artigo em Abril de 1914.

29 *Magalhães de Azeredo* — Discurso em honra a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella — 1893.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Manoel Antonio Alvares de Azevedo era filho legitimo do dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e de d. Maria Luiza da Motta Azevedo.

Segundo affirmam os seus biographos, nasceu na sala da bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo, a 12 de Setembro de 1831.

O dr. Almeida Nogueira (Tradições e Reminiscencias, vol. 7.º) contestou semelhante asserção e provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua São Gonçalo, quasi ao desembocar no Largo da Sé.

Sylvio Romero e Almachio Diniz attribuem erroneamente que elle tivesse nascido na cidade do Rio de Janeiro.

O seu pae era estudante de direito em São Paulo, quando nasceu o poeta, e removeu-se para a Côte depois de concluido o curso academico, levando o filho com 2 annos de idade.

Em 1840, com a idade de 9 annos, foi matriculado no Collegio Stoll do Rio onde estudou durante quatro annos, assombrando o seu velho e provector mestre, com a manifestação do prodigioso talento e por notavel applicação no estudo de linguas e sciencias. São conhecidas as cartas que o abalizado professor escreveu ao pae, prognosticando a celebridade do filho.

Foi obrigado, por motivo de molestia, a interromper o curso de humanidades em 1844, procurando o clima de S. Paulo, a conselho dos facultativos. Regressou á Côte no anno seguinte, sendo confiado ao professor Barão de Planitz que o preparou para a matricula no 5.º anno do Collegio Pedro II onde se bacharelou, com brillantismo, em 1847.

No anno immediato, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, logrando extraordinario successo nos 4 annos de curso. Foi sempre approvado com distincção e conseguiu salientar-se no estudo de direito romano e com-

mercial, analysando o código do commercio e confrontando-o com a legislação estrangeira sobre o mesmo assumpto.

E, enquanto se esmerava no estudo das sciencias juridicas e sociaes, lia com anciedade, desde o tempo de collegio, no internato, as melhores obras de litteratura universal.

Subito veio-lhe o presentimento da morte prematura. Notava a coincidência de fallecer todos os annos um quinto annista e escreveu em uma parede o nome dos ultimos bacharelados mortos, deixando em seguida ao anno de 1852 uma longa reticencia.

E a ideia funebre não mais lhe abandonou o cerebro.

Transmittiu o vaticinio a amigos e collegas, escreveu poesias allusivas ao agouro funesto e entregou-se a um trabalho febril, em vigílias prolongadas, preparando o seu legado á posteridade.

Falleceu, com 20 annos e 7 mezes, na cidade do Rio de Janeiro, ao lado do pae extremoso e do querido irmão, tendo o cuidado de afastar a mãe idolatrada no momento extremo.

Antes de exhalar o ultimo suspiro, exclamou: — Que fatalidade, meu pae!

Desde menino manifestou decidida vocação para a poesia. Consagrava não só os momentos de lazer, como noites inteiras, a escrever, sem prejuizo dos estudos.

Era muito affectivo e devotado á familia, como demonstra em varias poesias: — *A minha mãe* e *Si eu morresse amanhã*, entre outras.

De natureza morbida, desequilibrada de origem e enfraquecida pelos estudos e leituras, buscava a solidão e manifestava desvarios de espirito.

Dotado de uma intelligencia robusta, era propenso ao idealismo e nutria a crença por indole, embora a tivesse consolidado na educação subordinada a um regimen religioso.

A sua decantada vida bohemia, os seus desregramentos de moço eram mais devidos ás apparencias do que á realidade. Contrahi a fama pelo seu lyrismo sceptico e lascivo, pelo culto que devotava a Byron e pela exteriorisação de pensamentos satanicos.

Mas a sua vida de libertino foi mais subjectiva do que objectiva.

Externava blasphemias de um gozador epicurista, ostentava scepticismo em assumptos de amor, lamentando não haver encontrado mulheres puras e só deparar com Messalinas.

Os seus autores favoritos eram Byron, V. Hugo, A. Musset, Lamartine, Shakespeare, Tasso, George Sand, Shelley, Espronceda, Vigny e Heine.

Hauriu a inspiração na fonte, pois conhecia varios idiomas e era muito versado em litteratura portugueza.

Como lyrico assumiu a feição byroniana, como em *«Gloria moribunda»*, *«O poema do frade»* e muitas outras.

Era um poeta bohemio, descrente, desilludido, diabolico e desesperado. Nunca foi popular e sempre logrou applausos entre os estudantes e litteratos.

Ha em suas poesias manifestações de objectivismo, passagens humoristicas e cantos politicos, revelando-se o *humour* na essencia.

Como critico revelou talento e erudição, mas foi emphatico e exaggerado,

cedendo ao impulso da juventude. O *conteur* de «A noite na taverna» extenuou-se numa superfetação de Byron, cultivando o satanismo em fantasias loucas. O dramata legou-nos um ensaio «Macario» promissor de obras de vulto. O orador reflecte-nos o estylo dos discursos academicos.

Alvares de Azevedo havia preparado uma collecção de poesias que ia publicar sob o titulo de «Lyra dos vinte annos», de parceria com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Não o realisou, impedido pela morte que tambem nos arrebatou o terceiro collaborador.

Apezar da sua melancolia innata e do seu scepticismo, teve gozos de bohemio e pertenceu á Sociedade Epicurea.

Valetudinario precoce, falleceu aos vinte annos e meio de idade, em pleno vigor de talento e mocidade, como succedeu a muitos outros poetas brasileiros: Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves, Martins Penna, Gonçalves Dias, Dutra e Mello, Macedo Junior, Bernardino Ribeiro e Francisco de Sá, entre outros.

Foi Alvares de Azevedo o mais erudito dos nossos poetas da geração romantica, inclusive Gonçalves Dias. E essa asserção ganha realce, si attentarmos na idade com que falleceu.

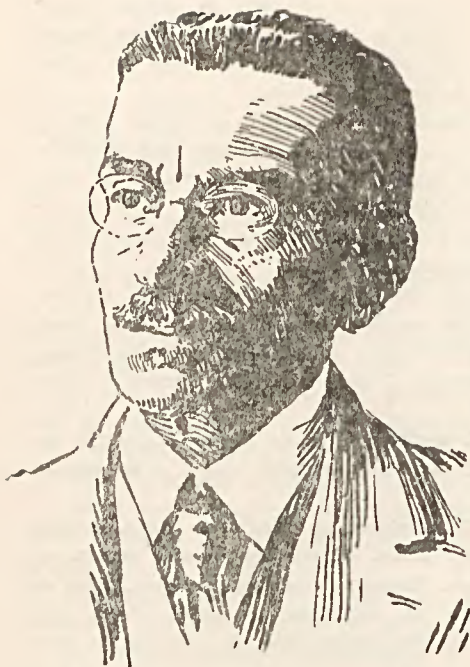
A collectanea de suas obras não obedeceu ao criterio do poeta, excepto na parte relativa á *Lyra dos vinte annos*. O primeiro volume encerra as *Poesias diversas* e *O poema do frade*. Encontra-se na primeira parte, além de outras, *Gloria moribunda*, repassada da inspiração byroniana, *Pedro Ivo*, poesia patriotica, *A minha mãe* e *Thereza*, impregnadas da essencia do lyrismo brasileiro.

O segundo volume é inteiramente consagrado á *Lyra dos vinte annos*, onde se observam as cambiantes que definiram o talento e o temperamento do mallogrado poeta brasileiro. E' o melhor quinhão de sua obra.

O terceiro encerra as cartas, os discursos, os estudos litterarios sobre Luciano, George Sand e Alfred Musset, o ensaio sobre Litteratura e Civilisação em Portugal, Macario e a Noite na taverna.

Summario para um estudo completo

A precocidade e o desequilibrio organico. — A alma do poeta — Exemplo notavel de erudição — Os autores que influiram na formação de sua individualidade litteraria — Presentimento lugubre — As poesias diversas e a «Lyra dos vinte annos» — O poema do frade — As cartas e discursos — O critico — Macario — A noite na taverna — O Conde Lopo — Posição do poeta entre os lyricos brasileiros — O julgamento dos posteros.



Coelho Netto

Fundador e actual occupante da cadeira N. 2 — Nasceu em Caxias, Estado de Maranhão, á 21 de Fevereiro de 1864.

Bibliographia

- 1 RHAPSODIAS, contos — Rio de Janeiro, Imprensa Lombaerts, Marc Ferrez e Companhia — 172 paginas — 1891.
- 2 A CAPITAL FEDERAL, romance — (impressões de um sertanejo) Rio, edição especial d'«O Paiz» — 317 pgs. — 1893. *
- 3 BALLADILHAS, contos — Rio, Domingos de Magalhães — 286 pgs. — 1894.
- 4 BILHETES POSTAES, chronicas (1892-1893) pseudonymo Anselmo Ribas — Rio — Domingos de Magalhães (editor) 254 pags. — 1894.
- 5 SEARA DE RUTH, contos — pseudonymo Anselmo Ribas, Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 141 pgs. — 1894.
- 6 LANTERNA MAGICA, chronicas — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 137 pgs.
- 7 FRUCTO PROHIBIDO, contos — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingo, de Magalhães (editor) — 199 pgs. — 1895.
- 8 MIRAGEM, romance — Rio, Domingos de Magalhães (ed.) 390 pgs. — 1895.
- 9 O REI FANTASMA, romance — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 300 paginas — 1895.
- 10 PRAGA — novella — Rio, J. Cunha e Cia. (editores) — 115 paginas, publicada antes na Revista Illustrada.
- 11 A' COLONIA PORTUGUEZA NO BRASIL e A' LITTERATURA PORTUGUEZA — brinde no banquete Assis Brasil, realizado no Casino Flu-

- minense a 16 de Julho de 1896 — edição de «A Bruxa» — Rio. Typ. Leuzinger — 15 paginas — 1896.
- 12 SERTAO, novellas, Rio, Typ. Leuzinger (collecção «Alva») — 467 paginas — 1896.
- 13 AMERICA — (educação civica) — Rio, Editores Bevilacqua e Cia. — 80 paginas — 1897.
- 14 PELO AMOR! — poema dramatico em 2 actos — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 62 paginas — 1897.
- 15 ALBUM DE CALIBAN, contos 6 fasc., Rio, Laemmert e Cia, 51, 51, 50, 55, 54 59 paginas — 1897-1898.
- 16 INVERNO EM FLOR — romance — (collecção «Alva») — Rio, Laemmert e Cia. — (editores) — 377 paginas — 1897.
- 17 O PARAIZO — romance — Laemmert e Cia. (editores) — 215 pgs.
- 18 O MORTO — romance — (memorias de um fuzilado) Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 263 paginas — 1898.
- 19 O RAJAH DE PENDJAB — romance — 2 volumes — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 242-290 paginas — 1898.
- 20 ARTEMIS — episodio lyrico — musica de Alberto Nepomuceno — posta em scena pela primeira vez no Theatro São Pedro de Alcantara (Centro Artistico) em Outubro de 1898 — Rio, Fertin de Vasconcellos, Morand e Cia. — 22 paginas — 1899.
- 21 HOSTIA — ballada em 1 acto, em prosa rythmica, musica de Delgado de Carvalho — representada no Theatro S. Pedro de Alcantara (Centro Artistico) em Outubro de 1898 — Rio, Fertin de Vasconcellos, Morand e Cia. — 35 paginas — 1899.
- 22 A CONQUISTA — romance — 2.a edição, 1913 — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 438 paginas.
- 23 TERRA FLUMINENSE (A) — educação civica — col. de Olavo Bilac — Rio, Imprensa Nacional — 74 paginas — 1898.
- 24 ROMANCEIRO — contos — 2.a edição de 1906, Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 227 paginas.
- 25 A DESCOBERTA DA INDIA — narrativa historica — Rio, Laemmert e Cia. (editores) — 146 paginas — 1898.
- 26 POR MONTES E VALLES (Ouro Preto e Vassouras) — pseudonymo Anselmo Ribas — Rio, Domingos de Magalhães (editor) — 194 paginas — 1893-1899.
- 27 SALDUNES — acção legendaria em 3 episodios, musica de Leopoldo Miguez, Lisboa, Tavares Cardozo e Irmão (editores) — 101 paginas, 1898-1900.
- 28 BELLAS ARTES — memoria do Livro do Centenario — 77 paginas — (2.º volume) — 1901.
- 29 TORMENTA — romance — Rio, Laemmert e Cia. (ed.) — 271 pgs. — 1901. — (Agareno na Revista Brasileira).
- 30 A BICO DE PENNA — fantasias, contos e perfis — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 395 pgs. (1902-1903) — 1904.
- 31 AGUA DE JUVENTA — contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 409 pags. — 1904.

- 32 TREVA — novellas, Paris, H. Garnier (editor) — 349 pgs. — 1905.
- 33 A PALAVRA — conferencia realisada a 23-9-905 no Instituto de Musica — Rio, Nuno Castellões e Cia. (editores) — 30 pags. — 1905.
- 34 COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA — segundo o programma do Gymnasio Nacional — Rio, Livraria Francisco Alves — 117 pg. — 1905.
- 35 PASTORAL — evangelho em 1 prologo e 3 quadros — Lisbôa, Livraria Viuva Tavares Cardozo, 103 paginas — 1905.
- 36 TURBILHÃO — romance — Rio, Laemmert e Cia., 373 paginas. — 1906. — (foi antes publicado em «A Noticia» sob o titulo «O Polvo»).
- 37 A AGUA — conferencia realisada a 11-11-1905 no Instituto de Musica — Rio — 27 paginas — 1906.
- 38 FABULARIO — contos — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 246 paginas — 1907.
- 39 THEATRO — 1.º volume — (O relicario, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1899 — Os raios X, entremez, Cassino Fluminense, 1897 — O diabo no corpo, comedia em 3 actos, Theatro Lucinda, 1905) — Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão — 437 paginas — 1911.
- 40 THEATRO — 2.º volume — (As estações, preludio romantico, Theatro São Pedro de Alcantara 1898 — Ao luar, peça em um acto, Theatro Sant'Anna 1898 — Ironia, peça em um acto, theatro S. Pedro de Alcantara 1898 — A mulher, comedia em um acto — Fim de raça, comedia em um acto, theatro Apollo 1900) — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 217 pgs., 1907.
- 41 THEATRO — 3.º volume — (Neve ao sol, peça em 4 actos — A muralha, peça em 3 actos, 1905) — Rio, H. Garnier, 280 paginas.
- 42 THEATRO — 4.º volume — (Quebranto, comedia em 3 actos, theatro da Exposição Nacional 1908 — Nuvem, sainete, theatro da Exposição, 1908). — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 22 paginas — 1908.
- 43 THEATRO — 5.º volume — (O dinheiro, peça em 3 actos, Theatro Municipal 1912 — O intruso, peça em um acto, theatro Trianon 1915 — Bonança, peça em um acto, theatro Municipal 1909) — Livraria Chardron de Lello e Irmão, 237 paginas — 1917.
- 44 AS SETE DORES de Nossa SENHORA — narrativa biblica — Rio, E. Bevilacqua e Cia. — 103 paginas — 1907.
- 45 JARDIM DAS OLIVEIRAS — contos — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, 257 paginas — 1908.
- 46 INNOCENCIO INNOCENTE — (nova serie do Album de Caliban) — Rio, Bibliotheca d'«O Malho».
- 47 ESPHINGE — romance — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão, — 281 paginas — 1908.
- 48 THEATRO INFANTIL — comedias e monologos em prova e verso, 2.a edição, collaboração de Olavo Bilac — Livraria Francisco Alves — 174 paginas — 1910.
- 49 VIDA MUNDANA — contos — Rio, H. Garnier, 138 paginas.
- 50 APOLOGOS — contos para creanças — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 262 paginas — 1910.

- 51 SCENAS E PERFIS — chronicas — H. Garnier, 226 pgs. — 1910.
- 52 MYSTERIO DO NATAL — narrativa biblica — Livraria Chardron de Lello e Irmão — 189 paginas — 1911.
- 53 ALMA — educação feminina — Rio, J. Ribeiro dos Santos — 158 paginas — 1911.
- 54 PALESTRAS DA TARDE — conferencias e discursos — Rio, H. Garnier — 160 paginas — 1911.
- 55 BANZO — contos — Livraria Chardron de Lello e Irmão, 210 pags. — 1912.
- 56 CONFERENCIAS LITTERARIAS — 2.a edição — Rio, H. Garnier — 146 paginas — 1911.
- 57 A PATRIA BRASILEIRA — educação moral e civica — 4.a edição — colaboração com Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e Cia., 287 pgs., 1913.
- 58 CONTOS PATRIOS — educação moral e civica — 10.a edição — colaboração com Olavo Bilac — Rio, Francisco Alves e Cia., 283 pags., 1913.
- 59 MELUSINA — novellas — Rio, H. Garnier, 128 paginas.
- 60 COMPENDIO DE LITTERATURA BRASILEIRA — 2.a edição — Rio, Francisco Alves e Cia. — 177 paginas — 1913.
- 61 REI NEGRO — romance barbaro — Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 461 paginas — 1914.
- 62 VERSAS — chronicas e discursos — Bahia, Livraria Catilina — 313 paginas — 1918.
- 63 DISCOURS — «Bataille de l'Yser», prononcé le 20 octobre 1917, au théâtre Municipal, — 16 paginas. — Rio, Typ. Besnard Frères — 1917.
- 64 O MAR — conferencia litteraria feita no Club Natação e Regatas — 20 paginas — Rio, Typ. Villas-Bôas e Cia. — 1918.
- 65 A CARIDADE — conferencia litteraria.
- 66 O REI ALBERTO — discurso.
- 67 FALLANDO... — discursos — 300 pags. — Rio, Leite Ribeiro e Maurillo, 1919

Collaborou na Gazeta da Tarde, Novidades, Cidade do Rio, Gazeta de Noticias, A Noticia, O Paiz, A Noite, etc., etc. Revista Brasileira, segunda phase, Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas, Revista Moderna, Kosmos, Renascença, Revista Americana, na «Vida Moderna» onde publicou a «Galeria Amorosa» em varios numeros, na «Semana» Guanabara (poema em prosa, na «Revista Illustrada», Passionarias, a novella de Praga, etc., etc.

Encontra-se a reproducção de sua photographia em «A Conquista», «Fabulario», «A bico de penna», „Theatro”, „Jardim das Oliveiras”, „Espinge”, «Mysterio do Natal», «Pastoral», «Apologos», „Banzo”, „Rei Negro”, „Littérature brésilienne», de Victor Orban, Bibliotheca Internacional de Obras Celebres e em varias revistas.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pag. 132.
- 2 *Adolpho Caminha* — Cartas Litterarias, pag. 1, 57, 97.
- 3 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira: tomo 1.º, pag. 242 — tomo 4.º, pagina 1 — tomo 6.º, pag. 230 e 250.
- 4 *João do Rio* — Momento litterario, pagina 50.
- 5 *Almachio Diniz* — Da esthetica da litteratura comparada.
- 6 *José Verissimo* — Miragem (Revista Brasileira, 2.a phase, vol. IV, pagina 123).
- 7 *Almachio Diniz* — Anthologia* da lingua vernacula.
- 8 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 288.
- 9 *João do Rio* — Conferencias litterarias (Almanack Garnier, 1907, pg. 311.
- 10 *Eugenjo Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 84.
- 11 *Benedicto Costa* — Le roman au Brésil.
- 12 *Fialho de Almeida* — Barbear, pentear... pg. 177.
- 13 *Maria Amalia Vaz de Carvalho* — No meu cantinho, pg. 219.
- 14 *Nestor Victor* — A critica de hontem, pag. 199 e 319.
- 15 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Descendente de portuguez e india legitima, nasceu Henrique Maximiano Coelho Netto, na cidade de Caxias, a 21 de Fevereiro de 1864. Seu pae, Antonio Francisco Coelho, de nacionalidade portugueza, era um pequeno negociante, sem letras, austero e severo.

Anna Sylvestre Coelho, oriunda da raça aborigene, sem instrucção, mas muito habilidosa, era sua mãe.

Eximia costureira, montou officina no Rio de Janeiro, logo que para ahi se mudou, em 1870.

Permaneceu, portanto, Coelho Netto apenas 6 annos no Maranhão, transferindo-se, em companhia dos paes, para a cidade do Rio de Janeiro onde fixaram residencia definitiva.

As maiores influencias exercidas na sua infancia foram a da mucama Eva, um *folk-lorc* vivo, que lhe narrava contos populares brasileiros; e a de D. Maria, portugueza, a engommadeira da casa, que lhe transmittia os contos das mães e uma noites, sob a feição popular. A influencia foi tão decisiva que ainda hoje pronuncia distrahidamente a palavra Callais, referente á historia popular, como se fôra um vocabulo da lingua portugueza.

Quem lhe iniciou a instrucção e muito contribuiu para a sua educação, foi o seu tio Rezende, 18 annos mais idoso do que o pae, a quem o Sr. Antonio respeitava como se fôra o proprio pae.

O tio Rezende era guarda-livros dedicado ao estudo dos classicos portuguezes e latinos. Foi quem despertou a affeição de Coelho Netto pelas lei-



turas do portuguez antigo e quem lhe incutiui bases solidas no estudo do latim.

Quando se matriculou no Collegio Jordão do Rio de Janeiro, em 1871 ou 72, já lia Cicero e era tido entre os collegas como latinista.

Os primeiros estudos de Coelho Netto foram emprehendidos sem methodo e orientação.

Sahi do Collegio Jordão onde permaneceu um anno apenas, talvez menos, por motivo de moleçia que o forçou a interromper os estudos. (As reminiscencias desse tempo estão contidas no romance «O Morto»).

Matriculou-se no mosteiro de S. Bento em 1873 e ahí cursou um anno sómente.

Em 1877 ou 1878 matriculou-se no Collegio D. Pedro II, mas não concluiu o curso

Iniciou os estudos na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1883 e frequentou o curso até 1885, regressando ao Rio em 1886.

As suas primeiras manifestações litterarias foram: Uma «fantasia», publicada n'«A Gazetinha»; um soneto, na secção paga do «Jornal do Commercio» do Rio; algumas tentativas poeticas (ineditas) e contos inspirados pelas «Mil e uma noites», os quaes não foram publicados.

Começou a escrever em jornaes; na «Gazeta da Tarde» (1887), depois no «Novidades», com Alcindo Guanabara e na «Cidade do Rio» com José do Patrocínio, até á abolição. Tem collaborado em quasi todos os jornaes do Rio, em muitos de S. Paulo e em alguns do Norte.

Viveu longo tempo dos proventos adquiridos como escriptor, até ser nomeado professor da cadeira «Historia das artes», na Academia de Bellas Artes, em 1892, se não me engano, permanecendo apenas 8 mezes nesse logar.

Transferiu-se para a cidade de Campinas em 1900, desmorrando o seu ninho de artista, desfazendo-se dos seus moveis preciosos e de muitos objectos d'arte. Fez um brilhante concurso no Gymnasio de Campinas, sendo nomeado professor de Litteratura, cargo que exerceu durante tres annos.

Regressou ao Rio e em 1909 foi nomeado professor do Gymnasio Nacional para leccionar a cadeira de Litteratura.

Occupou os seguintes cargos publicos: Secretario do Governo do Estado do Rio (administração Portella), redactor dos debates no Senado, director da Escola Dramatica desde 1910.

Foi deputado Geral pelo Estado do Maranhão nas legislaturas de 1909 a 1917.

Toda a sua vida litteraria foi feita no Rio. Do Maranhão trouxe apenas n'alma uma intuição que sua Mãe foi, pouco a pouco, desenvolvendo. Quando chegou a Caxias em 1899 e entrou na casa onde nasceu, foi como se a ella tornasse: depois de uns dias de ausencia: *conheci-a toda*, desde o quintal até á sala, tendo della sahido com 6 mezes apenas. O mesmo pôde-se dizer do mais. Elle trouxe sempre o Maranhão no íntimo d'alma e comsigo o conserva, como sempre o conservou sua Mãe.

Em toda a sua obra há um ponto que passa despercebido á critica. E' um crente e quasi um supersticioso. A sua crença é oriunda da educação na infancia e prejudicada por vezes na illustração promiscua que teve, principal-

mente nas leituras, incutindo-lhe superstições. Nota-se essa influencia em «Fertilidade», «Bom Jesus da Matta», «Nossa Senhora da Lapa» (a publicar-se) e «Terra Virgem» (idem). E' uma religião em que admite uma entidade superior, um Deus, sem nome especial. Como artista tem o culto pantheistico.

A ultima phase do seu programma é a apologia da terra productora, do mundo physico («Terra Virgem», romance a publicar); um pouco de tradição, concorrendo com a sua fantasia («Porunduba», (x) contos brasileiros) a energetica, prepare da mocidade, querendo o homem apollino e não o dyonisiaco.

Sente necessidade de refundir a sua obra, para modificar a essencia e corrigir a fórma, combatendo a prolixidade, supprimindo adjectivos abundantes, etc.

Como exemplo cita o *Paraiso* em que, no começo um dos personagens tem o nome de baptismo e no fim é chrisnado com outro.

Contractou a reedição da obra com Lello e Irmão e entre os livros que devem soffrer modificação radical, está o «Paraiso» de que só conserva o titulo e nomenclatura dos capitulos. Não fará a reedição das «Balladilhas», do «Fructo prohibido», «Album de Caliban», «Innocencio, o innocente», e o „O rajah do Pendjab”.

Confiou os originaes de sete volumes a Domingos de Magalhães (fallecido) e não sabe onde param essas obras. Vendeu tambem a M. Freitas (fallecido) o original do «Fim de seculo» e á livraria Alves «Viagem de uma familia brasileira ao Norte do Brasil», publicado primitivamente na «Gazeta de Noticias», sob o titulo «O Norte», impressões de viagem. Essa publicação foi suspensa a conselho de Ferreira de Araujo, porque as impressões sobre a Bahia eram deficientes e falsas.

Foi publicada a traducção do «Sertão» em allemão, sob o titulo de «Wildnis» por M. Brussot e estão a publicar, do mesmo traductor, «Urwald» (Floresta) e «Schwartz Koenig» (Rei Negro).

Tem a imprimir os seguintes volumes: «Nossa Senhora da Lapa, romance; «Porunduba» contos brasileiros; «Terra Virgem», romance lyrico; «Ruda», romance fantastico, cuja acção começa na Atlantida e termina no Amazonas; um livro ainda sem titulo, dividido em duas partes: Fantasia e Canteiro de Saudade; o sexto volume do Theatro: «Patinho torto» e outras peças; «Dyonisias», conferencia na Escola Dramatica.

Os autores e livros predilectos são os antigos. Tambem foram os antigos... e a natureza as influencias predominantes na formação do seu espirito e na sua formação litteraria.

O seu regimen de trabalho consiste, de preferencia, na tarefa pela manhã, das 6 ás 11 e meia. Não raro, porém, entra pelo dia e ainda pela noite.

Na vida intima manifesta preferencia pela familia, mulher e sete filhos, com os quaes é verdadeiramente feliz. E' casado com D. Maria Gabriella Brandão e tiveram quatorze filhos, dos quaes sete estão ainda vivos.

(x) *Porunduba*, nome indigena, significa novellistica, historia, raconto.

Gosta dos animaes, principalmente dos gatos, adora as flôres e para excitar-se, com o que traz sempre os nervos alerta, vae ao *foot-ball*.

Collecciona objectos de arte.

Admitte que a litteratura universal, depois da guerra, terá como directriz assignada, um regresso a um romantismo olympico.

As fontes primordiaes que lhe alentam o espirito, a Castalia da sua inspiração, são «As mil e uma noites», contos arabes, os poetas da India e «A Biblia» inextinguivel alicerces do seu orientalismo.

Dois autores favoritos destacam-se os vultos de Shakespeare e Cervantes.

A officina do verbo é constituída pelos classicos portuguezes, sendo notavel a sua admiração por Eça de Queiroz, entre os modernos.

Attrahido pela gloria, abandonou os estudos academicos e penetrou no ambiente da poesia, sentindo verdadeiro deslumbramento, em sonho perenne. Acohlido em o ninho dos artistas, ao lado de Patrocínio, o redemptor de uma raça e o apostolo da liberdade, iniciou a vida de bohemio no microcosmo de Murger transplantado para o Rio de Janeiro.

Teve com parceiros, nessa phase fagueira da vida, Paula Ney, Aluizio Azevedo, Olavo Bilac, Luiz Murat, Pardal Mallet, Guimarães Passos e outros companheiros de cenaculo, porfiando na ancía da *Conquista*.

Sahindo dos dominios de Guttemberg invadiu o pelago da arte e avistou o monte Paschoal, com o apparecimento das *Rhapsodias*, ancorando logo após na bahia Cabralia, com a publicação de *Balladilhas*.

Ambos livros de poeta, embora escriptos em prosa, exuberantes de imaginação e de estylo impeccavel.

Sucedeu um livro fórte de impressões — «A Capital Federal».

Depois encheu o alforge de migalhas e retalhos e appareceram os «Bilhetes postaes», a «Scara de Ruth», e a «Lanterna magica».

O pendor fescenino, nos moldes de Armand Sylvestre e principalmente de Catulle Mendès, é accentuado em «Fructo prohibido», «Album de Caliban», e «Innocencio, o innocente»; assim como o orientalismo é representado em «Balladilhas», «Rei fantasma», «O Paraíso» e „O rajah de Pendjab”.

Foi consagrado como romancista brasileiro com a apparição de *Miragem* progredindo os seus fóros em «Praga», «Sertão», «Inverno em Ilôr», „O Morto”, «A Conquista», «Tormenta», «Treva», „Turbilhão”, „Espinghe”, „Melusina” e «Rei Negro».

O *conteur*, além dos livros de novellas ándicados, é definido em «Romaniceiro», «Agua de Juventude», «Fabulario», „Jardim das Oliveiras”, „Vida Mundana” e «Banzo».

O autor theatral possu'e farta messe: «Pelo amor!», «Artemis», «Hostia», «Saldunes», «Pastoral», e cinco volumes de comedias e dramas.

O orador e conferencista é tambem copioso: «Brinde á colonia portugueza no Brasil», «Palestras da tarde», «Conferencias litterarias», „Versas”, „Falando...”

O educador contribuiu com: «America», «A terra fluminense», «Compendio de litteratura brasileira», «Theatro infantil», „Apologos”, „Alma”, „A patria brasileira”, «Contos patrios».

O chronista de jornaes além dos livros citados, publicou: «Scenas e perfis», «A bico de penna».

Ainda teve a feição biblica em «As sete dôres de Nossa Senhora» e «Mysterio do Natal»; a de historiador em a «A descoberta da India», «Bellas Artes», «Compendio de Litteratura Brasileira», e de *touriste* em «Por montes e valles». (1)

E' o escriptor de mais fertilidade e um dos melhores na litteratura brasileira

Summario para um estudo completo

I *Formação*: Athenas brasileira, seu berço — Tres raças que se mesclam — O cadinho — Os primeiros raios de luz artificial — Primeiros torneios.

II *Iniciação*: O monte Paschoal... e a bahia Cabralia -- A Capital Federal — Migalhas e retalhos — Pendor fescenico — As fontes de Castalia — A officina do verbo — Consagrado como romancista brasileiro.

III *Pujança*: Imaginação e estylo — A lingua portugueza — Nacionalismo — O educador — O romancista — Regeneração do theatro — Poeta sem metro e sem rima — As conferencias litterarias — Na cathedra — Em outra cadeira — Do Monrôe ao Syllogéo -- No mundo litterario — O artista e os seus leitores — Entre os juizes — Ultima phase do programma.

(1) A apreciação da obra é incompativel com o desenvolvimento deste trabalho e já foi feita pelo autor em uma monographia a publicar-se brevemente.

Arthur de Oliveira

Patrono da cadeira N. 3 — Nasceu no Estado do Rio Grande do Sul, a de de 1851 e falleceu na casa de Saude São Sebastião, no Rio de Janeiro a 21 de Agosto de 1882.

Bibliographia

1 A RUA DO OUVIDOR, monographia fluminense — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio.

2 FLEXAS, chronica quinzenal de litteratura, politica e costumes — dous fasciculos — pseudonymo Bento Gonçalves — Rio.

3 THESE DE CONCURSO á cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do collegio D. Pedro II — Rio, 1789.

Collaborou em «O Combate», de Lopes Trovão e encontram-se na «Gazeta de Noticias», em 1886, a carta que dirigiu a Judith Gautier e em 1918 «Cartas ao pae» (Vid. «Revista do Brasil» n. 26). A Academia Brasileira de Letras deve lhe prestar a homenagem de reeditar as obras e de estudar a sua individualidade, aproveitando o concurso dos seus contemporaneos.

Não pude obter um só exemplar da photographia de Arthur de Oliveira. E' possível, porém, que a tivessem reproduzido por occasião do seu fallecimento.

Fontes para o estudo critico

1 *Sacramento Blake* — Dicionario bibliographico.

2 *Machado de Assis* — Papeis avulsos, pags. 193 e 295.

3 *Adolpho Caminha* — Cartas litterarias, pag. 215.

4 *Jorge Jobim* — Revista Americana — anno VII, n.º 1, pag. 82.

5 *Alfredo Pujol* — Machado de Assis — pagina 148.

6 *Carlos de Laet* — Jornal do Commercio, 1882.

7 *Ephemerides da Academia* — Jornal do Commercio de 23-8-919.

Noticia biographica e subsidios para nm estudo critico

Nasceu na provincia do Rio Grande do Sul em 1851 e falleceu aos 31 annos de idade no Rio de Janeiro, em 21 de Agosto de 1882.

Abandonou o torrão natal com 17 annos e transferiu-se do Rio para Minas Geraes, afim de estudar no collegio dos padres do Caraça. Interrompeu os estudos para continual-os em Paris onde conseguiu erudição pouco vulgar. Leu e estudou muito, conseguindo, graças ao seu genio comunicativo,

optimas relações. Frequentou a casa de Victor Hugo, tornando-se original o modo por que se introduziu pela primeira vez na sumptuosa morada do poeta.

Discordou com o porteiro, por se haver recusado a entregar o seu cartão de visitas. A alteração em altos brados attraheu a atenção do autor dos *Miseraveis*, o qual de uma janella ordenou que o deixassem subir. Ao penetrar no salão encontrou o poeta cercado de alguns amigos: Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Catulle Mendès, Gustave Doré e outros. Não obstante essa circumstancia, atirou-se de joelhos aos pés de Victor Hugo, declamando versos das *Contemplations*.

Fez-se amigo intimo de Théophile Gautier que o apreciava e tinha em elevado conceito «a sua alta comprehensão artistica, a sua natureza impetuosa, e luminosa, os seus deslumbramentos subitos de raios. *Venez, père de la foudre!* dizia-lhe elle, mal o Arthur assomava á porta. E o Arthur, assim definido pelo grande artista, entrava no templo palpitante da divindade, admirativo como tinha de ser até á morte».

Privou tambem com Judith Gautier, Leconte de Lisle, Gustave Doré, o livreiro Alphonse Lemerre e outras notabilidades do meio litterario de Pariz.

Regressando á patria, fez-se professor de diversas materias, principalmente de francez, idioma em que era tão versado como na lingua materna.

Escreveu em 1873 dous fasciculos das *Flechas*, com o pseudonymo de Bento Gonçalves e a sub epigraphe de chronica quinzenal de politica, litteratura e costumes. E' um pamphleto no genero dos *Ferrões* de J. Patrocinio e Dermeval da Fonseca, das *Farpas*, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz e das *Guêpes* de Alphonse Karr.

Com o mesmo pseudonymo escreveu a monographia fluminense intitulada «A rua do Ouvidor».

São folbetos de edição completamente exgottada.

Por esse motivo é o artista ignorado pela geração de hoje, um verdadeiro obscuro só conhecido dos que lhe foram contemporaneos.

Esse; o admiravam sem a menor reserva, extasiando-se perante o seu talento privilegiado, a pujança de espirito, a fertilidade de imaginação, o fino temperamento litterario, a torrente de ideias e a fulguração de imagens.

Machado de Assis, em um conto dialogado — *O Anel de Polycrates*, — appellidou-o: *um sacco de espantos*.

E' curioso conhecer o Xavier, personagem do conto, que «bebia perolas diluidas em nectar», «comia linguas de rouxinol», «capeava cigarros com um papel de crystal».

Não me esquivo ao prazer de reproduzir o seguinte trecho que define o homem e o artista ignorado:

«Upal Conheço-o ha muito mais tempo, desde que elle estreiou na rua do Ouvidor, em pleno Marquez do Paraná. Era um endiabrado, um derramado, planeava todas as cousas possiveis, e até contrarias, um livro, um discurso, um medicamento, um jornal, um poema, um romance, uma historia, um libello politico, uma viagem á Europa, outra ao sertão de Minas, outra á lua, em certo balão que inventára, uma candidatura politica, e archeologia, e philosophia, e theatro, etc., etc. Era um sacco de espantos. Quem conversava



com elle: sentia vertigens. Imagine uma cachoeira de ideias e imagens, qual mais original, qual mais bella, ás vezes extravagante, ás vezes sublime».

Tem o seu talento muitas afinidades, muita analogia com o de Paula Ney que, como elle, desperdiçava ideias ás portas dos cafés e confeitarias.

Era um impulsivo, como attestam a sua attitude na primeira visita a Victor Hugo e o seu procedimento para com uma senhora que estropiou Beethoven em um concerto. Deu um formidavel murro, na caixa do piano e exclamou que não consentia a reprodução de semelhante sacrilegio. A executante desmaiou, o auditorio interveio indignado, voltou-lhe a reflexão e, arrependido, elle pediu desculpas á senhora. E ao merecer o perdão, recommendou: — Não toque nunca mais Beethoven, sim?

Foi lente da Escola Normal e leccionou interinamente a cadeira de portuguez e historia litteraria no Collegio D. Pedro II, substituindo durante o impedimento, o professor effectivo Pacheco Junior, quando se inscreveu, em 1879, no concurso á cadeira de professor substituto de rhetorica, poetica e litteratura nacional do mesmo estabelecimento de ensino.

Os professores cathedáticos dessa disciplina eram, no internato e externato, respectivamente J. Maria Velho da Silva e Franklin de Menezes Doria.

Teve como concorrente o snr. Carlos França, o França *Cacete* da minha geração de estudante, e a sua these versou sobre Porto Alegre, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães e Fagundes Varella.

Com referencia a essa troca de competencia, refere-se o snr. José Vicente de Azevedo, nas ephemerides da Academia («Jornal do Commercio» de 23-8-919), resumindo a *causette* do snr. Carlos de Laet, na sessão em homenagem ao autor das *Fléchas*: «Na arguição mostrara elle ser um emerito discutidor, mas na prelecção falhou. Estudara afincadamente varias figuras de rhetorica, mas na commoção da prova, misturou de tal maneira, sempre em phrases fulgurantes, as citações de Aristoteles e Quintiliano, que, os velhos professores o olharam escabriados. Afinal, num rompante, declarou que nada sabia do que estava dizendo e retirou-se, promettendo dar um tiro em quem lhe fallasse mais em hypotyposes.»

Algum tempo depois foi prostrado pela terrivel enfermidade, a tuberculose pulmonar, que rapidamente lhe minou a existencia, arrebatando o *frondeur* admiravel que entrava nos dictionarios, por elle considerados como logares sagrados, de chapéo na mão.

No exemplar da referida these, por elle dedicado a Machado de Assis, escreveu o original romantico que admittia ser a *Mlle. Maupin* de Gautier, depois do *Evangelho*, o melhor livro da humanidade:

«A Machado de Assis — Quando Henrique Heine viu o grande deus de Weimar, pela primeira vez, não poude arrancar de sua profunda admiração mais do que estas palavras: — Oh! como são boas as ameixas de Dusseldorf, para matar a sede! — E' tambem o que me acontece, meu mestre e meu indulgente amigo, escrevendo o teu glorioso nome: fico perlexo, sem poder alludir á intensidade do sol que me deslumbra, porque ha quinze annos aquego-me ao irradiar do teu genio. — Teu humilde discipulo A de Oliveira.»

Por occasião de sua morte, na chronica «Microcosmo» do «Jornal do Com-

mercio» escreveu o snr. Carlos de Laet, um dos seus amigos e admiradores;

«E o terceiro foi Arthur de Oliveira, esse espirito imaginoso e brilhante que apenas esplendeu quanto bastava para deslumbrar-nos e que tão cedo se apagou, antes de dar-nos quanto promettia... Deste póde dizer-se que passou mal comprehendido e apreciado. Apenas a um restricto numero de amigos eram notorios os fantasiosos enlevamentos daquella intelligencia privilegiada e originalissima. Havia quem de tudo se esqueceses pela boa *prosa* de Arthur... Aos ledores de jornaes nunca se manifestou... Elle não podia escrever. Quando tentava fazel-o, a fecundidade do seu espirito e a pasmosa erudição que adquirira, eram-lhe outros tantos estorvos. Não conseguia fixar o turbilhão que constante lhe resoava pelo cerebro; e se um ou outro fragmento reduzisse a escripto, então, sempre a mudal-o, sempre descontente, visando sempre o extraordinario e o sublime, não raro falseava a nota por carregal-a demasiado. E' que nada nessa valente organização podia ter esse juitos meio termo, esse exacto equilibrio em que talvez consiste o bom senso, mas que bem raro acompanha as intelligências de primeira plana. Nelle a imaginação era tudo, e só não lhe matou o coração, que o teve bom e apaixonado pelo bello e pelo bem...»

Elle só fallava, em pé, andando e gesticulando freneticamente e os seus interlocutores ouviam-n'o num absorto e commovido deslumbramento. A escripta diminuia-o, posto que fosse brilhante. Ouvil-o é que era o maximo deleite espiritual.

Na mesma sessão, acima alludida, da Academia, em homenagem ao rutilante palrador que abusava das hypotyposes, evocou o snr. Filinto de Almeida «a figura angulosa, feia, alta, esguia, o rosto pallido e a barba em ponta, recordando-se do tempo em que ambos collaboravam no «Combate» de Lopes Trovão. E o senhor Alcides Maya, seu illustre conterraneo, definiu a funcção por elle exercida em o mundo litterario da formosa cidade de Guanabara. Apreciou-o como «um agente opportuno na transformação litteraria do Brasil», provando que não se limitou a desenvolver uma força despersiva. Analysou a influencia por elle exercida com o seu verbo irisado, seductor e os seus conceitos de esthetica, sobre os novos ideaes litterarios.

Travou relações intimas com Pardal Mallet, seu discipulo no collegio D. Pedro II, quando regia interinamente a cadeira de Pacheco Junior e lia com enthusiasmo o poema de *Mahabarata*, livro por elle sobraçado durante algum tempo.

Os seus idolos na litteratura franceza foram Gautier, Hugo, Leconte de Lisle e Flaubert. Não tolerava os naturalistas — *pornographicos da seita de Zola*.

«Já vêdes que sou um incorrigivel, um fanatico, um idolatra pelos mestres de 1830, os romantics, como dizem, babando visco de ridiculos desdens, as lesmas de Médan.»

Isso disse elle na carta, publicada em 1886 pela «Gazeta de Noticias», dirigida a Judith Gautier.

Sete dias antes de morrer, prostrado no leito, escreveu a Machado de Assis, a proposito de um prato do jantar: «O verde das couves espanejava-se em uma



onda de pirão côr de ouro. A palheta de Ruysdael, pelo incendido do ouro, não hesitaria um só instante em assignar esse pirão *mirabolante*, como diria o grande e divino Théo !..»

Poucas horas antes de fallecer lia as «Memorias Posthumas de Braz Cubas» e dizia que interpretava melhor algumas passagens do livro. Machado de Assis dedicou-lhe, então, sem lh'os mostrar os versos restantes das ultimas paginas dos «Papeis avulsos». E rematou-os com o seguinte trecho: «Os amigos delle apreciarão o sentido desses versos.

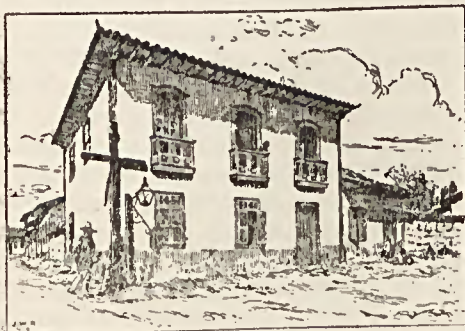
O publico, em geral, nada tem com um homem que passou pela terra sem o convidar para cousa nenhuma, um fórte engenho que apenas soube amar a arte, como tantos christãos obscuros amaram a Egreja, e amar tambem aos amigos, porque era meigo, generoso e bom.»

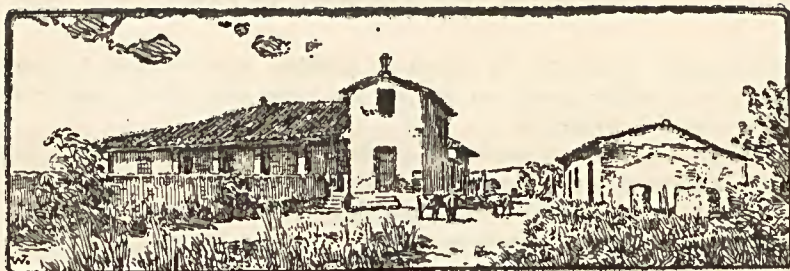
Quando Filinto de Almeida lhe escolheu o nome para patrono da segunda cadeira, Machado de Assis, seu grande amigo, muito commovido, levantou-se e foi abraçar o poeta dos «Cantos e Cantigas» pela felicidade da escolha.

Summario para um estudo completo

Brilho de estrella, orbita de cometa — O pae do raio — O sacco de espantoso — O *causeur* incomparavel — Fléchas e a Rua do Ouvidor — A these de concurso — Os obscuros — Echos do seu valor — Divida a resgatar

ARTHUR MOTTA.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XVII



TRABALHAVA em S. Paulo uma companhia italiana, que estava attrahindo ao theatro enorme concorrência. Como levassem á scena, certa noite, o drama de Ibsen «O Inimigo do Povo», Angelo, que gostava muito do dramaturgo norueguez e já havia assistido, em diversas occasiões, á «Casa da Boneca», não quiz perder o ensejo, que se lhe offercia, de ver no palco essa outra obra, por signal que maravilhosa.

Depois não deixava de alimentar esperanças de encontrar-se com Maria Luiza. E não se enganára. Logo ao entrar no recinto, percorrendo com os olhos os camarotes, dera sem detença com a familia Vieira. O coronel, grave e magestoso em sua casaca, parecia immensamente remoeado. Fallava com as duas filhas mais velhas e acenava para Beatriz como que a fazer-lhes alguma recommendação. Ao outro lado, um pouco para traz, estava o Rochinha, muito risonho e pelintra, dirigindo-se ora ao tio, ora ás meninas, a modo de quem commentava, em som de graçejo, tudo o que se passava aquém e além da ribalta.

Angelo deliberou aproveitar a primeira occasião para ir cumprimental-as. Não o fez, entretanto, nos tres primeiros intervallos. Tolhera-o inexplicavel timidez. Apenas sahia ao corredor, era tomado de tremor convulsivo. Avançava, retrogradava, sentia palpitações e injustificados deliquios da vontade. Até que davam o signal para a entrada do seguinte acto. Afinal, no ultimo intervallo, apresentou-se.

— Então o senhor estava ahí? — perguntou-lhe Maria

Luiza, sorrindo, toda corada e deslumbrante, num riquíssimo vestido de sêda côr de perola. E estendeu-lhe a pequenina mão enluvada.

Compreendeu elle a doce censura e balbuciou, á maneira de desculpa, algo que não saberia dizer o que foi, de tão commovido que estava.

O coronel, pouco expansivo, mas amavel, ia fallar-lhe, quando foi interrompido por um amigo, um senhor alto e calvo, de monoculo, que, chegando ao humbral, o chamou de parte, para o corredor, afim de tratarem, ao que parecia, de assumpto extremamente importante.

— Minha prima Maria Luiza, caro Angelo, — disse Rochinha, rindo muito — leu hontem, em francez (já se vê), o drama que estão representando... E... — aqui entre nós — não gostou das derradeiras palavras da peça...

Tanto Angelo como Maria Luiza não perceberam logo o que queria dizer aquillo. Rochinha então, cada vez mais risonho, explicou:

— Pois não se lembram da grande descoberta do dr. Stockmann, o inimigo do povo? E' esta: «O homem mais forte do mundo é o que se achar mais só.» Minha prima protesta contra esse convite á solidão absoluta...

A moça contestou sorrindo, fazendo-se mais vermelha ainda. Não dissera cousa alguma. Tinha graça!

— *Pardon, chère cousine...* Estou a apostar que o nosso caro Angelo Orsini tambem se *inscreve* resolutamente contra o principio de Stockmann... — observou com olhar de finura. *Et pour cause...*

— Mas o dr. Stockmann não se julgava menos solitario pelo facto de ter familia... replicou Angelo com afoiteza, sem medir claramente todo o alcance do que dizia.

Julia e Beatriz riam, trocando olhares de intelligencia, como se estivessem inteiradas dos sentimentos da irmã e comprehendessem perfeitamente as allusões do primo.

Maria Luiza abaixou os olhos com o rosto em brasa, procurando baldadamente fazer de desentendida. Vendo que o não podia e, de temor que o pae ouvisse o que fallavam, apressou-se de mudar o rumo á conversação:

— Então o senhor Angelo vae mesmo fallar na festa de domingo?

— Que festa? perguntou o Rochinha.

— Pois ainda não sabe! maravilhou-se ella. No salão *High Life*... O snr. Angelo vae fazer uma conferencia...

— Conferencia não, dona Maria Luiza. Apenas um pequenino discurso, para obedecer a uma ordem que recebi...

E o que se passou nessa noite de theatro — os gra-cejos do Rochinha, o significativo embaraço da moça, até a condescendente atenção com que o tratou o coronel — tudo foi para elle como um largo sonho encantado, em que não podia acreditar, de tão deslumbrado que ficára.

XVIII

No dia seguinte Angelo, estimulado pelo enthusiasmo com que Maria Luiza se dispunha a ir ouvi-lo fallar, no salão *High Life*, levantou-se mais cêdo que de costume, afim de organizar o plano de seu discurso, advertindo sobresaltado que o tempo corria é até aquelle momento ainda não sabia o que iria dizer.

Em verdade tinha confiança em si, pois alguma coisa havia sempre de ocorrer-lhe, ainda que não passasse de logares communs mais ou menos brilhantes. Porém não desejava sómente desempenhar-se sem desaire da incumbencia que acceitára. Queria muito mais do que isso. Não se contentava menos que com encantar o auditorio, provocar tempestades de applausos e deslumbrar a amada.

Mas que havia elle de achar de imaginoso para se operar o milagre com que o fazia sonhar o desejo ardente de ser agradável á joven brasileira?

Tomou o lapis, passou a mão pela frente e fez esforço para concentrar-se o mais possível. Em sua qualidade de membro da colonia italiana de S. Paulo era convidado a fallar sobre o Brasil. Cumpria-lhe discorrer sobre a formação do um ideal commum, um vasto e nobre ideal que servisse de unificar a alma nacional, integrando em a nova patria as torrentes humanas alienigenas, que tendiam a crescer de dia para dia. «Bem! Puro *lucianismo* isto tudo! cuidou entre si. Mas não ha sahir daqui. A propria natureza da festa — organizada pela Sociedade Nacionalisadora — não me permite fugir a esse circulo de idéas... O que eu havia mister era exprimir-as de modo mais ou menos novo e original...»

Neste ponto lembrou-se do que lêra no ultimo numero da «Vida Nova» e vieram-lhe á mente retalhos de phrases: «Aqui o tempestuar das forças do futuro... Aqui a forja, a liquefacção, a mistura caótica, donde ha de brotar em estrellas de oiro a grande patria dos nossos filhos...»

Seus devaneios, porém, foram interrompidos por uma escala de sons que lhe chegaram subito dos aposentos de



baixo. Era o doutor Strauss que preludiava na flauta, preparando-se para a execução da peça musical daquela manhã. Angelo poisou o lapis sobre a folha ainda quasi toda em branco, onde tomava notas, e consultou o relógio. «Nove horas em ponto, disse mentalmente. Esse homem tem realmente a vida methodica.

Não é sem razão que vive a fallar em methodo. Até as distrações são reguladas com preeisão mecanica.» Sorriu de si para si e dispoz-se a reeectar o seu trabalho.

Recostando-se melhor na cadeira, deixou, porém, o olhar distrahido ir, pela janella que o defrontava, deseansar nas ramadas florejantes da paineira vizinha. E correu-lhe logo a imaginação ás doees reordações da amada. Viu-a como na vespera a contemplára no theatro, sorrindo, o rosto enrubeseido, encantadora em seu riquissimo vestido eôr de perola. Surgiram á tona as palavras do Roehinha: «Minha prima não gostou da ultima phrase: *O homem mais forte do mundo é o que se achar mais só.*» E todo o drama de Ibsen a euja representação assistira como se estivera a eem leguas de distaneia, longe de tudo e só attento ao seu amor, desenrolou-se-lhe então ante o espirito com um aleanee novo e profundo. Achava-se, por assim dizer-se, polarizado — todas as idéas, imagens e emoções agrupavam-se em torno de um ponto fixo — a paixão absorvente. As representações e eoneitos mais extremados uns dos outros e aparentemente incapazes de se approximarem sem disparate, attrahidos por esse poderoso sentimento, associavam-se na sub-consciencia em combinações eheias de novidade e de imprevisto. Assim foi que as palavras retumbantes da *Vida Nova*: «Aqui a forja, a liquefacção, a mistura caótica... Aqui o tempestuar das forças do futuro...» se foram silenciosamente constelando em torno da deseoberta do doutor Stoekmann: «O homem mais forte é o que se achar mais só.»

De repente Angelo teve um estremeecimento de prazer intellectual. Despontára-lhe no horizonte da consciencia, engenhoso e fertil em desenvolvimentos, todo o plano de seu discurso. O homem forte de Ibsen era o creador, o innovador, o que enearna em si a tendeneia para variar. A solidão feunda, necessaria á realisação das grandes obras não podia consistir em outra eousa a não ser na libertação das forças hereditarias, no rompimento com o passado, no saeudir o jugo das tradições. Isto é o que significava a expressão ser só! Tanto assim que o dr. Stoekmann só se julgou verdadeiramente forte no momento em que não o rodearam mais que os seus, mulher e filhos, de quem

fizera discipulos dedicados, e os garotos da rua, os sem compromisso com o passado nem com o presente, os atirados á margem da vida social, materia anonyma e livre da humanidade. Vinham então as palavras da *Vida Nova*: «Aqui o desagregar das forças do passado... Aqui a forja, a liquifacção, a mistura...» E Angelo via claramente desenvolver-se em esplanadas de luz o magnifico assumpto de sua conferencia, o caldeamento de raças diversas, que dia a dia se opera neste paiz, como um factor de solidão ibseniana, pintaria com imagens vivas o como as forças ethnicas antagonicas se destruiam recíprocamente, creando o espaço livre onde se haviam de erguer as architecturas do futuro. E essa união de raças era uma deliciosa imagem, um como despacho cifrado em virtude do qual, dirigindo-se ao publico, na realidade só fallaria de seu amor á sua amada, lá presente a ouvi-lo... Não era esse o modo mais encantador possivel de obceder á ordem de Maria Luiza?

A flauta do doutor Strauss soava com tacs requebros e floreios, que Angelo se poz a rir consigo mesmo só de imaginar as visagens que não devia estar fazendo o medico para expedir com smelhante velocidade e bizarría a cascata de notas dulcifluas e saltitantes que lhe vinham chegando dos commodos de baixo. Esteve-as escutando alguns momentos, meio perdido ainda na floresta encantada dos altos symbolos de Ibsen. Até que, por volta de nove e meia, expiraram os ultimos sons e com elles ultimou-se por aquelle dia a tarefa musical do sabio allemão.

XIX

Momentos depois ouviu Angelo passos pesados de alguém que subia a escada. Era Leonardo. Conhecia-lhe o andar de longe. E esboçou um benevolo sorriso, ao lembrar-se da grande novidade que descobrira, havia já dias — um fervoroso idyllio que andava tecendo de collaboração com uma chapeleirinha das proximidades o ingenuo sonhador da sociedade futura.

Fôra o caso que, havendo-se certa manhã levantado muito cedo, determinára para não incommodar a *frau* Mathilde, ir tomar café á cidade. A esse fim sahira, contra os seus habitos, um pouco antes das seis horas. E apenas transpuzera o portão avistou Leonardo, que já ia a longo trecho, rumo das primeiras ruas da Quarta Parada. Já ao



outro dia causara-lhe estranheza a sahida matinal do ir-
mão. Deliberou por isso segui-o, guardando, porém, a dis-
tancia necessaria para não ser descoberto.

Eis senão quando viu sahir de uma pequenina casa de
porta e janella uma mocinha esbelta, saia e blusa muito
simples, chapéo, gracioso — traço este significativo de ser
ella uma chapeleirinha, visto como as operarias de outros
misteres pelo commum se contentam com uma trunfa bem
cuidada.

Ao passar por Leonardo, sacudiu a mão alviçareira-
mente, com rosto risonho de ennamorada. Elle, por sua
vez, correspondeu pressuroso ao cumprimento, agitando o
largo chapéo num movimento desengonçado de gigantes-
co bonifrate. «Ahi está a razão porque são tão cedo», disse
Angelo entre si.

Leonardo, interpellado em som de troça, a principio
fizera-se vermelho como uma menina. Protestou descon-
certado. Não havia nada. Que diabo! Gina e a mãe, ex-
tremamente pobres, viviam apenas do miseravel ordenado
que a moça ganhava na chapelaria. Conheci-as de ha muito
e tinha-lhes sincera amizade. No louvavel intuito de as
auxiliar, sem as humilhar, tivera a idéa ... ou melhor, re-
cebêra proposta por parte da velha — bôa mulher, coi-
tada! — para tomar as refeições em casa dellas, mediante
uma contribuição mensal. Aceitára e dera ordem a Pa-
taracchi, cuja venda era proxima, que lhes fornecesse os
generos alimenticios de que precisassem. Ficaria assim o
ordenado da pequenina operaria para roupa e outras mi-
nusculas despesas... Eis porque a cumprimentára fami-
liarmente.

Angelo, que fingira aceitar essa explicação, fôra dias
depois, a instancias do irmão, jantar com elle em casa
de Gina. De começo tivera impressão pouco favoravel á ope-
rariiazinha. Achára-lhe certas attitudes de um desgarré ou
o que quer que seja pouco agradavel. Approximára-se,
logo ao chegarem, com ar alvoroçado, perguntando-lhe se
não se recordava de já a ter visto, «adivinhasse onde...».
E como elle não se lembrasse ajuntou entre frouxos de riso:
«Que mau vizinho que o snr. é! Pois não me viu ha dias
no bonde de Santa Cecilia? Por signal me parecia muito
preocupado... Eu ia entregar uns chapéos e desci na
praça da Republica...»

E os seus olhos reinadios, tirantes a verde e semea-
dos de pontos de ouro brilharam num risinho desembara-
çado, a tempo que se lhe cavava no queixo uma covinha
provocadora.



A mãe, uma italiana velha, rotunda e de aspecto que forcejava por tornar afflicto e angustiado, tinha o ventre immensamente desenvolvido e nunca tirava um grande avental azul escuro.

A má impressão, porém, desaparecera logo. Aquelles modos da rapariga eram evidentemente devidos a profissão que exercia, habituada que estava ao tracto diario com innumeradas pessoas, obrigada a agradar a todos, a mostrar-se amavel e até galante, sob pena de perder o seu honesto meio de vida... Depois ambas pareciam tão gratas a Leonardo! Gina então mostrava-se tão apaixonada das suas idéas libertarias, como se as entendêra perfeitamente e estivera fadada a realizar com elle o magnifico sonho de reformar o mundo. Tinha graça! Nada mais interessante do que o colloquio meio amoroso meio philosophico-social em que os surpreendêra Angelo!

— Vem cá, *seu* maganão, disse a Leonardo, quando voltavam para casa. Não podes mais negar que gostas da chapeleirinha e ella de ti... Observei-os bem.

O socialista córou até a raiz dos cabellos, deu uma torcida á ponta do nariz, que ficou escarlata da impressão dos dedos, riu grosso, desageitadamente, e não disse palavra. Era a confissão!

— Mas se não estás disposto a renunciar ás tuas idéas sobre casamento, em que irá parar esse idyllio?

O irmão calára-se embaraçado. Via-se que uma grande lucta andava agitando aquella alma. E foi a medo que confiou a Angelo o seu grande sonho — achar para companhia uma dessas precursoras das mulheres do futuro de que nos davam o molde algumas das famosas heroínas russas, figuras admiraveis que pareciam sobrepôr-se ás contingências e fraquezas de seu sexo, para espantarem os povos com o exemplo de sua coragem masculina e de sua tenacidade sem par de abridoras dos caminhos do porvir... E porque não havia Gina de alcançar um dia semelhante elevação? Porque não?

— Sonhador accordado, *seu* maroto, é o que és, disse-lhe Angelo rindo-se. Sabe que mais. Estou a duvidar se ainda estamos em S. Paulo, cidade brasileira, que nada tem de commum com essa tua Russia subterranea e tragica... Olha... Daqui a um pouco batem ao portão... E damos com um batalhão executor que nos vem buscar para a morte... Deixemo-nos de pesadelos... Antes que venham as revoluções tratemos de ir almoçar mui burquezmente...

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA.



GRAO DE AREIA — *Gilberto Amado* — J. R. dos Santos — Rio — 1909.

Estudos do nosso tempo, diz o substitulo deste livro verdadeiramente notavel. Gilberto Amado pertence á geração dos novos pensadores brasileiros que se affirmaram de chofre por força de uma superioridade mental das mais ricas em valores e cambiantes. Jornalista, elle sabe conciliar com o perecível «fritar diario dos miolos» a produção acurada de estudos destinados a perpetuarem-se na vida longa do livro. Com este, — «Grão de areia», — nome allusivo ao homem que como individuo é arrastado na voragem das convulsões sociaes e que, agora, sem saber porque nem de que maneira se viu turbilhonado com a máxima cruza no *simoun* da guerra, Gilberto Amado enriquece o nosso patrimonio literario. Dá-lhe uma coisa de que elle é pobre, — idéas. O seu ponto de vista é sempre pessoal e, por que muito elevado, domina com grande amplitude o mar morto da alma nacional. Compõe-se o livro de quatro ensaios, «Grão de areia», «Esboço de uma moral educacionista apropriada ás condições do tempo presente», «Dos homens chamados praticos e da sua influencia no Brasil», «As instituições politicas e o meio social no Brasil», todos tratados com o mesmo encanto, penetração e elevação de vistas.

SILVESTRE LAGEDO — *Plínio Cavalcanti* — Leite Ribeiro e Maurillo — Rio — 1919.

Aproveitando-se da fórmula de romance o A., que lança o seu livro de estreia, expõe uma serie de idéias e desenhos de typos sob cujas mascaras

palpitam personagens vivas no Rio de Janeiro. Póde-se definir o livro como uma visão da Capital Federal, sua gente e seus costumes, encarados do ponto de vista dum filho do Norte, recém-chegado. E dá elle medida de como as almas se differenciam no Brasil por injunções da extensão territorial. O Norte é uma coisa bastante característica, o Rio é uma coisa muito diversa; os typos, os caracteres, a personalidade, tudo se diversifica. O nortista ambicioso, aperreado pela estreiteza do meio, tem como sonho dourado o mergulho na grande capital para «vencer na vida». Emigra, se é um forte, e de facto vence; mas a civilisação carioca absorve-o, dá-lhe todas as exterioridades, todos os vernizes, não conseguindo entretanto renovar a alma que elle traz de lá, na qual a saudade do *terroir* fica como o sentimento predominante. No fundo, ha lucta permanente e mutuo desprezo. O adventicio considera o Rio como sua presa, como praça forte conquistada ao inimigo e comporta-se muitas vezes com a violencia e o descaro do vencedor em terras do vencido. Neste livro, o romance dos protagonistas — um moço que quer casar com uma menina rica e graças á resistencia do pae vem a casar com outra, — romance sem drama nem acção de qualquer especie, parece-nos um pretexto para o borbotar de idéias que ao cerebro do autor affluiram, em face da capharnaum carioca. Tambem aproveita o ensejo para, sob fórma de dialogo, ou considerações pessoais, debater os nossos mais complexos problemas nacionaes. O livro vale sobretudo como denunciador das qualidades belletristicas de Plínio Cavalcanti. Elle as tem abundantes e tem

a maior de todas, qual seja a de interessar fundamente o leitor e arrastal-o pelo livro além duma assentada. Senhor de tal dom, está nas suas mãos, aprimorando a arte da factura, dar-nos bellas obras, mais cuidadas do que esta, visivelmente feita ás pressas, e tão interessantes como esta na fixação dos aspectos fugidios da psychica brasileira, fugidia e furta-côr.

MINHA TERRA — Antonio Salles —
Typ. Moderna — Ceará — 1919.

Se o Ceará «ferreiro da maldição», como lhe chama Rodolpho Theophilo, a terra martyr, o «lindo inferno» de Antonio Salles, tivesse homens de Estado como tem homens de letras, de ha muito estaria solvido o tremendo problema das seccas. Mas a terra que no romance deu Alencar, na politica dá ácaros como o memoravel bando accyolino que só a fogo poude ser enxotado de lá. E, assim, a terra dos verdes enriquece cada vez mais seu patrimonio belletristico, embora não consiga arrancar-se á espada de Damocles que o sol lhe suspende sobre a cabeça. Razão do tom angustioso e dolorido que resaiba a poesia e a prosa cearense. «Minha Terra», por exemplo: é um grito de angustia de mistura com um cantico de amor á lindeza da terra amaldiçoada. Sempre presente á alma do poeta estão as scenas de horror passadas e a perspectiva dorida das provaveis calamidades futuras. Os interregnos de bonança abrem em todas as faces o sorriso triste de quem sahio de uma grande dôr com a consciencia de que voltará inevitavelmente a ella em futuro não remoto. Esta caracteristica de A. Salles é a caracteristica de todos os seus contemporaneos. Nestes versos,

«O sertão pelo inverno é paraizo.
Pelo verão é inferno, em que sanhuda
Furia do sol dos campos o sorriso
Em contorsões de colera transmuda.

Ao longo das estradas só divisio
Pó, folhas seccas, sarças negras...
Muda

E' a voz da terra... E o vento, de
improviso,
O céu, com um sopro rispido, desuuda.

Rochas, erguidas isoladamente,
Parecem calvas frentes soffredoras,
Com grandes rugas feitas pela magua.

Cavo rumor corta a mudez do ambiente:
— E' o cortejo das pombas migradoras
Fugindo em busca de verdura e agua.»

está todo o Ceará e está toda a literatura do Ceará. Antonio Salles sente como ninguem o seu Ceará e dá-nos nitida a sensação da terra torturada. Lêl-o é comprehender o povo martyr e commungar na dôr melancolica dos condemnados ao supplicio do sol. A estreiteza desta secção não nos permite alongar esta noticia. Diremos apenas que o A. conseguiu accrescentar um grande bloco ao monumento da poesia nacional — não da poesia sem patria, tanto russa como franceza ou chineza, mas da poesia brasileira, que revê a terra e as almas como ellas o são na dolorosa realidade.

O FOGO DO IDEALISMO ESTA'
AQUI — Nelson Mello — Off. «Estado» de S. Paulo — 1919.

«Ha um imperialismo que força alguma conseguiu destruir, que reveste essencia divina, que consagrou a alma dos iniciados nas luctas do Mundo, e que nenhuma revolução conseguiu desarvorar. Esse imperialismo está aqui. E' o imperialismo da justiça e do bem.» Assim perôra Nelson Mello na bella conferencia realisada na séde do Grande Oriente de S. Paulo, depois de um longo excurso atravez das correntes philosophicas e religiosas que procuram solver o eterno problema da felicidade do homem na terra. Esta conferencia revelou a S. Paulo uma mentalidade de ampla envergadura, capaz de idéias proprias sobre altas questões sociaes. Seu descortino philosophico denuncia muita cultura e singular aptidão para o jogo das idéias geraes. Se accrescentarmos a isto a linguagem escorreita, limpa de vicio e

de empolas de máo gosto, e posta a serviço de um estylo muito pessoal, incisivo e faiscante, teremos dado em rapido escorço a impressão do vigoroso novo que acaba de surgir na arena do pensamento nacional.

BRASILISCHE PROSA — *Clemens Brandenburger*, — Rotermund e Co., — S. Leopoldo e Cruz Alta, Rio Grande do Sul — 1919.

O presente volume é o 14.º da coleção «Literatura Sul-Americana» que já tem dado a publicidade a alguma cousa da literatura brasileira, como se infere das ultimas palavras referentes a Oliveira Lima, á pag. 91, onde o A. dá noticia do trabalho do escriptor brasileiro sobre o Conde Mauricio de Nassau-Siegen.

A «Brasilische Prosa» é dedicada a Max Fleiuss, de quem o A. traduz as recordações sobre Floriano e a revolta, precedendo-as, como sempre faz ás traducções, de uma noticia biographica. Não deixa de ser muito interessante o conhecimento preciso que Brandenburger mostra dos nossos homens e coisas, revelado na apreciação dos escriptores de que se occupa.

No prefacio diz: — «nós, tauto-brasileiros, devemos nos occupar da litteratura luso-brasileira, se não quizermos ficar olvidados; devemos tomar parte na vida intellectual da nossa terra», — acrescentando que propositadamente não se occupou exclusivamente de contos, mas traduziu ainda obras de outros generos literarios, porque sómente assim se conseguirá uma impressão de conjuncto acerca do trabalho intellectual brasileiro.

Abre o livro a traducção do conto de Affonso Arinos, «Pedro, o barqueiro», e termina com o «Pioneiro», de Roquette Pinto. Na introducção ao primeiro, o A. pede indulgencia aos leitores caso a traducção não satisfaça a quem conhecer o original, tão rico de vocabulos regionaes que muito difficul-tam a versão. Parece, no entanto, que tal obice foi vencido, pois que em conto, desconhecido para nós, de Viriato Corrêa, a versão allemã dá bem nitida a impressão do meio em que o

episodio se desenrola, e o final dramatico da narrativa é tão emocionante que se nos afigura difficil ser melhor no original.

Além desses nomes o A. traduz trabalhos de Viriato Corrêa, Bilac, Affonso Celso, Coelho Netto, Monteiro Lobato e Afranio Peixoto.

Para nós, porém, mais expressiva que a valiosa contribuição do sr. Clemens Brandenburger, é a significação que tal esforço representa, por onde se vê que, apesar de tudo, o tauto-brasileiro continu'a a amar o Brasil com ardor que não cede diante de nenhum outro, incluindo o descendente proximo ou remoto dos portuguezes. Talvez Graça Aranha acabè tendo razão quando, no seu «Chanaan», Milkau a dialogar com Lentz, afirmava que os allemães entre nós acabariam vencidos pela absorpção, lenta mas irremediavel. E de facto tal virá acontecer, mau grado tudo que se tem levantado contra os descendentes de um dos povos mais capazes jamais apparecidos sobre a terra.

Aos poucos o Brasil acabará reconhecendo que deve muito ao esforço allemão, desde Hans Stadten, que tão bella documentação deixou dos primeiros dias da nossa terra, até Breslau, que chegando pouco antes da guerra estalar, percorreu grande parte do paiz para estudar a embryogenia dos mazurpiae, procurando desfendar o eterno segredo da vida, como innumerous outros pesquisadores allemães que têm aportado ao Brasil. A contribuição scientifica destes investigadores é tão importante, que não lhe vale metade o trabalho reunido dos outros investigadores filhos de outras terras. Se o esforço desta gente fosse hem comprehendido pelos brasileiros, seria mistér conceder-lhe um lugar privilegiado na nossa gratidão. Em 1820 já emigravam elles para aqui, amalgamando-se commosco, compartilhando das nossas agruras, pelejando pela nossa independencia, improvisando batalhões para a defesa da nova patria nos campos paraguayos, e, mais tarde, creando nucleos colonias dos mais importantes, na Bahia, Espirito Santo, Minas, Rio de Janeiro, grande parte do Paraná, Santa Catharina e Rio

Grande do Sul. Sempre se fundiram connosco, participando nas nossas aspirações nacionalistas, como mostra Beckmann, figura tão interessante da nossa historia.

A grandeza moral e a magnanimidade de Pedro II, foram herança materna, isto é, genuinamente allemã. A influencia exercida pelos nossos homens de letras Tobias Barreto, Julio Ribeiro, João Ribeiro, Sylvio Romero, Gonçalves Dias, Capistrano de Abreu, foi mais uma consequencia da cultura allemã que elles assimilaram, e o proprio Bilac, que tão admiravelmente traduziu do allemão o Max und Moritz, sob a rubrica de Juca e Chico, não fugiu a esta excepção.

A causa desta injustiça é o desconhecimento da verdadeira Allemanha, e a accitação incondicional da Allemanha caricaturada e falsificada pelos seus inimigos tradicionaes. Quem a conhece de perto, muda logo de opinião, como aconteceu a Arthur de Oliveira, o mais brilhante bohemio rio-grandense. Sua aspiração suprema era conhecer Paris. Realisou-a um dia e lá jantou com Hugo, fez-se intimo e foi caricaturado por Gustavo Doré e travou relações de amizade com os mais brilhantes nomes da época. Ao declarar-se a guerra de 70, não hesitou em alistar-se na Legião Estrangeira, onde galgou varios postos á força de bravura, até que afinal, ferido, cahiu prisioneiro dos allemães, por elle tão execrados. Transportado para a Allemanha, no pouco tempo que lá esteve foi-se dando conta de um mundo inteiro de coisas desconhecidas, os olhos abriram-se á visão verdadeira da alma germanica e elle acabou escrevendo á sua velha mãe e aos seus parentes verdadeiras apologias do mundo novo que descobrira e cuja perfeição chegava até á humilde casa do camponio. Entre nós, ultimamente, a campanha do saneamento que sacudiu todo o Brasil vem por fórma indirecta da sciencia alleman, pois que teve como ponto de partida o Instituto Oswaldo Cruz. A materia é inesgotavel; não é um assumpto, é uma mina, como diria Paula Ney.

EXILIO — Lindolpho Esteves — S. Paulo — 1919.

Aqui está um poeta de peregrinas qualidades. Alma unvida de verdadeira poesia, serena e pura; talento de escól, podendo dispôr de uma cultura larga e solida; homem, arredado da violencia de odios ou de paixões subalternas. Lindolpho Esteves é um typo de artista privilegiado, em que a belleza tem um cultor cheio de carinhos e dedicações.

A finura de lavor e pureza de linguagem das composições e traducções que compõem este livro bastariam para recommendar qualquer autor. Nas traducções de Lecomte de Lisle, sempre tão cheias de mil difficuldades, Lindolpho Esteves conseguiu quasi o impossivel, trasladando para um portuguez de lei, fino e castigo, toda a força magestosa dos versos do original dos *Elephantes* ou da *Panthera negra*. A's composições originaes não falta o mesmo brilho e o mesmo encanto. Sente-se, porém, já pelo numero reduzido de composições originaes, em face da copia das versões, já pela escolha dos themes, qual a qual mais delicado, que o A. não pôz no seu primeiro livro tudo quanto de mais eloquente tem feito, e que por certo ha de apparecer em futuras obras, onde a sua individualidade ha de ser mais marcada do que nesta. Porque será grande pena, enorme, que Lindolpho Esteves persista em querer manter a sua profissão de fé, tão bellamente traçada na abertura do livro:

*Quando caminho ao sol, ella caminha,
para, si paro enfim, no mesmo instante;
às vezes vem atraz, outras, adiante,
descrevendo commigo a mesma linha.*

*E vendo-a nesta imitação mesquinha,
de um mourejar tão duro e tão constante,
chego a pensar ser ella o caminhante
e eu a sombra que delle se avizinha.*

— fosse ella a realidade, eu fosse a sombra...

Que essa deficiadeza, que é um dos grandes encantos do seu verso, nos continue a deliciar, bem. Mas que ella não chegue a fazer-se timidez, e, assim, nos roube o encanto da personalidade de escól que é a do esplendido poeta.

PROSIGAMOS! — *Luiz Rubano* — Casa Jeronymo Silva, Nictheroy, 1919.

Não sabemos que má sorte têm a literatura didactica no Brasil. Cada nova contribuição que nos cae sob a vista é uma nova prova do nosso má gosto, da nossa incompetencia ou da nossa inaptidão para a factura dos livros escolares. Faz pena, faz pena, realmente, pensar que as nossas creanças tenham de educar-se com semelhante aparelhamento, tão defeituoso, pobre e infeliz. O quê, no exiguo numero das nossas obras didacticas, não pecca pela má linguagem ou pela nenhuma methodidade, pecca, como este, pela feição material, que é, poder-se-hia dizer com alguma máldade — genuinamente brasileira... O Sr. Luiz Rubano escreveu talvez um livro capaz de bons resultados educativos. Bem intencionado, maneando a lingua com facilidade, escolhendo bons temas, conseguiu organizar uma série de lições muito interessantes e proveitosas. Todas essas qualidades, porém, se perdem, se diluem, ficam esquecidas com a apresentação que o livro lhes dá. Má impressão, má papel, má distribuição, e sobretudo, *horresco referens*, desenhos dos menos adequados, si é que a isso possa chamar-se desenhos. Procure o A. dar uma nova feição material ao seu trabalho. Sem isso tudo será em vão. Fazer bons livros para creanças é das coisas mais sérias, nas quaes é preciso não só trabalhar com intelligencia e coração, mas com uma elevada argucia e cuidado.

PANDORA — *Da Costa e Silva* — Livraria Castilho, Rio, 1919.

De um subjectivismo sadio, sem exaggeros que lhe tolham a simplicidade e a graça, a poesia de Da Costa

e Silva é feita para agradar o ouvido e o coração. Tem fórma e tem sentido. E sentido e fórma aqui vêm bem casados, com espontaneidade e com doçura. Da Costa e Silva não tem declamações emphaticas, nem lamurias sangrentas, nem vibrações inesperadas. Tocados de um suave lyrismo os seus versos parecem feitos mais para espelhar os sentimentos calmos, a saudade feliz, a esperança possivel, do que as morbidezdas do espirito. Os sonetos dos *Poema da saudade* ha um em que se ajuntam todas as suas bellas qualidades de poeta de raça. E' esse:

*Eu sou tal qual o Parnahyba: existe
Dentro em meu ser uria tristeza innata,
Igual, talvez, á que no rio assiste
Ao reflectir as arvres, na matta...*

*O seu destino em retratar consiste;
Porém o rio tudo o que retrata,
Alegre que era, vae tornando triste
No fluido espelho móvel de ouro e prata...*

*Parece até que o rio tem saudade
Como eu, que tambem sou d'essa maneira,
Saudoso e triste em plena mocidade.*

*Dá-se em mim o phenomeno sombrio
Da refração das arvres da beira
Na superficie tremula do rio...*

SCENAS E TYPOS — *Rodolpho Theophilo* — Typ. Minerva — Ceará — 1919.

Collectanea de impressões, reminiscencias e estudos cearenses, interessante como tudo que sae da penna do A. Neste volume reu'ne elle os seguintes artigos: O Ceará, ferreiro da maldição; O bebedouro; Moedeiros falsos; Atravéz do passado; Altruismo; A imprevidencia do cearense; As plantas assassinas; A tróca das costellas; Porque fui industrial?; O supplicio da aranha e O opio. Por alguns d'elles se entrevê a acção social de Rodolpho Theophilo na sua terra, acção sempre benemerita e fecunda em lições preciosas. Graças a ella, a variola, complemento fatal das seccas, foi julgada para sempre e o bemfeitor

cearense teve a summa felicidade de nas ultimas estiagens assistir á victoria da sua obra magnifica. «A secca de 1915 passou e nem um caso de bexiga foi verificado. Tivemos a suprema ventura de ver no intimo da nossa alma a consciencia glórficar a nossa obra. O sonho, estava, pois, realiado», diz elle. Se houvesse gratidão na humanidade, que homenagens não receberia quem salvou do horroroso apodrecimento em vida determinado pela variola a milhares de seres humanos? Mas a humanidade é ingrata, só glorifica aos que a torturam, aos guerreiros que a trucidam e aos estadistas que a exploram. Só estes recebem estatuas...

LIÇÕES PRATICAS DA PONTUAÇÃO E ACCENTUAÇÃO DO «A»

Honorato Faustino de Oliveira — Weisflog Irmãos, São Paulo, 1919.

O auctor do presente livrinho realiza com a sua publicação um serviço meritorio. São de todos conhecidas as difficuldades quasi insuperaveis que se antolham aos estudantes no ensino da pontuação e da accentuação do «a». Da primeira então, nem se fale. Além de ser ponto que exige attenção redobrada, e conhecimentos syntacticos, faltam ás nossas bibliothecas livros didacticos que estudem sufficientemente esse ponto. Não se trata de pobreza, mas sim de verdadeira penuria. A não ser alguma grammatica que estude superficialmente o assumpto, nada mais ha ao alcance dos estudantes nesse particular. E diga-

mos tudo: é tão raro encontrar gente que sabe pontuar, hoje em dia. Mesmo entre gente culta nota-se essa falha, originaria da falta absoluta de ensino nas escolas. Os felizes que conseguem aprender, por via de regra, a alcançam por intuição e nunca pelo trabalho paciente dos professores. O A. dedica a metade do seu folheto a esse problema, e estuda o assumpto com verdadeira proficiencia, dividindo racionalmente os casos e graduando-os por ordem de difficuldade, além de rechê-las — e nisto está o maior valor da obra — com exemplos copiosos e retirados das obras dos nossos maiores escriptores, antigos e contemporaneos. A segunda metade do livro estuda os casos da accentuação do «a». E fal-o sem valer-se das citações, das classicas citações das regrinhas grammaticaes. As duas únicas que lá apparecem com esse nome não o são: a primeira é um postulado; a segunda é um artificio. Mas para avaliar-se até que ponto foi em clareza de exposição e de methodo, o distincto Director da Escola Normal de Piracicaba, basta dizer-se que a accentuação do «a» comprehende nada menos de 23 lições todas ellas acompanhadas de fartos exemplos, e que demonstram a analyse paciente, a meticulosidade na divisão dos casos, o cuidado de evitar as falsas analogias, que levam a juizos erroneos, o que revela no A. uma optima directriz pedagogica, de quem tem clara noção das difficuldades na transmissão dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, pleno conhecimento da materia que versa.



EXPOSIÇÃO BASSI



Paisagem Rio-Grandense

Oleo de T. Bassi



Minha terra tem palmeiras

Oleo de T. Bassi

EXPOSIÇÃO BASSI



Scena Brasileira

Oleo de T. Bassi



RESENHA DO MEZ

VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Setembro, 15 — O presidente de S. Paulo enviou uma mensagem ao Congresso legislativo solicitando os necessários recursos para a execução de varios melhoramentos na Capital paulista, por occasião do Centenario.

16 — Transbordaram os rios Gravatáhy e Guahyba, no Rio Grande do Sul, inundando varias povoações.

17 — O aviador Locatelli, que havia partido de Buenos Aires para um raíd aereo daquella capital ao Rio, foi forçado a aterrar em Tijuca, Santa Catharina.

18 — O Partido Republicano Mineiro, em convenção plena, approvou a retorma de seus estatutos.

19 — O presidente da Republica enviou ao Congresso uma mensagem com alvitres sobre o problema do Nordeste. — Tomou posse do cargo de ministro da guerra o sr. Pandiá Calogeras.

22 — O Congresso legislativo de Santa Catharina encerrou os seus trabalhos.

23 — O presidente da Republica enviou ao Congresso uma mensagem suggerindo a criação do Ministerio da Saude Publica.

24 — Dos estaleiros «Guanabara», em Nitheroy, foi lançado ao mar o vapor «Natal», do Lloyd Nacional.

25 — O presidente de Minas Geraes foi autorisado a contractar a organização do novo Codigo de Processo Civil e Criminal.

26 — O governo do Espirito Santo remetteu para Paris a importancia dos coupons do emprestimo de 1894. — O governo de S. Paulo rescindiu o contracto de arrendamento da Sorocabana Railway.

28 — O presidente da Republica foi escolhido arbitro pelos governos de S. Paulo e do Paraná para derimir a questão de limites entre esses dois Estados.

29 — O Congresso de Pernambuco reconheceu como governador do Estado o sr. José Rufino Bezerra Cavalcanti.

30 — Rebentou um movimento parredista em Porto Alegre.

Outubro 1 — Foi installada a Assembléa dos Representantes do Rio Grande do Sul.

2 — Reuniu-se em Campinas o 2.º Congresso Paulista de Estradas de Rodagem.

3 — Declarou-se em parede o pessoal da Estrada S. Paulo-Rio Grande.

4 — Tomou posse do cargo de Director da Saude Publica o dr. Carlos Chagas.

5 — As directorias dos bancos nacionaes dirigiram-se ao presidente da Republica pedindo a reforma bancaria.

6 — Tomou posse da presidencia do Maranhão o sr. Urbano dos Santos.

8 — A Camara Municipal de Barbacena autorisou o executivo municipal a celebrar contractos para a installação da industria siderurgica, offerecendo vantagens aos industriaes.

REVISTA DO BRASIL

9 — O Supremo Tribunal declarou inconstitucional uma lei rio-grandense sobre impostos de companhias de seguros.

10 — Installou-se o Congresso Legislativo do Espirito Santo.

12 — O governo de Santa Catharina contrahiu nos Estados Unidos um emprestimo de 5 milhões de dollars.

13 — O presidente do Sergipe sancionou a lei que extingue o imposto sobre os vencimentos dos funcionarios publicos.

15 — O governo de S. Paulo desapropriou por utilidade publica a S. Paulo Northern Railway.

Nota Mineira

APROVEITAMENTO DE CAPACIDADES... — O Partido Republicano Mineiro, que se acaba de reorganizar, desfraldando um largo programma, onde apparecem com merecido destaque os maximos problemas nacionaes do saneamento rural e urbano e do povoamento do nosso territorio quasi deserto, lançou entre suas theses politicas, de par com o proposito de defender e autonomia dos Estados e dos municipios, a de que «nos postos de governo e de administração devem ser aproveitadas as capacidades»...

E' á primeira vista estranho que tão elemental regra de comezinho bom senso tenha sido guindada a these politica e como tal inserta no cabeçalho de um programma de partido. O aparente disparate, todavia, deixa de o ser e se converte em magnifica promessa por que anciava de ha muito o grande Estado central, tão depressa se alcancem os motivos da singular lembrança. E estes não havemos mister muita argucia para os descobrir. E' o caso que já se havia tornado um titulo de exito na vida publica o não ter capacidade para cousa alguma, o não fazer sombra a ninguem, o abdicar da propria personalidade para não ser mais do que um éco dos menores caprichos dos chefes...

Semelhante *selecção ás avessas* é o mais terrivel cancro de quantas mazellas e verminozes nos corróem e a-

podrentam o organismo nacional. E' o reino da mentira, da sabujice, da renunciação a todos os brios e altivezes. Combater esse mal constitue o mais bello tentamen em que se possa empenhar um partido ou um governo. Eis porque achamos poucas e mal acabadas todas as lóas e hosannas á arremetida mineira contra o triumpho das raposas em detrimento dos leões.

Oxalá a cousa não fique só no papel. E assegura-se que não fica, ó bemaventuradas divindades das montanhas! Dizem até que da actual representação mineira na Camara Federal mui poucos deputados permanecerão, pois raros serão poupados pela craveira inexoravel com que vão ser medidos.

Quão vasta, porém, e quão tremenda não será a responsabilidade dos nossos *grandes eleitores* nessa obra de renovação! Porque é de todo o ponto imprescendivel que para cada logar donde fôr aliada alguma nullidade doirada vá um homem... mas o que se chama realmente um homem á luz da famosa lanterna de Diogenes.

Sabel-os-á encontrar o Partido Republicano Mineiro?

Eis o que *toda* a nação se pergunta a si mesma entre alvoroços de esperanza e de temor, de olhos postos... no snr. Arthur Bernardes.

Artes e Artistas

Abriram-se o mez passado em São Paulo varias exposições de pintura, das quaes damos hoje algumas reproduções. São telas dos pintores A. Fernandez e Torquato Bassi. Fernandez expoz oitenta e tantos quadros e conseguiu agradar de tal maneira o publico que os vendeu quasi todos, marcando talvez o «record» da venda de quadros em S. Paulo.

Embora discutida a sua arte pelos criticos e pelos artistas, não a discutiu de maneira nenhuma o publico que, encantado pela frescura das tintas, pelo brilho da paisagem, pelo movimento e vida que elle sabe imprimir nos animaes e nas figuras humanas, foi unanime em louval-o e em concretisar o louvor pela acquisição. Apesar de hespanhol de nascimento, Fernandez pas-

sou boa parte da sua mocidade em nosso paiz e é um pouco nosso, como também é bastante nosso o pintor Torquato Bassi, que ainda desta vez foi muito feliz com a sua exposição. Bassi é um caso typico do que póde o esforço pessoal. Desajudado de tudo, e operario de profissão humilimá, sentindo em si qualidades latentes dignas de aproveitamento no campo esthetico, atirou-se um dia á pintura. Sem mestres, sem guia, sem curso de nenhuma escola, aprendeu a pintar pintando. Seus primeiros trabalhos, apesar de todos os defeitos, denunciavam já o artista, e este artista que ha em Bassi, desenvolvendo-se rapidamente, dia a dia mais se affirma e mais se impõe ao publico. Suas ultimas telas significam uma ascenção e por ella se póde entrevêr os fructos finaes da sua arte quando completada a maturação do seu bello talento. Possui, entre outras qualidades, uma rara — o senso da poesia. Consegue impregnar os quadros dum não sei quê emotivo, que fala á alma do espectador e o induz a adquirir. Podemos dizer que Bassi já venceu. E não é preciso ser propheta para lhe augurar no futuro um lugar de vivo destaque entre os interpretes da nossa natureza, como a vê e como a quer o senso esthetico do nosso publico.

...

Jornaes e Revistas

Conselho Nacional de Educação

Não ha função sem orgam. Se a educação é o mais grave problema nacional, se della depende todo o nosso futuro em todos os seus aspectos — cumpre que haja um aparelho ou departamento na administração federal que cuide desse assumpto sobre todos grave e importante.

Na Inglaterra ha o Ministerio Nacional de Educação. Na França ha o Ministerio da Instrucção Publica. Na Belgica ha o Ministerio da Educação. No Japão ha o Ministerio da Educação. Na Hespanha, desde 1900, existe o Ministerio da Educação. Na Italia

ha o Ministerio da Instrucção Publica. Em Portugal ha o Ministerio da Instrucção Publica. Na Austria ha o Ministerio da Instrucção Publica. No Canadá ha o Ministerio da Educação. Nos Estados Unidos ha o Bureau de Educação no Departamento do Interior. Na Republica Argentina ha o Departamento da Instrucção Publica no Ministerio da Justiça e Instrucção Publica.

No Brasil onde existem vinte milhões de analphabetos não ha departamento algum na administração nacional que cuide do assumpto. E quando se aponta essa falha clamorosa e criminosa, ha idiotas que impugnam a instituição de aparelho necessario por ser isso inconstitucional. Deixamos de educar vinte milhões de analphabetos porque a Constituição não o permite.

No Brasil onde ha, mais que em qualquer outro paiz, necessidade de uma acção educativa intensa, só existe, no Ministerio da Justiça, uma secção burocratica que se occupa exclusivamente do ensino secundario e superior da Republica, secção essa que sem ampliação alguma dos seus servizos, se propõe agora passar para o Ministerio novo que se pretende instituir.

Nós que imitamos tudo aos Estados Unidos, até copiar a sua Constituição deveriamos, já que ninguem comprehende a necessidade de um Ministerio da Educação, ao menos copiar á America do Norte a organização do Bureau de Educação. Ha no nosso aparelho da administração federal uma grande lacuna que é preciso preencher com a criação do nosso Conselho Nacional de Educação, em quanto não constituirmos o Ministerio da Educação Nacional. Todo o futuro nacional está na educação.

Ou acaso a nossa nacionalidade está pelo destino condemnada ao analphabetismo integral, irremediavel e permanente e por isso ha mister instituirmos coisa nenhuma no governo federal?

Segundo a lei que organisou o Bureau de Educação dos Estados Unidos, tem elle, entre outros fins, os seguintes: colligir estatisticas e documentos mostrando as condições e o



progresso da educação em toda a União; divulgar informações relativas á organização e funcionamento das escolas e systemas escolares, bem como aos methodos de ensino quer na America, quer no estrangeiro, de modo a permitir ao povo americano o estabelecimento de systemas efficientes na sua educação nacional; informar annualmente o Congresso, por meio de minucioso relatório, do resultado das suas investigações e trabalhos, bem como das medidas que julgue necessarias para servir a causa da educação e aos fins para que foi instituida a repartição; publicar boletins, informações, circulares e relatorios referentes a todos os assumptos educativos.

Só o relatório que o Bureau de Educação vem annualmente publicando é a mais proficua e monumental contribuição para o progresso da educação na America. Não é preciso accentuar a importancia de um retrospecto annual, como o relatório do Bureau, de tudo quanto se faz em materia de educação no mundo inteiro.

Sem a divulgação constante desse relatório, não se poderia aproveitar os resultados obtidos mediante os actuaes processos educativos das escolas americanas. Todos os problemas educativos, tornaram-se internacionaes na época actual.

Os processos empregados na escola da mais humilde aldeia devem aperfeiçoar-se á luz da experiencia adquirida no mundo inteiro.

E' indispensavel, pois, termos no Brasil um Conselho Nacional de Educação semelhante ao Bureau de Educação dos Estados Unidos.

Esse Conselho Nacional de Educação a ser instituido seria no Brasil o phiarol luminoso que nos alumiará o caminho para a redempção do captivo da ignorancia a que estamos jungidos.

Um dos aspectos mais dolorosos da vida nacional é a resistencia passiva mas ábsoluta, ao inicio de qualquer trabalho de organização nacional da educação. Existe entre nós um culto profundo pela ignorancia. E' uma das caracteristicas nacionaes. Esse culto pela ignorancia assume no caso a fórmula de fetichismo constitucional.

Ha cincoenta annos, espiritos generosos propugnam a necessidade de se instituir uma organização nacional de educação. Ha cincoenta annos mostra-se á evidencia que o Brasil tem, entre todos os paizes civilizados, proporcionalmente, o maior numero de analfabetos. Ha cincoenta annos uma pleiade de escriptores notaveis se bate pela necessidade de começar-se a educar o paiz. Ha cincoenta annos demonstra-se que o paiz está na mais vergonhosa situação sob o ponto de vista da educação. Ha cincoenta annos provou um escriptor que o Brasil tinha menos escolas que a Turquia. Prova-se actualmente que o Brasil ainda está nessa situação de inferioridade em relação á Turquia.

E não ha meio de se dar um passo para diante. Se se cogita de fazer agir o governo nacional no mais nacional de todos os problemas, os senhores constitucionalistas acham que para bem da Constituição precisamos continuar a ter vinte milhões de analfabetos.

E não se consegue coisa nenhuma. O Brasil é um paiz absolutamente chumbado á sua ignorancia insondavel, irremediavelmente insensivel a qualquer appello no sentido de se tornar menos barbaro.

Prova-se, e ninguem contesta, que o Brasil é o unico paiz cujo governo nacional nada faz em bem da educação do povo. Continua tudo na mesma.

Prova-se, e ninguem contesta, que ha necessidade absoluta de um Conselho Nacional de Educação. Mas ninguem cogita de institui-lo.

Prova-se que ha vinte milhões de analfabetos. E nada se faz para diminuir-lhes o numero.

O Brasil é, pois, no mundo, o paiz mais refractario á sciencia, á educação e á cultura.

E, por isso, não obstante o amor que temos ao nosso paiz, não obstante o desejo immenso de servil-o e eleva-lo, eis porque, apesar de tudo, nos envergonha a qualidade de cidadão brasileiro, synonymo de ignorancia, analfabetismo e culto ao obscurantismo.

— MARIO PINTO SERVA (Do *Estado de S. Paulo*).

Aluizio Azevedo

Os mais intimos de Aluizio — e eu tive a fortuna de ser um delles — sempre estranharam que um homem tão bem dotado — um apollíneo: — bello e robusto, compleição de athleta e mente esclarecida, de uma formidavel capacidade de trabalho, methodico como um astro, fosse o mais árido dos scepticos, o mais indifferente de todos os artistas do seu tempo.

Nunca nelle senti o entusiasmo, nunca o vi vibrar de emoção sobre um periodo que lhe sahisse da pena agil. Tudo fazia a frio, sem a exaltação, que, de certo modo, compensa o soffrimento com que a Arte tortura aos que mais a servem e estimam.

Lembro-me do tempo em que, para escrever *O homem*, andando á procura do «documento humano», elle frequentava estalagens, ia ás pedreiras familiarisando-se com cavouqueiros, comia em casas de pasto, á mesa ruidosa dos trabalhadores, conversava-os estudando-lhes o typo, os costumes, a linguagem, surprehendendo-lhe os instinctos, rindo com elles, á larga, ou retrahindo-se commovido quando os via acabrunhados.

Sahia cedo e lá ia á faina. Regressava á noite cançado, aborrecido e, atirando á mesa, á sua grande e sempre ordenada mesa de trabalho, as notas que tomára, despia-se ás pressas, corria ao banheiro para tirar de si o cheiro «do suor honrado».

E mostrando, com despreso, a papelada cheia de garbulhas a lapis, dizia tedioso:

— Eis o meu dia. Tenho ahí material para deus ou tres capitulos.

Não falaria com tanta indifferença um lenhador que voltasse do matto com uma carrada de troncos ainda vertendo seiva e os empilhasse na eira.

Aluizio considerava-se um «mallogrado»:

«Escrevo por força da fatalidade, como claudicaria, se houvesse nascido coxo: impulso de genitura, não de ideal. E' o destino que me aferra a esta mesa, que me debruça sobre es-

tas tiras. Assim como descrevo um episodio ou uma paizagem e desenvolvo um dialogo cortaria peças de fazendas ou mantas de carne secca se tivesse vindo fadado para o commercio. Vim consignado ás letras e aqui estou, fallido. A sociedade não admite vadios, todo homem tem de dizer a que veio, que faz, como e para que vive. Eu, a taes perguntas, respondo com o primeiro livro que acho á mão.

— Mas tu não tens razão de queixa. As letras foram-te sempre propicias, desde a tua estréa, no Maranhão, com *O Mulato*. Surgiste como Minerva: armado e victorioso.

— Pois sim, repontava elle, encolhendo os hombros largos: victorioso como Pyrrho, com os meus elephantes de papel. O resto é que é. Escrever para que? para quem? Não temos publico. Uma edição de dous mil exemplares leva annos a esgotar-se e o nosso pensamento por mais original e ousado que seja, jámais se librará no espaço amplo: voeja entre as grades desta gaiola estreita, que é a celebrada lingua dos nossos maiores.

Camões se houvesse escripto em francez, o poema typico do Renascimento não seria a *Divina Comedia* e sim os *Luzjadas*. E que é, em verdade, essa obra prima? o monumento de um povo, quando podia ser o padrão de toda uma era, tão só porque foi fundido no metal pesado e tão arreverso á cinzeladura que só se presta, quando muito, á obra de macha martillo. Escrever, para que? para quem? Semêa-se a mãos fartas, mas o sólo, quando não é pedregoso, é de matto bravio e a sementeira mirra ao abandono ou perece suffocada: indifferença ou analfabetismo.

Dão-me as letras para viver, mas eu é que sei como vivo! Digo-te apenas que no dia — que, aliás, não espero — em que conseguisse alguma cousa que me garantisse o tecto e a mesa, deixava de mão penna, papel e tinta todas essas burundangas que só têm servido para incompatibilisar-me com o clero, a nobreza e o povo. De letras estou até aqui! Os editores enriquecem como os fazendeiros de outr'ora: á custa dos escravos. O Garnier, por exemplo: dizem-me que tem

milhões e dá-me seiscentos mil réis chorados pela edição de um romance. O meu ideal é um emprego publico, cousa ali como amanuense ou escriptuario, com vencimentos certos.

Feliz ou infelizmente teve o escriptor mais do que desejava, não tão cedo que nos privasse da riqueza das suas obras, mas, ainda assim, prematuramente, porque muito mais nos poderia elle ter legado para o orgulho nosso e gloria maior do seu nome, se o governo, attendendo ao seu merito e ás suas constantes requestas, não o houvesse despachado como consul.

A Aluizio faltou sempre o estímulo da Esperança que, apesar de mentisa, é quem nos conduz, a nós, homens de sonhos, é quem nos alenta, quem nos ampara nos desfallecimentos, quem nos ajuda a carregar a cruz no topo da qual está inscripta a palavra: *Gloria*. Elle não a conhecia e quando lhe falavam em laureis sorria ironicamente passeando pela sala a largas passadas, de mãos nos bolsos das calças, cabeça baixa, fumando no seu cachimbo de cerejeira.

Não contava com o amanhã. Vivendo dia a dia encerrava o seu expediente dentro das vinte e quatro horas, recomeçando sempre, como o sol.

— Porque não havemos de ter uma Juz fixa, quero dizer: um capital, que nos garanta o conforto indispensavel á vida? Vendemos um livro por uma ninharia e o producto vai-se num instante. Caminhamos ao clarão ephemero de relampagos: um segundo de deslumbramento e um mez de escuridão. E é isto a vida literaria! Futuro! Que futuro pôde ter uma obra escripta na areia da praia, como os canticos de Anchieta? Tivesse eu certeza de que uma só das minhas paginas viveria e ficaria contente... Mas não se vive em tumulo e o portuguez... Não vale a pena. Anchieta, ao menos, tinha um leitor — o mar. E eu?

— E's pessimista, Aluizio.

— Um revoltado e o que sou.

Se eu dêsse á costa em uma ilha deserta, como Robinson, e achasse meios de escrever, escreveria e com mais certeza de ser lido no futuro do que escrevendo aqui... em por-

tuguez. Não vejo vela no horizonte desta lingua, nunca vi! E alongo os olhos desesperadamente com ansia de salvação...

O que resta do sceptico ahi está e quem o arrancou do exilio, quem o trouxe pelos mares do sul e o vai acompanhar, ao longo dos areaes do Norte, até á sua terra natal, que é tambem minha, é essa mesma Gloria que elle preteriu pelo conforto (?) de um consulado, ao qual se entregou de corpo e alma.

Sempre me pareceu que elle falava sinceramente, quando deplorava o seu destino desprezando a penna e a lingua que elle tanto elevou nas suas obras.

Hoje, porém, estou certo de que, desde que elle assumiu o seu cargo em Vigo ou Cardiff (não sei bem por onde começou) teve saudade do seu canto de trabalho e dos dias difíceis que viveu como simples mercador de sonhos.

Os que o visitaram nos ultimos tempos notaram-lhe os modos asperos, o sombrio, e crises longas de melancolia. «Está neurasthenico», diziam.

Pobre Aluizio! O que elle tinha era saudade da sua Arte e, talvez, remorso do que dissera da lingua na qual, escrevendo aos amigos, recordava a patria, desejo de revelar, de nella ainda viver á sombra das suas arvores, sob o azul do céu dourado, pelo sol que elle decantou n'*O homem*.

E eil-o ahi no rolar do Tempo, não inerte como estão no atau'de os despojos do seu corpo, mas em espirito, energico e vibrante, graças a essa mesma lingua que elle tanto detestou em vida e que o levanta da morte em ascensão gloriosa.— COELHO NETTO (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

S. M., o operario

O maior problema que o conflicto militar nos legou ha dez mezes não foi, evidentemente, nem o desarmamento da Allemanha, nem o concerto de interesses entre os vencedores, nem, mesmo, a formação das novas nacionalidades com os restos fragmen-

tarios dos imperios vencidos. O maior inimigo da paz, terminada a guerra, cada povo o alimentava em si mesmo, e consistia no encarecimento progressivo e alarmante da vida. E como a vibora humana começasse, na sua fome, a morder a propria cauda, devorando-se irradamente a si mesma, concentraram-se os estadistas, orientados pelos palinuros da economia politica, no trabalho infatigavel, mas inutil, de saciar, de subito, a fome universal.

Os remedios aventados foram, e têm sido, os mais tumultuosos e encontrados. A fixação dos preços, a prohibição dos «stocks», a limitação das exportações, os aumentos dos salarios, são medidas a que vêm recorrendo afflictivamente os governantes, mas que têm apresentado, sempre, resultados negativos. E essas consequencias teriam sido previstas se os homens de Estado, pastores de povos, tivessem olhado inicialmente o problema sem o propósito de agradar, a todo transe, a Sua Majestade o Operario.

Houve, realmente, ha dias, entre nós, um deputado que annunciou ao mundo, em voz alta, que o rei estava nu, isto é, que tudo que se ha feito até agora para impedir ou suavisar o custo da vida nos grandes centros, na agglomeração das grandes cidades, tem constituido simples achas de lenha, atiradas á tóa, em gestos desordenados, á tragica voracidade de uma fogueira faminta. Cada idéa que surge, cada plano que se imagina, cada providencia que se toma, e um sôpro de ventania acordando a impetuosidade das chammas. E de tal fórma a intervenção do Estado vem influido nos destinos do problema economico, que se tem a impressão de que os estadistas estão apagando o incendio com petroleo.

Abdicando as responsabilidades do governo na tyrannia dos partidos operarios, alguns homens de Estado lhes legaram um problema delicadissimo, que só estes, effectivamente, poderão resolver, arrastados pelo instincto de conservação. O barateamento da vida, hoje, só seria conseguido mediante a renuncia de certas vantagens conquistadas pelo proletariado uni-

versal; e quem poderia obter esse milagre, fazendo o rio tornar ás suas fontes, senão os «leaders» dessa poderosa corrente social?

O encarecimento dos artigos essenciaes á manutenção da vida mais modesta é, em grande parte, uma consequencia natural daquellas conquistas e, sobretudo, da precipitação com que ellas foram conseguidas. Reduzindo de 20 por cento o seu dia de trabalho nas fabricas e aumentando de 40 por cento os antigos salarios, o tecelão augmentou, implicitamente, de 60 por cento o custo da produção. Tendo de comprar tecidos com esse novo gravame, é natural que o sapateiro augmente de 60 por cento o preço do sapato que vende ao padreiro, ao alfaiate, ao marceneiro, ao pedreiro, ao agricultor, ao criador, emfim, a todas as classes productoras, que irão tirar novamente ao tecelão, no preço da roupa, do pão, do asucar, da casa e da carne, o augmento que elle suppõe haver obtido para manutenção da familia. E tudo permanecerá na mesma situação antiga, originando as mesmas difficuldades nas classes pobres, porque o producto continuará a ser encarecido na proporção do encarecimento do salario e do restringimento da produção.

Dir-se-á, talvez, que a fixação das tabellas e á regularisação das exportações constituem remedio para deter o augmento dos preços, permitindo, ao mesmo tempo, a ascensão dos salarios. Esse remedio constitue, porém, um veneno. O que incrementa a produção é, naturalmente, o lucro que ella deixa. E d'ahi o insuccesso dessas medidas coercitivas, tomadas intensamente na Italia e na Inglaterra, onde iam paralyzando as fabricas, os centros de grande ou pequena actividade, transformando a carestia em fome, e causando, portanto, males ainda peores do que aquelles que se pretendia reparar.

O aparelho economico dos povos era considerado até 1914 uma grande machina delicada, cujo funcionamento era regulado pela produção e pelo consumo. Quem pretendia bolir nessa machina só o podia fazer por intermedio de uma dessas alavancas.

Com a guerra européa, que desequilibrou esse aparelho, entenderam os estadistas que lhes era permitido revogar todos os principios da economia politica, estabelecendo uma pequena intervenção artificial. E o resultado foi o desequilíbrio total da machina, que, de outro modo, voltaria á sua antiga posição, com o mesmo rythmo e o mesmo funcionamento methodico, assim que se normalissem as velhas condições da offerta e da procura.

O barateamento do custo da vida, exigido pelo operario, depende, pois, do operario. A baixa de preços dos artigos communs só se poderá verificar pela superprodução, e esta só será conseguida se o braço que dirige as machinas productoras se predispuzer a trabalhar dez horas em vez de oito, produzindo, no minimo, vinte por cento mais do que actualmente. E a isso não se dispõe, positivamente, S. M. o Operario, transformado, por um milagre da guerra, em árbitro dos destinos do mundo.

A redução da actividade humana, advogada com tanto ardor e conseguida com tanta rapidez pelos apostolos do operariado, não é uma conquista que assegure ou, mesmo, contribua para a felicidade das classes proletarias. Se ha profissões que exigem um repouso muscular depois de oito horas de trabalho intenso, outras ha, em que o profissional póde supportar sem prejuizo da sua energia physica um exercicio parcial de dez ou doze horas. E de que a uniformidade de horario é injusta, arbitraria, clamorosa, e foi instituida sem menor consulta aos principios fundamentaes da physiologia, basta attentar para o alfaiate e para o barbeiro, que exercem o seu mistér tranquillamente na sombra e têm, no entanto, as mesmas horas de trabalho de um pedreiro ou de um cavouqueiro, que lida com instrumentos pesado sob os raios devoradores do sol.

Ao operariado está acontecendo o que succede, geralmente, aos exercitos facilmente vencedores, á frente dos quaes fogem, no tumulto da desordem, os inimigos desbaratados. Dominadas pela vertigem do triumpho,

as bostes vencedoras acabam por fraccionar-se na correria, succedendo-lhes, então, o que se deu na batalha de Flidlingen com os soldados do marechal de Villars, que foram dar na derrota arrastados pelo delirio do triumpho. Com a falta de unidade nas conquistas, o operario terminará fatalmente derrotado pelo capitalismo intelligente, que se está preparando, aos poucos, para uma reacção universal.

Ha um verso nos «Lusiadas» em que o poeta annuncia que é «o trabalho que faz clara a memoria». Deve ser verdade; e quem o confirma é o desentendimento observado nas classes operarias á medida que ellas vão reduzindo as suas horas de actividade. E se essa obliteração dos sentidos continuar, como as tempestades, na mesma progressão de elementos desencadeados, acabaremos por assistir, em breve, no curral humano, a repetição anachronica daquelle maravilhoso apologo do burro e do boi. Fatigado de trabalhar, o boi queixava-se, uma noite, ao burro, da tristeza do seu destino, que o trazia atrellado á charrua desde o crepusculo da madrugada até ás estrellas do anoitecer.

— Faze-te de doente! — aconselhou o burro.

O boi acceitou o conselho, e o dono, suppondo-o inutilizado, mandou que o abatessem para o açougue.

O estabelecimento da velha harmonia da vida economica em todo o mundo não depende, evidentemente, do sangue do boi. A idéa, que lhe suggeriram, de recusar-se ao trabalho, não lhe melhora a condição. O que elle deve fazer é pôr a canga em si mesmo, no burro e no dono, e puxarem os tres, igualmente, a pesada charrua das difficuldades da vida. HUBERTO DE CAMPOS (Da *Gazeta de Noticias*, Rio).

Nacionalismo

O «Jornal do Commercio», em sua edição de 15 do corrente, apreciando a propaganda nacionalista que se desenvolve no Brasil e em São Paulo, especialmente, evidenciou o character abstracto e romantico que em essen-

cia nella predomina ainda, em detrimento da nacionalização effectiva e immediata de que tanto carece o paiz.

Sem duvida ha um cunho muito pratico de louvar nos tentamens iniciados. Não se póde negar a efficiencia da desnaphabetização, nem a da educação civica do povo, nem ainda a do sancamento do voto pela integração do elemento nacional nas massas electoraes. Ninguem se recusa á evidencia de taes factos. Isso que ahí se promove, com a escola, com as conferencias e o alistamento civil é, decerto, facto incontestavel.

Não deixa, porém, de ser, em função do nacionalismo, abstracções e romantismos á moda velha. Tanto é verdade que muito existe quem acordado sonhe e que ha realidades imaginarias...

Em suas tres feições, a campanha nacionalista padece desse defeito. Tardios serão os seus frutos; morosa, a sação; e a ceifa, deficiente, talvez.

Por mais sympathicos e respeitaveis que sejam os seus trabalhos — e elles o são — bem meditados, que forem, não se resiste á tentação de os chamar panacéas. Duro é o termo, porém, expressivo. A instrucção não faz as democracias perfeitas e, em nosso caso, vale pelo ensino da lingua materna apenas. A educação civica só gera sentimentos, dos quaes remotos serão os resultados. E' o voto... E' a politica, a summula, o succo, a consubstanciação das mais activas forças sociaes, mas, tambem, a mais incerta e indirecta das armas.

Entrem em acção todos esses factores: — politica, civismo e conhecimento. A desnacionalização patente, a que assistimos, continuará, não obstante, a se-affirmar por todas as fórmas.

A cupola estará concluida, bella obra de architectura, mas não terá sobre que erguer-se. Faltarão os muros de barro e os alicerces de pedra...

De facto, quando frutificar o nacionalismo, que restará brasileiro em S. Paulo? Capitaes estrangeiros; industria dita nacional, estrangeira; colonos, estrangeiros; fazendeiros, estrangeiros; proprietarios, estrangeiros...

Esse, o quadro que se nos prepara

e esse, o scenario que precisamos mudar.

Attentará nelle o nacionalista se não quizer ver burlados os seus ideaes. Em verdade, a nação não é voto, o civismo não é o *a b c*. E' a terra. Primeiro que tudo, vivemos de necessidades que dependem da terra, da propriedade, do trabalho, da transacção. E é a transacção que nos vai levando a terra, a propriedade o trabalho.

Nisso consistem, em toda a sua realidade palpavel, os factos em cujo meio ha de penetrar, para que vingue, o nacionalismo. Descerá das generalidades a que se apega para vir as miudezas, ás insignificancias e ninharias da vida de todos os dias. Queremol-o e necessitamol-o cá abaixo, na economia da familia brasileira. Aqui aim, atalhará o descalabro. BRENNO FERRAZ DO AMARAL (D'O *Jornal do Commercio*, S. Paulo).

Cinematographos

O cinematographo tem uma importancia capital na vida carioca. Raro é o dia em que não se vae a um cinema; na Avenida ha varios que estão sempre repletos, desde a primeira até á ultima sessão. Em nenhuma cidade do mundo o cinematographo se impôz, como aqui, á curiosidade do publico. Em outros paizes existem grandes companhias cinematographicas que derramam sua produção pelo mundo todo; nós ainda não possuimos dessas empresas commerciaes gigantescas que enchem de milhões os bolsos de seus accionistas; mas em nenhum outro logar da terra o cinema terá prestigio maior do que no Rio. Não possuimos theatro, salvo raras excepções; por isso o principal instrumento de emoção dramatica nesta immensa metropole de um milhão de habitantes, é o cinema. Todo o morador da capital do Brasil despende com elle uma certa somma que nunca desaparece de seu orçamento, onde figura entre as despesas essenciaes á vida, como a compra do pão e da carne. Quem percorrer, até seus bairros mais longinquos, a cidade do Rio,

em qualquer canto que chegue, em toda estação de suburbio, deparará com uma sala de exhibições cinematographicas, ao lado da padaria e da pharmacia, collocada no mesmo plano de igualdade das coisas indispendaveis para viver. Por todas essas razões, qualquer assumpto relativo á cinematographia, que se discuta através do mundo, tem para nós cariocas um grande interesse. E pois se agora, em Paris, que é a capital da nossa intelligencia e da nossa vaidade, se está discutindo a questão do cinema, como a designam com elevação pomposa alguns publicistas que a debatem, não será de mais que nós também, seus affeiçoados, digamos o que á nossa justificada autoridade possa suggerir esse problema capital.

O thema trazido á baila em Paris, por um artista, foi seguinte: será o cinematographo capaz de transformar-se em um maravilhoso instrumento de arte, ou estaremos condemnados a vel-o sempre, como hoje elle é, uma exhibição photographica de umas tantas coisas, apenas capazes de embrutecer o espirito da multidão? A pergunta, como se vê pelo seu enunciado, é tendenciosa, e impõe por assim dizer uma unica resposta. Ninguem será capaz de dizer que o cinema deva continuar a embrutecer as massas, e a gente é logo forçado a desejar que elle se transforme em um maravilhoso instrumento de arte. Quem parte da premissa que o cinematographo, actualmente, embrutece as massas, só pôde chegar á conclusão de que elle deve ser modificado. Ora, ha exaggero na affirmação do artista francez, sr. Carlos Vildrac; não é logico annullar assim por um golpe de foice toda a cinematographia contemporanea; mas ha tambem nella um fundo de verdade. Realmente, todas as grandes virtudes que serviram á reclame do cinematographo, quando se começou a fazer a sua exploração commercial, estão desaparecendo: o cinema seria um meio unico e extraordinario de educar, evocando e reconstruindo os grandes acontecimentos da historia, fazendo-nos percorrer todo o globo terrestre e ensinando-nos geographia e costumes, e até corri-

gindo as tendencias más com fitas mo-raes, inspiradas na vida real. Mas, tirando a geographia, que ainda se pôde aprender no cinematographo, porque os creadores dos *films* ainda não conseguiram modificar a crosta terrestre e os accidentes super postos a ella, tudo o mais no cinema é *blague*. *Blague* a historia antiga, *blague* a historia contemporanea, *blague* a lição de moral. — ANTONIO LEÃO VELLOSO (Do *Correio da Manhã*, Rio).

Os caçadores e os cães

Uma publicação semanal observava, em dia desta semana, que era incomputavel, no Brazil, o numero de simuladores de cultura, que alimentam o seu campo, e fazem a sua colheita, á custa das sementes alheias. Alguns estudiosos mais diligentes vão ás fontes, aos mananciaes dos conhecimentos humanos, e canalizam a agua; e as formigas em multidão, atiram-se ao liquidio maravilhoso, como as formigas á seiva da planta golpeada pela cigarra, nos celebres versos de Mistral.

Esse genero de parasitas recebeu do povo, em hora de bom humor,, uma denominação felicissima e pittoresca: a de «carro de mão», isto é, vehiculo tardo, primitivo, de utilidade restricta, que se utiliza, de vez em quando, nas ruas do trilho dos bondes.

Ha, entretanto uma comparação litteraria, em um symbolo mais universal. E' o que se contém na fabula do cachorro e do caçador, trazida de longe, pela pirataria lafontaineana de Iriarte, para o riquissimo patrimonio da literatura hespanhola. Madrugada ainda, o caçador toma da sua arma e, com um assobio, chama o seu cão. A' margem de uma lagóa, onde o verde da vegetação pura se confunde com o verde palustre das aguas, o animal descobre os vestigios de um aquatico, e parte, rapido, a perseguillo. Um tiro rebóa, profundo, quebrando a tranquillidade selvagem. E um momento depois surge o cão, trazendo aos dentes, debatendo-se, a ave agonizante. De regresso á casa, á tarde, com a bolsa repleta de caça, toda

gente sau'da, então, o caçador; e ninguém se lembra do cão, que foi, em verdade, o heróe principal, senão unico, daquellas batalhas na selva...

As letras brasileiras constituem, hoje, uma cavalgada soberba, faiscante de arreios e resoante de buzinas. Compõem-n'a, correndo a floresta, quinhentos caçadores e tres cães... — MLCROMEGAS (Do *Imparcial*, Rio).

Variedades

A sciencia nos jornaes

O mau trato que as coisas scientificas recebem na imprensa ingleza ou americana, está indicando uma modificação no corpo redactorial; é preciso introduzir nelle um redactor que seja um cientista capaz de commentar com a maxima competencia uma descoberta scientifica, uma invenção, o novo tratamento duma doença. O publico dos cursos nocturnos e escolas profissionais interessa-se hoje por tudo que diz respeito ás sciencias; a criação pois, num jornal, duma secção scientifica é um meio logico de lhe augmentar a tiragem. Verba para a orientação scientifica do jornal é coisa que não entra em seu orçamento, mas os resultados pecuniarios e sociaes da inovação compensariam de sobra o accrescimento de despeza. As attribuições de taes redactores comportariam a censura de todos os originaes relacionados, de perto ou de longe, ás coisas scientificas. Nada, concernente a invenções e descobertas, a relatorios de empresas, a experiencias therapeuticas, a projectos de trabalhos publicos... nada seria publicado sem o seu *placet*. É necessario que as coisas technicas sejam tratadas por technicos; do contrario é preferivel deixal-os passar em silencio. — (*Electrical Review*)

Escola para os mais capazes

Segundo o «Worwaerts» ha em Berlim, desde 1917 escolas especiaes para os alumnos que nas escolas primarias se revelaram superiormente dotados de intelligencia. Fazem elles nestes

estabelecimentos um curso especial e gratuito de seis annos. Estas creanças excepçionaes são escolhidas de accordo com os methodos de psychologia experimental; um criterio de avaliação determinado por Moede Piorkowski estabelece a medida da capacidade infantil, relativa á attenção, á observação, á memoria, á percepção, á reflexão e ao raciocinio.

E assim, são escolhidos das classes pobres, todos os lementos merecedores da attenção do Estado.

O orçamento do vestuario

As machinas baratearam no correr dos tempos até ao mínimo, alcançado em 1914, o preço do vestuario humano.

Outr'ora só os ricos podiam vestir-se com luxo. Na idade media vendia-se a eda de 150 a 800 mil réis o kilo; os velludos custavam de 70 a 300 mil réis o metro. D'ahi as leis sumptuarias do seculo XVI que procuravam restringir o uso da seda. Os vestidos representavam naquelle tempo verdadeiros capitaes; eram transmitidos por herança; ás vezes cabia a um herdeiro o usufructo e a outro a propriedade. A revenda dos vestidos constituia um negocio de vulto; a clientela aristocratica comprava trajes usados como se compram hoje joias.

Por muito tempo dominou soberana a moda franceza, tanto para mulheres como para homens; no seculo XVIII, porém, a moda ingleza impôz-se para o sexo barbado. Hoje é possivel andar rigorosamente bem vestido com pouco dinheiro; mas isto por muitos seculos foi privilegio exclusivo da aristocracia endinheirada. — (G. d'AVENEL — *La Revue des Deux Mondes*).

Weimar, a Athenas allemã

A seis de Fevereiro reuniu-se a assembléa contribuinte em Weimar, nessa Weimar que, diz Goethe, «não sabendo escolher entre a rusticidade da aldeia e a elegancia da córte, decidiu-se finalmente a permanecer um burgo simplesmente feio.» Esta apreciação, embora escripta no fim do se-

culo 18, já era injusta.

Todos os monumentos da cidade eram pintados de ocre e o palácio Witum onde viveu a alma da cõrte literaria, a gran-duqueza Anna-Amelia, sobrinha do grande Frederico, era igualmente dessa cõr, a qual recordava aos hospedes illustres as cõres quentes das cidades italianas.

A gran-duqueza recebia em sua casa Goethe, Herder, Wieland, lia Aristophanes no original, fazia versos, e vivendo uma vida espirital entre poetas, philosophos e sabios. Foi ella quem transformou Weimar num dos centros intellectuaes da Europa. Depois disso sempre foi Weimar frequentada por visitantes illustres. No famoso Hotel dos Principes Serenissimos, existem placas commemorativas em cada porta, indicando onde se aposentaram Humboldt, Napoleão, Liszt, Menzel e outras notabilidades. Estes quartos são disputados pelos hospedes, que os escolhem de accõrdo com suas predi-fecções historicas.

O hoteleiro poderá, agora, augmentar o numero de placas. Veremos o Ebert-Zimmer, o Scheidemann-Zimmer, e talvez o Hindenburg-Zimmer, que mais tarde, não será dos menos procurados. — (*Mercur de France*).

—

Como acabar com as rugas?

A Academia de Medicina de Paris

acaba de tomar conhecimento de um processo scientifico do Dr. Passot, para acabar com as rugas, quaesquer que ellas sejam, da frente, das faces, ou do pescoço.

Todo mundo sabe que apertando de modo conveniente, entre dois dedos, por exemplo, a pelle situada na parte anterior e superior da orelha, os *pés de gallinha* desaparecem promptamente.

Pois é desse gesto maquinal que as mulheres têm deante do espelho que se originou o processo scientifico do Dr. Passot, e que consiste em applicações cirurgicas muito simples. Retirando-se um centimetro de pelle em fórma de ellypse alongada na parte superior das frontes, desaparecem promptamente as rugas da testa.

Para os *pés de gallinha*, bastam duas incisões no lobulo da orelha e outra na região temporal. E eis ahi um meio facil de conservar a belleza e a mocidade pela vida inteira...

—

Alvares de Azevedo

Por um lamentavel descuido da revisão, deixa de sahir no início do interessante trabalho do sr. Arthur Motta, sobre a individualidade de Alvares de Azevedo, a data do fallecimento deste poeta, e que é alás, conhecida. Alvares de Azevedo falleceu no Rio a 25 de Abril de 1852.



CARICATURAS DO MEZ

FIGURAS DO RIO



Melindrosas e... «neutros»...

J. Carlos - O Malho - Rio



COSMOPOLITISMO



...e dentro de nossa terra, nós estamos na *ponta*!

J. Carlos - Careta - Rio

NA INGLATERRA "TRADE"... CIONAL



Antigamente

— Augmento de um penny?
Está louco! Se não está satis-
feito. vá para as colonias!

Hoje

— Não ha duvida, cavalheiro!
Tudo se arranjará *all right*.

Kalixto - D. Quixote - Rio

A Secca



Se a aragem do dinheiro soprar favoravel, o Ceará será assim d'aqui a vinte annos...

Albuquerque - *D. Quixote* - Rio

A voz do sangue



— Então, Joãozinho, você lá na escola tomou a merenda dos seus collegas menores?

— Tomei sim, vovô; eu quero ser açambarcador como papae.

Manolo - *D. Quixote* - Rio

Encrenca no Adriatico



Os aliados cortam as comunicações com a cidade de Fiume

Voltolino - *D. Quixote* - Rio

Uma verdade sabida...

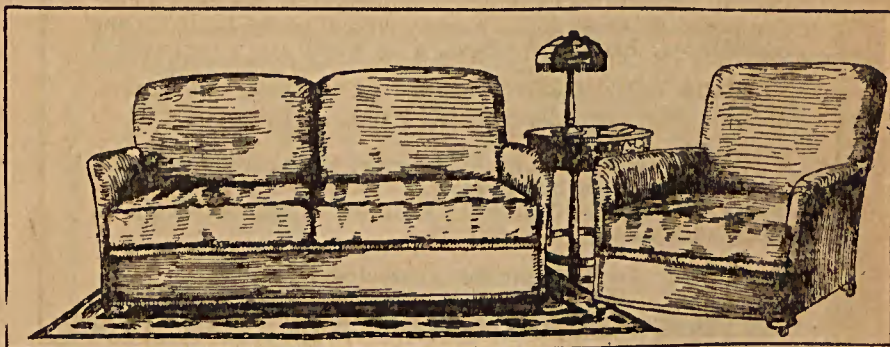


FALCHI é o melhor chocolate

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL"

Lima Barreto — "VIDA E MORTE DE GONZÁGA DE SÁ"

Magnifico romance da vida carioca, recebido com unanimes louvores pela critica nacional. — Preço; 2\$000 réis.

ANNAES DE EUGENIA

Grosso vol. com todos os trabalhos, confereneias e estudos da sociedade Eugenia de S. Paulo, sendo um interessantissimo repositorio de todas as momentosas questões da eugenisiação da raça. Leitura necessaria á classe medica e aos eudeadores. Pedidos á "Revista do Brasil. — Preço: 8\$000

GUIA BOTANICO da Praça da Republica e do Jardim da Luz, pelo naturalista Dr. A. Usteri — Preço, 2\$000

Encontra-se á venda, igualmente, no escriptorio da "Revista do Brasil" a nas livrarias — **A FILHA DA FLORESTA** — pelo Prof. Thales C. Andrrde, eonto maravilhoso, para crianças — Preço 600 réis.

Deseonto aos revendedores.

Nesses preços está incluido o porte - Pedidos á "Revista do Brasil" - Caixa 2 B - S. PAULO

GRATIS!

OFFERTA EXCEPCIONAL

Quem angariar QUATRO assignantes novos para a REVISTA DO BRASIL terá a sua assignatura gratuita. Se angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das assignaturas dos que já forem assignantes, ou na aquisição das obras editadas pela revista.

::: BOLETIM A ENCHER :::

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"

Junto seguem.....\$.....importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de.....\$.....
.....de.....de 19.....

Offerta excepcional

Toda a pessoa que angariar quatro assignaturas annuaes para a "REVISTA DO BRASIL" terá direito a uma de graça.

R. Boa Vista, 52 — Caixa 2-B — S. PAULO

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para machina de costura e para outros fins.

Lampadas Economica e 1½ Watt

Candelabros e Abat-Jours de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfévrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE -

Louças, LIVROS e

Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S, PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar dos Ns.
25, 28, 29, 32, 33 e 35, da **Revista do Brasil**
que fôr enviado para a Caixa, 2-B, S. Paulo,
Rua da Boa Vista N. 52

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Eseriptorio; Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica **especialmente**
das crianças Res. R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTETOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Eseriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Eseriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
eriptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Aeacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
easemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Zargel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 765 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 14 de Novembro .

60:000\$000

POR 7\$000

DECIMOS A 700 RÉIS

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

DE

JEANSELMINA

Formula
de Jeanselme

Silva Araujo

Óleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol

Único trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUETS,

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL :

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas

Guanabara

CHACARA : Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. **HOMEM** de **MELLO** & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside à rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :::

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



Marca Registrada

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mammarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcmlas e drogarias e no depósito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarío no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os outros dois filhos teve que rocorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.


Crelo cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo


Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

*INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS*

**EXIJAM A
 NOSSA MARCA** 
RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM. CARNE.
LACTO PHOSPHATO DE CAL.
PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO
RECONSTITUINTE
GRANADO



TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza
 neurasthenia, etc.



**EXIJAM A NOSSA
 MARCA**

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinarias.

Curta **RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.**

Granulado effervescente de Urotro-
 pina, Lyceol, Néo-Sidonal e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 ½ Illo de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batido galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	Revista do Brasil	193
JOSE' OITICICA	Annibal Theophilo	197
RUBENS DO AMARAL	Manifestações do nacionalismo	218
MONTEIRO LOBATO	O luzeiro agricola	226
LAURA DA FONSECA E SILVA	Versos	235
SERGIO ESPINOLA	A noiva de Oscar Wilde	239
HENRIQUE GEENEN	A philosophia de J. Ingenieros	246
J. A. NOGUEIRA	Paiz de ouro e esmeralda	256
ARTHUR MOTTA	Academia de Letras	263
REDACÇÃO	{ Bibliographia	265

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 47 - ANNO IV — VOL. XII — NOVEMBRO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: — VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Nota Mineira — "Faisons commune!" — O monumento da Independência — A situação demographica do Estado de São Paulo — O ensino no Brasil (Mario Pinto Serva.)

ILLUSTRAÇÕES: Quadros de J. M. Campão — Esculturas de Starace.

CARICATURAS DO MEZ

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES

Directores: MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corityba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza Manãos

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Seis mezes 8\$000

Numero avulso. 1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SAO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1½ WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Elctricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745 - central — S. PAULO

Etablissements Bloch

:: Societé
Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Río de Janeiro
116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévisé

CASA BRITANNIA

S. PAULO

Macdonald & C.

Moveis Finos
e Tapeçarias

Telephone Central 5019

Rua Libero Badaró N. 59

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Depósito permanente dos Pneumáticos
"FISK,,

Mechanica-Pintura-Sellaria

Carrosserie - Vulcanisação -

Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20

Canto Libero Badaró

S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conehas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO:

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA,"
Agua Mineral
Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Acção Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é eserupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

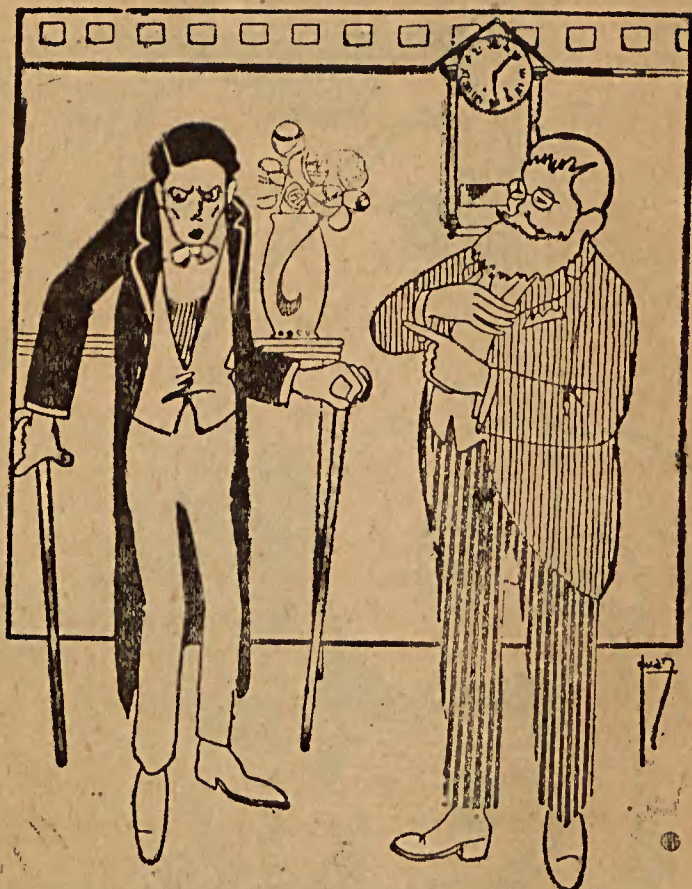
Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscrito £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahía,
„ Realizado £ 1.000.000	Rio de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevidéo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

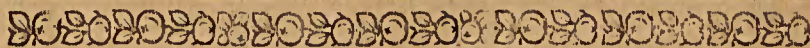
Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

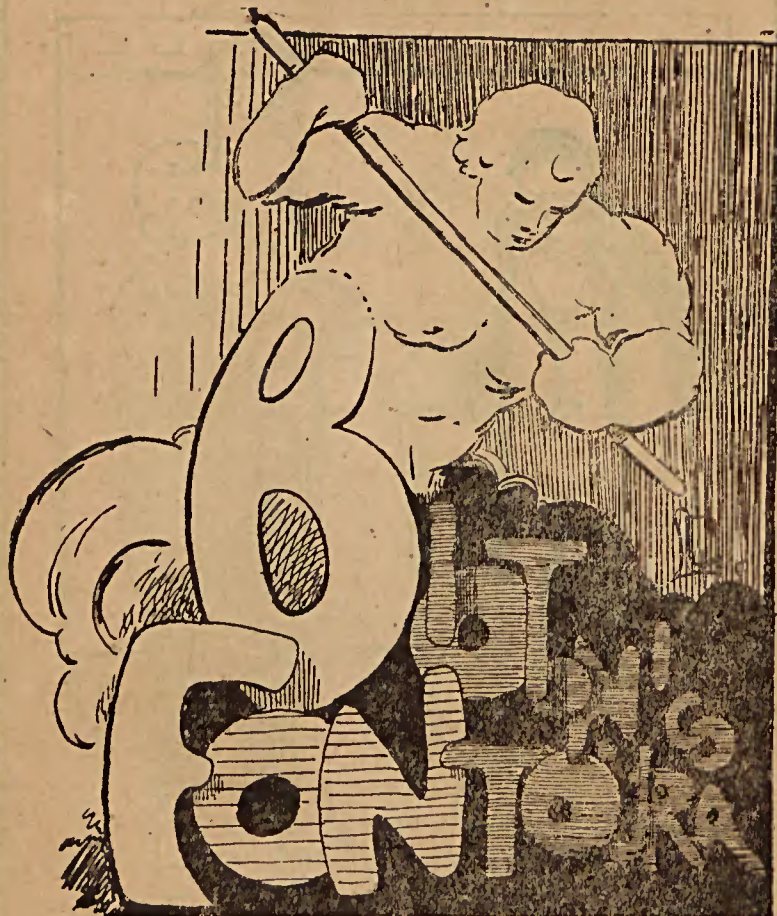


1º VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2º VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saude e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.



Como Venus sahiu das ondas, o
Vigor sahe do Biotonico.



Eminentes mediceos affirmam que o BIOTONICO e o
mais completo fortificante. Exerce accção benefica sobre todos
os orgãos, produzindo sensação de bemestar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as formas de anemia. Cu-
ra fraqueza muscular. Cura fraqueza
nervosa, Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulhe-
res bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos orga-
nismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou
por qualquer ontra cousa.

E' notavel sua accção nos organismos ameaçados pela
tuberculose. :: :: :: :: :: :: :: ::

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
"ANGLICUS"

Armazéns de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	<i>Segurbs contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	<i>Cimenta</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	<i>Chá da Índia</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne . . .	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativa de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas

Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industria's, louça sanitaria, etc.



O VINHO RECONSTITUINTE

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

SILVA ARAUJO



"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes e convalescentes."

Prof. RÓCHA FARIA



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados."

Prof. MIGUEL COUTO



"é um preparado qu merece a minha inteira confiança."

Prof. MIGUEL PEREIRA



"...excellent tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa."

Prof. A AUSTREGESILLO

Tuberculose

Inappetencia

Anemia

Rachitismo

Escrophulose

XAROPE DE LIMÃO BRAVO

CURA:

**TOSSE, ASTHMA,
COQUELUCHE ETC.**



**SOC. DE PROD. CHIMICOS
L. QUEIROZ S. PAULO**

Casa Franceza de

L. Grumbach & C.^{ia}

RUA SÃO BENTO 89 e 91
SÃO PAULO

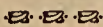


PERFUMARIAS

PEDIMOS UMA VISITA A' NOVA
SECÇÃO DE PERFUMES



Temos um grande sortimento
das melhores.
marcas francezas e inglezas



Extractos — Loções — Pó de arroz —
:: Brillantina — Agua de Toilette ::

Peça a **Agua de Colonia Russa**
(MARCA DA CASA)

FABRICAÇÃO ESPECIAL

a garrafa

5\$800



REVISTA DO BRASIL

A «Revista do Brasil» é uma publicação aberta ao publico, aos que pensam, aos que desenham, aos que investigam, aos que sentem. Não se fecha ao leigo, ao principiante, ao obscuro, ao sem nome. Tanto acolhe as manifestações intellectuaes do consagrado pela immortalidade academica, como as de um simples «curioso». Não olha nunca para o nome que subscreve a contribuição e sim para esta somente. Tendo valor o trabalho, acceital-o-á com o maior prazer. Porque está no seu programma ser um reflexo da alma nacional, essa alma brasilica suffocada pelo estrangeirismo invasor e pelo snobismo infrene das grandes capitaes. Abrindo-se ao publico, só assim ella realisará o seu programma de espelho da nação, onde se reflectam todas as manifestações da nossa mentalidade. Para dar idéia desse programma, concretisamol-o na serie de themas, inserta abaixo a titulo de suggestão.

PROGRAMMA

Historia e Sociologia, — Dramas da colonisação. — A tragedia de João de Barros e de Pereira Coutinho. — Os dilatadores da fé. — Os piratas. — Os cavalleiros do oceano. — Santos e bandidos. — A miragem do Eldorado. — Estado da Europa á noticia do ouro da America. — O espirito das Ordenações do Reino — O livro Quinto — O cacique Cunhanbebe. — A funeção do jesuita. — Anchieta, o santo da America. — A fundação das cidades; como se organisavam; a localisação; a defesa; a administração etc. — Thomé de Sousa, “varão prudente e sisudo, homem sério”. — O pelourinho. — A sociedade dessa epoca — As tupinambás eram “alvas e formosas e não haviam nenhuma inveja ás de Lisboa”. — O regimen feudal no Bra-

sil; a reacção da realeza. — Os primeiros órgãos de defesa; o aparelhamento do donatario e do senhor de engenho. — A marinha de outr'ora, a galé a nave, o galeão, o bergantim, a caravella, etc. — Reflexo de Alcacer-Kebir na colonia — Gabriel Soares, o sertanista, o chronista. — O roteiro de Glimmer. — Factores de penetração, o ouro, o escravo. — O boi como factor de fixação. — As zonas de criação, segregamento, consequencias. — A versão hollandeza sobre as guerras hollandezas. — Brilho da epoca hollandeza — Mauricio de Nassau, no velho mundo e no novo. — A organização colonial, o capitão-mór, o ouvidór-mór, o provedor-mór, o capitão de resgate, o da costa, o alcaide, etc. — As bandeiras. — Antonio Raposo, o escravista. — Jorge Velho, o guerreiro. — Como e porque o paulista se fez bandeirante. — Um instante de realeza: Amador Bueno. — O monopolio. — O ouro do Brasil passa em transitio por Portugal e enriquece a Inglaterra. — O Brasil visto atravez da obra de Vieira. — Influencia do ouro na metropole. — As rivalidades do reinol e do nativo. — As conspirações. — D. Maria I. — Chegada de D. João VI ao Brasil. — Aspectos do Rio nesse tempo. — Ituzaingo visto pelos argentinos. — A guerra do Paraguay vista pelos platinos. — Influencia da escravidão na psychica nacional, etc.

Ethnographia. — Origens ethnicas dos aborigenes — Civilizações americanas. Os Incas. — Os Azteques. — Os Guaranyes. — Movimentos migratorios, as correntes. — A hypothese de Stein. — O planalto bolivio-mattogrossense foi um foco irradiador?. — A ponte aleutica. — A Atlantica. — Os sambaquis, os monumentos, as inscrições. — A expansão tupy, etc.

Folk-Lore. — As artes populares. — As lendas do Ceará. — O nhanduti — A musica. — A modinha, origem, evolução e significação. — A ceramica, o boneca de panno. — As danças, o samba, o cateretê, o jongo, as danças da bôa sociedade. — As lendas. — A contribuição do indio e do negro no folk-lore brasileiro. — A poesia popular. O desafio sertanejo, — O maxixe, etc.

Biographia. — D. João VI. — Pedro I. — Os Andradas. — Evaristo da Veiga, a força nova. — Um homem: Feijó. — Caxias e Osorio. — Estadistas do Imperio: Cotegipe, Saraiva, Rio Branco, Nabuco, etc. — Estudos sobre Pedro II, o homem e o imperante, sua magnanimidade, seu valor mental, sua acção na formação do paiz. — A familia imperial. — A imperatriz. — D. Isabel. — Os principes imperiaes. — Os naturalistas estrangeiros que estudaram o Brasil: Martius, Spix, Saint-Hilaire, Agassiz, Landsdorf, Bates, etc. Os naturalistas brasileiros, Velloso, Arruda Camara, Freire Allemão, etc.

A mulher no Brasil. — Caracteristicas da brasileira; a branca, a preta, a mulata. — Psychologia da mulher autochtone. — Estudos de anthropometria, a estatura, a côr, a côr dos olhos e dos cabellos a pigmentação, etc. — O typo classico da brasileira, as variantes, a rio-grandense, a mineira, a cearense, etc. — A belleza brasileira, o que consideramos como belleza, onde ella se accentua, etc.

A população, os typos. — O reinol. — O garimpeiro. — O escravo — O negro de hoje. — O caboclo. — O tropeiro. — O boiadeiro. — O seringueiro. — O eangaeciro. — O vaqueiro. — O gaúcho. — O piraquara. — O capadocio. — O capocira. — Os fazedores de deserto. — Os poiaieros. — Os immigrantes. — O praiheiro. — O mulato. — A mulata bahiana. — A mulata carioca. — A negra, etc.

A linguagem. — A “língua geral” na penetração portuguesa. — A denominação tupy dos lugares. — O palimpsesto tupy: restauração do nome primitivo occulto pela sobrecarga tupy. — Evolução da língua portuguesa no Brasil. — Como se differencia. — As influencias predominantes. — O archaismo popular. — O neologismo das capitães. — Como o Rio crea vocabulos novos — O snobismo e a francesia, etc.

Costumes, Tradições e Aspectos. — A sociedade colonial. — O luxo da epoca. — Um senhor de engenho. — A moda masculina e feminina no tempo de D João. — Como se iniciou o trafico dos negros, como os apanhavam na Guiné; as primeiras levas. — Procições, representações de autos e mysterios. — A nostalgia do negro, o banzo, o mal de Loanda. — Os vehiculos de outr’ora. Os coches de gala, a diligencia, a cadeirinha, a liteira, etc. — O carro de boi, sua função no passado e no presente. — A caça, como caçavam os indios e como caçamos nós. — O que conservamos do indio; as armas, as armadilhas. — A pesca, instrumentos de pesca, a pesca da baleia na Bahia. — A vida agricola, alfaiá agricola, methodos e sistemas. — A habitação; como se differencia de norte a sul. — A oca e a choça de hoje. — As velhas fazendas: tradições, lendas e dramas. — A vida de um fazendeiro no Imperio. — O fazendeiro do sertão. — Formas de vida religiosa, superstições. — A alimentação, a cosinha de outr’ora e a de hoje, a cosinha bahiana, os pratos tradicionais. — Os santuarios. — As romarias. — As festas populares. A feitiçaria. — O curandeiro e o santo. — Costumes creados pela escravidão: o apadrinhamento, a alforria na pia, o direito de mudar de senhor, os quilombos. — A Troya Negra. — A amor no Brasil. — O namoro antigo e moderno. — O derriço poetico. — A organização da côrte imperial. — Os palacios e a vida de uma familia imperial na America. A escravidão: dramas, o negreiro, os trapiches, o Vallongo, capitães de matto, o feitor, a mucama, o moleque, instrumentos de tortura, a senzala, etc. — Os garimpeiros. — As zona fronteiriças. — A inter-penetração nas fronteiras, da lingua e dos costumes. — As cidades mortas. A tapera. — A cruz á beira da estrada, etc.

As Artes. — As artes no Brasil antes de D. João VI. — As artes depois da missão franceza. — A pintura heroica. — Os primeiros ensaios da caricatura. — As primeiras gravuras. — A caricatura no Imperio e hoje. — A architectura colonial — O neo-colonialismo. — Os pintores que fizeram escola. — O theatro lyrico no Imperio. — O theatro dramatico de João Caetano. — O theatro portuguez no Brazil. — A musica outr’ora e hoje, sua filiação, suas correntes, orientação actual. — As igrejas do Brasil. — A capellinha votiva, etc.

Aspectos da Terra. — As montanhas. — Os rios: lendas, paisagen, flora e fauna de cada um; função no povoamento. — As cachoeiras, Sete Quédas, Paulo Affonso, Itapura, etc. — As lagoas; dos Patos, Mirim, Uberaba, etc. — O nosso mar, suas caracteristicas, seus peixes, as correntes, a pororóca. — As ilhas; Trindade, Marajó, Fernando da Noronha, etc. — Aspectos da nossa costa. — A paisagem. — Estudo das bahias Guanabara, do Recife, etc. — As florestas; a amazonica, a sulina. — Os campos nativos. — Os cêr-rados. — As nossas arvores, o pau-Brasil, o jequetibá, o mata-pau, etc. Porto seguro, localização do desembarque de Cabral, etc.

Varios Assumptos. — As expedições scientificas. — Os novos cruzamentos — O italo-brasileiro, o teuto-brasileiro. — Os romanistas mais lidos. deducção do estado mental do povo, suas exigencias e psychologia. — A inflação amazonica, grandeza e decadencia. — Vicios deixados pelo despotismo colonial na psychica brasileira. — A organização moderna. — As maravilhas do methodo. — A eficiencia medida pela capacidade de organização. — Falhas da nossa educação actual. — Estudos sul-americanos. — Bolivar. — Sarmiento. — Ameghino. — Mitre. — Alberdi, etc. — Os nossos museus; o Nacional, o Naval; suas curiosidades. — Os crimes economicos: o imposto de exportação, o inter-estadual, o proteccionismo. — A burocracia: males. — O primeiro jornal brasileiro, etc.

Ha por ahi innumerous artistas populares abaçados, asfixiados pela indifferença ambiente, sem meios de alcançar a publicidade, caricaturistas, desenhistas, pintores, santeiros, milagreiros, poetas populares, humoristas. A Revista abre-se a todos elles, procurará divulgar-lhes a obra em suas paginas e fóra dellas, officiosamente, procurará os meios de favorecer a plena florescencia dessas vocações estheticas. Aos nossos agentes, pedimos o obsequio de tomar na devida conta estas palavras. fazendo-as chegar ao conhecimento dos humildes artistas que ellas visam, encaminhando-os para cá. Todos lucrarão com isto e mais ainda o paiz, este caro Brasil tão ignorado pelos seus proprios filhos e eternamente victima da dispersão dos esforços. A «Revista do Brasil» outra coisa não deseja senão tornar-se o ponto de convergencia de todas as aptidões artisticas, em qualquer ramo que se manifestem. Aceitará e remunerará mediante accordo, photographias de paisagens, de typos, de scenas, de velhos monumentos ou ruinas, documentos antigos, curiosidades locais, tudo, emfim, que mereça vir a publico, como documento que é da terra, capaz de contribuir para o seu melhor conhecimento.



ANNIBAL THEOPHILO

Conferencia realizada no dia 19 de junho de 1918, no salão da Bibliotheca Nacional.

Minh'alma te aplaude! Essa é a exclamação íntima de nós todos ao lermos um bom livro, livro que nos valoriza algumas horas de existencia. E' um aplauso secretíssimo, adoração sem altar, sem ritos, feita na solidão esotérica do nosso eu. Estruge, em nós uma ovação alucinada, um bater frenético de palmas como em platéa obscura onde os sentidos fossem os espectadores leaes.

Esse aplauso é justiça. Para fazê-lo em plenitude de justiça importa acomodar, o mais possível, o livro á alma, á nossa alma, obter que os harmônicos desprendidos desse instrumento musico resôem, com a justeza do seu timbre, no resonador que somos de arte bôa. Essa acomodação, porém, exige uma técnica preparatória muito mais difficil, muito mais complexa do que em geral supomos.

Lembro-me da primeira vez em que, aos dezeseis anos, manejei um microscópio. Havia-o comprado num leilão e levado, ansioso, para o meu quarto de estudante inexperientíssimo. Limpei objetivas e oculares, tomei de uma fôlha de árvore, pu-la na platina e olhei.

Não vi nada e essa desilusão me espantou. Tive de recorrer a livros técnicos, adquirir laminas, lamínulas, micrótomos, aprender a cortar, fixar e colorir, todo um curso indispensável á acomodação da minha vista aos fenomenos de óptica, ás contingências do aparelho. Porém, conseguido isso, que recompensas liberais ao meu esforço! Considero as horas em que descobri o mundo novo, o microcosmo

buliçoso e atordoador dos infusórios, diatonácias, anterídias, oogonos, como as horas decisivas da minha formação estética. Tudo quanto faço e tudo o que fizer germinou delas, da minha turbacão diante do que vi, do meu pasmo de noviço ante as maravilhas da vida elementar. Cada forma de heliozoário ou cada processo de reprodução apresentava-me um problema, sugeriu-me uma hipótese, desenganava-me, incitava-me. Ora, um livro é, para mim, o instrumento revelador de um mundo, um microscópio ou um telescópio assastado a uma alma. E' um descortinamento. E' alguém que me procura e me diz: «Olha-me, ouve-me, quero confessar-me, quero mostrar-me, sê o sacerdote da minha confissão e o visitante do museu que eu sou. Vem espreitar meus dramas rudes, minhas lágrimas gloriosas; escuta a minha jeremiada e os meus epitalamios. Comunica-te comigo para que meus arroubos de homem tenham éco, torna-te a praia das minhas ondas emotivas. Vive comigo, sim, vive comigo, um momento apenas.»

E eu tomo o livro, afasto o reposteiro, sou o Alibabá desse palácio.

E como entrarei nêle?

Entrarei com a indiferença do cigano que vae ler a *buena dicha* por dinheiro? Entrarei abruptamente, estouvadamente, como o excursionista sem consciência que tem prazo certo para as visitas do programa? Serei cúmplice da civilização mecanizada que na mesma odiosa mó tritura boas almas e almas ruins?

Não. Tomarei o livro como se apanhasse um fruto, um inseto, uma planta nunca vista. Não os examinaria com os petrechos de exame de um minério. Escolheria os meios, os processos convenientes. Cada livro bom ha de ter o seu exame especial para ser entendido e julgado em plenitude de justiça. E' mister fazer-se como o ator, encarnar as emoções do autor, vibrar com elas, ser êle mesmo. E isso nem sempre é fácil, ou antes é sempre difficilimo. Uma das minhas maiores dificuldades de estudo tem sido sentir Homero integralmente. Que formidável diferença entre a vida grega e a moderna!

Colocar minha alma incrédula e sabichona naquêle reino alucinado, de visões vivas, de espiritismo fervoroso, de fetichismo real, ser Fausto naquêle turbilhão de heroísmos, no mais vertiginoso embate de almas nu'as, não é positivamente um trabalho de Hércules? Debalde leio a *Ilios* de Schliemann, vejo so destroços das muralhas, os alicerces das sete Troias mortas, debalde! não vejo mais as almas, não revivo Ulysses, nem Diomedes, nem Agamemnon, nem An-

drómaca, nem Thersito, nem Helena. Schliemann leva-me ás fontes que jorravam de uma caverna, a trezentos passos da Acropole e enchiam, antes de defluir para o Escamandro, os tanques de pedra onde lavavam as troianas. Travou-se aí o combate horrível de Heitor e Akhilles. Homero mostra-me Heitor a espera de Akhilles, com o escudo apoiado num rebordo da torre, confiante e orgulhoso. Vcjo aproximar-se o grego brandindo a lança cujo bronze resplandece ao sol nascente. Heitor o avista; o aspeto formidável do Peleide o assombra e êle foge espavorido. Circula tres vezes a cidade seguido do adversário mas enfim, afronta-o. Athéne protege Akhilles, restituc-lhe a lança de que se desviára Heitor. Ouve-se o grito horrendo do troiano, domador de cavalos, a chamar pelo heroe Deiphobos pedindo-lhe outra lança. Deiphobos está longe e Heitor, reconhecendo a traição dos deuses, arremette para Akhilles pronto a morrer. O grego fere-o na garganta, êle cae, rogando que o não entregue, morto, aos acaianos; mas Akhilles lhe responde: «Prouvera aos deuses que eu tivesse a força de comer-te a carne crua. Os cães e os passaros te cspedaçarão!»

Essa fereza, ultra-selvajcm, nos horroriza. Para sentir-mos Homero a fundo ela deveria, não horrorizar-nos, mas entusiasmar-nos ou irritar-nos á vingança. As figuras olímpicas não nos perturbam na sua azáfama inofensiva. Para os gregos eram partidários fervorozos, auxiliares ou inimigos onipresentes e intrigantes a cuja mercê lhes estava a sina e o êxito.

Ser-nos-ia necessaria a criação artificial de um estado de alma incompatível com a nossa filosofia e o nosso scepticismo para penetrar a alma desses monstros de elmo de ouro e escudos lampejantes, que, sem possuírem garfos nem facas, rasgavam a carne nos dentes para comer. Que injustiça, meus senhores, repudiar um livro sem viver-o, engrandecer um livro sem sentir-o!

No oitavo capítulo do *Ta-Hio* de Confucio exara o autor a seguinte verdade: «Os homens são parciaes para com os parentes e os que êles amam, são parciaes tambem ou injustos para com os que desprezam ou odeiam; igualmente parciaes ou servis para com aquêles que respeitam ou veneram; parciaes ou demasiadamente misericordiosos para com aquêles que inspiram compaixão e piedade; são tambem parciaes e altivos para com aquêles que tratam com superioridade.» E' por isso, acrecenta êle, que amar e reconhecer os defeitos daquêles que amamos, odiar e reco-

nhecer as boas qualidades daquêles que odiamos é coisa muito rara sob o céu.»

Confucio percebera a raridade da justiça, mais bela, mais comovedora, mais heroica que a caridade, porque nunca humilha, sempre engrandece.

Para sermos justos ao ler Annibal Theophílo devemos senti-lo, vive-lo. Isso requer uma condição importante: o ambiente.

Cumpre-nos criar no espírito uma situação intelectual e sentimental idêntica á do autor e então medir, nesse manómetro subjetivo, o quantum de emoção nos chega a provocar.

Formemos esse ambiente.

Antes de tudo, importa compreender que a alma do *criador* é sempre, nos momentos de criação, alma *silenciosa* e *religiosa*.

Figuremos um quadro. Noite clara. Conversamos num terraço, diante da baía. No céu tauxiado de cirrus altos, trechos de constelações rutilam no abismo. A agua está mausa, o ar quietíssimo. Conversamos baixo, entontecidos em nossas almas poéticas desse álcool vaporoso, diluido nas paisagens. Entorpece-nos, excita-nos, embriaga-nos, emudece-nos pouco a pouco. Vemos Vega chispar, chamar por nós, na linguagem triste com que falou aos Caldeus antigos. Está sozinha, solta no éter frio, como um lampeão noturno, a arder na treva. Em redor dela o vácuo, sextilhões de leguas de crmo, a solidão serena do não-ser. E, observando os claros celestes, os formidaveis claros inter-sidérios, pensamos: como é nulo o mundo dentro do Nada! Perdem-se os olhos no além-céu, nossos ouvidos se abrem á algazarra longinqua das estrêlas. Contemplamos calados, Nossos sentidos se embotaram ás impressões terrenas; alçamo-nos ao sonho, meditamos sem vaidade, sem paixões, sem jubilos, sem mágua. Rezamos em silêncio e escutamos a musa de Castro Alves segredar-nos:

*Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véus
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abismo dos céus*

O silêncio do artista, essa *euphemia* dos sentidos, é o grande silêncio das criações, é o silêncio artificial do pensador, o silêncio íntimo, que em nós formamos, para equilibrar as pressoes externas dos barulhos destruidores.

Esse silêncio, só é possível nas almas *religiosas*, religiosa, digo eu, no sentido que á religião deu Schleiermacher,

isto é, «consciência imediata e viva da existência do ser finito e efemero dentro do ser infinito e eterno; revelação do infinito no finito.»

A religião, nesse caso, é a intuição clara e simples do infinito. O homem sente, segundo Schleiermacher, duas tendências decisivas: a de se constituir indivíduo, manter-se indivíduo, reproduzir-se em indivíduo, e a de participar do todo, aliar-se ao todo, dar-se ao todo. A conformação desse sentimento às ações eis a religião e a moral. A expressão dessa conformidade, acrecento eu, eis a arte.

Na religião de Schleiermacher não ha dogmas, ou, pelo menos, só ha dogmas individuais, criação e accitação minha; eu sou o sacerdote e o papa de mim mesmo, não ha ritos — meu rito é minha contemplação emotiva; não ha preces — minha prece é minha interjeição, minha vizão de infinito nos fragmentos do universo, é minha arte. Rezo em verso, em tintas, ou em sons; rezo com meu entusiasmo, com a minha oblata de ovações á harmonia circunstante.

Nessa religião viva o silêncio é o grande tempo; e, vice-versa, o silêncio produtivo só se encontra nessa religião.

A doutrina de Schleiermacher satisfaz ao mesmo tempo o espírito religioso e o espírito artistico; irmana-os.

Eis porque Annibal, ateu, era um espírito essencialmente religioso. Denota-o no soneto «Palavras de um forte»:

*Sobre meu ser, neste momento augusto,
A aza da Sombra, lenta e fria, passa.
Indiferente, sinto-me robusto
Ante a brusca surpresa da desgraça.*

*De castigos futuros não me assusto;
Crença no Alem que um seni-deus me faça
Não sigo; um grande amor me fez um justo
E de esperanças esgotei a taça.*

*Caio obscuro na luta. Armas deponho
Sem o pavor que gela frageis peitos,
Sem apoio na luz em que me agito.*

*Mas, que importa! Ouço em mim cantando o Sonho,
Arde-me á frente a auréola dos Eleitos,
E estou sereno em face do Infinito.*

Serenidade em face do Infinito! eis o grande característico das almas profundamente religiosas.

Os espantalhos das seitas perturbam essa serenidade, amedrontam os espíritos que não se atrevem, por fim, ao colóquio temível das estrélas. Para ser sereno em face do Infinito é mister subir a êle. Essa acensão da alma é *exaltação*.

O primeiro dom do artista é ser exaltado. Figurae um cofre de ouro no topo de um alcáçar e no cofre pérolas e pedras raras. Dae uma chave de ouro a alguem, mandai busear as pedras. Não ha difieuldade em tomar a chave, torcer a fechadura, puxar a porta. A difieuldade está no galgar a torrc. A arte não se alcança pelo estudo, pela técnica, pela prática, si não haver no cérebro que pensa o arrojo de subir. Arte é exaltação íntima do ser coeiciente.

Nietzsche divide os escritores em duas classes: os exaltadores de pensamentos e os exaltados pelos pensamentos. Os primeiros catam na vulgaridade pensamentos comuns, vestem-os, emplumam-os, decoram-os, exaltam-os com os artificios da arte e o talento das enseenações; armam guindastes e elevadores para alçar idéas, ensinam como se sobe, mas não sobem. Os segundos apresentam pensamentos nu's, belos da sua beleza de originalidade, eloquentes de sua eloquência de verdade e sugestão.

A diferença está, profundamente, na qualidade das almas. A palavra exaltação explica, por si mesma, a diferença. Pertence á grande familia da raiz latina *al* que significa *alimentar*. Exaltação é *nutrição*. Almas exaltadas são almas nutridas e a consequência vital da nutrição é a expansão tumultuosa, expansão das fontes depois das ehuvás.

Nietzsche esqueceu-se todavia dos *extáticos*. Não confundamos exaltação e êxtase.

Exaltação é seiva aseendente, turbilhonamento de idéas e de imagens que vão viver. A alma exaltada anseia, quer falar, quer declamar, visa um fim, é um Jasão alucinado, mas não se desprende dos seus mananciaes orgânicos, da sua condição humana e terrena.

Extase é transporte, criação artificial de um céu para onde a alma vóa, desterrada na contemplação inativa do seu sonho. Extase é beatitude, a monotonia da paz, o tédio posterior á conquista. E' o egoismo das almas místicas ou narcotizadas na auto-hipnose da soberba excessiva. E' a fakirização do génio.

Eis porque o extático é incapaz de transmitir-nos sua emoção estéril. Immobiliza-se na sua hibernação mental, não se alimenta, vive de reservas nutritivas, sem vicejar nem dar frutos.

Os artistas reais, os criadores de beleza, os transmis-



sores de visões não são extáticos, são exaltados. Não conseguem desprender-se dos seus nervos, do seu sangue, das suas víceras. Sente-se nêles o humor das glândulas, o tremor dos cílios celulares, a tensão das fibras estriadas. São animais que pensam, homens que sonham. Sonham e gritam sonhando. Têm pesadelos e são Dante; têm delírios como João de Patmos e são profetas; têm visões elaras da verdade e são Copérnico. Só êles valem na vida.

Um dia eu contemplava as evoluções de um hidropiano na baía Guanabara. Vi-o deixar a nesga de praia do Flamengo, rojar nas águas resmungando, exasperando as ondinas que espumavam. Elevou-se resonando, de azas pandadas, muito branco. Vôou em linha reta, revoejou, circulou, deceu, subiu, repousou na água, navegou, recolheu-se emfim á nesga de praia, descansou e refez-se para de novo altear-se. Essa acensão objetiva simboliza bem a exaltação subjetiva, com seus arrancos de azas imateriais, seus voluteios de quimeras, seus sonos de renovação.

Os fortes são os exaltados.

Vêde Lucrécio. E' a força. Não conheço arrojo igual ao seu para o mistério. Ele encara a Natureza com uma retina vírgem mas severa. Quer ver. Forja nos olhos os elarões que hão de projetar-se céus a dentro e revela aos homens mundos novos.

Tão grande é a exaltação de Luerécio que, ao ler-lhe as páginas angustiadas, eu me sinto eruido. A marca essencial do artista é essa: a de transmitir ás outras almas sua própria exaltação. Lucrécio nega e afirma. Si negasse apenas não seria a exaltação que foi. Mas êle ensina, ensina cantando, ensina convencido, é uma idéa que se mostra. Ele próprio o declara nos primeiros versos do seu poema e, reportando-se ao seu tempo, ao seu meio, comparando com as crenças pagãs as verdades entrevistadas, podemos avaliar que formidável acensão a dêsse espírito sem par na poética latina. Em suma, senhores, o artista verdadeiro não é o homem que emite pensamentos e imagens, como Fenelon; é o pensamento e a imagem que falam pela boca de um homem, como Dickens. E' o pensamento e a imagem vivos.

Os característicos mais flagrantés desses exaltados são a sinceridade e o orgulho. Só os outros, os meros exaltadores de pensamentos, são hipócritas, fingem a Arte.

Como, perguntar-me-eis, haverá uma arte hipócrita?

E eu vos responderei que sim e acrecentarei que ha também uma sciencia hipócrita.

Tu explicas muitas vezes, homem de sciencia, fórmulas

e processos técnicos que aprendeste mas não apreendeste, que repetes mas não sabes, porque não meditaste longamente sobre os dados procurando ver, no que te ensinam, o sentido profundo e misterioso das cousas. Não te debruçaste pensativo sobre a correnteza d'esses factos, dessas leis, dessas experiências, dessas hipóteses para surpreender na agua revolta o tesouro encantado que ella tem. Não formulaste a tua hipótese íntima, isto é, não procuraste, por ti mesmo, decifrar o cosmos assombroso, não sentiste o calefrio da interrogação, não sentiste a sciência e o seu valor. Não és homem de sciência; és discursador de sciência; és sciéntista, não és sabio. Tu, artista, pintas ou escreves o que não te emove, e o que não viste, o que teus sentidos não clamaram nem viveram. Sincera seria tua arte si antes de lhe dar fôrma houvesse ouvido nos teus nervos o rumor subterrâneo de locomotivas a silvarem e a correrem. Mas tua arte não tem o frémito das rodas e do vapor comprimido, não trepida, não fumega, não fagulha. Pensas haver posto isso em tuas produções criando, artificialmente, o que chamas *estados de alma*. E' como se armasses uma locomotiva de papelão pintado de preto e ouro e a fizesses correr em trilhos de arame por uma mecanismo teu. Enganarias talvez as crianças e os anciãos, mas não nos enganarias, a nós que temos a experiencia das fornalhas, dos condensadores e dos freios automáticos.

Annibal Theophilo era um exaltado. Primava, na vida real e na arte, pela sinceridade. Subia á contemplação serena do universo; mas, pela exaltação, se conservava humano. Era incapaz de um êxtase, era alma por demais nutrida em força orgânica e que declarava os seus martirios para se comunicar com a dor alheia, consolar-se nela e consolá-la. Vêde essa exaltação poética no soneto «Angelus»:

*Tarde. Nenhuma viração. Poente
Rubro. Adormece a alma das cousas langue.
Tranquilo o azul deserto. Abaja o ambiente.
No Léste; assoma a lua cheia exangue,*

*Tarda, a face do mar deslisa enchente,
Trémula, refletindo o Ocaso e o mangue,
E nela, aos olhos, é conjusamente
Tudo esmeraldas, pérolas e sangue.*

*Lenta, voga uma barca. Suave, o canto.
Da cigarra amortece. Ao longe um sino
Plange dolente... E, em mádido quebranto*

*Eu, sonhador da Glória e da Alegria,
Leio o poema sem luz do meu destino
Na imensa magua do morrer do dia.*

Annibal Theophilo me disse varias vezes ser este o seu melhor soneto. Recitava-o seriamente comovido e ninguem poderá negar a essa obra-prima todas as qualidades e todas as intensidades da emoção. Poder descriptivo, doloroso paralelo entre a agonia da tarde e a tristeza fatal do poeta, sente-se no pequeno quadro, a exaltação de uma alma religiosa mas desenganada. Vereis depois a razão do desengano.

Documentemos agora, apenas, todos os tons dessa exaltação.

Ela se pode bem compreender quando surpreendemos o espírito em contacto com o misterio das cousas.

Deveis ter experimentado esse pavor subito que senti muitas vezes dentro da mata, quando ia, em menino, de alçapão em punho, atrás de patativas, sanhaços e curios. Refiro-me ao pavor do desconhecido, ao pavor de quem se perde na floresta e se vê, sozinho, no silêncio ininterrogável dos troncos e das furnas.

Esse espanto creio ser o mesmo horror, o medo sagrado dos descobridores. Um dia em Florença operários cavavam poços para buscar agua no sub-solo. Acharam-na profunda, desceram canos, tocaram bombas e vïram, pasmados, que a agua não subia além de 10 metros, mais ou menos. Porque não? Correram ao sábio Torricelli trouxeram-no aos poços, mostraram-lhe as bombas e lhe pediram a explicação do fato. A explicação! Imaginai, senhores, esse homem-pensador, esse argonauta das idéas vendo, diante da sua nau, elevarem-se, de repente dois rochedos altos, a prumo, quasi juntos. A garganta que os desune está fechada por portão de ferro pesadíssimo. E o navegador precisa abri-la. Torricelli viu a porta, a porta viva do misterio, tocou-a com as mãos apavoradas. Que sagrado arrepio não foi esse, meus senhores, a do homem que ia reviver a missão de Prometeu.

Vejo Torricelli meditando, calculando as pressões hidráulicas, o rasgo de genio que lhe fez pôr, na sua equação, o fator atmosfera com a sua gravidade patenteada já por Galileu. Vejo-o realizando a descoberta da pressão do ar, abrindo a porta do misterio, penetrando nêle, dêle saindo cheio de trevas e de luz.

Esse horrível calefrio sente-o o poeta verdadeiro. Sentiu-o Annibal Theophilo nêste vilancête simplicimo, intitulado «Diante do enigma»:

*De onde vim eu para o Mundo,
Para onde vou, a que vim
Que não sei nada de mim?*

*Sobre o mistério profundo
Da Orígem vivo a scismar
Sem conseguir decifrar
De onde vim eu para o Mundo
Entro, olho, sondo, aprofundo,
E inquirio ao que vejo e a mim:
— Para onde vou? A que vim? —*

*Corro em pensamento o espaço
Estudo a Alegria, a flôr,
O sonho, o pássaro, a Dôr,
O universo, traço a traço,
E em vão tanto esforço faço...
Sinto que estou como vim
Que não sei nada de mim.*

*De tudo que a Natureza
Muda e eterna ostenta á luz,
De quanto a Sciência deduz
Só tenho certa a incerteza
Do que ora sou. Que surprêsa
Pois, é a que me espera a mim
Para onde vou? A que vim?*

*Por aprazer que Vontade,
Por viração de que Ser,
Olvido de que Poder,
Força de que Potestade
Estou nesta soledade?
Por que e para que vim
Que não sei nada de mim?*

Dirieis ouvir Hamlet no seu monólogo. Nêsses versos ha exaltação e religião. Ora, o espírito exaltado e religioso cria. Cria por prazer e faz do seu prazer missão, porque de todos os gózos do mundo o mais intenso e mais são é o gozo de criar.

Respondendo ás invetivas de Baldad o desgraçado Job, depois de assomos de revolta, brada esperançoso: «Sei que meu redemtor vive... verei meus Deus em minha carne — *in carne mea videbo Deum meum.*» Ver Deus em si mesmo, senti-lo em sua carne, eis o prazer supremo, a reparadora recompensa das torturas já sofridas.

A delícia do Job amargurado é a delícia espiritual do artista criador. Ele sente Deus em si; sente-se Deus. Compreende que no cáus da Beleza houve uma corporificação inédita que suas mãos fizeram. Tirou do Nada a forma nova, deu-lhe vida, imprimiu-lhe a sua effigie intelectual e moral, nela imortalizou-se, glorificou-se, divinizou-se.

Esse deleite paradiziaco deve tel-o provado Annibal Theophilo, com veemência, ao tirar do inexistente aquela obra-prima chamada *A Cegonha*.

Sintamos como êle êsse intenso abalo emotivo analisando essa composição, vendo como naceu, como surgiu, como se integrou em sua forma definitiva.

A idéa fundamental (contou-me o proprio Annibal) voejou-lhe no cérebro dez anos. Dez anos o tentou, cantou-lhe na alma, tintillou na torre de cristal de onde a inspiração derrama fluidos. O poeta nunca se atrevêra a pô-la em verso. Assustava-o a dificuldade da emprêza, o medo de estragar a concepção, de não poder molda-la na abertura de um sonêto. Porque, é intuitivo, para aquela idéa só o sonêto. Qualquer outro molde arruina-la-ia irremediavelmente. Ora o sonêto exige a absoluta condensação e a absoluta perfeição. Ainda nos seus ultimos dias Annibal se irritava com o primeiro tercêto que não reputava digno das demais partes.

Foi num clube literário do Rio que o poeta leu, pêla primeira vez o seu sonêto, premiado em concurso. O desêjo de apresentar-se ao tal concurso foi realmente o móvel que decidiu Annibal a escrever a *Cegonha*.

Releiamos esse primor:

*Em solitária plácida cegonha
Imersa num scismar ignoto e vago,
Num fim de ocase, á beira azul de um lago,
Sem tristeza quem ha que os olhos ponha?*

*Vendo-a, Senhora, vossa mente sonha
Talvez que o conde de castelo mago
Loira fada perversa, em tredo ajago,
Mudou nessa pernalta, erma e tristonha.*

*Mas eu que em prol da Luz, do pétreo, denso
Vêu do ser ou não ser tento a escalada,
Qual morosa, tenaz, paciente lêsma,*

*A vê-la assim mirar-se na agua, penso
Ver a dúvida humana debruçada
Sobre a angústia infínita de si mesma.*

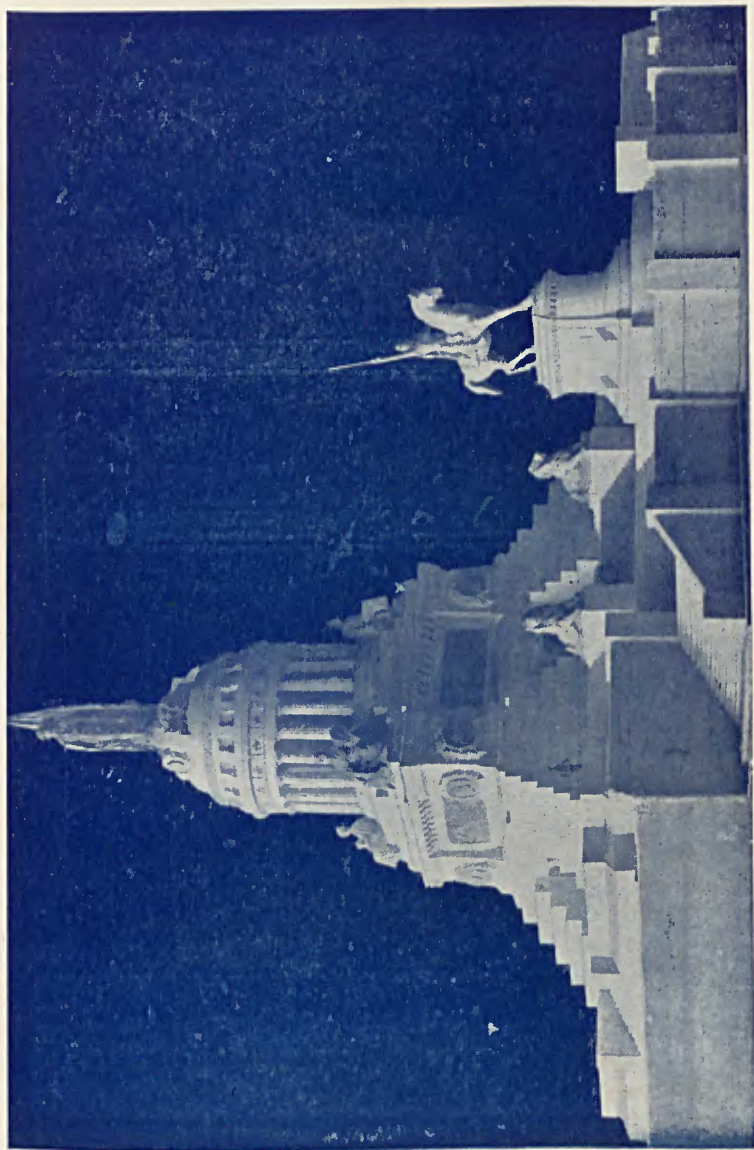
Antes de tudo, o soneto é feito de contrastes. A' inal-teravel serenidade de alma dos quartetos opõem-se as incontidas ânsias dos tercetos. A' simplicidade ingénua do conceito da dama a quem se afigura a cegonha um conde encantado, contrapõe-se a visão do poeta que nela vê a encarnação da Du'vida. Os dois símiles são admiráveis de precisão e emoção. O soneto é composto com uma perspectiva scénica, um equilíbrio, uma meia-tinta e um sentido de gradação só existente nos grandes técnicos da Arte.

Primeiro, a paisagem dentro da qual se ergue a cegonha triste; é um fim de ocaso, ha um lago azul, cheio de sombras, e á beira da agua o perfil pensativo da pernalta. O poeta e a dama contemplam aquela scena. Que pensará ella? Sonha talvez, diz-lhe o poeta, que um conde antigo existe ali, mudado em pássaro por alguma varinha de condão. Notai o valor estético desse *talvez*. Augmenta a ingenuidade fundamental sobrepondo-lhe uma ingenuidade maliciosa, dolorosa mesmo, do poeta. Todo um mundo velho, a irrequieta quadra fetichista dos solares, das fadas, dos encantamentos, todo o cavalheirismo de condes e castelos nos sugerem esses versos primorosos. E, de repente, o espírito alongado a antigas lendas, volvido ás afastadas épocas dos sonhos, torna á contemplação aflitiva da pernalta embevecida e só. Ela resume inaudita tristeza de um passado agitadíssimo e extinto. E' a imobilidade cataléptica de uma alma debruçada sobre as ruínarias de uma civilização. Nessa paz externa se erige então a figura transtornada do poeta. E' toda enlevo e agitação; quer a Luz, a Verdade oculta, as surprêzas do Segredo. Sua preocupação diurna é a subida ao rochedo rovinhoso dentro de cujo cofre deva achar-se o diamante mágico. Absorto, assim, na sua obsessão de sonho o poeta, ao ver a ave, adivinha nela o seu próprio símbolo; ela representa a estatua interior que domina o jardim do seu espírito. Ela é bem a sua du'vida.

.... a *Dúvida humana debruçada*
Sobre a angústia infinita de si mesma.

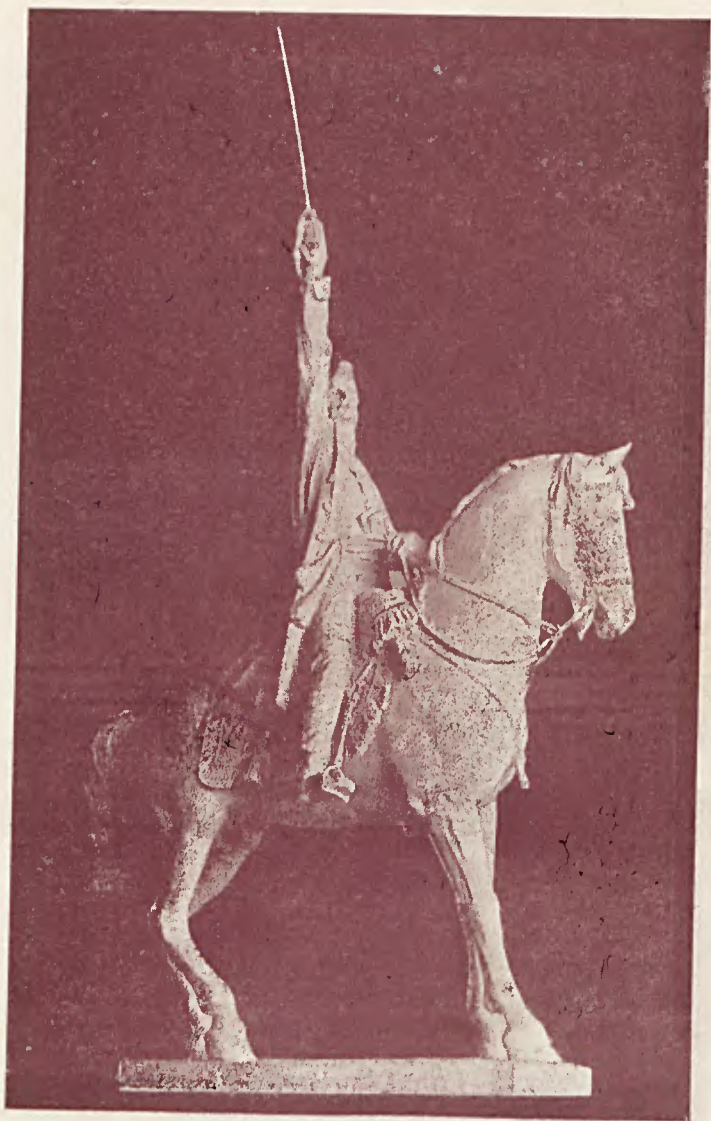
Para completar o ambiente e ver o livro, determinemos os característicos *humanos* da alma do poeta; classifiquemos essa alma. Percebo o lucilar de olhos com que vos indignais desta proposição: classificar uma alma como si pudessemos rotular, como em sciências naturais, seres supernaturais. Enquadrar almas em chaves garriformes não será talvez o suprasumo da presunção retórica?





Monumento da Independência

Projecto de Mario Ribeiro Pinto
e Fernando Frick.



Monumento da Independencia

A figura principal no projecto d' Mario
Ribeiro Pinto e Fernando Frick.

E eu vos respondo: não. Classificar é descobrir o caráter essencial de um ser, aquêlê que lhe explica a profunda origem, a razão de ser da sua vida e dos seus atos. O classificador relega o acessório, os sinais extrínsecos e sorpreende num rincão moral, como numa anomalia morfológica, o segredo de um destino.

Ora, para mim, Annibal Theophilo é um anômalo no tempo, um deslocado na história, a reaparição de um tipo morto. Provem de uma sociedade incompreensível para nós. Aparece-nos, no livro, como egresso de outra terra, com tendências outras, outros ímpetos, influxos inesperados ou paradoxais.

Era, em tudo, medieval. Confessa-o abertamente no soneto «Ruínas»:

*Vêde: torres em ruínas solitárias
Out'ora testemunhas de áureos dias
Hoje morada de melancolias,
De verde musgo e de aves sanguinárias.*

*Vendo-as contemplo, absorto em visionárias
Scismas, torneios, justas, correrias,
Serenatas, duelos e sombrias
Batalhas a arma branca, tumultuárias.*

*Sonho entrever, á noite, as almenaras,
Entr'escutar o alerta dos vedêtas,
Ent'regozar medievais primaveras.*

*E como, ao luar dessas lembranças caras,
Sinto a expressão, naquelas pedras pretas,
De uma saudade eterna de outras eras.*

A saudade, visivelmente, não é das pedras, mas dêle poeta. Ao ver as ruínas recompunha em si mesmo, os tempos de agitação, bulício, heroísmo a que se amoldavam bem seu gosto e seu temperamento.

Provam-no os episódios de sua vida e seu livro. São rasgos de aventuras, fu'rias e desafios, alardes de corágem, reguintes de galanteios e audácia. Contou-me um dia que em certo museu do Norte, vendo uma armadura antiga não se teve que a não vestisse para sentir-se batalhador avoengo. Pasmava da extraordinária força de homens que pelejavam desafogadamente sob tal pezo e com tais armas. Para o poeta a sociedade ideal seria a corte do rei Arthur entre os cavaleiros da *Table Ronde*. Encontraria lá

*.... torneios, justas, correrias,
Serenatas, duelos e sombrias
Batalhas a arma branca tumultuárias.*

Assistiria em Cardigam na floresta de Broceliande á caçada do *veado branco* proposta pelo rei aos cavaleiros seus amigos. O prêmio ao preador da caça rara consistia em dar um beijo na boca da mais formosa dama, á escolha, entre as da côrte.

Era fatal a consequência. Nenhum dos cavaleiros suportava a afronta de declarar alguém que sua dama não era a mais formosa. E principiava o certame estridoroso.

Em pleno século XIV, Annibal Theophilo seria um Carlos Zeno, de que as gestas venezianas contam maravilhas.

Zeno vira o pai morrer na expedição contra Smirna quando, sitiados pelo otomano Morbassan, cairam numa insídia os generais cruzados, imprudentes. Uma vez, estuante em Pádua, ficou na estrada, semi-morto, derreado por ladrões. No cerco de Patras pelos turcos, foi êle mal ferido num recontro; iam enterra-lo quando lhe entreviram sinais de vida. Bateu-se em duelo com um gentilhomem; perdeu, por isso, a prebenda em Patras e se fez mercante no mar Negro.

Em 1376 achava-se em Constantinopla quando os genovêses de Pera aprisionáram João Paleólogo na torre Amena, para entronizarem o ambiciosíssimo Andronico em troca da almejada ilha de Tenedos. Andronico, filho do infeliz rei grego, mandara queimar os olhos ao filho e ao neto com vinagre fervendo. Os venezianos se alarmaram. Então Paleólogo, da torre de Amena, apelou para Zeno por intermédio da mulher do carcereiro antiga favorita sua. Era pobre o rei, nada prometia a Zeno, clamava apenas por seu heroísmo.

E Zeno ouviu êsse clamor. Ia reviver a fabula dos semi-deuses colossais. Toda a sua vida condensou-se nesse rasgo de ousadia, na glória de salvar um prisioneiro de uma torre. O carcere do rei dava para o mar. Zeno escolheu oitocentos homens, postou-os nas vizinhanças e alta noite partiu num barco leve. Escalou a torre, entrou no cárcere e saudou Paleólogo como salvador.

Este, porém, não podendo levar dois filhos também captivos recusou fugir, por mais que Zeno instasse. Desesperado com a irresolução Zeno volta, dispersa os homens, mas recebe, em pouco, um papel assinado por Paleólogo, em que se concedia aos venezianos a ilha de Tenedos.

Zeno não hesitou e respondeu urdindo outra escalada. Mas Andronico, avisado em tempo, prendeu a mensageira, torturou-a, fê-la confessar tudo ordenando a prisão de Zeno com ameaças excessivas.

Na guerra de Chiozza entre Veneza e Génova a ação de Zeno ultrapassa as lindes da temeridade. Não ha na Iliada nem nas crônicas da cavalaria nada que a imaginação tenha fantasiado mais patético, mais inverosímil, mais impossível que a defesa do passo Brondola.

Era em 1379. A guerra começada êsse ano, corria mal para Veneza. Ludovico Dória avassalara o Adriatico e, firme em Chiozza, ameaçava o doge. Victor Pisani restituído á liberdade, lograra encurralar, com feitos memoráveis, o inimigo nesse porto. Mas para manter o cerco era mister vigiar a embocadura dos canais, sob o fogo das baterias genovêsas. O canal de Brondolo, acossado dos mares e dos ventos, era o mais difficil de bloquear. Coube a Zeno, recebendo do Mediterrâneo, êsse bloqueio.

Horrível tempestade com mar grosso dispersou-lhe a frota e os genovêses aproveitando o ensêjo acorreram a destruir as barragens inimigas. Zeno conseguiu, a muito custo, aproximar dêles tres galeras e, descarregando-lhes artilheria certa, afugentou-os. Quiz então ferrar-se nesse passo; mas a procela redobrou e as correntes arrastaram-lhe a capitânia, arrojando-a á costa, bem ao pé de uma torre do inimigo.

Era noite. O mar raivava, regougando. Os genovêses, dando com a galera, metralharam-na com furia. A maruja, em pânico, resolveu render-se, mas Zeno se lhe opoz severamente. Outras naus do doge bordejavam perto tentando avizinhar-se. Zeno mandou que um marinheiro levasse, a nado, um cabo á galera mais chegada e, despejando ao mar a artilheria safou-se rebocado sob flexas e pelouros. Uma flexa entrou-lhe na garganta. Ele quebrou a haste deixando a farpa dentro e, na escuridão tremenda, continuava a bradar ordens. Por cumulo de desgraça, não vendo uma escotilha aberta, despegou-se no porão vazio. Um marinheiro ouviu o baque e acudiu; tirou-lhe o ferro do pescoço e Zeno, sentindo o sangue aos borbotões, virou-se de bruços para não sufocar.

Chegado á frota, os médicos julgaram mortal o ferimento e se aprestaram a decê-lo em terra. Mas Zeno protestou; havia de ficar no seu navio; morreria no seu posto.

- Não morreu; salvou-se e salvou Venêza.

Annibal Theophilo, senhores, era feito a tais façanhas. Tinha a volupia do perigo e demonstrou-o várias vezes. Num dia de ressaca, na ponta da Igrejinha, em Copacabana,

um companheiro duvidou que houvesse homem valente capaz de se arrojara áquelas ondas. Annibal sentiu vir-lhe direto o desafio e, de um salto, arremessou-se ao mar.

E' que nêle d. Quixote era alguma cousa mais que o destruidor de moinhos; era a saudade errante de um tempo heróico que se foi. Esse medievalismo de Annibal se revela claro numa de suas fórmãs de composição, em seu estilo, em seu amor.

Podemos afirmar que a Idade Média foi a época da *reza*. Nunca os europeus rezaram tanto. Era das igrejas, dos conventos, das devoções, dos santos, dos te-deums, das missas, dos sacramentos, das benzeduras, dos responsos, das ladainhas, das promessas, nela a oração iniciava os atos menos graves, penetrava as horas todas, repetia-se regularmente ao despertar, ao recolher, ás refeições, ao pôr do sol, nos passeios, na meditação, no ocio e na luta. A igreja era um sindicato intercessor cujas taxas eram preces. Annibal, o ateu Annibal, deliciou-se na suavidade desse religiosismo ingênuo e cultuando a sua amada, o seu ídolo-mulher, compoz quatro *orações* a sua senhora, á sua Virgem Sacratíssima, das quaes recitarei a mais curta:

*Ave Senhora da minha vida
Meu pensamento vive por vós:
Entre as Perfeitas sois a escolhida
Alto é o Afeto que brilha em nós.
Celeste ramo de eternas flores,
Anjo da Guarda de animo forte,
Volvei os Olhos ás minhas dores,
Supremo Bem.
Agora e na hora da minha morte
Amen!*

No estilo de Annibal ha muito de antigo e algo de novo. Não é raro ver em literatura um regresso ás formas velhas, arcaização do pensamento ou da expressão.

Hoje em dia, em lingua portugüesa tem-se dado voltas subitas. Poetas contemporâneos procuram refrescar ou renovar seus ritmos exumando os metros ou o processo avito de versificação. Imitam clássicos, tropeiros, árcades reproduzindo métrica e sintaxe, temas e ortografia. São coevos fantasiados de predecessores por desfastio ou esporte, enamorados da beleza velha e incapazes de renovação. Sente-se, porém, que estua nêles muita alma de hoje. São prata nossa, moderníssima, a que se deu, falsificando, lavor de outrora. São reconhecíveis na usurpação.



Será do grupo Annibal? Não. Porque Annibal não é um novo que se veste á antiga; é um troveiro resurgido que fala como nós. Nêle a essencia, o de índole, o do cerne é a cavalaria, a Idade Média. Era arcáico de nascença. Era o século XI ou XII reincarnado em nosso século, civilizadíssimo para o seu ânimo de campeador.

Quanto mais lhe sondo o estilo, mais lhe apuro a espontaneidade. Annibal não copiou Camões ou os trovadores. Era inatamente trovador e camoniano. Nêle o *não êle é* o que aparece novo, os modos de dizer da sua geração. Nesse temperamento o amor ha de forçosamente ser medievo. Chamo-lhe medievo na accepção mais alta que lhe deram as *Cours d'Amour* francesas. O código do rei Arthur que um cavaleiro conquistara ao falcão do rei pouzado num poleiro de ouro, decretava no artigo IX: *Amare meno potest, nisi qui amoris suasionem compellitur*. — Ninguém pode amar verdadeiramente sinão facinado pelo amor. Amar sinceramente é uma vocação da vida que nos chama a perpetua-la. Só o amor-apêlo é digno. O tribunal das damas condenava sem misericórdia o amor-negócio, o amor-política. Para amar cavalheirescamente era mistér impregnar o corpo, os nervos, a razão, todo o ser fisico e mental da imagem feminina eleita. Cumpria, segundo o artigo 26, executar todos os atos com o pensamento em sua dama. Amor nobre; amor destino era aquêle envencnamento, aquele *mal* que invoca um trovador do cancionciro de Montpellier:

*Mal d'amors, prenés m'amie
Mal d'amors, prenés la moi
Prenés la je vos en prie
Et requier en foi. (1)*

Tal peçonha intoxicou Annibal.

Toca a sua vida foi um silente, doloroso lamento de saudade, um marejar os olhos d'agua continuamente. Medieval legítimo escolheu a sua dama, desapoderadamente amou-a, amou-a com a loucura, a pertinácia, a doença de Florenç,os amando Miraguarda. Pouco antes de morrer manifestava-se comovido as torturas desse desengano, desse amor frustrado que lhe ensombra os versos com desesperos e revoltas. A maior parte do seu livro é a celebração *perpetuo carmine* desse tresloucamento. Paixão sincera, elevadíssima e pura. Imposições e conveniências arrancaram-lhe a dulcinéa transferindo-a a mãos impuras e imeritorias. O

(1) Raynaud — *Recueil de motets français* — I, 141.

fanático viu a sua santa conspurcada por sacrílegos. Houve alguém que lhe entrou no templo, vilou o altar, desnichou a imagem venerada e vendeu-a infandamente.

Calculai, senhores, as borrascas desse espírito, dêsse Palmeirin retardario ao ver sua Polinarda entregue a mãos de turcos. Avaliai, vós mesmos, os sem limites dessa crueldade e abri depois o livro Tereis formado, em vós, aquêlê ambiente interno que eu vos aponteí como indispensavel á compreensão do poeta. Vereis o que é um sonho perturbado, o que é despertar alguém para o pesadêlo, Então, gemendo, esses vêrsos se movimentarão aos vossos olhos, pulsará sangue nessas veias, faiscará verdade e realidade nêsse canto.

E' que êsse amor provinha de quem-berço. O poeta no-lo afirma nestas sextilhas:

*Tanto para mim nacestes
Tanto para vós naci,
Que apenas me conhecestes
Ao meu amor vos rendestes;
No momento em que vos vi
Vosso escravo me senti.*

*Inda mais: tristonho andava,
Sem nada me esclarecer
De tudo que interrogava...
E' que eu já vos esperava
Ancioso e sem saber
Antes de vos conhecer.*

Mau grado essa predestinação o poeta se atordôa ao vê-la, acha impossível que esse arcanjo o adore, a elle, homem da Terra:

*Formosa dama, quando o olhar levanto
E o vosso olhar dulcíssimo diviso,
Penso que um anjo sois, do Paraíso,
Vindo por me vencer com seu encanto.*

*Fitais-me com tal vida e tal quebranto,
Mostrando tal ventura no sorriso,
Que abandonado temo ser do siso
Por me quererdes qual vos quero tanto.*

*Mas dura pouco a minha interna aurora,
Porque meu coração, si, extasiado,
Diante da vossa perfeição demora,*

*Vendo-me tão da terra, ao vosso lado,
Sendo vós tão do céu, temo; Senhora
Quem em mim pozesseis mal vosso cuidado.*

Ele ama-a. Eis o coração aflito, alvoroçado, aos desatinos. Vem-lhe a incerteza de ser amado e, auscultando o próprio coração, ouve-lhe as queixas contra a razão que o não livrou das traças da moléstia. E o poeta lhe responde neste mimo, digno de Bocage:

*Cuidoso coração desconsolado,
Quem pena sentirá da tua pena,
Si essa, que a tantos tratos te condena,
E' cega ou tal se finge ao teu cuidado?
Não te aconselharei, fôra baldado;
Nada agora teu animo serena
E o conselho é um consolo que envenena
A quem feriu de morte a mão do Fado.
Mas vejo que á Razão, doudo, procuras,
Preso a dona de um gesto peregrino,
Culpas lançar das próprias amargas.
Contra a força do amor quem se acautela?
Meia culpa — te vem do teu destino,
E outra metade — da belleza d'Ela.*

E ela o ama. Tem a certeza desse amor; falam-se, entrejuram-se, idealizam entre si o que idealizam todos os amantes. Mas, no melhor do sonho, chovem cinzas. Mãos ferozes roubam-lhe a mulher querida. Forçam-na a um casamento rico, arrancam-lhe o *Sin* de que fala o Poeta e ei-la noutros braços, perdida para sempre.

Para sempre, porque o poeta é nobre. Um cavaleiro de alta linha não se dobra á indignidade do adultério. Quer o sacrifício, prefere-o porque êle exalta; quer manter bem casta essa visão que lhe sobredoura a vida.

*Quando mais forte a penitência escura,
Que nos lançou nos ermos da agonia,
Nos pesava, — ser fragil — eu tentia
De nossa paciência a compostura.
Tantas vezes nos vimos na loucura
De perdê-la, tão mal nos defendia
De nós mesmos, que foi mistér um dia
Fugirmo-nos por tê-la mais segura.
Tudo fizemos pela castidade,
Não por satisfazer vãos preconceitos
Nem por vaidosa, hipócrita piedade*

*Mas por nós, por cumprir altos preceitos,
Conservando serena a magestade
Do amor, eterno e triste; em nossos peitos.*

E ei-lo solitário, entrando a mata muda, fugindo ao seu amor. Vêde como sofre.

*Da floresta no seio augusto e grave,
Na hora em que mais amargam minhas dores,
Entro em busca da paz que viça as flores
E enche de magestade a incerta nave.*

*De uma árvore gigante á sombra suave
Sentado escuto uma agua entre verdores,
É espero em vão, do mal para os rigores,
Ceu que os abrande ou bálsamo que os lave.*

*Espero em vão, porque, quanto prócuro
Incessante vencer em mim, consiste
No eterno recordar, ferrenho e duro,*

*Da maldição que sobre nós persiste:
Vós — feita escrava, eu — neste exílio obscuro
Solitário, vencido, enfermo, triste.*

Para manter, firme essa resolução, essa ambição de pureza, o poeta ausenta-se, vai curtir no êrmo sua

roxa, infinita, lânguida saudade.

Toda a segunda parte das *Folhas de um poema* é o desfiar de um pranto silencioso. Não suponhais porem que seja abatimento, quedas do orgulho, queixas de malaventurado. Não, que o espírito é soberbo, conserva no infortúnio e na prosperidade a *aquem mentem* que Horacio nos receita. Eis como se mostra na página final do livro.

*Embora pela dúvida ferido
Sempre firme e sereno me hão de ver;
Não mostro compostura de vencido,
Tenho orgulhos e glória em meu viver
E não me deixo súbito abater.*

*Fraqueza alguma ha de alterar-me os traços
Porque ha um só coração em dois pedaços
A palpitar em nós com o mesmo ardor,
E eu vivo a me guardar para os teus braços
Guardo-me todo para o teu amor.*

Vimos o livro, vimos a alma em sua plenitude, vimos a vida mesma do cantor. Não falemos de sua morte. Falemos ainda e sempre dessa vida que teve uma tragédia íntima, tragédia amorosa. As almas fortes querem lances dêsses para alimentar-se. Sofrimento é o vinho que lhes sabe. Marcham para o dissabor como sedentos para os mananciais. Si essa alma é poeta a magua acende, em suas noites, fogos de artifício e luminarias. Ela vê o Sonho, que o Sonho é a amargura da não realização. Crece, crece desmedidamente porque a sua condição vital se volve em aspirar. Sim! Viver não é ficar, é ir; não é equilibrar-se é turbilhonar; não é a contemplação, é a facinação. Eu vivo se o meu ser percêbe a força que o arrasta ou se êle mesmo é força arrastadora. Ha mais vida, muito mais, nas próprias quedas que no repouso. O universo inteiro é uma queda eterna; astros caem no vacuo; toda a natureza é uma ininterrupta degradação da Energia. Sem desmoronamentos não ha reconstruções, e a minha perfeição se mede pelo que houve em mim de aviltamento. Annibal Theophilo viveu, porque sofreu. Teve a glória de honrar tal sofrimento. Honramos o sofrimento exaltando-o, abençoando-o, defendendo-o, ouvi bem, defendendo-o contra a piedade alheia. O sofrimento verdadeiro e digno não se queixa, não tolera consolações, detesta a compaixão dos frívolos. Tem pudor, é supersticioso, é tímido.

Afronta o mundo inteiro e foge dêle, para a sua cela roxa impermeável á misericórdia dos mediocres.

Annibal viveu. Viveu e vive. Vive conosco, no seu livro, na perduração do seu amor. Vive, sinto que me ouve, que nos olha, que paira nesta sala, sobre nós, enchendo-a de seu espírito e de seu ideal. Vejo-o que vem, que se aproxima, que se materializa, que nos aparece em sombra, que nos beija.

Sombra amiga! Não me assustas. Amo o colóquio dos fantasmas. Nas minhas horas quietas alongo o meu espírito á Treva de onde vens e confabulo com as almas idas.

Deixa-me ver de perto a tua angustia, os vincos de teu rosto, as nódoas do teu sangue. Foste demasiadamente velho para êste mundo novo, trouxeste, da era antiga, o denodo e a lealdade; não podias vencer com êles a covardia humana; mas tiveste o insigne privilégio de ser integralmente o que devias ser, resalvando o teu caráter, o teu orgulho e o teu amor.

JOSE' OITICICA.



MANIFESTAÇÕES DO NACIONALISMO



OS espiritos afeitos a contemplação das coisas patrias, não é licito o descuido pela facilidade com que o nosso portuguez se deixa infiltrar de locuções e vocabulos estrangeiros. Se a lingua é o reflexo da alma de uma nacionalidade, essa falta de resistencia deve ser considerada como um symptoma alarmante de anemia racial. Os povos fortes, sabendo toda a gente, impõem o seu falar aos mais fracos com que convivem, — notando-se desde logo que *força* aqui não exprime sómente poder militar, mas tambem todas as qualidades que dão o predominio nas sciencias, nas letras, nas artes, na vida social e no mundo economico. Por outras palavras: abrange os elementos constitutivos da Civilização: cultura intellectual, perfeição moral, progresso material. Significa fraqueza consentir que o vernaculo se deturpe com formações alheias, intrusas no patrimonio que herdámos de Portugal e que devemos transformar, engrandecer, não malbaratear. Por atrazo, importamos tudo, idéas e coisas. Com o que nos vem pelo transatlanticos, forçosamente virão daquelles termos e daquellas expressões, que não possuímos e que não podemos traduzir. Houvesse mais energia, porém, e procuraríamos, não adoptal-os, mas adaptal-os, assimilando-os, aportuguezando-os. Por desgraça, conservamol-os integraes como kystos protuberantes na forma da nossa expressão. E' o que me entristece.

Mas não me desanima. Creio bem que atravessamos um periodo de transicção, desses em que o sújeito, pertur-

bado o seu organismo, soffre sem custo influencias extranhas. A lingua portugueza ainda é mais dos portuguezes do que dos brasileiros. Não reflecte bem os nossos sentimentos. Quando queremos ser expressivos e fieis, ao dizer de nós mesmos e das nossas coisas, temos que romper ou amolgar os moldes tradicionaes dos nossos avós, creando um idioma novo, que não seja discorde do novo mundo em que vivemos. Nem é possível que sigamos a mesma trilha se olhamos para o Futuro e elles olham para o Passado, se vivemos de esperanças e elles vivem de saudades. A nossa personalidade está ainda incompleta. Faltanos o verbo individual. Havemos de possuil-o, porém, num lento trabalho collectivo que não será a morte do portuguez, mas a sua carta de naturalização, de corpo e alma, afeiçaud-o ao *habitat* do Brasil.

Coelho Netto é, talvez, o escriptor brasileiro mais lido em Portugal, que, aliás, nos lê muito pouco. Para isso, porém, escreveu contos e phantasias em que se vêem tri-gaes, lezirias, azinhagas, pegas, consoadas, neves... coisas que não sentimos porque não conhecemos. Para nós tambem nada valem as rhapsodias e balladilhas, disposições elegantes de palavras que poderiam ter sido arrançadas por qualquer escriptor de qualquer lingua. Já nos interessam mais *O Morto* e *A Capital Federal*, que falam da nossa vida, no Rio. Melhor o comprehendemos, ainda, em *Miragem*, dum realismo tão exacto na descripção dos costumes do interior flumiense. Mas é em *Sertão* e *Treva* que o escriptor se põe em communidade espiritual com os leitores, estabelecendo-se a corrente de sympathia imprescindivel para que o artista se faça amar pelo seu publico. Nessas paginas, brasileirissimas, aprende-se a lamentar que viesse para o littoral e se despersonalizasse no cosmopolitismo da rua do Ouvidor quem, no matto, teria sido, em prosa, um grande poeta do nacionalismo. Ahi produziu elle o que de melhor se encerra na sua vasta obra desigual, o que mais applausos e emoção despertou.

Neste gosto dos brasileiros pelas coisas brasileiras, percebe-se a reacção do nacionalismo incipiente, que não é xenophobia porque não odeia o estrangeiro: é o mimetismo com que os povos defendem o seu caracter proprio. Devemos incentivar essa reacção, procurando generaliz-a principalmente porque ainda tem feição muito reaccionaria. Se somos um Paiz e um Estado, não somos ainda uma Nação. Nação é um conjuncto de homens da mesma raça ligados pela mesma lingua, pelas mesmas tradições, pelos mesmos interesses e pelos mesmos idéaes. Ora, não

é a mesma a raça do nortista, carregado de sangue africano, e a do sulista, mais mestiçado com o bugre e agora sujeito ao cruzamento com italianos, slavos e germanicos; não é a mesma a lingua, do Oyapoc ao Chuy, pois que um jagunço difficilmente se entenderá com um guasca; não são as mesmas as tradições, tendo-se formado o cearense na luta contra a Natureza, fazendo-se o mineiro na vida dos patriarchas biblicos em meio da fartura de um sólo propicio, crescendo o paulista a desbravar sertões como bandeirante ou plantador de café; não são os mesmos os interesses, tanto que S. Paulo é o pae rico do Brasil vadio e o Brasil o taxa de sangue-suga, emquanto que entre o Rio Grande do Sul e Pernambuco se trava a guerra de tarifas; não são os mesmos os ideaes... simplesmente porque não temos idéaes. Formam-se pequenas patrias, com um forte factor de differenciação: as grandes distancias sem relativos meios de transporte. Dahi diversos *nacionalismos*, que se denominariam *regionalismos* se se contrapuzessem. Mas não se contrapõem. Antes executam inconscientemente uma tarefa solidaria: a luta contra o estrangeirismo historico ou actual. O mal é que correm em linhas parallellas, quando deviam correr em linhas convergentes.

Tendemos para o desmembramento? Parece que não. Acima dos dialectos locaes ha sempre a lingua das classes cultas, que, bem ou mal, falam o portuguez; a questão, a grande questão, é que a ensinem ás classes incultas, tendo a realizar pelo espirito a unidade que obices materiaes difficultam. Acima das tradições de cada região, é possível crear as tradições nacionaes, que serão a somma daquellas accrescidas das que sejam do conjuncto, evidenciadas e embellecidas por prosadores e poetas que explorem com talento esse inexgottavel filão e delle extraiam o ouro com que dêem brilho á nossa historia. Acima dos interesses locaes, pôdem-se collocar os de vivermos todos integrados num grande Brasil civilizado em que cada qual aufira as vantagens da união que faz a força. Quanto aos idéaes, Rio Branco, já nos havia dado um: a hegemonia na America do Sul; retomemol-o ou adoptemos outro, mas, houvesse estadistas, o certo é que as aspirações nacionaes já teriam sido encaminhadas num impulso como o sonho da *révanche* que salvou da dissolução a França, o da unidade que creou a Italia moderna, o do dominio mundial que daria o sceptro á Allemanha sem a precipitação desastrosa da explosão militar.

O material ah: está, de primeira ordem. A massa já



é nacionalista. O escól o será também porque ninguém vive fóra do seu ambiente. Não se concebe a pompa sonora e colorida de D'Annunzio entre os nevoeiros de Londres. Como ficariam mal ao sol de Madrid os fantasmas que Ibsen faz moverem-se na meia-luz da Scandinavia! E quem admittiria o abnegacionismo de Tolstoi nos plethoricos Estados Unidos do *business is business*? Sobretudo nas letras é que é preciso ser romano em Roma. Brasileiro tem que ser quem quizer ser lido no Brasil.

Euclides da Cunha, ao lançar *Os Sertões*, obteve o maior exito dos ultimos vinte annos. Porque? O brilho cru' da fôrma, a originalidade da concepção, o imprevisto de cada pagina, de cada periodo, não bastam a explicar o successo do livro. E só podemos explical-o se buscamos ainda outro factor: a sua feição eminentemente brasileira, abordando um capitulo da historia nacional muito caracteristico e falando da nossa gente e da nossa terra. O jagunço e a caatinga, eis dois grandes collaboradores da gloria do cscriptor. Pintasse cllé paizagens exoticas e modelasse figuras peregrinas; seria o mesmo cerebro fau'lhante, scnhor do mesmo estylo novo, barbaro, expressivo, cnrodilhado, eloquente; mas não teria a mesma consagrada recepção que corôou a sua obra maxima.

Quem não leu *Inferno Verde*, de Rangel; *Ruinas Vivas*, de Alcides Maya; *Terra do Sol*, de Gustavo Barroso? Todos os lemos e, mais, os lemos com prazer, ficando-nos alguma coisa da sua musica, do scu perfume e do seu sabor. Inferiores em valor e em successo a *Os Sertões*, estabelecida a relatividade, encontramos causas identicas e identicos effeitos: nessas obras, também, foi o nacionalismo quem venceu. Anda por ahi uma terrivel sêde do que é nosso...

O leitor brasileiro está enfarado de traducções do francez, confessadas ou fingindo de originacs. Por outro lado, já não supporta o ranço do lusitanismo valetudinario, mesmo apresentado em vasos novos. A literatura européa, se produz refinamentos que dão gosos espirituaes aos refinados daqui, não agrada, não satisfaz á generalidade, mesmo que nella só incluamos os que estão acima da média da cultura nacional. Refiro-me, é claro, á literatura de ficção, destinada a falar também ao sentimento. A que fala exclusivamente ao espirito, mais ou menos philosophica, cssa tem leitores em toda a parte, como os têm os monumentos cuja grandeza excedem os limites das fronteiras para screm entendidos por toda a humanidade. Um meio que ignorou Farias Brito, não produziria Spencer nem to-

leraria Bergson. Não ha prata da casa para substituir a baixella em que nos tem que ser servido, já prompto, o cuscuz de sabedoria que só os millenios puderam accumular em formações successivas. Abaixo das eminencias do pensamento ha, entretanto, uma zona em que exigimos o tom e o som inconfundiveis do Brasil. A prosa de Gorki, os versos de Kipling, o theatro de Bernstein, a musica de Wagner, tudo tem um lugar em todo o Mundo. Mas então é melhor lêl-os ou ouvil-os directamente, bebendo a lympha na propria fonte. As contrafacções são insupportaveis. E, principalmente, enfadam pelo abuso. Foi o abuso com que nos vieram propinando exotismos que nos accendeu a ancia de conhecer e amar o que é nosso, typicamente nacional. Esta marca é condição da victoria.

Alencar já o comprehendera. Primeiro lançou mão do indianismo, contrapondo-o immediatamente ao lusitanismo. Logo, percebeu, porém, o exaggero, o erro de pensar que o contrario do portuguez era o índio: quatrocentos annos não haviam passado innocuamente sobre um paiz em que o conquistador europeu se fundiu com o elemento autochotne e para o qual trouxe grandes levas de africanos. Volveu, então, ás resultantes, sem se embaraçar com a sua diversidade: diversificou-se tambem, dividiu-se para ser uno. Não querendo ser nortista, carioca ou sulista, mas brasileiro, escreveu *O Sertanejo*, com o tabaréo cearense; *O Gaucho*, com o centauro dos pampas; *Til*, com o caipira de São Paulo; *Sonhos d'Oiro*, com o fazendeiro do valle do Parahyba, que era, com o senhor de engenho de Pernambuco, o typo mais representativo da nossa aristocracia exclusivamente agricola; *Diva e Senhora*, com personagens da Côte; e, nas *Minas de Prata*, plantou as raizes da tradição; certo por julgal-as necessarias a um povo, fazendo-as viver na Bahia, cellula-mater da nacionalidade, sua Capital primitiva. E por isso é que foi brasileiro, não por haver escripto *Ubirajara e Iracema*, lindos poemas sem rima que Chateaubriand podia ter concebido e executado em Paris, cantando heróes e deusas com ligeiros conhecimentos de uma raça desconhecida...

Fiquemos mais demoradamente no nosso caso de paulistas. Nenhum livro de Alencar nos fala tanto á alma e ao coração como *Til*. Outros serão mais grandiosos ou mais musicaes. Aquelle, no emtanto, tem por scenario a confluencia do Atibaia com o Piracicabá e em suas paginas encontramos velhos nossos conhecidos: João, capanga; nhá Tudinha, a doceira prendada; Chico Pinta, o caboclo farrão e covarde; Tinguá, o vendeiro sorna e malandro. O



mesmo succederá em cada região com cada livro respectivo. E desde que paulistas, riograndenses, fluminenses, cariocas, cearenses e bahianos considerem Alencar legitimamente seu, é claro que em conjuncto o consideramos legitimamente nosso, isto é, brasileiro.

Continuemos ainda em São Paulo. Qual é, nos tempos mais recentes, o maior successo de livreria, sem falar no successo puramente literario porque não vem ao caso? Sem contestação, *Urupês*, que já tem a exgottar-se a terceira edição. É um livro integralmente paulista. Antes d'elle, quem não se deleitou com os versos, por signal toscos, da *Alma Caipira*, de Cornelio Pires? E liam-se com prazer as *Le-reias*, de Valdomiro Silveira, embora os termos caipiras se torneassem em phraseado classico e as personagens por pouco escapassem de ser classicas tambem...

O *folk-lore* paulista é insignificante. Consola pensar, porém, que foram centenas as contribuições trazidas ao concurso aberto sobre o *Sacy Pererê*. Mais numerosas, ainda, as *Historias de Caçadores*, outro interessantissimo concurso. O mesmo entusiasmo despertarão, por certo, novas tentativas relacionadas com o *caapora*, com as quadrinhas populares, com as anecdoctas exclusivas da gente regional. Experimente-se, para vêr.

Vamos aos theatros. O que mais attráe não são as operas immortaes, os dramas celebres, as comedias consagradas e os *vaudevilles* famosos. São as peças, qualquer que seja o seu genero, em que entre o caboclo. Para exemplo, *A Caipirinha*, de Cesario Motta; maior secretario do Interior do que comediographo, ao contrario de outros que são pessimos secretarios e optimos comediantes, teve elle ainda a desventura posthuma de representar-se a sua peça mediocre com actores cujas vestes a character envolviam portuguezes authenticos; assim mesmo, para ouvil-a, as platéas se encheram numerosas vezes. Se esse exemplo não bastasse, citar-se-ia a mais o cardume de revistas de anno que, ainda quando idiotas, logram triumphos com a condição de pôrem em scena o coronel fazendeiro com a competente esposa e a respectiva prole, mais a criada. Uma *conferencia* de Cornelio Pires ou uma *modinha* de Catullo da Paixão têm sempre ouvintes. A questão é que seja brasileiro o espectáculo.

Ha muito já o maxixe não era a isca infallivel dos successos theatraes. E' que tambem a musica nós a queremos nossa. Num terreno mais elevado, de Carlos Gomes só, conhecemos e applaudimos o que é nacional. Foi o *Cate-reitê Paulista* que fez o renome de Alexandre Levy, como



Um caso colonial, do sr. Carlos de Campos, ainda sôa em muitos ouvidos, que não guardaram outros accôrdes da misera Euterpe indigena. Cumpre notar aqui um facto expressivo: musicos de fama computeram uma duzia de hymnos patrioticos e marciaes, imponentes, — e o povo os ignora; appareceu a *Canção do Soldado*, em que Marte não se peja de misturar o passo de ganso com o passo de maxixe, — e não ha quem não a saiba, não a assovie e não a cantarele; vibramos ao ouvil-a, e em nós quem vibra é o brasileiro que á melancolia do *fado* deu o rythmo do *cateretê* com a lascivia do *sambã*.

Noutras artes, o mesmo aspecto, como uma lei constante na variedade dos phenomenos. Almeida Junior não é mais exacto do que Pedro Alexandrino nem mais technico do que Oscar Pereira da Silva. Mas é paulista. Pintou *Caipira picando fumo*, *Caipira negaceando*, *Amolação interrompida*. Os modelos não eram authenticos? Não importa. Eil-o proclamado, sem conflictos, o primeiro pintor de S. Paulo.

Em qualquer roda, mais que outras, despertam attenção e provocam riso as anedotas do caipira, apresente-se o protagonista como ingenuo ou finorio. O mesmo se dá com o italiano, emquanto que as antigas pilherias relativas ao portuguez nos deixam indifferentes, como succede nos nossos theatros, alheios á graça que possa ter, no Rio, *seu Manoel da Venda*. As chronicas e versos em *macarronico* (um novo dialecto...) e assim os Cappalungas postos em scena, são tão bem acolhidos em S. Paulo quanto a litteratura do mesmo genero, mas caricaturando o allemão, é apreciada no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

Parece que ha aqui uma contradicção, uma prova em prejuizo do desenvolvimento do nacionalismo. Não ha, entretanto, se quizermos vêr os factos sem os oculos do preconceito. Contradicção haveria se nacional fôsse só o que se deriva do portuguez, do indio e do negro. Mais propriamente, porém, deve-se considerar nacional o que se derive das raças, sejam quaes fôrem, que estejam contribuindo para a formação da nossa. Em S. Paulo temos um milhão de italianos e outro de italo-brasileiros. Os elementos componentes do nosso povo não são hoje os que eram ao proclamar-se a Republica, e muito diversos os teremos dentro de duas ou tres gerações, quando se intensificar o cruzamento que só agora se vae fazendo em larga escala. O interesse pelos italianos, deformados por acção do meio, e pelos seus filhos, ainda não de todo affeito a elle, — e assim todos um pouco caricaturaes, — é um indicio da in-





Um pensamento triste

Óleo de J. M. Campião



Achado cruciante

Oleo de J. M. Campão.

fluencia do seu sangue na raça em que se transfunde. Não desmente, pois, a minha these nacionalista. Ao contrario: attesta que nós nos consagramos á nossa vida tal como se nos ella apresenta.

Deturpamos a lingua com estrangeirismos. Vestimos, os homens, á moda de Londres, e as mulheres, á moda de Paris. Comemos á franceza quando queremos parecer cultos aos convivas. Se cuidamos do corpo, é em desportos britannicos, e se cuidamos do espirito é em jornaes e revistas que mais tratam de assumptos de lá fóra do que dos de cá dentro. A este respeito, os nossos carissimos irmãos do Prata têm muita razão quando nos fazem retrogradar a escala da evolução e nos dão attributos dos nossos avós segundo Darwin. Mas apesar de tudo, o nacionalismo aponta como cipó entre perobeiras, lança as suas cordas para a ramaria, enfolha-se e floresce por sobre as copas, buscando o seu lugar ao sol. Lateja em cada veia do corpo brasileiro. Seu predominio impõe-se muito pouco ainda, cada vez mais, porém. E o progresso constante leva á victoria final.

Tudo isso indica que a raça, por agora feita de alluviões, se vae estratificando. A's camadas superpostas ha seculos, outras vão adherindo, na torrente immigratoria. Caldeal-as é função do tempo, e o essencial é que se caldeiem para assumir feições characteristics, exteriorizando uma consciencia individual. A força de baixo para cima é nesse sentido. Poetas, prosadores, jornalistas, mestres-escolas, todos devem favorecel-a, podem retardal-a e têm que obedecer-lhe, agindo sobre as massas, mas soffrendo a sua reacção. Ou terão que escolher entre o despreço e a incomprehensão.

As cordas spirituaes e sentimentaes da nacionalidade só vibram em unisono com as almas e os corações afinados pelo seu diapásão.

RUBENS DO AMARAL





O LUZEIRO AGRICOLA

I



SIZENANDO Capistrano é inspector agricola do centesimo districto. Incumbe-lhe estudar, guiar, fomentar a lavoura, amamentar a pecuaria, elaborar relatorios, ensinar o uso de machinas agricolas, preconisar a polycultura, combater a rotina c, ao fim de cada mez, perceber na collectoria a realidade de 700 mil reis.

Antes de inspector Capistrano foi poeta. Cultivou as musas (não a *musa* bananeira, mas a grega Polymnia); não sabia que cousa era um pé de café, mas entendia de pés metricos, pés quebrados, e fazia pés d'alferes a todas as divas do Parnaso. Tal cultura, entretanto, emmagrecia-o. A sua producção de hendecasyllabos, alexandrinos, quadras, odes, sonetos, poemas, vilancetes, eglogas, satyras, anagrammas, logogriphos, charadas novissimas e enigmas pittorescos, comquanto copiosissima, não lhe dava pão para a bocca nem cigarro para o vicio. A pallidez de Capistrano, sua cabelleira á Alcides Maia, sua magreza á Fagundes Varella, seu *spleen* a Lord Byron, suas attitudes fataes ao envez de lhe aurcolarem a face de um nimbo de poesia, commiseravam o burguez, que ao vel-o deslizar como alma penada pelas ruas, horas mortas, de mãos no bolso e olho nostalgicamente ferrado na lua, dizia condoido:

— Não é poesia, coitado, é fome!

Os editores artilhavam a cara de carrancas más quando Capistrano lhes surgia escriptorio a dentro, sopesando a arroba de versos primorosos candidatos a edição.

— São versos puros, senhor, versos sentidos, cheios d'alma. Virão enriquecer o patrimonio lyrico da humanidade.

— E arruinar o meu patrimonio economico — retorquia a fera. De lyrismo bastam-me aquellas prateleiras que editei no tempo em que era tolo e que se não vende nem a peso.

— O' vil metal! murmurava o poeta, franzindo os labios num repuxo de supremo enojo. O' mundo vil! O' torpe humanidade! Em que te distingues, Homem, rei grotesco da creação, do suino toucinheiro que espapaça nos lameiros? Manes de Juvenal! Eummenides! Musas da Colera! Inspira-me versos de fogo onde apu'e té os penetraes da alma este verme orgulhoso e mesquinho! Baudelaire! dae-me os teus venenos...

— Rapazes, berrava o livreiro á caxeirada, ponham-me este vate no olho da rua!

O poeta ante o *manu-militari* irretorquível, tomando a papelada lyrica, muscava-se para a zona neutra da calçada, onde, readquirida a nobre altivez, objurgava para dentro da loja hostile:

— A Posteridade me vingará, javardos!

E sacudia á porta o pó das sandalias, que no caso eram surradas e já risonhas botinas de bezerro.

Em seguida remessando para traz a cabelleira, num repellão, ia fincar-se sinistramente á esquina proxima, em torva attitude, á espera dum conhecido esfaqueavel a quem extorquisse um nickel com gestos soberbos á Cyrano de Bergerac.

Cançado, porém, de ouvir estrellas em jejum, de amar a lua no ceu sem possuir um queijo na terra, ouviu a voz sensata do estomago e quebrou a lyra, para viver.

Metteu a tesoura nas melenas, deu tal qual brilho aos sapatos com esfregações de casca de banana, desfatalizou o semblante, substituiu o ar vago e absorto pelo ar avacalhado do pretendente e, á força de cartas recommendaticas, guindou-se ás cumeadas do Morro da Graça. Todo o mundo o recommendou ao Gau'cho Omnipotente porque todo mundo andava farto daquella permanente fome lyrica a deambular pelas ruas, caçando rimas e filando cigarros. Que fosse acarrapatar-se ao Estado. O Estado é um boi gordo, semelhante áquella estatua equestre de Hindenburgo, feita de madeira, onde os allemães pregavam pregos de ouro. A differença está em que, no Estado, em vez de tachas de ouro, pregam-se Capistranos vivos.

Foi apresentado ao Pinheirão.

— Então, menino, que quer?

— Um empreguinho qualquer que Vossa Omnipotencia haja por bem conceder-me.

— E para que presta você, menino?

— Eu? Eu... fui poeta. Cantei o Amor, a Mulher, a Belleza, as manhãs côr de rosa, as auras boreaes, a Natureza emfim. Romantico, embriaguei-me na Taverna de Hugo. Classico, bebi mel do Hymeto pela taça de Anacreonte. Evoluindo para o parnasianismo, burilei marmores de Paros com os cinzeis de Heredia. Quando quebrei a lyra, ascendia ao cubismo transcendental.

Sim, general, sou um genio incomprehendido, novo Ahasverus a perlustrar todas as regiões do Ideal em busca da Fôrma Perfeita. Qual Prometheu, vivi atado ao potro da *Inania Verba*, onde me roeu o Abutre da Perfeição Suprema. Fui um Torturado da Fôrma...

O general, que era amigo das bellas imagens, illuminou o rosto de um sorriso promissor.

— Poeta, disse, eu tambem sou poeta. Rimo homens. Componho poemas heroe-comicos. Conheces a Hermeida? E' obra minha. Amo as bellas imagens. Tenho lançado algumas immortaes. A mulher de Cezar! Os levitas do Alcorão! Hein? Tu me cahiste em graça. Acolho-te sob o meu pallio. Que queres ser?

— Inspector.

— ... de quarteirão?

— Isso não.

— Agricola?

— Ou avicola...

— De que região?

— Não faço questão.

— Sel-o-ás do centesimo districto; conheces as culturas ruraes?

— Já cultivei batatas grammaticaes.

— E de pecuaria entendes? Distingues um zebu' d'um gallo Brahma? um matungo d'um murzello?

— Já cavalguei Pegaso em pello!

— Conheces a suinocultura? Sabes como se cria o canastrão?

— Sei trincal-o com tutu' de feijão.

— E's um genio, não ha que ver. Talvez faça de ti, um dia, presidente da Republica. Como é o teu nome?

— Sizenando, Capistrano é sobrenome.

— Cá me fica. Vae, que estás ahí estás fomentando a agricultura como inspector do centesimo districto, com 700 bagos por mez. Os poetas dão optimos inspectores agricolas e tu tens dedo para a coisa. Vae, levita do Ideal!...

* * *

Eis como Sizenando se achou um dia transfeito em luzeiro scientifico, a illuminar, qual possante holophote agricola, uma grande zona do paiz.

II

Sizenando Capistrano, mal se pilhou transformado de famelico ouvidor-mór de estrellas em peça mestra do Ministerio da Agricultura... casou, luademelou tres mezes e, ao cabo, compareceu perante o ministro, para saber em que rumos nortear a sua actividade.

O ministro refranziu a testa: é tão difficil arranjar occupação para os phosphoros ministeriaes... Pensou um bocado, e:

— Escreva relatorios, desembuchou.

— Sobre que, Excia.?

— Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A função capital do nosso ministerio é produzir relatorios de arromba, sobre o que ha e o que não ha. Relate.

— Mas Excia., eu desejava ao menos uma suggestão emanada do alto criterio de V. Excia. sobre que materia devo organizar o relatorio que a bem dos magnos interesses da lavoura V. Excia. com tanto tino me incumbe de escrever...

— Já lhe disse: sobre qualquer cousa que lhe dê na veneta. Relate, vá relatando e depois me appareça.

Sizenando sahiu encantado com os processos expeditos do Dr. Grifado com assento na pasta, e passou tres mezes de papo ao ar, procurando uma these conveniente.

Como por essa época a lua de mel lhe entrasse em plena mingunte houve certo dia rusga brava ao jantar, e a consorte, mulherinha de verruga no nariz, pespegou-lhe pela cara com um prato de salada de beldroega.

Tal o celebre estalo que abriu a intelligencia do Padre Antonio Vieira em menino, aquelle obuz culinario teve a estranha acção de illuminar os refolhos cerebraes do inspector.

— Eureka! berrou radiante, e com um grande riso de goso na cara emplastada d'herva e unto ergueu-se da mesa ás pressas, rumo do escriptorio. A mulherinha, entre coletrica e pasmada, perguntava de si para si:

— Estará louco?

Sizenando deitou mãos á tarefa, e levou a cabo um estudo botanico-industrial da hervinha com afan tal que, transcorridos dez mezes, dava a prélo o «Relatorio sobre o *Papalvum braziliensis*, vulgo Beldroega, e a sua appli-



cação á culinaria». O anno seguinte gastou-o em rever as provas do calhamaço, a modo de escoimal-o dos minimos vicios de linguagem. O antigo torturado da Fôrma resurtia ali. Sahiu o relatorio obra papafina, optimo papel e muitas gravuras illucidativas. Entre estas, em bello destaque, os retratos do Ministro, do Director de Agricultura, do Marechal Hermes, então no apogeu, do tenente Pulcherio, do Frontin, do Pinheiro e mais protuberantes paredros do momento. Prompta a edição, embarçou-se Sizenando quanto ao destino a lhe dar.

Que fazer de tanta beldroega?

Foi ao ministro.

— Excia., de accordo com as sabias ordens de V. Excia., venho communicar a V. Excia. que se acha prompta a edição do Relatorio sobre o *Papalvum*.

— Que papalvo? que relatorio? inquiriu o ministro deslembado.

— O que V. Excia. incumbiu-me de escrever.

— Quando?

— Haverá dois annos.

— Não me recordo disso, mas é o mesmo. Mande a papelada para o forno de incineração da Casa da Moeda.

Sizesando abriu a maior bocca deste mundo. O ministro comprehendeu aquella estuporação e sorriu.

— Então? Que queria V. que eu fizesse de 5.000 exemplares de um relatorio sobre a Beldroega? Que o puzesse á venda? Ninguem o compraria. Que o distribuisse gratis? Ninguem o acceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste ministerio, o mais pratico é passar a edição directamente da typographia ao forno. Isso evita a maçada de preoccuparmos com ella e tel-a por ahi a atravancar os archivados. Não acha V. que é o mais razoavel? Vá, retire os que quizer e forno com o resto.

— E depois, que devo fazer? indagou Sizenando, inda tonto do expeditismo ministerial.

— Escreva outro relatorio, respondeu sem vacillar o ministro.

— Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspector.

— Está claro, homem! Para que diabo dispendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatorios novos. Deste modo se conservam em actividade perpetua o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministerios. Veja V. como é sabia a nossa organização administrativa! A

creação do forno foi a melhor ideia do governo passado. Antes d'elle a Imprensa Nacional vivia entulhada de impressos, a produção de relatorios, funcção capital deste Ministerio, periclitava, e era tudo uma desordem, um desequilibrio capaz de induzir o governo á suspensão da Imprensa e do meu Ministerio. O Forno sanou a situação. O *fervet opus* é magnifico, a espada de Damocles foi arre-dada de sobre nossas cabeças. Hein? Vá, escreva outro relatorio, sobre... sobre... o carúru' por exemplo.

Sizenando deixou o gabinete meditativo. S. Excia. der-rancara-o!

Viu com dor d'alma as chammas no Forno lerem aquelle relatorio tão bem acabadinho, tão de encher o olho... E sacou 6 mezes de licença com vencimentos, para descansar.

Exgottada a licença, ia Sizenando começar a pensar em se preparar para escolher o papel e a tinta com que relatasse o carúru' quando o Dr. Grifado apeou da minis-trança. Sizenando deixou que transcorressem mais 6 mezes, ao termo dos quaes se apresentou ao novo titular para lhe sondar a orientação. O novo ministro era um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, ex-chefe de policia e tão entendido em agricultura como em archeologia inca. Mas lera uns numeros das «Chacaras e Quintaes» abeberando-se ali de umas tantas noções vagas sobre avicultura, poly-cultura, apicultura, criação de canarios, etc. Fez dessas *uras* o seu programma. No discurso de apresentação, ao em-possar-se no cargo, emittiu os seguintes conceitos, louva-dissimos pelos circumstantes, empregados do Ministerio na maioria e verdadeiras hortaliças em materia agricola.

— A monocultura, srs., é o grande mal; a polycultura é o grande bem; no dia em que produzirmos cebola, alho, batata, repolho, coentro, alpište, alfafa, cerefolio, grão de bico, tremoço, quiabo, espargo, espinafre, alcachofra...

(Um arrepio de entusiasmo percorreu a espinha dos assistentes, que se entreolharam gozosos como quem diz: temos homem pela proa!)

— cebollinho, couve-flor, sorgho, soja amarella, centeio, aveia, figos da Thracia, uvas de Corintho, violetas de Parma...

— Bravissimo!

— ... violetas de Parma... violetas de Parma... vio-letas (caroço) e outros cereaes europeus (vermelhidão no rosto), a prosperidade nacional assentará num soclo grani-tico do qual não a arrancarão as mais rijas rajadas dos vendavaes economicos. Conduzir a patria a essa Chanaan

da polycultura: eis a mira permanente dos meus esforços, eis o meu programma, eis o supremo fim collimado pela minha actividade. Espero, pois, que, etc., etc.

Palmas, bravos, guinchos, silvos e outros sons denunciadores dum enthusiasmo alçado a grão de ebulição estrugiram pela sala. O ministro foi abraçado, e beijado — nas mãos.

Aquelle salvava a patria, não havia a menor duvida!

III

O novo ministro da Agricultura era positivamente uma aguia, igual ás anteriores. A Praia Vermelha nunca foi poileiro, mas alcandora — sobretudo na opinião dos jornaes independentes, — que lhe publicavam os editaes.

Tinha programma. Visava confundir a rotina monocultora com demonstrações praticas das magnificencias da polycultura mechanica.

Sizenando recebeu ordem de ir desempégar a centesima região do atascal da rotina. Aquella gente ainda vivia em pleno periodo da pedra lascada do café, e era mister tangel-a á estação aurea da polycultura, da avicultura, da sericultura, da criação de canarios hamburguezes, etc., preluzida no discurso do ministro.

Chegado á séde do districto, com sequito numeroso e abundante ferragem mechanica, Sizenando distribuiu convites para a inauguração dum curso pratico. Escolheu para campo de demonstração um «rapador» a um kilometro da cidade, onde, no dia emprazado, se reuniram os convivas, Veio o prefeito municipal, o porteiro da Camara, o collector federal, o promotor publico, tres jornalistas, quatro professores, o director do grupo escolar com a meninada, o vigario da parochia, o fiscal da illuminação publica, o zelador do cemiterio, o carcereiro, um guarda-chave da Central, cinco inspectores de quarteirão, o delegado, o cabo do destacamento, e *um* fazendeiro recém despojado da sua propriedade por dividas.

A turma docente e os bois do arado formavam um grupo á parte.

Sizenando trepou a um cupim e pronunciou breve allocação sobre a personalidade sobreexcellente do ministro e sobre o papel dos novos methodos racionaes na agricultura moderna.

—O novo methodo é baseado na sciencia pura. Vem dos laboratorios, de braço dado á chimica. Começarei pela ex-

posição do arado ou charrua, a pedra angular de todo progresso agrícola. Sr. primeiro arador, arado para a frente!

Despegou-se da turma um capataz que empurrou para perto do cupim tribunicio um bello arado de discos.

Rodearam-no os circumstantes como a um animal raro.

— Eis, meus senhores, um arado de disco. Esta parte se chama cabo; esta é a roda, serve para rodar; estas rodellas são os discos, servem para sulcar a terra; este ferriño é a manivela graduadora; este pauzinho é o balanço. Aqui se atrelam os bois e cá toma assento o conductor.

Explicou depois o seu funcionamento.

— Vejamol-o agora em acção. Sr. primeiro conductor de primeira classe, atrelar!

Adiantou-se du turma um carreiro e tangeu os bois para a machina, jungindo-os á canga.

Os assistentes riram-se. Acharam graça no Thomé Pichorra que nunca fôra senão o Thomé Pichorra, carreiro, transformado em primeiro conductor de primeira classe!

Era de primeirissima!

— Sr. primeiro arador, arar!

O primeiro arador saltou á boléa e empunhou as manivelas. O primeiro conductor aguilhou a junta de bois.

— 'amo Bordado! Puxa Malhado!

Os dois caracu's moveram-se pesadamente.

A terra sulcada pelo ferro abriu-se em leivas. Sizenando exultou.

— Vejam, srs., que maravilha! Faz o trabalho de vinte homens além de que deixa a terra desatada, com grande receptividade para a meteorisação atmospherica, o que equiva a uma adubação copiosa.

Este pedacinho encantou sobremodo o zelador do cemiterio, que não conteve um sincero *muito bem!*

Sizenando agradeceu com um gesto de cabeça. O arado deu umas tantas voltas e emperrou. A banda de musica para disfarçar a entaladella requebra o *Vem cá mulata*. E terminou a primeira parte da demonstração.

A segunda consistiu no destorroamento e gradeamento da terra, feito com o mesmo apparatus da primeira.

Havia primeiro destorroador, e primeiro gradeador. Um mimo de hierarchia!

Ao terminar a banda zabumbou um tanguinho.

A terceira parte foi absorvida pelo plantio de cebolas, batatas, alho, alfafa e mais salvações nacionaes.

— Os senhores verão, concluiu Sizenando, que maravilhosa messe vae brotar, farta, deste torrão safaro e ingrato, só porque applicamos, summariamente, os proces-

sos modernos da cultura racional, os quaes centuplicam a producção diminuindo o trabalho. A machina agricola é a verdadeira alavanca do progresso!

— Protesto. A alavanca do progresso sempre foi a imprensa, contraveiu um jornalista cioso da velha prerogativa.

— Será, retrucou Sizenando, mas se uma, a imprensa, alçaprema o progresso moral, a outra, a machina agricola, alçaprema o progresso material!

— Bravissimo, rugiu o zelador do cemiterio, inimigo pessoal do Zé Tesoura, isso é que é!

— Sim senhor, muito bem, grunhiram outros.

Capistrano, rubro de gozo pelo feliz successo da tirada, espichou o dedo para a philarmonica pedindo o hymno.

A banda escorchou a velha patriotada de Francisco Manuel. Desbarretaram-se todos. Capistrano, erecto sobre o pedestal de cupim, immobilisou-se em attitude de religiosa unção, d'olhos postos no futuro da patria.

A' derradeira nota poz fim á festa com um escarlate viva á Republica com tres *rr* pelo menos.

Acompanharam-n'ò, como um echo, o collecter, o zelador, o agente do correio e mais funcionarios federaes demissiveis, além dos bois, que mugiram.

* * *

Mezes mais tarde procedeu-se á colheita. As cebolas haviam apodrecido na terra devido ás chuvas; os alhos vieram sem dentes, devido ao sol; as batatas não foram por diante devido ás vaquinhas; as outras «polyculturas» negaram fogo devido ás sau'vas, á queni-quem, á geadá, a isto e a mais aquillo.

Não obstante, seguiu para o Rio um soporoso relatório de 300 paginas onde Capistrano entre outras maravilhas dizia: «Os resultados praticos do nosso methodo demonstrativo *in locu* têm sido verdadeiramente assombrosos! Os lavradores acódem em massa ás licções, applaudem-n'as com delirio e, de volta ás suas terras, lançam-se com furor á cultura poly, em tão boa hora lembrada pelo claro espirito de V. Excia. O sr. ministro póde felicitar-se de ter aberto de par em par as portas da idade de ouro da agricultura nacional.»

Os jornaes transcreveram com gabos estes e outros pedacinhos de ouro. E o sr. Affonso Celso, consta, encheu-se de mais um bocado de ufania pelo seu paiz...

1914.

MONTEIRO LOBATO.



QUÉDAS DE ÁGUA

*A agua para subir é preciso descer:
Se a queda é mais profunda é mais alta a subida
— Para a queda ser grande ha-de vir do dever!*

*Em montanha encantada uma agua embevecida
Souhava, recebendo as honras que alcançara
Não do proprio valor, mas da origem da vida.*

*Era, naturalmente alta, serena e clara:
Só reflectia o Céu, nunca espellára a Terra
— Não conhecia o goso e a dor de quem compára.*

*Não conhecia a dor e o goso de quem erra
Crendo que acerta, numa illusão bemfazeja
— E sonha em plena paz, e accorda em plena guerra!*

*Não conhecia o goso e a dor de quem deseja
E aspira e quer e exige e sóbe! e quando alcança,
Larga-se, e vai reerguer-se alem! — Gloria lhe seja!*

*Ah! vem das quedas da agua altruista que se lança
De desmoronamento em desmoronamento,
De ascensão a ascensão, a energia, a abastança!*

*Ah! vem das quedas da agua heroica o movimento
Que expande a luz, carrega o som, produz o impulso
— Quedas de agua de orgulho e de enternecimento!*

*E esta agua que jamais teve um gesto convulso,
Tambem não foi jamais feliz, á dor extranha,
No seu modo de vida egoisticamente insulso.*

*Mas, um dia, acordou na encantada montanha,
Teve o ímpeto, a intuição de subir de ascender!
E exaltou-a uma voz que os bravos acompanha:*

— «A agua, para subir, é preciso descer!»

*A agua, para subir é preciso descer.
E a agua se despenhou, despenhou-se cantando
— Só no Ideal de reerguer-se acudindo ao dever!*

*Voavam pelo Infinito as illusões, em bando...
Perecia mais alta a montanha encantada...
E a agua sempre descendo, e sempre idealizando:*

*la fertilizar, humidecendo, em cada
Fenda de terra um grão — e, assim, floresceria,
Aquella outra montanha, ao seu gesto de fada!*

*Aquella outra montanha, esteril, sem Poesia,
la ser transformada em montanha fecunda!
E a agua descia dia e noite, noite e dia.*

*A agua é como a alma, quando é do idealismo oriunda:
Pois não mede ao descer, no triumpho que anlegosa,
Que mais custa elevar-se a quem mais se aprofunda!*

*E não se fez tardar a reação dolorosa:
Que estranheza de luz e de altura e de ambiente
— Que saudade do sonho excelso, côr de rosa!*

*Que saudade do sonho ingenuo transparente,
Que estranheza de luz e de ambiente e de altura
Na mudança de ser e de agir, de repente!*

*E aquella agua, serena outrora, inda era pura
Na intima exaltação da duvida, no anceio
De aprofundar-se e, após, reerguer-se, ah! que tortura!*

*E se perdesse a força, e se parasse em meio
Da existencia, agua inerte, a gloria a desmentir?
E aquella voz profunda exhortal-a inda veio:*

«— A agua, quanto desceu, é capaz de subir!»

*A agua quanto desceu é capaz de subir.
E a agua se reanimou, reanimou-se conjiante
— Olhou para o passado, e olhou para o porvir.*

*O valle era o presente apenas, era o instante
Em que se condensava a alma, o ponto de apoio
Indispensavel para o arrojo edificante!*

*Se esta agua não trouxera um destino de arroio,
Naturalmente havia assim de despenhar-se
Para erguer-se por si, cristallina, seni joio!*

*Para erguer-se por si, glorioza, sem disjarce,
A agua é como a alma: vai denunciando a vergonha
Que encontra, e faz que a selva o manto escuro esgarce!*

*Depois vem a reacção, a extranheza medonha!
E a agua é como a alma ainda: embora se aprofunde
Eleva-se — por mais que medite, a alma sonha!*

*E, por mais que se exponha, ella não se conjunde:
E' sempre a mesma alma, é sempre a alma incolume, a alma
Que olha mais limpida o celeste mappa-mundi!*

*Assim de lucta em lucta, exteriormente calma,
Depois de aprofundar-se, a agua a altura reassume,
E, acudindo a montanha, a mão piedosa espalma.*

*Já floresce a montanha, exhalando perfume,
Fructifica! E a agua, então começa a reflectir:
«Não é só isto, não! o Ideal não se resume!»*

*E ella escuta: (esquecendo a reacção do porvir,
E o proposito de jamais se aprofundar)
«A agua, quanto desceu é capaz de subir!»*

— Para subir ao Céu, has-de descer ao Mar!

*Para subir ao Céu has-de descer ao Mar.
E a agua se despenhou de novo, despenhou-se
Só no Ideal de attingir a abobada estellar!*

*Talvez fosse ambição talvez vaidade fosse.
Mas, bemdicta a ambição e bemdicta a vaidade
Que, a um forte impulso honesto, a idealidade trouxe!*

*Ah! bemdicta a ambição que attende á idealidade:
Que esquece a dôr passada, e aspira á nova lucta
Não deixando que a inercia um só momento enfade.*

*Ah! bemdicta a vaidade ingenua e não corrupta
Da alma que aspira ao Céu, e, embora nunca o alcance,
Jamais descrê do Céu — Não troca de conducta.*

*Assim, de vaga em vaga, assim de lance em lance,
A agua ás nuvens chegou, e em nuvens se converte,
E as auras dizem logo: «Ella talvez descance...»*

*Engano! a agua é como a alma: embora se lhe offerte
Nas nuvens o repouso, aspira ao Infinito
— Na lucta é mais feliz, não póde ser inerte.*

*A gloria falsa não a illude; ao Céu bemdicto
Continua a aspirar... e, muitas vezes, quasi
Enlouquece de dôr, em tempestuoso grito:*

*«Oh! Infinito! oh! Céu! o Firmamento é a base,
Onde, então, me firmar; se a base é inatingível?!...»
E a agua deixa que, em pranto, a dôr se lhe extravase!*

*Fez-se nuvem, desfaz-se em chuva, torna ao nivel
Primitivo — e ha-de erguer-se, e ha-de se aprofundar
Credula eternamente, a agua, ouvindo sensível:*

«Para subir ao Céu, has-de descer ao Mar!»

LAURA DA FONSECA E SILVA.

Rio, 9—1918.





A NOIVA DE OSCAR WILDE

Eu ando sobre as cinzas de um fogo abajado. — Samuel Johnson.

DORIAN e SYBIL.... Mas por que diabo deste aos teus bichanos o nome das personagens de Wilde? disse eu, afogando os dedos na pella-gem fulva de um dos *angorás*, e aivando na memoria a imagem do escriptor admiravel, em cujas paginas, como num jardim encantado, tanta vez fomos juntos colher o fructo de ouro das ideias novas e dos paradoxos perturbadores.

Raul, que me ouvia a dois passos, estiraçado numa cadeira de vime, a amachucar entre os labios a ponta da sua indefectivel piteira, soergueu-se a essa minha pergunta, e apontando para uma janella proxima, em que ainda havia luz, segredou-me de indicador sobre os labios: «Os gatos são della; mas nunca fales em sua presença no nome de Oscar Wilde». E como o meu olhar o interrogasse, na curiosidade daquelle mysterio, Raul travou-me do braço e ambos fomos ter ao fundo da varanda, onde o luar penetrava a furto, escoando-se pela ramagem olente das glycinas em flôr.

Nós eramos quatro em torno á mesa de uma confeitaria; e, entre curiosos e attentos, ouviamos essas cousas de Alfredo Roberval, o festejado autor do «O anel de Gyges», collectanea de versos que lhe valera galgar de um golpe ás esporadas num Pegaso ardoroso e insoffrido, as grimpas do Parnaso indigena. O acaso, ou talvez a chuvinha que cahia mofina sobre o asphalto da Avenida, reunira-nos ali, emquanto não se fazia tempo para o jantar com que festejaríamos o anniversario de um amigo commum. Como ge-

ralmente succede quando não ha premeditação de assumptos, a palestra nasceu animada foi ter aos labios do poeta, que era sempre interessante em tudo o que contava.

— Eu não sei se já lhes disse, que Raul estava então num sitiosinho nas proximidades de Petropolis, buscando melhora á terrivel neurasthenia que, poucos dias depois, o levaria ao mais estúpido e revoltante dos suicidios — continuou Alfredo, abrindo um parêntese á narrativa, enquanto o *garçon* nos renovava os *cock-tails*.

A conselho dos medicos, unanimes numa cura pelo isolamento, esse mesmo isolamento que sem duvida alguma foi cúmplice do tragico desfecho, o Dr. Andrade, já que os seus afazeres lhes não permittiam longas ausencias do Rio, resolvera alugar aquella fazendola, que ao lado do socêgo prescripto, e de um ar sadio e lavado, tinha a vantagem de deixar o filho sob a sua immediata vigilancia e ao alcance de todos os recursos para qualquer emergencia mais séria.

Uma tia paterna, senhora solteira e já cincocontona, com quem cu algumas vzes estivera na casa do Dr. Andrade, acompanhou o meu pobre amigo durante a sua rapida permanencia em Petropolis, e cercava-o de toda sorte de carinhos e atenções, por maneira a revigorar-lhe as forças e solevar-lhe o espirito, já talvez infernado no mundo tormentoso dos terrores vãos e obsessões.

Essa tia do Raul, D. Isabel Sleed de Andrade e Mello, ou melhor, a tia Bellinha, como lhe chamavam os da casa, era uma senhora ainda vistosa, alta e esbelta, de cabeça magnifica e porte airoso, conservando no seu todo essa qualquer cousa de indefinivel que exigem as individualidades. Trazia-lhe um particular encanto á physionomia, resplendente de resignação e doçura, o contraste creado entre uns olhos, não sei se verdes ou castanhos, mas luminosos e inquietos, e a tonalidade dos cabellos já brancacentos; que lhe desciam pelas temporas em ondas mortas. Vestidos de côres sobrias, quasi sempre volteados ao pescoço por altas gorgeiras de renda, completavam-lhe a grande distincção de maneiras. Por toda joia, e eu sabia-a possuidora de bellas, ás vezes, um camapheu antigo abotoando-lhe o corpete. Não sei porque, mas sempre me pareceu que a suavidade do seu perfil, admiravelmente se enquadraria na penumbra mysticosa de certas telas de Whistler.

Mais tarde, por uma photographia do passado, tive explicação para os fulgores daquelle crepusculo, revendo D. Isabel no donaire dos seus vinte e poucos annos. Uma figura vaporosa e fragil, transbordante de graça e



moçidade, irradiando seducção e frescura. O seu collo, alto e ondeante, emergindo de um tufo de tulle branco, ia abrir-se na curva delicada de um rosto, em que brincava o mais ingenuo e acariciante dos sorrisos. Os cabellos, corlhidos singelamente á nuca, e que deveriam ser de um negro profundo e quente, não lhe quebravam então o queimor dos grandes olhos, que rasgados entre cilios longos, conservavam ainda a mesma indizível e vaga coloração.

Embóra, no geral, pouca curiosidade me despertem os velhos, e a figura da tia Bellinha só me começasse particularmente a interessar depois que lhe conheci a pungente historia de amôr, nunca me passou despercebida a atmosphera de carinhosa veneração com que todos os de casa a rodeavam, e tão diversa daquella em que de ordinario respiram, nas grandes familias, as tias solteironas e já velhucas, não raro relegadas á situação de damas de companhia ou creadas de confiança.

Collocara-a, talvez, nessa particular situação de relevo, consoante me informara Raul, pois que, de inicio, dada a sua pouca communicabilidade, nada lhe pudesse deprender do character, os primores de uma intelligencia afeita a varios idiomas e trabalhada por bôas e proveitosas leituras.

A seguir, durante as minhas amiudadas idas a Petropolis, quando então, a respeito de tudo, e sobre os mais diversos themas, pude conversal-a longamente, é que verifiquei a justeza do alto conceito em que Raul tinha a sua tia. D. Izabel associava, de facto, á sympathia da figura que já lhes descrevi, as excellencias de um bello espirito, em pleno viço de multiplos predicados, que lhe permittiam — cousa tão rara entre as mulheres — ao lado da maxima vibração aos motivos de belleza e arte, um raciocinio sempre penetrante e coherente na maneira de julgar os homens e as cousas.

— E o que vem a ter tudo isso com a historia do casal de gatos que te revelou «o mais pungente drama de amor»? entreveio Genesio Pires, o mais novo da roda, que parecia pouco interessado pela narrativa, pois que os seus olhos iam frequentemente a uma mesa proxima, onde, minutos antes, uma francezinha loura e esguia descalçara as luvas para tomar dois goles de chá.

— E' onde eu vou chegar. A janella que Raul me indicava, quando buscamos o fundo da varanda para conversar como mais desembaraço, era precisamente a do quarto de D. Isabel; e, portanto a ella pertenciam os dois lindos gatos, de olhos de topazio e pêlo setinoso, que teriam feito o encanto de Baudelaire.

— «Vaes conhecer um segredo de familia», — disse-me Raul, mal nos sentamos — «e segredo que nem de paes a filhos se transmittiu, pois que todos os meus irmãos o ignoram e eu só ha pouco tempo o conheci, quasi pelo mesmo motivo por que tambem t'ò vou agora revelar. E' que temos constantemente o nome de Wilde á boca, e amanhã, — como a mim me succedeu — mórmente agora que as tuas palestras mais se estreitam com minha tia, e não raro para o terreno da literatura, poderias citá-lo na conversa, despertando-lhe a mais dolorosa das recordações.»

E depois de uma pausa, aproximando-se mais de mim, e a olhar ainda com certo receio para a janella que se conservava illuminada e agora ficava distante:

— «Minha tia teve em toda a sua vida uma unica e verdadeira paixão — mas paixão acerrima e vivaz, que lhe queimou a mocidade e ainda hoje perdura no fogo lento de uma devoção á memoria do seu amado — essa paixão foi por Oscar Wilde». E como na incredulidade eu o quizesse interromper: «Não duvides. E' a verdade. O meu espanto não foi menor do que o teu, quando meu pae me fez a mesma revelação, e eu tive que acreditar no que agora te transmitto.

«Como sabes, meu avô paterno, por caprichos da sorte e uma bolsa facil que lhe permittiu, na mocidade, frequentes passeios á Europa, duma dessas viagens voltou de lá casado, transplantando para o sol dos tropicos uma linda inglezita arrancada ás brumas de Londres. A essa avósinha, que mal se acclimou entre nós e aqui morreu ao fim de nove annos, devemos, talvez, os bocados de cabelleira loura que andam espalhados pela familia.

«Meu avô, quer porque, no momento, não lhe fosse facil ir de novo a Londres em busca de outra ingleza; quer porque a natureza da sua dôr não lhe permittisse escolha dessa especie em qualquer parte do mundo; o facto é que, apesar de muito moço, resolveu conservar-se viuvo, e dedicar-se, por inteiro, á educação das duas tenras saudades, que lhe deixara a sua companheira de poucos annos de felicidade: meu pae e tia Bellinha.

«A despeito das distancias, e da pouca convivencia que elle tivera com a familia de sua mulher, meu avô — e talvez isso ainda fosse um culto á memoria da morta — nunca deixou de com elles cartear-se, mandando-lhes mesmo, á medida que os annos corriam, photographias dos netinhos brasileiros, que, mais tarde, por sua vez, em bilhetes affectuosos, pediam a benção dos avós.

«Por meados de 1894, meu avô conseguiu realizar o que sempre ambicionara: revêr a família da mulher e reviver, melancolisados pela saudade, alguns trechos do seu noivado. Como meu pai já o não podia acompanhar, pois que fizera a grande tolice de se casar tão depressa deixara os banhos acadêmicos, e minha mãe, já por esse tempo, esperava por este teu amigo, elle levou consigo a Tia Belinha, que talvez mais esperta, até então não se quizera decidir por nenhum dos admiradores que andavam em torno aos seus bellos 26 annos.

«Se para explicar os successos que teve essa flôr tropical, quando appareceu nos salões de Londres, te não bastarem as reminiscências que ella ainda hoje conserva nas linhas do perfil e no eneancto particular do seu todo, eu depois de mostrarei um retrato que lhe foi tirado por essa occasião, creio mesmo que em Londres.

«Pois foi essa brasileirinha, D. Isabel Slead de Andrade e Mello, que um dia, na confusão de uma sala aristocratica, se viu frente a frente com o nosso tão querido Osear Fingal O'Flahertie Wilss Wilde!

— Mas estamos em pleno dominio da phantasmagoria! exclamei eu, mal contendo os estos do meu enthusiasmo.

Seria lá possivel que me fosse dado conhecer alguém que houvesse tratado pessoalmente Wilde, o artista supremo, o creador de Salomé e Dorian Gray, o homem extraordinario que fazendo da sua existencia uma obra de arte, fôra quasi um semi-deus do seu tempo, e colhêra em plena mocidade todos os louros que se concedem ao genio? Seria lá possivel que alguém, bem proximo de mim, houvesse escutado o «Principe da Linguagem», o conversador incomparavel que possuia na voz todas as harmonias, e tinha, ao serviço das suas ideias, um tear com as quatorze mil nuanças com que se trabalham os gobelinos preciezos?

E na minha imaginação, á eusta de elementos colhidos aqui e ali, por leituras esparsas, tal como succede a certos artistas que se esforçam por vêr resurgir diante de seus olhos, avidos de belleza, as maravilhas do engenho humano, arrancadas á vilania do tempo — eu vi ereseer ante mim a figura radiosa de Wilde, como deveria tel-o visto D. Isabel, por volta de 1894.

O poeta irlandez estava então no fastigio da sua glória, e as musas que o acompanhavam desde o berço, talvez não achando bastante as honrarias que a Inglaterra já lhes prestava ao filho dilecto, levaram Wilde á consagração de Paris, onde o seu nome andava de boca em boca e os seus livros corriam de mão em mão.

Com a força do seu genio amparada na belleza da sua plastica, e gozando de uma mocidade que ainda aos 35 annos lhe permittiria, caso preciso fosse, encarnar-se no Apollo sorridente que anima a «Dansa», do grupo esculptural de Capeaux, Wilde era de facto, como elle mesmo se gostava de chamar, o «Rei da Vida», «the King of Life», e possuia todas as riquezas, e desfructava todas as alegrias, que poderiam appetecer ao mais exigente dos Reis de Israel. negros aureolando-lhe a face pallida e glabra, em que a

Alto, bem musculado, com uma cabelleira de buces suavidade de uns grandes olhos azues contrastava com a polpa dos labios rubros e o recorte incisivo do mento, na sua figura, vañonil pelo porte e delicada pelos ademanes, havia um mixto de puberdade ambigua e virilidade sadia. Cesar entre os romanos ou ephebo entre os gregos, tanto lhe ficaria bem entoar o côro á victoria de Salamina, como assistir ao incendio de Roma atravez da esmeralda de Nero.

Trajando-se com as exigencias de um temperamento rebuscado e artificial, Wilde fazia da arte de vestir uma liturgia; e na escolha de suas gravatas chegavam-lhe as hesitações do sacerdote, que diante da arca de um templo, e entre alfaias e paramentos, se prepara para as magnificencias de um grande culto.

Lembremo-nos de que Wilde disse algumas vezes ter escripto apenas com talento, já que o melhor do seu genio fôra consagrado á obra de arte que elle trazia em si; e nos nos admira que o artista tivesse para a cambraia dos seus lenços, cuidado igual ao que lhe fazia reclamar dos editores papel velino para os seus sonetos, se possivel não era inscrevel-os a ouro sobre laminas de marfim.

O recorte das suas casacas e a gola de marta dos seus sobretudos atormentavam a tesoura educada dos alfaiates de Londres, em favôr da mocidade aristocratica, que o tinha na conta de arbitro das elegancias e lhe copiava os figurinos.

Se já se fôra o tempo em que elle, como apostolo do preraphaelismo, de gôrro de velludo e calção de setim, percorria as ruas de Piccadilly, a rodar entre os dedos a «belleza leonina» de um grande gyrasol, não desaparecera comtudo a nota excentrica da sua distincção, onde, por vezes, a espuma de umas rendas brancas substituia a rigeza dos punhos, gommados, e um cravo verde á lapella punha uma restea de luz sobre a nodoa negra da casaca.

A procura dos seus livros; o exito das suas conferencias; uma collaboração effectiva e bem remunerada nos principaes jornaes inglezes e americanos; e, mais do que

tudo, o applauso incondicional e systematico a uma serie de comedias e dramas que lhe eternizavam o nome sobre as varias scenas de Londres, permittiam a Wilde sobejos recursos com que entreter o aturdimiento da sua vida faustosa e asiatica, passada no conchego de moveis estilizados e sedas molles, e onde a taça de Alcebiades devia ser o seu copo de todo dia.

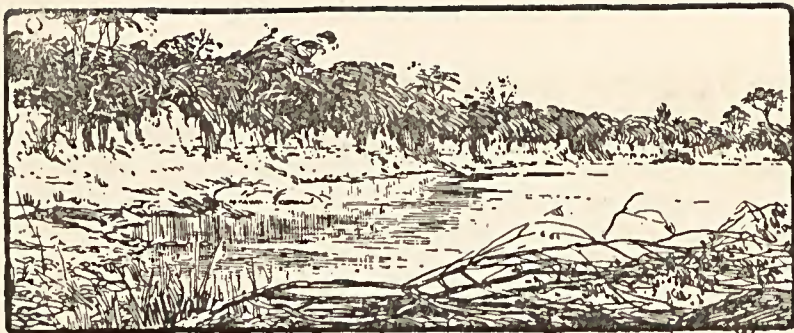
Era de vê-lo então, no pleno sazramento da sua personalidade, abrir á admiração de todos, no seio da sociedade que o reverenciava, a flôr maravilhosa dos seus cinco sentidos, a cujos petalos, translucidos e vibrateis, acudiam todas as côres e se aspiravam todos os perfumes, consoante os caprichos de quem a possuia. E' que ao envez do bastão magico, e certo mais poderoso do que elle, Wilde tinha para despertar essa flôr e fazel-a reflectir bellamente tudo o que lhe andava em torno, os encantamentos da sua palavra, em que os pensamentos só se conjugavam por contos e fabulas, e vinham repassados nos acordes da mais melodiosa das vozes.

Se algumas das suas extravagancias e certos paradoxos subversivos o faziam, por vezes antipathizado e temido, não havia quem se pudesse mostrar indifferente ás suggestões de um engenho, que refundira os canones da arte, dera novos rythmos á vida e novas fórmulas á belleza; e que tanto se servia da palheta dos coloristas venezianos para reviver, entre drapejamentos de ouro e purpura, algum painel da mythologia; como, com dois traços de agua forte rememorava certo aspecto de miseria humana, lobrigado a qualquer bairro escuso (de Londres, e dest'arte commovia até ás lagrimas os que pouco antes o ouviam com deslumbramento.

A' luz da sua sensibilidade, a vida se transfigurava, tudo lhe palpitava em torno tocado por um novo brilho, aquecido por uma nova côr. As cousas tomavam alma, e com linguagem propria, revelavam os segredos e mostravam porque eram bellas; espiritualisava-se o que é banal; as sensações ganhavam corpo; e tudo o que se sente e se não sabe; tudo o que se adivinha e se não vê; o mundo das sombras fugazes e das ficções imponderaveis, figuras fabulosas e monstros irreaes, genios elementares ou divindades imaginarias: lemures e sylphos, sereias e gnomos, hypogryphos e oreadas, plasmava-se no circulo das suas ideias e apparecia á assistencia na projecção de uma visão allucinatoria.

(Continu'a)

SERGIO ESPINOLA.



A philosophia de José Ingenieros

A geração espontanea: Ingenieros pró e contra. — Origem da personalidade consciente. — Ingenieros contra Ribot e Wundt.



primeira das tres hypotheses fundamentaes de que se integra a metaphysica de José Ingenieros se refere á origem natural da vida, que pretende resolver em opposição ao vitalismo e á *geração espontanea*.

Ora, a explicação da origem da vida pela theoria da *geração espontanea* é geralmente considerada como sendo a pedra angular do monismo evolucionista que o autor professa.

Não se cifra nisto o aparente paradoxo.

Embora rejeite a geração espontanea, aceita contudo o philosopho argentino que a aquisição das funcções vitaes pela materia não viva se explica perfeitamente como sendo o resultado de modificações morphologicas que em dado tempo nella se produziram e que a synthese biologica artificial, inverosimil que seja, não é de todo impossivel.

Para aquilatarmos a posição assumida por Ingenieros nessa questão e não a taxarmos inconsideradamente de contradictoria faz-se mistér algumas curtas definições prévias.

Entende-se por *geração espontanea* a procedencia de um sêr vivo de outro ou outros em que se não manifestem

propriedades vitas. Consoante este ou estes forem materia inorganica, organica ou residuo de um sêr vivo, chamar-se-á *autogenia*, *plasmogenia* ou *necrobiose*. 'E' *natural* ou *artificial* conforme se realisar na natureza ou no laboratorio dos chimicos.

Não pretendemos justificar a etymologia da denominação, que aliás não nos parece justificavel: não é da propriedade do termo que tratamos senão do conceito que convencionalmente exprime.

Qua é a hypothese que Ingenieros substitue á da geração espontanea para explicar a origem da vida e até que ponto merece ser considerada differente dessa theoria. Eis o que pretendemos expôr breve e claramente.

O apparecimento dos sêres sobre a terra não é factosynchronico com o apparecimento dessa no universo. Lord Kelvin o explica pela *theoria pauspermica*, que enche o universo de germes de sêres vivos podendo os que se desenvolveram sobre o nosso planeta ter vindo pelos espaços intra-estrellares de outros astros. Preyer suppõe que taes germes poderiam ter existido na terra ainda em estado igneo, aventando a theoria chamada dos *pyrozoarios*.

Não professa Ingenieros nem uma, nem outra dessas theorias.

Fiel a doutrina de Spencer que fêz da evolução a formula creadora de tudo o que existe, explica o philosopho argentino a origem da vida pela transformação successiva de certas especies de materia em suas especies immediatas, transformação que se effectua complicando-se a estructura molecular e atomica, fixando-se novas formas de equilibrio physico-chimico, adquirindo propriedades que se manifestam sinergeticamente pelos phenomenos vitas.

E' pois, a *sucessão de estados da materia gradativamente mais activa até chegar á actividade vital* que Ingenieros considera como um substitutivo da geração espontanea.

Entre nós Almachio Diniz professa a mesma doutrina. Longe de nós negarmos que existe nos sêres da natureza esta progressão ascendente sob o ponto de vista das manifestações dynamicas.

Assim como physicos e chimicos multiplicaram os estados da materia encarada sob o ponto de vista estatico, intercalando os primeiros entre os estados solidos e liquidos, o «*colloidal*» e completando a serie pelo «*radiante*», — julgando insufficiente, os ultimos, a divisão dos corpos em inorganicos e organicos, assim, e por causas muito mais poderosas, não se contentam mais os scientistas

com a divisão da materia, considerada sob o ponto de vista dynamico, em *inerte* e *viva*.

E' que a pari passu com a complexidade morphologica crescente manifesta a materia uma actividade crescente que vai do simples e universal movimento browniano á espantosa actividade dos corpos radioactivos, das zymases, das diastases. Sabe-se que n'esses ultimos uma infima parte da materia desempenha por um tempo indefinido uma actividade tão poderosa que mereceram alcunhada de «quasi vivos».

A «*continuidade funcional*», é assim que Ingenieros denomina a marcha ascendente dos estados activos da materia, não é uma hypothese; é um facto inconcusso.

Aos poucos se foi desmoronando a triplice barreira que, faz cem annos apenas, se suppunha existisse entre a materia inorganica e a viva.

Parecia que houvesse entre ellas um abysmo a encarral-as sob o ponto de vista da actividade productiva, do crescimento, e afinal das relações com o ambiente.

Ora, actualmente a materia inorganica nos da por synthese quasi todos os productos dos seres vivos, com a unica excepção dos albuminoides, cuja combinação artificial parece uma questão de tempo após os trabalhos preparatorios de Fischer e Kossel. O crescimento dos crystaes não é mais considerado como differente do das plantas após os trabalhos de Schroen e Bose.

Ingenieros desleixou esta descoberta que vem em abono de sua doutrina, talvez por excesso de rigor na sua terminologia: não assim o philosopho brasileiro Almachio Diniz.

Afinal, em suas relações com o ambiente não differe o sêr inorganico do organico como o prova Bose que demonstra que tal qual a materia viva a inorganica é irri-tavel, susceptivel de ser anestesiada e hyperestesiada.

Em obras modernas, como as de Houllevigue: «L'Evolution des Sciences», de A. Clementi: «Il Fenomeno della Vita», o leitor achará provas convincentes de que a «*continuidade funcional*» é uma realidade.

Resta-nos agora examinar se devemos considerar esta explicação da origem da vida como differente da theoria da geração espontanea e se realmente como o assevera Ingenieros, o problema sobre mal posto fôra até agora mal resolvido.

Nesse ponto dissentimos do autor argentino.

No capitulo intitulado: «Geração Primitiva» de seu livro *Força e Materia*, escrevia, ha já mais de meio se-



culo o infantil materialista Buchner, (é Ingenieros que lhe dá esta alcunha.): «Pode ter havido conglomerados vivos ou susceptíveis de viver muito tempo antes da aparição da vida vegetal ou animal, conglomerados que se desenvolveram para formar esta vida quando se encontraram em condições favoráveis.»

Não excluíam, pois, os antigos partidários da geração espontânea a seriação crescente de estados de actividade sempre mais perfeitos da materia ainda que não sempre a elles acenassem explicitamente.

«Geração espontânea» é termo antagonico ao creacionismo na origem dos seres vivos, nada mais. Apresentem embora as actividades da materia já que vive uma differenciação imperceptível das da materia viva, — ao ultimo progresso, ao ultimo passo entre o ser não vivo e o vivo, excluída a intervenção creadora, é que damos geralmente o nome de geração espontânea.

Ingenieros, pois, não combate, antes expõe esta doutrina quando escreve: «A evolução incessante de toda a realidade que nos rodeia permite conjecturar que a vida se pode estar formando continuamente ao redor de nós como se formou no passado e se ha de formar no porvir pela transformação successiva de certas especies de materia em immediatas.»

Se no tocante á geração espontânea natural não nos é possível reconhecer entre a doutrina de Ingenieros e a dos partidários dessa theoria o antagonismo que sua declaração fazia antever, tão pouco achal-a-emos não que elle nos diz a respeito da geração espontânea artificial.

Os atrevidos experimentadores que se dedicam á ardua tarefa da producção por synthese da cellula viva, que já na partenogénese artificial substituíram por forças physico-químicas a actividade julgada imprescindível do gameta masculino, que já fabricarem ccellulas dotadas, fosse temporariamente, dos caracteres proprios dos seres vivos, nutrição, reproducção, não se deixarão desviar de suas pesquisas pelo tímido aviso que lhes dá Ingenieros quando escreve: «La formación de la materia, es inverosímil por ignorar-se la philogenia de las especies de materia.»

Sabem elles perfeitamente que não basta, como pensava Van. Helmont, encerrar uma camisa suja com grãos de trigo para, passados vinte e um dias, nascerem ratos.

Tratarão de apressar em suas retortas o processo vagooso que desenrola no laboratorio da natureza.

Se forem bem succedidos estamos certos de que Ingenieros será o primeiro a applaudir os seus successos.



Dirá que seu «*inverosimil*» se referia ao estado actual de nossos conhecimentos que vão evoluindo sempre.

Talvez o «*idolum theatri*» preconceito da escola o levará a affirmar que não houve mesmo neste caso «*geração espontanea*» mas apenas o ultimo termo da *continuidade funcional*.

O que lia de fundamental nessa questão é apenas saber, se todo o apparecimento de um sêr dotado de funcções vitaes é condicionado pela intervenção de outro sêr dotado das mesmas propriedades ou pela intervenção dum poder creador ou se este apparecimento é concebivel afóra essas duas hypotheses.

Nessa questão fundamental está Ingenieros do lado dos partidarios da «*geração espontanea*» embora pretenda resolver a *questão da origem da vida em opposição á essa doutrina*. Na expressão é «*contra*», de facto «*pro*».

*Origem da personalidade consciente.—
Ingenieros contra Ribot e Wundt. — A
consciencia existe ou não existe?...*

Todos conhecem a admiravel pagina da litteratura portugueza na qual Alexandre Herculano narra. — «como mestre Domingos o architecto cego do mosteiro da Batalha, «*verdadeiro hymno de marmore que levantou aos heróes de Aljubarotta,*» para mostrar a confiança que tinha na solidez da vastissima abobada da casa capitular, ficou assentado tres dias em um canto, bem debaixo do feixo da abobada, no meio do claro que deixam os prumos dos simples.

A abobada estava firme como se fôra de bronze.»

O feixo da abobada de toda a theoria psychologica é a explicação da consciencia.

E', ao nosso vêr, essa a pedra mais friavel que Ingenieros empregou no seu edificio psychologico.

Promette formular uma hypothese para explicar o apparecimento da personalidade consciente em opposição á consciencia epiphenomenal é á consciencia creadora.

Designa o autor pela primeira expressão o parallelismo psychologico sob suas varias modalidades: consciencia epiphenomenal de Le Dantec, — parallismo de Wundt, — theoria da correlação funcional de Mach e Avenarins.

Concordam esses systemas em constatar simplesmente a relação de concomitancia que existe entre a serie dos



phenomenos psychologicos e physiologicos sem inquirir o «*Como*» e o «*Porque*» dessa relação.

Falla por todos elles Le Dantec quando escreve: «*Nous devons nous borner, á constater, sans chercher á expliquer.*»

Essa abstenção não agrada ao vigoroso pensador que é Ingenieros. O parallellismo lhe parece um dualismo disfarçado.

Qual o sorriso da Esphinge é o problema da consciencia, fascinador e indecifrável; tentou Ingenieros descobrir-lhe o segredo.

Antes de dizermos porque nos parece que não foi feliz convém expôr aqui claramente sua *hypothes*.

Depois de estabelecer que a *excitação* é um simples desequilibrio physico-químico ao passo que a *sensação* supõe percepção consciente, o nosso autor formula a questão em termos precisos.

«De que maneira é que a excitação tem o caracter de sensação nos seres vivos.»

Assevera Ingenieros que todas as soluções tentadas até agora para resolver este problema implicam como demonstrado o que pretendem demonstrar e deixam a questão em pé.

Em seguida giza tres lemmas, tres principios que a seu vêr resolvem o problema, ou melhor, constituem uma nova *hypothes* explicativa.

Eis esses lemmas:

1.º — Uma excitação é um desequilibrio causado por um agente energetico externo ou interno, — quando a excitação é conhecida ou sentida, dizemos que é uma sensação.

2.º — A memoria continua e systematisada das excitações conscientes, ou sensações, constitue a experiencia individual, cujo resultado é a formação progressiva «da personalidade consciente.»

3.º — Uma excitação é consciente (quer dizer, sensação) quando determina reacções relacionadas com a experiencia anterior, isto é, com a personalidade consciente.

Confessamos que é-nos de todo impossivel acharmos nesses tres lemmas solução nova, ou antes solução alguma do problema.

Á mais, bem parece que haja nesses tres principios uma contradição intrinseca e que seu conjuncto forme um circulo vicioso.



A accusação é grave: eis a razão pela qual a formulamos.

Diz o primeiro principio:

«Quando a excitação é conhecida ou sentida dizemos que é consciente, que é uma sensação.»

Estamos de pleno accôrdo com o autor. Preferimos a terminologia de Ingenieros nesse ponto á de Renouvier e de Hamilton ao sabor dos quaes a sensação isolada é «inconsciente».

Ha nisto uma subtileza que confina a uma «contradictio in adjecto»:

Diz o segundo principio:

«A memoria continua e «systematisada das excitações conscientes, das sensações, constitue a experiencia individual, cujo resultado é a formação progressiva da personalidade consciente.»

Aqui extranhamos o termo «*continua*», mal escolhido porque desperta a idéa que haja consciencia «*continua*» dessas excitações, que o autor não quer dizer, — e tambem a extensão dada ao termo «*personalidade*» que na accepção que Ingenieros lhe dá, convem a «fuão Sapo» e quejandas personalidades.

Mas são estes pontos de somenos importancia.

Chegamos agora ao terceiro principio e pedimos a attenção do leitor, pois é aqui que deu de embate o barco

Relêmos o texto: «Uma excitação é consciente, isto é, é sensação quando determina reacções relacionadas com a experiencia anterior, isto é, com a personalidade consciente!»

Mas, esta personalidade consciente, como o ensina o segundo principio é o resultado da memoria de excitações conscientes anteriores, *sua formação progressiva, sua existencia em summa, depende dessas sensações*, — não pôde, pois, preexistir a estas sensações.

Ora, esta preexistencia é supposta visto que simples excitações só vêm a ser sensações por serem relacionadas a esta personalidade.

Em summa: na hypothese de Ingenieros *sem previas sensações não ha personalidade consciente e sem personalidade consciente não ha sensações mas apenas simples excitações.*

Entenda o busilis quem puder!

Alludindo ao primeiro apparecimento dessa personalidade consciente no grau infimo da escola dos seres vivos, escreve Ingenieros que é «no principio em proporções ru-

dimentares um simples coefficiente affectivo da experiencia que dá ás novas reacções organicas uma tonalidade de dôr ou de prazer consoante concordam com as systematisações anteriores ou discordem dellas.»

Seja embora exacto esta descripção dos albores da consciencia, já debuxada por Ribot, só reconhecemos nella a constatação de um facto e não uma tentativa de hypothese explicativa.

Introduzida na theoria de Ingenieros attenu'a, mas não destróe a contradição que nella apontamos. A razão é obvia.

Seja embora rudimentar, e mascarada a personalidade á qual se devem relacionar as excitações para virem a ser sensações, se é realmente uma personalidade consciente, supõem sensações conscientes anteriores, das quaes não sabemos como são taes, pois que por sua vez supõem personalidade já formada anteriormente.

«Et nous voilà au ronçet» como diz Montaigne numa questão analogá.

O psychologo allemão Wundt alludindo á solução tentada por Ingenieros diz que recu'a o problema não o resolve, ao que replica Ingenieros que apenas tencionava formular uma hypothese explicativa.

Esqueceu a Ingenieros nessa resposta que elle proprio escreve: «Nenhum systema merece tal nome se encerra contradição em suas partes.»

Accrescenta o autor que tem a convicção de ter se aproximado da solução.

Não lhe malqueremos por esta convicção em quanto que não nos peça que a partilhemos.

Este ponto fraco da theoria psychologica de Ingenieros não podia escapar e não escapou a agudeza do mestre da escola psychologica franceza, Th. Ribot.

Numa resenha aliás elogiosa dos «Principios de Biologia» de José Ingenieros, lavrou essa sentença algo dura a respeito da formação, do apparecimento da personalidade consciente que autor argentino propõe: «Deve se reconhecer que o apparecimento da consciencia por evolução se parece com uma prestidigitação.»

Vindo de tão alta autoridade feriu fundo esta critica com rasaibos de ironia.

Na ultima edição de sua obra faz Ingenieros esforços para rebater a critica.

Pretende o autor em sua defeza que Ribot confundiu «consciencia» com «personalidade consciente». «Fallára elle, o inculpado, dessa, não daquella.»

Mas o mesmo Ingenieros na pagina 229 de sua obra



cita Ribot entre os autores que empregam como synonymos os termos «consciencia» e «personalidade consciente».

Suppôr que Ribot não o fez nessa critica, é tomar ares de quem quer escapar pela tangente.

Ingenieros o sente e afrontando-se com a objecção escreve depois de excluir a hypothese da equivalencia dos dois termos: «Não posso fallar do apparecimento do que não existe, ora para mim a consciencia não existe, pois não é nem uma realidade nem um phenomeno mas apenas um attributo circumstancial de um phenomeno, uma abstracção qualificativa» a sombra de uma sombra, um nada seriamos tentados de accrescentar.

Uma curta anecdota antes de continuar.

Discutiamos um dia com um illustre lente da Faculdade de Direito a respeito da sobrevivencia da alma dos animaes. Como conciliar, diziamos, o aniquilamento dessa alma com a doutrina escolastica, (era a de nosso douto interlocutor), que ensina que nada do que existe se aniquila?

«Devem dar geito» disse o provector lente e foi buscar um grosso alfarrabio para ver «o geito que dão». Achámos de molde «o devem dar geito» e lembramos o geito sem o auxilio do alfarrabio.

Pretendem os escolasticos que a alma dos animaes não se aniquila pela simples razão *que não existe mas coexiste* apenas. Isto é, forma uma substancia só com o corpo.

Desapparecendo o corpo a alma do animal desaparece mas não se aniquilla, pois, só se aniquilla o que existiu!

Nos mesmos apuros o mesmo recurso.

Para Ingenieros *não existe* a alegria do sabio que após annos de pesquisas resolveu um arduo problema, *não existe* a dôr de mãe que chora abraçada ao cadaver do filho, *o que existe realmente* são as modificações imperceptiveis do seu organismo, de seu systema nervoso.

Attributo estranho! Circumstancial, quando Ingenieros o queira (o adjectivo «circumstancial» é que oé) mas, sem este attributo, nem o phenomeno que acompanha, nem o ser em que se dá, existiriam para nós.

Irreal, aquillo sem o que nada do que é existiria para nós!

Deixe Ingenieros esta theoria ao antiphilosophismo de James. (A denominação é do proprio Ingenieros). Poucos philosophos ha que acceitam, digamos melhor, que entendem essa negação radical.



Explicará talvez o autor argentino esta incompreensão, pela sua theoria da involução mental, do declínio intellectual que começa aos quarenta e cinco annos, idade fatidica que nós tambem já alcançamos.

O saber que Ribot estava no ultimo periodo dessa involução consolou talvez Ingenieros da pécha de prestidigitador que o philosopho francez lhe lançou.

De nosso lado diremos apenas que o philosopho argentino não decifrou o sorriso da Esphinge.

Ha questões philosophicas, nas quaes «a epoche», suspensão dos juizos dos antigos pyrronicos se impõe. Mas, mórmente no periodo ardoroso da evolução, — não contava Ingenieros trinta annos quando escrevia os «Principios de Biologia», — poucos são aquelles a quem agrada o ariete da duvida de que falla Montaigne.

Fogo fatuo, frio e fugaz a bruxolear de vez em vez sobre os clementos que se aggregaram para formar os sêres infimos na escala dos viventes, — em nós, luz alternativamente accesa e apagada, qual a lampada de um pharól e após a nossa existencia terreal, para uns, brazeiro indefinitamente ardente, quer isolado, quer confundido suas chammas com o brazeiro que constitue a consciencia universal, — para outros, destinada a se apagar tristemente sem deixar rastro, é e será talvez para sempre a nossa consciencia individual o *Enigma dos Enigmas*.

HENRIQUE GEENEN.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XX

A' tarde Leonardo tanto instára, que Angelo se decidiu a acompanhá-lo a uma reunião de operarios em greve, a qual ia realizar-se nos altos de um predio á rua da Sé. Deixou-se levar mais para comprazer ao irmão do que por achar interesse em semelhantes cousas.

De caminho chegaram a casa de Remigio de Vasconcellos, o singular redactor do «Mundo Redimido». Ahi o apaixonado de Maria Luiza teve occasião de conhecer o lar de um anarchista, montado segundo o espirito dos evangelisadores do novo credo.

O chefe intellectual do proletariado paulista, como bacharel que era, intelligente e preparado, poderia ter-se collocado admiravelmente na vida. Entretanto desprezâra todas essas vantagens para ser coherente com as idéas que abraçára e prégava com a fé de um apostolo. Ao envez de casar-se com alguma herdeira rica e ambiciosa de marido diplomado — o que não lhe seria difficil encontrar — ligára-se em livre graça a uma pobrissima hespanholita, orphã e operaria das mais humildes.

Remigio recebeu-os com encantadora sîngeleza, na pequenina sala de entrada cujo mobiliario se reduzia a duas ou tres cadeiras toscas, uma mesinha e uma estante de livros, com as obras de Reclus, Jean Grave, Gorki, Tolstoi e innumeros folhetos de propaganda, entre os quaes se destacavam os de Malatesta. Tudo dava a impressão de grande miseria, supportada, porém, com um bom sorriso acolhedor e um olhar mystico de crente.

Objectou-lhe então Angelo que, sem embargo de serem muito nobres os seus sonhos de renovação social,



O Padre Chico

Bronze de Starace



O Padre Chico

Bronze de Starace

todo o movimento libertario era essencialmente negativista, pois visava uma cousa irrealizavel, a menos que os homens não viessem a mudar de natureza. A isto respondeu o maltrapido *méneur* que uma força superior os dirigia e encaminhava. Não criam na providencia celeste, mas sim n'uma providencia humana e leiga, feita dos milhares e milhares de vozes que bradavam por justiça. Não visavam o absoluto, como se pensava; mas entre o relativo actual com as suas miserias e o relativo futuro com a distribuição equitativa dos bens da vida não havia vacillar — toda consciencia bem formada optaria pela ultima hypothese. E ao mesmo passo que fallava sua tez doentia adquiria tonalidades estranhas e os olhos tinham brilhos que se diriam irreaes e magnificos de fé. «Depois — concluia — se fôr verdade que se não possa realizar a felicidade social, não será menos verdade que é uma necessidade ineluctavel e um grande dever o procurarmos realisal-a.» Era cortar é tornar impossivel toda discussão.

E o joven italiano sentiu então vivamente que estava deante de adeptos de uma nova religião, para quem a fé é tudo e as theorias não passam de meios de lucta, sem nenhuma importancia capital. Alli á rua do Gazometro, naquelle humillimo casebre havia uma como reedição das catacumbas de Roma e dos primordios do christianismo. «E pensar que essa força, que já se reflecte aqui no Brasil, em S. Paulo, é apenas um éco longinquo do movimento subterraneo que se alastra pelo mundo todo!»

Neste comenos o estranho apostolo, mettido no seu casaco ruço e franjado, sem punhos nem collarinho que lhe orlassem a grosseira camisa de algodão, retirou-se um instante e voltou com a *companheira*, de quem já tinha um filhinho, um entezinho pallido e esqueletico, que gritava esganiçadamente envolto em farrapos de varias côres, emquanto a mãe se esforçava debalde por acalental-o. Esta, magra e feia, alquebrada, apesar de moça, não podendo conter o berreiro infantil, tornou para dentro, tão depressa appareceu, — como que surgira apenas para completar aquella dolorosa visão de miseria, de doença e de sujidade.

Essa noite na reunião á rua da Sé teve Angelo impressão não menos triste e desagradavel a certos respeitoes. Lá se congregaram operarios de todos os misteres para resolverem sobre interesses da classe. Entre outras cousas chamou-lhe a attenção o facto de muitos se conservarem sentados, sem ao menos se descobrirem, fumando com ar arrogante, a tempo que os camaradas escolhidos para pre-



sidirem aos trabalhos expunham, em pé e respeitosos, as idéas, medidas e alvites que julgavam applicaveis ao caso em discussão. Havendo então perguntado a um dos presentes, sujito de aspecto feroz que se achava junto á porta, qual a razão de assim procederem, obteve como resposta esta admiravel classificação:

— Aquelles de chapéo na cabeça são anarchistas de-sabusados e os outros socialistas moderados.

— E o senhor que é?

— Eu! retrucou o homem espantado. E abaixando a voz com desvanecimento: Eu não sou como os outros... Sou contra-mestre...

— Então porque vem aqui?

— Mas para não ser *krumiro*...

Angelo soube depois por Leonardo que chamavam *krumiros* aos que não adheriam ás paredes, proclamando-se trabalhadores livres, sem compromissos com os demais collegas. E como, após a reunião, manifestasse a impressão tristissima que lhe deixára a grosseria e ignorancia da-quella gente, respondera-lhe o irmão com enthusiasmo:

— Não importa, Angelo... A sociedade actual não lhes dá meios de se instruírem e educarem... Mas são uma força cega e justa... Hão de triumphar.

— E depois que triumpharem, meu caro, o mundo será por isso mais feliz? Creio comprehender o que é felicidade individual... Mas confesso que não percebo bem o que seja felicidade social e collectiva...

— Mas é a somma das felicidades individuaes, *ecco!*

— Agora é que estamos em plena metaphysica... Quem é que pôde saber ao certo quando cresce ou diminue a somma das felicidades individuaes... E que vem a ser felicidade? perguntou rindo. Já reparaste como a convivencia de Strauss nos está contaminando? As cousas mais simples convertem-se em problemas insoluveis...

— Strauss! exclamou Leonardo com indignação que tocava as raias do comico. Aquillo, quanto a idéas, é um selvagem disfarçado em civilizado... E' só... a força... porque a força... e mais a força... *Una bestia tedesca...*

XXI

Era afinal chegado o grande dia da festa no salão *High Life*.

Quando Angelo penetrou no vasto predio apalaçado, á rua de S. João, deu logo, no patamar da escada, com a

figura apopletica de Luciano, rubro como um lacre e mais solemne que nunca. Parecia, não um homem, mas um oceano revoltado subitamente immobilizado e contido em respeito por alguma força sobrenatural. Suas palavras eram roucas e ciciadas como que se lhe haviam quebrado todas as cordas vocaes.

— Estava justamente á espera do illustre amigo e irmão em ideaes... E' hora de começarmos. A sala já está repleta, disse em voz sumida e quasi ao ouvido para se fazer comprehender.

— Mas que é isso, meu caro? Como ficou assim?

O organizador da festa levou a mão ao pescoço para indicar a séde do mal e, forcejando por vencer a terrível aphonía de que estava ferido, exclamou com visagem que raiava pelo mais tragico desespero:

— Ora veja só! Logo hoje! E' que a lucta foi incrível! São as consequencias... Mas appressemo-nos... Vou ter a honra de acompanhá-lo até a entrada do palco, que já estão aguardando com justa impaciencia a palavra vibrante e patriótica do notavel conferencista italo-brasileiro...

Quando se viu no tablado como centro de todos os olhares e atenções, sentiu Angelo como uma onda de vertigem atravessar-lhe o cerebro. As mãos, poisadas á borda da pequenina meza, tremiam-lhe violentamente. No meio, porém, de tal perturbação não deixou um só momento de observar, com estranha lucidez, o que se passava na sala, ante si. Via claramente os rostos e as attitudes das pessoas mais proximas. Procurou com o olhar a familia Vieira entre a multidão, sem conseguir descobri-los. Notou que uma das damas que occupavam a primeira fila de cadeiras o fitava com sorriso maligno e por detraz do leque scintillante dizia algo á vizinha, fazendo-a rir por sua vez.

Tudo isso, porém, foi obra de poucos segundos, pois tão depressa entrára no palco, já a sua voz forte e ampla vibrava sonoramente no vasto aposento. Já os ouvintes, surpresos, tomavam expressões de intensa curiosidade mixturada de admiração.

Fallava sem, contudo, deixar um instante de procurar anciosamente entre os innumerados rostos que o contemplavam attentos a figurinha encantadora de Maria Luiza. Esta, porém, não apparecia. Onde estaria que se não mostrava, ella por amor de quem sómente se abalançára áquelle papel? Teria porventura deixado de comparecer? Tal pensamento invadiu-o como uma sombra, átravez do terver de idéas e palavras no cerebro inflammado. A voz firme e fascinadora entrou a sahir levemente travada de amargura. E o thema

ibseniano carregava-se imperceptivelmente de melancolia...

Emquanto pintava com magnificas imagens a necessidade imperiosa que sentiram os primeiros homens de se reunirem em sociedade, de se estreitarem, apavorados deante das grandes forças hostis da natureza, para juntos, resistirem ás ameaças sem conta que os rodeavam — alludia, no fundo de sua alma, ás angustias e incertezas de sua propria existencia. A dôr vivida resolvia-se em periodos maravilhosamente rythmados que encantavam o auditorio.

Não havia quem se não deixasse empolgar pelas razões de luz, verdadeiramente impressionantes, com que descrevia o doloroso evoluer das sociedades humanas, a travez dos *clans*, das tribus e das nações, até esse guardar religioso de tradições, de idéas e sentimentos, de venerações e repulsas, que se vão de pae a filho, de velhos a novos, formando um como ambiente fóra do qual surge a sensação do vacuo — *a menos que não tenha soado a hora de nova ordem de cousas* e se vá operar um desses milagres estupendos de que falla Ibsen no final de seus dramas...

E a Angelo pareceu realmente neste passo que um milagre esplendia alli, ante seus olhos, a pequena distancia. Pois déra de subito com o lindo rostinho de Maria Luíza a sorrir-lhe, a um angulo, do fundo do salão. Lá estava ella a ouvil-o e beijal-o com os olhos. Estava presente — oh! redempção — e a sua presença inundava de claridade todas as cousas...

Aquí os devaneios do joven orador ganharam logo algo de cristallino, de alado, de infinitamente doce. O assumpto rebelde deixava-se dominar e as metaphoras incendiavam-se de fulgurações cada vez mais amplas e profundas. Fallava sob o olhar transfigurador da amada. Sua alma ardia em entusiasmo sagrado e maravilhoso que lhe fazia referir secretamente a ella tudo o que ia dizendo. Era o seu discurso um cantico-dos-canticos em louvor da *nova ordem*, que alvorecia, a seu ver, nos paizes novos, aquém Atlantico, onde mais do que em nenhuma outra parte do mundo se preparava a obra mysteriosa do futuro, o prodigio com que Nora sonhára, o sol longinquo para o qual Oswaldo extendia desesperadamente as mãos dolorosas, essa renovação emfim que anciavam — todos os povos da terra...

E a expressão «livre America» apparecia como um sentido profundo, sem relação alguma com as instituições politicas ou fórmãs de governo. Porque a liberdade que Ibsen chamára de solidão dos fortes não era outra cousa do que



o entrecocar-se constante de accumulações hereditarias diversas e oppostas, produzindo os mais imprevistos e surprehendedentes resultados. Não queria dizer que pudesse existir liberdade no sentido absoluto da palavra, — pois no determinismo universal não havia logar para tal cousa. Mas assim como para o individuo a multiplicidade quasi infinita dos motivos de seus actos equivalia praticamente ao livre arbitrio, assim tambem para os povos e raças o imprevisto, o aleatorio, o jogo complexo de forças desencontradas, heteroclitas e obscuras dava o espectáculo esplendidamente variado de manifestações psychicas sem filiações visiveis, ou de virtualidades insonhadas... Aqui podia-se ter a illusão deliciosa da auzencia de toda determinação e de todo fatalismo. Dir-se-ia que sob a luz deste sol perpendicular os homens deixavam de repetir servilmente os gestos ancestraes capitalizados durante millenios, para inaugurar uma longa e vasta serie de almas livres, de verdadeiras surpresas de sensibilidade e de vida...

Que cousa mais desagradavel do que a visão da uniformidade desesperadora das almas humanas!? Nas velhas sociedades de forças secularmente hierarchizadas e solidamente organizadas, tinha-se ás vezes a impressão da falta quasi absoluta desse elemento de *alea*, de incerteza, de indeterminado e de imprevisivel que constituia, a seu juizo, um dos maiores encantos da existencia. Nellas o campo das possibilidades era por demais conhecido e a zona das suprezas achava-se reduzida a pequenino circulo. Ao passo que aqui tudo eram suprezas e maravilhas. Raças, hereditariiedades passados diversos e irreconciliaveis encontravam-se dentro da mesma luz gloriosa. Revolviam-se o solo na subconsciencia humana, deixando vir á tona camadas atavicas desde muito esquecidas, thesouros occultos, energias poderosas e creadoras... Fazia-se o processo de tendencias seculares... Libertavam-se forças aprisionadas e variava-se ao infinito o espectáculo da vida... Era a embriaguez dyonisiaca da renovação e do cáos, vasta *féerie*, que se desenrolava em perspectivas infinitamente deslumbradoras...

Clamavam certos moralistas contra a dissolução do character, da vontade, da estrutura espirital das raças... Engano! Porventura as velhas medidas e os antigos valores serviam para aferir as cousas novas e ainda sem nome!? Certamente que á luz de oiro dos tropicos as almas se dissociavam e resolviam em desconcertantes combinações de cores, nunca outrora vistas, — mas eram arcos — de aliança, de promessas de uma redempção futura para a especie inteira...



Todo o auditorio estava preso da palavra do joven conferencista. Já agora ninguem sorria malignamente á cata de defeitos. Eram unanimes em admirar aquella mocidade exuberante de imaginação. Os mesmos despeitos e invejas, se os houvera, ver-se-iam forçados a trocarem-se em louvores, para melhor esconderem a sua mesquinhez. Verdade seja que nem todos entendiam o a que atirava tal abundancia de phrases coloridas. Mas deixavam-se embalar pelo rythmo do discurso e pela amplidão sonora da voz apaixonada do poeta.

Maria Luiza, de olhos fitos, acompanhava-lhe os menores movimentos, adivinhando bem que era a imagem central em torno da qual se iam aggrupar todos os esplendores de tão animada eloquencia.

Angelo sentiu-lhe os olhos luminosos como que a beijarem-lhe o rosto incendiado. A sala inteira tremia em applausos tempestuosos. A um lado, bem á frente, destacava-se a figura plethorica de Luciano a bater as palmas com violencia brutal. Nunca o joven italiano sonhára tamanho triumpho, nem tamanho amor...

(Continu'a)

J. A. NOGUEIRA.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Filinto de Almeida

Fundador e actual occupante da cadeira n. 3. Nasceu na cidade do Porto, em Portugal, a 4 de Dezembro de 1857.



Bibliographia

- 1 UM IDIOMA, entre-acto comico, 16 pags., representado em 16 de Julho de 1876 no Theatro Vaudeville — Rio, Serafim José Alves — 1876.
- 2 OS MOSQUITOS, monologo em verso — 9 pags., Rio, Typ. Central de Evaristo Costa — 1887.
- 3 LYRICA, poesias — 280-5 pags. — Rio, Typ. Maximino e Cia., 1887.
- 4 O DEFUNCTO, comedia em 1 acto, em verso, 33 pags. — Lisbôa, Typ. da Cia. Nacional Editora — 1894.
- 5 O GRAN-GALEOTO, trad. drama em verso (coll. V. Magalhães) 135 pags., representado no Theatro Recreio Dramatico pela Cia. Dias Braga. 2.ª edição — Rio, Typ. Laemmert e Cia. — 1898.
- 6 O BEIJO, comedia em 1 acto em verso — 39 pags. — Rio, Typ. «Jornal do Commercio» — 1907.
- 7 CANTOS E CANTIGAS, poesias — 220 pags. Porto, Livraria Chardron de Lello e Irmão — 1915.
- 8 NO SEIO DA MORTE, trad. em verso do drama de D. José Echegaray (coll. V. Magalhães) representado no Theatro Recreio Dramatico pela Companhia Dias Braga, (inedito).

9 A CASA VERDE — romance (coll. Julia Lopes de Almeida) publicado em folhetins no «Jornal do Commercio», (inedito).

10 O QUE NAO SE PODE DIZER, trad. em prosa do drama «Lo que no puede decir-se» de D. José Echegaray, em ooll. V. Magalhães, (representado no Theatro Recreio Dramatico pela Companhia Dias Braga), (inedito).

11 AMOSTRA DE SOGRA, comedia em 1 acto, em collaboração com Valentim Magalhães (inedito), (representada no Theatro Recreio Dramatico).

12 A MULHER-HOMEM, revista comico-phantastica dos acontecimentos de 1885 em coll. V. Magalhães (inedito), (representada em 1896 no Theatro Sant'Anna Cia. Jacintho Heller).

13 CAVALLARIA RUSTICANA — traducção do drama de Verga (representada em 1892 ou 1893 em um dos nossos theatros, (inedito).

14 MEU AMO POR UMA HORA — comedia em 1 acto, escripta aos 18 annos, (inedito).

15 ABOLINDEM-REPCOTCHIMDEGO', revista dos acontecimento do anno de 1886 em collaboração com Valentim Magalhães, representada em 1888 no Theatro Lucinda, (inedita).

Collaborou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: Gravuras (sonetos) n.º 2, pag. 297; Homo sapiens (soneto) n. 4, pag. 328; Myteriosa, (poesia), numero 6, pagina 278; A mão da Imperatriz (poesia), numero 8, pagina 229; Versos, numero 9, pagina 17; na *Semana*, onde escreveu com o pseudonymo de Filindal, 1886-1887 e 1893; *Diario do Commercio*, 1889; *Diario de Santos*, 1898-99; *A Noite*; *A Gazetinha*, *O Combate*, de Lopes Trovão.

Encontram-se reproducções do seu retrato em Cantos e Cantigas, Littérature brésilienne de Victor Orban, Almanack Garnier de 1905.

Fontes para o estudo critico

- 1 *João do Rio* — Momento Litterario, pag. 23.
- 2 *Ezequiel Freire* — Livro posthumo, pag. 79.
- 3 *Eugenio Wenerck* — Anthologia Brasileira, pag. 558.
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 *Teixeira Bastos* — Poetas Brasileiros, pag. 115.
- 6 *Valentim Magalhães* — Litteratura brasileira, pag. 78.
- 7 *Souza Bastos* — Carteira de um artista.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Embora portuguez de origem, nascido na cidade do Porto, a 4 de Dezembro de 1857, pôde-se considerar Filinto de Almeida como poeta brasileiro, pois chegou ao Brasil com 10 annos apenas e aqui se educou, assimilando a feição da litteratura do nosso paiz.

Além de conseguir a nacionalização do espirito nos templos da Escola e da Arte, teve-a conferida por lei, naturalizando-se cidadão brasileiro, e consagrada pela familia, casando-se com a distincta e talentosa romancista Julia Lopes de Almeida.

E' conhecido e apreciado, na sociedade fluminense, esse lar delicioso de artistas, descripto em poucas palavras por Paulo Barreto, no livro «O momento litterario: «um *cottage* admiravel, construido entre as arvores seculares da estrada de Santa Thereza», animado por tres filhos encantadores, viços no physico e de intelligencia apurada por herança e em aprimorada educação.

Filinto estrejou aos 19 annos de idade, escrevendo o entre-acto comico «Um idioma», representado pela primeira vez a 16 de Julho de 1876, no Theatro Vaudeville. Não merece referencia especial esse despretençioso trabalho, escripto sem intuitos litterarios.

E' provavel que antes houvesse collaborado em jornaes ou revistas, mas nada consegui sobre a primeira phase da vida do poeta: onde iniciou os estudos, quaes os primeiros impulsos do espirito, as primicias da intelligencia e os elementos indispensaveis para traçar-lhe a biographia.

Só onze annos mais tarde, em 1887, appareceram «Os Mosquitos», monologo comico. em versos, recitado pelo actor Augusto Rosa, no Theatro São Pedro de Alcantara, e o seu primeiro livro de poesias: — «Lyrica». São versos escriptos de 1880 a 1887, distribuidos em cinco grupos: Musa errante, Peninsulares O poema do amor, O poema da morte e Musa Nova.

E' manifesta a influencia exercida pelos poetas portuguezes sobre o estro de Filinto nessa phase. Vem-o, como muito bem observou Ezequiel Freire, quem melhor traçou a critica do livro «Lyrica», inspirado nos classicos portuguezes do periodo seiscentista, no que concerne a estylo e imaginação.

E' um livro intimo que traduz os amores do poeta, as suas amizades, as suas impressões artisticas, sempre fiel ás emoções e aos sentimentos do homem de letras, no dominio quasi exclusivo do subjectivismo.

Não reflecte as modalidades do lyrismo brasileiro, si bem que se não afaste dos moldes litterarios do nosso meio. Elle só faz vibrar o thema do amor, abrindo-nos de par em par alma e coração, em *rime d'ira, di gioia e di lamento*, como Petrarcha e todos os poetas subjectivos.

O mundo physico pouco lhe seduz.

Phenomeno analogo ao de Filinto, em relação á patria de origem, observa-se em Gonçalves Crespo que, embora tivesse emigrado muito cedo e vivido no meio lusitano, constituindo familia portugueza, deixou impregnada na sua poesia a evocação nativa, a saudade do torrão natal, revivendo assumptos e temas brasileiros. O autor da «Lyrica» foi buscar a tradição camoneana, os modelos de Boccage, guardando as reminiscencias e o influxo de Petrarcha, seu paranymphe espirital.

Ezequiel Freire classifica o livro como sendo a monodia do amor e accentu'a: «Cantando exclusivamente aquelle affecto, deve o livro resentir-se, e resente-se, de certa monotonia.»

Accrescenta ainda: — «Da Natureza conhece apenas as flôres litterarias a rosa, o lyrio; e os phenomenos ou cousas que impossivel ser-lhe-ia não



conhecer — o mar, a montanha, a aurora, a noite. Algum raro quadro que elle desenha, fal-o a grandes traços fugitivos, como no — «Alto da Serras».

E por isso a melhor parte do volume é a que se intitula — «Intima lyra», subdividida em «O poema do amor» e «O poema da morte».

O maior amigo que teve Filinto em nosso meio litterario foi Valentim Magalhães que com elle fundou a «Semana», de saudosa memoria.

Nessa revista o poeta escreveu durante as duas phases: a de 1886-1887 e a [de 1893, occupando-se quasi sempre das chronicas hebdomadarias, com o pseudonymo de *Filindal*.

Ainda se dedicou ao theatro, escrevendo duas comedias em 1 acto, em versos expontaneos de um suave e terno lyrismo, são «O Defuncto», peça representada pela primeira vez no Theatro D. Maria II, de Lisbôa, em 1891, e no Theatro Recreio Dramatico do Rio, em 1892; e «O Beijo», representada em Lisbôa, a 5 de Janeiro de 1900, no Theatro D. Amelia e, a 4 de Junho do mesmo anno, no Theatro Appollo do Rio de Janeiro.

São dous promissores ensaios que exigem do autor a insistencia de se preocupar com a sorte do nosso infeliz theatro. Filinto de Almeida e sua Exma. Esposa, a consagrada romancista brasileira, devem prestar toda a sua collaboração a Coelho Netto, que herdou de Arthur Azevedo a missão de restaurar a arte dramatica no Brasil.

Traduziu de collaboração com Valentim Magalhães, tres dramas de Eche-garay, dous em verso — «O Gran-Galeoto» e «No seio da morte» e um em prosa — «O que não se póde dizer».

As duas ultimas peças ineditas desapareceram com a morte de Dias Braga.

E ainda de parceria com o mesmo autor escreveu uma comedia em um acto — «Amostra de sogra» — (e uma revista comico-phantastica — «A mulher-homem» — ambas ineditas.

Tem collaborado em muitos jornaes: *Diario do Commercio*, (1889), *Diario de Santos* (1898-99) e actualmente em *A Noite*; bem como em revistas: *A Gazetinha*, *Semana*, *Revista da Academia Brasileira de Letras* e outras.

Juntamente com Julia Lopes de Almeida publicou em folhetins do *Jornal do Commercio* o romance «A casa verde», o preferido pela romancista brasileira, porque lhe proporciona uma porção de momentos felizes.

A ultima producção de Filinto de Almeida, publicada em 1915, é o livro «Cantos e Cantigas», dividido em *Tuba canora* (vozes intimas, vozes dispersas e paysagens); *Cantigas* (Silvas); *Poemas da cidade* e *Tuba bellicosa*.

O volume abrange as producções de 1887 a 1914, 27 annos de trabalho. Filinto de Almeida, talvez por ser muito sobrecarregado de afazeres na vida pratica commercial, é de producção lenta. A sua bagagem litteraria é diminuta para 43 annos de labor.

No segundo livro de poesias elle revela progressos na fórma e na inspiração. Perde a norma exclusiva de poetar e presta mais attenção ao mundo exterior. Quando se concentra para pesquisar os sentimentos que lhe fazem vibrar a alma, tem mais reflexão, affecta maior dose de senso philosophico e parece-me até mais ardente, mais moço, mais brasileiro do que na feição primitiva.



E' natural que revele pensamentos sazoados, mas não se explica a maior intensidade no sentir, a não ser pela extrema felicidade na vida do lar e pela profunda adoração que devota á Esposa, como demonstra com o soneto «Excelsa».

Descobre-se ainda na segunda maneira o culto da saudade, a evocação dos companheiros de mocidade e dos factos que despertam recordações suaves e confortantes.

Filinto de Almeida é um homem feliz. Não se faz mistér conhecê-lo para se chegar a essa conclusão. Basta lêr os seus versos.

Os «Cantos e Cantigas» constituem o poema de uma vida ditosa.

Summario para um estudo completo

Patria adoptiva — Influencia de origem — A educação como factor de nacionalisação — As primeiras inclinações para o theatro — Lyrica — Um lar de artistas — Nova propensão para o theatro — O prosador — Singular e proficua collaboração — Feliz entre os felizes — Cantos e Cantigas — A geração a que pertenceu o poeta — Os seus autores predilectos.



Bazilio da Gama

Patrono da cadeira n. 4 - Nasceu em S. José do Rio das Mortes, mais tarde S. José d'El Rey e hoje Tiradentes, no Estado de Minas Geraes em 1740 (José Verissimo menciona 1741) e falleceu em Lisbôa em 31 de Julho de 1785.

Bibliographia

- 1 URUGUAY — poema, precedido de estudo critico de Francisco Pacheco, 78 pags., Livraria Classica de Alves e Cia.-1895. (1.a edição 1769 — 2.a, 1811 — 3.a, 1822 — 4.a, 1845 — 5.a, 1856).
- 2 QUITUBIA — poemeto em versos endecasyllabos, Lisbôa, 1791.
- 3 DECLAMAÇÃO TRAGICA, poema dedicado ás bellas artes, Lisbôa, 1772.

4 LENTIVO DE SAUDADE, na morte do snr. D. José, príncipe do Brasil, Lisbôa, 1788.

5 EPITHALAMIO A'S NUPCIAS da sra. d. Maria Amalia — Lisbôa, 1779 (são essas oitavas «Os Campos Elyseos», segundo alguns autores).

6 RELAÇÃO abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos domínios ultramarinos.

7 OS CAMPOS ELYSIOS, oitavas de Termindo Sipilio, aos condes de Redinha, Lisbôa, 1776. (Varnhagen considera-os distinctos do Epithalamio ás nupcias da sra. d. Maria Amalia).

8 A LIBERDADE DO SNR. PEDRO METASTASIO, traducção de Termindo Sipilio, poeta arcade, Burgos, 1773.

9 CANTO AO MARQUEZ DE POMBAL, em doze oitavas.

10 ODE AO MARQUEZ DE POMBAL, publicada em Lisbôa, sem assignatura.

11 VARIOS SONETOS, por occasião da entrada dos galeões hespanhóes em Lisbôa, para a inauguração da estatua de D. José.

Encontram-se producções suas em *Jornal de Coimbra* (Glosa improvisada, em oitavas, a um mote dado pelo duque de Lafões); *Ramalhete* (O entrudo, satyra em versos endecassyllabos); *Mosalco poetico* de Emilio Adet e Joaquim Norberto (A não Vasco da Gama); *Parnaso Brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva, (Canto 3.º e 4.º do Uruguay e dous Sonetos); *Parnaso Brasileiro* de Januario da Cunha Barbosa, que é o melhor repositório de suas producções; *Epicos brasileiros* de Varnhagen: — todo o poema do Uruguay; *Florilegie da poesia brasileira* de Varnhagen: Ao M. de Pombal, Excerptos do Uruguay e tres sonetos (1); *Parnaso Brasileiro* de Mello Moraes Filho: Quitubia; e quasi todas as selectas e anthologias. No Almanack Garnier (1904) encontra-se um soneto.

Encontram-se as reproducções do seu retrato na edição popular do «Uruguay» de Francisco Pacheco e nos *Sonetos Brasileiros* de Laudelino Freire.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Jose Verissimo* — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 147.
Poetas do grupo mineiro, n. 4 da Rev. da Academia de Letras.
Escola Mineira, n. 1 da Rev. da Academia de Letras.
Estudos de litteratura brasileira, vol. II, pag. 89.
Revista brasileira, 2.a phase, tomo III, pag. 324.
- 2 *Sylvio Romero* — Historia da Litteratura brasileira, tomo I, pag. 190.
Livro do Centenario, tomo I, pag. 26.
Sylvio Romero e João Ribeiro — Compendio de historia da litteratura brasileira, pagina 60.
- 3 *Alberto de Oliveira* — Um soneto attribuido a Bazilio da Gama, n.º 2 da Revista da Academia Brasileira de Letras.
- 4 *Oliveira Lima* — Aspectos da litteratura colonial.



- 5 *Julio Barbuda* — Litteratura brasileira, pag. 167.
- 6 *Francisco Pacheco* — Estudo critico no Uruguay.
- 7 *Pereira da Silva* — Plutarco brasileiro, vol. I, pag. 137.
Os varões illustres do Brasil, vol. II, pag. 1.
- 8 *Teixeira de Mello* — Ephemerides nacionaes, 31-7-1795, pag. 55.
- 9 *Garcia Merou* — El Brasil intelectual, pag. 31.
- 10 *Felix Ferreira* — José Bazilio da Gama.
- 11 *Fard. Wolf* — Littérature brésilienne, pag. 50 (Le Brésil Littéraire).
- 12 *Victor Orban* — Littérature bresilienne, pag. 18.
- 13 *Almachio Diniz* — Anthologia da lingua vernacula, pag.
- 14 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 577.
- 15 *Innocencio da Silva* — Diccionario bibliographic, vol. IV, pag. 268.
- 16 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographic.
- 17 *Eduardo Perié* — Litteratura brailseira nos tempos coloniaes.
- 18 *Theophilo Braga* — Historia da litteratura portugueza.
- 19 *Varnhagen* — Epicos brasileiros.
Folrilegio da poesia brasileira, tomo I, pag. 271.
- 20 *Barão do Rio Branco* — Ephemerides brasileiras.
- 21 *Camillo Castello Branco* — Curso de litteratura portugueza, pag. 245.
- 2 *Revista do Instituto Historico*, tomo I, pag. 139.
- 2 *Fernandes Pinheiro* — Curso de litteratura nacional, pag. 426.
Resumo da historia litteraria, volume 2.º, pagina 366.
- 24 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira, pagina 150.

Noticia biographica e subsidio para um estudo critico

Na villa de São José, situada á margem do rio das Mortes, no Estado de Minas Geraes, nasceu José Bazilio da Gama, em 1740. Era filho legitimo de Manoel da Costa Villas Bôas e de D. Quiteria Ignacia da Gama, ambos descendentes de fidalgos, principalmente o lado materno cujo appellido foi adoptado pelo poeta.

Orphão em tenra idade, foi Bazilio da Gama confiado ao então sargento-mór e mais tarde brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim que o entregou, na idade de 15 annos, á Companhia de Jesus que mantinha no Rio de Janeiro o melhor estabelecimento de ensino em 1755.

Quatro annos se manteve o estudante no collegio dos padres, sendo obrigado a sahir, quando o Marquez de Pombal expediu o decreto real, banindo e desnaturalizando os jesuitas. E o noviço deixou o habito, para continuar os seus estudos no seminario episcopal de S. José.

(1) *Desses o que escreveu ao lançar-se ao mar a não «Serpente», foi a primeira producção sua que chegou ao Brasil.*

Já no collegio dos jesuitas o moço havia revelado pujante talento e vocação decidida pelos estudos litterarios, tornando-se um discipulo predilecto que inspirava esperança aos seus preceptores, como attesta José de Alencar no drama «O jesuita».

No estabelecimento de ensino para o qual se transferiu, continuou a revelar talento de escól, devotado aos estudos, e conquistou amizades a que se manteve fiel até á morte.

Foi amigo de Gomes Freire de Andrade, do Bispo D. Antonio do Desterro o do brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, seu protector.

Quando morreu o Conde de Bobadella, já se havia transferido o estudante para o Reino, afim de cursar as aulas da Universidade de Coimbra, no curso de direito. D'ahi enviou ao Brasil as primeiras modulações do seu estro, traduzindo nostalgia da patria e preitos de gratidão ao seu portector.

Mas, apesar das recommendações que levou, foi excessivamente hostilizado em Coimbra por suspeita do seu jesuitismo, sendo obrigado a interromper o curso e a dirigir-se para Lisbôa. Nesta cidade soffreu privações e miserias, até partir para Roma, com auxilio dos jesuitas, segundo rezam as chronicas dos missionarios de Santo Ignacio de Loyola.

Na cidade italiana foi admittido em um seminario de instrucção e relacionou-se com os mais notaveis homens de letras e pessoas de nomeada, logrando entrar para a Arcadia Romana, com o nome de Termindo Sipilio. Tinha, então, 35 annos.

No periodo comprehendido entre os annos de 1768 e 1770, regressou á Lisbôa, embarcando em Napoles, e pouco se demorou na capital portugueza, pois dirigiu-se para o Brasil. Ao chegar no Rio de Janeiro resurgiu a suspeita de ser elle um proselyto dos jesuitas e depois de formal denuncia foi preso e reconduzido a Lisbôa, afim de ser julgado pelo tribunal de infidencia. Para readquirir a liberdade foi compellido a assignar um termo segundo o qual se comprometteu a partir, no prazo de 6 mezes, para Angola, de onde não sahiria sem previa acquiescencia do governo portuguez. Occorrendo-lhe, porém, a lembrança de appellar para a magnanimidade do Marquez de Pombal, recorrendo da sentença do iniquo tribunal, usou do estratagemma de compôr um epithalamio, celebrando o noivado da filha do poderoso ministro de D. José I e implorando a graça por intermedio da gentil advogada.

Commovido, o Marquez desejou fallar ao poeta e tal foi a impressão favoravel que lhe causou o talento do vate perseguido, que não só lhe deferiu o pedido como tambem o nomeou para o cargo de official da secretaria de estado dos negocios do reino.

Foi esse o período de intensa fertilidade do poeta mineiro. Escreveu o canto e a ode dedicadas ao seu protector, compoz algumas tragedias que permaneceram inéditas e o poemeto «Quitubia», em versos endecasyllabos, commemorando um chefe africano que coadjuvou os portuguezes a expulsar os hollandezes dos dominios luzitanos na Africa.

Dedicou tambem nessa época aos Condes de Redinha as oitavas de Termindo Sipilio, «Os Campos Elysios», que constituem o epithalamio, e concebeu a sua obra prima, o poema «Uruguay» e a «Relação».



Antes havia escripto a «Declamação tragica», poema dedicado ás bellas artes, «Relação abreviada da republica que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos» e a traducção que fez o poeta arcade da «Liberdade» de Metastasio. Traduziu ainda peças de Goldoni e lia frequentemente Dante e Petrarca.

Com a morte de D. José I em 1877, succedeu-lhe D. Maria I e foi o Marquez de Pombal alijado do poder e condemnado ao ostracismo. Os abyssinios apedrejaram o sol posto e, no dizer de Theophilo Braga, Bazilio da Gama foi o unico que se lhe conservou fiel. Castello Branco tambem affirma que o poeta mineiro teve a coragem rara de confessar-se agradecido ao protector, como já succedera com os seus amigos do Brasil. E Pereira da Silva observou: «Ao passo que Antonio Diniz da Cruz Silva e outros poetas afamados da época ou queimavam incenso sobre os altares das novas postestades, ou se reduziam ao silencio, exclamava José Bazilio da Gama: (transcreve a poccia dedicada ao illustre politico decahido do poder).»

Compoz tambem o «Lenitivo de saudade» sobre a morte de D. José.

Começou, então, nova phase de infortunios para o poeta que se viu privado do emprego, atrozmente perseguido, regressando ao Brasil, em busca de tranquillidade.

Em 1780 fundou no Rio de Janeiro, em companhia de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, uma sociedade denominada «Academia litteraria» a que pertenceram Santa Rita Durão, Thomaz Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Domingos Barbosa, extinguindo-se por ordem do vice-rei, Conde de Rezende, a quem se tornou suspeita essa aggremação de homens distinctos.

Antes, porém, logo que tornou ao Brasil, foi Bazilio da Gama bem acolhido pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, e o bispo D. Mascarenhas Castello Branco, conseguindo por instancias do primeiro, de D. Maria I, o titulo de escudeiro fidalgo da casa real, por carta regia de 6 de Agosto de 1787.

Pouco durou o socego que lhe proporcionaram, pois foi preso por ordem do Conde de Rezende, successor de Luiz de Vasconcellos, sendo obrigado a voltar á Lisbôa.

Ahi foi admittido na Academia Real de Sciencias e condecorado com o habito da ordem de S. Thiago. Mas vivia isolado e doente, retirando-se por vezes, a conselho dos facultativos, para as visinhanças de Coimbra, até fallecer a 31 de Julho de 1795, em Lisbôa, sendo depositados os seus restos mortaes na igreja matriz da Boa-Hora, em Belém.

Era, segundo o testemunho de contemporaneos e affirmação de Pereira da Silva, «de estatura pequena, rosto trigueiro e caracter jovial e espirituoso».

José Verissimo contesta, ignoro com que fundamento, e Sylvio Romero julga incerto o retorno de Bazilio da Gama ao Brasil depois da publicação do Uruguay e, por consequinte, depois do declinio do Marquez de Pombal. (1)

Escreveu além do que ficou consignado na bibliographia e citado linhas acima, varios sonetos, muitos poemas, uma traducção da tragedia *Mahomet*

(1) *Varnhagen não se refere a esse retorno ao Brasil.*



de Voltaire. Mas a sua obra capital e característica, de summa importancia na litteratura brasileira, por definir uma transição e ser a precursora do indianismo romantico, é o poema «Uruguay», escripto em versos brancos e em desaccôrdo com as normas classicas dos poemas epicos, afastando-se dos moldes luzitanos no que concerne ás figuras de rhetorica e preceitos de poetica. Além dessa circumstancia, destaca-se o valor intrinseco do poema que, apesar de encerrar assumpto de acanhada valia, é escripto em estylo elevado, encerra bellas imagens poeticas e deixa antever o lyrismo dos romanticos.

Publicado doze annos antes que o «Caramuru» de Santa Rita Durão, foi o primeiro exemplo de nacionalismo na litteratura patria. Antes, Manuel Botelho de Oliveira, primeiro autor que imprimiu um livro de versos — «Ilha da Maré» —, havia feito enumeração de fructos brasileiros e muito mais tarde Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto manifestaram o seu nativismo nas producções poeticas. Mas o precursor do indianismo e quem começou a accentuar o «divorcio» entre os modelos luzitanos e brasileiro foi indubitavelmente Bazilio da Gama, pondo de parte os sentimentos de revolta de Gregorio de Mattos.

Foi o iniciador da poesia americana que depois de 1830 veio tomar incremento com a «Confederação dos Tamoyos» de Gonçalves de Magalhães, «Colombo» de Porto Alegre, «Os Tymbiras» de Gonçalves Dias e outras poemas que manifestaram commiserção pelo aborigene e volveram um olhar compassivo ao passado, buscando origens e tradições.

O poema narra os feitos de Portugal, com o auxilio da Hespanha, contra os indios das Missões do Uruguay que não acceitaram o jugo luzitano assegurado pelo tratado de 1750 e sublevaram-se por suggestões dos missionarios de Santo Ignacio de Loyola.

Si pelo assumpto ou valor historico o poema de Bazilio da Gama é inferior ao «Caramuru», sobrepuja-o no estylo, nas imagens poeticas, na elegancia da fórma e na inspiração. Foi muito combatido por ser considerado como uma ingratição aos jesuitas de quem condemnou a politica exercida e o systema de educação por elles seguido na cathechese.

Não se encontra no poema uma só referencia mythologica nem os processos sedicões que caracterisavam a technica dos poetas classicos, seus coevos e predecessores. O estylo descriptivo e a exposição dos ligeiros episodios são feitos com tal arte que José Verissimo dá ao poema a classificação de romantico.

E' o seguinte o julgamento de um eminente escriptor portuguez: «*O Uruguay*», de José Bazilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes, muito bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa da sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional e legitimamente americana.» (Garrett — Parnaso Lusitano).

Não se lhe pôde fazer mais fervoroso encomio.

Mas ao proprio valor sobrepuja a funcção por elle desempenhada na litteratura trasileira, consubstanciando tres symptomas distinctos relativamente á



MONUMENTO DA INDEPENDENCIA



"VIVA O PRIMEIRO REI DO BRASIL!" — SCENA NA OPERA DE S. PAULO,
NA NOITE DE 7 DE SETEMBRO DE 1822.



ACCLAMAÇÃO DE D. PEDRO, COMO IMPERADOR CONSTITUCIONAL
DO BRASIL, A 12 DE OUTUBRO DE 1822

Baixo-relevos do projecto Mario Ribeiro
Pluto — Fernando Frick.

MONUMENTO DA INDEPENDENCIA



O PROTESTO DA JUNTA DE S. PAULO CONTRA AS RESOLUÇÕES
DAS CÔRTEZ PORTUGUEZAS (1821)



A DECLARAÇÃO DO "FICO", A 9 DE JANEIRO DE 1822

Baixo-relevos do projecto Mario Pinto -
Fernando Frick.

evolução da poesia no Brasil: independência do estro, divorciando-se da feição camoneana e desprendendo-se do âmbito acanhado sujeito a regras de retórica e poética, segundo a estética do tempo de Aristoteles; a manifestação de nacionalismo vigoroso, explorando thema nativo, exprimindo liberdade espiritual, accentuada para os tempos da inquisição e para a época do tribunal de inconfidência, e traduzindo os sentimentos liberaes e patrióticos; finalmente o terceiro que já foi salientado, como sendo esse poema o precursor do romantismo e do indianismo.

A gratidão por elle extremada para com Alpoim, Gomes Freire, Antonio Desterro, Luiz de Vasconcellos e Marquez de Pombal, não é compativel com qualquer censura que se lhe pretenda fazer, por haver criticado a politica e a acção dos jesuitas.

José Bazilio da Gama é um vulto que inspira sympathia e admiração.

Summario para um estudo completo

A sua biographia — Manifestações do seu estro — O papel do «Uruguay» na litteratura brasileira — O poeta e os jesuitas — Os seus protectores — O poema no Brasil — Bazilio da Gama e os seus contemporaneos — A influencia de Voltaire — No tribunal da critica e na joeira do seculo.

ARTHUR MOTTA.





EPIDEMIA DE IMPALUDISMO NA
USINA ESTHER E COSMOPOLIS
— *Octavio M. Machado* — Typ.
Olegario Ribeiro e Cia. — S. Paulo
— 1919.

E' muito de lamentar que a nossa imprensa, tão solícita em publicar coisas de nenhuma importancia, e tão abundante quando se trata de factos policiaes, não dê a publicidade devida aos trabalhos de saneamento levados a cabo pelo Serviço Sanitario de S. Paulo, sob a direcção do emerito dr. Arthur Neiva. A noticia desses trabalhos, do que se fez e do que se está fazendo, iria talvez arrancar do marasmo outras regiões flagelladas, despertando os governos ineptos, porque cegos, acordando a voz dos publicistas capazes de pôr em fóco o problema, pondo assim em movimento essa grande idéa. Apesar da sua alta importancia, o publico ignora quasi em absoluto a marcha do saneamento em S. Paulo. Só têm conhecimento disso as raras pessôas em cujas mãos cahem os magníficos boletins que o Serviço Sanitario periodicamente publica, dando conta do resultado das campanhas iniciadas. A circulação desses boletins é restricta e sua divulgação morosa; a repercussão delles, portanto, é infinitamente menor do que se a publicidade fosse feita por meio dos jornaes.

Neste, o dr. Octavio Machado narra pormenorizadamente a campanha contra o impaludismo de Usina Esther, Cosmopolis e arredores. Esta zona, muito rica — um dos maiores centros de trabalho de S. Paulo, — foi diversas vezes assolada pela malaria e ultimamente com uma tal impetuosidade que os directores mentaes da terra se vi-

ram alarmados, prevendo o descalabro completo e a estagnação industrial de uma zona tão promissora. A orientação sanitaria antiga, em tal caso, procuraria quando muito curar os doentes; a moderna vae muito além, faz tudo, cura o doente e suprime de vez a causa do mal, destruindo os focos geradores do mosquito transmissor, saneando a terra em summa. E a zona, livre assim *para sempre* do espantallo da malaria, viu restabelecer-se a saude dos seus moradores e pode recommear a vida activa com redobrada eficiencia de produção. Quando o Brasil inteiro comprehenderá o alcance desta campanha e os altos resultados economicos do saneamento e se convencerá de que a saude é a principal riqueza dos povos? Quando porá de lado os pequeninos problemas da politicalha, lançando as vistas para os magnos problemas sociaes, de cuja solução depende a entrada do nosso paiz para o rôl dos paizes civilisados?

A QUESTAO SOCIAL NA PHILOSOPHIA DE FARIAS BRITO —
Jackson de Figueiredo — Typ. Revista dos Tribunaes, Rio, 1919.

Poucos nomes da nova geração de escriptores se têm popularisado mais do que o de Jackson de Figueiredo, quer na imprensa, quer em obras de mais folego e duração. E' um trabalhador incançavel e um apostolo que o problema do Além preocupa de um modo extraordinario. Seu espirito anda sempre voltado para os aspectos philosophicos das coisas. E' um combativo. Fôrma ao lado da philosophia christã e bate-se com heroismo pelo revicar dos velhos ideaes, levados de

roldão pela onda anarchica do scepticismo moderno. Quer restabelece-los, vendo nelles a solução de tudo e na ancia de o fazer, deixa visivel em todas as paginas que escreve a sua dôr sincera deante do Erro que dia a dia ganha mais terreno. Como todas as mentalidades crystallizadas dentro do molde christão, ás quaes a fé é o pharol supremo, tem certeza absoluta do que é a Verdade e do que é o Erro. Não se limita, entretanto, como os scepticos, a emitir uma opinião pessoal, friamente, sem incommodar-se com a sua repercução; quer que o acompanhem, tem o fogo do proselytismo na alma, ataca e não poupa ironia aos transviados. E' profundamente sincero. Neste opusculo estuda as idéas de Farias Brito relativas á questão social, e conclue com elle que o mal é a falta de religião (christã, já se vê), e que só esta dará ao mundo a felicidade e a paz. Esta conclusão é a mesma em toda as obras deste escriptor, o que revela o arraigamento e a firmeza das suas convicções. Entretanto, o tom de amargor que lhe reveste o pensamento dá a entender que a causa que defende, em vez de ganhar terreno perde-o. O Erro avoluma-se. A humanidade, que já fez experiencia da verdade christã, não denuncia symptomas de voltar atraz. Prefere continuar no Erro.

PRIMEIRO LIVRO DE INGLEZ —
Mello de Castro — Off. do «Estado» — S. Paulo — 1919.

Uma das consequencias da guerra foi o desenvolvimento entre nós do commercio americano. A lingua ingleza, já a lingua commercial por excellencia, cresceu ainda de importancia, e o seu estudo desenvolveu-se em nosso meio de um modo surprehendente. O francez ficou para as moças que se utilisam delle para dar expansão ás suas futilidades mentaes. Para os homens a utilidade do francez, unica lingua estrangeira estudada até aqui, tem importancia minima, porque não é lingua commercial. Em virtude disso, todos os rapazes que põem mira no commercio, atiraram-se ao estudo de

uma lingua que lhes facilitarã a victoria na carreira. O sr. Mello de Castro, actualmente um dos melhores professores dessa lingua, que se encontra em S. Paulo, pela maneira intelligente e pratica com que sabe transmitir-a, procedeu muito bem elaborando elle mesmo um compendio que possa indicar aos seus alumnos. Este ora publicado é o numero um de uma série de cinco com que vae enriquecer a nossa literatura didactica. Muito bem feito e muito bem impresso, não é exaggero dizer-se que não existe actualmente nenhum outro que se lhe avanteje. E' extremamente pratico, sobretudo no systema adoptado para figurar a pronuncia ingleza. Por estas razões, recommendamol-o aos estudiosos, certos de que lhes prestaremos uma indicação de primeira ordem.

A OLIGARCHIA PAULISTA — *Ivan Subiroff* — Off. «Estado» — São Paulo — 1919.

Inda é bem recente o successo extraordinario que causou entre os que leem a publicação dos artigos ora enfeixados em volume. Ivan Subiroff, pseudonymo do mais intemerato dos nossos jornalistas, poz a nu' as negociatas, as bandalheiras de toda ordem que os politicos de S. Paulo, com o mais absoluto desprezo pelos interesses publicos e pela velha moral, praticam acobertados por uma impunidade absoluta. De nada valeu a revelação destes factos. Em qualquer paiz medianamente civilisado, matade do que disse Ivan Subiroff bastaria para correr das posições supremas os vendilhões sem pudor. Entre nós, taes revelações só servem para lher dar maior prestigio. Isto faz-nos lembrar o caso de um sujeito que se apresentou candidato á vereança e foi derrotado por poucos votos. No dia seguinte á eleição, os jornaes davam noticia da pronuncia do homem como gatuno.

— Que pena esta pronuncia não ter vindo nas vespervas da eleição, disse um cabo eleitoral.

— Porque? interpella um terceiro.

— Porque se o eleitorado tem cer-

teza de que o homem de facto era gatuno, elegia-o pela certa.

Os optimistas têm esperança de que as nossas coisas melhorem. Os pessimistas, não esperam que isso aconteça. Os neutros, isto é, os que se deixam arrastar nem por uma nem por outra corrente,, esses ficam indecisos e atarantados. As coisas correm de tal maneira entre nós, que por maior que seja a boa vontade chega a parecer ingenuidade a esperança no concerto e no honesto funcionamento da coisa publica enquanto estiverem de cima os homens actuaes. Campanhas como esta de Subiroff só servem para consolida-los no poder. Talvez que o inverso desse resultado. Se fosse possível provar que são todos elles umas vestaes, quem sabe viriam todos abaixo porque a reciproca do caso do vereador deve ser verdadeira...

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO
VERSO -- *Manoel do Carmo* —
Casa Duprat — S. Paulo, 1919.

Em terra de poetas, aqui está um livro preciosissimo. Bem feito, claro, simples, sendo a materia disposta como muita ordem e methodo, é este volume um auxiliar magnifico a quem verseja, seja principiante ou artista acabado. Qualquer duvida aqui se aclara, se resolve com opinião segura, documentada em exemplos de bons autores.

Ninguém melhor de que Manoel Carmo poderia dar-nos um livro como este, porque elle é tambem um artista perfeito da arte do verso, e por isso não só orientou a sua *Consolidação* pelas normas mais rigidadas da exactidão e da correção, como tambem lhe imprimiu a *doigtée* dum fino e apurado gosto. Em materia de versificação é um livro dos mais completos, sinão o mais completo que temos.

MALMEQUERES — *Adalzira Bittencourt* — Livraria Magalhães, São Paulo, 1919.

«São versos de uns quinze annos floridos de promessas», assim diz no

prefacio deste livro o glorioso poeta Vicente de Carvalho. Mas não são só promessas. Expressam já alguma coisa de realidade, em que ha delicadeza de inspiração e uma graça pouco comuns, não turbadas pelos embaraços que encontra quem começa a manejar o verso. A espontaneidade dos *Malmequeres* é frizada sobretudo nesta poesia:

*Qual mimosa ave innocente
Na gaiola prisioneira,
Gorgeando tristemente
Ao lado da companheira,*

*Vivo triste e aborrecida,
Tambem presa na gaiola...
Como é triste a minha vida,
Desde que entrei nesta escota!*

*Só temos para receio,
Mela hora e nada mais!
Depois vamos ao torneio
Dos trabalhos manuaes.*

*Trabalhamos no bordado,
No piano e na pintura;
Tenho o corpo já cansado:
O' meu Deus! quanta amargura...*

*Em tudo, tudo ordem impéra,
Neste templo tão egregio!
A superiora é severa,
Triste vida é a do collegio.*

*O poueo tempo que tenho
De folga, vou estudar,
Ou vou fazer meu deseaho,
Ou nos maninhos pensar...*

*Para encher-me de alegria,
E mitigar essa magua,
Eu busco a doce Poesia
Com os olhos razos d'agua.*

*Este acerbo soffrimento,
Esta dorida prisão,
Não me prende o pensamento,
Não me prende o coração!*

*Por isso mais consolada,
Já não clamo, nem lamento
Porque a Poesia abençoada
Libertou meu pensamento!*

Com estudo e boa direcção artistica, Adalzira Bittencourt está destinada a ser um nome brilhante entre os das nossas melhores poetizas.





RESENHA DO MEZ

VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Outubro, 16 — Foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras o sr. Carlos de Laet.

17 — Foi assignado o convenio postal entre o Brasil e os Estados Unidos. — O aviador Mario Quaranta realisou uma excursão aérea do Rio a Santos.

18 — Um hydro-avião da Marinha Nacional fez uma viagem do Rio a Santos.

19 — Foi concedido pelo governo da Republica aos navios allemães livre transito nas aguas e portos brasileiros.

20 — Inaugurou-se a Exposição Pecuaria de Porto Alegre. — Foi declarada a grève geral em Santos.

21 — A familia Araujo Pinho entregou ao Instituto Historico da Bahia a bandeira paraguaya tomada em Lomas Valentinas, e que pertenceu ao barão de Cotegipe.

23 — Naufragou nas costas da Ilha do Pará o vapor «Annette».

26 — Inaugurou-se officialmente o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia de Bello Horizonte.

29 — Foram destruidos pelo fogo os armazens da firma Prado Chaves e F. Matarazzo em S. Paulo, sendo os prejuizos calculados em cerca de 3.000 contos.

30 — Foram eleitos na Academia de Letras os srs. Humberto de Campos e D. Silverio Gomes Pimenta, respectivamente para as vagas de Emilio Menezes e Alcindo Guanabara.

31 — Um grupo de estudantes, em

S. Paulo, empastellaram o jornal anarchista «A Plebe».

Novembro, 4 — O sr. presidente da Republica visitou o navio mercante norte-americano «Epitacio Pessoa».

5 — Foi apresentado no Senado um projecto estabelecendo o dia de render graças a Deus.

8 — O Supremo Tribunal negou habeas corpus a anarchistas, reconhecendo o direito do Estado de expulsal-os, embora residentes no paiz.

9 — Foram encontrados numerosos ratos mortos de peste bubonica nos armazens da Alfandega do Rio.

11 — Foi approvedo pelo Senado o tratado de paz com a Allemanha.

12 — Inaugurou-se em S. Paulo a Universidade Feminina.

13 — Foram verificados varios casos de peste bubonica no Rio.

14 — Foi recebido na Academia de Letras o sr. Amadeu Amaral, eleito na vaga de Olavo Bilac.

15 — O sr. Ruy Barbosa foi convidado para o cargo de director do «Jornal do Commercio», do Rio.

Nota mineira

FAISONS COMMUNE!

O congresso mineiro, votando em primeiro turno, sem modificações, o projecto da reforma constitucional, ainda na parte em que se institue o regimen de prefeituras para todos os municipios do Estado, deu de mão a uma das nossas mais antigas e formosas tradições de liberalismo. E aproximou-se do systema administrativo fran-

cez, procurando todavia justificação para as suas repentinas velleidades de centralização em copiosas citações de autores norte-americanos, em que peze ao conhecido espirito de liberdade local dominante nas instituições dos Estados Unidos.

Não é, porém, de semelhante gosto a dissertações enxacócas que ha de vir mal ao mundo. Já em tempos de Rameses II, allí por volta de mil e trezentos annos antes de Christo, dizem graves egyptologos que chegou a ser moda introduzirem os ribeirinhos do Nilo em sua linguagem, a fim de a tornarem nobre e elegante, abundantes phrasca-dos canancus. *Nihil novi sub sole*, lá geme com razão o sempre judicioso Ecclesiastes.

O que nos surprehenda é que homens de incontestavel valor, quaes os parlamentares que mais esgrimiram de ponta e talho na defesa do moderno regimen procunsular ou prefeitural, andem tão alheios ás verdadeiras fontes do nosso direito administrativo em materia de organização municipal. Pois não era muito mais natural e patriótico e até brilhante que o esforço empregado para descobrirem na exemplarissima descentralização *yankee* desculpas para o nosso *bahianismo* se orientasse em desbravar a historia da península iberica, indo em recuos de erudição, atavez da heroica resistencia dos villões contra a oppressão feudal, até a esplendida vida municipal que foi a base, o fundamento e a garantia da civilização romana entre os primitivos povos neo-latinos?

Mas não era preciso chegarmos ao diluvio, nem tão pouco ouvirmos os augustaes da Casa Branca... Allí em Portugal, terra onde os foraes constituiram a egide das classes populares, — o que levou o virtuoso Lafayette a desejar para a França tão beneficas instituições — houve uma seria tentativa de implantação no paiz das demazias do centralismo, para não nos referirmos á geral repulsa com que o povo assistia anteriormente á intervenção dos carregadores e juizes de fóra nos negocios privativos dos municipios. A 16 de Maio de 1832 um decreto da regencia, referendado por José Xavier Mousinho

da Silveira, creou, para as provincias, comarcas e concelhos, prefeitos, sub-prefeitos e provedores, todos de livre nomeação do governo. Mas foram taes «os excessos e abusos commettidos pelos provedores de concelhos, diz Manuel da Silva Passos no relatorio que precedeu o codigo administrativo de 1836, que moveram a indignação dos povos contra os novos pachás, e um grito geral se ouviu em todo o reino: Abaixo as prefeituras!» E eis como, por via de dura experiencia, tornou a perecer a autonomia municipal no paiz onde têm suas raizes a nossa nacionalidade. Havíamos depois disto de começar a adoptar permanentemente um typo de administração só accetavel em casos «excepcionaes, á maneira de um estado de sitio, a fim de reprimir os desregramentos de um momento de anarchia?»

Certamente que não. Dos nossos municipios podemos dizer o que disse Alberdi de toda a America Latina: «Elles governam-se mal, mas governam-se a si mesmos. E á força de se governarem mal, acabarão por aprender a governar-se bem.» Devemos guardar esse espirito de liberdade local pelo mesmo motivo por que devemos guardar e defender a nossa lingua. E' um formoso legado dos nossos maiores, que está, por assim dizer, no sangue da nossa raça e constitue uma parte essencial da nossa cultura.

Por todas essas razões acreditamos que os proprios dirigentes do Estado de Minas serão os primeiros a desaconselhar a votação, em 2.º turno, da exotica medida centralizadora. Hoje como no seculo XII o moto de bandeira é ainda o grito libertador: *Faisons commune!*

O MONUMENTO DA INDEPENDENCIA. — Dos *maquettes* apresentado para o monumento da Independencia Nacional, que o governo de São Paulo deliberou mandar construir junto ao local historico do Ypiranga, um dos mais interessantes é sem duvida o dos srs. Mario Ribeiro Pinto e Fernando Frick, de que damos

neste numero alguns aspectos. Por elles se vê que o projecto está muito bem estudado, evocando os mais notáveis episodios historicos que intervieram no extraordinario feito, e satisfazendo os requisitos technicos de um grandioso monumento architectónico, como deve ser o da Independencia.

O estado demographico de São Paulo

Segundo o Anuario Demographico de 1918 do Serviço Sanitario de São Paulo:

Pelos algarismos do quadro junto se verifica que os cartorios do Registro Civil accusaram em 1918, em todo o Estado, a inscrição de 23.929 casamentos, o que dá a media diaria de 65,55 e o coefficiente annual por mil habitantes de 5,85.

Falleceram 89.545 pessoas, sendo. 14.811 na capital, 2.607 em Santos, 2.054 em Campinas, 1.126 em Ribeirão Preto e 68.947 nos restantes municipios. A media diaria foi de ... 245,32 fallecimentos, e o coefficiente de mortalidade, de 21,92 obitos por mil habitantes.

Nasceram e foram registadas 149.061 creanças, dando a media diaria de 435,78 nascimentos, e o coefficiente de natalidade por mil habitantes de 36,49. Houve portanto um saldo, a favor dos nascimentos, de 59.516 almas.

Nasceram mortas 7.959 creanças, sendo a media diaria de 21,80 e o coefficiente annual por mil habitantes, de 1,94.

De 0 a 2 annos de idade falleceram 40.726 creanças, o que representa uma media diaria de 111,57 e dá a porcentagem sobre a totalidade dos obitos em geral de 45,48.

As doenças transmissiveis determinaram 20.534 fallecimentos, contra... 12.883 no anno anterior, correndo este augmento por conta da gripe epidemica. A media diaria foi de 56,25 e a porcentagem sobre a totalidade dos obitos, de 22,93 fallecimentos.

Dentre as doenças transmissiveis, a gripe occupa o primeiro lugar em relação ao numero de suas victimas, matando 12.816 pessoas, sendo 5.372 na capital, 853 em Santos, 220 em Campinas, 211 em Ribeirão Preto e 6.160 nos outros municipios.

A seguir, vem a tuberculose, ceifando 2.909 vidas, o que corresponde a 7,96 obitos diarios, o impaludismo 1.166, ou sejam 3,19 por dia, a coqueluche 527 com a media diaria de 1,44, a dysenteria 516 com a media de 1,41, a febre typhoide e as infecções para-typhicas 491 com a media de 1,34, a syphilis 327, o sarampo 269, a ancylostomose 249, a diphteria 200 e a escarlatina 162. A variola não determinou obito algum.

Dentre as outras causas de morte devemos citar o cancer, que victimou 798 pessoas, contra 852 em 1917, sendo de 2,18 a media diaria.

Podemos ainda accrescentar que os homicidios foram em numero de 161 e os suicidios de 174, sendo de... 1.133 os obitos causados pelas outras violencias exteriores.

No que diz respeito ás molestias localisadas, as affecções do systema nervoso determinam 2.522 fallecimentos, as do apparelho circulatorio ... 5.291, as do apparelho respiratorio 6.362, as do apparelho digestivo ... 12.955, as do apparelho genito-urinario e seus annexos 1.760, as da pelle e do tecido celular 199 e as dos ossos e orgãos de locomoção 21.

Relativamente aos suicidios occupa o 9.º lugar dentre 33 cidades e paizes estudados.

O coefficiente de mortalidade por suicidios sobre 100 mil habitantes subiu de 5,33 em 1894, a 16,49 em 1914, baixando em seguida.

Os annos de guerra, comprehendidos entre 1914 e 1917, deram o elevado coefficiente medio de 1.308 por 100.000 habitantes; entretanto no anno passado uma calamidade tão grande como a geada de junho, em nada influiu sobre a mortalidade por suicidios, cujo coefficiente baixou de..... 12,52 em 1917 para 8,70 em 1918.

Summula dos principais dados estatísticos e demographicos, de 1918, no Estado de São Paulo

	Capital	Santos	Campinas	Ribeirão Preto	Interior	Total
Area em kilometros quadrados	128.976	9.600	6.600	6.400	252.728.424	252.880
População	528.295	95.365	105.160	56.000	3.300.0	4.084.820
Numero de municipios	I	I	I	I	192	196
Numero de districtos de paz	18	I	7	2	348	376
Total de casamentos	3.173	311	652	351	19.442	23.929
Coefficiente sobre mil habitantes	6.00	3.26	6.20	6.26	5.89	5.85
Total de nascimentos	17.852	3.002	3.942	2.266	121.999	149.061
Coefficiente sobre mil habitantes	33.79	31.47	37.48	40.46	36.96	36.49
Total de natimortos	1.034	173	270	137	6.345	7.959
Coefficiente sobre mil habitantes	1.95	1.81	2.56	2.44	1.92	1.94
Total de obitos	14.811	2.607	2.054	1.126	68.947	89.545
Coefficiente sobre mil habitantes	28.03	27.33	19.53	20.10	20.89	21.92
Mortalidade infantil — o a 1 anno	3.976	584	582	352	—	—
Porcentagem sobre o total dos obitos	26.84	22.40	28.33	31.26	—	—
Mortalidade de o a 2 annos	5.908	856	844	400	32.638	40.726
Porcentagem sobre o total dos obitos	39.88	32.83	41.09	43.51	47.32	45.48
Obitos por doencas transmissiveis	6.645	1.262	460	356	11.811	20.534
Porcentagem sobre o total dos obitos	44.89	48.40	22.39	31.34	17.13	22.93
Crescimento vegetativo	3.041	395	1.888	1.140	53.052	59.516

Numero de cidades que possuem ABASTECIMENTO DE AGUA		148
Idem	idem	69
Idem	ABASTECIMENTO DE AGUA E REDE DE ESGOTOS,	69
Idem	illuminadas a LUZ ELECTRICA	197
Idem	servidas por LINHAS TELEPHONICAS	248
Idem	onde se encontram HOSPITAES, CASAS DE SAUDE, etc.	97

O ensino no Brasil**A SITUAÇÃO DO ENSINO NOS
DIFFERENTES ESTADOS***Amazonas*

Em 1917 a população do Amazonas era calculada em 555.120 habitantes.

Com uma população de 550.000 habitantes o Estado de Rhode Island, na America do Norte, tinha em 1915 nas suas escolas elementares 2.364 professores e 78.881 alumnos matriculados e, nas escolas de segundo grau, 316 professores e 8.183 alumnos. No Estado de North Dakota, tambem na America do Norte, com uma população de 5770.56 habitantes, havia em 1915-16 escolas elementares em numero de 6.786 com 186.341 alumnos, sendo 95.834 do sexo masculino e 90.507 do sexo feminino.

No Estado do Amazonas, segundo os dados estatísticos publicados pela ultima estatística federal, havia um total de 5.902 alumnos matriculados nas escolas primarias!

Pará

A população do Pará em 1917 orçava por 623.598 habitantes.

Com 687.741 habitantes, o Queensland, na Australia, tinha 1.447 escolas elementares com 3.682 professores e 84.477 alumnos. Com uma população de 672.765 habitantes, o Oregon, na America do Norte, tinha em 1916 escolas elementares em numero de 2.519 com 6.173 professores e 142.365 alumnos matriculados. O Mecklembourg-Sehwerin, com 639.000 habitantes, tinha 92.661 alumnos matriculados em suas escolas elementares.

Segundo a ultima estatística federal existente, o Estado do Pará tinha matriculados em suas escolas primarias 25.404 alumnos, algarismo que nos parece inverosimil e muito superior á realidade.

Maranhão

Em 1917 a população do Maranhão era orçada em 611.548 habitantes.

No Estado de South Dakota, com uma população de 583.888 habitantes havia nas 5.205 escolas elemen-

tares 122.742 alumnos com 5.374 professores, além de 300 escolas secundarias com 1.638 professores e..... 11.524 alumnos. No Honduras, com 553.000 habitantes, havia para instrução primaria 916 escolas com 40.565 alumnos matriculados.

No Maranhão a ultima estatística federal constata a existencia de 13.162 alumnos matriculados nas escolas primarias!

Piauí

Era em 1917 calculada em 467.698 habitantes a população do Estado do Piauí.

Com uma população de 430.572 habitantes, o New Hampshire, na America do Norte, tinha em 1915 escolas elementares com 2.493 professores e 76.929 alumnos matriculados. No Saxe Weimar, com uma população de 417.000 habitantes havia.... 65.646 alumnos matriculados em escolas elementares.

No Piauí, segundo as ultimas estatísticas federaes conhecidas, havia 8.176 alumnos matriculados nas escolas primarias.

Ceará

Segundo a estatística official o Ceará em 1917 tinha uma população de 1.013.363 habitantes.

O Connecticut, na America do Norte, com 1.114.756 habitantes, tinha matriculados, só em suas escolas primarias, 211.769 menores, além de... 22.851 alumnos nas escolas secundarias. O Nebraska, como 1.192.214 habitantes, tinha matriculados só em suas escolas elementares 290.875 alumnos, além de 22.553 alumnos nas escolas secundarias. Porto Rico, com 1.118.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares..... 151.562 menores. O Paraguay, com cerca de 1.000.000 habitantes, tinha em suas escolas primarias 66.894 alumnos.

No Ceará, em 1917, achavam-se matriculados nas escolas elementares 19.127 alumnos.

Rio Graade do Norte

A população do Rio Grande do Norte era calculada em 1917 em... 298.584 habitantes.

A Australia Oriental, com 314.000

habitantes, tinha em suas escolas elementares 56.898 alumnos. O Ducado de Saxe Meningen com 278.792 habitantes tinha matriculados em suas escolas elementares 48.923 alumnos. A cidade livre de Bremen, com 298.736 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 35.784 alumnos. No Hawaii, com uma população de 237.623 habitantes, havia matriculados em suas escolas primarias 30.205 alumnos, sendo que em escolas particulares havia ainda 7.741 alumnos matriculados.

No Estado do Rio Grande do Norte o numero total de alumnos matriculados em escolas primarias, segundo as ultimas estatisticas federaes existentes, era de 8.536 menores!

Parahyba do Norte

Era de 565.829 habitantes em 1917 a população da Parahyba do Norte. O grão ducado de Oldembourg, com 482.430 habitantes tinha matriculados em suas escolas elementares 82.334 menores. A Australia do Sul, com 433.563 habitantes, tinha 60.729 alumnos nas suas escolas elementares.

Segundo a ultima estatistica federal, havia matriculados nas escolas elementares da Parahyba do Norte, 10.528 menores.

Pernambuco

A população de Pernambuco orçava em 1917 por 1.442.900 habitantes.

O Maryland, na America do Norte, com 1.295.000 habitantes, tinha matriculados em suas 2.476 escolas elementares 220.480 alumnos, com 6.222 professores. A South Carolina, com 1.515.400 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares..... 415.766 alumnos, com 8.333 professores. A Colonia do Cabo, com..... 1.552.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 188.528 menores. Victoria, na Australia, com 1.405.000 habitantes, tinha 24.227 escolas elementares como 6.095 professores e 250.264 alumnos.

No Estado de Pernambuco o numero de alumnos matriculados nas escolas primarias era de 29.922, segundo a ultima estatistica federal publicada.

Alagôas

A população de Alagôas era calculada em 1917 em 955.657 habitantes. A cidade livre de Hamburgo, com 1.015.707 habitantes, tinha em suas escolas elementares 115.607 alumnos. A Jamaica, com 831.383 habitantes, tinha em 1915-1916 escolas elementares em numero de 696 com 97.290 menores matriculados. O Maine, na America do Norte, com 742.000 habitantes, em 4.696 escolas elementares tinha 133.036 alumnos matriculados, e nas escolas de segundo grau 14.650 alumnos.

No Estado de Alagôas era de... 13.920 o numero total dos alumnos matriculados em escolas elementares, segundo os ultimos dados publicados pela estatistica federal.

Sergipe

Tinha esse Estado em 1917 uma população calculada em 458.866 habitantes.

Norte, com 430.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 76.929 alumnos e nas escolas secundarias 10.535 alumnos. O Saskatchewan, no Canadá, com... 453.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 63.964 menores matriculados.

O Sergipe tinha 9.825 alumnos segundo as ultimas estatisticas federaes publicadas.

Bahia

A população da Bahia era calculada em 1917 em 2.727.960 habitantes.

A Dinamarca, com 2.800.000 habitantes, tinha matriculados em suas 3.458 escolas primarias 396.000 alumnos. A Grecia, com 2.700.000 habitantes, tinha 3.551 escolas elementares com 4.461 professores e 259.854 alumnos. A provincia do Ontario, no Canadá, com 2.522.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 459.145 alumnos. A Indiana, nos Estados Unidos, com... 2.700.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 19.648 professores e 564.252 alumnos matriculados. Cuba, com 2.627.536 habitantes, tinha 280.692 alumnos matriculados em suas escolas elementares.



A Bahia tinha matriculados em suas escolas elementares 49.417 alumnos, segundo a última estatística federal publicada, parecendo-nos esse algarismo assim mesmo superior á realidade.

Espirito Santo

Tinha este Estado em 1917 uma população calculada em 382.713 habitantes.

O ducado de Anhalt, na Allemanha, com 331.047 habitantes tinha em suas escolas elementares 40.871 alumnos. O Vermont, na America do Norte, com 355.000 habitantes, tinha em suas 2.465 escolas elementares, matriculados 65.050 alumnos, aos quaes leccionavam 2.992 professores.

No Espirito Santo, segundo a ultima estatística federal publicada, havia..... 7.611 alumnos matriculados nas escolas primarias.

Rio de Janeiro

A população do Estado do Rio era calculada em 1917 em 1.053.000 habitantes.

A Nova Zelandia com 1.071.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 161.648 habitantes. O Uruguay, com 1.112.000 habitantes, tinha cerca de 1.000 escolas elementares com 97.393 alumnos matriculados e, em escolas particulares, 19.198 alumnos.

O Estado de Washington, na America do Norte, com 1.141.000 habitantes, tinha 3.404 escolas publicas elementares com 7.520 professores e.... 210.166 menores matriculados, além de 518 escolas de segundo grau com 1.775 professores e 35.253 alumnos.

Segundo as ultimas estatísticas federaes, o Estado do Rio tinha matriculados em suas escolas elementares.... 26.478 alumnos.

Capital Federal

Calculava-se em 961.822 habitantes a população do Rio em 1917.

O Estado de Connecticut, com... 1.114.000 habitantes, tinha em suas 1.369 escolas elementares 211.769 alumnos matriculados e nas escolas de segundo grau 22.851 alumnos. A Florida, com uma população de 921.613 habitantes, tinha 170.505, alumnos ma-

triculados nas escolas elementares.

O Districto Federal, segundo a ultima estatística federal publicada, tinha 57.523 alumnos matriculados em suas escolas primarias. Não queremos crer que isso seja verdade. A cidade de S. Paulo, com metade da população do Rio, tinha 63.284 alumnos matriculados em suas escolas primarias.

São Paulo

Em principio de 1817 tinha o Estado de S. Paulo uma população calculada em 4.067.927 habitantes.

A Suissa, com 3.880.500 habitantes, tinha em 1912: 4.396 escolas primarias com 543.216 alumnos; escolas de segundo grau com 23.618 alumnos do sexo masculino e 21.254 alumnos do sexo feminino; e escolas médias com 19.892 alumnos do sexo masculino e 9.233 do sexo feminino.

O Texas, na America do Norte com 3.896.542 habitantes, tinha em 1914 escolas primarias com 22.043 professores e 830.642 alumnos matriculados, além de 490 escolas de segundo grau com 1.961 professores e 43.420 alumnos.

No Massachussets, com 3.366.000 habitantes, o numero de alumnos nas nas escolas primarias era de 604.023 e nas escolas de segundo grau de 88.240.

No Estado de S. Paulo em 1918 a matricula geral, comprehendendo as escolas estadaes, municipaes e particulares, foi de 253.406 alumnos. Entre 7 e 12 annos, ha no Estado de S. Paulo 247.543 crianças sem escolas.

Paraná

Em 1917 a população do Paraná era calculada em 540.698 habitantes.

O North Dakota, na America do Norte, com 577.000 habitantes, tinha 6.780 escolas publicas com 186.341 alumnos, sendo 95.843 do sexo masculino e 90.507 do sexo feminino. Rhode Island, com 542.610 habitantes, tinha em 1915, nas escolas publicas elementares, 2.384 professores e 78.881 alumnos matriculados, além de 145 escolas de segundo grau com 316 professores e 8.183 alumnos.

O Paraná tinha nas suas escolas primarias 14.831 alumnos matricula-

dos, segundo as ultimas estatisticas federaes publicadas.

Santa Catharina

Tinha esse Estado 448.472 habitantes aproximadamente em 1917.

O Manitoba, no Canadá, com 455.000 habitantes, tinha matriculados em suas escolas elementares 76.247 alumnos. O Brunswick, com 494.387 habitantes, tinha 79.033 alumnos matriculados nas escolas elementares.

O New Hampshire, na America do Norte, com 430.000 habitantes, tinha em 115 nas escolas elementares 2.493 professores e 76.929 alumnos matriculados e, nas escolas secundarias, 554 professores e 10.535 alumnos.

Em Santa Catharina era de 21.449 o numero de alumnos matriculados em todas as escolas elementares, segundo as ultimas estatisticas federaes colligidas.

Rio Grande do Sul

A sua população orçava em 1917 por 1.899.230 habitantes.

A Nova Gales do Sul, com 1.856.000 habitantes, tinha 265.446 menores em suas escolas elementares.

A Alsacia Lorena, com 1.871.702 habitantes tinha 251.795 alumnos matriculados em suas escolas elementares. O Mississippi, com 1.797.000 habitantes, tinha em 1914 em suas escolas elementares 10.593 professores e 492.756 alumnos matriculados, e, nas escolas de segundo grau, 570 professores e 10.323 alumnos.

Quebec, no Canadá, com 2.000.000 habitantes, tinha 379.123 alumnos matriculados nas escolas elementares.

O Rio Grande do Sul tinha matriculados em suas escolas elementares 79.833 alumnos, segundo os ultimos dados publicados pela estatistica federal.

Minas Geraes

O Estado de Minas Geraes tinha em 1917 uma população calculada em 5.000.000 de habitantes.

Na Colombia, paiz de 4.832.000 habitantes, havia escolas primarias com 325.756 alumnos e 5.733 professores.

A Australia, com 4.836.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 753.169 alumnos. No Ohio, na America do Norte, Estado de 4.767.000 habitantes, havia em 1916 11.618 escolas publicas elementares com 26.669 professores e 840.117 alumnos matriculados em suas escolas elementares num total de 191.803 alumnos.

Mato Grosso

Contava esse Estado em 1917 uma população orçada em 179.579 habitantes.

A Tasmania, na Australia, com . . . 197.000 habitantes, tinha 35.355 alumnos matriculados em suas 455 escolas elementares. No Hawaii, com uma população de 190.000 habitantes, havia 171 escolas publicas com 804 professores e 30.205 alumnos matriculados. No Delaware, na America do Norte, com uma população de 202.322 habitantes, em 1915 havia 412 escolas publicas com 722 professores e 25.022 alumnos.

No Estado de Matto Grosso havia um total de 5.631 alumnos nas escolas primarias, segundo as ultimas estatisticas publicadas.

Goyaz

A população de Estado de Goyaz era em 1917 orçada em 328.804 habitantes.

O New Brunswick, no Canadá, com 352.000 habitantes, tinha em suas escolas elementares 68.951 alumnos matriculados.

O Anhalt, na Allemanha, com . . . 331.047 habitantes, tinha 40.871 alumnos nas suas escolas elementares. O Idaho, nos Estados Unidos, com 325.000 habitantes, tinha em 1914 nas suas escolas elementares 2.752 professores e 80.757 alumnos matriculados, sendo que nas escolas de segundo grau havia 6.105 alumnos e 392 professores.

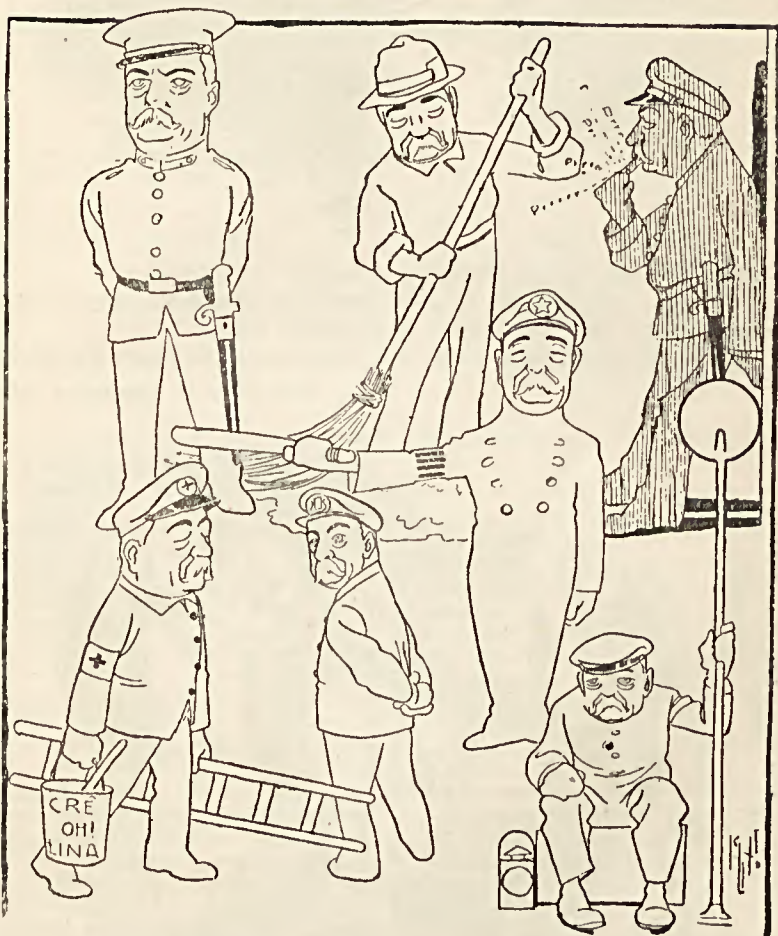
Em Goyaz havia matriculados nas escolas elementares 6.454 menores.

esse fim. — MARIO PINTO SERVA (Do Estado de S. Paulo).



CARICATURAS DO MEZ

O Presidente Faz-Tudo



— O Presidente Epitácio, açambarcador geral dos cargos da administração, no exercício de alguns delles.

Kalixto - D. Quixote - (Rio).

Entre vapores de longo curso



- *Ruy* — Como foi de viagem o collega?
— *Epitácio* — Muito bem; no meu officio de *mensageiro* tenho achado sempre um mar bonançoso. E o illustre amigo?
— *Ruy* — Regularmente; o que me incommoda um pouco é o *calado*.

Kalixto - D. Quixote - (Rio)



Delamare - D. Quixote - (Rio)

Melindrosas



— Porque será que ellas enterram o chapéu até os olhos?

— Por pudieieia; é para não verem o escandalo que proveeam.

Romano - D. Quixote. - (Rio)

É' logico



— Você fique certo de que o deficit vae aumentar.

— Porque?

— Ora, pois não vê como os impostos estão subindo!

X. D. Quixote - (Rio)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate

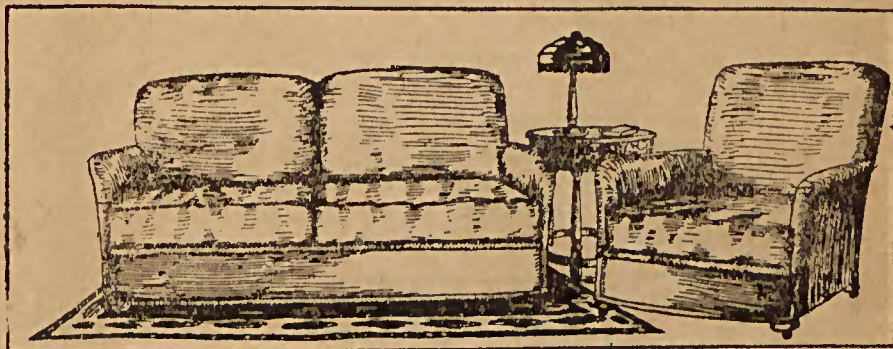
O chocolate...



...é o melhor.

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::*

*São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

Aos Nossos Assignantes

A "Revista do Brasil" vae entrar no seu quinto anno de existencia, cada vez mais prospera, e tendo alcançado uma tiragem que era julgada impossivel entre nós. Apesar das difficuldades do momento, conseguiu este anno melhorar a parte material e vae começar o novo anno com novos aperfeiçoamentos que muito hão de agradar aos seus amigos. Approximando-se a época das reformas das assignaturas, lembramos de novo a offerta excepcional feita o anno passado. E um meio facil que os nossos assignantes têm de continuarem a sel-o sem nenhum dispendio. Bastará para isso angariar quatro novas assignaturas. Para maior facilidade, vae abaixo um boletim a encher.

BOLETIM

Illmo. Snr. Gerente da "Revista do Brasil"
Caixa, 2.B — S. Paulo

Peço-lhe incluir-me na lista dos assignantes para 1920, bem como aos quatro novos assignantes seguintes:

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Nome

Residencia

Envio-lhe a quantia de 60\$000 réis, importancia dessas quatro assignaturas, ficando com o direito á miuha gratuita.

Nome

Residennia

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio; Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Libero Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente
das crianças Res. R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTETOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Cor-
retor official — Escriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lins, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Peuteado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acaacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annões de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

"Trevo"

SE EXPORTAM

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres précieuses - Brillants - Perles - Orfévrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE -

Louças, LIVROS e

Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 - S, PAULO - Telephone N. 867

TROCA-SE

por um lindo romance cada exemplar do N.
25 da Revista do Brasil que fôr enviado
para a Caixa N. 2-B, S. Paulo, Rua da Boa
Vista N. 52.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 30 de Dezembro

100:000\$000

50:000\$000

50:000\$000

POR 7\$000

DECIMOS A 700 RÉIS

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,

Caixa Postal, 458

PLANTAS,

TELEPHONES:

BOUQUETS.

Chacara, cid. 1006

DECORAÇÕES

Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

Campinas



CHACARA: Alam. Casa Branca

Guanabara

(Avenida Paulista)

:: Peça(m) Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isoados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

ACIDO URICO - URICEMIA
CYSTITES - BEXIGA-RINS
RHEUMATISMO - CALCULOS
AREIAS - PYELITIS - UREMIA

ARTHRITISMO

BI-UROLO

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE Á BASE DE
FOLHAS DE ABACATEIRO. 00

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeio surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcmlas e drogarlas e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarlo no Rio de Janeiro:
RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Snrs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experimentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os ontros dois filhos teve que rocorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amammentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Crelo cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clientes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

AGUA INGLEZA

TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA

GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
NOSSA MARCA
RECUSEM AS IMITAÇÕES



QUINIUM. CARNE.
LACTO. PHOSPHATO DE CAL.
PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE GRANADO



TONICO e NUTRITIVO

Na tuberculose,
anemia fraqueza
neurasthenia, etc.

URIDINA

O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.

O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinaarias.

Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urotra-
pina, Lycetol, Neo-Sidonat e Lithina.

GRANADO & C. — Rua 1.ª de Março, 14, 16 e 18 & B10 de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

*para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá.* :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa semrival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batdo galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - S. Paulo

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

REDACÇÃO	Cultura e Civilização.	289
OLIVEIRA LIMA	Nisia Floresta	291
F. INGLESIAS.	Cinco Annos no Norte do Brasil	301
LIMA BARRETO	Magua que rala	310
AMANDO CAIUBY	A tristeza do subdelegado	318
JULIO CESAR DA SILVA	Versos	324
J. A. NOGUEIRA	Paiz de Ouro e Esmeralda	329
SERGIO ESPINOLA	A noiva de Oscar Wilde (II)	333
VISCONDE DE TAUNAY	Excerptos do Diarío	341
ARTHUR MOTTA	Academia de Letras (IV)	346
REDACÇÃO	{ Bibliographia	360
	{ Resenha do Mez	368

Publicação Mensal

N. 48 - ANNO IV — VOL. XII — DEZEMBRO, 1919

Redacção e Administração:
RUA BOA VISTA, 52
SÃO PAULO -- Brasil



RESENHA DO MEZ: — VIDA NACIONAL: De 15 a 15 - Nota Mineira (*J. A. Nogueira*) — Alvares de Azeredo (*V. de P. Vicente de Azevedo*) — A lisonja (*Helios*) — Carta a Lindolpho Gomes (*Othoniel Motta*) — Um simples problema (*Ariel*) — Aviso (*Coelho Netto*) — Imigração allemã (*O. F.*) — Os Bandar-log (*J. A. Nogueira*)

CARICATURAS DO MEZ — Quadros de Campos Ayres e esculpturas de P. Fosca.

REVISTA DO BRASIL

**PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS
LETRAS, ARTES, HISTORIA, E ACTUALIDADES**

Directores: **MONTEIRO LOBATO,
LOURENÇO FILHO.**

Secretario: **ALARICO F. CAIUBY.**

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: **José Maria Bello.**

Minas Geraes: **J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.**

Pernambuco: **Mario Sette, Recife.**

Bahia: **J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.**

Ceará: **Antonio Salles, Fortaleza.**

R. Grande do Sul: **João Pinto da Silva, P. Alegre.**

Paraná: **Seraphim França, Corityba.**

Amazonas: **João Baptista de Faria e Souza Manãos**

Rio Grande do Norte: **Henrique Castriciano, Natal.**

Parahyba: **Alcides Bezerra, Parahyba.**

ASSIGNATURAS

Anno **15\$000**

Seis mezes **8\$000**

Numero avulso. **1\$500**

Assignatura com direito a registro no correio: mais **2\$400**
por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52

SAO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS de ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & Co.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745-central — S. PAULO



Etablissements

Bloch

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francos. ::

Fazendas
e Tecidos

Rio de Janeiro

116, R. da Alfandega

S. Paulo - Rua Lib. Badaró, 14

Paris - 26, Cité de Trévise

OFFICINAS E GARAGE MODELO

A. Dias Carneiro



UNICO IMPORTADOR DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

GRANDE STOCK DE ACCESSORIOS
PARA AUTOMOVEIS.

Deposito permanente dos Pneumaticos

“FISK,,

Mechanica-Pintura-Sellaria

Carrosserie - Vulcanisação -

Electricidade.

EXECUTA-SE QUALQUER ENCOMMENDA
COM RAPIDEZ.

TELEPHONES CENTRAL

ESCRITORIO N. 3479 — GARAGE N. 411

Caixa Postal N. 534 — End. Telegr.: ALDICAR”

RUA 7 DE ABRIL N. 38

Av. São João N. 18 e 20
Canto Libero Badaró

S. PAULO

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

CASA MATRIZ:

4, Moorgate Street-LONDRES

Filial em S. PAULO: R. S. Bento, 44

Capital Subscripto £ 2.000.000	Succursaes : Manchester, Bahía,
„ Realizado £ 1.000.000	Río de Janeiro, Porto Alegre,
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Montevideo,
	Rosario de Sta. Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canada, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE
E A PRAZO FIXO, ABONANDO JUROS CUJAS
TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

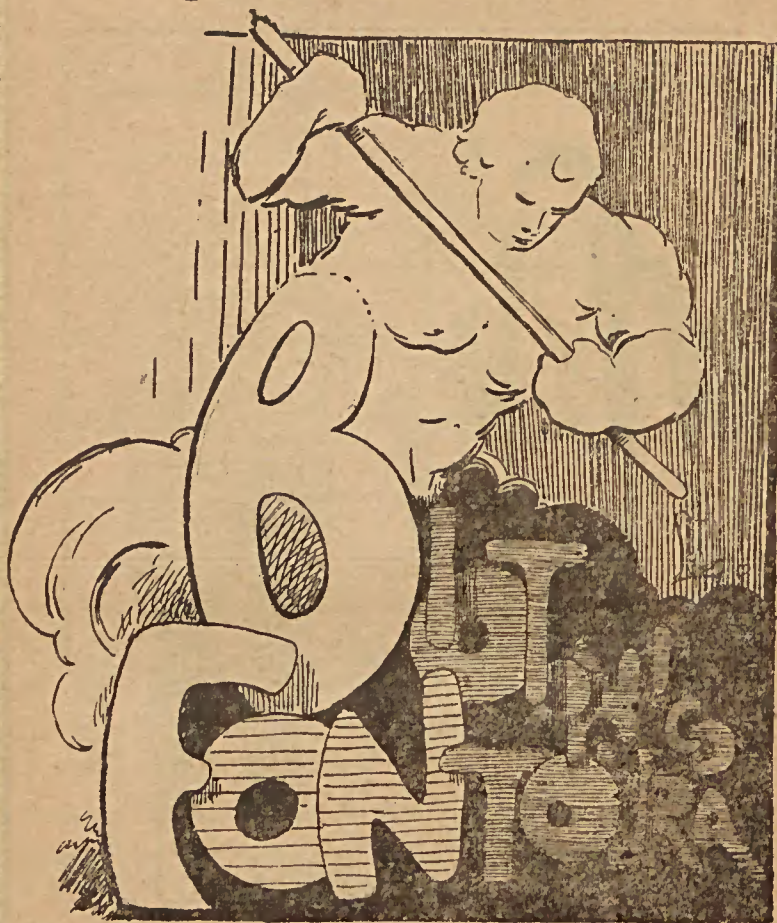


1° VELHO — Parece que hoje é o ultimo dia da minha vida. “Usei tudo” e nada me curou.

2° VELHO — “Usei tudo” — Não. Eu sou muito mais velho do que tú, fui tuberculoso, curei-me e devo toda esta saúde e vigor ao Vinho Iodo Phosphatado de Werneck, o grande especifico contra anemia, lymphatismo, escrophulose e depauperamento geral.



Como Venus sahiu dás ondas,
o Vigor sahe do BIOTONICO.



Eminente* medicos affirmam que o BIOTONICO é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O Biotonico cura todas as fôrmas de anemia. Cura fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infundem novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos
:- ameaçados pela tuberculose :-

Wilson Sons & Co. Limited

R. B. Paranapiacaba, 10 - S. PAULO

Caixa Postal 523

ENDEREÇO TELEGRAPHICO:
" ANGLICUS "

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	<i>Seguros contra fogo</i>
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	<i>Cimento</i>
Wm. Pearson Ltd., Hull	<i>Creolina</i>
T. B. Ford Ltd., Loudwater	<i>Mataborrão</i>
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	<i>Chá da India</i>
Read Bros. Ltd., Londres	<i>Cerveja Guinness</i>
Andrew Usher & Co., Edinburg	<i>Whisky</i>
J. Bollinger, Ay Champagne	<i>Champagne</i>
Holzapfels, Ltd, Newcastle-on-Tyne	<i>Tintas preparadas</i>
Major & Co. Ltd., Hull	<i>Preservativo de Madeiras</i>
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	<i>Dynamite</i>
Gotham Co. Ltd., Nottingham	<i>Gesso estuque</i>
P. Virabian & Cie., Marselha	<i>Ladrilhos</i>
Platt & Washburn, Nova York	<i>Oleos lubrificantes</i>
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	<i>Ferro em barra e em chapas</i>

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE"
Superior polvora para caça marca "VEADO" em
cartuchos e em latas
Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Fer.agens em geral, tintas e oleos, materiaes para
fundições e fabricas, drogas e productos chimicos
para industrias, louça sanitaria, etc.

O VINHO RECONSTITUINTE

Recommendação e preferido por eminentes clinicos brasileiros :-:

SILVA ARAUJO



"de preparados analogos, nenhum a meu ver. lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo a par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes e convalescentes."

Prof. ROCHA FARIA



"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados."

Prof. MIGUEL COUTO



"é um preparado qu merece a minha inteira confiança."

Prof. MIGUEL PEREIRA



"...excellent tonico nervino e hematogenico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa."

Prof. A AUSTREGESILÔ

Tuberculose

Inappetencia

Anemia

Rachitismo

Escrophulose

AGUA PURGATIVA

MINERAL GAZOZA



A agua mineral gazoza purgativa é applicada nas molestias dos intestinos, constipações de ventre, congestões, febres gastricas e, em geral, em todos os engurgilamentos abdominaes.

Esta agua purga rapidamente sem produzir irritação gastro-intestinal; ella tem a vantagem de poder ser administrada em pequena dose, sendo o seu effeito immediato, sobre tudo se tomar-se logo depois uma chieara de chá. *Ella não exige nenhuma dieta.*



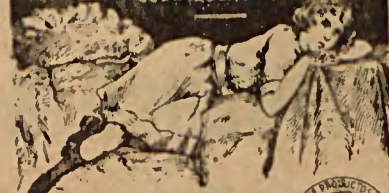
COMPOZIÇÃO:

Sulfato de sodio anhydro	96.265
Sulfato de potassio anhydro	0.230
Sulfato de magnesia anhydro	3.208
Sulfato de cal	1.949
Chlorureto de Sodio anhydro	2.058
TOTAL das substancias fixas	103.776
Em um litro de agua gazoza purgativa	

PREPARADA NO LABORATORIO DA:

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHIMICOS L. QUEIROZ - SÃO PAULO

XAROPE DE
LIMÃO BRAVO
E
BROMOFORMIO
DE QUEIROZ
CURA
TOSSE, ASTHMA, CATARRROS
COQUELUCHE etc.



DROGARIA AMERICANA
Rua Libero Badaro 144
SAO PAULO



VENDA DE FIM DE ANNO

Estamos recebendo quantidades de mercadorias
novas, modelos modernos em :

Apparelhos para Jantar,
Jogos para Lavatorio,
Serviço de Cristal para meza,
Faqueiros e Talheres de Christofle,
Objectos de Arte para Presentes.

CASA FRANCEZA DE
L. Grumbach & Cia.

Rua São Bento 89 & 91 - S. PAULO

Vendas a Varejo e por atacado

REVISTA DO BRASIL

Dezembro, 1919.

Durante a guerra houve pelo mundo — e aqui como reflexo inevitável — um torneio literario entre Cultura e Civilização. *Nihil novum*... Não passava de reflorescencia dos velhos temas escolares, obrigatorios entre meninos que promettem, associados em gremios literarios: Qual o maior, Cezar ou Alexandre? Qual mais forte, a Penna ou a Espada?

Nesta disputa entre cultura e civilização, graças ao apoio solerte da Havas, vencia sempre esta. Cultura não passava de mero aparelhamento material, sem sentimento nem alma. Civilização era uma coisa assim, assim... (Aqui intervinha a mão crispada como garra, em gestos que arredondam a idéa no ar).

A Cultura matava mulheres e crianças, bombardeando cidades abertas. A Cultura não respeitava os tratados. A Cultura pilhava. Era forçoso, pois, que a formidável representante da Cultura, — a Allemanha, fosse esmagada de vez, para que o mundo se gozasse *ab eterno* das delicias inenarraveis da Civilização.

Entretanto, conclusa a guerra, os ideologos espantados viram que:

1) — A Cultura em 70, vencida a França, impoz um tributo de guerra de 10 bilhões de francos, que o vencido pagou, continuando a viver e a prosperar. Não obstante, a Civilização, victoriosa em 918, impõe ao vencido, não um tributo, mas a espoliação completa dos povos asphiados, o confisco integral dos seus bens, o arrancamento da carne, do couro e do cabelo.

2)—A Cultura bombardeava com aeroplanos cidades abertas, matando indistinctamente mulheres, velhos e creanças. A Civilização, sem estar em guerra declarada com a Russia, e depois de concluida a paz geral, bombardeia com aeroplanos, por intermedio dos inglezes, as cidades russas e chacina alli indistinctamente velhos, mulheres e creanças; mette a pique navios mercantes, bloqueia e condemna á morte, pela fome, milhares de creaturas humanas.

3) — A Cultura invade a Belgica tomando os tratados como méros farrapos de papel. A Civilização furta navios alheios que arrendou de accordo com as formalidades legais, considerando os contractos, as escripturas, as assignaturas como méros gatafunhos sem nenhum valor. A França dá á simploria ingenuidade nacional uma lição bem dada. Justamente ao povo que a amou com maior ardor — ardor que chegou ás raias do ridiculo, trata-o ella aos ponta-pés.

Em troca dos navios acena-nos com bellas perspectivas. O sr. Conty promette que nossos bachareis terão lá livre campo ás suas actividades chicaneiras e que poderão casar com lindas francezinhas... Só isso quanto não vale como honra a um paiz de botocudos e compensação pelo avanço nos navios! E' positivamente delambaer as unhas, concordemos.

De tudo isso se conclue esta grande verdade: que no torneio entre Cultura e Civilização ha de vencer sempre aquella que tiver a seu lado as agencias telegraphicas e o fiel da balança no mercado monetario.

Mas que positivamente se equivalem — quando tem a vara na mão...



NISIA FLORESTA

Nisia Floresta Brasileira Augusta, brasileira que encarnou certamente o typo de mulher que Augusto Conte admirava e reverenciava, é nesta conferencia reelizada em Natal, Rio Grande do Norte, justamente apontada pelo Sr. Oliveira Lima, como a mulher possuidora de todas as virtudes domesticas e civicas.



FLORESTA, no Rio Grande do Norte, fazenda que «infelicidades de familia e o vendaval das revoluções» (1) na epocha agitada da independencia fizeram decalhir e sossobrar, foi em 1810 o berço da mais notavel mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estylo. O unico defeito a apontar-lhe é o seu nome disparatado pois que o pai se chamava Dyonisio Gonçalves Pinto, e bastante exdruxulo na sua mistura de arcadico e patriotico. Tambem o irmão, que era bacharel e se chamava Joaquim Pinto, acrescentou ao nome o appellido de Brasil. Ainda devemos dar graças a Deus de não ter ido alem, porque esse foi o tempo do nacionalismo nos nomes de familia — dos Cansansão de Sinimbu', dos Oiticica, dos Sucupira, dos Gê Acayaba de Montezuma.

Nisia Floresta Brasileira Augusta tem um sabor pronunciado a pseudonymo, mas *nom de plume* que fosse, a escriptora modestamente occultava, ou pelo menos dissimulava no geral dos seus escriptos — alguns anonymos, outros publicados com iniciaes, outros com um quarto de nome, outros ainda sob a designação de uma «brésilienne

(1) *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce, Paris (1861).*

auteur de plusieurs ouvrages littéraires et moraux». Era a moda dos disfarces e meios disfarces: Varnhagen publicava a sua *Historia Geral* dizendo ser obra de «um brasileiro de Sorocaba».

Nisia Floresta passou depois dos 19 annos de idade a residir em Pernambuco, e é com melancholia que ella se refere ás sombras poeticas e ás aguas frescas do Beberibe, lembrando «o joven casal cuja curta felicidade o estudo e o amor tornavam encantadora.» A sua formação intellectual, possivelmente de auto didacta, pelo menos em boa parte, ou feita sob o influxo de algum parente de espirito erudito — eram menos raras do que se suppõe as mulheres que n'aquelles tempos adquiriam uma cultura humanista — foi solida e brilhante, classica e moderna. As viagens e a convivencia em circulos intellectuaes europeus enriqueceram-lhe por certo a illustração, mas foi do torrão natal que ella trouxe adestrada a capacidade de assimilação que a distinguia.

Esse torrão natal, com suas praias de areia branca, suas dunas, suas salinas e seus coqueiraes, ella nunca o esqueceu, antes gravou uma saudade imperecivel, pelo menos litteraria, na alma d'essa romantica. Porque é o que ella foi espiritualmente e essencialmente. O romantismo nutriu-se da ampliação dos sentimentos generosos e foram sentimentos generosos os que parece terem exclusivamente povoado a alma d'essa mulher, que um seu contemporaneo portuguez diz ter sido dotada de «espirito elevado e coração excellente» e cuja vida, segundo consta de algumas palavras que lhe dedicou Henrique Castriciano, foi «intensa, atormentada e gloriosa.»

Eram com effeito ardentes seus affectos de familia, como o eram seus anhelos politicos e sociaes. Dizia-me um dia Joaquim Nabuco, a proposito da dolorosa e inconsolavel viuvez de uma nossa commum amiga, senhora de alta intelligencia e de grande e nobilissimo coração, que as pernambucanas faziam viuvias muito tragicas. Não sei si ainda o fazem: imagino que sim, para consolo em vida dos maridos, mas do que estou certo é de que as brasileiras em geral continuam a fazer mãis de uma extrema indulgencia e devoção.

Nisia Floresta revela-se nos seus escriptos filha e mãe amantissima. As referencias áquella que lhe deu o ser são frequentes e tocantes, manifestando o mais vivo carinho. Os *Conselhos a minha filha*, que datam em primeira edição de 1842 e tiveram nova edição em 1845, foram por ella propria traduzidos para o italiano e por um admirador,

Braye-Debuysé, para o francez: ambas as versões editadas em Florença, cujos melhores jornaes elogiaram o vernaculo da traductora. São publicações, uma de 1858 e outra de 1859, anno em que o bispo de Mondovi mandou, ao que a propria auctora se refere, fazer uma nova edição italiana, o que prova que pelo menos os conselhos maternas estavam no gosto do dia.

O clero italiano do *Risorgimento* não merecia á nossa escriptora uma decidida sympathia. Achava-o, no deismo christão que parece ter sido sua fé, falto de espiritualidade, mas o prelado de Mondovi mereceu-lhe n'uma menção o adjectivo de «severo».

Na lista dos ineditos de Nisia Floresta, que abrangem memorias que é lastimavel não terem visto a luz da publicidade, figura uma collecção de poesias intitulado — *Inspirações maternas*. O seu contemporaneo portuguez, citado a este proposito por Innocencio da Silva, o abalisado auctor do *Diccionario Bibliographico*, e que provavelmente era José Feliciano de Castilho, observa que «ella sempre teve em vista theorica e praticamente melhorar a condição do sexo feminino, no intuito de promover a felicidade domestica da familia. D'ahi, e como a boa educação deve começar por casa, os *Conselhos á filha*.

Suas theses não se circumscreveram todavia á esphera domestica. Seu primeiro trabalho impresso no Recife, em 1833, foi a traducção, segundo corre, revista pelo philologo e satyrico frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, dos *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* de Miss Godwin. A escolha revela uma tendencia e a circumstancia torna-a uma precursora do feminismo no Brasil. Consta comtudo dos seus falhos apontamentos biographicos que em 1842 ella realizou no Rio de Janeiro conferencias abolicionistas e republicanas, nas quaes prégava a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das provincias, o que a colloca pelo desassombro das suas theorias acima da maioria dos seus contemporaneos na sua patria, superior mesmo a um Tavares Bastos, que só mais de 20 annos depois nos veio surprehender com as ousadias da sua descentralização, da sua franquia fluvial e da sua tolerancia religiosa.

Não devemos esquecer que o reinado de Luiz Philippe em França, de 1830 a 1848, foi a edade de ouro do romantismo. Até o socialismo foi romantico com os phalansterios de Fourier e o direito ao trabalho de Louis Blanc. O imperio auctoritario de Luiz Napoleão, apoz 1852 e até sua conversão liberal, conjugado com o espirito de reacção

provocado na Igreja pelo espirito de revolução e do qual provieram o Syllabus e o dogma da infallibilidade papal, exerceram sobre as nações latinas da Europa e da America uma acção compressiva contra que se insurgiu na Italia a penna de Nisia Floresta, que do Brasil já viera embebida no extremo liberalismo do meio. A escriptora abominava, no seu proprio dizer, os tyrannos e os reptis e detestava Luiz Napoleão como si fosse uma vietima do Dois de Dezembro.

Os sentimentos democraticos de Nisia Floresta radicaram-se certamente no Rio Grande do Sul, para onde ella emigrou do Recife e onde teve collegio, tendo alli vivido em plena republica do Piratinin. No Rio exerceu igualmente sua actividade como educadora, e já levava uns 10 annos quasi d'essa nobre profissão quando publicou os *Conselhos* que a notabilizaram como moralista. De 1847 data *Daciz ou a joven completa*, historietta para as educandas da nossa Madame de Genlis.

A data da sua ida para a Europa é dada differentemente nas resumidas notas que colhi a seu respeito. Não pretendo fóros de Cuvier da critica litteraria por estar tentando reconstituir a largos traços e dispondo da metade de um só dos seus livros a vida de uma intelligencia, como o grande naturalista francez reconstituia com um osso e applicando as leis da subordinação dos orgãos e da correlação das formas a anatomia de um animal fossil; mas o facto é que, além da pagina de Henrique Castrieano no Almanack Garnier e do Diccionario de Innoeneio que Sacramento Blake copiou, não conheço por enquanto fontes onde haurir informações sobre o assumpto. Penso que 1849 foi a data da primeira viagem de Nisia Floresta ao Velho Mundo porquanto ella relata que, em 1851, foi despedir-se de Lamartine no Château de Madrid, no Bosque de Bolonha, onde o poeta das *Meditações* vivia com a prodigalidade que o arruinou.

N'esse anno de 1849 publicou Nisia Floresta sob o pseudonymo de Tellesilla, que recorda patriota grega da antiguidade, libertadora de Argos, uma producção que pelo titulo india que uma vez pelo menos lhe não foi estranho o indianismo. Chama-se *A lagrima de um caheté* e são lamentações em verso, tendo por thema a revolução praieira que custou a vida a Nunes Machado. Em 1850 ensaiou-se no romance historico — *Dedicação de uma amiga*, do qual li dous volumes quando deviam ser quatro. Os annos de 1845 a 1856 parece terem sido os do seu maior esforço litterario, correspondendo na maturidade dos seus annos

— dos 35 aos 55 — ao sazonalimento das suas faculdades. Em 1853 voltou aos seus predilectos temas de pedagogia moral, publicando o *Opusculo humanitario*, muito gabado por Luiz Philippe Leite, professor do lyceu de Lisboa, que foi meu examinador de francez e que era com seu espesso bigode branco um homem culto e um espirito amavel. De 1857 é o *Voyage en Allemagne*; de 1859 as *Scintille d'una anima brasiliana*; de 1861 as impressões de viagem ou antes de residencia na Italia e de viagem á Grecia; de 1864 o *Abysmo sob flores*.

Firmin Didot e Dentu, que eram então com Michel Levy os principaes editores de Paris, foram os que publicaram seus trabalhos em francez, o que é sufficiente attestado do seu valor.

A revolução de 1848, a mais romantica das revoluções, deve ter sido para o espirito ultra-liberal de Nisia Floresta o maior chamariz europeu: talvez o restabelecimento do imperio contribuisse para seu regresso ao Brasil. Em 1855 achava-se ella no Rio de Janeiro ao tempo da terrivel epidemia do cholera morbus, pois que falla dos seus serviços de enfermeira, consolação que se lhe deparou na dôr causada pela morte de sua mãe. A Europa porem, com sua intensa vida intellectual, exercera sobre ella uma fascinação que não mais se apagaria. Os cursos de professores illustres, as visitas aos museus de artes e de sciencias, aos observatorios e laboratorios, as conversações litterarias e philosophicas, tudo a attrahia para lá e a demorada digressão de trez annos á Italia foi o seu baptismo de arte.

Era tambem essa precisamente a epocha da crise aguda da libertação da Italia. Dispondo de collaboração nos principaes jornaes do Rio — o *Jornal do Commercio*, o *Diario Mercantil*, o *Diario*, o *Brasil Illustrado*, onde, n'este ultimo, foram publicadas varias contribuições suas em 1854 — poude ajudar a propaganda da idéa da unidade italiana, a qual, depois da resurreição em 1848 da doutrina das nacionalidades e das raças, apaixonava o mundo intellectual não só latino como teutonico, comprehendendo n'esta designação o saxonico. Nisia Floresta relacionara-se na Italia tanto com figuras menores, Capponi e Thomaseo por exemplo, dous patriotas de Florença que a cegueira mais arden-tes ainda tornava; quanto com as figuras maiores do movimento, Mazzini e Garibaldi. Ella propria conta que, ao encontrar em Napoles um amigo, partidario extremado dos Bourbons e convencido da duração da monarchia siciliana, sentiu não poder revelar-lhe o que conhecia dos preparativos que se operavam na penumbra.

Nem podia a causa italiana deixar de fazer pulsar um coração assim generoso. A residencia de Nisia Floresta é justamente interessante pelo vasto circulo de amizades que lhe proporcionou, sendo tão somente de deplorar que ignoremos a sua correspondencia com alguns escriptores illustres da sua convivencia. Salvaram-se apenas do olvido algumas cartas de Augusto Comte, que foram publicadas pelo Apostolado positivista do Rio de Janeiro sob a direcção de Miguel de Lemos. Sinto não as ter presentes, mas posso perfeitamente imaginar o tom em que são concebidas.

Todos conhecem o culto que á mulher votava o fundador do positivismo e que se concretizou na meiga personalidade de Clotilde de Vaux. Não sei se algum de vós já visitou o appartamento da rua Monsieur le Prince, no bairro da Sorbonne, onde viveu e falleceu o mestre. A piedade de alguns adeptos, entre os quaes avultam os brasileiros, conservava-o no seu aspecto de então, como um lugar de romaria para os fieis da religião da humanidade. E' a casa modesta de um professor, com mobilia barata no estylo sem gosto de Luiz Philipp. No quarto de dormir o seu leito de soffrimento e de morte, d'onde os seus olhos até o ultimo momento pousaram como um refrigerio sobre um ramo de flores artificiaes, sob redoma, que lhe offerecera um dia o objecto da sua fervorosa e platonica paixão, cuja memoria os positivistas venceram a par da do grande philosopho.

Pela gravidade do seu pensar, pela elevação dos seus conceitos, pela estrenua intellectualidade do seu ser disposto a receber todas as suggestões da belleza e do bem, Nisia Floresta encarnava certamente o typo de mulher que Augusto Comte admirava e revcrenciava.

Além de Lamartine e de Comte, li que a nossa patricia conheceu Victor Hugo, Laboulaye, que era um fino espirito de politico e de sociologo, George Sand, com quem tem grandes pontos de contacto sua personalidade intellectual, sendo a ambas commum tanto a vibração d'arte que as paisagens historicas da Italia e da Grecia estimulavam, como a concepção humana que foi a maior honra do seculo XIX.

A mulher brasileira da geração de Nisia Floresta apresenta-se-nos dotada de um coração dedicado e de capacidade administrativa, porque para governar uma casa — as casas de outr'ora com uma quantidade de escravos, além da quantidade de filhos — são necessarios tino e energia como para governar uma republica, a differença estando



no tamanho. Ella pessoalmente se nos revelou porem preñdada de um natural talento de expressão, bem como de uma rara independencia de opiniões, produzida pela ausencia de preconceitos que uma sã orientação, tradicional e ao mesmo tempo individual, impedia de degenerar em anarchia de principios moraes.

Um episodio mostra como sabia e costumava pensar por si essa mulher que reprovava o celibato ecclesiastico como uma violação da lei da natureza, que considerava o poeta satânico Byron o maior dos tempos modernos, e que condemnou o poder temporal dos papas como a principal razão da adulteração da doutrina christã, que já no seculo XV levára a Petrarca a flagellal-o n'um soneto como

*Fontana di dolore, d'albergo d'iru
Scola d'errori, esempio d'eresia.*

Cito seus pontos de vista sem os discutir, pois estou fazendo critica objectiva. A religiosidade do espirito da escriptora era de natureza superior ás simples exterioridades do culto e ella detestava mesmo a beatices, em cuja sinceridade não acreditava, bebendo directamente sua caridade na moral do evangelho.

O episodio a que alludo foi o seguinte. Ao ordenar uma nova edição dos *Conselhos*, como livro apropriado á instrucção moral das alumnas da sua diocese, o reverendo bispo de Mondovi desejou que a autora retirasse do livro as linhas em que recommendava a sua filha de 12 annos que lhe confiasse todos os recessos da sua alma para que ella, «guia a mais interessada da sua felicidade, pudesse melhor dirigil-a, fazendo-a evitar os escolhos ignorados pela sua inexperiencia.» Tal recommendação afigurou-se ao prelado, que era um modelo das virtudes episcopaes, pastor diligente e compassivo, contraria á missão dos directores espirituaes das jovens consciencias. Perante a recusa formal da escriptora cedeu porem, com esse feitio sympathico de transigencia que caracteriza o povo italiano como nenhum outro, e que em materia religiosa não affecta as bases, apenas as modalidades. Nem a escriptora dos *Conselhos a minha filha* era uma livre pensadora, apenas uma pensadora sem prejuizos.

A mentalidade de Nisia Floresta tinha de peculiar, dādo o seu sexo e dado o meio da sua formação, essa funda preocupação dos problemas politicos e sociaes da humanidade, combinada com a lucida comprehensão philosophica em que os envolvia o seu liberalismo. Ella não dissi-

mulava por exemplo a *sympathia* que na sua alma despertava a sorte de uma Índia e de uma Algeria, dominadas embora por nações progressivas. A Italia e a Grecia deram ao seu espirito christão um banho de paganismo, que se reflecte no surto tomado pela sua imaginação ao contemplarem seus olhos essa natureza risonha e amavel. O mar e a luz da Grecia, que ella chama «os dous eternos e incomparaveis feitiços d'essa terra classica, os grandes mananciaes de inspiração da poesia hellenica, apezar do proprio Homero não lograr traduzir nos seus versos a formosura encantadora do colorido e dos seus cambiantes,» foram tambem factores poderosos da sua fantasia maravilhada.

O patriotismo de Nisia Floresta, que resumbrava em cada pagina sua, era romantico como todo o seu feitiço espiritual. As invocações á patria ausente são repetidas e merencorias. Havia n'isso o convencionalismo litterario da epocha, eu ia dizer de todas as epochas. Sylvio Romero, com aquelle feitiço iconoclastico que o distinguia, notou que Domingos de Magalhães lastimou n'uns versos o seu fado, jurando que si continuasse longe da patria, morreria de nostalgia. Entretanto passaram-se 40 annos antes que lhe acontecesse essa fatalidade, que nada teve a ver com semelhante enfermidade moral; ou então a saudade foi para elle, como dizia Voltaire do café, um veneno muito lento. Nisia Floresta fallava mais ou menos a linguagem de Magalhães, mesmo em Florença, cidade da sua predilecção pela luz suave e pela sociedade gentil, mas veio a morrer em Rouen aos 75 annos, em 1855, e pela Europa ficára desde os annos 50 e tantos.

Não quer isto dizer que eu pretenda amesquinhar o seu patriotismo. Este sentimento exerce-se perto ou longe, ás vezes mais de longe que de perto, porque se tem a vista de conjuncto e não se está a braços com os interesses. Nem eu acredito sómente no patriotismo indulgente. Acho que o patriotismo critico tem bem sua razão de ser e talvez seja mais sincero do que o outro. Pelo menos um é cego e o outro vidente, e é melhor patriotismo ver cada qual seu paiz como se deseja que elle seja do que vel-o como se sabe que elle não é. E' um patriotismo mais intelligente e mais honesto.

Nisia Floresta não occultou aliás seu resentimento contra as iniquidades, o que significa que seu patriotismo andava ligado com o sentimento de justiça. Ella precedeu Emile Faguet no perceber que o mundo é sobretudo de mediores: será porque estes formam o maior numero. Por outro lado, personalidades culminantes, geniaes, como a de



Napoleão, eram-lhe repulsivas, offendendo até o amago o seu sentimento de pacifismo. O sentimento já existia: o que não existia ainda era o vocabulo. Ao que me não atrevo é a passar-lhe attestado de germanophilia, porque admirou a Allemanha não ménos do que Madame de Stäel. Dirigindo-se ao irmão no prefacio do *Voyage en Allemagne*, ella escreve:

«Ce pays du sentiment et de la philosophie mérite d'être parcouru et analysé par toi. Viens-y en jouir avec toute cette richesse d'intelligence que ta modestie voile dans une société où le padantisme et les zéros sans mérite réel savent mieux que les génies se faire jour.»

O romantismo foi muito espiritual mas pouco espiritualizado, no sentido que commumente se empresta á expressão: pelo menos o não foi o verdadeiro romantismo, cujos chistes eram carrancudos e cujo comico chegava muitas vezes a ser macabro. Ainda n'isto Nisia Floresta era romântica, como tambem o era nas suas crenças religiosas, admirando e seguindo o catholicismo romantico de Lamennais e de Lacordaire, despido de galas terrenas e pairando n'uma atmospherá luminosa de fé apostolica e de abnegação evangelica.

N'estas condições não podia divertil-a a *blague* franceza. Nas paginas dedicadas á Grecia ella insurge-se contra Edmond About por haver motejado do que só com effusão lyrica devia ser tratado. Estou certo de que suas contribuições para os jornaes francezes e italianos em que collaborou eram alheias a quanto não fosse sensação d'arte, nota de sciencia, enthusiasmo por uma causa politica de caracter geral ou impulso humanitario. Eu diria que seu animo tinha mais de germanico que de latino, pela capacidade reflexiva e pela ingenuidade espontanea, si não fosse que nós nos acostumamos a só considerar francez o que é superficial ou artificial, esquecendo que Renan, o mais francez dos prosadores francezes do seculo XIX, era o que menos tinha o espirito *boulevardier*.

O estylo de Nisia Floresta tem alguma cousa do d'este mago: attraí e prende extraordinariamente pela sua fluencia e pela sua limpidez, estranho a toda emphase e a toda obscuridade, mesmo quando turgido de liberalismo ou lidando com especulações philosophicas das quacs se enamorara a sua intellitencia desde que lera as paginas sublimes de Platão. Sob este aspecto mais é a sua individualidade conspicua no nosso paiz, onde os philosophos — os genuinos, não digo os que chrismaram o desmazelo em



philosophia — se contém pelos dedos da mão. Nisia Floresta foi porem o exemplo vivo do que ella sempre ensinou e praticou — que a mulher deve possuir e exercer virtudes domesticas e civicas.

Virtudes domesticas são uma expressão lata e que como qualquer outra pode ter uma accepção mais restricta ou mais ampla. N'este caso deve ser tomada *cum grano salis*, não podendo significar mais do que affecto e piedade, virtudes domesticas de que na verdade parece haver trasbordado o coração d'essa mulher superior. Ella foi bem em todo sentido a nossa George Sand, em cuja vida houve um Alfred de Musset e até um Dr. Pagello. Para o cathecismo romântico, apesar de inspirado pela doutrina christã, o amor não constituia um mandamento estricto, como para o cathecismo catholico. A alma irmã encontrava-se as vezes fóra do matrimonio e, quando era encontrada, associavam-se as duas romanticamente, isto é, ardentemente.

Nisia Floresta falla da viuvez do seu coração e a tradição quer estabelecer uma differença entre esta viuvez e a viuvez legal, a do marido pelo vinculo civil ou religioso. Concordo em que fosse aquella mais tragica do que esta, uma vez que o sentimento conjugal fóra gerado na liberdade e não imposto pelo codigo ou pela benção ecclesiastica. Ha portanto que seguir a escriptora mais no que ella pregou do que no que ella executou na sua vida particular. Foi um São Thomaz feminino, a darmos credito ao rifão. Suas licções são admiraveis e estas serão afinal as que ficam. *Verba volant* e mesmo *gesta volant*. Ensinando as virtudes domesticas e civicas, quem nos diz que ella se offerencia como modelo? A moral na sua penna inspirada era certamente mais objectiva do que subjectiva.

OLIVEIRA LIMA.





CINCO ANOS NO NORTE DO BRASIL

“Em alguns lugares á margem do S. Francisco e do municipio piauhyense de Parnaquá e mesmo na vila do Duro (Goyaz), encontramos alguns pés de Cocos nucifera L.

Nas regiões sertanejas o coqueiro da Bahia não encontrou as condições que favorecem o seu crescimento e frutificação como no litoral.

A escassez com que é encontrado já é uma prova, além do que pelas informações que colhemos os coqueiros ali, só começam a fructificar ao cabo de 7 annos e o exemplar que se desenvolveu na vila do Duro, só deu os primeiros frutos no fim de 11 annos”.

Dr. Neiva, Pag. 79.



Coco nucifera que da Bahia para o sul é conhecido pela denominação popular de — «coco da Bahia», em o Norte, de Pernambuco para cima, o povo o conhece pela de — *coco da praia*. A meu vêr essa ultima denominação tem mais propriedade, porque designa uma qualidade importante do *Coco nucifera*, que é justamente a de indicar o seu *habitat* predilecto, onde elle se desenvolve perfeitamente.

Depois que se transpõe o Pharol da Barra, na bahia de S. Salvador, sempre que a vista alcança a costa, notam-se manchas verdes constituídas em grande parte por coqueiros. Da Bahia até o Pará, em todos os portos, apparecem a bordo, vendedores de cocos verdes; isto quer dizer que nessa grande extensão de litoral, ha plantações de coco, não tão grandes, infelizmente, como poderiam ser.

Em Recife, tive occasião de ver um bonito cocal.

Os arrabaldes todos estão «contraminados» de cocos da praia. Deu-se ahi um facto interessante e engraçado: interessante porque mostra o estado de atrazo do nosso povo, e engraçado pelo desfecho que teve.

Em visita aos cocaes proximos á cidade, depois de ter atravessado uma ponte sobre um igarapé, dos que cortam o vasto mangal ahi existente, encontrei um velho com um varal ao hombro cheio de fieiras de carangueijos, e como era um bello typo regional, complimentando-o, perguntei:

— O senhor permite que eu lhe tire um instantaneo?

— *Cuma? Que é que vamicê tá dizendo?*

— Estou dizendo, si o senhor me deixa tirar um retrato com esta machina. Quero mostrar p'ra meu povo, lá da minha terra, como um velho sabe pescar carangueijos.

— *Nhor, não!*

— Mas, porque?

— Por aqui já andaram uns *inguileiz* com essas machinas, e depois dessa *arrumação* pegou morrer gente como quê.

Foram baldados todos os meus esforços de persuasão: o bom do velhote disse um «até outra vista», e sahiu n'um passinho acelerado, com o varal de carangueijos balançando no hombro...

A mais bella, ou uma das mais bellas agglomerações de coqueiros que eu tenho visto, é a de Cabedello — porto de mar da Parahyba do Norte, a poucos kilometros da capital do Estado.

Cabedello fica á margem direita do rio Parahyba do Norte, ou melhor, a margem direita de sua fóz. No estuario do Parahyba não se observam os innumerados igarapés e deltas do Parnahyba e Itapicuru': o rio vai n'um corpo só, até as fauces escancaradas do mar que o engole de um só «trago».

Quem, a bordo do Lloyd, entra no porto de Cabedello, depois de transpor a barra, que é muito estreita e difficil, penetra no rio: á margem esquerda vê um mangal e á direita, o velho forte de Cabedello e um enorme «cocal» cobrindo toda a cidade que se derrama pela praia plana e arenosa.

O navio atraca n'um pontilhão de madeira que serve de caes, onde começam os trilhos da E. de Ferro.

Consultando o meu canhenho de viagem, encontro a proposito estas notas:

CABEDELLO

«Como gosto muito das coisas velhas (isto em termos...), das reliquias do passado, não posso resistir ao desejo de dar um pulo até o velho e careomido forte de Cabedello em cujas paredes poderia lêr a historia do passado do nosso Brazil colonial.

O forte está no mais completo abandono, digo mal, abandono não! pois, á entrada, junto ao seu enorme portal de madeira, fui recebido por um sargento do exercito, muito convencido das suas funcções de commandante, amavel, um pouco pernóstico, mas infelizmente um tanto «alegre» pelos effeitos da «branca»...

«Entrei. Um genio carinhoso e amigo» — o sargento, tomou-me a dianteira com a viseira do kepi a indicar no espaço, no minimo 45.º, deixando a mostra uma trunfa de cabellos negros que lhe cobria o olho direito, e poz-se a fallar.

— Moço, não repare. A gente nestes ermos, não tem com que se *adevirta*. Quem os manda deixarem-me só, com toda a liberdade, podendo a gente fazer o que bem entende? Gosto da *coisa* e como não posso *vê defunto sem chorá, mato o bicho*. E depois o meu officio não é matar mesmo?

Galguei o plano inclinado que leva até a praça onde estão os canhões. No meio do pateo que é redondo como o forte, vi um monte de balas de uns 10 centímetros de diametro. Pedi uma daquellas preciosas «contas», para guarda-la como lembrança, mas o sargento — fiel guardião, delicadamente m'a negou. Não insisti.

Os canhões são verdadeiras preciosidades historicas: alguns trazem as armas do rei de Hespanha e Portugal.

Depois de examinar attentamente as armas dos Filippos, que tão nitidamente ainda se desenhavam no dorso de um velho canhão sobre uma carreta em ruinas, dei-lhe uma palmadinha no flanco direito, e, enquanto elle resmungava em sons metallicos, mentalmente lhe perguntei:

— Então, amigo, que fazes aqui ha tanto tempo, sempre olhando para o mar, como quem espera ainda alguma coisa? Julgas, porventura, que as náus inimigas inda aqui apparecem ameaçadoras, de velas pandas, procurando transpor a barra? Tu és um retardatario; todos os teus companheiros d'aquellas eras já não mais existem. Os navios

que escaparam ás tuas balas, não evitaram a acção do tempo. Pareces um actor que ao terminar o acto ficou aquem do panno, permanecendo em scena depois de tudo terminado. O teu logar não é aqui, amigo velho, e não te enfades com a minha franqueza, deverias estar sepultado em um museu, ou transformado pelos cadinhos da fundição em objectos uteis. Assim é tudo. Eu tambem, meu velho, serei transformado. Como estás, ao envez de mostrares tão sómente o que fomos ha 300 annos, dás o mais eloquente testemunho do nosso atrazo, do nosso relaxamento e incompetencia para tudo que diz respeito ao progresso: já deverias ter sido substituído. Tu aqui, despertas risotas, historico bronze, emquanto que n'um museu, todos te visitariam com o chapéo na mão, e reverentes se curvariam ante o teu magestoso vulto...

Dei-lhe mais algumas pancadas e lá ficou elle em sons plangentes entoando sentida nenia ao passado, como si fosse a voz da saudade.

Corri um olhar á direita e outro á esquerda e vi alguns quartos que deveriam ter sido as habitações da guarnição. A familia do sargento lá estava accomodada.

Descendo o plano inclinado que leva ao portal da sahida, á direita vi uma masmorra lugubre, em que a luz mal podia penetrar por uma minguada janella gradeada de ferro. Nas paredes humidas, inscrições gastas e inintelligiveis, diarios de angustias de infelizes que alli foram, talvez, pagar culpas alheias.

Embalde procurei lêr. O tempo... Bem diz o poeta do matto:

*O tempo gasta e consome,
Da propria pedra o letreiro:
Só não gasta, nem consome,
Um amor que é verdadeiro ...*

Com licença do poeta, eu acho que até o amor verdadeiro não resiste á acção do tempo.

Sahi. Como quem da escuridão penetra de repente na luz, fiquei um momento estonteado, parei um pouco, até me agcitar ao mundo da actualidade: dentro do forte havia regressado uns 300 annos.

Sob frôndosas mangueiras, a rua principal da cidade, se estende ao comprido do caes. Ahi é que estão installados os hotéis, as casas commerciaes mais importantes, o quartel da policia, a feira, e os vendedores de quinquilharias,



exquisitices da terra: busios marítimos, bonecas de panos, miniaturas de jangadas, etc...

Debaixo de uma arvore, ou sentado na calçada, está um pobre velhinho com a sua viola cantando louvores aos «brancos». Creio que não ha quem tenha passado por Cabedello que se não lembre deste interessante musico da rua.

As outras ruas são irregulares, estreitas, e desde que se penetre um pouco pela cidade, notam-se casas em todas as direcções, todas sob as frondes dos coqueiros. Póde-se dizer que é uma cidade á sombra de um enorme «cocal». Dá ideia dessas povoações africanas que estamos acostumados a ver em lithographias ou nos cinemas. Tudo é atrasado mas não deixa de ser pitoresco — fonte pura onde os nossos artistas poderiam beber as mais bellas inspirações.

Ha uma linha de bonde (não se assuste o leitor) que sae do porto, com a rua principal, passa em frente a igreja, vira á direita, deixando á esquerda uma carreira de casas cobertas de telhas e de bom aspecto, e vai sempre passando por debaixo das palmeiras, até chegar a uma formosa praia, que se não me engano, chama-se Praia Formosa.

Que belleza! Acompanhando a concavidade da praia, proximo ao logar onde as ondas do mar vêm docemente morrer na areia limpa, estão espalhadas pequenas vivendas, que não são obras d'arte, mas que são verdadeiros mimos, offerecendo o mais encantador agasalho ao homem cançado pelo reboição das grandes cidades: Uma rede branca, armada entre dois coqueiros, sem que se tenha que pensar no dia d'amanhã, n'um «dolce far niente» (aqui esta expressão vem a calhar) tomando-se a deliciosa agua de coco, seria de causar inveja aos anjos...

A poucos metros, a praia offerecendo um banho de primeira ordem, e, segundo me parece, sem perigo.

E' nesta praia que as jangadas vêm descançar, soffrer algum reparo, afim de, mais tarde, impavidas, com uma ousadia inacreditavel, partirem, quaes gaivotas pelo mar em fóra, alto mar, onde só se veem céu e agua, onde, no dizer do poeta, os dois infinitos se encontram. Jangadeiro ousado, é muita temeridade confiar tanto em meia duzia de páus e uma vela!

De Maceió a Fortaleza, de quando em quando, encontram-se jangadas, geralmente tripuladas por um só homem, em alto mar. A' tarde, voltam todas para o porto da sahida, parecendo, umas atraz das outras, sauvas carregando folhas para o formigueiro.

A nota característica de Cabedello é sem duvida o

seu bonito e grande cocal. Os coqueiros «botam» todo o anno. N'um mesmo pé, vêm-se cocos de todas as idades: desde o cacho em flôr, até o coco secco.

Sempre que por ahi passo vou ãdireito aos meninos que vendem cocos verdes. Estes pequenos, semi-nus, com calça rota e a camisa em tiras, empunhando uma pequena foice (podão) ou mesmo um facão de «papo-largo» — que lembra a agaga mourisca — não perdem de vista o passageiro.

— Um coco verde, patrão, *tem é agua muita*. Corto?

— O meu é *vremeio*, patrão, me dê sua preferencia.

— Então ha cocos de duas qualidades?

— *Apois*, então, o patrão não sabe? Tem o coco branco e o *vremeio*. E quem tem o *vremeio* não procura o branco.

— Bem: corte um vermelho.

O pequeno, antes de ter sahido a ultima syllaba dos meus labios, rapido como um bôte de cobra, fez saltar um dos polos do coco e a agua espirrou molhando-me o rosto e o paletó.

— Não é nada — disse entregando-me, contente, o coco — isso não mancha.

O passageiro, que não é mais marinheiro de primeira agua, quando salta em terra vem munido de um canudinho d'aquelles com que se tomam refrescos, e assim bebe a sua agua de coco commodamente. Os que não sabem disso têm que beber directamente do coco, molhando o collarinho e a gravata.

Terminado o primeiro coco, que, ás vezes, tem um litro de liquido, o outro pequeno, o do coco branco, com o olhar supplice:

— Agora o meu, patrão, experimente o branco que tambem é bom.

O passageiro toma folego, dá um suspiro, procura fazer sahir o ar que possa existir no estomago, leva as mãos á cinta, como quem consulta se haverá ainda logar para mais um coco e, finalmente, a gulodice o vence: antes que ordene a abertura do coco, o menino que pelos olhos ia lendo o seu pensamento, celere dá um golpe de facão no fruto e entregando-o, alegre, exclama — prompto!

Leitor, não se admire: o viajante exgotou o segundo coco, e o menino animado pergunta: mais um patrão?

— O' pequeno, você pensa que o meu estomago é de borracha?



- Então eu descasco uma duzia p'ra o patrão levar e ir bebendo na viagem.
— Isso já é outro negocio. Quanto é a duzia?
— A 3 tostões cada um, são 3\$600.
— Você sabe lêr?
— *Nhor, não. Mas conta de coco eu tiro. Nisso ninguém mi fais desfeita, não.»*

* * *

Mas, voltando ao coco. O *Coco nucifera* produz excelentemente nas praias arenosas, que para mais nada servem.

Seriam fabulosos os lucros que poderia produzir uma grande plantação de cocos nas praias arenosas do nosso vasto litoral. Além da produção do fructo que daria origem a muitas fontes de renda, teríamos a fixação das dunas que em certos pontos é um problema de grande importancia.

Ninguém ignora o trabalho que dá para se fixar uma duna. As grammineas que tem sido empregadas, nem sempre dão o resultado colimado, porque antes que se desenvolvam são cobertas pela propria areia. Ora, si se plantar, *in primo loco*, uma floresta de coqueiros, a areia torna-se á menos movediça e a sombra das copas das palmeiras offerecerá um meio mais seguro para o desenvolvimento de uma gramminea, ou de outra planta rasteira, que terminará a obra da fixação da duna, tornando essas zonas perfeitamente habitaveis.

Em Amarração, porto de mar do Estado do Piauhy, observa-se um factó curioso e que está pondo a vida da população em perigo; de um lado, as aguas do mar inundando a villa, do outro, pelo lado da terra, as areias cobrindo ruas e casas.

Quando por ahi passei (em 1914), trabalhava uma commissã encarregada de fixar as dunas.

O serviço se limitava ao plantio de grammineas; no entanto seria tão facil transformar tudo em um frondoso cocal, como a natureza mesma o está ensinando. O cocal que se estende pela praia proxima á villa é uma prova eloquente do que acabo de dizer.

Onde estão os coqueiros a terra já é firme, e não só se presta ao plantio de grammineas forrageiras, como até de outras plantas. O solo ahi é todo outro. Parece incrível que se não vejam coisas tão faceis, que se não aproveitem as licções que a propria natureza se encarrega de dar, e

que bem observadas e postas em pratica, poderiam resolver problemas importantissimos.

O coco da praia, como bem o notaram os naturalistas, tambem cresce no interior. Ahi elle é um tanto tardio na producção. Em certos logares elle cresce bem, mas não produz, como é o caso de um pé que conheço em Thezina.

Encontrei o coqueiro produzindo bem nas seguintes localidades do interior: Jerumenha, (*) á margem direita do Gurguêa, a 18 kilometros da sua fóz no Parnahyba; no Jacaré, á mesma margem do mesmo rio, a uns 150 kilometros da fóz; e finalmente na fazenda «Segredo», estado da Bahia (sertão).

No litoral o coqueiro é mais precoce, produz mais e até a agua é mais gostosa. Ahi um coqueiro *bota*, de 4 a 5 annos, dando alguns até 200 cocos por anno. Ao passo que no interior, só de 7 annos em diante é que *bota*, dando pequena producção e cocos menores.

(*) A proposito da etymologia deste nome, ja depois de escriptas as impressões acima, reebemos do Dr. Astrolabio Passos, Director do Instituto Pasteur de Manaus, a seguinte communicação:

«O Dr. Carl. Fried. von Martius, in *Motersammlung brasilianischer Sprachen*, escreve: «Jerumenha (Piahy, Villa) — *Jerumú*, abóbora, *meeng*, dar». Vê-se que aquelle illustre sabio estava convicto de que a palavra Jerumenha deriva da lingua Tupy, quando é ella de origem portuguesa ou romana e nada tem de indigena. Sabe-se que em 1740 o arraial onde se estabeleceu, pouco tempo depois da descoberta do terriforio do Piahy, Franeiseo Dias de Avila, vindo da Bahia, acompanhado de indios domesticados, á procura ou á conquista de indios selvagens, foi elevado a categoria de freguesia com a denominação de Santo Antonio da Guigusia. A carta regia de 19 de Junho de 1761 elevou esta *freguesia* a villa, mas a instalação só teve logar a 22 de Junho de 1762, no governo de João Pereira Caldas, portuguez, que assistiu o acto e deu á nova villa o nome de Jerumenha. O governador Caldas fel-o naturalmente em homenagem a seu paiz.

Juromenha é uma villa e praça d'armas do Alentejo, concelho do Alandroel, comarca do Redondo, districto de Evora, em Portugal, á margem direita do Guadiana, sobre um outeiro, que a separa da Hespanha.

Ahi está um dos modos de explicar a etymologia da palavra. Uma lenda bastante curiosa dá-lhe, porém, outra significação. Ha em Juromenha, de Portugal, um antigo castello de edificação romana, notavel pelas suas 17 torres.

Já que fallei em Jerumenha vou dar algumas notas interessantes sobre esta pequena villa piauihyense. O que ella tem de mais importante, depois da igreja que é obra dos jesuitas, e da nova feira (mercado) é sem duvida o seu proprio nome — Jerumenha. Esta graphia é uzada pelos seus habitantes e por todos os piauihyenses si não me engano. Quer me parecer, porém, que o Dr. Theodoro Sampaio discorda. A's paginas 169 a 170 do seu livro: «Tupy na geographia», diz:

«O nome Jurumenha, por exemplo, que se encontra entre nós, designando uma villa obscura do Piauihy (com vistas ao coronel Fonseca ...) póde induzir erro, pela sua estructura tupy, o interpretador que se não recordar de que é esse nome de procedencia lusitana, e lembra um povoado alemtejano sobre a margem direita do Guadiana.»

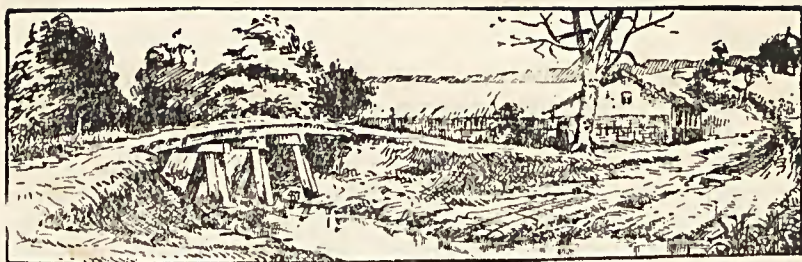
FRANCISCO IGLEZIAS.

Conta-se que, ao tempo da dominação gôda, querendo um *rico e nobre senhor* espoliar sua irmã Megnia ou Mênha da grande herança paterna, segnndo uns, viver com ella vida incestuosa, segundo outros; e, encontrando resistencia, prendeu-a n'uma das torres do castello, no intuito de fazel-a render-se pelo soffrimento physico e moral. Nada demoyeu a virtuosa donzella, que respondia sempre ás solicitações do irmão com o seguinte heroico protesto: "Jura Menha que não". Ainda hoje, conta-se, uma das 17 torres do castello é conhecida com a denominação de Torre de Menha.

De Jura Menha é que vem a palavra Juromenha, villa do Alemtejo.

Assim, não é Jerumenha, como quer Martins — a terra que dá abóboras: *Jurumú, meeng*, o que seria prosaico e injusto. Pode, entretanto, ser a terra das *muralhas* ou da *jurisdicção* de Julio, o que é nobre».





MAGUA QUE RALA

DOS chefes de Estado que tem tido o Brasil, o que mais amou, e muito profundamente, o Rio de Janeiro, foi sem duvida D. João VI; e a população da cidade e arredores ainda tem na memoria, nos dias contemporaneos, mais de um seculo após á sua chegada a estas plagas, a lembrança do seu nome. Nas freguezias afastadas do antigo Municipio Neutro, que conservam até hoje uma forte feição roceira, a recordação do rei bondoso e bonachão é mais viva e o seu nome é pronunciado pela gente mais humilde de taes lugarejos, soffrendo uma abreviatura singular — *D. Sexto*. Os que o procederam e nos governaram como Vice-Reis e Governadores Geraes, portaram-se na capital da illimitada colonia portugueza como simples funcionarios, executores de ordens dos Reis, Ministros, Conseqellos, Mezas d'isto e d'aquillo, sem olhar sequer as arvores, o céu, as scenas que os cercavam e muito menos a gente da terra. Acredito que, com a sua empafia de fidalgos aviariados, muitos delles duvidassem da humanidade dessa ultima e se aborrecessem com a natureza local, pullulante e grandiosa. Não se pareciam com as cousas semelhantes de Portugal e não se podiam medir pelo estalão dellas; não prestavam, portanto. A gente, para elles, um pouco mais que animaes, eram uns negros atôas; e a natureza, um flagello de mosquitos e cascaveis, sem possuir uma porporcionalidade com o homem, como a de Portugal, que parecia um jardim, feito para o homem.

Mesmo os nossos poetas mais velhos nunca entenderam a nossa vegetação, os nossos mares, os nossos rios; não comprehendiam as nossas coisas naturaes e nunca

lhes pegaram a alma, o *substractum*; e se queriam dizer alguma coisa sobre ella cahiam no logar commum amplificado e no encadeamento de adjectivos grandiloquentes, quando não voltavam para a sua arcadiana e livresca floresta de alamos, platanos, myrthos, com vagabundissimas nymphas e faunos idiotas, segundo a rhetorica e a poetica didacticas das suas cerebrinas escolas, cheias de pomposos tropos, de rapé, de latim e regras de cathecismo literario.

Se, nos poetas, o sentimento da natureza era esse de paysagens de poetas latinos, numa diluição já tão exhaustiva que fazia que os autores do decalque se parecessem todos uns com os outros, como se poderia exigir de funcionarios fidalgos limitados na sua propria prosapia, uma maior força original de sentimento deante dos novos quadros naturaes que a luminosa Guanabara lhes dava, cercando as aguas de mercurio de suas harmoniosas enseadas?

D. João VI, porem, nobre de alta linhagem e principe do seculo de Rousseau, mal enfrornado na literatura palerma dos arcades, dos desembargadores e repentistas, estava mais apto para sentil-os de primeira mão, directamente. Podia elle, perfeitamente, amar o passaredo alegre na plumagem e triste no canto, a gravidade alpestre de scenarios severos. os morros cobertos de arvores de insondavel verde-eseuro, que descem pelas eneostas amarradas umas ás outras, pelos cipós e trepadeiras, até o mar fusco que muge ao sopé delles.

O successo de Rousseau entre a alta fidalguia do seu tempo foi um extranho aeontecimento que hoje surprehende a todos nós, tanto mais que não se passa uma geração e vem elle a ser amaldiçoado pelos filhos e netos dos que o festejaram, como sendo um dos autores do 89 e do rubro 93.

Antes disso foi elle o *enfant gaté* da grande nobreza e da grande burguezia que áquella se assemelhava nos gestos, nos gostos, nos vestuarios, em tudo, emfim, até no modo de assignar o nome.

Depois dos seus primeiros successos nífusieaes e literarios, mesmo antes com a sua mãe-amante, Mme. de Warens, Jean Jacques foi o mimo, o autor predilecto da alta nobreza e da grande burguezia, que esperavam a guilhotina da Grande Revolução lendo as suas declamações e objurgatorias contra a civilização. Sempre lido por ellas, sempre por ellas agraciado e soccorrido, ambas sorveram com lagrimas nos olhos as palavras do genebrino, cujas obras deviam inspirar e sustentar o animo do summo pontifice da guilhotina — Robespierre. E' Rousseau, nas

festanças e bailes do rico financeiro Dupin, avô ou coisa parecida de George Sand, que, n'uma edição das «Confessions», prefaciada por ella, se confessa fiel ao espirito do commensal de seu avô, naquelle lacustre castello de Chenonceaux, erguido a capricho sobre as aguas do Cher; é Mme. d'Épinay, é a marechala de Luxembourg, é o Marquez de Girardin, é o príncipe de Conti, é Frederico II, é o marechal, governador de Neuchatel, em nome deste ultimo, e tantos outros magnatas do tempo.

D. João VI devia tel-o lido e, sendo desgraçado tres vezes, como filho, como marido e como rei, havia de encontrar a sua alma bem aberta para lhe receber as licções e comprehender de modo mais amplo a natureza, de modo a ser solicitado para um convivio mais intimo com as arvores, com os regatos, com as cascatas, fossem ellas civilisadas, barbaras ou selvagens.

Fugido do seu reino, trazendo comsigo a mãe louca, que pedia, ao embarcar em Lisbôa andassem mais de vagar, para não parecer que fugiam; obrigado pelo seu nascimento e as condições particulares do seu estado, a supportar uma mulher que perdera toda a conveniencia, todo o pudor e todo o respeito a si propria, nos seus desnegramentos sexuaes, — o pobre rei, gordo, glotão, tido como estúpido, desconfiado da sua paternidade official, só encontrava na musica e nos aspectos naturaes derivativos para a sua muito humana necessidade de effusões sentimentaes.

Na sua vida de grandes maguas e profundas dores, o seu desembarque no Rio, com certeza foi para a sua alma uma Alleluia. A augusta belleza do scenario natural, a sua originalidade imprevista e grandiosa — sem attingir o incomprehensivel do desmedido e do colossal, a effusão filial de toda uma bizarra população de brancos, indios, negros e mulatos, quasi toda a chorar, provocaram muito naturalmente a sympathia, fizeram-lhe logo brotar no coração uma grande affeição pelo lugar, animaram-no novamente a viver, sentir-se rei de facto — Rei — o chefe accéito voluntariamente, como pae e senhor, por todos aquelles subditos longinquos que o viam pela primeira vez.

D. João, diz Oliveira Lima, caminha sereno, com a melancolia a fundir-se ao calor da sympathia que o estava acolhendo.

Para bem ver a terra, então, elle se esqueceu as quinze mil pessoas que o acompanhavam desde as margens do Tejo, daquelles quinze mil *desembarçadores e repentistas, peraltas e secias, frades e freiras, mosenhores e castrados*, — *enxame de parasitas immundos*, como diz

Oliveira Martins, que aportava em São Sebastião para esvair quotidianamente a Ucharia Real e enche-la em troca de zumbidos de intrigas, mexericos e alcovitices.

E o Rei pagou bem o carinho filial com que o Rio de Janeiro o recebeu; foi grato. Tratou logo de arranjar uma nobreza da terra, que elle mesmo dizia não ser *nobreza*, mas *taffetá*; protegeu José Mauricio e autorisou que a sua desgraçosa mas sagrada figura de Rei, de nobre da mais alta e pura fidalguia, apesar de filho do Barbadão, fosse pintada na tēla por um nobre pintor mulato, José Leandro, que nunca vira a Italia nem museus, nem academias, e talvez até, nem tivesse mestres.

Mas, não foi só ahí que mostrou a sua gratidão para os affagos recebidos por elle, na sociedade da Guanabara; não o foi tambem unicamente, nas Instituições de ensino e outras que creou; foi para a terra que o seu agradecimento se voltou, foi para a sua belleza de que se enamorou, onde quiz deixar as marcas e o penhor do grande amor que ella lhe inspirára.

De facto, não ha logar no Rio de Janeiro que não tenha um lembrança do simplorio Rei erpeloso e gordo. De Santa Cruz á Ilha do Governador, numa distancia de vinte leguas, as ha por toda a parte; da Ilha do Governador á Gavea, tambem; e, no centro da cidade são innumeradas.

Com as más estradas daquelles tempos, talvez pouco peiores que as de hoje, é incrível como esse homem, tido por preguiçoso, indolente, vadio, vencesse tão grandes distancias, andando de um lado para outro, só para gozar os pinturescos e pittorescos recantos de sua improvisada capital ultramarina.

Hoje, com bondes electricos, automoveis e o mais, os nossos grandes burguezes, alguns, dados todos os descontos, mais ricos do que o Principe Regente, só sabem amontoar-se em Botafogo, em palacetes de um gosto affectado, pedras falsas de architectura, com as taboletas idiotas de *villas* (sic) disto ou daquillo.

E não era só o Rei; a propria Rainha foi-se para Botafogo, hoje *melindroso e encantador*, mas, naquelle tempo, roça perfeita; von Langschoff, consul geral da Russia, tinha uma fazenda na raiz da serra, onde cultivava em larga escala a mandioca; Chamberlain, tambem consul geral, mas da Inglaterra, era proprietario de uma chacara em Santa Theresa, para caçar borboletas e plantar café; um emigrado politico, o Conde de Hogendrop foi morar como simples roceiro da terra, nas Aguas Ferréas; e o pintor Taunay, membro do Instituto de França, que veiu

bem ao Jardim Botânico; e este recanto do Rio de Janeiro, tão peculiar à cidade que é até um dos seus emblemas, fala ainda de D. João VI. Até bem pouco tempo, era o lugar predilecto para os passeios burguezes e familiares. Era o lugar dos pic-nics ou convescótes; e, aos domingos e dias de festas, quem lá fosse, encontraria, á sombra das suas veneraveis arvores, familias e convivas, creados e mucamas, namorados e noivos, a comer o leitão assado e o peru' recheiado, votivos á bôa harmonia e felicidade dos lares, em dias de sacrificio domestico do nosso culto aos Penates Foram prohibidos, e o Jardim Botânico só ficou lembrado por causa de uma casa rustica que havia de frente delle, especie de hospedaria disfarçada em que, á noite, se realisavam pandegas alegres de rapazes e raparigas que não tinham o que perder. Assim mesmo, entretanto, elle não se aguentou na memoria dos cariocas passeadores. Como o Sylvestre, a Tijuca e o moderno Sumaré, passou da moda. Hoje é em Copacabana e adjacencias que se realisam as pandegas e se epilogam tragedias ou comedias conjugaes. O Jardim Botânico, porem, ficou socegado, quieto entre o mar bem proximo e a selva verde-negra que cobre os contrafortes do Corcovado ao fundo, polvilhada de prata após as grandes chuvas lançando sobre os que o abandonaram o desdem de suas palmeiras altivas e títanicamente attraídas para o céu, á espera de que, para as suas alfombras, voltem as familias em festa honesta e os amorosos irregulares em transportes sagrados, afim de abençoar, quer umas, quer outras, de baixo das arcarias gothicas dos seus bambu's veneráveis.

Comquanto tenha tido a primazia de nortear para o seu portão a primeira linha de bondes que se construiu no Rio de Janeiro, de uns tempos a esta parte o Jardim deixou de ser falado nos jornaes, nas chronicas elegantes, não mais foi escolhido para festividades mundanas a estrangeiros de distincção ephemera; e a massa dos cariocas, deshabitando-se de lhe ouvir o nome, nem vendo a sua alameda senhorial de palmeiras nas notas do Thesouro, esqueceu-se daquelle pedaço da cidade, que é bem e só elle mesmo, elle unicamente, sem semelhança com outro.

Um bello dia de annos passados, porem, nas primeiras horas da manhã, logo após o café, abrindo os jornaes, deram com a primeira pagina de quasi todos os quotidianos occupada com uma longa noticia, entremeiada de gravuras macabras e physionomias satisfeitas de policiaes em diligencia.

Cada qual das gazetas tinha mais titulos e sub-titulos



com a missão artistica de Le Breton, foi residir com toda a familia, nas proximidades da cascatinha da Tijuca.

A nossa burguezia actual, porém, é panurgiana e, por isso, banalisa tudo em que toca ou de que se utiliza. Darwin, quando passou por aqui, em 1832, habitou durante os bellos mezes cariocas de Maio e Junho uma pequena casa de roça, nas recanias da Bahia de Botafogo. É' impossivel, diz elle, sonhar nada mais delicioso do que essa residencia de algumas semanas em paiz tão admiravel. Hoje, se elle visse esse suburbio do Rio de Janeiro, com as suas casas quasi todas iguaes em pacholice; com os seus jardins economicos de terra e, mais do que isso, avaros; com a sua aristocracia de melindrosas desfructaveis e encantadoras com o espirito nas pontas dos dedos, ambos, machos e femeas, esthetas de cinemas; com os seus verdadeiros e falsos ricos, arrogantes e avidos; com os seus lacaios e *badauds* do luxo de pacotilha que lá impera; como não se recordaria da meiguice primitiva do lugar, quando por alli elle caçava *planarias*, classificadas por Cuvier como vermes intestinaes, mas que, por signal, não se encontram nos intestinos de qualquer animal; como lhe dariam saudades a musica vespéral e dissonante iniciada pelas cigarras estridentes, e seguida pelo coaxar de rãs e sapos e pelo chiar dos grillos, com a illuminação instantnea dos pyrilampos? Mas, a nuvem pardo azul, que nos grandes dias de luz funde ao longe as cores e as nuanças, observada pelo sabio, inglez, ainda se póde ver naquelle celebre recanto do Rio de Janeiro. Os burguezes não se erguem da terra; não escalam o céu. Isso é coisa para titans... A nossa plúto-cracia, como a de todos os paizes, perdeu a unica justificação da sua existencia como alta classe, mais ou menos viciosa e privilegiada, que era a de educadora das massas, propulsora do seu alevantamento moral, artistico e social. Nada sabe fazer de accordo com o paiz, nem inspirar que se faça. Ella copia os habitos e opiniões uns dos outros, amontôa-se n'um lugar só, e deixa os lindos recantos do Rio de Janeiro abandonados aos carvoeiros ferozes que, afinal, saem della mesma.

Encarando a burguezia actual de todo o genero, os recursos e privilegios de que dispõe, como sendo unicamente meios de alcançar facéis prazeres e baixas satisfações pes-soaes, e não se compenetrando ella de ter, para com outros, deveres de todas as especies, falseia a sua missão e provoca a sua morte. Não precisará de guilhotina...

É' bom lembrar, porem, já que falavamos em Darwin, que elle — e não podia deixar de fazel-o — se refere tam-

e cada qual destes era mais campanudo e inexplicavel. Leram a noticia e, em summa, tratava-se do seguinte: tendo fechado o Jardim, os guardas, conforme mandava o regulamento, passaram revista a todo elle. Davam-na por acabada, quando um delles encontrou, na borda de um gramado, um punhal exquisito, «esquinado», dizia elle, com uma inscripção na face da lamina. Era simples e em hespanhol o motte: «Soy io!» O achado intrigou-o, esquadriñhou melhor os arredores e veio a dar, dissimulado em uma moita, com o cadaver de uma mulher com o rosto arroxeadado e congestionado, inteiramente vestida, só com chapéo fóra do logar, mas, posto por outra mão ao lado della. Parecia estrangeira. De subito e de forma tão tetrica, foi arrancado do esquecimento a lembrança do velho jardim real; e elle surgiu a todos da cidade com uma aureola de martyrio, feita da ingratição de toda uma população a cujos paes e avós, sem nada lhes pedir, elle soubera dar tantos instantes de alegria e amor.

Os jornaes lembraram a sua historia, a sua fundação pelo rei D. João VI, os beneficios que havia prestado com fornecimentos de sementes de plantas uteis ou «mudas» de variedades de canna de assucar; lembraram a plantação de chá que lá houvera, sem esquecer de louvar as esguias e magestosas palmeiras, uma das quaes, plantada pelas proprias mãos do rei, estava morrendo de velha.

O inquerito veio a correr, ou melhor, a arrastar-se sem esperanza de resultado; e a Inscripção em hespanhol, no punhal, fazia que as autoridades policiaes prendessem, não só todos os subditos do rei de Hespanha que encontravam á mão, como tambem colombianos, argentinos, chilenos, e até um philippino azeitonado foi preso, apesar de ser um simples e inoffensivo malaio vagabundo e cabeludo, que vivia a catar hervas medicinaes para vendel-as aos herbanarios da rua Larga e aos chefes de macumbas e candomblés dos suburbios longinuos. Tudo em pura perda.

A victima foi identificada. Era uma criada allemã, arrumadeira de um grande hotel de luxo do Silvestre ou de Santa Thereza, que, nos seus dias de folga ou licença, gostava de passear pelos arredores da cidade e beber cerveja em toda a parte. Todos os frequentadores de casas de chopes conheciam aquella pequena allemã, de Baden, rochonchudinha, polpuda que nem um repolho, com os mallares sempre rosados, possuidora de um perfeito aspecto de boneca allemã de carregação, que bebia mais do que os patricios, rindo curto e estalando as palavras no duro

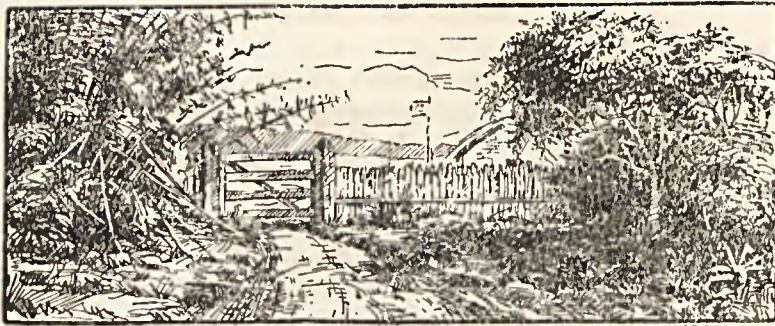


e guttural alemão, cuja familia diziam ser de camponeses de um logarejo do grão-ducado. Os seus papeis eram cartas dos paes, de irmãos e parentes, além de lembranças de uns e outros, como retratos, sem mais outro traço sentimental que não este da familia; e sobre o seu cadaver foram encontradas as jóias que a sua modesta condição permittia possuir: um anel de pouco preço, umas bichas de ouro e brilhantes mas de valor pouco consideravel, um par de pulseiras, algum dinheiro e mais nada.

(Continu'a)

LIMA BARRETO.





A TRISTEZA DO SUBDELEGADO



fresca manhã de Agosto debuxava a esperança de um dia claro, sem uma nuvem esgarçada no horizonte vasto.

Um automovel descoberto parou fonfonando:
— Prompto, Doutor...

— Aproveitemos o tempo. São duas leguas...

E seguimos, escrivão e ordenança, n'uma volada, em direcção do Bairro Branco. Marcáramos o encontro para as oito, nas Tres-porteiras. A denuncia, de vespera, facilitára a combinação com o subdelegado do districto confinante: um caboclo, tirando cipó no matto, fugira apavorado á vista de uma ossada...

O auto corria. E o caminho largo, humedecido de orvalho, parecia dar-nos, na perfumada brisa das capoeiras, um «bom dia» festivo.

N'uma curva rasgada avistámos os visinhos pontuaes, que esperavam.

— Madrugando, Doutor? Foi preciso um pretexto...

— Olhe, Capitão Barbosa, o senhor não sabe que es-piga é uma visita longa. Tanto convida que já temos um projecto feito...

— Não fique nelle. Hoje não se conta...

E o subdelegado, amavel, sorrindo com a lealdade das almas simples, resplandecia de contentamento.

— A cousa deve ser por aqui...

— E' a primeira porteira, Capitão?

— Justamente, a assombrada... A nossa divisa é o vallo; e, conforme o lado, assim a autoridade do inquerito...

Começou-se a exploração. Foram batidas as moitas, devassados os desvãos, investigadas as touceiras proximas. De repente,

— Achei, pessoal!... gritou o escrivão.

Sob um sassafráz, a cincoenta passos do caminho, na sombra fresca de ramos baixos, á beira do capão, jazia n'um travesseiro de sáias e blusas putrefactas e nos restos de um cobertor a servir-lhe de cama, uma ossada branca, de mulher.

— Como se explica isto?

— Será que nem os corvos a viram?

Analysavamos a sua posição, revirando os ossos, sondando os arredores, em conjecturas diversas. Achamos, depois, nos restos que lhe serviam de travesseiro, uma cartilha infantil, algumas moedas de prata, um pente, espelhinho e um laço de fita prendendo uma chave de cadeado; ao lado, uma latinha da antipirina, vasia e enferrujada.

Commentavamos, arriscando hypotheses.

— E a sua opinião, Doutor?

Voltei-me; o Capitão Barbosa indagava de sobrecenho fechado. Expuz a minha idéa: Vinha de longe, adoentada talvez; e a luz causticante do sól aggravara o seu estado. Procurou um abrigo ao mal passageiro. Contava descansar e proseguir viagem até o Salto. A molestia, porém, ao pilhal-a em repouso nesta sombra, explodiu violenta; a febre prostrou-a. Enfraquecida, com a esperança de forças novas, foi ficando. Mas a falta de soccorro terminou a obra. Morreu abandonada. Não teve alento para attrahir a atenção do viandante apressado. Falleceu sem assistencia, sem um remedio. Por visão unica, a soalheira ou o orvalho da noite...

— Porque viria ter aqui, tão longe da estrada?

— A razão é simples. Na época das queimadas o fogo destróe toda esta macéga, salvando-se as touceiras maiores e os capões mais fechados e grossos. As arvores fortes, ainda que chamuscadas, brótam de novo ás primeiras chuvas. A moita maior é esta; repare que é a mais proxima do caminho...

— E nenhum vagabundo a aborreceria aqui... frisou escrivão.

— Cresceu o matto, continuei. O corpo entrou em decomposição. Vieram mais tarde chuvas que a apressaram; e, ao fim da estação das aguas, estava descarnado...

Houve um silencio. Todos contemplavam a ossada, pensativos.



O Capitão Barbosa, muito sensível, murmurou:

— Pode ser... Mas ha tanto mysterio neste mundo...

— Suspeita alguma cousa?

— Parece... e de cabeça baixa, mãos no bolso, passeava lentamente, com a preocupação estampada na physionomia.

— Então?... interpellei-o.

— Mais tarde, Doutor, qualquer dia... Agora, vamos embora que o sól está subindo. Portaremos na subdelegacia para um café...

Partimos; e os ossos limpos, recolhidos a um grosseiro sacco de estopa, foram connosco, no automovel, para o Salto.

* * *

— Eu fico um bocado. O escrivão e a ordenança que voltem logo. O Capitão offereceu-nos uma cadeira de balanço, com tanta gentileza, que é justo que eu o aborreça...

— Isso não, Doutor; prazer somente...

— Vejamos. Sou curioso. Estamos sosinhos. Desejava saber a razão da sua preocupação... Não será indiscrição minha?

— Entre amigos não ha disso. Foi uma ideia que tive. Tolices...

— Fui imprudente...

— Não repita, Doutor. Ha casos que é preciso coragem para narrar. Este é um delles... Mas para não haver desconfiança, conto... O senhor não ouviu fallar da Marianna, filha de Jeremias Corrêa, ali do pontilhão? Cabocla de truz!....

Fez uma pausa. Depois, mão no queixo, como a recordar-se:

— Nasci perto do Corrêa. Marianna eu vi gatinhando: dez annos mais moça do que eu. Poucos meninos lhe passavam a perna... Corria, pegava passarinho, nadava, pintava o sete... O pae ficava desesperado, mas eu achava graça no demo da pequena. Quando não me encontrava, ella arroteava a casa, negaceando. Assim chegou aos deztoito. Certa vez, um rapaz cercou-a no caminho. Perguntei a Marianna qual a conversa. Respondeu que não era da minha conta. Zanguei-me; virou-me as costas. Fiquei aborrecido, cogitando... Para encurtar: eu tinha ciumes... E o raio do sujeito, o Jéca Estanislau, sempre de segredo com ella... Resolvi um dia:

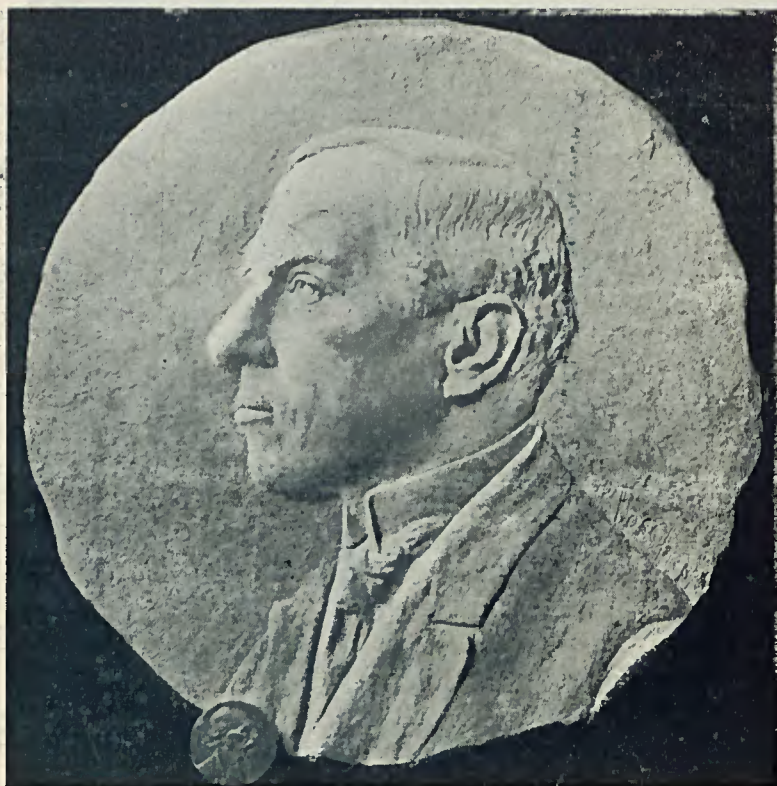
— Marianna, venha cá....



Olavo Bilac

Bronze de P. Fosca.





Nestor Pestana

Bronze de P. Fosca

— Como vae, Barbosa; já sarou?

— Não brinque... E' negocio serio.

— Então vou-me embora... Estou farta de sermões.

— Espere, escute...

Minha voz amolleceu de uma vez. Ella aproximou-se.

— Eu ando pensando muito, tudo para seu bem...

Esse Jéca tem má fama, é rapaz vagabundo, desordeiro, vive de tróça... Dizem que é bisca. Tenho reparado o geito d'elle, mas não lhe sei a intenção...

— Já disse, Barbosa. Se é para me ralhar, vou-me embora.

— Não é, Marianna; é para lhe pedir em casamento... Desde creança penso nisso.

E parando, olhando-me de face, o Subdelegado confessou ingenuamente:

— Eu mentia, Doutor. Tive essa resolução, quando vi o Jéca avançar terreno...

— Ella que fez? Aceitou?

— Deu uma gargalhada assim como quem diz: «não se enxerga?!» E fallou:

— Perdeu o tempo, Barbosa. Eu tambem o estimo. Mas, casamento, só com o Jéca...

Que choque levei! Até hoje me lembro... O pae não consentiu; deu até o desespero. Fugiu de casa e nunca mais foi vista. Syndiquei por minha conta: nem rastro... O Corrêa tambem, coitado, durou pouco. Descendo o rio apanhou maleita e lá se foi o homem. Que ente infeliz! Até depois de morto... Imagine Doutor, no Grotão. Chovia como seiscientos. Quando apromptaram o corpo, o pessoal do acompanhamento já estava meio torrado. Com parte da agua os caboclos foram bebendo; e numa estiada pegaram a tróte o caminho. Vinham cavocando chão. Mas eram tres leguas a pé; e nas vendas que passavam, portavam para esquentar. O mata-bicho foi alterando os homens. Já não acertavam o balanço da rede; o defunto começava a pezar... Ali perto, no João Turco, a estrada que vem por cima, no espigão, tem uma curva empinada para descer ao correço. E' um lugar perigoso. A caipirada vinha esmorecendo; e de medo da chuva não quiz parar no João. Parece que foi castigo. Quando chegaram na ladeira, falsearam pé e lá se foi o pobre defunto aos trancos, barróca abaixo, abrindo rego no barro, até mergulhar de ponta-cabeça no ribeirão. Os carregadores assustados, avançaram atraz para acudir e zás... afocinharam tambem. Não houve geito de

salvarem o pobre do Corrêa. Lidaram, deram pancas. O Jeremias — sempre ficando no tijuco. Pelejaram. Cada vez peorava mais.....

— Sabe d'uma cousa? disse um tal. Elle está reinando... Vamos largar o *cujo*...

— E' melhor avizar o João da venda. O amaldiçoado do turco que se arrume....

E obrigaram o outro a retirar da enxurrada os restos do Corrêa.

Nos dias de finados eu ia ao cemiterio. A Marianna nunca foi. Aborrecido, não me casei; nem vi outra tão bonita...

— Que fim levaria?

— Contaram-me ha alguns annos, que ella estava em Sorocaba. Trabalhava dia e noite e o Jéca sempre vagabundeando... No fim elle deu para beber. Por qualquer cousa, pancadaria. Felizmente, n'um rôlo de venda.... mataram o sujeito.

— Quantos filhos?

— Só o primeiro vingou. Judiarias. Questão de dois annos, Marianna ficou doente. O menino com doze, estava na fabrica; o ordenado, porém, não bastava. Arranjei então um lugar para descanço, aqui na fazenda de um compadre. Era a outra a pobre. Tinha feito trinta annos e estava acabada, magra, amarella, só os olhos os mesmos.

Lá no sitio ia tudo bem, quando estupidamente, uns mezes depois, morre o pequeno afogado. Foi um desastre. Marianna quasi endoideceu. Com muito remedio e serviço, melhorou. Não andava mais quieta — arredia, olhos cheios d'agua, sem comer... Contou-me o compadre a sua saude; dei um pulo lá. Meu coração sangrou: quem diria que era aquella... Prôsa vae, prôsa vem, fallou-me que ia á Pirapora por causa da promessa. Quando veio doente, ella jurou que se sarasse afim de cuidar do rapazinho, ouviria uma benção. Sarou, tratou, agora cumpria. Lidei: que esperasse mais um pouco... Estava muito fraca, teria recahida. Tudo inutil!... Partiu. Nunca mais soubemos della... E essa cartilha era lembrança do filho, que ella mesma ensinou. Parece que eu reconheci o pedaço da bluzo de ramagens, que estava junto ao livro. Essa é a chave do cadeado do caixão. Pobre Marianna! Voltava adoentada. Fez-se de forte; e o sôl terrivel aggravou-lhe a molestia. Procurou um abrigo seguro e achou esse ao lado. Arranjada a cama, deitou-se; a febre escaldava-lhe a frente. Tomou a ultima antipirina. Não teve forças para se levantar. Esperou as melhores. A noite fria contrastando com o calor, apanhou-a

desabrigada. No dia seguinte delirava talvez... Foi morrendo a mingua, assim sosinha, sem uma palavra ao seus soluços e um braço á sua cabeça infeliz... Fóme, sede, falta de remedio, agasalhos, tudo! Quantos dias agonizou?... Perceberia a morte chegar, lentamente? E acabou-se afinal, aos poucos, com tormentos que nós nem por sombra imaginamos... Infeliz Marianna... Quanto lhe custou o erro! Nem os corvos a acharam. Que vida, meu Deus; parece até castigo.....

— É que morte, Capitão!... São capazes de vel-a ainda, como o assombramento da porteira ...

— Era o que faltava... Desaparecer abandonada ao sól e á chuva, a moça mais linda e cortejada destas bandas!.....

* * *

— Prompto, Doutor. A's ordens!

— Já de volta? Bem, partamos. Capitão, agradeço-lhe lhe a gentileza. Não ha o que pague a sua amizade e confiança. Doeu-me n'alma essa tragedia silenciosa... Até á volta!

Pela primeira não me contive: abracci apertadamente o pobre amigo. Senti que o seu coração agradecia o lenitivo á sua tristeza.

Mais tarde, pela estrada larga, contou-me o escrivão:

— Os soldados do Subdelegado julgaram que traziamos laranja no embrulho ... Enfiaram a mão... Em vez de laranja — surgiu a caveira da *tal* ... Que susto!

E uma rizada festejou o derradeiro logro.

Eu só revia o amigo, bonacheirão e triste, carregando para o interior da sala, quando partiamos, o grosseiro sacco de estopa em que ia o seu ideal de moço, toda a sua vida e coração. Não sei se o macabro fardo receberia — uma primeira lagrima de amor ou de saudade.

* * *

Fiquei admirando a logica, a argucia e os bons sentimentos do Capitão Barbosa. Hoje admiro somente os bons sentimentos, porque... Marianna reapareceu! Reapareceu e anda por cá, velhusca, estragada pelos annos, mas viva, positivamente viva....

AMANDO CAIUBY.



CANTIGAS DE ANTANHO

I

*'Dissestes-me, em terra os g'olhos,
E os olhos cheios de pranto,
Que vós me adoraveis tanto
Como á menina dos olhos;*

*Mas augurios, que são sabios,
Quando a experiencia os inspira,
Mostraram-me essa mentira
Que vos nascia dos labios.*

*Vossas graças adoraveis,
Com senem graças, a gente
Não illudem facilmente,
Como, decerto, pensaveis;*

*Tanto, que, após ter ouvido
As vossas falas e juras,
Vos disse tambem ternuras
Sem me dar per illudido.*

II

*Horas de intenso regalo,
Acceso o olhar em desejos,
As boccas cheias de beijos,
Que é uma loucura contal-o,*



*Passavamos á porfia
Nestes jogos amoveis:
Dizeis vós que me amaveis,
Que vos amava eu dizia.*

*Diziamos com tal fogo,
(Que, certo, não vinha d'alma)
Que hoje nem sei quem a palma
Ganhou emfim nesse jogo.*

*Eramos como, parece,
Duas pessoas travessas
De cujas pobres cabeças
O siso fugido houvesse.*

III

*Nessa mutua falsidade
Trocada por longos mezes,
A mentira tantas vezes
Se confundiu com a verdade,*

*Que algumas falas sinceras
Me sahiram bocca á fóra,
Cuidando talvez, senhora,
Que vos amava devéras.*

*O acaso, porém, um dia,
Das nossas contas no ajuste
Fez-me entrever todo o embuste
Que dentro de vós havia.*

*Não soffri, não, que a experiencia
Nisto me ensinou apenas
Quanto nas coisas terrenas
E' enganadora a apparencia.*

IV

*A meu lado, anciosa e louca,
Do leito entre os niveos folhos,
Daveis-me a graça dos olhos,
Daveis-me o beijo da bocca.*



*E atraz desse falso goso
Que vos eu dava, abundante,
Tanto illudieis o amante
Como enganaveis o esposo.*

*Adeus, feroso rebanho
De suspiros que não solto,
Adeus, senhora, que eu volto
Aos meus amores d'antanho;*

*Que é coisa que não intento
Deixar de parte, senhora,
Amores velhos de outr'ora
Per amores de momento.*

NOSSA HISTORIA

*Nossa historia de amor por desenlace
Teve, como têm todas, a ruptura.
A ventura passou, por ser ventura,
Porque não ha ventura que não passe.*

*Dóe-me, porém, pensar que na fugace
Memoria della, em que, por desventura,
Nada do bem passado emfim perdura,
Nosso passado bem não perdurasse.*

*Não sei se a ella ou se a mim mesmo 'louve:
Eu oiço-a e vejo-a sempre, recordada,
Ella, esquecida, não me vê nem 'ouve;*

*Eu padeço; ella passa, descuidada,
Sem se lembrar do que entre nós já houve,
Qual se nunca entre nós houvéra nada.*

EXILIO

*Perto de ti, mal cuidas que me dôa
Dôr que da tua seja diferente;
Dóe-me, e nem vês siquer o pranto ardente
Que ás vezes os meus olhos ennevôa.*

*E' a saudade da patria, não sómente
Da patria, mas da gente que a povôa,
Mansa de instinto, hospitaleira e boa,
Como em nenhum paiz nenhuma gente.*

*E até sinto, a despeito de tamanha
Afeição que me tens, que me acariinha,
E meus passos e gestos acompanha,*

*Que essa afeição se apouca e se amesquinha,
Só porque a dizes numa lingua extranha
Que a doçura não tem da lingua minha.*

CONTRASTE

*Casta nos gestos e nas attitudes
Vêm-te os meus olhos sempre, enamorados,
E a toda hora te lanço os meus alados
Beijos, dispondo em pinha os dedos rudes.*

*E's tão pura de corpo e de cuidados,
Que se, acaso, aos meus olhos te desnudes,
Mais te verei vestida de virtudes
Quão me vejo coberto de peccados.*

*Nunca pensei em tua bocca fria
Pôr, mesmo em sonho, um beijo imaginario;
Nunca o pensei e nunca o pensaria;*

*Não sou e nunca fui tão temerario;
Se o fosse, é certo que a impressão teria
De um sacrilegio em pleno sanctuario.*

HONTEM E HOJE

*Partiu. Voltou. Com a alma a tudo afeita,
Acolhe, resignado, a desventura,
De que, afinal, tortura por tortura,
Fez a mais farta, a mais cruel colheita.*

*Nem mais siquer a sua mão enjeita,
Nem mais dos labios afastar procura
Esse trago de fel e de amargura
Que o máo destino em sua taça deita.*

*Hontem, a alma sem freios e sem brida,
Tendo sonhos e risos por escolta,
Partia. Hoje, a tarefa concluida,*

*Regressa; ao regressar, suspiros solta,
E o bastão rico que levou na ida
Lhe serve de muleta para a volta.*

CIUMES

*Ralha-me, sim; mas ralha, tu, que és boa,
Usando em dóse igual fel e doçura,
Sem lampejos no olhar nem phrase dura,
Mas com o olhar meigo e a phrase que perdoa.*

*Não faças nunca uma censura á tôa;
Quando hajas de o fazer, antes procura,
Adoçando-lhe o fel, uma censura
Que não amargue muito e que não doa.*

*E's ciumenta demais. Tens o costume,
Que tem, de resto, amantes ou esposas,
De temperar amor com azedume;*

*Mas sabes bem e confessar não ousas
Que, como o microscopio, tem o ciume
Essa virtude de augmentar as cousas...*

DE PASSAGEM

*Nada, em suave tortura e aneio, eguala
A esta sede de amor que me extenua.
Forasteiro que sou, oiço-te a fala,
Tenta-me o brilho dessa espadua nua.*

*Tonto do aroma que teu corpo exhala,
Se eu entro, a est' hora, a bella alcova tua,
E' que essa ardente mocidade em gala
Tem as portas abertas para a rua.*

*Teu beijo um vinho forte e bom semelha,
Que a alma deleita, o cerebro atordoa
E nos olhos accende uma centelha.*

*Tomo-o, e sigo o meu passo... Assim, á tôa,
Zumbindo em torno á flôr, incerta abelha
Recolhe ás pressas o seu mel, e vôa...*

JULIO CESAR DA SILVA





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

XXII

Depois do triumpho oratorio no salão *High Life*, Angelo julgou que era chegada a occasião de mandar fazer o seu pedido de casamento. Para esse effeito encarregou ao Luz, que se dava com o coronel Vieira, de procurar saber previamente como seria recebida tal pretensão.

Combinada a campanha, enquanto o joven italiano, em uma confeitaria do centro da cidade, proxima ao largo da Sé, aguardava, alheio ao ruido crescente que do «triangulo» desaguava em ondas humanas pela sala a dentro, sua sentença de vida e morte, o bacharel subia as escadas do n. 22, á rua Direita, predio em cujos altos tinha escriptorio o pae de Maria Luiza.

Arribando ao primeiro andar, encontrou logo no topo um moço de cabellos crespos e cara espinhosa, que o convidou a entrar para a saleta de espera, com inumeros sorrisos e attitudes rebuscadas — tudo destinado a protestar contra a possivel suspeita de que porventura não passaria de humilimo criado.

— Procuro o snr. coronel Vieira.

— E' aqui mesmo. Tenha a bondade de entrar... Quem é que devo annunciar?

— Diga que é o advogado Benicio da Silva Luz.

Não foi preciso esperar. Um instante após achava-se Luz no escriptorio. O coronel, da sua cadeira gyratoria, junto á escrevaninha, estendeu-lhe a mão e indicou-lhe a cadeira proxima. Trocados cumprimentos e palavras de mera polidez, o bacharel, sem perda de tempo e sem rodeios, expoz logo e *ex abrupto* o motivo que o levava:

— Snr. coronel, disse um pouco formalizado, como quem ia tratar de assumpto muito grave... Sou amigo de Angelo Orsini... — Fez uma pausa como para tomar alento e ajuntou de um folego: Esse meu amigo deseja saber como seria recebido pelo coronel um pedido de casamento delle com sua exma. filha, senhorita Maria Luiza...

Emquanto Luz fallava; a attitudo cortez do coronel transformava-se em infinita estupefacção. Mal comprehendeu o que lhe dizia o moço, voltou-se espantado, olhando-o fito como para se certificar de que tinha deante de si um homem em juizo perfeito.

— Uma filha minha casar com esse rapaz! exclamou por fim com expressão de quem esperava tudo no mundo menos tal cousa.

Houve um momento de silencio durante o qual Luz julgou ver passar no olhar duro do velho um relampago de colera prestes dominada.

— Se me permite usar de toda a franqueza; disse o bacharel num impulso nervoso; devo dizer que Angelo é dotado de raras qualidades; que o senhor não pôde deixar de lhe reconhecer... E se eu não estivesse absolutamente certo disso, não me teria incumbido de vir fallar-lhe sobre a pretensão desse meu amigo...

O coronel Vieira imprimiu á cadeira gyratoria um pequeno movimento e, depondo na meza o alfange de marfim, descansou os braços no recôsto, com expressão de firmeza e concentração. O rosto, já vincado de rugas parecia ter-se coberto de estranha e indefinivel autoridade.

— Depois... accrescentou Luz mais doce, como quem se esforçava por justificar a sua ousadia — depois... Angelo me communicou as razões em que se fundava para não julgar de todo impossivel esse consorcio... Disse-me com certeza o que pensa a respeito de sua exma. filha... Quanto a pureza do nome e ás excellentes qualidades dos Orsini, creio não precisar insistir, visto como o coronel rigoroso como é na escolha de suas relações, não o teria distinguido recebendo-o em sua casa, se não estivesse tão convencido como eu de que elle é a todos os respeitos realmente digno de toda consideração e amizade...

Aqui o velho Vieira fez um aceno, interrompendo-o:

— Peço-lhe que não insista nesse assumpto... Esse moço foi-me apresentado por um amigo meu. Julgo que tem optimas qualidades... Mas não se trata disso... E ajuntou sinceramente admirado, como de si para si: E' extraordinario! Quem diria que elle pudesse pensar em uma filha minha!...

Como Luz fizesse menção de fallar, fez segundo aceno:

— O snr. precisa dar uma resposta a seu amigo... Diga-lhe que não pôde ser, que não pense mais nisso... Desengane-o uma vez por todas... — E murmurou como que em soliloquio, esquecido inteiramente da presença do bacharel: E' uma maçada! Mas eu pretendia mesmo ir passar uma temperoada na fazenda...

— Desculpe-me, snr. coronel... Mas... ia o Luz objectando.

Nisto, porém, pelo olhar acerado do argentario cafézista tornou a perpassar um brilho de colera. Exclamou num impeto:

— Pois minha filha havia de casar-se com um estrangeiro, como um... Sabe-se lá quem é esse rapaz?!...

— O snr. me perdõe, contraveio com vivacidade o Luz... Mas o simples facto de ser estrangeiro...

— Ora senhor! atalhou o coronel, perdendo a paciencia. O snr. tem filhos? Sabe qual é o dever de um pae?! Era só o que faltava!

E passando a mão pelos cabellos grisalhos, como se alli estivera só, repetia de si para comsigo:

— Era só o que faltava! Pensar em uma filha minha!

Luz, humilhado, nervoso, banhado em suor frio, despediu-se, murmurando heroicas palavras de desculpa. E desceu a escada precipitadamente sem reparar sequer no sujeito de cabellos crespos e sorrisos affectados, que se impertigára á sua passagem. Ao chegar á porta da rua, pensou: «Devo estar horrivelmente pallido... Com este aspecto não convem apresentar-me a Angelo... O pobre namorado ficaria doido... Elle que espere um pouco até me passarem os nervos...»

A rua estava repleta de transeuntes apressados. Atravessou-a a custo, para ganhar o passeio opposto. Depois caminhou o mais depressa que poude, no meio da multidão, entrando pela rua de S. Bento, rumo da praça Antonio Prado. E olhava desconfiado para os lados, temendo que Angelo surgisse por alli. Chegando ao largo embarafustou pela confeitaria «Castellões» e foi assentar-se na segunda sala, ao fundo.

— Que toma, *signore*?

— Traga um *chop*.

E entrou a recapitular o acontecido. «Ahi está o que fui procurar! Aquillo é um bruto! Confundem a firmeza, a austeridade, a dignidade com a grosseria! São assim os nos-



«... fidalgos!» Bebeu o *chop*. Sentiu-se a pouco e pouco mais brando. «E' isto! Somos um povo de rastaqueras, de *parvenus*, de mestiçados Moraes mesmo quando alardeamos pureza de sangue! E aquella do homem! — A filha não havia de casar-se com estrangeiro! Que empáfia tola! Que...» Pediu outro *chop*. Respirou. «Agora é que é o mais difficil! Como dizer a Angelo o que se passou!»

(*Continúa*)

J. A. NOGUEIRA.





A NOIVA DE OSCAR WILDE

II



A palavra de Wilde não carecia dos jardins de Academo, e era quasi sempre em torno á mesa de um café, entre espiraes de fumo louro e diante de um copo de *Whisky and soda*, que elle reunia os discipulos, para ditar-lhes o novo evangelho, em que se tinha a belleza por bem suprêmo e se fazia o elogio do vicio e da indolencia, da vaidade e do egoismo, da inconstancia e da mentira. A mocidade ouvia-o attenta, na fascinação daquella prosa, tecida de parabolae suaves e paradoxos impenitentes, como se numa panoplia extravagante o aço de adagas e sabres sarracenos descansasse sobre a seda frouxelada de um chale de Tonkim. Por vezes, tal a esphinge que de garras cravadas no deserto assustava os viandantes, elle a subitas interrompia a narração, para fazer perguntas aberrantes, que tambem ficavam sem resposta.

Entre a roda dos novos esthetas, vinha buscá-lo a sociedade aristocratica, que lhe requestava o convívio e recolhia as phrases. Nada se fazia então em Londres sem o assentimento de Wilde; e se as senhoras o consultavam a respeito de modas e mil futilidades, artista algum dispensava o seu elogio, que seria a consagração definitiva.

A vida particular do estheta transformara-se numa curiosidade publica, e os seus habitos e superstições interessavam tanto como a leitura de «Intenções» ou a representação do «O marido ideal».

Falava-se na quinzena de seda azul pavão com que elle, para escrever, se sentava á mesa que fôra de Carlyle; discutia-se a sua colleccão de turquezas e amethystas, capaz de despertar inveja a Deocleciano; commentavam-se

os caprichos da sua inspiração, que tinha exigencias de Califa, e só se sentia bem entre tapeçarias persas e dalmaticas bysantinas, majolicas de Gubbio e marfins hindu's; e elogiava-se o escaravelho em lapis-lazuli, que lhe adornava o anular, e fôra arrancado ao dedo millenario de uma mumia.

Temido da burguezia, invejado dos homens, adorado pelas mulheres, a mocidade seguia-lhe o rastro luminoso da vida, que se ia abrir no jardim das Hesperides.

Tal foi o homem maravilhoso, mixto de Baccho asiatico e de Apollo grego, figura ainda de hontem e já legendaria pela gloria — que eu vi apparecer ante mim, e que tão profunda impressão deve ter produzido no espirito formoso e sensível de D. Isabel.

Entretanto, Raul proseguia. Sua tia, não só aquella, mas muitas outras vezes, tivera ensejo de se encontrar com Wilde. E' que se o mundanismo deste ultimo o levava por toda parte, os avós de D. Isabel, ligados á melhor sociedade londrina, queriam proporcionar á neta o maximo de diversões.

Sabida a situação de relevo e prestígio alcançada por Wilde, não será de espantar que o pai de D. Isabel, em começo nenhuma importancia desse aos enthusiasmos com que a filha sempre se referia á pessoa do poeta. Mero reflexo do meio, esses enthusiasmos de coração moço e susceptível deveriam facilmente dissolver-se no marulho de applausos e louvores, com que discipulos e admiradores envolviam a pessoa de Wilde. A mais, afugentando receios que, eu penso, nunca teriam acudido á mente do velho Ardrade e Mello, Wilde era casado e Cyril e Vivian, os seus dois encantadores pequenos, lhe amparavam a felicidade conjugal.

Veio, porém, o desastre. Do ferculo de ouro Wilde baixou ao carcere de Reading. A blusa numerada substituiu-lhe o quimão de seda azul. O seu nome, que outrora perfumava os halitos e era magnificado a cada instante, passou a ser sussurrado entre dentes e serviu para estigmatizar um vicio.

E á medida que na frente gloriosa do poeta a laurea se transformava numa corôa de espinhos, — D. Isabel tambem foi demonstrando aos seus intimos o que até então conseguira dissimular: nos refólhos do seu coração havia qualquer cousa além de um simples entusiasmo no sentimento que lhe inspirava Wilde.

Possuiu-a um profundo desalento, foi-se-lhe a alegria antiga, e por mais que se esforçassem os seus parentes,

nada conseguia distrahir-a. E' que de tudo o que lhe andava em volta, só uma cousa a podia interessar, e dessa ninguem lhe falava: o processo de Wilde.

Angustiando-lhe as cogitações e exacerbando-lhe os soffrimentos, D. Isabel sentia ainda que uma ponta de opprobrio vinha mesclar-se á pureza dos seus sentimentos, desde que deveria ignorar os motivos daquella condemnação e até a leitura dos jornaes lhe havia sido sonçada

O velho Andrade e Mello, entretanto, se já muito se preocupava com o que vinha observando, só mais tarde teve certeza plena da fatalidade que pesava sobre o destino da filha, quando soube que D. Isabel, por interferencia dos poucos amigos que não abandonaram a Wilde na hora da desgraça, mantinha o seu pensamento constantemente ligado ao carcere de Reading; e que flores escolhidas pelo seu proprio punho iam, ás vezes, abrir um sorriso nas sombras do cubiculo em que o artista, já sem o recamo dos seus aneis, desangrava os dedos na tarefa humilhante de desfiar corda.

Foi por essa occasião que o pai de D. Isabel resolveu apressar a volta ao Rio, na esperança de que, afastando-a daquelle meio, a filha rapido olvidasse a figura de Wilde.

Enganou-se, porém, o velho Andrade e Mello. A distancia e o tempo não conseguiram reviventar as alegrias daquelle coração, que nunca mais se quiz abrir a qualquer outro affecto, a despeito de que muitas outras sympathias ainda lhe vieram ao encontro da belleza.

E Raul concluiu:

— «Uma paixão, meu amigo! Dessas que já hoje em dia mui raramente se observam; que não medem sacrificios, nem anteveem obstaculos; e que quando não florem em carinhos e atenções, deixam o coração num punhado de cinzas!

«Embora a sua religião não tenha altar, sente-se que a sombra de Wilde acompanha minha Tia por toda parte, e lhe povôa as solitudes do coração. Se entrasses, hoje, no seu quarto, no Rio, havias de vêr, numa estante ao abrigo dos olhares indiscretos, todas as obras do escriptor dilecto e, entre ellas, não sei como conseguido, um dos rarissimos exemplares da «Salomé», que foi maravilhosamente illustrada por Beardsley. Sei que ella lê e relê meditadamente esses livros, na esperança talvez, de que, ao calôr dos seus dedos, algum dias as palavras se animem, e com resonancias de um crystal de Veneza, lhe tragam os écos da voz inesquecível. Vem ainda do mesmo culto o nome que ella escolheu

para os seus gatos, mal suppondo que Dorian e Sybil me dariam a chave do seu segredo, pois que entre os seus proximos a leitura do «O Retrato de Dorian Gray» já era familiar a alguém.

— E do lado de Wilde? inquiri eu, sentindo de minuto recrescer a minha curiosidade. Teria havido qualquer incitamento ás vehemencias dessa paixão, ou mesmo, já não dizendo tanto, teria o poeta conhecido o que lhe era tributado?

— «Nada de positivo. Mas muita supposição interessante, que me dá quasi a certeza de que Wilde, se não percebeu a essencia do sentimento que havia despertado, soube, comtudo, comprehender a magnitude do coração que se lhe abria em balsamos na hora da desgraça.»

E Raul contou-me então como chegara a essa conclusão, graças tão somente ao seu esforço, já que o Dr. Andrade, quando lhe relatara o facto, fôra profundamente laconico, deixando-o com a cabeça cheia de interrogações.

E' preciso que se não esqueça que o Dr. Andrade é medico, e medico ás direitas, tendo, portanto, o seu senso artistico — se é que elle o possuiu algum dia — completamente embotado. Estou certo que a sua concepção de belleza anda hoje muito mais proxima de um «bello» abcesso de figado ou qualquer outra horrivel mazella, do que da Venus de Milo ou do «Julgamento final»; e que se lhe derem a escolha de leitura entre uma encantadora pagina de Wilde ou qualquer outro autor que elle nunca leu — e uma monographia clinica, o Dr. Andrade não hesitará: irá á massuda monographia.

Não nos admiremos, portanto, que em todo esse curioso entrecho de amor, elle haja apenas visto: de um lado, a pessôa extremecida de sua querida e unica irmã, com a vida partida pela fatalidade daquella desassisada paixão; e de outro, a figura odienta de Wilde, o causador daquelle desvario, e que só o poderia interessar atravez da analyse de um Krafft Ebing. Raul disse-me mesmo ter notado que o pae, durante toda a narrativa, evitara o mais que pode pronunciar o nome de Wilde, e nas poucas vezes em que isto não lhe fôra possivel, trouxera-o sempre precedido de um «cabotino», «degenerado», ou «nevrosado».

O meu amigo, entretanto, como era de esperar, pois pleiteava commigo, a sua admiração por Wilde, é que se não conformou com o que lhe fôra contado, e desde logo passou a fazer uma serie de investigações, a vêr se encontrava, quer nos proprios livros de Wilde, quer no que se



D. Duarte Leopoldo.

Bronze de P. Fosca.

EXPOSIÇÃO DI CAVALCANTI



'Ironia e Piedade'

tem escripto a seu respeito, qualquer clareira por onde pudesse respirar a sua curiosidade.

Embóra Caliban já lhe dormisse aos pés e o diabo o tentasse com a mascara indecisa de Antinoo, era de presumir que a Wilde, sempre de olhos abertos para a belleza, não tivesse passado despercebida, logo ao primeiro encontro, a graça estranha de D. Isabel que, de cabelleira negra e pelle dourada, se destacaria dos outros typos femininos da sociedade londrina, como uma garça morena perdida em meio a um bando de cegonhas.

Dos livros de Wilde, o unico que poderia trazer qualquer elucidação a esse respeito era o «De Profundis», sabendo-se que todos os outros são anteriores a 1894. Esse livro, além de escripto na propria prisão, tinha o grande interesse de constituir como que um jornal intimo dos dias de sombra e soffrimento do grande artista.

Pois foi justamente nas paginas do «De Profundis», que Raul encontrou as duas passagens, que lhe deram absoluta certeza de que D. Isabel não foi indifferente ao poeta. E' pena que eu não tenha aqui o volume, para lhes ler, na integra, esses dois trechos, que me trouxeram a mesma convicção.

Um delles está numa das cartas que da prisão Wilde endereçou a Roberto Ross, e foram transcriptas no prefacio do livro. Nessa carta Wilde pede a Ross que agradeça a um amigo commum, cujo nome agora me escapa, a remessa dos livros que elle lhe tem feito; e que, por intermedio desse mesmo amigo, faça chegar «sua gratidão á senhora que mora em Winbledon». Presume-se que esta senhora, que elle não quiz nomear, lhe houvesse tambem enviados livros ou qualquer outra cousa. Coincidencia ou não, entre as poucas cartas subsistentes do seu avô, Raul encontrou uma cuja sobrecarta já rasgada, talvez por um impiedoso colleccionador de sellos, ainda deixava perceber num bocado da carimbo, certa palavra que deveria começar por: WINB. Raul, ao tempo em que conversamos, ainda não tinha conseguido saber se Winbledon seria apenas o nome de qualquer rua ou quarteirão de Londres, ou mesmo de alguma cidade da Inglaterra.

A outra referencia com relação ao nosso caso está no corpo mesmo do «De Profundis». Se ella é menos precisa e não traz indicação alguma da pessoa a que se refere, em compensação é muito mais extensa, e dá a essa sombra feminina, cujo perfume mal podemos aspirar, uma grande ascendencia sobre o espirito do encarcerado de Reading.



Mais uma vez eu lamento não ter presente o volume. A prosa de Wilde não pode ser resumida e eu não trago o trecho de cór. Digo-lhe apenas que o artista evoca a imagem dessa mulher «cuja infinita doçura se transmittia ao ar em que respirava», quando rememora os erros da sua vida passada, que se obstinava em não conhecer a dôr e tinha o grande prazer como unico motivo da existencia. E' que essa figura feminina já uma vez lhe fizera sentir que a alma só se acrisola no soffrimento e o espirito tem a dôr por alimento. Wilde tece-lhe, então, um hymno de admiração e respeito, e depois de falar «na sua nobre bondade para com elle, não só antes como ainda durante o encarceramento», e de dizer que «ella, muito embora sem o saber, o auxiliou a carregar o fardo de tormentos»; termina declarando que «ella é a um só tempo, um ideal, uma influencia, e uma suggestão de aperfeiçoamento para o futuro».

Como vêm vocês, nada de mais elogioso para a pessoa que despertou taes sentimentos, e que, eu penso, tenha sido D. Isabel. E' digno ainda de menção, que logo após esse trecho, as idéas de Wilde começam a reflectir uma religiosidade até então ignorada, a figura de Christo descendo amiude sobre as suas paginas, como o paradigma da nova vida que elle se propunha para mais tarde. Dahi não ser tambem difficil accitar que a essa mesma mulher deveu Wilde a devoção que annos depois o faria ir, por varias vezes, á benção do Papa e lhe daria a morte com todos os sacramentos catholicos .

Além desses elementos, Raul ainda descobriu uma nova fonte de suggestões, que referenda de algum modo as suas conjecturas.

Trata-se de um opusculo em que André Gide, grande amigo de Wilde, nos conta alguns episodios da sua vida. Por elle sabemos que Wilde, durante a sua permanencia em Berneval, após cumprida a sentença, falava com grande entusiasmo nos seus projectos literarios, e dizia que só reapareceria em Paris, quando de novo se pudesse impôr como «Rei da Vida», por uma bella obra de arte.

Entre esses trabalhos, alguns apenas ideados, outros já em execução, elle se referia com grande amôr a um drama biblico: Achab e Gezabel. Note-se uma nova coincidencia. André Gide assignala que Wilde, ao envez de pronunciar Gezabel, sempre dizia Isabel. Não seria ainda a nossa patricia que lhe teria despertado a lembrança de tecer um drama em torno da bella e vaidosa Gezabel, do segundo livro dos Reis?

Quando Raul, acabando de me citar a procedencia

das suas suspeitas, lamentava que o nosso problema houvesse que permanecer eternamente insolúvel, não me contive que lhe perguntei:

— E por que não vaes resolutamente á tua Tia! Estou certo de que apenas com uma palavrinha sua tudo ficaria esclarecido. Depois, dado o teu amôr por Wilde, ella não se vexaria de te abrir o coração.

— «Já quiz fazer isso e tenho estado varias vezes com o «De Profundis» entre as mãos, prompto a ir-lhe ao encontro, — respondeu-me Raul. «Pondere, porém, que uma méra curiosidade literaria, não me da direito a tanto. Seria resangrar despidosamente uma ferida que o tempo vai cicatrizando. A mais, tive prohibição formal do velho de lhe fazer a menor allusão a esse respeito».

Raul ainda falava, quando sentimos um ruido ao fundo da varanda. Ambos estremecemos. Era D. Isabel que se debruçava á janella, advertindo o sobrinho que já passava das 11 horas e elle estava fóra do regimen. E depois, numa voz muito branda: «Deixem a prosa para amanhã, meus filhos. Voês têm tanto tempo para conversar»....

Levantamo-nos. Lá fóra o plenilunio remontava, e no ceu semeado de estrellas, dir-se-ia um grande lirio branco entre uma seara dourada. Na profundeza da noite as montanhas dormiam, conchegadas por nevoas claras; e, sob o poejo do luar, pareciam proseguir o bello sonho que eu havia interrompido...

— Deixemos de sentimentalismos e vamos ao jantar do Honorio — atalhou Genesio que verificara ser quasi 7 horas.

E já na porta, enquanto vestiamos os sobretudos, eu perguntei a Alfredo porque não faria a sua estreia na novella aproveitando a historia que nos acabava de contar.

— Pensei nisso e cheguei até a escolher-lhe um titulo. Seria «A noiva de Oscar Wilde». Raul, porém, dissuadiu-me do intento, muito embora, já se vê, eu lhe propuzesse a alteração do nome de uma das personagens.

Parece-me que ainda o ouço, quando, proximo do quarto, lhe dei a conhecer o meu intento:

— «E' muito cedo, meu amigo. Escripto agora o nosso encantador entrecho de amôr não passaria de uma enfadonha monographia historica, inçada de datas e notas á margem. E' preciso que o tempo aplaque a preamar de odios e eserupulos que ainda se agitam sobre a figura de Wilde, e de novo esbata em torno á sua cabeça aquelle halo luminoso que uma senhora de Paris dizia vêr for-

mar-se toda vez que elle falava. Lembra-te que a nossa heroína ainda ahi está, e que se Wilde já morreu ha 17 annos, só em 1960 o British Museum nos permittirá conhecer, na integra, o original do «De Profundis».

E depois, num sorriso que talvez mal encobrisse o seu torvo designio:

— «Vivamos, portanto, até lá, meu amigo, na esperança de que, já velhinhos, ainda possamos ver evolir-se das paginas ineditas — um novo perfume, de que se ha de servir o futuro narrador da tua «A Noiva de Oscar Wilde».

Cinco dias depois, vinha-me um chamado urgente, e eu ia encontrar o meu amigo semi-morto, com a cabeça ensanguentada a resvalar entre os dedos tremulos de D. Isabel, que lhe beijava afflictivamente a fronte.

SERGIO ESPINOLA.



INÉDITOS PRECIOSOS

Excerptos do Diario do Visconde de Taunay

(Março, Maio de 1889)



Se durante os longos annos das campanhas de Matto Grosso e do Paraguay, á risca seguiu o Visconde de Taunay o preceito camoneano relativo ao uso simultaneo da espada e da penna, finda a nossa grande guerra, durante a qual escrevera: *Scenas de viagens, A mocidade de Trajano, A Retirada da Laguna, o Diario do Exercito* e os seus relatorios sobre a campanha de Matto Grosso — passado Primeiro de Março, diziamos, e deposta a espada que jamais tenia ainda o en-

sejo de desembainhar, diuturnamente manejou a penna nos quasi vinte e nove annos que lhe caberiam viver.

Só o que na imprensa publicou, por exemplo, neste lapso de tempo daria para a confecção de dezenas de grossos *in folio*.

A vida afanosissima do politico, do propagandista de reformas sociaes, do campeão de immigração européa, do adversario inconvenivel da introdução de aziauticos, do critico e do romancista, todo este labor continuo e intenso raramente lhe deixava o tempo para redigir o seu *Diario* intimo; o que com prazer sempre fazia desde que lhe sobrassem lazeres.

Assim na longa serie dos cadernos em que o redigiu extensas lacunas se notam, por vezes de muitos e muitos mezes. O afastamento completo da politica promovido pelo advento da Republica, deu-lhe o preciso vagar para tal redacção e assim, desde 1890 em deante, até a sua ultima semana, em janeiro de 1899 registou, quasi sem solução de continuidade os principaes acontecimentos e impressões da existencia diaria. São geralmente mais notas de canhenho do que outra cousa os apontamentos que nos livros do *Diario* se inscrevem, referindo-se aos factos familiares e á economia domestica, ao registro das transacções financeiras e da correspondencia epistolar com diversos amigos.

Surtem porém, de vez em quando algumas linhas de apreciações sobre homens, cousas e livros, aneddotas, reminiscências etc. e muitos destes topicos são interessantes.

Aqui e alli respigando alguma cousa do que me pareceu mais curioso no periodo correspondente ao trimestre de Março, Abril e Maio de 1889 transcrevo estes excerptos destinando-os á *Revista do Brasil*. Julgo que a varios dos seus leitores possa causar prazer a leitura de taes ineditos, onde ha varias notas referentes ao Imperador D. Pedro II nos seus ultimos mezes de reinado.

Escriptas com a sinceridade de quem as traçava para si — sem a menor ideia de que algum dia pudessem vir á publicidade — são curiosas quer pelo facto de revelarem o assumpto variado e sempre elevado das preoccupações intellectuaes do glorioso monarcha, numa epoca em que a velhice e o formidavel labor de quasi meio seculo de governo patriotico já lhe traziam o declínio das forças e faculdades, quer pela revelação da franqueza com que lhe falava e com que com elle discutia o Senador do Imperio.

AFFONSO d'E. TAUNAY

1889

PETROPOLIS — 4 de março). — A' noute baile do Bragança durante o qual muito conversou o Imperador commigo sobre litteratura franceza e ingleza.

13) A' tarde conversámos (1) na Estação largamente com o Imperador sobre Uruguayania e a Guerra do Paraguay, demonstrando S. M. optima memoria dos factos mais miúdos.

14) Fui ao cortejo annunciando o Imperador a partida do Conde d'Eu para Santos, hoje mesmo, á tarde, como de facto aconteceu.

20) Fui á ducha, onde conversou, amavelmente, o Imperador, commigo, falando de Carlos Gomes. Disse-me «ainda nada fez superior ao *Guarany*».

21) Levantei-me cedo para escrever uma carta a João Alfredo sobre a condecoração do X... e do Y...

27) Na Estação, á espera do trem da tarde, tivemos conversa interessante com o Imperador a principio sobre crencas e salvação eterna. Citei a S. M. as suas palavras á Imperatriz, no dia do enterro do seu estimado professor de allemão, Lietpold. — Pena que tenha sido protestante, observou a Imperatriz. — Pois então replicou elle, por esta razão o meu bom Lietpold ha de ir para o Inferno? — Falámos depois em Lacordaire, Didon e Deguerry. A conversa em seguida tomou outro rumo e falámos dos grandes mentirosos.

(1) O autor e André Rebouças, a quem o ligava a maior amizade. Refere-se sempre o plural, a ambos, pois sahiam diariamente, pela tarde a passear por Petropolis, o que frequentemente os levava a encontrar o Imperador D. Pedro II.

O Imperador contou duas anedotas engraçadas, uma do semanario J... que se salvare de um naufragio enchendo moringues que boiavam, outra do B... que vira uma onda arrebatá-lo; por occasião de um temporal, na fortaleza da Lage, uma guarita com um soldado dentro e outros a repor tudo no lugar.

29) Na estação conversei largo tempo com o Imperador sobre quadros da Escola Franceza.

6 de abril) Recebi do Luiz Guimarães o seguinte bilhete: «Meu glorioso Taunay: Beijo-lhe as mãos pela offerta do seu *Discurso*. E' um bello trabalho litterario, como tudo que sahe da brillante penna do romancista da *Mocidade de Trajano* e do extraordinario chronista da *Retirada da Laguna*. O seu juizo critico sobre Franklin Tavora é de uma concisão plutarchiana e de uma eloquencia magistral. Bravo! Lisboa, 17 de março de 1889.»

8) Tive hontem grande alegria, lendo afinal os nomes do X... e do Y... entre os condecorados com o officialato da Rosa. Fomos á tarde visitar o X, que estava muito cheio da distincção dada pelo *Governo Imperial*. Curiosa humanidade! Curiosa existencial Bem exprimiu este sentimento Claude Larcher (*Mensonges*) «*Quelle comédie que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!*»

Recebi carta do Y... agradecendo os parabens que lhe mandei. Só os parabens?

10) Hontem, na Estação, tivemos engraçada discussão sobre a significação do que era *Communhão dos Santos* mostrando-se o Imperador mais entendido do que todos nós. Concordou, entretanto, na necessidade da decretação do Casamento Civil. Mostrou-se alheio a todos os artigos que tenho escripto verificando-se mais uma vez, o facto bem conhecido que não lê mais os jornaes.

19) *Sexta Feira santa*. Longa conferencia com o João Alfredo sobre mil assumptos. Desanimos e queixas. Li com muito interesse o opusculo que me mandou Catani sobre *Infezione*.

21) O Dr. Castro Lopes propõe hoje fádico em vez de feerico (1). O Machado de Assis com muito espirito e carradas de razão criticou e poz por terra e rodo (do francez *roquelaure*) que é muito differente de *chambre* (robe de chambre). A' noute fui á casa do Conde de Motta Maia que, deu, um baije a que assistiu toda a familia Imperial, em continuação e como fecho da manifestação que lhe fôra feita de manhã. De lá sahi com o Rebouças ás 14 horas, pouco depois do Imperador.

22) O Conde de Motta Maia, hontem, fez valer o facto de ter lido ao Imperador o meu artigo sobre Casamento Civil, em que fallei da intervenção imperial desde 1855. Disse-me elle que tudo fôra confirmado sem a menor hesitação.

26) Na estação achámos o Imperador retrahido e calado. Não se ani-

(1) *Diariamente propunha então o Dr. Castro Lopes, pela imprensa, os seus «neologismos indispensaveis e barbarismos dispensaveis».*

mou com a apresentação que lhe fiz do Dr. Paul Ehrenreich chegado hontem e companheiro do Dr. Carlos von den Steinen, o explorador do Xingu'.

29) Na estação o Imperador conversou largamente e com excellente memoria dos philosophos francezes, de sua estada em Potsdam onde occupou o quarto habitado por Voltaire. Depois fomos com D. Pedro (1) tocando eu Offenbach.

30) De manhã entreguei ao Imperador o livro de Pierre Loti (*Japoneries d'automne*) de que eu lhe falára na vespera por occasião da palestra habitual. Nesta disse elle a mim, e ao Rebouças, discutindo questões litterarias e philosophicas: «Devo o gosto que tenho aos classicos e á boa litteratura a sua pae» repetindo aliás o que em outras occasiões mais me dissera.

1.º de Maio) Fui ao Senado onde o Correia me disse que obrigatoriamente eu havia de ser o ministro da agricultura do primeiro gabinete. Conversei com Serro Frio, Barros Barreto e outros senadores e fui á commissão de inquerito á uma hora. Na estação encontrei o Rebouças e o principe D. Pedro Augusto. Este me contou que ao jantar o Motta Mzia perguntara ao Imperador se era verdade o que eu contara no artigo de hoje, respondendo-lhe Sua Magestade: — «Motta tudo aquillo é a pura verdade», com o que se mostrou o Principe muito satisfeito.

3) Desci para a abertura da sessão legislativa sahindo de Petropolis ás 7 e meia. Almociei na barca e fui ao meio dia ao Senado. Muito pouca gente; tribunas e galerias cheias. O Imperador fraco; a extensa Falla do Throno menos mal. Esse documento causou-me, como aliás a todos impressão desagradavel pelo seu tom de carrancismo. O Imperador voltando eu da tribuna da Imperatriz me disse ao passar: «Não gostou da Falla do Throno? Foi o melhor que pude fazer.» Na escadaria ao descer fallou novamente commigo nos seguintes termos: «Tenho lido os seus artigos; muito obrigado, Tudo quanto o senhor diz é exacto.» Ao que repliquei—costumo zelar a verdade» — «E faz muito bem.»

4) De manhã, sahindo do hotel fui visitar no França o Paranaguá. Fui ao Senado onde estive muito aborrecido — Paulino, presidente com 22 votos; Cruzeiro 12 votos governistas. Colligação dos liberaes com os conservadores dissidentes.

Na estação encontrei o Imperador que conversou sobre os factos do dia. Disse-lhe que não gostara da Falla do Throno. «Mas porque?» — perguntou elle. «Não traz reforma alguma sobre o Casamento Civil, nada diz, etc.» — «Ora, replicou S. M. é preciso ir devagar. Sou opportunista. Sobre casamento civil já fizemos alguma cousa.» Fiquei positivamente pasmo de semelhante declaração. «Não gosto de intrigas, continuou elle; politicamente os factos de hoje, no Senado, não me dão direcção alguma.»

6) Deixei de ir ao Rio de Janeiro. De manhã escrevi ao Azevedo Castro longa carta contando todos os factos occorridos e que tantos desgostos politicos me tem ultimamente dado.

(1) D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, neto de D. Pedro II.

Na estação tive com o Imperador uma conversa que me desanimou. «A falla do Throno está excellente, repetiu elle varias vezes «Comprida demais, observei-lhe: «Não senhor, não tem uma palavra dispensavel. E' preciso reflectir. Tiv. muito prazer em lê-la.» — «Poderia ter adiantado um pouco mais, não ser tão retrograda.» — «Não concordo absolutamente; alli ha muitas medidas apontadas e que são muito progressistas.»

Neste thema e em tom acaçorado de quem está se zangando fallou algum tempo. Contrariei-o sempre, respondendo a tudo — «Não gostei, não gostei!

9) Nenhuma alteração da crise. Suppunham todos o João Alfredo derubado do poder, tanto que circulava o dito «Todos são presidentes do conselho, menos elle. O Correia muito cumprimentado e rodeado.

10) O Senado suspendeu a sessão á espera de explicações de qualquer ministro. A possibilidade da dissolução dada ao João Alfredo poz murcha muita gente, dando grandes esperanças aos governistas. A situação é muito grave, fomentados os odios dos negros contra os antigos escravagistas e vice-versa. Voltei para Petropolis.

12) Encontrando-me com o Imperador na rua Bragança poz-se-me a fallar no *Schiavo* e disse-me que estaria prompto para fazer montar a peça. «Repare, Senhor, que serão necessarios quarenta contos». — E elle, todo risinho. «Não. com a breçal isso não! não sou tão rico assim!»

13) Grandes festejos anniversarios da lei n.º 3353 da Abolição da escravidão. Deixei-me ficar em Petropolis tendo aconselhado ao principe D. Pedro que comparecesse ás festas. Estava este receioso de grandes disturbios, tendo recebido uma carta anonyma, amaçando-o de morte, caso descesse á cidade neste dia. Acredite bem que nada ensanguente aquellas festas, embora haja reunidos bastantes elementos para graves conflictos e desordens.

18) Bonito dia de Petropolis, claro, muito fresco, melancolico. Andei de um lado para outro sem saber o que fazer. Fui ter com o Rebouças no hotel. Voltando á casa achei o volume de Pierre Loti — *Japoneries d'autonne* recambiado pelo imperador, a quem eu o emprestára no dia 30 de abril proximo passado. Vem cheio de indicações a lapis e varias notas bem interessantes. O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado pagina por pagina e sujeito a assidua leitura.

20) Desci á Côrte, indo ao Senado por causa do discurso de Ouro Preto sobre a questão Loyo. A' noute fui á casa do Innocencio Góes.

24) Escrevi de manhã ao Carlos Gomes e Azevedo Castro, contando a este por miudo as peripecias da crise e a desagradavel situação em que nos achamos. Escrevi nova carta ao Carlos Gomes.

25) A' noute o Rebouças deo-me a noticia da morte do Caio Prado no Ceará.

26-27) Desci á Côrte; continu'a a crise.

28) Mesmas condições da vespera. Falleceu o Octaviano a cujo enterro fui.

31) Desci á Côrte. Grande agitação por causa da reunião do Conselho de Estado c imminencia de dissolução.

A' noute no *Jornal do Commercio* soube pelos Dantas do resultado do Conselho de Estado.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



Aluizio Azevedo

Fundador da cadeira n. 4. Nasceu na cidade de São Luiz, Estado do Maranhão, a 14 de Abril de 1857 e falleceu em Buenos Ayres a 31 de Janeiro de 1913.

Bibliographia

- 1 UMA LAGRIMA DE MULHER — romance original — 242 pgs. Rio, H. Garnier (escripto em 1879) e primeira edição em 1880.
- 2 O MULATO, romance 360 paginas, 4.a edição — Rio, H. Garnier, primeira edição — Maranhão, Typ. do Paiz 1881.
- 3 MYSTERIO DA TIJUCA ou Girandola de amores, romance (nova edição) 413 pags. — Rio, H. Garnier — 1900 — primeira edição 1883 (publicado em folhetins na Folha Nova).
- 4 MEMORIAS DE UM CONDEMNADO ou Condessa Vesper, romance, 468 pgs. (ediç revista) Rio, H. Garnier — 1902 — primeira edição 1882 (publicado em folhetins na Gazetinha).
- 5 FLOR DE LIZ — opereta 3 actos, 125 pgs. — Domingos de Magalhães, Editor. (Coll. Arthur Azevedo) 1882 (representada no Theatro Sant'Anna).
- 6 O CORUJA, romance, 315 pgs. Rio, B. L. Garnier, 1889.
- 7 O CORTIÇO, romance — 354 pgs. (1.º milheiro) Rio, B. L. Garnier, 1890.
- 8 O HOMEM — romance, 292 pgs. (6.a edição) Rio, H. Garnier — primeira edição 1887.
- 9 CASA DE PENSÃO — romance, 380 pgs. — nova edição — Rio, H. Garnier — 1.a edição 1884 (publicado em folhetins na Folha Nova, 1883).
- 10 A MORTALHA DE ALZIRA — romance — 280 pgs., 1.a edição 1893 — Rio, H. Garnier (nova edição) — (publicado em folhetins na «Gazeta de Noticias» com o pseudonymo de Victor Leal.
- 11 DEMONIOS, contos, 264 pags. — S. Paulo, Teixeira e Irmão, 1893.
- 12 PEGADAS — contos — 197 pags. — Rio, H. Garnier.

13 LIVRO DE UMA SOGRA, romance — 341 pags., Rio, Domingos de Magalhães 1895.

14 O ESQUELETO — (Mysterios da Casa de Bragança) — pseudonymo Victor Leal, 47 pags. — Rio, Typ. «Gazeta Noticias» — 1890.

15 O TOIRO NEGRO — (separata da Revista Americana) pags. 21 a 29.

16 O MULATO — drama em 3 actos — 1884 (representado no Theatro Recreio Dramatico).

17 OS SONHADORES — (Macaquinhos no sotão), comedia em 3 actos — 1887 (representada no Theatro Sant'Anna).

18 PHILOMENA BORGES, romance — Rio, Typ. «Gazeta de Noticias», publicado antes em folhetins na «Gazeta de Noticias».

19 PHILOMENA BORGES, comedia em 1 acto — 1884 (representada no Theatro Principe Imperial).

20 CASA DE ORATES — comedia em 3 actos (collab. Arthur Azevedo) representada no Theatro Sant'Anna em 1882.

21 FRITZMACK, revista do anno (coll. Arthur Azevedo) — 1888 representada no Th. Variedades Dramaticas.

22 A REPUBLICA — revista do anno (coll. Arthur Azevedo) 1890 (rep. no Th. Variedades Dramaticas).

23 VENENOS QUE CURAM, comedia 4 actos (coll. E. Rouède) 1885 (representada no Theatro Lucinda).

24 O CABOCLO — drama em 3 actos, (coll. Emilio Rouède) — 1886 (representada no Theatro Lucinda).

25 UM CASO DE ADULTERIO — drama em 3 actos (coll. Emilio Rouède) — 1891 (representado no Theatro Lucinda).

26 EM FLAGRANTE — comedia 1 acto (coll. E. Rouède) 1891 (representada no Theatro Lucinda).

27 OS DOUDOS — comedia em 3 actos, em verso, collaboração de Arthur de Azevedo, (na Revista dos Theatros-1879) (supponho ser *Casa de Orates*).

28 AS MINAS DE SALOMÃO — phantasia em 5 actos.

29 O INFERNO — phantasia em 3 actos (collaboração com Emilio Rouède).

30 A MULHER — drama phantastico em 5 actos.

A «Vida Moderna» refere-se a um romance — «A filha de Sua Excellencia» — que ia ser publicado em fasciculos.

Collaborou na *Comedia Popular, Mequetrefe, O Pensador, Pacotilha, Revista Americana*: — O toiro negro — *O Albun, Gazeta Litteraria*: Licção de mestre, ns. 20 e 21 do anno I — *Gazetinha, Folha Nova, Gazeta de Noticias, Semana* e muitos outros. No «Almanack Garnier» (1904) foi publicado um fragmento do livro sobre o Japão: Japonezas e norteamericanas.

Encontram-se reproducções do seu retrato em *Pégadas, Littérature brésilienne* de Victor Orban, *Littérature brasileira* de V. Magalhães.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pg. 132.
- 2 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira — vol. I, pag. 27 e volume V, pagina 200.
Estudos brasileiros, vol. II, pag. 1.
Historia da Litteratura brasileira, pag. 354.
- 3 *Clovis Bevilacqua* — Epocas e individualidades, pag. 149.
- 4 *Valentim Magalhães* — Escriutores e escriptos, pag. 75.
- 5 *Valentim Magalhães* — Litteratura brasileira, pag. 22.
A Noticia (critica litteraria semanal).
- 6 *Adherbal de Carvalho* — O naturalismo no Brasil.
- 7 *Afranio Peixoto* — Lembrança de Aluizio — n. 12 da Revista da Academia.
- 8 *Julio Barbuda* — Littérature brésilienne, pag. 511.
- 9 *Victor Orban* — Littérature Brésiliénne — pagina 511.
- 10 *Sacramento Blake* — Diccionario bibliographico.
- 11 *Eugenio Werneck* — Anthologia brasileira, pag. 77.
- 12 *Benedicto Costa* — Le roman au Brésil.
- 13 *Coelho Netto* — Conquista.
- 14 *Alcides Maya* — Elogio na Academia.
- 15 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 16 *Antonio Salles* — Os nossos academicos (Revista Brasileira (3.a phase), vol. IX. pag. 342.
- 17 *Garcia Merou* — El Brasil intelectual, pag. 429.
- 18 *Oliveira Lima* — Gazeta, S. Paulo — Outubro 1919.
- 19 *Carlos D. Fernandès* — Jornal do Commercio do Rio (8—10—919).
- 20 *Ronald de Carvalho* — Pequena historia da litteratura brasileira — pagina 317.
- 21 *Escragnolle Doria* — Jornal do Commercio do Rio — 17—10—919.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Na falta de uma biographia do notavel romancista brasileiro, andei respirando factos e datas, com o fim de apresentar uma ligeira referencia ao homem, apanhando elementos caracteristicos das varias phases de sua vida afanosa e cheia de abrolhos, pesquisando a sua predisposição artistica e encarando o meio em que se operou a formação e o desenvolvimento do seu espirito.

Nasceu Aluizio de Azevedo, filho de David Gonçalves de Azevedo, na cidade de S. Luiz do Maranhão, a 14 de Abril de 1857.

Seu pae era consul portuguez na provincia que já recebera a denominação de Athenas Brasileira, e tinha mais dous filhos: Arthur mais idoso, e Americo.

Nada logrei sobre a infancia e educação do autor d'«O Mulato»; sei apenas que luctou dedicando-se á carreira commercial onde conseguiu ser guarda-livros, tirando depois proventos da profissão do magisterio e chegando a ser, em momento critico da vida, gerente de hotel.

Desabrochou-lhe preooco a habilidade para o desenho, pretendendo o adolecente aos 14 annos, dirigir-se a Roma, com o intuito de estudar pintura; mas não conseguiu o consentimento paterno.

Aos 16 annos surgiu-lhe a vocação para a carreira litteraria e começou a collaborar em varios jornaes, produzindo versos e prosa compatíveis com a idade. Foi então que iniciou a sua labuta de professor particular, leccionando elementos da lingua portugueza e desenho no collegio Feillon, em São Luiz.

Cedo deixou a provincia natal, em 1875, com rumo á côrte, trazendo as algibeiras vacias e o cerebro cheio de talento. Matriculou-se na Academia de Bellas Artes onde cursou um anno de aula de modelo vivo e aperfeiçoou o estudo de desenho, fazendo-se caricaturista. Essa habilidade lhe serviu para illustrar a «Comedia popular», «O Figaro», o «Mequetrefe», „A vida fluminense”, o «Zig-zag», o seu romance «O esqueleto» (Mysterios da Casa de Bragança) e para compôr effigies dos personagens dos seus livros, á maneira de Eugenio Sue, no momento em que preparava o desenvolvimento da acção.

Tambem pintou, com um companheiro, o panno de bocca do theatro Gymnasio e parte do scenario da *Petite mariée*, representada no theatro Alcazar.

No seu ultimo anno de permanencia na côrte (1877) tentou novamente estudar pittura na Italia requerendo uma pensão á assembléa maranhense que lh'a recusou.

Perdendo o pae, regressou ao Maranhão no anno seguinte e ahi permaneceu até fins de 1881.

Reencetou a vida litteraria, escrevendo contos, poesias e chronicas em varios jornaes.

O seu livro de estreia foi o romance «Uma lagrima de mulher» (1880) escripto um anno antes, nos moldes das novellas de Lamartine e de «Paulo e Virgíria», não despertando interesse no meio litterario, por ser de concepção fraca, adstricto aos sedichos modelos romanticos e tendo como scenario as ilhas de Lipari.

Antes escrevera uma comedia em verso, em 3 actos, de collaboração com o seu irmão Arthur. Encontra-se na «Revista dos theatros», periodico dedicado á litteratura e arte dramaticas de Arthur Azevedo e A. Lopes Cardozo (n.º 1, Julho de 1879), um fragmento do 1.º acto dessa comedia «Os doudos».

Supponho, a julgar pela semelhança dos titulos e pelas indicações das obras do auctor, tratar-se da mesma comedia «Casa de Orates», representada em 1882 no theatro Sant'Anna.

So conheço o fragmento acima alludido e a opereta «Flôr de Liz». As outras peças theatraes permanecem ineditas, segundo creio, constando as res-pectivas datas em que foram escriptas, na parte da bibliographia.

Vê-se que o romancista occupou-se de litteratura theatral desde 1879 até 1881.



Para combater os padres do Convento de Santo Antonio que redigiam o jornal catholico «A Civilisação», celebre pela campanha sustentada sobre assumptos diversos, mantendo polemicas de toda sorte, alliou-se o joven escriptor ao dr. Eduardo Ribeiro, fundando um jornal hebdomadario «O Pensador», assignalado nos annaes da imprensa, devido ao processo sensacional que lhe instaurou o padre José Baptista, apresentando-se Aluizio como responsavel pelo artigo acõimado de injurioso.

Trilhando a senda do journalismo, fez-se redactor chefe da «Pacotilha» e ahi desenvolveu assõmbrosa actividade, dedicando-se a todos os generos litterarios, do artigo de fundo á chronica, do romance á poesia, do folhetim á comedia.

Trabalhava com Paula Duarte, João Moraes Rego, Raymundo Capella e outros, adquirindo nesse convivio farta messe de cultura litteraria e tinturas de conhecimentos scientificos e philosophicos.

Diz «snr Adherbal de Carvalho de quem extraio alguns informes biographicos do autor do «Cortiço», que até essa época a cultura litteraria de Aluizio limitava-se a Chateaubriand, Alphonse Karr, Ponson du Terrail e alguns poetas francezes: a Alexandre Herculano, C. Castello Branco, Julio Diniz, Garret, Castilho, etc. e aos autores brasileiros.

Mais tarde os que mais influiram sobre elle foram Zola e os naturalistas francezes; Eça de Queiroz e os russos.

Em 1881 appareceu «O Mulato», causando verdadeira sensação de sul a norte, recebido encomiasticamente pela critica, excepto no Maranhão onde mais uma vez se confirmou o proverbio francez.

Os applausos foram unanimes na imprensa da côrte e das provincias, sendo o romance louvado por Araripe Junior, Joaquim Serra, Urbano Duarte, Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, Lucio de Mendonça, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu, Raul Pompeia e muitos outros escriptores; e em São Luiz, a despeito das censuras da imprensa, havendo quem aconselhasse o autor a trocar a penna pela enxada, venderam dous mil exemplares do romance em poucos dias.

«O Mulato» desbravou o caminho para a marcha triumphante do naturalismo segundo os processos de Balzac, Zola e Flaubert, assignalando um periodo de transição e desempenhando função analoga ao «Uruguay» de Bazilio da Gama, «Suspiros poeticos» de Gonçalves de Magalhães, aos romances de Teixeira de Souza, á obra de José de Alencar e ás primeiras manifestações dos parnasianos reaccionarios. E' o principal merito do livro accentuar uma phase evolutiva da nossa litteratura, operando verdadeira revolução, alvorada de emancipação do espirito brasileiro.

Não se coaduna com o caracter destes ligeiros escorços o resumo dos entrechos e a apreciação detalhada das obras. Define-se aqui o acervo litterario de cada autor a traços fugitivos, pinceladas de scenographia. Basta que se diga que «O Mulato» é um livro eminentemente nacional, que analisa com fidelidade a vida da provincia, desenha com destaque admiravel os caracteres dos personagens, revolta-se contra o preconceito da côr e esboça ideias dignas de meditação.



A parte descriptiva é sobria e bem desenhada e a acção se desenvolve de accôrdo com methodo e propriedade.

A segunda edição foi escoimada de defeitos de estylo.

Após o grande successo causado pelo romance, poudo o autor regressar ao Rio de Janeiro, para se dedicar exclusivamente á litteratura, escrevendo outros romances, comedias, dramas e collaborando em diversos jornaes.

Os romances immediatos foram: «Memorias de um condemnado», «Mysterio da Tijuca» e «Philomena Borges», publicados antes em folhetins da *Gazetinha*, *Folha Nova* e *Gazeta de Notícias*, escriptos à la hâte, no afan de acudir aos appellos dos redactores principaes e de prover as exigencias da vida prosaica.

Mas esses proprios romances, destituídos de valor compativel com os meritos do autor, representam algum interesse, pois são escriptos com certa arte, propriedade de composição e enredo attrahente.

Segue-se-lhes «A casa de pensão», o melhor livro de Aluizio Azevedo.

Aproveitando-se de um factio sensacional, occorrido entre dous estudantes da Escola Polytechnica do Rio, o romancista estuda a vida nessas habitações collectivas em que uma familia, geralmente uma viuva, admite na propria casa, como hospedes, estudantes, funcionarios publicos e empregados do commercio, com o intuito de conseguir rendimentos indispensaveis á sua manutenção.

Palpita nas paginas desse livro a verdade flagrante, a justa observação da vida intensa dos typos de castas distinctas, dos costumes, de tudo. E desperta-nos emoção artistica a leitura das paginas vibrantes, em progressivo interesse por parte do leitor. Harmonizam-se o methodo de observação com as bellezas do estylo, constituindo a verdadeira arte.

Confirmou-se a sua reputação de escriptor, sendo consagrado Aluizio como o melhor romancista da geração, exceptuando-se Machado de Assis entre os intellectuaes.

Appareceu, em 1877, tres annos depois «O homem» que se resente da preocupação do estudo scientifico, pagando o autor o seu tributo a physiologia e por isso mesmo, produzindo uma obra de artificio. E' a obsessão da escola a que não escaparam Zola, Goncourt, Daudet e Bourget.

Ha passagens do livro que mais se approximam de uma monographia scientifica, de um caso clinico exposto por um psychiatra, do que um trabalho de ficção.

Já não acontece o mesmo a «O Coruja» onde a psychologia dos personagens é feita sem a preocupação dos diagnosticos clinicos. Os typos de Theobaldo e principalmente do Coruja, são bem estudados e compostos com habilidade e proporção.

«O Cortiço» que podia rivalisar, e na realidade não fica em plano inferior á «Casa de Pensão», apresenta o excesso de scenas cru'as, do realismo mal comprehendido; porquanto pode-se realizar a observação e escrever romance naturalista, sem abordar os themes abjectos e explorar os quadros de alcoice ou lupanar. O autor poderia nos apresentar a galeria de typos da colmeia humana, da *ilha*, como dizem os portuguezes, sem descortinar as scenas indecorosas. Tirante essa feição, o livro é magistral.

Do mesmo anno (1890) é o «Esqueleto», com a sub epigrapha — *Mysterios da Casa de Bragança*. — Foi um mero capricho de Aluizio que recorreu ao seu pseudonymo — Victor Leal — para ter liberdade de escrever o que lhe approuvesse nos folhetins da «Gazeta de Noticias».

Em 1893 apparecem «A mortalha de Alzira» e «Demonios». O romance é uma divagação do auctor que procura distrahir os seus leitores, remontando-os aos tempos idos. Não é uma obra de fançaria, o que se não coaduna com o merito do escriptor; mas é, na phrase do romancista, «um filho que não reconheceu logo... Nasceu fóra do seu casal».

Em «Demonios» ha contos apreciaveis, principalmente *O macaco azul*, impregnado de *humour* e ironia.

O «Livro de uma sogra», 1895, representa um feito novo. O romancista pretende estudar uma these segundo a qual, para perdurar a felicidade no casamento, é necessario a separação dos conjuges em determinadas situações, afim de se evitar o enfaro, o tedio, a repugnancia do marido pela mulher. E para chegar a semelhante conclusão apresenta-nos um caso de uma senhora infeliz no casamento, a qual, procurando salvaguardar a felicidade da filha, impõe ao genro o sacrificio de se submitter ao seu systema.

A these é falsa e tem a sua refutação na maioria dos casaes felizes que celebram as bódas de prata ou de ouro. Pecca pelo vezo que tem muita gente de generalisar casos particulares.

Valentim Magalhães, ao apparecer o livro, consagrou-lhe uma critica injusta, censurando o autor de haver plagiado a *Sonata de Kreutzer* de Tolstoï. Essa perversidade desgostou profundamente a Aluizio que, certamente não foi por esse motivo, deixou de escrever.

Jose Verissimo, embora tambem profligasse a these, já de si abalada, fez uma apreciação justa, como quasi sempre lhe acontecia no exercicio meritorio da critica.

Mas pondo de lado o conceito do thema, deve-se exaltar o estylo do escriptor e destacar paginas de mestre.

«Pegadas» constituem a reedição dos «Demonios» com suppressões e accrescimos.

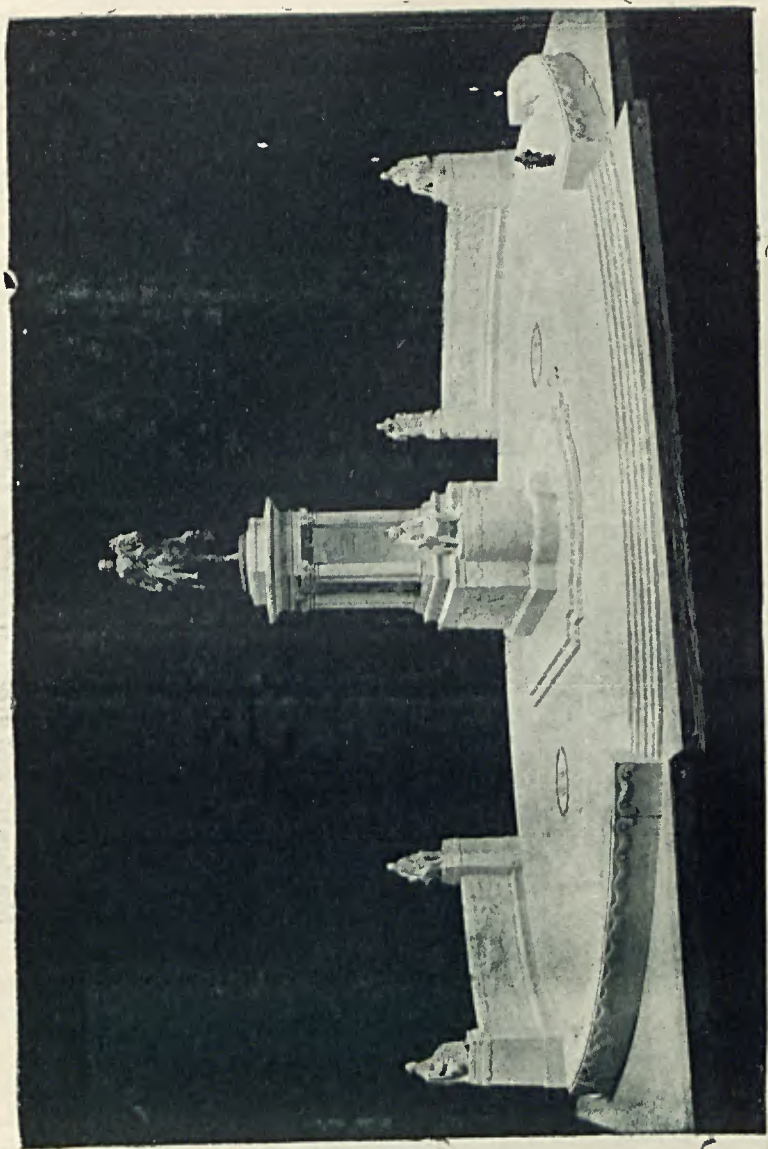
Enfastiado do meio litterario, subito tomou a resolução de fazer um curso para seguir a carreira consular. Preparou-se em direito internacional, com as explicações que lhe deu Graça Aranha, e facil tornou-se-lhe realisar a sua aspiração. Foi nomeado consul brasileiro em Vigo e successivamente removido para o Japão. Cardiff, Napoles e Buenos Ayres, onde falleceu a 31 de Janeiro de 1913.

Depois que se ausentou do Brasil só li um novo trabalho seu — *O toiro negro* — escripto na Hespanha e publicado na *Revista Americana*. No entanto profalava-se que elle havia preparado um livro contendo as suas impressões da patria de Cervantes, um estudo completo sobre o Japão e concluido um novo romance que definiria a sua ultima orientação.

Graças ao dr. Afranio Peixoto que com elle conversou em Napoles, 13 annos talvez depois de deixar o Brasil, tivemos noticias delle.

Nas confidencias que fez ao autor de «Maria Bonita», soubemos que não



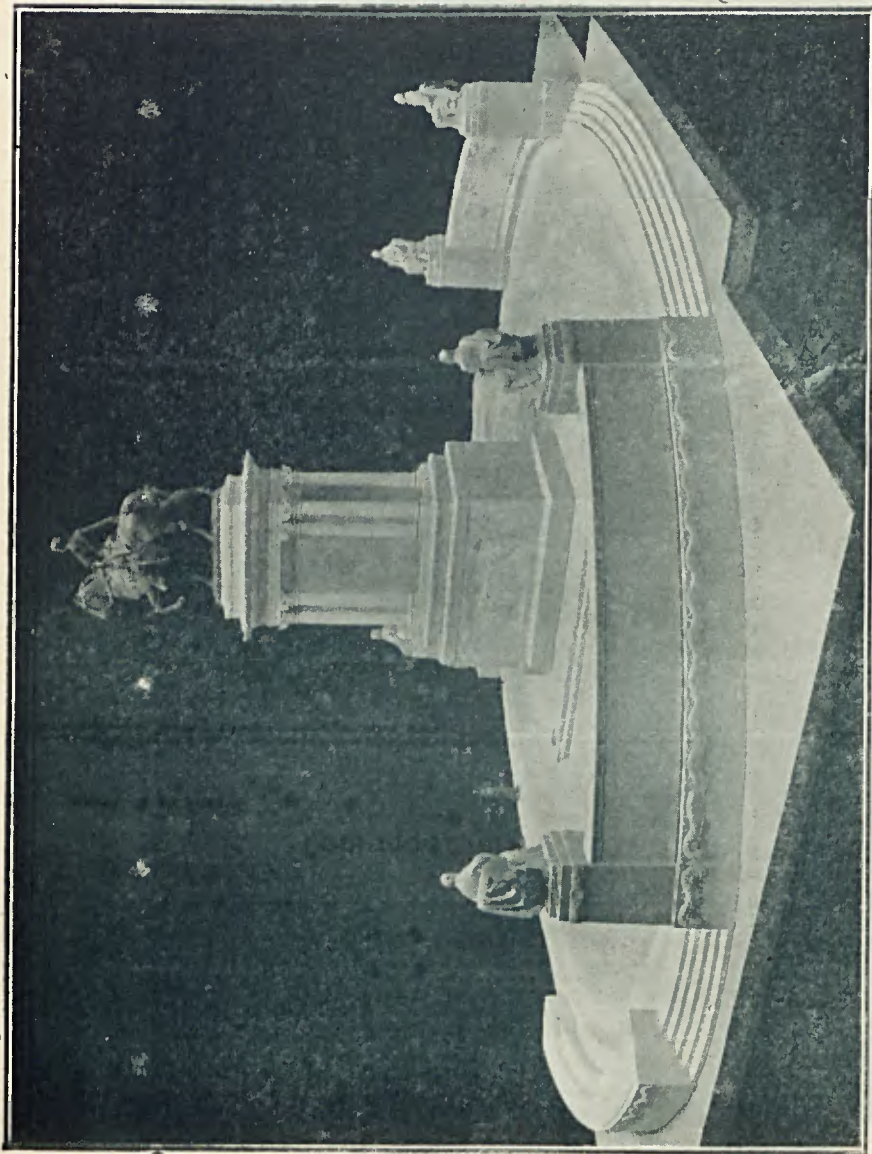


Maqueta do monumento da Independência

Projeto de Charles Keck — Vista de frente.

Maqueta do monumento da Independencia

Projecto de Charles Keck --- Vista posterior.



gostava de «O homem» e apreciava «O Mulato», Casa de pensão», «O cortiço» e «Coruja».

Aliás já era conhecido o seu plano de artista, concebendo, a exemplo dos *Rougon Macquart* e da *Comédie humaine*, a serie «Brasileiros antigos e modernos», constituída de cinco romances nos moldes da «Casa de pensão»: *O Cortiço*, *A família brasileira*, *O Felizardo*, *A Loureira*, e *Bola Preta*.

Esse plano foi inserto em «*A Senana*» de Valentim Magalhães e reproduzido no bello elogio que lhe teceu o snr. Alcides Maya.

Revelou tambem ao dr. Afranio que nunca fôra um bohemio, como o pintou Coelho Netto na *Conquista*. Ao contrario, sempre se manifestara «um burguez ordeiro. pacato, que escrevera por necessidade e com um objectivo e que na primeira occasião se introduziu no *pecus* do funcionalismo utilitario».

Creio que Coelho Netto teve razão, si não foi visceralmente um bohemio assumiu a attitude de um *dillettante*.

Transmittiu-lhe as impressões sobre o Japão e revelou-lhe que, com effeito, havia escripto um livro palpitante sobre o paiz asiatico, cuja civilisação distincta da nossa, lhe feriu as retinas de observador perspicaz e arguto. Mas desejava preparar um volume artistico quanto á qualidade do papel, á natureza das gravuras, ao formato e ao aspecto geral.

Destinava para isso mais de uma dezena de contos de réis que representavam a restituição legitima dos seus direitos autoraes, levada a effeito pelo seu editor.

Esperava o dinheiro para imprimir o livro no Japão, quando recebeu uma carta do seu advogado, communicando haver deliberado de *motu proprio* adquirir para Aluizio uma propriedade em Copacabana.

Depois resolveu não imprimir mais o livro, porque o Japão fôra explorado por outros escriptores e devassado ao mundo pela guerra russo-japoneza. (1)

Narrai ainda os seus amores com a Satô, «uma creatura formosa, quasi occidental na sua meuda face morena, mas com a graça tenue e subtil, de recato e simplicidade, das *musumês* já lendarias.»

E' o autor da «Esphinge» luctou em vão para o demover da resolução que tomára de abandonar de vez a litteratura, conseguindo por muita insistencia descobrir no intimo do artista o plano acariciado de compôr um novo romance «Seria um conflicto religioso, entre povo simples e rude do interior do Brasil, um desses muitos Antonios Conselheiros que se apossam da alma das multidões sertanejas. Mas seria em grande, pensado e trabalhado, na idéa geral e no meio em que a acção se devia desenvolver.»

Mais tarde, em 1911, ao passar pelo Rio de Janeiro com destino a Buenos Ayres, confessou que muita cousa estava prompta e outro tanto em esboço. Era o seu ultimo romance «O Messias».

E finou-se o artista antes de concluir o seu canto de cysne.

(1) O *Almanack Gariner* de 1904 publica um fragmento: — *Japonezas e norte-americanas*.

A Academia que conseguiu trasladar os seus restos mortaes para a Patria amada, incumbe editar as suas obras manuscriptas: as peças theatraes, os livros sobre o Japão e a Hespanha e o romance inacabado.

Summario para um estudo completo

A precocidade do artista — Instabilidade do seu destino — Primeiras manifestações litterarias — O successo de «O Mulato» — Os seus romances de de genero primitivo — A serie «Brasileiros antigos e modernos» — O folhetinista incorrigivel — Os contos — O livro de uma sogra — Longe da Patria — O homem e o artista — A cultura de seu espirito — Thesouro a descobrir — No tribunal da critica.



Alcides Maya

Successor de Aluizio de Azevedo na cadeira n. 4. Nasceu na cidade de S. Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, a 15 de Outubro de 1878.

Bibliographia

- 1 PELO FUTURO — 113 pags. — Porto Alegre, Typ. Franco e Irmão — 1897.
- 2 O RIO GRANDE INDEPENDENTE — 119 pgs., Porto Alegre — Typ. Agencia Litteraria — 1898.
- 3 RUINAS VIVAS, romance gaúcho — 235 pgs. — Porto, Livraria Chardron — 1910.
- 4 TAPERA, contos, 153 pgs., Rio, Livraria Garnier Irmãos — 1911.
- 5 MACHADO DE ASSIS, algumas notas sobre o humour — 161-VIII pgs., Rio, Casa Editora Jacintho Silva — 1912.

6 CHRONICAS E ENSAIOS — 280 pags. — Porto Alegre, Barcellos Bertaso e Cia. — 1918.

7 ATRAVEZ DA IMPRENSA.

8 O GAUCHO NA LEGENDA E NA HISTORIA.

Aos 18 annos de idade assumiu a direcção d'«A Republica», orgão da dissidencia republicana do Rio Grande; e depois do «Jornal da Manhã». Collaborou por muito tempo no «Correio da Manhã», no «Jornal do Commercio» e em «O Paiz», no tempo de Eduardo Salamonde. Encontram-se reproducções de seu retrato em «Chronicas e ensaios» e «Littérature brésilienne» de Victor Orban.

Fez varias conferencias literarias, encontrando-se a que pronunciou na S. de Cultura Artistica de S. Paulo (D. Juan) no 2.º volume das «Conferencias» editadas pela referida Sociedade.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Coolho Netto* — Carta na «Tapera».
- 2 *José Verissimo* — Revista Americana — anno III, n. 5-6, pag. 500 e artigo no «Imparcial» sobre o livro «Machado de Assis».
- 3 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 468.
- 4 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 5 *Carlos Maximiliano* — Prefacio de «Pelo Futuro».
- 6 *Apolinario Porto Alegre* — Prefacio de «O Rio Grande independente».
- 7 *João Ribeiro* — Tapera (appenso ao vol. «Chronicas e ensaios»).
- 8 *Osorio Duque Estrada* — Idem, idem, idem.
- 9 *João do Norte* — Ruinas vivas (idem, idem.)
- 10 *Sylvio Romero* — Artigo a proposito de «Atravez da imprensa», bem como a resposta ao livro sobre Machado de Assis.
- 11 *João do Rio* — Artigo na «Gazeta de Noticias» sobre o livro «Machado de Assis».
- 12 *João Luso* — Tres artigos nas «Dominicaes» do «Jornal do Comercio», sobre «Ruina viva», «Tapera» e «Machado de Assis».
- 13 *Jan Mas y Pi* — na revista «Nosotros», ensaio traduzido por Manuel Gahisto e Phileas Lebesgue para a revista «Les Nouvelles Rubriques», os quaes tambem traduziram a «Tapera» para o francez.
- 14 *Emilio Kemp* — Artigo sobre «Chronicas e ensaios» no «Correio do Povo» de Porto Alegre.
- 15 *João Pinto da Silva* — Vultos no meu caminho.
- 16 *Gilberto Amado* — Chave de Salomão.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

A 15 de Outubro de 1878 nasceu Alcides Maya, na cidade de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul.

Ignoro inteiramente a sua biographia e só tenho ensejo de me relacionar com o illustre escriptor gau'cho, aos 19 annos de idade, quando publicou o seu livro de estreia «Pelo Futuro», prefaciado pelo snr. Carlos Maximiliano.

Esse opusculo de ensaios é um attestado eloquente do talento e da capacidade de estudo do autor, verdadeiro caso de precocidade litteraria. Os seus primeiros passos no tablado das letras, talvez ainda durante a phase em que estudava na Faculdade de Direito de S. Paulo, reflectem os resultados da leitura intensiva, quando amanhcia «sobre os livros, preso, attrahido, fascinado pela sciencia, philosophia e critica». Foi tão activo o seu trabalho intellectual, que lhe sobreveio a consequencia do *surmenage*: uma enfermidade do systema nervoso, naturalmente.

A despeito do desequilibrio, insistiu em cumprir o programma que se impoz, devorando volumes de Spencer, meditando os conceitos de Letourneau e passando em revistas as varias modalidades da critica, desde La Harpe a Taine, de Sainte Beuve até Hennequin, sem olvidar o dever de pesquisar o nosso passado e examinar as theorias expostas pelos criticos nacionaes.

Abordou varios programmas interessantes no seu livro de estreia, apontando a vereda a ser trilhada pela mocidade; apreciou com entusiasmo as tentativas dos que desbravam o nosso passado e isolam da trama dos factos um fio tenue de tradição; applaudiu os esforços de se coordenar o nosso *folklore* e procurou estudar as leis do movimento philosophico entre nós.

Lendo um trabalho de Adolpho Caminha, em que o escriptor cearense tentou demonstrar, unicamente pela influencia do clima, a superioridade intellectual dos brasileiros do norte sobre os do sul, insurgiu-se contra o exclusivismo da theoria climaterica e fez uma digressão sobre o thema, invocando o methodo comparativo para derrocar a these da acção mesologica e explicou o phenomeno observado atravez de outro prisma. Assiste-lhe razão em tal contradicta, pois não se pode explicar um phenomeno social, sempre revestido de complexidade, por uma causa unica ou por alguma theoria isolada.

E, variando de assumpto, abordou o problema do socialismo, volveu a attenção para o movimento litterario do Rio Grande do Sul, desde Porto Alegre até o autor do «Crioulo do pastoreio», apreciou um caso teratologico ou antes de mimetismo poetico e percorreu sobre as funcções da imprensa e da arte perante a civilisação.

Não é este o lugar opportuno para analysar os conceitos emitidos pelo critico e combater as conclusões do doutrinador. Basta accentuar que o livro é de um jovem cujas ideias evoluíram, cujo senso critico muito se desenvolveu para conseguir a feição revelada no ensaio sobre «Machado de Assis».

Ao opusculo promissor de surto mais amplo, succedeu a dissertação contra as tendencias separatistas, apregoadas por um grupo de paulistas e de rio-grandenses.



E' um pamphleto patriotico «O Rio Grande independente» onde o auctor se insurge contra o vesgo e myope civismo dos que restringem a concepção de patria ao ambito acanhado em que viram a luz meridiana, substituindo a ideia elevada e dignificante de patria pela acanhada noção de baírrismo.

Essa scissiparidade sociologica, fazendo surgir as pequenas patrias das grandes, por um phenomeno de endogenese dos nucleos gemmiparos, encontra adeptos entre os que admittem a differenciação fatal, determinada pelo progresso que faz desenvolver uns orgãos (estados no caso vertente), em detrimento de outros que se atrophiam. Appellam para os exemplos historicos: o imperio de Alexandre, o mundo dos Romanos, as conquistas de Carlos Magno e o immenso dominio de Napoleão, todas essas vastas aggremações politicas que se desmembraram. E podem accrescentar os casos recentes da Austria e da Russia. Mas é preciso observar immediatamente que a causa do desequilibrio e da consequente desagregação não reside na extensão territorial nem na desigualdade de varias provincias ou departamentos do mesmo paiz; mas sim na reacção operada contra o espirito de conquista, reunindo, em torno de um centro forte, povos de raças e linguas differentes, vencidos e subjugados ao vencedor. Nesse caso o odio permanece latente, perduram os caracteres ethnicos, as ideias religiosas, os costumes differenciados e, em dado momento, rompe-se o equilibrio mantido por forças ficticias que cessam de actuar ou são excedidas por outras de maior intensidade.

Deve-se encarar o caso da Italia, a unificação do imperio allemão, a união intima e estreita dos Estados Unidos, da China e do Brasil.

Combatendo essas ideias perniciosas, Alcides Maya apresenta varios argumentos hauridos em nossa historia e obtidos pelo methodo de comparação, fazendo um appello aos seus conterraneos e a todos os brasileiros para que afugentem do espirito semelhantes argumentos fallazes que só contribuirão para a nossa ruina e a formação de pequenos paizes de rivalidade bellicosa.

E' um trabalho meritorio de patriotismo sadio e de excellente raciocinio.

Depois dos dous livros citados, reuniu o escriptor a sua contribuição jornalistica e deu a lume o livro «Atravez da imprensa» que não consegui ainda obter, e o folheto «O gau'cho na legenda e na historia», de edição exgotada.

No genero de ficção a sua estreia se verificou com o romance de costumes gau'chos, «Ruinas vivas», em 1910. Não podia ser a estreia destituída de interesse, porque o autor já era sobejamente conhecido, no meio litterario do Rio Grande do Sul, como um moço de talento. Acrescia a circumstancia de se tratar de um romance regional, rememorando façanhas dos nossos destemidos patriotas do sul, filiado ao genero a que Sylvio Romero denominou «o meio naturalismo tradicionalista e campesino».

Mas o livro editado em Portugal teve circulo mais amplo de leitores e veio satisfazer uma curiosidade dos que, pouco viajados, só conheciam o gau'cho de José de Alencar.

Infelizmente o romance não correspondeu á expectativa, por estar inçado de longas descripções enfadonhas, abusando o autor do emprego de termos regionaes e, o que é peor, de vocabulos obsoletos, de neologismos dispensaveis, pois que muitos são enxertos, na lingua vernacula, de elementos extranhos.

A despeito dos defeitos de factura e da descontinuidade de acção que pouco interesse desperta, o romance se impõe como um attestado do talento do autor, de sua prodigiosa e exuberante imaginação.

Certo estou de que o romancista se aperfeiçoará, enriquecendo a nossa litteratura com outros romances de mais acurado lavor, melhor concebidos e de maior vigor esthetico e emotivo.

E não é preciso dispôr de qualidades de propheta para se formular semelhante vaticinio. Basta lêr o volume de contos «Taperá», tambem de scenarios gau'chos, publicado um anno após, em 1911.

«O teu livro é bem nosso, diz-lhe Coelho Netto no prefacio, no assumpto e na linguagem — reçuma seiva e por elle, na abastosa paysagem de campo, o clima, a luz, as vozes, os costumes são nossos. O homem que se nos depara, é o pampeano corajoso e destroj, é o filho da natureza moça. barbara...»

E mais adiante accrescenta:

«Escrepto vagarosamente, aos trechos, na campanha, ora á sombra cheirosa da ramada, ou na verde coxilha florida ante a fartura viva dos rebanhos, é novo, é forte como a propria natureza que retrata.»

Venham o «Occaso» e «Nos fogões», romance e livro de contos promettidos, com o mesmo cunho de regionalismo, venham outros mais ornar a nossa litteratura tão destituida de adornos e firmar a reputação do romancista dos pampas e dos bravos gau'chos.

Em livros posteriores o autor não se refere mais aos volumes que, em 1911, dizia, se achavam no prelo, e annuncia: «Contos crioulos» (scenas do campo), «Pampa» (impressões e perfis), «Novos e velhos» (critica litteraria), «Discursos e conferencias», «Lendas do sul», «Alma Barbara» (contos gau'chos) e «Vida e obra de Julio de Castilhos». (1)

O livro que, a meu vêr, constitue até hoje a obra prima de Alcides Maya, é o ensaio sobre o *humour* de Machado de Assis.

No primeiro capitulo passa em revista as definições desse estado psychologico do homem, segundo a concepção dos criticos e esthetas que examinaram a sensibilidade de Cervantes e Sterne, de Rabelais e Swift, de Molière e Thackeray, de Voltaire e M. de Assis.

Desisto do intuito de resumir esse livro admiravel que nos traça um perfil animado do notavel autor de Braz Cubas. Semelhante desejo me arrastaria a um dedal de considerações sobre a obra do critico de Machado de Assis,

(1) A' ultima hora tive conhecimento de se acharem no prelo da Livraria Alves, o livro «Prisma» de ensaios de esthetica e de philosophia, na Livraria Globo de Porto Alegre, o volume de contos gau'chos «Alma Barbara», e, em preparo, «Lendas do Sul, folk-lore gau'cho (lendas do periodo colonial, impressões das missões dos jesuitas, lendas hispano-portuguezas e particularmente rio-grandenses.

determinando desenvolvimento incompatível com o caracter destes ligeiros es-
corços.

Foi esse vigoroso ensaio que abriu as portas da Academia ao auctor de
«Taperá». Foi em Setembro de 1913 que se procedeu á eleição para preencher
a vaga de Aluizio Azevedo. Inscreveram-se, além de Alcides Maya, Alberto
Torres, Almachio Diniz e Virgílio Varzea e só em terceiro escrutinio poudé
elle conseguir a maioria absoluta, prescripta pelos estatutos da Academia.

Transposto o limiar do Syllogéo, pronunciou o bello elogio sobre o seu
artecessor e proferiu algumas conferencias litterarias no Rio e em São Paulo.

Em 1918 appareceram «Chronicas e ensaios», collectanea de artigos es-
criptos em «O Paiz» e outros jornaes.

São attestados palpitantes do talento de escól do escriptor rio-grandense
e da variada cultura do seu luminoso espirito.

De sua vida pratica logrei apenas saber que occupou o logar de bibliotheca-
rio do Pedagogium no Rio de Janeiro, sendo ultimamente eleito deputado
federal pelo seu estado natal.

A sua vida intellectual se tem exercido principalmente na tribuna e na
imprensa politica.

Summario para um estudo completo

O critico e o publicista — Tendencias separatistas — O tradicionalismo
no romance — Paysagista — O movimento litterario no Rio Grande do Sul —
Sul e Norte — Ensaio sobre o *humour*.

ARTHUR MOTTA





EM REDOR DA ESCOLA PROFISIONAL MASCULINA — *Aprigio Gonzaga* — «Diario Official» — S. Paulo — 1919.

Album onde o professor Aprigio Gonzaga dá noticia completa do que é esse estabelecimento de ensino. A sua leitura e uma consequente visita á escola produzem uma impressão magnifica. A sensação que aquillo dá é de entusiasmo e fé no futuro. Aquelles meninos que batem o ferro, aplinam a madeira, modelam o barro, traçam desenhos ornamentaes — meninos arrancados á vadiagem das ruas — são os obreiros em germen da grande patria futura. Vão elles brève constituir a melhor força propulsora da nossa civilização. Modestos, humildes, escondidos dentro das officinas, é por mãos delles que se plasmará tudo quanto constitue a grandeza material de um paiz. Nosso mal, concordam no todos, é o absoluto de-sapparelhamento technico. Existe a massa immensa dos Gécas em baixo e o bacharelismo por cima. No meio, essa classe operosa de mechanicos, marceneiros, decoradores, electricistas, gravadores, etc., as formigas do progresso industrial faltam-nos por completo. Dahí a necessidade de importal-as. Se em S. Paulo a industria pôde alcançar-se ao nivel em que está, deve-o ao technico estrangeiro importado. Mas importal-os não é solução completa, é não é uma solução nacional. E' mister fazel-os aqui, educando para isso as nossas creanças.

Gravissimo defeito tem o nosso sistema de instrucción publica. Ensina a ler aos meninos e lança-os na vida, sem nenhum outro apparelhamento. Isso não basta. E' fazer delles parasitas sociaes, incapazes de uma funcção ef-

ficiente na vida. Vão ser eleitores, vão utilizar-se do conhecimento do alfabeto para leituras viciosas, ou ficam toda a vida a aspirar miseraveis empreguinhos publicos, julgando-se decahidos se voltam as vistas para as profissões manuaes. Parece paradoxal isto: a instrucción primaria incompleta, não acompanhada da instrucción professional complementar, produz mais males do que bens tanto ao paiz como ao individuo. Fórma um estado mental nas baixas classes correspondente ao bacharelismo nas altas. E' o bacharel de poucas letras e sem anel no dêdo, mas tão inutil e nocivo á sociedade como o bacharel de rubim. Entretanto, se ao sahir da escola primaria o menino cursa uma escola professional, onde adquire um officio, entrará depois para a vida pratica armado em pé de guerra. Assim como é um verdadeiro crime atirar ao combate soldados desprovidos de armas, é tambem um crime lançar na vida creanças desprovidas das armas do ensino technico. O conhecimento do alfabeto vale como meio e nunca como um fim. Como vae a coisa, no dia em que se acabar com o analfabetismo no Brasil, o paiz irá á garra: ninguem mais trabalhará.

A Escola Professional Masculina é modelar. Dá um magnifico ensino technico a novecentas creanças, que sem ella viveriam ao léo, sem saber que fazer da instrucción bebida na escola publica, predestinados a engrossar a nuvem dos *Jaineants* bacharelescos que vegetam á conta e á custa do conhecimento da cartilha: a nuvem dos eleitores, dos biscateiros, dos capangas, dos phosphoros politicos, dos literatos de sargeta, dos cafagestes pernosciticos, dos encostados, dos poetas castpentos, dos incomprehdidos, dos ra-

tês, em summa. Saem dalli artistas feitos, mechanicos de mão cheia, electricistas, desenhistas, pintores, marceneiros, ferreiros, fundidores... Admiravel istol... Ah! se houvesse na cabeça dos nossos dirigentes um grãculo de intelligencia que os fizesse comprehender a vantagem do ensino profissional, escolas como esta não seriam duas ou tres, como hoje, mas centenas, uma centena em cada Estado, duas, tres em cada cidade. Esta, dirigida pelo prof. Aprigio Gonzaga é verdadeiramente modelar e o é porque tem em seu director um apóstolo convencido e um espirito de larga envergadura e alta comprehensão, sempre attento aos detalhes minimos do serviço e aos aspectos psychologicos do ensino. Não faz do cargo burocracia e procura não só melhora-la com a adopção das conquistas feitas na materia entre os povos estrangeiros, mórmente os Estados Unidos, como ainda aperfeiçoa-la com modificações indicadas pela sua arguta observação pessoal. Bem haja quem assim trabalha com tanta intelligencia e tanto amor.

TEIA DE PENELOPE — José Avelino — Typ. Popular — Uberabinha — 1919.

Pequena collectanea de ensaios e impressões onde o A. conversa calmamente com os seus leitores, expondo suas idéias e sensações sem exaggeros de pensamento nem de fórma. Destaca-se dentre esses estudos um sobre os conjurados de Villa Rica, muito interessante como visão retrospectiva daquelle curioso periodo em que o furor do fisco portuguez fomentava nas almas bem formadas o ideal da libertação realisado a 7 de setembro.

PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — Ronald de Carvalho — F. Briguier e Cia. — Rio — 1919.

Até que afinal appareceu uma historia da literatura brasileira que satisfaz plenamente. Poeta de finos quilates, justamente consagrado pelo lou-

vor da Academia de Letras. R. de C., cujas qualidades de prosador já conheciamos em artigos de critica estampados nos jornaes, firma-se neste livro, sob nova feição, com o mesmo brilho. Lello é ver confirmado o que diz no prefacio Medeiros e Albuquerque, quando accentúa que «Ronald tem esta primeira originalidade entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. Seu estylo é simples, claro e harmonioso. Diz bem o que quer dizer.» E' isso mesmo. A leitura do seu livro torna-se empolgante como a de uma boa obra de ficção. Ainda quando o assumpto é arido, o leitor corre por elle sem cansaço, sem decepções, sem «oh! oh!» provocados por inesperadas descahidas. Possui R. de C. o dom da justa medida e o dom da synthese. Penetra no amago das escolas literarias, mostra as suas origens, sua função na época, sua finalidade, seu papel no corpo geral da literatura. Se estuda individuos, opera com a mesma argucia de logica e de psychologia, dando-nos delles uma impressão que satisfaz *in totum*. Dos que anteriormente estudaram nossa literatura um, Roméro, teve o grave defeito de não ser artista e como critico sacrificar muito á tendencia aggressiva do seu temperamento; outro, Verissimo, foi um espirito pesado e um tanto incomprehensivo. Roméro irrita muitas vezes e Verissimo é de difficil ingestão. Ronald vem com sua obra, não desbancal-os — que cada um exerceu um determinado papel — mas formar ao lado como o representante da justa medida, do equilibrio, da finura e da comprehensão. Podemos, portanto, dizer, hoje, que a historia da literatura brasileira foi escripta finalmente—e superiormente escripta.

CANAES E LAGOAS — Octavio Brandão — Leite Ribeiro e Maurillo — Rio — 1919.

Livro que desnor-teia. O A. escreveu-o aos vinte annos, e nesta idade, creança ainda, revelou-se um scientista especializado em historia natural. Mas, como o seu temperamento não é o

do cientista ao modo classico — frio, impassível, ponderado sempre — re-sente-se o cientista da influencia do poeta exaltado que Octavio Brandão na essencia é. Dahi a difficuldade de julgar esta obra, tão fóra das moldes, tão sem equilibrio, tão irregular. O A. por ella toda está sempre sob alta pressão, excitado, o que dá ao livro um tom geral extranho e imprevisivo. A voz do geologo descrevendo o nascimento de uma ilha ou de uma lagôa cede bruscamente á voz do poeta allucinado pela belleza mysteriosa das coisas, ou á voz do sociologo revoltado contra as nossas mazellas. Ha lances do livro em que A. paira no mais altos cimos, mas ha tambem descahidas formídaveis. Dá elle a impressão de um terreno revolto por cataclisma recente, onde se rasgam abysmos ao meio de planuras mansas e onde fumegam fendas vulcanicas ao lado de flores agrestes recém-desabrochadas. Auto didacta, estudou comsigo mesmo, no mais acanhado dos meios sociaes e deslumbrou-se. A revelação da sciencia foilhe forte demais. Disse Nabuco: «A mocidade é a surpresa da vida». Em Octavio Brandão, os seus vinte annos, á surpresa da vida juntaram a surpresa da sciencia. E elle delirou, arrastado pela violencia desses dois sentimentos, que sua alma de artista-poeta, em perenne erupção, leva ao extremo. A obra que emprehendeu e que expõe num appendice ao livro, é gigantesca. Caso a conclúa com o preciso criterio na parte scientifica e a necessaria medida na parte esthetica, será de facto uma coisa grandiosa.

O livro ora publicado surge como uma primeira pedra do edificio e, apesar de todos os defeitos, — decorrentes de excesso de qualidades—é uma obra digna de nota, merecedora de estudo, porque altamente suggestiva. A primeira suggestão dos «Canaes e Lagôas» é de que estamos em face de qualquer coisa racial, qualquer coisa que excede aos ambitos do individuo e na qual cahoticamente, bárbaramente, as dôres da raça e os anceios vagos da terra procuram exprimir-se. «Minha alma é um *bombyx*, diz elle: passa por uma longa metamorphose: com os primeiros

alias de chuva, depõe os ovos — sonhos, visões, pensamentos, fogos factuos do Espirito, lamparinas da Idéa, luzes bruxoleantes na capella-mór da Phantasia. E estes ovos espirituaes, pelo decorrer da invernia vão se transformando em larvas, depois em nymphas indecisas, até que um dia, o primeiro dia estival, o primeiro dia de calor, ficam em estado perfeito, em borboletas, em *bombices* que saem voando pelo Azul do Pensamento, em doces, em deliciosas romagens divinas. Mas é um *bombix* especial: não segrega a sêda irreal — idéas — quando passa do estado de larva ao de nympha. Só o faz quando a transfiguração é completa; então, minh'alma inquieta vae tecendo com seu fio de ouro ideal, a celluļa ovoide, o casulo magnifico. E' exacto que as vezes o parasita *muscardina* — tristezas, desillusões, desfallecimentos — a invade como uma praga maldicta, mas voltam logo as esperanças, os enthusiasmos. Durante os dias de calor, emquanto o infinito fulgura em tons de vitriolo azul, as idéas bailam, vivem voando em redor do meu cerebro como andorinhas em torno de um rampanario. Meu cranço, tu és um campanario...

..... Gosto de me estender ao sól como uma *coluber natrix* que adora o calor; mas quando me agito, minh'alma parece uma *cobra dimantina*, fulgurando ao sól como um firmamento cheio de pedrarias astraes que são os meus sonhos, os meus castellos. Durante o inverno minh'alma dorme, entorpecida, como uma velha víbora, uma ran d'agua ou um crotalo, mas durante o verão ella se abre em florações extranhas de sonho, de chimeras, de idéaes. Por isso é que muitas vezes eu digo:

— Minh'alma, tú não és alma; és uma velha cobra cascavell

Ora, isto é forte. E sobretudo é novo no meio da nossa literatura bysantina, pastichenta e sem nervo. Inumeras paginas ha no livro, assim cheias de uma belleza extranha, de um fulgor inédito, que ás vezes deslumbra. Escolmasse-o elle das descahidas e este livro seria um dos mais



fortes e bellos da nossa literatura. Muito teriamos ainda que dizer a respeito, mas a estreiteza desta secção não o permite. Concluiremos a noticia resumindo a nossa opinião sincera: apesar de todos os defeitos em materia de pensamento e estylo — falhas inevitaveis numa creança de vinte annos — «Canaes e Lagôas» é uma verdadeira revelação como coisa nova, como meteoro de extranho fulgor que rompeu no céu das nossas letras. Seu A. está ainda em periodo cosmico, em formação. Quando *asentar*, quando *crystallisar-se* na fórma definitiva, escoimando o seu estylo dos defeitos que o afeiam e apurando as qualidades que o embellezam, Octavio Brandão formará ao lado de Euclides da Cunha como magnifico interprete da alma da raça e da alma da terra, conjugando o sabio com poeta, ambos senhores de largo vôo.

APONTAMENTOS de CHIMICA GERAL, por Leonel França. — Livraria Drummond, Rio de Janeiro.

Livro bem feito e sympathico; verdadeiros apontamentos, nome foi lhe bem dado. Diz no prefacio: «Meu fim não era inicial-os (aos alumnos) nos segredos dos laboratorios. Mais adiante: «Nestes *apontamentos*, portanto, encontrarão os estudantes as prelecções do mestre, sem perderem tempo com a organização de notas e postillas quasi sempre incompletas ou inexatas.» Estes topicos apresentam o livro, que é claro, conciso e resumido o quanto um livro de chimica póde sêr. Presta-se para *colla* como quasi todos os «organizados de acôrdo com os programmas officiaes», presta-se melhor para os alumnos decorarem definições para conquistarem nos exames estrondosas distincções, sem terem comprehendido o que pagueariam.

Estudar chimica sem laboratorio é o mesmo que estudar bacteriologia sem microscopio. Poupar ao alumno o trabalho de tomar notas é incital-os a decorar meia duzia de pontos nas vespervas dos exames.

Na chimica, como em todas as sci-

encias positivas, a habilidade e o recurso de occasião nada valem, e, essa é a razão de ser uma das sciencias mais ignoradas neste paiz onde a maioria dos que seguem um curso qualquer só aspiram a ser *doutores por annelamento*. Todos os livros para uso dos preparatorianos e candidatos ás escolas superiores são prejudiciaes, são livros de industria, são auxiliares para «passar» no exame. O professor é o livro e o caderno de notas é o dicionario do principiante, como o livro de consulta é o livro do mestre.

Os «Apontamentos» do professor Leonel França, no genero, são explendidas; decorando as suas 117 paginas, qual quer menino poderá *formar-se* em chimica em qualquer escola onde vigore o systema de julgar o que o examinando sabe pelo que responde nos exames, dentro dos absurdos programmas officiaes.

FLUCTUANTES — Francisco Gaspar — Casa Vanorden — São Paulo — 1916.

Aqui está um poeta que merecia ser mais conhecido. Autor de tres livros de versos, incluindo o de que se trata, em que elle lamuria as suas dôres ou exalça as suas divas, cantando os seus amores, admira o povo não lhe haja recompensado o esforço, pois que os seus poemas são tão ao sabor e á feição da philosophia popular. Ah! vae a prova:

SABES QUEM É?

Vês aquella menina tão galante
Que tem a cabelleira flava e rica?
E' tão formosa qual Beatriz de Dante.
Sabes quem é? Nosica.

Como é gentil! Com que desembaraço
Ella fala; com que donaire fica..
E' bella, sim, como Eleonor de Tasso.
Sabes quem é? Nosica.

Ora numa terra em que Catullo Cearense commove os criticos, porque encarna a alma eminentemente popular, é injusto que o nome de Francisco Gaspar seja esquecido.

PENUMBRA — *Paulo Corrêa Lopes*
— Off. d'«O Estado de São Paulo»
— 1919.

O A. deste livrinho de versos deve ser bem moço. Ha uma tal indecisão nos seus pensamentos e uma sensação tão repugnante pela idéa da morte que só se sente na casa dos vinte annos, em que o grande Euclides da Cunha adivinhava «uma velhice tragica». E a ancía que essa velhice lhe passa á alma é tão forte que elle a extravasa ao papel em lamurias que lembram a teimosia lancinante de Leopardi. Deve ser muito moço e por isso a sua *plquette* de estréa — 43 paginas ao todo — serve apenas de indice que entreluz a possibilidade de que o A. venha a ser alguma cousa no meio do enxame poetico nacional.

ALMA DOLOROSA — *José de Figueiredo Sobral Junior* — Off. d'«O Estado de S. Paulo» — 1919.

A primeira cousa que nós aconselharíamos a este novel poeta é a encurtar o nome. Isso entra por muito na formação da celebridade. Assim fizeram todos os grandes.

O divino Olavo, como todo o mundo sabe, chamava-se Olavo Braz Martins de Guimarães Bilac, que elle transformou em Olavo Bilac *tout court*. E' mais elegante, mais poetico e menos... fatigante. Demais nisso não andaria mal o A. que, apesar de estrear auspiciosamente, mostra inda nos seus a forte impressão que lhe causam os versos do Príncipe dos Poetas do Brasil, imitando-lhe a maneira. E' verdade que nesse ponto o A. não está só: ha actualmente, no paiz, a doença da imitação do extraordinario vate que soube inspirar tamanhas adorações. Mas isto passa, «*c'est une mode*» e ficarão na literatura somente aquelles que se affirmam como personalidades inconfundiveis... Certo, fugir á imitação não quer dizer cair no exotico como neste verso do A.:

«O reflexo do sol, tristonho e purulento...»

Incontestavelmente o A. exaggera. «Reflexo de sol purulento» não lembraria a ninguém.

FOLHAS DE OUTOMNO — *José de Castro Lagreca* — Typ. Piratinin-ga — São Paulo — 1919.

Este livro de versos apresenta-se com um prefacio excessivo. Entre outras cousas, diz o prefaciante que «o A. culminará entre a legião que fórma a poetalha nacional».

«Poetalha» lembra «gentalha» e isso predispõe mal para com o estreante.

Depois o titulo do livro não condiz com o *cliché* do A. que vem no começo. E' um moço espadado e forte, como um symbolo de saude. Então, porque *Folhas de Outomno*? Os seus versos, porem, denunciam a existencia de um lyrico a mais em nosso paiz, um lyrico cheio de nostalgias pela sua terra natal, um melancolico sem grandes revoltas. O presente trabalho promete. E' verdade que as suas 70 paginas não dão grande margem para ajuizar do que poderá ser o autor. E o mistér de propheta não está nos moldes desta revista. Mas parece-nos que si o A. continuar (conselho inutil e quasi tolo: qual é o poeta, no Brasil, que não continua?) ainda se tornará alguém em nosso microcosmo literario.

PATRIA — *Nuto e Leopoldo Sant'Anna* — Typ. Piratinin-ga — São Paulo — 1919.

Não se trata apenas de uma obra de arte. Como se declara no introito, são versos do festejado literato sr. Nuto Sant'Anna, paraphraseados pelo distincto jornalista professor Leopoldo Sant'Anna. E' tambem, assim, uma obra didactica que visa um duplo fim: o ensino da educação civica, pois a maioria das poesias se referem a datas historicas e a grandes vultos da nossa formação nacional, e ao mesmo tempo o ensino da difficil arte de recitar.

Os A. A. conseguiram fazer obra de valor, attingindo plenamente os fins collimados. Cabe ao professorado, agora, em cujo meio o livro cáe como ouro sobre azul, não deixar morrer esteril essa iniciativa e incitar os A. A. a que continuem. Sendo esse ramo tão pobre de obras, é mistér

não perder essas aptidões e fazel-as produzir o maximo, para bem da nossa infancia.

VIDA OBSCURA — *Lucidio de Freitas* — Imprensa Official — Belém do Pará — 1917.

O A. estreou, em 1912, com um volume de versos, de collaboração com Alcides de Freitas, e foi magnificamente recebido, especialmente pela critica da Capital Federal. «Vida Obscura» vem confirmar o valor do joven poeta, apesar do clichê e da indicação do logar e data do nascimento, néo-forma de vaidade muito nacional e escandalosamente *rastacuera*. A philosophia toda do livro inspira-se na moral da velha fabula de Florian, «Le Grillou» e está contida nesta estrophe final da poesia inicial:

«Que a vida, para ser feliz e bôa,
Precisa ser humilde e obscura quase
Como esta tarde fria
Envolta em cinza e gaze;
Vida sem ambições, sem revoltas, sem
gloria,
Sem desejos febris, sem claridade;
Vida humilde e obscura;
Vida vivida apenas na memoria
De uma grande Saudade
Que na propria Saudade se enclausura...»

Entre as poesias de que se compõe o volume, ha uma que se destaca como uma verdadeira joia: «Pela Volupia da Tarde». Apesar de muitas repetições de diversas palavras, como *volupia, poente, por-do-sol*, ella tem essa delicadeza emocional que friza um artista.

VESPERAES — *Noraldino Lima* (da Academia Mineira de Letras) — Imprensa Official — Bello Horizonte — 1919.

Não é um novo este. Membro já de um cenaculo regional, ha bem annos que labuta no agro e tormentoso campo da arte, onde representa com brilho a moderna geração mineira. *Vesperaes* mostra-nos que o seu autor attingiu a uma serenidade por que muitos anceiam e mui poucos conse-

guem. O seu verso é limpido, cantante, sonoro, cheio de uma extranha musica que prende, sem arrebiques e sem rebuscamentos. Não tem muito fundo. Mas as profundezas nunca foram o reino dos poetas, que amam os vôos do condor e passam ao de cima e ao de leve das cousas terrenas. Já Raymundo Corrêa gostava de subir para onde «estruge a alleluia das espheras». Demais o proprio ao poeta é o cantar. E elle o diz bem neste terceto:

«Sou feliz e a ventura é inimiga do
poeta...
Guardo, pois, como o cysne, ó musa
predilecta,
O meu canto de amor, para morrer
cantando...»

JUCA MULATO — (2a edição) — *Menotti del Picchia* — Typ. Ideal — São Paulo — 1919.

O melhor elogio que se poderá fazer a este bello poema é verificar que já está na segunda edição. De facto, muito mais alto que os louvores incondicionaes de que foi alvo o A. ao publical-o, louvores copiosos tanto na imprensa indigena como na de Portugal, muito mais alto fala esse acontecimento, quasi inedito, de uma obra de um «novo» chegar tão depressa á segunda edição, sendo de mais a mais um poema. Para vencer a inercia e a apathia do nosso publico lector, só mesmo quando a obra vem revestida de taes predicados e de taes qualidades que se impõe victoriosa á consciencia de nossos conterraneos. Depois disso não é preciso dizer mais que Menotti del Picchia é um nome feito no paiz.

TERRA CONVALESCENTE — *Manueto Bernardi* — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1919.

Este é dos poucos felizes que têm a dita de estrear, revelando-se. *Terra convalescente* é o livro de um artista que não ensaiou para vencer, vem feito. Traz tal sainete individual, tal *quid* de quem é personalidade áparte do commum que logo ás pri-



meiras reconhece-se que elle é de alta ralé. Antes que tudo, o livro denuncia um pensador e é elle mesmo o fructo de uma tremenda crise psychologica porque passou o A., crise que terminou com a victoria da vida. O natural pendor das almas moças pelo pessimismo foi vencido e o A. conta-nol-o em *Benção*:

«Bem dita sejas tu
que me ensinaste a ver,
atravez de outro prisma,
o lado bom da Vida!

«Bem dita sejas tu
que em minha alma abatida
a ansia, de novo, ataste
infinda de viver!»

O volume esta dividido em quatro partes: *Umbral*, *Lux*, *Terra convalescente* e *Exaltação* e todas ellas pontilhadas de pequenos diamantes, que são as quadrinhas em que o A. é primoroso. Ouçam *Teu corpo*:

«Supor que teu corpo veio
do mar, não é idéa louca:
tens ainda espuma no seio
e coraes inda na bôca...»

No *Supremo louvor*:

«Mil perigos, como um forte,
já neste mundo venci.
Não tenho medo da morte,
mas tremo diante de ti.»

Ou em *Pulvis*:

«Sem excepção de nenhum,
todos do pó maldizemos.
Será porque nele vemos
a nossa imagem comum?»

E'nos impossivel citar tudo. Mas merecem especial destaque os deliciosos sonetos *Na sombra* e *Silencio verde*, as poesias *A ultima rosa*, o poema *Serra convalescente*, e a poesia final *Exaltação* em que faz a profissão de fé. Sendo, após a crise, descoberto na vida «o lado bom», elle comprehende-o pela exaltação, que

«é a chamma que do poeta se apodera

e que lhe acende e alteia o ámago
e a vóz.

E' o momento apollineo, a primavera
a florir e a cantar dentro de nós.

São as trevas da noite, que se vão.
— Todo o Universo esplende. Nasce
o dia —

A ventura suprema que seria
viver numa continua exaltação.»

NIVEIS MENTAES DE CREAÇAS PORTUGUEZAS — *Luiza e Antonio Sergio* — Renascença Portuguesa — Porto — 1919.

Os A. A. apresentam neste livrinho uma contribuição para o estabelecimento de uma escala de pontos dos niveis mentaes das creanças portuguezas e tenta assim determinar por nuros a capacidade mental dessas creanças. E' um livrinho que mette inveja, especialmente ao nosso Estado, porque mostra a que ponto de desenvolvimento já chegou em Portugal, a Pedagogia e porque revela a competencia de seus cultores e o amor com que se dedicam aos grandes problemas infantis. Os A. A. abrem o livro estudando primeiro o methodo que Binet, o incansavel pedagogo, usou, em França, e após uma critica bem fundada e argumentada, apresentam *tests* seus, explicando-lhes o alcance e o modo de emprego, para que surtam o desejado effeito.

DISCURSOS — *Ossis Soares* — Imprensa Official — Parahyba — 1919.

O dramaturgo da «Barreira» apparece neste livro com uma feição nova.

Habituaados já estavamos a admirar o escriptor nortista nos seus dramas, a que soube imprimir um cunho de forte originalidade. Agora, como a mostrar a multiplicidade de seu talento e a lhe fazer refulgir as facetas, eil-o aqui enfeixando num livro discursos que pronunciou na Parahyba e no Recife. São elles, ao todo, quatro: *Vidal de Negreiros*, *Nacionalismo*, *Aristides Lobo* e *Festa Academica*.

Apezar de terem sido pronunciados em sessões sollemnes, o que os jungia a certas regras e praxes que seria *shocking* quebrar, elles mostram bem nitidamente o valor de quem os disse. O primeiro, sobretudo, estudando a personalidade do heroico insurrecto parahybano, na guerra hollandeza, é uma peça notavel pela sobriedade attica do estylo, pela justeza dos conceitos, pelo acerto das criticas e pela graça que nella toda refulge. Sente-se que é uma glorificação, mas, no culto que vota ao grande conterraneo, o A. não faz simples declamação, faz analyse da bôa, de quem sabe medir e julgar. E' um bello livro, emfim.

POEMAS DO SONHO E DA IRO-
NIA — *Arnaldo Damasceno Vieira*
— Typ. dos Tribunaes — Rio de
Janeiro — 1919.

Arnaldo Damasceno Vieira é um nome feito na poesia nacional, que enriqueceu com tres livros de versos: «Constellações», «Balladas e Poemas» e com este de agora. Senhor de uma technica desembaraçada o verso não tem para elle segredos, são correntios, bem lavrados, cheios de côr e de fulgurações. E' um poeta de idéas, como se vê neste soneto, *A guerra*:

«Verá seu fim mais tarde... Quando
a Terra,

Deserta e fria, pelo céu vagar.
Então, talvez, desapareça a Guerra,
Por não haver ninguém para lutar.
Proseguirá, porém de terra em terra,
De planeta em planeta, sem parar:
Não morre o Monstro, apenas se

desterra

No infinito systema intersolar...
Arfando as rubras azas impacientes,
De pouso em pouso, ha de alcançar,

emfim,
Os limites dos mundos transcendentés.
E, quando o orbe tocar ao fim do
Fim,

Ao restarem só dois sobreviventes,
Um delles será Abel, o outro, Caím.»

Como a maioria dos nossos poetas, é um subjectivista; analisa as suas dôres mais reconditas, procurando traduzir todos os estados d'alma. E o

consegue superiormente.

PROBLEMAS DE DIREITO PUBLICO — *A. de Sampaio Doria* —
Typ. Piratininga — S. Paulo, 1919.

Se todos os candidatos a cadeiras de ensino superior conseguissem apresentar-se ao publico com uma demonstração categorica do seu valor mental igual a esta, nossas academias readquiririam o prestigio antigo e o fulgor que já tiveram *in illo tempore*. Sampaio Doria, uma das figuras mais brilhantes do nosso professorado, suscreve-a e com ella se apresenta ao concurso de lente de Direito Constitucional e Internacional Publico e Privado na Faculdade de Direito de S. Paulo. O livro estuda o Estado e a sua emanção, a soberania. Abre-o um resumo da doutrina de Rousseau verdadeiramente magistral. Em apenas 37 paginas o A. faz a synthese completa da obra de Rousseau, conseguindo conservar a medida, o equilibrio, o rigor de logica e a elegancia de estylo, que fizeram do Contracto Social uma fascinante força propulsora da humanidade. Lendo-o, tem-se a impressão nitida do porque do successo de Rousseau. Bastariam estas paginas para notabilisar o livro do sr. Doria, tal a pericia com que as architectou. Mas não ficou elle nisso. Depois de fazer a critica do Contracto Social, estuda com a mesma superioridade a concepção de Bluntschli, a do direito divino — conseguindo aqui pôr a questão nos seus verdadeiros termos — a concepção realista e positiva e tambem a de Duguit. Analysa-as e critica-as uma por uma com alto descortino e finalmente expõe idéas pessoas a respeito — um ecclétismo notavel pelo equilibrio do pensamento, pela clareza e sobretudo pela força da logica. O sr. Doria é sobretudo um logico de alta envergadura. Mette as idéas nas retortas dos Bain e dos Mill e analysa-as a fundo. Não lhe escapa uma só feição dos problemas e sabe arrastar o espirito do leitor com encanto até as conclusões finaes, concisas e claras como as de um mestre que é.



VIDA NACIONAL

De 15 a 15

Novembro, 16 — Inaugurou-se em Amparo a Exposição Paulista de Animacs.

17 — Realisaram-se no Piauhy as eleições para a Assembléa Legislativa.

19 — Falleceu no Rio o juriscônsulto Ribeiro de Almeida, ministro aposentado do Supremo Tribunal.

20 — Por convenção popular foi escollido o sr. Paulo Fontes para candidato de opposição á presidencia da Bahia.

21 — No Piauhy a secca continúa horrivel.

24 — A Academia de Letras, por 16 votos contra 7, resolveu declarar sem effeito todas as suas deliberações sobre orthographia, mantendo o *stato quo* anterior.

25 — O governo do Paraná tomou por emprestimo um milhão de francos para pagamento do coupon de divida externa a vencer-se em Abril de 1920.

26 — Foi recebido na Academia de Letras o sr. Helio Lobo, na vaga de Souza Bandeira.

30 — Foi recebido na Academia de Medicina Nacional o prof. Pacifico Pereira.

Dezembro, 1 — O conselheiro Ruy Barbosa inicia uma excursão de propaganda civica pelo interior da Bahia.

2 — Chegam a S. Paulo os professores suecos contractados pelo governo paulista para dirigirem a educação physica nas escolas publicas.

8 — Falleceu em Porto Alegre o general Salvador Pinheiro Machado.

9 — As Camaras Municipaes paulistas representaram ao presidente da Republica pedindo a fixação da taxa do cambio.

10 — Aparece em Porto Alegre o novo diario «Sul-Jornal».

11 — Deram-se graves desordens em S. Salvador da Bahia.

12 — O presidente de S. Paulo partiu para Curitiba para assignar o tratado de paz com o Paraná.

15 — Foi inaugurada na Bahia a Primeira Exposição Estadual do Milho.

...

Nota mineira

SEPARATISMO REAL E IMAGINARIO — Andou ha pouco a imprensa cheia de referencias assustadas a um movimento do Triangulo Mineiro no sentido de tornar-se independente do palacio da Liberdade. A cousa, ao que parece, não foi mais do que um arrufo de politiquilhos descontentes. Verdade seja que as administrações mineiras nem sempre se mostraram lá muito prodigas em encaminhar para essa zona o providencialissimo manná de seus favores. Semelhante escassez, porém, não bastava a justificar ameaças de desquite, mesmo porque muitos dos melhoramentos almejados dependem das boas graças do Governo Federal, cujas cornucopias não chegam para a chuva de oiro do nordeste...

EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



“Rio Batalha”



“Manhã de inverno”

Quadros a óleo de Campos Ayres.

EXPOSIÇÃO CAMPOS AYRES



Óleo de C. Ayres.

“Rio Pinheiros”

Cifrou-se ao cabo em pequena arelia de meia duzia, fragorosamente amplificada pelas gazetas, o annunciado fraccionamento cosmico da estrella brilhante do Sul. Ha, todavia, no mesmo Triangulo Mineiro, assim como em outros pontos do Brasil, graves manifestações de um phenomeno realmente desintegrador, não de uma dada organização federativa, senão da propria essencia da nossa nacionalidade. Consiste elle na crescente entrada de japonezes para essa região do grande Estado central. Ahi está um temerosissimo perigo contra o qual são poucos os mais energeticos alexiterios de que possa o poder publico lançar mão para a defeza da nossa unidade nacional. Porque está sobejamente provado — e a experiencia dos Estados Unidos que o diga — que esses aino-mongolicos não se deixam assimilar. Dizia ha tempos um publicista, com judicioso pensamento, que a America do Norte, máo grado a sua quasi irresistivel força de absorpção, não vingára até hoje extrahir do immigrante japonez mais do que um puro... japonez. E ahi está porque o governo de Washington repugnou á adopção do principio da egualdade das raças. Bem sabia elle o que estava escripto atraz desse pomposo oitenta-e-novismo (passe lá para cousa tão feia o feissimo neologismo) era nem mais nem menos do que uma ironica arremetida da dissolvente expansão nipponica....

Vão longe os tempos em que a propria existencia de uma vaga ilha de Cipango mais parecia cousa de lenda, do que realidade verificavel. Hoje as mais poderosas nações não podem occultar a sua apprehensão ante a soberbissima ameaça do conde Okouma: «Dia virá, diz elle, em que, em pleno seculo XX, o Japão ha de esbarrar o altivo Occidente e arrebatar-lhe o imperio do mundo.»

Desçamos, porém, de tão altos parametros internacionaes para a nossa gleba mineira. Não haveria um meio de recusar a esses emissarios do Sol Levante os auxilios e subvenções com que os quinhóa o governo? Não é que nos inspire o menor receio essa megalomania imperialista dos dignatarios da or-

dem do Chrysanthemo, — senão que havemos mister impedir que se formem no seio do nosso organismo nacional verdadeiros conglomerados irreductiveis e separatistas. Desfaçam-se em fumos os moinhos de vento de Uberaba. Fique, porém, de pé, a interpellar o patriotismo dos nossos dirigentes, o tenacissimo Adamastor expedido pelo Extremo Oriente para difficular a rota ascencional da nossa nacionalidade.

Alvares de Azevedo

A *Revista do Brasil* ao dar inicio á publicação do trabalho do dr. Arthur Motta sobre a bibliographia dos patronos e occupantes das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, com o intuito louvavel de fazer o quanto possivel, obra perfeita, appellou para seus leitores, para que «façam chegar ao seu conhecimento as lacunas e erros» que acaso verifiquem. Bem avisada andou a *Revista*. Obra de tanta monta, em terra de poucos estudos, sómente a completaria sosinho, novo Hercules.

Na leitura que fizemos do ultimo numero que estampa as especies relativas a Alvares de Azevedo, algumas observações nos occorreram.

Assim, a primeira edição, em dois volumes, 1853-55, é do Laemmert, Rio de Janeiro. Em 1861 o Garnier adquiriu a propriedade litteraria por 5 contos, e deu a segunda edição em 1862, Paris, 3 volumes. A quarta edição, na advertencia, traz promessa auspiciosa: «Orna a presente edição o retrato do autor com o fac-simile de sua assignatura.» Retrato e assignatura porém, ainda não appareceram, correndo hoje a 7.a edição.

Na lista das obras, sob os numeros 6 e 7, são citados como ineditos *D. Diniz ou a Bengaleida*, poema, e *Os Jesuitas de casaca e cartola*, a imitação em verso do 5.º acto do *Othello* e a tradução iniciada da *Parisina* de lord Byron. Noutra logar, com mais espaço, diremos a respeito dos ineditos de Alvares de Azevedo. Em carta a seus amigos, referiu de facto, o poeta estar compondo a imitação

do *Othelo* e a tradução da *Parisina*. Não torna porém, a alludir a taes trabalhos, e se chegou a realisa-los, devem ter se perdido. Quanto ao poema a *Bengateida* e aos versos *Os Jesuítas de casaca e cartola*, a única noticia que existe é a que colheu Sacramento Blake, dizendo que em 1887 viu o livreiro Serafim J. Alves annunciar a sua edição, juntamente com uma edição da *Noite na Taverna* que não appareceu. Vê-se pois que a fonte é bem pouco segura, para que acceitemos a informação.

«Collaborou nos Ensaios Litterarios, jornal academico de S. Paulo.» A. Motta, logar citado, apud S. Blake. Realmente, o numero de Agosto . . . (1852) dos *Ensaios litterarios do Athenaeu Paulistano* dando noticia do fallecimento do poeta, lamenta a perda de «um dos mais distinctos e zelosos collaboradores». Entretanto não se sabe, á mingua de exemplares, que produções viram a luz nesse jornal, bem como na *Revista Mensal do Ensaio Philosophico*, orgam da sociedade do mesmo nome, de que foi fundador; o 1.º n.º appareceu em Março do 1851. Só podia ter collaborado na 1.a serie, da qual nenhuma folha se conhece.

Confessamos desconhecer os retratos publicados na *Lyra Popular* e na *Litteratura brasileira* de Victor Orban; Jacyntho Ribeiro na *Chronologia Paulista* tambem traz o seu retrato. Em regra geral (a que não escapou o desenho de Wash Rodrigues são bem pouco felizes. Os melhores são o da Faculdade de Direito, copia a oleo da tela de Krumoltz, que viu o poeta no leito de morte; e outro feito em Paris, dum daguerreotypo tirado aos 18 annos. Este ultimo é inedito.

A's *Fontes para o estudo critico* accrescente-se:

Annaes da Academia philosophica—Rio de Janeiro-185... n.º 2, pag. 56.

—Parnaso Academico Paulistano — Paulo do Valle — S. Paulo-1881.

—Manual de Litteratura — Dr. Joaquim de Paula Souza, cit. pelo anterior.

—Alvares de Azevedo ou Amores da mocidade, drama em 3 actos, pelo dr. Joaquim de Paula Souza, 1870,

typ. do «Correio Paulistano». Sacramento Blake cita este drama, accrescentando que contem allusão a certos amores de Alvares de Azevedo. Não existe allusão alguma. Destacaremos do prefacio — o drama é mediocre— estes periodos: «Alvares de Azevedo representa bem a mocidade do Brasil.. Tira o verniz do prazer, encontraeis o cerne de melancholia que é todo seu interior.» pag. 10.

— Alvares de Azevedo-José Vicente de Azevedo Sobrinho, Outubro de..... 1901, republicado no *Estadinho* — Abril de 1916. Vê-se ahí que um dos pugnadores da idéa de erguer uma herma a Alvares de Azevedo foi o autor dos *Urupês*. Assim começa o artigo de 1901: «Em carta que me dirigiu o academico José Bento Monteiro Lobato . . .»

— Alvares de Azevedo — conferencia — Spencer Vampré — «Gazeta» — 11 e 12 de Maio de 1917.

— Mocidade e poesia — conferencia — Alfredo Pujol — «Estado de S. Paulo», 13 de Outubro de 1906.

— Alvares de Azevedo — Drama — Manoel L. de Carvalho Ramos. Cachoeira (Bahia), Typ. do Guarany, R. de Baixo 8. (Sem data).

Vem a ponto reproduzir, a titulo de curiosidade a noticia que os jornaes do Rio de Janeiro deram do fallecimento de Alvares de Azevedo.

Jornal do Commercio — 27 de Abril de 1852: «Fallecimentos — Morreu hontem, victima da febre amarella, o filho unico do Sr. visconde de Olinda. Falleceu tambem, de um tumór na fossa illiaca, o filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, estudante do curso juridico, e jovem de grandes esperanças.»

O *Correio Mercantil* foi mais amavel para com o jovem de grandes esperanças: «Falleceu ante-hontem, após quarenta um dias de soffrimento, o Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo filho do Sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo, e estudante do quinto anno do curso juridico de S. Paulo. Na occasião de dar-se o corpo á sepultura, no cemiterio do hospicio de D. Pedro II, os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Sr. Joaquim José Teixeira, e o Sr. Domingos José

Monteiro, pronunciarão discursos. Não é só a [chorosa] família desse mancebo quem deve lamentar sua perda: é o paiz inteiro.

Nesse jovem perdeu o Brasil um de seus mais esperançosos filhos, um coração patriótico e dedicado, um poeta cujos vãos devião elevar-se um dia a grandes alturas, um advogado que promettia em breve todos os arcanos das sciencias juridicas pois que já no verdor dos annos, já lhe eram igualmente familiares os poetas e literatos da Italia, da Allemanha, da França e da Inglaterra; assim como os escriptos dos mais abalisados juriconsultos e publicistas.

Restão apenas aos seus inconsolaveis pais e aos seus amigos algumas folhas dessa arvore frondosa e virente cujos fructos não chegarão a sazonar.

Entre as poesias que legou ao seu paiz ha uma que não nos podemos furtar ao desejo de publicar, e que elle escreveu poucos dias antes de adoccer, como antevendo a sua morte: é o canto do cysne moribundo; cila:

Se eu morresse amanhã» Etc.

Na *Noticia biographica*. «O Dr. Almeida Nogueira (Tradições e Reminiscencias...) provou que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua de S. Gonçalo, quasi ao desembocar no largo da Sé.» Motta, loc. cit. Está hoje averiguado e é certo que Alvarés de Azevedo nasceu em casa de seu avô materno Silveira da Mota, á rua Quintino Bocayuva esquina da Senador Feijó. A *Revista do Brasil*, n.º de Setembro de 1919, publicou a reconstituição do local por Wash Rodrigues, e no *Jornal do Commercio*, de S. Paulo, de 2 de Março e de 9 de Abril de 1917, foi exaustivamente examinada a lenda do nascimento do poeta na Academia. A casa indicada por Almeida Nogueira era onde Castro Alves costumava hospedar-se. Vide photographia na *Cigarra*, de 15 de Outubro de 1919.

«Silvio Roméro e Almachio Diniz attribuem erroneamente que elle tenha nascido na cidade do Rio de Janeiro.» Coelho Netto chama-o *poeta flumi-*

nense (Compendio de literatura brasileira, 2.a ed. revista, 1913, Alves, pag. 135). errando tambem a data do fallecimento, 1853 em lugar de 1852. — VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO.

A lisonja

Voltaire, essa xiphopagia bizarra de genio e sarcasmo, affirma que a adulação foi consagrada por Pindaro. Entre os romanos a bajulação augiu no sec. de Augusto. «Julio Cesar affirma apenas teve tempo para ser adulado...» Cicero foi um adulator servil e genial.

Com as demonstrações cainhantes do Senado aos cesares, cessou, na Europa, por uns tempos, a adulação classica; esse colapso de girandolas durou até Luiz XIII, contaminando a Hespanha e a Inglaterra. Richelieu foi amimadissimo. Mas com Luiz XIV, a adulação teve seu supremo fastigio! Desde então a moda pegou...

O adulator é uma especie de azeite que desemperra as engrenagens da vaidade. O homem é tão visceralmente tolo, que adora a bajulação, mesmo que esteja convencido de que o valdevinos que o elogia, é uma crapula. Como a nossa aspiração natural é ser bello e intelligente, sempre é delicioso ouvir alguém nos attribuir esses ornatos, mesmo que o nosso espelho accuse uma catadura de Vulcano e nosso vizinho affirme que a alma de Pacheco se encarnou em nós.

Scarron, reduzido pela doença ao estado de «cul-de-jatte», si não me falla a memoria, procurou ver Voltaire, que affirmára ser Scarron o homem mais feio do mundo.

— Para que? — perguntou o laçao.

— Para ver si elle não é mais feio do que eu...

Até Scarron tinha vaidades muliebres!.. Si todos têm vaidade, claro é que não falta quem as exalte, bajulando. O bajulador, pois, é um ser commodo e precioso. E' um macrophono vivo das virtudes alheias.

O adulator faz carreira. E' Prospero Fortuna em Abel Botelho; é Tigellino na córte neroniana; é esse typo parlador, ínvertebrado, que atulha

os gabinetes dos nossos políticos e gravita em redor dos ricos e das celebridades. Tem um paladar forrado de nickel para achar generosos todos os vinhos e um ouvido de cimento-armado para encontrar musica em todos os versos. Mestre em redigir noticias de anniversario, faz discursos floreados no fim dos banquetes; chama os outros de «excellencia» e usa dobradiças de cartilagem na espinha elastica.

Os fortes adoram essa parte da fauna humana; os imbecis vivem da vida artificial que elles lhes emprestam. São uma praga. Conta-se de certo rei que vivia cercado destes. Esse rei, como Ahenobarbo, fazia versos ruins como os de um poeta paulista, que, por desfastio, não tendo mais paciencias alheias para matar, matou Deus! Os cortezãos — os aplasmicos aulicos das côrtes — affirmavam que os versos eram doces como assucar. O rei, que não confiava nelles, chamou ao seu conspeito certo vate sincero e cheio de fama. Leu a versalhada e indagou.

— Que tal?

— Majestade. Esses versos estão bons para o fogo....

O tyranno chamou os archeiros e prendeu o vate em uma masmorra.

Emquanto o vate chorava pela sua sinceridade, o rei galgou o Pegaso e despejou do cerebro mais versos.

— Lindos! clamaram os cortezãos.

— Chamem o poeta.

Tiraram-lhe as algemas e conduziram-no á côrte. Leu a estopada.

— Que tal?

O poeta hesitou e depois, num gesto resignado, chamou os guardas.

— Podem levar-me outra vez para a cadeia....

Do exposto se infere que ser adulator é bem melhor que ser homem de principios. E o povinho nosso, esse delicioso, ingenuo e ironico Zé Ninguem que atulha o interior da nossa terra, querendo caracterizar num symbolo os typos dos bajuladores, creou a fabula do macaco. E' assim:

Rei leão queria saber si seu halito cheirava ou era desagradavel. Chamou o chagal: «Féde ou cheira?» — «Cheira, Majestade!» E o leão devo-

rou-o porque mentia. Chamou o burro. «Fédel» zurrou o quadrupede. O leão devorou-o porque era irreverente. Chamou a paca. «Nem féde nem cheira...» — «Mentes, pela gorja», rugiu o rei dos Bichos, que era lido em Fernão Mendes, Azurara, Bernardim e quejandos classicos. Chamou o macaco; esguelou-se e indagou:

— Que tal?

— Nada posso dizer, Majestade, estou constipadíssimo...

E deu um espirro. E o macaco foi chamado o «*nãis sabio dos bajuladores*»....

Será por isso que os perversos nos chamam de *macaquitos*?

Não! Entretanto a arte de bajular está entre nós tão adeantada, que a giria arrancou a flora verbal das sargetas a monstruosidade deste neologismo: «pegar no bicol»

Nosso aperfeiçoamento chegou até ahí... — HELIOS. (Do *Correio Paulistano*, S. Paulo).

Carta a Lindolpho Gomes

Meu illustre confrade. — Li com grande prazer a sua dissertação inserta na *Revista de Lingua portugueza*, ácerca do passo confuso que se depara no *Auto da festa*, de Gil Vicente.

Infelizmente não possuo a obra do Conde de Sabugosa, que nem por acaso apparece em nossas livrarias, mormente em cidades provincianas; mas isto não me impede de apreciar os meritos da questão, mediante os escriptos de Leite de Vasconcellos e Oscar Pratt, aos quaes veio juntar-se agora a sua hypothese tentadora. Confesso que ella me parece melhor que as outras e felicito-lhe o engenho.

Isto, porém, não me impede de pôr a *colher torta* no banquete, aventando outra hypothese que se me antolha — já se vê — mais singela e perfeitamente satisfactoria.

Reconstruamos o caso.

No referido *Auto* apparece uma quintilha em que, evidentemente, andaram correcções de copistas, que não só embrulharam o sentido, mas, sem duvida alguma, amesquinharam o pensamento. Eis a quintilha:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzias de perdizes
e outras semelhantes penitas,
farás que as varas dereitas
se tornem em cousas fritas.»

O Conde, segundo Leite de Vasconcellos, levádo certamente pela necessidade de harmonia no verso, pelas exigencias do sentido e do contexto, suggeriu que *penitas* era erro, por *peitas*, o que se me afigura fóra de qualquer duvida. Mas, se ali collocarmos *peitas*, o quinto verso ficará sem rima.

Por outro lado, succede que aquelle *cousas fritas*, sem sentido apreciavel, traindo enxerto violento, é o que mais revela ao meu espirito um esforço consciente de copista inhabil para alterar um texto com o fim de forjar uma rima.

Leite de Vasconcellos propoz que em vez de *cousas fritas* se lesse *contradictas*, acceitando embora a mudança de *penitas* em *peitas*.

A quintilha ficaria sendo:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzias de perdizes
e outras semelhantes *peitas*,
farás que as varas dereitas
se tornein em *contradictas*.»

Mas, como observou Oscar Pratt, nem o sentido, nem a rima, favorecem esta hypothese.

Não contente, pois, com a emenda de Vasconcellos, propoz Oscar Pratt, depois de varias considerações, as correções que se vão ler:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzias de *penitas*
e outras semelhantes *peitas*,
farás que as varas dereitas,
as tornein em contradictas.»

Como se vê, supprimiu no 2.º verso a palavra *perdizes* e encaixou ali o recusado *penitas*; escreveu *peitas* onde estava *penitas*, no 3.º verso; transformou *se tornein em as tornein*, no 5.º verso. Tudo isso é, evidentemente, *alambicado*; mas o que mais repugna ao meu espirito é o sentido. Pela corrigenda de Oscar Pratt o que iria

constituir *peitas* seriam as *penitas*, com o sentido de *pequenas penas*! Mesmo que se tratasse do mais corrupto dos magistrados, ainda assim seria por demais rebuscado suppor que umas *penitas* se tornassem *peitas*.

Foi isto, por certo, que levou o meu illustre confrade mineiro a propor a sua solução, transformando as *perdizes* em *perdigotas* e as *cousas fritas* em *varas tortas*, com rima toante. Firma-se, e muito bem, em que a idéa de *varas tortas* é clamante em face daquellas *varas dereitas*. Tambem a mim quer parecer-me que nenhuma solução do problema poderá impor-se á critica séria, se fizer táboa rasa dessa antithese.

Vem agora a quintilha com a sua corrigenda:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzias de *perdigotas*
e outras semelhantes *peitas*,
farás que as varas dereitas
se tornem em *varas tortas*.»

Apezar da dureza do 2.º verso, é certamente melhor do que as corrigendos dois outros. Entretanto, afigura-se-me que a solução é outra.

Para chegarmos a um resultado satisfactorio, é mister que, antes de mais nada, determinemos se aquelle *penitas* fica ou deixa de ficar no texto. Porque, se se concluir que essa palavra não passa de um mero engano e que está em lugar de *peitas*, é forçoso concluir, igualmente, que desse equivoco é que nasceram todas as mais confusões e alterações. Quanto a mim, não tenho duvidas: o que se deve ler ali é *peitas*, não *penitas*. E sendo assim, a historia desse pastel deve ter sido a que se segue.

— Um engano fez que se trocasse *peitas* por *penitas*. Isto levou um escriba ousado a alterar o final do 5.º verso para dar rima a *penitas*. A palavra que elle substituiu pela expressão absurda e chata — *cousas feitas* devia, em primeiro lugar, rimar com *perdizes* (abaab) e em segundo lugar conter a idéa de *varas tortas*, como legitimamente reclama o meu douto confrade.

Pois bem, quer saber agora o que

foi que Gil Vicente escreveu, segundo penso? Aqui vae a minha hypothese:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzia; de perdizes
e outras semelhantes *peitas*,
farás que as varas *dereitas*
se tornem em *aboizes*.»

Mas que é *aboiz* ou *boiz*? Aulete no-lo diz: «Armadilha para os passaros, consistindo em uma *haste dobrada em arco* (o grypho é meu), que ao voltar á sua primeira posição apanha os passaros em um laço preso á extremidade livre e onde está mettida a isca.»

E agora, meu caro confrade, se não houver tréplica á réplica, esperemos que os entendidos nos digam qual dos filhotes é mais bonito, se o seu ou o meu. Porque nós ambos de certo comemos o risco de fazer como a coruja da fabula...

Seu confrade e admirador — OTHONIEL MOTTA.

...

Revistas e Jornaes

Um simples problema

O problema da educação physica no Brasil apresenta-se-nos como dos mais complexos e difficeis de resolver, se apenas o considerarmos tendo em vista a vastidão do nosso territorio, a relativa escassez dos meios de communicação e principalmente a quasi geral falta de instrução, e outras falhas de organismo social brasileiro.

Mas se de outra parte tambem levamos em conta a época excepcional que atravessamos, nella podendo facilmente aproveitar da experiencia de quasi todos os outros povos no assumpto, vemos que a questão logo, extraordinariamente se simplifica e facilita. O Brasil, como paiz novo que quasi nada fez no sentido de tornar todo o seu povo mais forte e mais resistente e portanto mais trabalhador e productivo, justamente por isso se encontra numa situação ideal para fazer de uma só vez, sem tentativas, o que precisa, o que póde e o que

deve fazer em materia de educação physica. Aqui não estão enraizados preconceitos relativos á excellencia de certas actividades physicas e ao inconveniente de outras. Não soffremos, como até ainda ha pouco soffreu a França, a funesta influencia do tradicionalismo que no assumpto collocou aquelle paiz em ultimo lugar, depois da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Scandinavia, da Argentina, do Uruguay e de muitos outros que deixamos de mencionar para não ir longa a lista. No Brasil, de facto, o campo precisa ser desbravado para que possa produzir alguma cousa. Mas si ainda não recebeu a boa semente ao menos nelle não medraram os fructos de um passado de erros.

Sobre a questão não nutrimos, felizmente, preconceitos de qualquer especie que possam tolher ou embarçar o nosso esforço em prol do aperfeiçoamento da raça que tanto deve e precisa ser intelligente e forte, para assegurar a consecução dos seus ideaes.

Como nós estavam os Estados Unidos ha cerca de cincoenta annos. O exemplo que tomaram foi o da velha Inglaterra, com a sua série de seculos de sport. E de tal modo o seguiram e adaptaram, evitando cahir nas mesmas faltas da sua antiga metropole, que já nos ultimos annos do seculo passado affirmaram-se, nos jogos olympicos de Athenas, os primeiros athletas do mundo. E' que ao se iniciarem na vida ao ar livre não obedeciam, na materia, a tradição alguma e assim gosavam de todo o espirito de livre exame e ainda mais da experiencia de longos annos dos paizes europeus. Começaram tudo pelo principio, sem outra idéa preconcebida além da de obter os melhores e os mais duradouros resultados, o mais depressa possivel.

E nem agora, quando sem contestação lhes cabe a honra e a gloria de serem considerados os melhores athletas do mundo, deixam-se os norte-americanos dormir á sombra dos fartos louros colhidos. E nem tambem ficam-se contemplativos, extaticos, ante o que já fizeram. Basta que adquiram a certeza ou vejam probabilidades de conseguirem resultados melhores, cus-

tem não importa que outros esforços, e logo transformam completamente ou em parte os systems, os methodos e os processos que lhes asseguraram seus mais brilhantes triumphos. O que querem são novas victorias, maiores e melhores.

O que fizeram os norte-americanos em cincoenta annos nós o poderemos fazer em dez annos, em vinte annos, quando muito. A nossa situação relativamente á educação physica é agora quasi a mesma que a dos Estados Unidos quando instauraram a pratica dos sports com uma religião nacional. No que differe é para melhor, pois beneficiamos do facto de que actualmente essa disciplina não é mais uma arte de preceitos incertos e mais ou menos positivos. Hoje é uma sciencia que se filia directamente na biologia e que está com os seus objectivos e os seus methodos bem definidos e caracterisados.

Entretanto porque ainda não começámos não se pôde e nem se deve concluir que sempre estejamos em tempo de começar. O momento em que estamos nos é, sem duvida, excepcionalmente favoravel, mas é tambem certo que elle passará e depressa. Temos de aproveitá-lo e já. Os povos que se retardam condemnam-se, elles mesmos, a extincção total. Ou progredimos ou desaparecemos, disse Euclides Cunha.

Visinhos nossos, — a Argentina, desde 1904, e o Uruguay, desde 1906 — mais do que nos indicam o caminho a seguir. Desafiam nos, na luta pela hegemonia sul-americana, a que mostremos tambem de quanto somos capazes, incitam-nos a que sejamos tão ou mais fortes e resistentes do que elles, para que obtenhamos a victoria final, senão na luta militar, ao menos na luta commercial, pela expansão economica. — ARIEL (Do *Sport*, São Paulo).

Aviso

O homem cuida de tudo, menos de si. Fundam-se sociedades para o aperfeiçoamento de todos os animaes; organisam-se e inauguram-se exposições, com premios, de todas as castas de

bichos; exhibem-se em mostuarios animalijos repugnantes, como ratos brancos; publicam-se monographias eruditas sobre o cavallo de guerra, sobre o boi de carro, sobre os gatos de Angora, até sobre os lagartos e sobre o homem, nem palavra.

Parece que se trama, ás surdas, uma conspiração contra o rei dos animaes para implantar no mundo a fórmula republicana, assumindo o governo o bicho que reunir maior suffragio, e não será, naturalmente, o leão, que hoje é raro, mas o rato, que nos ditará leis de dentro de algum queijo. E, quem sabe lál talvez lucremos com a mudança. A politica tem tantas surpresas!...

Já um sabio vaticinou que o mundo acabará dominado pelas formigas que, de todos os insectos, é o mais intelligente, prolifico, esforçado e tenaz. Não duvido que se realice a prophesia entomologica, principalmente porque o homem, que é ameaçado, longe de oppor-se á sentença tremenda, preparando-se para reagir contra a invasão termita, enfraquece-se a mais e mais lembrando, pelo relaxamento em que vive, aquelles desvaierados crentes que, fiados na prophesia do millenio, certos de que o mundo desaparecería convulso á ultima badalada da meia noite do anno 999, deixaram de mão todos os instrumentos de trabalho, entregando-se: uma parte, a penitencias, e outra, aos vicios mais nefandos. E o mais util, que rompeu radioso, desmentindo os augurios tragicos, encontrou uma humanidade mórbida e flagellada, uns enfraquecidos pela abstinencia, martyrisados pelos flagícios, outros contaminados de males torpes, imbecilizados d'alcool, acarrados nos campos ou raspando a lepra como Job em Hus.

Que o homem é hoje um ser abastardado é verdade que não requer demonstração, por ser patente. As doencas concorreram em muito para a dyscrasia que se manifesta, a miseria accrescentou mal ao mal, a vida intensa aggravou-o e, como se não bastassem taes factores de atrophía, ainda os homens, na corrida em que se precitam para um Nirvana, peor que o budhico, apanham no caminho, como fa-

zia Atalanta, os dons que lhes atira o Demônio, imitando o gesto perfido de Hippómenes.

E que dons são esses? serão frutos de ouro, como os do corredor grego? Não! se fossem frutos seriam da Arvore do Paraíso, e mais perniciosos do que o primeiro, porque não levam á morte um só casal, mas toda a Humanidade.

Vêde esses rapazes macilentos, de olhos assonorentados, témulos, balbuciantes, que se imbecilizam com estupefacientes, que se infecionam em alcooes, que passam ás noites em claro nas tavolagens infectas, bebendo, fumando... E' uma mocidade murcha, fragil, sem ideal, em cujos bolsos poderá faltar dinheiro, mas haverá sempre um frasco de ether ou de morphina, cocaína e um estojo Luer. Essa é a mocidade chamada no hymno a «esperança da Patria».

Bôa esperança, não ha duvida. Se é com ella que a Patria conta para vencer no futuro está bem arranjada.

Decididamente as formigas podem ir tratando de revolução democratica, que dethronará o rei da criação porque o 15 de Novembro não lhes dará trabalho.

A indifferença com que o homem encára o terrivel problema chega a ser revoltante. E' verdade (sejamos justos) que ha um pequeno grupo de reaccionarios que cumprem os preceitos de hygiene e praticam o esporte. Contra esses, porém, (e isto ha, a meu ver, trabalho subterraneo de formiga) já se levantam vozes a pretexto de que a vida ao ar livre, os exercicios de campo e nagua compromettem o desenvolvimento intellectual e o governo, para salvar o genio do povo, está disposto a taxar pesadamente, com impostos, todas as sociedades esportivas, limitando-lhes os treinos.

Felizmente em S. Paulo, graças á propaganda activa de um estheta o Dr. Renato Kehl, fundou-se uma sociedade eugénica, da qual fazem parte as maiores summidades medicas paulistas.

Preconizando a sciencia de Galton, que trata do aperfeiçoamento physico e moral do homem, a Sociedade Eugénica de S. Paulo, realisando confe-

rencias, espalhando boletins, pregando, demonstrando vai conseguindo realizar, ainda que lentamente, a obra philantropica da regeneração do homem, para cuidar, em seguida, do aperfeiçoamento da especie. A materia prima que ahí temos está tão estragada que se não fôr convenientemente corrigida e apurada não dará producto apreciavel... e as formigas (ou os ratos) tomarão conta do mundo, o que será uma espiga e uma vergonha para a especie humana.

Ainda é tempo de corrigirmos o nosso erro — pratiquemos a eugénia, tal como nola ensinam os seus nobres propagandistas, e regressaremos á idade de ouro apollinéa, idade da belleza e da força, mantendo o senhorio do mundo. Se tal não fizermos, aíl de nós, «vae victis!» o mundo ficará transformado, como annunciou o sabio, em immenso formigueiro e nós, teremos a sorte da cigarra da fabula que:

ayant chanté
Tout l'été,
So trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue.

O resto é conhecido.

COELHO NETTO — (D'A Noite, Rio).

Immigração allemã

Encaremos o problema da immigração desses povos abatidos por longos soffrimentos e em parte forçados a viverem á sombra de bandeiras que talvez detestem, sob o ponto de vista dessa immigração convir ou não ao Brasil e como ella deva ser orientada.

Que nos convem é incontestavel; principalmente a do aldeão dos varios povos allemães que é um incansavel trabalhador de bons costumes, apegado á familia, e com sentimento religioso arraigado, se é que ser religioso é qualidade.

São camponezes, os quaes, todos, passaram pelas escolas primarias e grande porcentagem delles frequentou escolas de especialidades ou cursos de aperfeiçoamento, que existem na maior



abundancia em todos os Estados e Provincias habitadas pelos povos allemães.

Essa gente nos trará innumerous ensinamentos, virá criar culturas e industrias agricolas e nos ensinar expedientes de aproveitamentos que não temos; virá mostrar o quanto vale a instrução aos que pensam que um paiz julga-se pelas avenidas, parques, palacios, luxo e tres ou quatro curiosidades cinematographaveis: paradas, exposições zoologicas e paisagens.

O perigo allemão!? Está no nosso governo não deixar renascer esse espantallo cuidando da localisação dos colonos, não consentindo que se formem grandes nucleos de uma só nacionalidade, como aconteceu em Santa Catharina, bem como espalhando escolas regidas por bons professores brasileiros; prohibindo e perseguindo impiedosamente esses prégadores e exploradores do «Deutschum (allemanismo), nem sempre allemães ou austro-allemães de nascimento, nem de convicções, os mais delles, simples contractados «pour le metier»; não permittindo tambem o estabelecimento de nucleos que pareçam pensadamente localizados em logares estatégicos, como vêm fazendo os obliquos japonezes. Confiar desconfiando. Aos colonos competirá o respeito as nossas leis; nada mais. Não queremos dentro do nosso paiz nem Allemanhas, nem Austrias, nem Italias como esses Japões que se estão formando no litoral e nos sertões da Noroeste e da Sorocabana a essa ex-nova Allemanha de Santa Catharina.

A localisação dos colonos allemães não deverá em caso algum, ser feita no sertão como muitos pretendem para se desfazerem a bons preços, de vastas extensões de terras, muitas dellas escandalosos «grillos» (terras adquiridas por documentos falsos). Será un desastre encaminhar esses colonos recém-chegados para terras longe de recursos e onde ainda existem, as asperesas das zonas novas: desconforto, molestias e falta de escolas. Os allemães não vivem onde não ha escolas.

Os syndicatos allemães e austriacos devem tratar desde já, de accôrdo com os nossos governos federal, estaduaes e municipaes de adquirirem terras des-

bravadas das chamadas cansadas, dividilas em lotes e construir casinhas para que as familias de colonos em aqui chegando vão directamente para o seu chão adquirido a prazos generosos. Existem grandes fazendas velhas, quasi em abandono ou abandonadas, em todos os Estados, que se prestam admiravelmente, já pelo clima e pelas terras, já pela proximidade dos grandes centros, em zonas servidas por estradas de ferro, para serem colonizadas por gente affeita á agricultura intelligente, por esses lavradores que não conhecem o machado, a foice e o fogo como unicos «recursos agricolas», gente essa que desde que nasceu conhece a charrua, a estremeira, a rotação das culturas, a boa semente e outras praticas da verdadeira agricultura.

E' necessario frisar que, para os colonos fixarem-se definitivamente e se adaptarem com facilidade ao paiz que os quer receber de bom grado, é necessario que venham formando familias regulares e não dessas que «se casam» no cães ou a bordo e para cada nucleo dar escolas sufficientes para as crianças; escolas e mais escolas para não surgirem novos «perigos».

Aos proprios syndicatos e sociedades protectoras da emigração e da immigração não convem que com os seus patricios, forçados a abandonar seus lares, venham e convivam esses criadores de antipathias, os taes propagadores de idéas de nacionalismo e outros ismos, em paiz alheio. Aqui é Brasil!

Os estrangeiros devem estar sentindo como de norte a sul, principalmente onde mais estrangeiros ha, os brasileiros collocaram-se numa legitima defesa contra a influencia que vão pretendendo adquirir certas nacionalidades nos nossos negocios internos e contra a arrogancia enfatuada de certos individuos.

O Brasil é dos brasileiros, é o nosso lemma. O nosso Congresso Federal deveria legislar prohibindo os jornaes em linguas estrangeiras, jornaes esses lidos por pouquissimos brasileiros; nem nas repartições policiaes são lidos! A imprensa estrangeira julga-se no direito de tudo criticar, de tudo apreciar sob um ponto de vista quasi sempre individual ou de cada colonia

e não raro até nos insultar atrevidamente, ou por entrelinhas, o que passa, as mais das vezes, despercebido, e sem a merecida resposta ou castigo. O jornalista estrangeiro encara os problemas de ocasião ao paladar dos seus leitores; é advogado só do que convém a si proprio ou aos seus patricios ou advogado de grupos interessados na defesa de determinadas opiniões. É um absurdo existir imprensa editando jornaes e revistas communs em linguas estrangeiras num paiz novo que já recebeu e vae receber centenas de milhares de estrangeiros das mais variadas nacionalidades, falando linguas e dialectos os mais diversos, uma salada russa... até japonez! Só nos falta o esquimáú e o patagão.

Imagine-se um jornal para cada colonia!

Quem quizer lêr na sua lingua assigne jornaes do seu paiz; compre livros e revistas.

Estamos plenamente convencidos de que a mania da «Neue Deutschland in Brasilien» passou, está curada, e de que, hoje, os allemães querem vencer pelo trabalho, faculdade essa que nenhum outro povo possui como elles em todos os ramos de actividade. Nas sciencias, nas industrias, no commercio em conjuncto, a Allemanha e a Austria allemã attingiram a um grau que nenhuma outra nação attingiu. O militarismo prussiano derrocou esse grande efficio → o trabalho allemão — trabalho de uma raça que teve a organização mais perfeita que jamais existiu.

O povo allemão teria conquistado o mundo com o triumvirato — trabalho, tenacidade e intelligencia — sem o canhão, era questão de tempo. Aqui no Estado de S. Paulo mesmo para contrabalançar outras nacionalidades a immigração allemã e a austriaca será de grande proveito sob todos os pontos de vista, se localisada com intelligencia e instruida do modo que se deve comportar.

A assimilação será facil pela educação das crianças *em boas escolas brasileiras*, constantemente combatidas — sempre — a propaganda estrangeira dentro da nossa casa; ha idéa de levar

de immigrantes trazerem seus professores.

Na escola é que se formam os patriotas.

Estrangeiro é aquelle que não fala a nossa lingua, é aquelle que nos procura só para tirar algum partido; é estrangeiro o immigrado ou filho de immigrado enquanto não pensa e não sente um pouco como o brasileiro. O estrangeiro que quer ser estrangeiro *tem* de—ficar no seu logar—como lá no seu paiz é *obrigado* a ficar qualquer immigrado rico ou pobre. Aqui ha muitos estrangeiros, dos antigos, que se tornaram dos melhores brasileiros, de corpo e alma, nossos verdadeiros amigos, com descendencia até jacobina, e que são os primeiros a desprezar esses caipiras com verniz de «cabarets», esses macaqueadores que tudo achincalhã, quando da sua terra, por pedantismo e ignorancia ou estupidéz. Ultimamente, os que têm aqui aportado consideram o brasileiro um objecto de exploração e «isto» uma colonia a ser exaurida, uma rica mina a ser explorada até acabar.

Precisamos povoar o nosso vastissimo territorio, desenvolver e aperfeiçoar a nossa produção recebendo gente laboriosa que se torne nossa amiga, que se funda connosco, para que o paiz prospere rapidamente e o Brasil venha a ser uma nação forte — pelo trabalho — porém, o *Brasil só dos brasileiros*. — O. F. (Do Estado de S. Paulo).

Os Bandar-log

Desde os mais remotos tempos serviram-se os moralistas de analogias entre o proceder dos homens e o dos animaes para darem conselhos salutaes e corrigirem defeitos por meio de fabelas mais ou menos transparentes. Já Salomão mettia em brios aos preguiçosos com o exemplo das formigas. Esopo, Phedro e Lafontaine puzeram muita verdade, dura de dizer, na bocca dos bichos, e mais modernamente um hindu' o celebre Rudyard Kipling escreveu «O livro de Jungla», que, sob a fórma de historia de animaes, é uma fina satira dos habitos e paixões humanas.

Nesse trabalho, obra prima de «humour» digna da penna de Swift, com a vantagem de conter mais elementos de sympathia e de bondade, desfilam inumeros caracteres, admiravelmente recortados. Aqui é o velho urso Baloo, doutor da Lei, inesgotavel repertorio de maximas cheias de bom senso. Além é Bagheera, a panthera negra, toda altivez e violencia. Entre elles destaca-se a figura inolvidavel da serpente Kaa, que, habituada a matar por constricção, desprezava soberanamente o povo venenoso das cobras humillimas e, havendo recebido dos macacos a alcunha insultuosissima de verme, sempre substituiu em suas colericas narrativas essa classificação pela de peixe, a seu parecer mais compativel com a dignidade de um pythão.

Mas onde a satira, applicavel a sociedades que se não sabem governar, ou organizar, o que vêm a dar no mesmo, se torna magnifica de ironia, capaz de pedir meças á «Ilha dos Pinguins», de Anatole, é nas passagens em que o autor nos pinta os Bandar-Log, o povo dos simios. Eis como os descreve o autorisado e sempre judicioso Baloo, velho mestre em coisas do «clan»:

«Andam sempre a pique de vir a ter chefes, leis e costumes proprios, mas nunca chegam a realizar tal desejo, porque sua memoria é incapaz de reter o quer que seja por longo tempo. Todos os seus projectos ficam em projectos, apesar de os seus oradores viverem repetindo com gestos

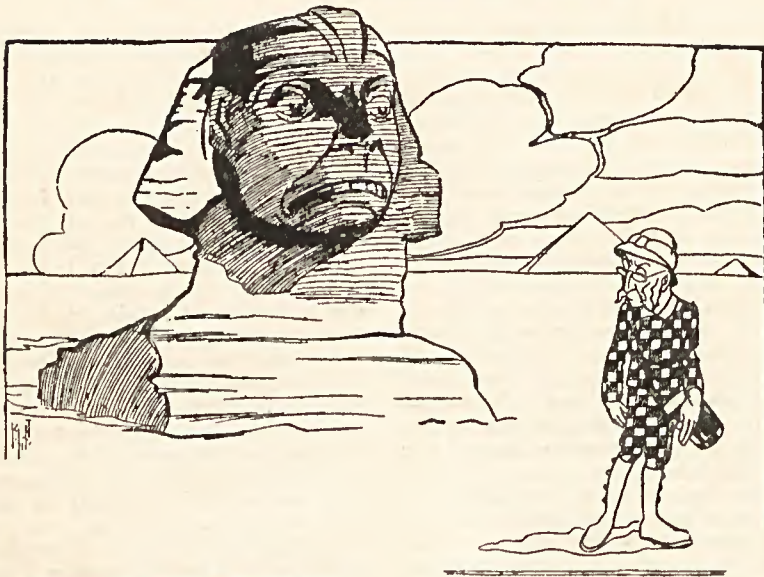
espectaculosos: — Nós somos grandes, somos livres, somos surprehendentes... Somos o povo mais espantoso da mata, diante do qual se hão de um dia curvar todos os outros... — Mas fatigam-se depressa. Arrastam ás vezes consigo um ramo de arvore horas e horas com a intenção de com elle fazerem grandes coisas, e, de repente, partem-no e atiram para longe. Seu grande empenho, se é que podem ter verdadeiros empenhos, é chamar a attenção e provocar a admiração dos demais habitantes do bosque...»

Mas paremos aqui. Esses Bandar-Log são nossos velhos conhecidos. Vemol-os diariamente a encherem com a sua vaidade incorrigivel o ambiente corrupto que em torno de nós cria o funambulismo simiesco dos politicantes sem nenhum merito. Trepam ás mais altas arvores, reúnem-se em conselhos de parlapatices, desenrolam programmas vistosos, promettem mundos e fundos, e afinal não entendem de nada e são incapazes de realizar o que quer que seja.

Contra esses fatuos e execraves volatins da vida publica é que havemos de dirigir os nossos ataques, se não quizermos ver o paiz todo convertido em propriedade delles, com o banimento systematico dos verdadeiros valores da floresta — o leão, a panthera e mesmo o sentencioso Baloo, cuja moderação de conservador serve de contrapesar os axageros individualistas do tigre. J. A. NOGUEIRA (Do *Estado de S. Paulo*).



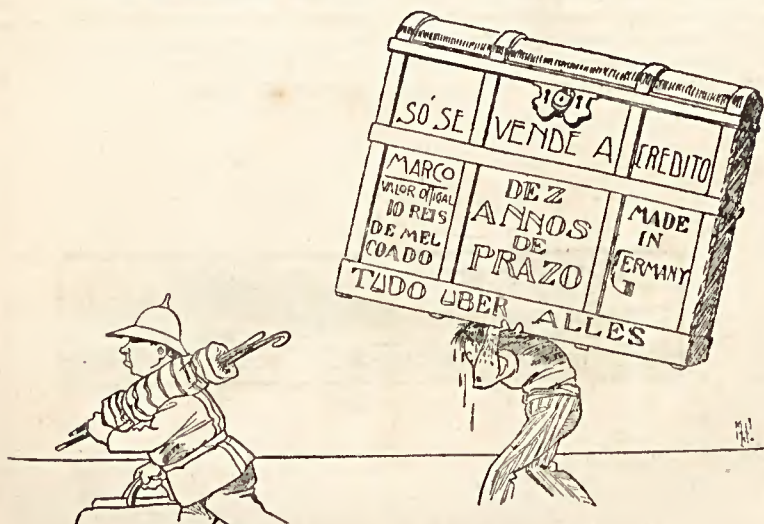
Revolução nacionalista no Egypto



Enygma nada pittoresco.

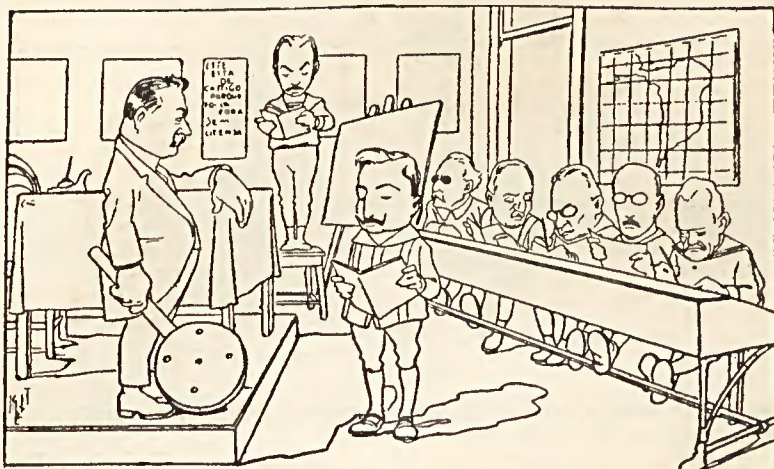
A Esphyngue — *Decifra-me, ou devoro-te!*

A proxima grande offensiva alemã



CARICATURAS DO MEZ

Um despacho colle... gitivo do governo "pessoal"



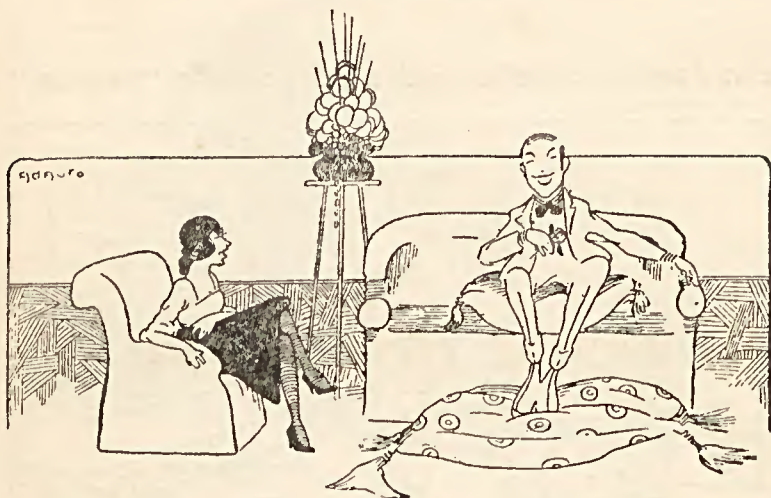
Os rapazes dão conta de suas tarefas da semana.

A MURALHA



Emquanto todos trabalham um se diverte.

Mulher ou homem ?



— Já era tempo, senhorita, de fazermos as nossas inversões, nós também somos um bello sexo.

Adauto - *D. Quixote* - (Rio)



Prefiram FALCHI, o melhor chocolate.

INDICE GERAL DO VOL. XII

NUMERO 45, — Setembro de 1919

O MOMENTO.	1
A INDEPENDENCIA, Pandiá Calogeras.	3
VIAJANDO (XIV), Martim Francisco	12
O ESPIÃO ALLEMÃO, Monteiro Lobato	22
VERSOS, Gustavo Teixeira	33
O ROUBO DA CRUZ PRETA, V. de P. Vicente de Azevedo	38
O SALÃO DE 1919, Rodrigo Octavio Filho.	44
CARRILHÃO DE SYMBOLOS (II), Alberto Rangel	52
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira	56
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Arthur Motta	64
BIBLIOGRAPHIA	72
RESENHA DO MEZ	78

NUMERO 46 — Outubro de 1919

O DIREITO DOS NACIONAES	97
A INDEPENDENCIA (II), Pandiá Calogeras	99
OUTRA HERO, Hermann Lima	109
O GORDO ANTHERO, Godofredo Rangel	121
VERSOS, Heitor de Moraes, Magalhães de Azeredo e José Lannes	126
A DOCTRINA DE FREUD, Franco da Rocha.	130
A LUCTA CONTRA O TRACHOMA, Serafim Vieira	137
ACADEMIA BRASILEIRA (II), Arthur Motta	145
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira	164
BIBLIOGRAPHIA	171
RESENHA DO MEZ	177

NUMERO 47 — Novembro de 1919

REVISTA DO BRASIL	193
ANNIBAL THEOPHILO, José Oiticica	197
MANIFESTAÇÕES DO NACIONALISMO, Rubens do Amaral .	218
O LUZEIRO AGRICOLA, Monteiro Lobato	226
VERSOS, Laura da Fonseca e Silva	235
A NOIVA DE OSCAR WILDE, Sergio Spinola	239
A PHILOSOPHIA DE J. INGENIEROS, Henrique Geenen .	246
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira	256
ACADEMIA DE LETRAS (III), Arthur Motta	263
BIBLIOGRAPHIA	274
RESENHA DO MEZ	278

NUMERO 48 — Dezembro de 1919

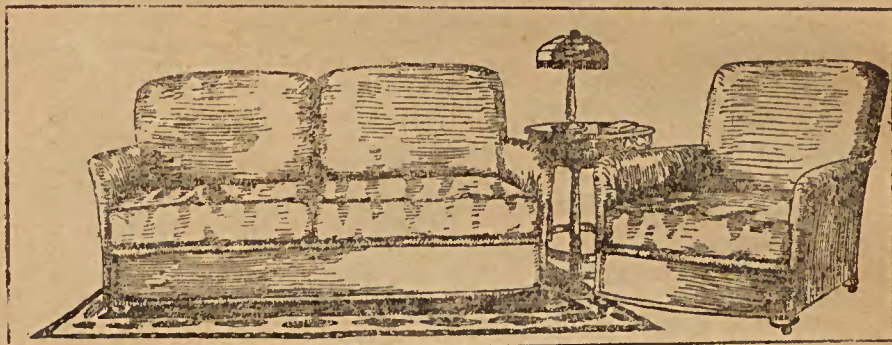
CULTURA E CIVILIZAÇÃO	289
NISIA FLORESTA, Oliveira Lima.	291
CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL, Francisco Inglesias	301
MAGUA QUE RALA, Lima Barreto	310
A TRISTEZA DO SUBDELEGADO, Amando Caiuby	318
VERSOS, Julio Cesar da Silva	324
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, J. A. Nogueira	329
A NOIVA DE OSCAR WILDE (II), Sergio Spinola	333
DIARIO DO VISCONDE DE TAUNAY	341
ACADEMIA DE LETRAS (IV), Arthur Motta	346
BIBLIOGRAPHIA	360
RESENHA DO MEZ	368



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO

□ □ □



*Fabricamos estes moveis pelo mesmo
systema usado para os sofás e poltro-
nas dos "Clubs" Londrinos. ::
São empregados couros dos melhores
cortumes inglezes e todos os outros
materiaes, de primeira qualidade. ::*

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA - S. PAULO

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Traves-
sa da Sé, 6, Telephone cent. 2150.

Drs. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio; Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

Dr. RENATO KEHL. — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Liberio Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: rua Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. 2559.

Dr. SYNESIO RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica **especialmente**
das crianças Res. R. Bella
Cintra, 139. Consult.: R. José Bo-
nifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9, Telephone 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTETOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o scu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Tele-
phone n. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titulos
— Escriptorio Travessa do Com-
mercio, 7. Telephone 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commercio
5 — Teleph. 323 — Res.: Rua Al-
buquerque Lius, 58, Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEONI-
DAS MOREIRA — Caixa Postal
174. End. Telcg. "Leonidas", São
Paulo. Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Pentecado — São
Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO Dr. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Acacio
G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. —
Emilio Rocco. — Novidades em
casemira ingleza. — Importação
directa. Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel, Tel.
3333 cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia,
Litteratura - Revistas - Mappas - Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 - TELEPH. NORTE, 5667 - End. Tel. "LIVROMOND"
CAIXA POSTAL, 785 - RIO DE JANEIRO

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eu-
genia, grosso volume com todos os trabalhos, confe-
rencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo.
— Preço: 8\$000, incluido o porte.

Phosphoros

Segurança

Marca

OS UNICOS QUE



Casa Nathan

S. Paulo

“Trevo”

SE EXPORTAM

A' Illuminadora



Artigos Electricos em geral

Motores electricos para
machina de costura e
para outros fins.

Lampadas Economica e 1/2
Watt

Candelabros e Abat-Jours
de seda para Electricidade

47, Rua da Boa Vista - S. PAULO

Foagerie - Horlogerie - Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galeria)

Pierres precieuses - Brillants - Perles - Orfèvrerie - Argent - Bronzes et
Marbres d'Art - Services en Mètal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 - RUE DROUOT - 30

LOTERIA DE S. PAULO

EM 16 DE JANEIRO

100:000\$000

divididos em 5 premios de

20:000\$000

POR 3\$000

OS BILHETES ESTÃO A VENDA EM TODA A PARTE

João Dierberger

FLORICULTURA

S. PAULO

SEMENTES,
PLANTAS,
BOUQUET,
DECORAÇÕES

Caixa Postal, 458
TELEPHONES:
Chacara, cid. 1006
Loja, central, 511

Estabelecimento de primeira ordem

FILIAL:

Campinas
Guanabara

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A

CHACARA: Alam. Casa Branca
(Avenida Paulista)

:: Peça^m Catalogos ::

CASA DE SAUDE

Exclusivamente para doentes de
Molestias nervosas e mentaes

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor Dr. FRANCO DA ROCHA Director do Hospicio de Juquery
Med. interno - Dr. TH. DE ALVARENGA Medico do Hospicio de Juquery
Medico residente e Director Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro
ALTOS DAS PERDIZES em um parque de 22.000 metros quadrados, constan-
do de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isoados, com
separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece
aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração
de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo
Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem
de Mello, proximo á Casa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 S. PAULO Telephone, 560 :-:

JEANS **SELMINA**

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

DE
Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di-
luido, camphora
e gayacol
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAES

Fabrica de Tecidos PAULISTANA e LUSITANIA nesta Capital, e LUCINDA, na estação de S. Bernardo (S. Paulo Railway).

VENDEDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala, com machinas e AGENCIAS nas seguintes localidades todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pirajú Porto Feliz, Conehas, Campo Largo, Boituva, Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de Campos, Bella Vista de Tatuhy.

Grandes negociantes de ALGODÃO EM RAMA neste e nos demais Estados algodoeiros, com Representações e filiaes em AMAZONAS, PARA', PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, RIO GRANDE DO SUL

ESCRITORIO CENTRAL EM SÃO PAULO

Rua de São Bento N. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296 - central - Caixa Postal, 931

Proprietarios da conhecida "PLATINA",
Agua Mineral

Cognominada a VICHY BRASILEIRA — A melhor Agua de mesa — Ação Medicinal — A PLATINA cuja FONTE CHAPADÃO, está situada na estação da PRATA, é eserupulosamente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbonatada sodica como a VICHY e é como esta agua franceza.

VENDIDAS EM GARRAFAS ESCURAS

LACTIFERO

O ESPECIFICO IDEAL DAS MÃES

Preciosa descoberta da pharmaceutica JOANNA STAMATO BERGAMO



O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança. Qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes ás vezes fataes. Se a senhora NÃO TEM LEITE ou tem LEITE FRACO ou de MA' QUALIDADE, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das grandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surprehendente quer na saude das mães, quer na dos filhos. Poderoso fortificante, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.

A' venda em todas as pharcncias e drogarias e no deposito geral:
PHARMACIA BERGAMO, rua Conselheiro Furtado, 111
— S. Paulo — Telephone, Central, 1108

PEÇAM PROSPECTOS GRATUITOS

Depositarío no Rio de Janeiro:

RODOLPHO HESS — Rua 7 de Setembro n. 61

Importantes certificados que confirmam o grande valor do LACTIFERO:

Prezadissimos Srs. STAMATO e BERGAMO

Cidade — Rua Cons. Furtado n.º 111

Gratissimo fiquei pelos dois frascos de vosso optimo preparado "LACTIFERO", experlmentado com resultado surprehendente e felicissimo por minha senhora, a qual, para os ontros dois filhos teve que recorrer ao aleitamento mercenario e artificial, e agora pela primeira vez pôde ella mesma amamentar o seu terceiro filho.

Rogo-vos enviar-me mais dois frascos para a continuação da cura.

Creio cumprir um acto humanitario recommendando aos meus clijentes a vossa preciosa preparação e renovando os sentimentos de meu reconhecimento e com estima sou vosso devotissimo

Dr. FRANCISCO FINOCCHIARO.

S. Paulo, 4 de Agosto de 1918.

ALMEIDA SILVA & Cia.

Importadores de FERRAGENS, LOUÇAS, TINTAS e OLEOS

End.: Telegr. "AMSDIAS" - Codigo Ribeiro

Caixa Postal, 840 - Telephone N. 1002 Central

Rua General Carneiro, 13

SÃO PAULO

Obras de philosophia de Henrique Geenen

Compendio de Psychologia Experimental. 2. edição

Compendio de Logica. 5. edição

Obras elogiadas por Pedro Lessa, Franco da Rocha,
Osorio Duque Estrada, e outros homens de
responsabilidade.

Preço: 5\$000

A' venda em todas as Livrarias

CASA FREIRE - Louças, LIVROS, e
Objectos de arte

José da Cunha Freire

Rua de São Bento, 34-b

Caixa do Correio 235 · S. PAULO - Telephone N. 867

SAUDADE

Optimo livro didactico para creanças e gente grande,
pelo conhecido Prof. Thales C. Andrade — Preço, pelo
Correio, 3\$300 — Pedidos á REVISTA DO BRASIL —

Caixa 2-B — S. Paulo.

::

::

::

AGUA INGLEZA
TONICA
FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENÇAS

EXIJAM A NOSSA MARCA  **RECUSEM AS IMITAÇÕES**



QUINIM, CARNE,
LACTO PHOSPHATO DE CAL,
PEPSINA E GLYCERINA.

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




EXIJAM A NOSSA MARCA

URIDINA O MELHOR DISSOLVENTE do acido urico.
 O MAIS ACTIVO dos antisepticos das vias urinares.
 Cura RHEUMATISMO, ARTHRI-
 TISMO, GOTTA, AREIAS, CYSTI-
 TES, PYELITIS, OBESIDADE, etc.

Granulado effervescente de Urato-
 sium, Lyceol, Neo-Sidonol e Lithiaz.

GRANADO & C. — Rua 1.º de Março, 14, 16 e 18 — Rio de Janeiro

As machinas

Lidgerwood

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. :-:

São as mais recommendaveis para a
lavoura, segundo experiencias de ha
mais de 50 annos no Brasil. :-:

Grande stock de Caldeiras, Motores a
vapor, Rodas de agua, Turbinas e acces-
sorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco -
Ferro em barra - Canos de ferro gal-
vanisado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival pa-
ra conservação de correias.

Importação directa de quaesquer
machinas, canos de ferro batdo galvani-
sado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc. dirigir-se a
Rua São Bento, 29-c - 5. Paulo



